LENDAS DA INDIA

POR

GASPAR CORREA

PUBLICADAS

DE

ORDEM DA CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS E BELLAS LETTRAS

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

E SOB A DIRECÇÃO

DE

RODRIGO JOSÉ DE LIMA FELNER,

SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ACADEMIA.

OBRA SUBSIDIADA PELO GOVERNO DE PORTUGAL.

LIVRO SEGUNDO

EM QUE SE RECONTÃO OS FAMOSOS FEITOS D'AFONSO D'ALBOQUERQUE, LOPO SOARES, DIOGO LOPES DE SEQUEIRA, D. DUARTE DE MENEZES, D. VASCO DA GAMA VISOREY, D. ANRIQUE DE MENEZES.

LENDA DE 17 ANNOS ACABADOS NO ANNO DE 1526.

TOMO II.—PARTE II.

LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1861.

ARMADA

DE

JOÃO DA SILUEIRA,

QUE PARTIO DO REYNO O ANNO DE 1516.

CAPITULO VI.[1]

De todas estas nouas dos rumes ElRey per via de Veneza teue rebate, polo que ElRey, a grande pressa, mandou armar muyto bem o mais forte e melhor veleiro nauio que se achou, e com muyta artelharia, e vinte bombardeiros, e sessenta homens do mar, e n'elle por capitão hum Diogo d'Unhos, grande piloto e muyto experimentado; e * o * mandou partir em janeiro d'este anno de 516; e lhe deu regimento que andasse quanto pudesse, e chegasse á costa da India onde quer que tomasse e soubesse se os rumes erão passados á India, e se na India estiuessem se tornasse logo a Moçambique, dar recado ás naos que auião de hir que nom passassem de Moçambique, e trabalhasse por saber todas as nouas do que fosse feito, com que se tornasse a Portugal darlhe recado. E que se os rumes nom fossem passados á India então fosse onde estiuesse o Gouernador e lhe désse as cartas que leuaua, em que lhe ElRey mandaua que com todo poder, e mór armada que pudesse leuar, fosse ao es-

[1] Falta no original.

ao estreito com a mór armada e poder que pudesse ajuntar, e buscasse os rumes e os destroysse, e desfizesse a forteleza, se a tiuessem feita em Camarão; mas que se na terra estiuessem tão fortes que fosse perigo forçado, n'ysso fizesse o que milhor pudesse, nom auenturando o estado da India, que sobre todo guardasse.

CAPITULO VII.

COMO O GOUERNADOR PROUEO AS COUSAS DE COCHYM E DAS FORTELEZAS DA COSTA DA INDIA, E SE AJUNTOU EM GOA COM 'ARMADA COM QUE PARTIO PERA O ESTREITO, EM QUE LEUOU O EMBAIXADOR DO PRESTE JOÃO; E DO QUE PASSOU NA VIAGEM ATÉ CHEGAR Á CIDADE D'ADEM, E O QUE N'ELLA PASSOU.

O Gouernador, postoque em Cochym auia auondança de pimenta, quis mandar carregar huma nao a Coulão, por assentar a paz da guerra que durára este inuerno todo, por caso da forteleza que fazia Heytor Rodrigues, como já atrás fica contado; ao que o Gouernador mandára sua carta á Raynha, dizendo que elle tinha sabido que ella mandaua fazer guerra per suas gentes, e queria mandar derrubar a forteleza que estaua feita, que nom era nada pera o que elle hiria fazer per sua pessoa, que tudo faria em cinza, e na forteleza deixaria gente que lhe sempre fizesse a guerra, e assy perderia a terra, e o mar, que nunqua n'elle entraria cousa que nauegasse, nem em todos seus portos; e pois ella e seus regedores sabião que ysto assy sendo a grande perda que seu Reyno receberia, que tomasse bom conselho se queria esta guerra, ou boa paz, que tinha huma nao pera lá mandar carregar; que portanto ouvesse seu conselho e logo lhe mandasse reposta. A Raynha com os seus, auido seu acordo, logo sotilizarão trayção, dizendo que assentassem a paz, e que em quanto o feitor fosse a Cale Coulão carregar a nao tomarião o castello, em que se farião fortes que ninguem lho pudesse tomar, e que tornarião 'assentar a paz com todo o milhor partido e concerto que quigessem, e aleuantarião o preço da pimenta e mercadarias como quigessem; e com outras vaidades, que ordenarão, concederão nas pazes assy como o Gouernador quis. Ao que logo mandou carregar huma nao em que Pero Mascaranhas foy pera o Reyno, e escreueo a Heytor Rodrigues que

estiuesse na forteleza como estaua, e sempre muyto a recado, e que sómente fosse o escriuão da feitoria estar em Coulão á carga da nao. O que assy sendo feito, que os mouros virão que seus pensamentos ficarão em vão, então auendo a Raynha seu bom conselho assentou a paz em toda' verdade, fazendo quanto o Gouernador quis, porque seus portos tiuessem paz, por nom perder seu proueito.

Em quanto estas cousas se passauão o Gouernador daua pressa aos nauios d'armada, que como erão auiados os mandaua pera Goa, e deixando Cochym prouido do que compria se partio, e foy prouendo Calecut e Cananor, e se foy a Goa, onde achou menos Jeronymo de Sousa, homem fidalgo, capitão de huma carauella noua, que fizera em Cochym muyto forte, com muyta artelharia. O qual Jeronymo de Sousa, com outros seus parentes, e soldados, se aleuantarão e se forão andar ao salto na costa de Melinde, fazendo muytos roubos ondequer que podião, e lá andarão até o tempo que ao diante direy. O Gouernador o mandára buscar se soubera que caminho leuára, jurando que, se fosse achado, viuos dentro na carauella os mandaria queimar.

Chegado assy o Gouernador em Goa deu pressa a embarcar as cousas d'armada. Dom Goterre, capitão de Goa, desejando de lhe ficar muyta gente a pedio ao Gouernador, dizendo que tinha certa noua de guerra e quatro capitães que estauão prestes com gente, pera logo, tanto que se partisse, virem fazer guerra a Goa. O Gouernador lhe dixe que abastaua quatrocentos homens casados que lhe deixaua; que se viesse gente, que lhe entrassem os passos, que se recolhesse á cidade e a defendesse até que elle tornasse. O dom Goterre lhe disse: «Senhor, se tanta gente» «fôr, que me entrem os passos, tambem tomarão a cidade, porque eu» «primeyro hey de ser morto que me entrem os passos.» Mas todauia o Gouernador lhe nom quis dar mais gente, e postoque auia muytos pregões que a gente se embarcasse ninguem se queria embarquar. Ao que o Gouernador, hum domingo pola menhã, mandou que nom se abrissem as portas da cidade, e mandou o ouvidor, e juizes com meirinhos, fazer embarquar a gente: com que se os homens se ouverão por muy affrontados, porque nunqua tal virão fazer, e falauão e praguejauão, e de noite falauão males ao Gouernador, e andaua a gente aleuantada e amotinada, que se acharão por onde ninguem se embarcára.

Duarte Galuão com o embaixador Matheus do Preste, com seu pre-

sente, forão embarcados na nao do Gouernador; nao noua, que mandára começar em Cochym Afonso d'Alboquerque, de oitocentos tonés, que demandaua muyto menos agoa que de duzentos, chamada Santa Catharina de Monte Sinay [1], * em * que depois foy a ifante a Saboya. Dom Aleixo hia por capitão d'esta nao, com o Gouernador seu tio, e dom João da Silueira, e dom Aluaro da Silueira, dom Diogo da Silueira, dom Gracia Coutinho, Aluaro Barreto, Jorge Barreto, Antão Nogueira, Antonio Raposo, Ayres da Silua, que nom quis ficar na capitania de Cochym por querer hir n'este seruiço, e então o Gouernador fez capitão de Cochym Antonio Corrêa, filho d'Ayres Corrêa feitor que matarão em Calecut; e Francisco de Tauora, Gaspar da Silua, Duarte de Mello, estes treze capitães em naos grossas; e Pero Ferreira, Antonio Ferreira Fogaça, Tristão de Gá, Lopo de Villalobos, Pero Lopes de Sampayo, Francisco de Gá, Fernão de Resende, Pero de Meira, estes noue capitães em nauetas; e Fernão Gomes de Lemos, que viera do Xequesmael mal repostado, como já dixe, e veo após dom Aleixo d'Ormuz, elle, Fernão Gomes, Christouão de Souza, Lopo de Brito, Dinis Fernandes de Mello, dom Afonso de Meneses, Antonio de Miranda d'Azeuedo, estes seis capitães de galés; dom Aluaro de Crasto em hum bargantym como galeota, Diogo de Sá, moço da camara d'ElRey, em huma barcaça, Diogo Pereira, homem malauar, capitão de oitocentos homens malauares, em huma nao malauar aparelhada á portugueza, carregada de mantimentos de pescados seqos, azeites, manteigas, côcos, arroz; que por todos forão trinta e huma velas, com muytos mantimentos em toda' armada, e muytas monições, poluora, e muyta artelharia, e muy lustrosa gente de riqua armaria, que em toda' armada passauão de mil e oitocentos homens d'armas, e mais de dous mil escrauos, valentes homens, pera ajudar seus senhores na peleja, e passante de seiscentos homens do mar, e as galés esquipadas de escrauos d'ElRey e mil marinheiros canarís.

Estando a gente embarcada na armada na barra de Goa, Duarte Galuão, embaixador que hia pera o Preste, homem de grande conselho e muy loquente em seu falar, que muyto tinha entendido as cousas da India, e mórmente do desgosto que a gente da India tinhão de seruir com Lopo Soares, vendo que era imigo das cousas d'Afonso d'Alboquer-

[1] Veja-se *Garc. de Resende, Hida da Inf. D. Beatriz pera Saboya.*

que, que todos o amauão de bom coração, polo que muyto praguejauão de Lopo Soares, Duarte Galuão, estimando muyto o seruiço d'ElRey, que desejaua que os homens o fizessem com boa vontade, fez hum tratado que mandou a cada capitão, cousa muy sostancial, que trataua de grandes louvores e muytas honras aos conquistadores da India, atribuindo todolos louvores e honras aos caualleiros que melitauão com os conquistadores; e dos grandes merecimentos que por ysso tinhão ante Deos os que na guerra despedião as vidas, e os viuos a muyta obrigação em que lhe ElRey era: ao que allegaua e recontaua muytas guerras e grandes feitos que erão passados polas partes do mundo; approuando que nenhuma igualaua aos grandes feitos da India, affirmando que erão milagrosos, dados por Deos e nom por forças humanas, de tão * grande * preço, valor, merecimento d'honra, que nom auia outra mais alta no mundo; tudo muy allegado e apontado por muy sotil modo; de que os homens tomarão muyto contentamento de nouas vontades e animos pera milhor seruir, porque, sendo então as cousas todas da India memoras e modernas, a muytos tocauão aquelles grandes louvores. Polo que amoestaua que agora muyto mais compria outro mais alto louvor, em tantos e tão famosos feitos como atégora erão passados, acrecentando o enxalçamento de nossa santa fé com punição de seus infieis e acrecentamento de tantas almas ganhadas, reduzidas ao conhecimento da nossa saluação e verdadeiro Deos, como hoje em dia parece, e sempre será em mais crecimento, pola grande misericordia de Nosso Senhor.

E digo que com esta armada o Gouernador partio da barra de Goa e com bom tempo foy aportar na ilha de Çacotorá, onde fez agoada, e o Gouernador falou com os capitães o que auião de fazer: se no porto d'Adem achassem os rumes no mar, o modo como auião de pelejar, e se os nom achassem, o como auião de sorgir. Com que se partio correndo pola costa d'Arabia feliz, d'onde atrauessou pera Adem, sobre que forão amanhecer em treze de feuereiro. Os mouros, vendo tão grande armada, que vinha demandar o porto, ouverão muy grande medo, crendo que nom vinha senão pera tomar vingança do mal passado, e com este medo, e com o que tinhão dos rumes, o Rey com Mirocem, regedor da cidade, auido seu conselho, em 'armada sorgindo com muytas bandey-

[1] * medo, polo que logo * Autogr.

ras, fazendo grande salua que o Gouernador mandou que fizesse toda 'armada porque fizesse [1] * medo, logo * de terra mandarão hum barco com bandeyra branqa de paz, com tres mouros honrados, que forão á nao do Gouernador com recado d'ElRey, dizendo que lhe mandaua dizer que sua vinda fosse muyto boa, que elle estaua prestes pera lh'entregar a cidade; e fosse entrar n'ella, que antes queria seruir a ElRey de Portugal que aos rumes, que lhe vinhão fazer a guerra, e esperaua cada dia por elles.

O Gouernador, como hia ordenado a buscar os rumes, e postoque o recebessem na cidade e se lh'entregasse, elle nom se auia de deter, nem apartar de sy nenhuma armada, por esta causa, auido acordo com os fidalgos, respondeo ao recado com bons agardecimentos, dizendo que elle nom vinha buscar sua cidade pera lhe fazer mal, senão toda boa paz, dando obediencia a ElRey de Portugal, o que assentarião ambos quando tornasse, porque primeyro auia de destroir os rumes que vinha buscar. No acordo dos capitães ouve debate que pois a cidade se entregaua que deuia de tomar a posse d'ella, pois se entregaua, e d'ahy mandar espiar os rumes; e que estando em tal parte pera os hir buscar então hirião lá. O Gouernador lhe disse que per essa causa nom tomaria a cidade, porque ElRey o nom mandára que fizesse tão grande despeza senão por caso dos rumes; polo que outra cousa nom auia d'entender senão primeyro ensecar os rumes. Com a reposta do Gouernador o Rey e seus regedores ouverão muyto prazer, e ficarão muy descansados, pois sua cidade escapaua segura dos nossos; que depois com os rumes se liurarião com seu trabalho. E tornou a mandar ao Gouernador sua reposta, com refresco de carneiros, e mel, e manteiga, e cousas de verdura; a que o Gouernador mandou pedir pilotos, que o leuassem polo estreito aonde estiuessem os rumes, que lhe o Rey logo mandou muyto bons. Com que se partio pera o estreito, e na galeota de dom Aluaro mandou hum dos pilotos que fosse diante com a nao malauar, que fosse ella só á ilha do Rubos [2] a tomar piloto, e saber noua dos rumes.

[1] * medo, polo que logo * Autogr. [2] Deve ser a ilha a que D. João de Castro chama *ilheo dos Robeens*; « porque — diz elle — Roboão no Arabigo, quer dizer Pilloto, os quaes viuendo aqui, metião as naaos, que vinham de fora, de dentro do Porto, e dahi as encaminhauão pera os lugares, aos quaes de suas terras vinham enderençadas. » *D. João de Castro, Rot. de Goa atė Soez, pag.* 35.

O Rey de Misey, vassallo do Turquo, que manda e gouerna todolas terras e portos do estreito do Mar Roxo, auendo enformação, polos mercadores que hião da India, que se a cidade d'Adem fosse tomada que todo o estreito ficaua seguro, porque teria em Adem muyta gente e armada no mar, com que pelejaria e defenderia que nossas armadas nom entrassem o estreito, o que já fôra feito e Adem fôra tomada, o que foy * estoruado * por falta de nom ter gente, tendo já os muros derrubados, escreueo suas cartas ao [1] * Rey * Soleimão que se nom acupasse no fazer da forteleza de Camarão, onde, se a nossa armada os tomassem, serião de todo destroidos; polo que desfizesse o mais que pudesse a obra que tinha feita, e segurasse 'armada dentro em Judá, até lhe mandar outra mais com que fosse poderoso a tomar a cidade d'Adem, de que o faria Rey, e teria tanta armada e gente com que os nossos nom ousassem de hir ao estreito. O que Soleimão assy fez, que se recolheo á cidade de Judá, em que se fez forte, como adiante direy.

CAPITULO VIII.

COMO O GOUERNADOR PARTIO D'ADEM E ENTROU O ESTREITO E FOY AO PORTO DE JUDÁ, ONDE ESTAUÃO OS RUMES, E O QUE COM ELLES FEZ.

O Gouernador nauegou pera as portas do estreito, onde dom Aluaro de Crasto, que hia no bargantym, e a nao do malauar, que hião diante, nas portas tomarão huma nao de Cambaya, que hia pera dentro, que roubarão, e se carregarão quanto puderão, porque 'armada vinha já aparecendo, e nauios que hião diante chegarão ao roubo da nao, até que de todo foy vazia. E sendo já sol posto, tod'armada entrada, que a noite se çarrou, os pilotos quiserão sorgir, mas o Gouernador mandou que corressem com pouqua vela. O que assy fizerão; mas, sendo noite, se aleuantou tamanha tromenta, com o vento á popa e muyta escuridade, que toda 'armada foy em grande risco de se perder; 'o que os pilotos bradarão que sorgissem, mas nom auia fundo, e indaque o ouvera a tromenta nom era pera sorgir, e sem velas, sómente bolsos [2] * de velas, tanto corria que muytos * nauios se apartarão por nom darem huns por ou-

[1] Talvez * Roux * [2] * de velas com que corria com que muytos * Autogr.

tros. E n'esta noite se perdeo a galeota de dom Aluaro, que nunqua mais pareceo, com corenta homens, em que morreo Jorge Galuão, filho de Duarte Galuão, que por ysso adoeceo de nojo; e se perdeo n'esta noite hum junqo que ficára em Goa carregando de mantimentos, que o Gouernador mandou que se fosse ao estreito após elle, em que hião vinte homens portugueses pedreiros e caboqueiros, e trezentos canarís pedreiros e trabalhadores; do qual junqo era capitão hum Belchior Fernandes, mestre de pedreiros, que chegando á vista d'Adem vio que nossa armada hia pera o estreito, e seguio após ella, e entrou as portas; que tambem n'esta noite se perdeo d'armada, e correo ao som do mar sem saber por onde hião, e foy ter no porto de Maçuhá, onde estiuerão sempre no mar, nom se fiando da gente da terra, com que estiuerão em paz porque os da terra nom tinhão barquos com que os hir tomar, e lhe vendião cousas de comer, e no porto auia muyto pescado; onde estiuerão até que lhe derão os ponentes com que se tornarão pera' India, onde chegarão a Goa casy todos mortos, sem nunqua saberem cousa nenhuma de nossa armada.

O Gouernador correo com a tromenta assy com bolsos de vela, que foy cessando até amanhecer que os pilotos mandarão dar as velas, dizendolhe o Gouernador que o leuassem a Judá, e mandou hum piloto na carauella de Pero de Meira que fosse ao porto de Camarão a vêr o que lá estaua, e seguisse após elles pera Judá: em que o Gouernador caminhando, a nao de Antonio Raposo abrio tanta agoa que a nom puderão vencer á bomba, e a gente bradou aos outros nauios que lhe acodirão com os bateys, e toda a gente e [1] • algum fato se saluou. • O que sendo dito ao Gouernador que a nao ficaua sem gente, que deuia de a mandar abalroar com outra nao e saluar 'artelharia, mas elle nom quis, dizendo que á noite auia de sorgir, • e • então lhe tiraria artelharia; mas a nao nom agardou tanto e se foy ao fundo, que nada d'ella se saluou. O Gouernador, per mandado dos pilotos, sorgia á noite e andaua de dia, com que assy foy ter perto de Judá doze ou quinze legoas, onde, estando surto junto de huns baixos, veo ter com elle huma gelua, que são barqos pequenos de carga, que nauegão polo estreito de huma parte pera outra. Na qual gelua vinhão dezoito christãos catiuos que fogirão de Judá.

[1] Le-se no original: • algum to se saluou •

que erão carpinteiros e calafates que fogirão de Judá, d'onde auia dous dias que sayrão, e contarão ao Gouernador que Soleimão estaua embarcado em huma galeota pera hir a Suez, e d'ahy ao Turquo que o mandaua chamar; o qual se tornára a desembarquar, por lhe darem noua que em Adem estaua 'armada do Gouernador da India, com que na cidade ouvera grande medo, e fogia a gente pola terra dentro, a qual o Soleimão fizera tornar, e a tinha por força, e ouve alguns alarues a soldo, que teria com a sua gente até mil homens, que nom agardarião tanto que 'armada chegasse; e que tinha dezoito galés varadas, metidas polas ruas da cidade, e toda a milhor artelharia tinhaa soterrada, sómente tiros miudos que tinha assentados em tranqueiras que fazia pera sua defensão, mas que tudo era fraqua cousa pera tamanho poder como elle Gouernador leuaua.

Da qual noua, que logo se falou pola armada, todos ouverão muyto prazer, e o Gouernador mandou nauegar pera Judá, onde antes de chegar lhe deu contraste de ponentes muy fortes, que durou muytos dias, tantos que todos os pilotos dizião que já nom auia d'auer leuantes; com que 'armada esteue em grande trabalho, sómente do vento, que tromenta do mar nom auia, porque dentro no estreito, indaque aja tempestade de vento, nom faz mar grande. Mas toda a gente se muyto queixaua ao Gouernador porquē 'agoa faltaua, requerendo todos que arribassem a Camarão a tomar agoa, e que tornando outro vento tornarião a Judá; mas o Gouernador n'ysto se mostrou tão forte, nom querendo arribar, que ninguem ousaua de lho falar com as más repostas que daua. E começou a gente 'adoecer; com que n'armada toda a gente e capitães praguejauão do Gouernador, e o dizião a dom Aleixo, mas elle dizia que á vontade do Gouernador elle nom tinha nenhum poder, porque bem sabia que a gente morria e adoecia, mas elle nom daua por nada e sem duvida nom auia d'arribar. Duarte Galuão era o que tinha mais força com o Gouernador, e lhe dizia as cousas casy em modo d'amoestações, e que nom fosse causa da mortindade da gente, porque o hir a Judá era escusado, pois os rumes estauão em terra e o regimento lho defendia; mas o Gouernador dizia que ninguem aprofiasse, porque dentro no porto de Judá auia d'entrar e ver com seus olhos as galés como estauão, e que então faria o que visse que era mais seruiço d'ElRey, que assy lho dizia em seu regimento; que em tal disposição podia achar a terra que a destrois-

se, e queimasse as galés; e com ysto acalantaua todos como o tempo abrandou, e tornarão leuantes, com que chegou sobre o porto de Judá na entrada de março d'este anno de 1517, que he cento e oitenta legoas das portas, e d'ahy a Suez cento e sessenta.

O Gouernador mandou sorgir 'armada de fóra da barra huma legoa, ao longo de huns baixos de que se podia ver a cidade, d'onde logo os rumes começarão a tirar tiros com pilouros de ferro coado, que erão tão furiosos que passauão per cyma da baya e barra, e vinhão dar n'armada, que estaua da cidade casy tres legoas; de que foy tomado hum pilouro, que de huma chapeleta cayo dentro na nao de dom Aluaro da Silueira, que pesarão, e pesou setenta e seis arrates.

CAPITULO IX.

COMO O GOUERNADOR CHEGOU A JUDÁ E ENTROU NO PORTO COM TODA 'ARMADA, E O QUE FEZ ATÉ TORNAR PERA FÓRA.

SENDO assy surta toda a armada, parecia a cidade, que tinha a entrada da barra em voltas per antre penedos, mas 'agoa funda; a cidade de mil e quinhentos visinhos, casas de pedra terradas, que a maré lh'entra polas ruas, em que estauão varadas as galés com as popas na praya; a terra sequa, sem aruoredo e muyto falta d'agoa, porque choue n'ella pouqas vezes; auondada de muytos mantimentos que lhe vem de fóra e muytas mercadarias que passão pera o Cairo e Alexandria, porque d'esta cidade polo sertão dentro sete legoas está a casa de Meca, onde está o çancarrão de Mafamede, a que os mouros fazem suas romarias como os christãos a Jerusalem.

O Gouernador mandou Dinis Fernandes de Mello e dom Afonso de Meneses que fossem sondar os canaes da entrada, que erão dous; os quaes forão e virão que a entrada auia de ser em voltas, ficando sempre os nauios atrauessados aos tiros da terra, que lhe farião muyto mal. E o Gouernador nom deu por nada, determinado a entrar, e esteue tres dias agardando vento pera entrar á vela, que d'outra maneyra nom podia. Nos quaes dias sempre os capitães estauão na nao do Gouernador esperando que o Gouernador com elles ordenasse; o qual lhe fez hum largo arrezoamento, dizendo que muyto compria, pois ally erão chega-

Judá

Hum dos calafates fogidos disse ao Gouernador que se elle mandasse deitar fogo nas naos, a que acodiria a gente, que elle e hum matalote hirião a nado em terra, e hirião encrauar a artelharia dos rumes. O Gouernador nom entendeo n'ysso, porque entrado no porto ouve grande arrependimento, que cuidou que entrando de terra lhe viesse logo recado d'algum concerto, e fiqou agastado porque vio a cidade forte e cerquada em roda pola banda da terra, e nos cabos, que os muros vinhão ter na praya, dous cubellos com muyta artelharia, que defendião a praya.

Ao outro dia todos os capitães em seus bateys se forão ao Gouernador com sua gente, muy aluoroçados, cuidando que logo fossem a terra, e se assentarão na tolda com dom Aleixo; mas o Gouernador sayo muyto tarde, que cuidou que elles se enfadassem e se fossem. O Gouernador se assentou em huma cadeira, e trauou pratica com os capitães em outras cousas, sem falar nada no feito: o que ninguem ousou de lhe perguntar, porque todos lhe tinhão muyto acatamento, porque * com * nenhuma pessoa tinha modos de conuersação, e era muy isento, e tinha modos de se mostrar supito em paixão, porque com as luas era tocado da doença de gota coral. E sendo já tarde lhe falarão alguns dizendo que tomasse determinação no que auião de fazer, e nom agardassem que os pilouros lhe estiuessem desaparelhando os nauios e matando a gente. O Gouernador lhe respondeo: « Já ysso he medo. » Então muytos responderão: « O medo que temos he tal que, se vossa senhoria mandar, lo- » « go hiremos em terra a tomar a cidade, que se perde á mingoa de o nom » « hirmos fazer. » O Gouernador se aleuantou agastado, dizendo: « Ame- » « nhã veremos o que farês. » E se recolheo. Com que todos se forão contentes, cuidando que ao outro dia seria o feito, e todos concertarão suas armas e testamentos.

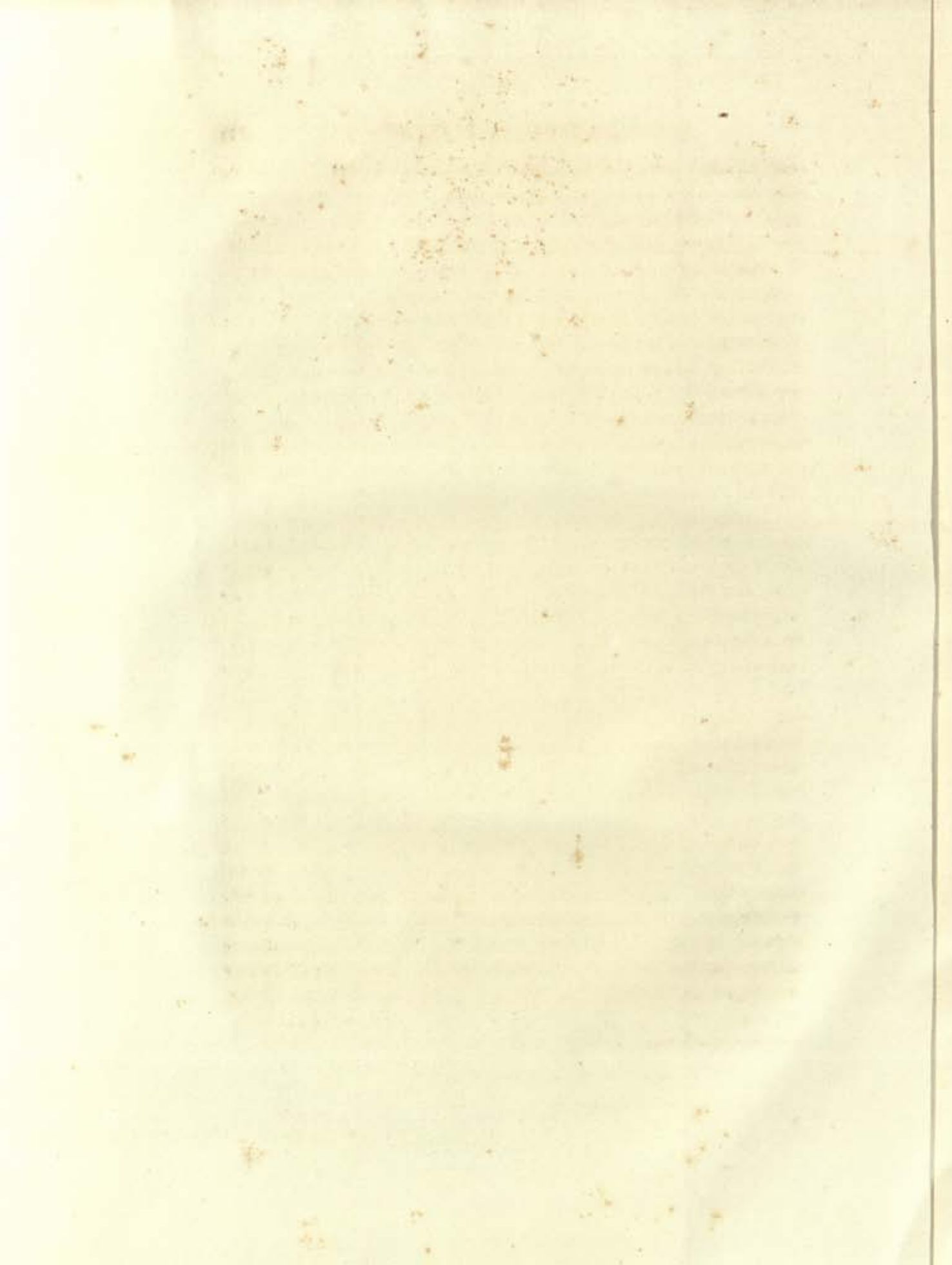
Ao outro dia o Gouernador mandou chamar os escriuães das naos [1] * de * toda armada, e os pilotos e mestres, que logo vierão, e com elles os capitães, com que o Gouernador praticou dos mantimentos que auia e dos tempos que auião d'estar dentro no estreito, e acharão que o tempo era muyto e os mantimentos muy pouqos; polo que mandou que tiuessem muyto recado nos mantimentos e como [2] * ouvesse * vento se tornassem a sayr d'onde estauão. Com que se recolheo á camara, por nom

[1] * e * Autogr. [2] * ouve * Id.

ouvir o que sabia que lhe auião de responder os capitães, que ficarão muy agastados falando palauras contra o Gouernador muy irosas, que elle na camara bem ouvio. E os capitães se tornarão, e todos, praguejando fortemente do Gouernador todo o pouo.

N'esta noite se veo hum christão da terra fogido a nado, que foy tomado na galé de Christouão de Sousa, que veo dizendo que era o que agardauão; que tanto que vissem desembarqar nom auia d'auer mais peleja que desparar artelharia e logo toda a gente fogir. Christouão de Sousa leuou este homem á capitaina, e entrando na tolda disse alto, que o ouvissem: « Dizey ao senhor Gouernador que aquy vem hum homem » « de terra, que he christão como nós, que vem a bradar porque nom » « saymos a tomar a cidade, que em nos vendo desembarcar toda a gen- » « te fogirá; e que nom tem poluora mais que os tiros carregados, pe- » « ra desparar e logo fogirem; que por tanto sua senhoria ordene, e lo- » « go vamos a terra. » O Gouernador, que todo ouvia na camara, nom sayo, e mandou dizer a Christouão de Sousa que se tornasse a dormir, que pola menhã falaria com o homem. Com que o Christouão de Sousa se tornou praguejando.

Ao outro dia amanheceo a galeota dos rumes perto das galés, e lhe começou a tirar com huma peça grossa á galé de Christouão de Sousa, e de Fernão Gomes de Lemos; polo que das galés lhe [1] « tirarão » com peças grossas, e Fernão Gomes se leuou, e foy remando pera chegar á galeota. Do que o Gouernador ouve muyta paixão, e lhe mandou tirar com hum falcão; com que Fernão Gomes sorgio. O que sendo visto pola armada muyto praguejauão do Gouernador, o qual mandou dom Aleixo no esquife dizer a Fernão Gomes que se fizesse outro tal desmando que o castigaria. Fernão Gomes lhe respondeo do bordo, porque dom Aleixo estaua no esquife: « Senhor dom Aleixo, dizey a vosso tio que o cas- » « tigo merece quem [2] « faz » judarias; que melhor seria mandar que » « vamos a terra, que estar, assy como estamos, mostrando tanta juda- » « ria. » O que ouvirão das outras galés, de que derão brados, e gritas e apupadas; com que dom Aleixo se tornou ao Gouernador, e se lhe deu a reposta ou não ninguem o soube. Mas na propia nao do Gouernador praguejauão muytos fidalgos que n'ella hião, dizendo que se nom says-

[1] « tiram » Autogr. [2] « fazer » Id.

dos, entrar o porto e mostrar aos mouros que os seus pilouros nom lhe fazião espanto nenhum pera deixar d'entrar, porque, se d'ally se tornassem, sem fazer nada, ficaria perdido o tamanho credito como os portuguesses tinhão ganhado na India; apontando muy nobres cousas, que os nossos tinhão feito do descobrimento da India atégora. O que ouvido dos capitães, e toda a gente, ouverão muy grande prazer; polo que ao outro dia, que fazia bom vento pera entrar, o Gouernador mandou diante as galés, e após ellas os nauios, e então as naos, e a capitaina por derradeyro: toda 'armada embandeyrada e com toldos e estendartes; cousa fremosa de vêr, porque entrauão em voltas que a entrada fazia, e entanto nom cessauão infinitos pelouros da terra, que era cousa milagrosa por onde passauão sem nada empecer. O Soleimão fiquou muy espantado, vendo entrar tão poderosa nao, como era a capitaina, sem toquar nem perigar; o que nom foy, porque os baixos que auia antre os penedos erão coroas d'area, tão alcantiladas que as naos passauão roçando os costados n'ellas sem encalhar. Dixe o Soleimão vendo entrada a capitaina. «Ó» «bella barcha, bem gouernada!» segundo ysto dixe hum catiuo que esta noite se deitou de terra, que se colheo á galé de Gaspar da Silua, que estaua mais perto de terra; o qual certifiqou ao Gouernador todo o que lhe tinhão dito os calafates, que auia tamanho medo na cidade que como vissem desembarquar todos fogirião. E entrando assy a armada, as galés estauão com as velas içadas nos palancos até a capitaina ser dentro, que todos sorgirão muy per ordem em fundo de doze braças; e seria d'ahy á cidade huma legoa e mea, que fazia grande baya d'alfaques d'aréa, que muyto esprayaua de baixa mar. Fernão Gomes de Lemos se deixou estar, e foy tomando a vela á gale deuagar, com que se passou além de todos mais pera' cidade; o que nom pôde soffrer Christouão de Sousa, que fiqou atrás, e tornouse a leuar, e a remo se foy deitar álem de Fernão Gomes; o que elle tomou em ponto d'honra, e se foy a remo, suspendendo a fateixa, pera se passar além de Christouão de Sousa. O que vendo o Gouernador, da sua nao mandou tirar com hum falcão com pilouro a Fernão Gomes, que o fez sorgir; mas de noite se alou a huma toa, com que amanheceo além de Christouão de Sousa, perto de huma galeota dos rumes, que estaua no mar, em que o Soleimão estaua pera se partir; e mais perto da cidade, casy pegadas com o muro, estauão duas naos grandes, que leuaua em sua companhia.

sem a terra, e se tornassem sem pelejar, que ElRey deuia de tomar grande conta ao Gouernador, porque, se nom auia de hir a terra, pera que entraua no porto pera ficarmos em tanta deshonra e abatimento do credito dos portugueses.

O que se affirmou que Duarte Galuão o dissera ao Gouernador dentro em sua camara, com grandes amoestações, apontandolhe muyto grandemente n'esta cousa; ao que o Gouernador nom teue reposta, senão que se fosse e o nom emportunasse; e se fez tomado da sua dôr, e se ençarrou na sua camara, que ninguem lhe falaua. E auendo seis dias que entrára no porto, fazendo bom vento pera sayr, mandou aos pilotos e mestre fazer a sua nao á vela pola barra fóra: o que assy fez toda' armada, que sayo após elle. Fernão Gomes, de muyto agastado, quis fazer sobrançaria ao Gouernador, e se deixou ficar derradeyro de todos, e se leuou, e foy a remo tirando á galeota. Do que a galeota ouve medo, e remando fogio pera terra; e da cidade sayo muyta gente á praya com bandeyras, fazendo corridas pola praya, tirando espingardaria, segundo parecia o fumo.

CAPITULO X.

COMO O GOUERNADOR PARTIO DE JUDÁ, E SE FOY Á ILHA DE CAMARÃO; E TODO O QUE PASSOU ATÉ SE PARTIR D'ADEM PERA ORMUZ, E OUTRAS COUSAS QUE SE PASSARÃO.

PARTIO 'armada caminho de Camarão em março, em que os leuantes erão mortos; em que acharão grandes calmarias do vento e grandes quenturas do sol, que ardião os corpos da gente, o que causaua grande seturas do sol, que ardião os corpos da gente, o que causaua grande sede, e 'armada hia falta d'agoa. Com que começou a crecer o mal da sede em tal maneyra que a gente começou de adoecer e morrer á sede; com que os homens de toda' armada, como desesperados, falauão grandes males do Gouernador, pedindo a Deos grandes justiças. O qual padecimento matou quatro centos homens antes de chegar a Camarão, onde chegados foy o mal mayor, porque achando muyto boa agoa se metião tanto n'ella que cayão, e jazião até morrer. Cessando o mal da sede entrou o mal da fome, que veo a tal, que huma só vez ao dia dauão

arroz cozido [1] * aos * homens; com que foy o remate de aquy morrerem mais de quinhentos portugueses, e os negros das galés, que casy nom fiqou quem as nauegasse. O Gouernador mandou hum bargantym á terra firme a buscar mantimentos, mas da terra os apedrejauão. Dizião que tornassem a Judá, que vinhão fogindo; polo mar nom auia cousa que nauegasse; erão os homens postos em toda' desesperação. Então o Gouernador mandou o carauellão a Dalaca, que era ilha pouoada, buscar mantimentos, e se os achasse se tornasse, e se os nom achasse fosse ao porto de Maçuhá, que era na terra do Preste João, que hum piloto mouro foy amostrar. Ao que então Duarte Galuão falou ao Gouernador, dizendo que a elle e a Matheus mandasse leuar a Maçuhá com seu presente pera o Preste. O que o Gouernador nom quis, dizendo que tornaria o carauellão com recado, e se achasse bom recado tornaria; então o mandaria. Duarte Galuão lhe pedio afincadamente que os mandasse no galeão, e que se nom achassem boa desembarcação se tornarião; o que o Gouernador nom quis, dizendo que elle da sua mão os auia d'entregar ao senhor da terra, que os auia de leuar ao Preste. Sobre o que muyto aprefiarão; o que nada quis o Gouernador: do que adoeceo Duarte Galuão, e de paixão morreo, e se diz que em segredo deixou escrito cousas a ElRey muy notaueis ácerca do grande mal que fizera á India em mandar a ella Lopo Soares, de que merecião grande castigo seus máos conselheiros.

Foy Duarte Galuão enterrado na ilha em hum certo lugar por seus filhos, e com hum creligo, chamado Francisco Aluares, que hia em sua companhia ao Preste, o qual creligo depois foy ao Preste, e tornou, e foy ter n'esta ilha de Camarão, que desenterrou sua ossada secretamente, e a meteo em huma arqua sem ninguem o saber, e a leuou á India, e foy leuada a Portugal, como adiante direy em seu lugar. O carauellão foy a Dalaca, onde em terra, por engano, os mouros matarão cinqo portugueses com o capitão; de que fiqou por capitão o piloto chamado Pero Vaz de Vera, que d'ahy foy a Maçuhá, onde nom ousarão de sayr a terra, e no mar estando, os da terra, escondido dos mouros, lhe vierão vender algumas cousas de comer, pouquo; com que se tornarão ao Gouernador, que andaua em trabalho de desfazer as paredes que os rumes tinhão fei-

[1] Acha-se aqui uma palavra emendada, que se póde lêr * cinco * ou * aos *. A primeira d'estas lições pareceu-nos absurda.

porto d'Adem muy poucos nauios. E já em Adem se sabia quanto o Gouernador fizera em Judá e o muyto escandolo de toda a gente, e vendo que já nom trazia ametade d'armada, o Rey estaua muy seguro do Gouernador lhe poder fazer dano, e o Gouernador assy o leuaua na vontade nom lhe falar em nada de contra sua vontade, por assy hir desbaratado, [1] * e * indaque o Rey se lhe offerecesse elle nom aceitar nada, com escusas como amigo; porque indaque o Rey com verdade lhe fizesse amizades nom auia de ser senão afim de lhe pedir armada e gente pera guarda da cidade, que lhe elle nom auia dar indaque a tiuesse, hindo tão desbaratado.

Chegando ao porto, mandou o esquife a terra com recado a ElRey, dizendo que fôra a Judá, e per achar 'armada dos rumes varada dentro na cidade a nom fôra queimar, por ElRey seu senhor lhe mandar que sómente no mar pelejasse com elles, porque nenhum lhe fogisse; e por ysso nom fôra em terra, indaque soube que já todos estauão pera fogir e a cidade despejada; o que lhe milhor contaria um criado de Soleimão, que ally trazia, que fogira pera 'armada. E que se viera a Camarão, onde lhe desfizera a sua forteleza; que com o trabalho e a má terra lhe adoecera e morrera muyta gente, polo que mandára pera' India a sua armada, que lhe nom ficára senão a que trazia ally, com que se tornaua pera' India; mas que sabendo que os rumes andauão no mar lhe mandasse recado, porque logo tornaria com muyta mór armada e com licença d'ElRey pera com elles pelejar na terra; o que tudo faria porque os rumes nom lhe viessem combater a cidade, e tudo faria como seu bom amigo; e que logo se queria partir.

Do qual recado o Rey fiqou muyto contente, e lhe respondeo com grandes comprimentos d'amizades, e lhe mandou refresco, e agoa, e leynha, com que o Gouernador se logo partio, porque a gente muyto morria. E por os tempos serem fraqos e fazer muyta detença a gente morreo muyta, andando em pairo; e dandolhe o tempo correo seu caminho, e foy ter a Calayate, d'onde despedio dom Aleixo na nao de Simão d'Andrade, que se fosse á India com seus poderes de Gouernador prouer o que comprisse, e secretamente escreueo cartas pera ElRey, dandolhe conta da sua viagem e seus feitos com as milhores desculpas que póde, e não da

[1] * que * Autogr.

grande perdição d'armada e gente, e deitando muyta culpa ao mal de sua doença, que dentro no estreito lhe fizera muyto mal. E encarregou esta cousa a hum Lopo Vaz de Villalobos, que era de sua criação, o qual mandou embarqar no carauellão do piloto Pero Vaz de Vera, que proueo do necessario pera' viagem, e de noite o mandou partir; mas comtudo leuou outras cartas, e mais o Pero Vaz, e a gente do carauellão, que no Reyno falarão verdade dos males do Gouernador, com que ElRey foy muy agastado, sabendo tanto mal e perda como fora feito n'armada e gente. Mas fez grande espanto no Reyno ver tão pequeno barqo hir da India; porque o carauellão era como huma barqua pescareza de Lisboa, sómente tinha cuberta em que guardaua os mantimentos, e foy tomar Çacotorá, e d'ahy correo ao longo da costa pera Moçambique, onde na costa tomou com Jeronymo de Sousa, que fogira na carauella, e andaua na costa cheo de muyta riqueza, que falou com o carauellão, e lhe contou o desbarato d'armada, e o Gouernador que era passado pera Ormuz. Com que o Jeronymo de Sousa deu boas peças e escrauos ao capitão, que se foy seu caminho, e o Jeronymo de Sousa, auendo conselho com seus parceiros se forão na volta de Goa, onde de fóra ouverão seguro real de dom Goterre, capitão, até vinda do Gouernador, que se pudessem tornar a pôr em sua liberdade, se o Gouernador os nom quigesse perdoar; porque erão pouqos os culpados, porque o aleuantamento nom foy sabido da gente, que vindo assy de Cochym pera Goa, como já disse, em Panane lhe deu hum terrenho forte de noite, que os deitou pera o mar, que sendo menhã nom vião a terra; e Jeronymo de Sousa, com seus parentes, que já pera ysso hião ordenados, nom vendo terra, Jeronymo de Sousa mandou ao piloto e mestre que nauegassem pera a costa de Melinde; o que elles nom querendo fazer, (o que se dixe que fazião fengidamente por se saluarem, mas que já o sabião), sobre o que se aleuantarão outros homens que tal nom querião consentir, e o mestre e piloto, fazendo grandes requirimentos e protestos; mas o capitão com os da sua valia puderão mais, que forçadamente os fizerão hir, onde na costa, achando boas prezas e boa repartição, todos forão amigos e contentes, que forão riqos, que assy chegando a Goa cada hum foy buscar sua vida, e o dom Goterre lhe deu assy o seguro por auer a seu poder a carauella, e 'artelharia que valia muyto; e depois o tempo melhorou, com que todos forão perdoados sem nenhum castigo, que foy causa d'outros muy-

tas pera forteleza; nó que trabalhauão os marinheiros e alguns canarís, que nom auia mais que deitar as pedras abaixo. Onde o Gouernador nom ousaua sayr em terra polos cramores da gente, e pragas que lhe pedião *e* casy que elle ouvia; e lhe punhão escritos nas paredes de grandes deshonras, e de noite a nado se hião por popa da nao e lhe falauão grandes deshonras, que sem duvida foy hum muy agoniado homem, que com paixão lhe vinha muytas vezes a sua dôr, que o punha na hora da morte.

Depois do Gouernador partido de Judá, fogirão muytos catiuos das galés dos rumes, que em barqos e geluas forão buscar nossa armada que nom acharão, e passarão á outra banda da terra do Preste, onde se forão pera elle, que lhes deu suas mantenças, e alguns vierão com dom Rodrigo, que lá foy por embaixador, como adiante direy.

O Gouernador esteue em Camarão com grande padecimento de fome, em que lhe morreo muyta gente, passando tres meses; e por estes grandes padecimentos, cramores e pragas da gente, o Gouernador se partio da ilha de Camarão em julho, que era inda muyto cedo; e partio determinado a hir dar em Barbora e Zeyla, onde achando a gente pacifica, d'ahy despachar o embaixador Matheus com as cartas sómente, em que daria desculpas ao Preste de nom hir ao porto de Maçuhá. E fez muyta detença até chegar a Zeyla com os ventos contrairos, e chegou o Gouernador com pouqos nauios, porque nom agardaua por ninguem.

Zeyla he lugar grande, de boas casas sobradadas terradas. Nom he cercada, e faz grande baya, e de longo tem hum grande muro como caez, em que bate o mar, pera desembarcadoiro. O Gouernador chegou huma tarde, que se logo sayra em terra se tomara bom despojo: nom consentio que ninguem fosse a terra. Os mouros n'esta noite despejarão a cidade das molheres e meninos, e o bom fato, e se concertarão pera pelejar; e pola menhã fizerão mostra de muyta gente armada, fazendo escaramuças. Ao que o Gouernador mandou os capitães, que logo forão a terra, cada hum com a milhor gente que tinha; com que o Gouernador sayo no esquife com sua bandeyra, e dom Aleixo com a gente no batel. Chegados a terra, tocando as trombetas, os capitães, sem agardar mais ordem, entrarão polas ruas ás lançadas com os mouros, com tanta força que os leuarão fóra das casas fogindo pera o sertão, todauia pelejando; mas os nossos a mór acupação que tomarão [1] *foy* entrar polas casas

[1] *a* Autogr.

a buscar agoa e que comer, que acharão muyto mantimento em que se acuparão. O Gouernador se pôs no caez e nom entrou no lugar, sabendo que os mouros erão fogidos. Acharãose muytas manteigas, mel, tamaras, milho, trigo, muytas cabras, que cada hum recolhia o que podia, e mórmente acarretar agoa; ao * que * trouxerão pipas nos bateys, que enchião com barris. O Gouernador se deixou estar até tarde, que mandou que todos se recolhessem, porque de noite ninguem auia de ficar na terra; mas a gente nom entendia senão em recolher agoa e comer, e os capitães andauão n'este trabalho. Os primeyros que derão nos mouros forão dom Gracia Coutinho, dom João da Silueira, que entrarão per huma rua principal da cidade pelejando com muytos mouros, e com elles outros capitães, e per outra rua Fernão Gomes, Ruy Galuão, Gaspar da Silua, Christouão de Sousa, e outros, que leuarão per outra rua. Quando forão da outra banda da cidade, Simão d'Andrade, que andaua agrauado do Gouernador, da prisão d'Ormuz que lhe fizera dom Aleixo, per afrontar o Gouernador, que estaua no caez, se veo a elle com prazer, dizendo: « Senhor Gouernador, seguro póde entrar a cidade, que já es- » « tá despejada ás lançadas dos fidalgos e bons caualleiros. » O Gouernador, que era muy auisado, o entendeo que lho nom dizia senão por desprezo, e lhe respondeo: « Esses que o fizerão merecem mercê, e vós o » « castigo da vossa doudice e desmandos de vossa lingoa. » E o mandou logo preso á nao de Francisco de Tauora, com menagem assinada que d'ella nom saysse sem seu mandado; e sendo lá passado com seu fato o tornou a mandar pera a galé de João de Mello, polo auexar, e sempre depois o trouxe mal tratado. O Gouernador, vendo a grande acupação da gente e capitães em acarretar fato, se recolheo tangendo huma trombeta a recolher, e mandou aos bombardeiros da sua nao dar fogo na cidade, o que elles fizerão, e outros muytos que ajudarão, com que o fogo se acendeo tão forte que indaque os mouros acudirão o nom puderão apagar, que ardeo dous dias e noites que o Gouernador se deixou estar deuagar: o que foy grande perda e muy escusado o dar do fogo, que o Gouernador fez sómente por vingança dos males que d'elle falaua a gente; com que então foy muyto pior.

O Gouernador se partio caminho d'Adem; mas os capitães, se fazendo á vela após elle, cada hum foy, por onde lhe bem veo, buscar remedio de comer e beber, de modo que com o Gouernador chegarão ao

tos que se depois aleuantarão, que fizerão grandes males, como adiante será contado em seus tempos.

Da partida do Gouernador de Zeyla pera Adem e d'Adem pera Ormuz os capitães, cada hum em seus nauios, nom seguirão o Gouernador, mas forãose buscar remedio d'agoa e mantimento; de que a gente mais d'ametade era morta, e como desesperados hião buscar a terra por auer remedio d'agoa, que era o mór mal; com que forão per muytas partes, e a Çacotorá, e pola costa de Melinde, e a Moçambique. Antre estes foy dom Aluaro da Silueira em sua nao, que de cento e trinta homens já nom tinha mais que corenta, e ametade doentes, e foy demandar a costa d'Arabia feliz buscando agoa, que nom achauão pola terra ser muyto sequa, e tomarão terra junto de huma pouoação, onde sayrão e acharão hum só poço com agoa, que tomarão sem trabalho porque a gente da terra fogio. E porque a gente assy era doente, o capitão dom Aluaro com os outros carretauão os barris ás costas, e os trazião ao batel que outros estauão guardando, e acabando de carregar os barris o capitão estaua metido no poço, que era baixo, e enchia os baldes e daua acyma, e enchia os barris; onde assy estando, que já todos estauão recolhidos ao batel, Jeronymo d'Oliueira, filho d'Antão d'Oliueira, guarda mor da Raynha dona Lianor, andaua enjuriado, que o capitão o enjuriaua de más palauras, e assy hum Mend'Afonso, homem honrado, que o capitão tinha espancado, e outros, porque era elle soberbo, e com fouteza de capitão e sobrinho do Gouernador tinha muytos homens maltratados e deshonrados. Este Jeronymo d'Oliueira, sentido de sua deshonra, que tinha ally dous parentes e outros amigos, com o Mend'Afonso, com que auido o seu acordo, o Jeronymo d'Oliueira com huma lança matou o capitão dentro no poço, que o nom virão senão os da consulta, que com suas lanças se forão embarqar, dizendo que o capitão mandaua que logo o batel tornasse por elle; polo que dous seus criados se forão pera elle ao poço. Polo que os outros fizerão hir o batel á nao onde se meterão, e os da consulta, que erão cinqo, se forão logo ao chapiteo de popa, de que se apossarão com suas armas. Os que ficarão na terra, achando o capitão assy alanceado dentro no poço, tornarão á borda da praya, gritando que fossem por elles, que o capitão estaua morto. Ao que foy o batel com quatro marinheiros, que enterrarão o capitão e recolherão os outros, e se tornarão á nao, em que ouve grande áluoroço por assy mata-

rem o capitão; mas como nom auia sangue a que doesse, tudo se amansou, dizendo os do chapiteo que os soberbos que enjuriauão e deshonrauão os homens honrados assy merecião que lhe fizessem. E estauão sempre com boa vigia de dia e de noite; mas nom auia quem a ysso acodisse, e do chapiteo decia hum a tomar a regra do arroz cosido pera todos; e assy nauegarão pera' India. Andaua na nao hum homem honrado e bom caualleiro, que se chamaua João Rodrigues, o Páo, a que a gente tinha acatamento, e alguns lhe falauão em tamanha offensa como aquelles homens do chapiteo fizerão a todos em lhe assy matarem seu capitão; o que o João Rodrigues mais que todos sentia, como mais honrado que era, e nom falaua nada, porque nom sabia as vontades alheas; mas falandolhe assy, em segredo, alguns homens, elle se convidou aos matar ou prender, se elles ajudassem: ao que se todos offerecerão. Polo que o João Rodrigues, o Páo, n'ysto determinado, concertado com os que o auião d'ajudar, andaua muy dessimulado, e passou muytos dias, e falaua e praticaua com os do chapiteo, e algumas vezes sobia acyma pola menhã a rezar por hum liuro que leuaua na mão, e se tornaua abaixo. Os do chapiteo seruião no nauegar da mezena, porque lá nom sobia ninguem, e decião a tomar a regra dous com suas espadas e punhaes, e se recolhião acyma sem lhe ninguem fazer mal. Elles recolhião acyma a escada, e tinhão sua vigia; onde de dia tinhão muy grande padecimento da quentura do sol, que era muy grande, com que o Mend'Afonso, que ajudára a matar o capitão, adoeceo que estaua pera morrer. Então o João Rodrigues, determinado no que auia de fazer, falou com os outros que prendessem os que viessem tomar a regra ou os matassem, se elles ferissem; e esto estando elle no chapiteo, onde sobio com seu liuro a rezar, leuando hum punhal escondido; e assy estando, no convés lançarão mão dos outros, e lhe tomarão as espadas, e os atarão, e lhe deitarão grossos ferros. Á reuolta de baixo acodio ao porpao o Jeronymo d'Oliueira, e o liou a braços, com que ambos vierão do chapiteo abaixo, e o prenderão em ferros. O doente logo ao outro dia morreo. O outro, que fiqou no chapiteo com lança e adarga se pôs em defensa; mas João Rodrigues lhe dixe que auia de ser preso como os outros; que se entregasse, se quigesse, ou se deitasse ao mar, porque comer nem beber lhe auião de dar, e ally seria morto á fome; polo que então se entregou, e foy preso como os outros, bem seguros, metidos debaixo de cuberta, on-

de nom entraua ninguem senão hum negro malauar que lhe leuaua o comer, que era tal, e com a grande quentura, que todos morrerão. O Jeronymo d'Olíueira foy metido na camara do capitão, e deitada huma corrente de ferro em que fiqou seguro, entregue a dous criados do capitão morto, que tiuerão boa vigia até chegarem á India, e em Cochym o entregarão no tronqo, onde o puserão a bom recado os parentes de dom Aluaro, onde depois morreo degollado, como adiante direy em seu tempo.

O Gouernador, como de Calayate despachou o carauellão pera o Reyno; se foy a Mascate com treze velas, que nom tinha mais, onde os deixou, e se foy a Ormuz com dom Gracia Coutinho e dom João da Silueira, que nom quis que fossem mais; mas d'estes que ficarão em Mascate, como se partio o Gouernador, se forão á costa de Dio fazer presas, e se forão pera a India cada hum como quis, que sómente ficarão quatro nauios, porque os capitães d'elles forão a Ormuz.

Onde o Gouernador chegado, Pero d'Alboquerque lhe fez seu honrado recibimento como Gouernador que era, que se aposentou na forteleza em huma casa de sobre a porta, onde foy visitado pelo gozil da parte d'ElRey, que o Gouernador ao outro dia foy ver com suas honras, pola sésta, onde se falarão e o Gouernador lhe perguntando se estaua bem ou se o capitão lhe tinha feitos alguns aggrauos, porque o Gouernador leuaua em vontade, se achasse por onde, tirar a capitania a Pero d'Alboquerque, por ser sobrinho d'Afonso d'Alboquerque; mas ElRey lhe respondeo que o capitão era como seu proprio pay, como fôra Afonso d'Alboquerque, de que começou a falar grandes bens; com que o Gouernador se despedio d'elle com ElRey lhe dar riqo traçado, e adaga, e cinta d'ouro e pedraria, e peças de brocadilhos e cetym da Persia pera os capitães e fidalgos. O Gouernador entendeo nas cousas de Ormuz, e todas bolio, que humas acrecentou e outras deminuio, sómente por desfazer do que fizera Afonso d'Alboquerque, ao que nada Pero d'Alboquerque lhe hia á mão, nem falaua nada senão o que lhe elle perguntaua, porque sabia já a vontade que tinha ás cousas de seu tio Afonso d'Alboquerque.

Estaua no meo da parede da torre da menagem hum corpo de hum anjo de pedra que tinha hum escudo, e n'elle duas letras que dizião A°, o qual o Gouernador mandou d'ally tirar, porque nom estiuesse ally aquella memoria; o que Pero d'Alboquerque muyto sentio, e como em

zombaria disse ao Gouernador que quando ally seu tio fizera aquella forteleza elle nom mandára pôr ally aquella pedra, e se queixára com o mestre da obra, dizendo que a tirasse, porque a forteleza era d'ElRey, e nom auia de ter outra memoria senão a sua; o mestre lhe dixe que aquella pedra nom era pera mais que memoria do mestre que a mandára fazer, e a nom quis tirar, dizendo que algum enuejoso a mandaria tirar. O Gouernador se agastou, dizendo que á sua custa ally mandasse logo fazer de boa pedra o escudo das armas d'ElRey nosso senhor, douradas, que era mais rezão que ally estiuessem que o que fazião pedreiros bebados. Ao que Pero d'Alboquerque rio em som d'escarneo, dizendo: « Se- » « nhor, assy he. »

Em Ormuz gastou o Gouernador todo o agosto, e na fim d'elle se foy pera' India; o que ora deixo estar, e contarey do que se passou na India, e por outras partes, depois que o Gouernador d'ella partio pera o estreito.

CAPITULO XI.

QUE CONTA TODOLAS COUSAS QUE SE PASSARÃO NA INDIA, E POR OUTRAS PARTES, DEPOIS DA PARTIDA DO GOUERNADOR PERA O ESTREITO DE MECA.

Os mouros, que por todas partes são nossos imigos, os de Coulão, que muyto desejauão que ouvesse rompimento de guerra, porque nom ouvessemos o proueito da pimenta, pois elles já a nom podião tratar, nem drogas, como entrou o inuerno lançarão fama de noua certa que no Gouernador dera tormenta, com que perdera ametade da armada, e que com medo de lhe fiquar pouqa armada só fôra a Adem pedir ajuda a ElRey d'Adem pera hir pelejar com os rumes, e lha nom quisera dar, e se tornára e fôra enuernar a Ormuz; e falando outras mentiras andauão muy soberbos, e se mostrauão valentes passando per junto dos portugueses, batendo as adargas e esguirmindo as espadas: ao que os nossos nom tinhão paciencia e se queixauão ao capitão, que como bom caualleiro, e muyto sesudo, lhes dizia que rissem e zombassem, e dessimulassem com os mouros, que tudo seria acabado como viesse o verão. E tanto os mouros se auantejarão que o capitão mandou aos portugueses que nom andassem per fóra, e estauão sempre no terreiro da forteleza. E assy pai-

rou a vontade dos mouros, que como veo o verão tudo se amansou, e nom ouve nenhuma briga, como os mouros quiserão.

Com Lopo Soares veo do Reyno João Machado, que primeyro andára no Balagate com o Idalcão, como já atrás fica escrito na lenda d'Afonso d'Alboquerque, que fôra a Portugal, a que ElRey fez mercê e lhe deu tanadar mór com toda' jurdição sobre os gentios da terra, que os julgasse e lhe fizesse suas demandas segundo o costume dos gentios; e lhe deu alcaide mór de Goa com grandes ordenados em sua vida; o qual trouxe huma prouisão d'ElRey que cada vez que pedisse ao capitão de Goa a gente de pé e de cauallo que lhe comprisse, pera hir á terra firme fazer um salto, lhe dessem todo o que pedisse, e ao Gouernador espressamente que todo lhe désse; a qual prouisão lhe o Gouernador confirmou quando se partio pera o estreito. Do que o dom Goterre, capitão de Goa, estaua muy cobiçoso, de que esperaua que aueria proueito, e tambem por se vingar do Ancoscão, porque falára más palauras contra elle quando matarão Fernão Caldeira: polo que logo João Machado passára á terra firme; mas foy assentado que ficasse pera no tempo de inuerno, que era muyto milhor. Polo que assy fiqou, e se fez como adiante direy.

Dom Goterre, capitão de Goa, fez entender ao Gouernador que Jeronymo de Sousa andaua ao salto antre as ilhas de Maldiua, com que tirou prouisão do Gouernador que armasse sobre elle e o mandasse buscar; e mandou que sendo achado, se nom se entregasse, que o metessem no fundo. Ao que dom Goterre proueo, que tanto que se o Gouernador partio armou seu irmão dom Fernando de Monroyo em huma carauella muy armada, com corenta homens, por Capitão mór, e em outra carauella assy armada João Gonçalues de Castello Branco, capitão do Passo seco, em que pôs um olheiro até tornar, porque João Gonçalues era homem da India, e dizia que sabia a nauegação das ilhas. Os quaes lá forão e andarão per antre as ilhas em busca do aleuantado, e elles forão os propios aleuantados, fazendo muytos roubos no mar e na terra, onde tomarão duas naos de Cambaya com cartazes, que vinhão carregadas de muyta riqueza, que auia annos que andauão tratando nas partes de Tanaçarim e Bengala. O capitão das naos lhes disse: «Que, vós outros» «tomaes estas naos, que são de Cambaya, que tem paz com vós outros,» «e nom gardaes o cartaz! Já deue de ser morto o Gouernador que deu» «os cartazes.» Leuarão as naos a Goa, em que se fez grande roubo.

Tambem dom Goterre armou dom João de Monroyo, seu sobrinho, por Capitão mór de sete fustas, pera hir d'armada pera a costa de Cambaya; de que forão capitães Anrique do Touro, e João Leitão, e o Pero Jorge seu irmão, e Domingos Pousado, e Palos Cerueira, bem artilhados e com bons homens espingardeiros, que correndo a costa tomarão huma nao que foy varar em terra, que vinha do estreito; de que a gente se saluou na terra: e roubarão da nao riqas mercadarias, que recolherão em suas fustas, com que forão ter em Baçaim, onde estando, veo com seguro falar a dom João hum Aluaro Madureira, que se aleuantára e andaua antre os mouros, dizendo que lhe désse seguro até auer perdão do Gouernador, e se hiria com elle, e lhe désse algum dinheiro com que se vestisse em vestidos portugueses. O que todo lhe fez dom João. O qual, tomado o dinheiro, disse que se hia a Chaul, e ahy recolheria seus escrauos e se embarcaria; o que assy pareceo bem a dom João, e disse que fosse; o que elle assy nom fez, mas foyse a Dabul falar com o capitão, e dizer que lhe désse su' armada, com que sayria ao mar tomar a nossa armada, porque hião as fustas carregadas do roubo da nao e nom poderião pelejar. Do que o capitão foy contente, porque confiou que era mouro, e lhe deu 'armada, com que sayo ao mar 'agardar dom João, que sayndo de Baçaim topou com oito fustas armadas de Meliquiaz, com que pelejarão ás bombardadas; com que lhe fogirão pera o mar, e todauia foy huma alcançada e tomada, de que a gente se deitou a nado, mas todos forão mortos n'agoa.

D'ahy forão seu caminho pera Goa, onde chegando ao rio de Dabul acharão Aluaro de Madureira com su' armada, com que se meterão ás bombardadas tão fortemente que se puserão em fogida a remo pera o mar, com que escaparão, porque as fustas dos nossos nom podião tanto remar, que hião carregadas; sómente huma que fogio pera terra, que varou, e a gente fogio, mas a fusta foy tomada, com boa artelharia. Com que dom João com sua armada se recolheo pera Goa com as duas fustas que tomára, e com muy riquas mercadarias, que todos tomarão da nao do estreito, de que o capitão de Goa ouve bom quinhão.

Recolhidas a Goa estas armadas, e sendo começo d'inuerno, o capitão teue cuidado que João Machado fosse á terra firme fazer o salto, que auia de ser em Pondá, em hum tisouro que tinha o Ancoscão. Ordenou com João Machado a hida que auia de fazer, pera o que se orde-

nou que fosse em dia do Penticoste, em que ordenou festa d'emperador, e escolheo homens valentes e mancebos, e mandou tomar cauallos, os milhores que achou polas estrebarias dos mouros, pera leuarem, porque os cauallos que ElRey tinha, que erão quatrocentos, como já disse na lenda atrás d'Afonso d'Alboquerque, o Gouernador Lopo Soares, por desfazer as cousas boas que Afonso d'Alboquerque tinha feitas em Goa, mandou Christouão de Figueiredo a Bisnegá por feitor com todolos cauallos d'ElRey que estauão nas estrebarias, e vinte alifantes, que sómente deixou tres pera o trabalho da ribeira, dizendo que erão escusados gastos d'estados que Afonso d'Alboquerque tinha por vaidade; e desfez os estribeiros, e deu as estrebarias de mercê, que erão de longo da rua junto do palmar, que elle mandára fazer e prantar de nouo junto da ygreija pera adro. E porque os homens lhe dizião que era impossiuel ally nacer palmar, disse Afonso d'Alboquerque: «Elle será palmar grande, de» «grandes palmeiras.» E lhe chamárão impossiuel assy, e assy lhe fiqou o nome.

E porque ElRey nom tinha cauallos o capitão tomou das estrebarias dos mouros os milhores que cada homem escolheo pera hir, e ordenou que seu irmão dom Fernando de Monroyo fosse por capitão, por segurar mais seu proueito. Do que João Machado se muyto escandalizou, dizendo ao capitão que elle se obrigára a ElRey a lhe hir fazer este seruiço, «e ElRey foy contente que eu fosse ao fazer sem leuar capitão,» «e vós, senhor, quereys que vosso irmão vá por capitão. Ysto nom ha» «de ser feito de lançadas nem batalha, sómente ardil que eu sey, que» «o hey de fazer com a gente que leuar, que me obedecerá, o que nom» «fará se fôr outro capitão. E por tanto, senhor, se vosso irmão vai por» «capitão vá muyto embora, que eu hirey com elle, e farey o que me» «elle mandar, e do que fizer seja sua a honra e o proueito, que eu» «nom quero nada.» O capitão dessimulou com a reposta, e disse a João Machado que nom seria senão o que fosse muyto seu prazer; que se fizesse prestes, porque com a festa do Santisprito com mais dessimulação se faria o ajuntamento da gente. O João Machado lhe dixe que elle nom queria mais que vinte de cauallo e seis centos piães da terra, que abastauão pera o que tinha ordenado fazer; mas o capitão ajuntou os que quis, e caualgou, e foy folgar ao campo dia de Penticoste, e quando se tornou á cidade despedio os homens, que se fossem cear e repousar, e

tiuessem os cauallos bem concertados, pera virem quando os chamassem, porque de noite auia de sayr ao campo, e acodissem todos á porta da cidade quando o sino da forteleza picasse. O que todos assy fizerão, que ninguem nom sabia que auião de passar á terra firme, onde em Banestarim estauão jangadas prestes pera a passagem dos cauallos, que já o João Machado estaua concertado que n'esta noite auia de passar, pera o que elle tinha prestes homens seus conhecidos, de pé e de cauallo, e apartados os piães da terra com seus naiques, que são seus capitães, todos d'espadas, adargas, e arqos e frechas; homens que elle conhecia.

E sendo n'este dia noue horas da noite, o capitão mandou dizer polas ruas que toda a gente que auia de sayr ao campo auião de hir armados; com que, picando o sino da [1] « forteleza, toda » a gente acodio armados á porta da cidade, onde o capitão lhes disse que tinha rebate que gente da terra firme vinha entrar na ilha; que por tanto fossem prestes; e mandou ao vigairo que lhes fizesse a confissão geral, que fez a todos. E se abrio a porta, em que o capitão per a sua mão contou os que quis, e os outros ficarão dentro, e a porta fechada; e o capitão com a gente se foy ás duas aruores, onde já estaua João Machado com a gente da terra, onde o capitão se apartou com João Machado e com Ruy da Costa, feitor, e com o vigairo, e com dom Fernando, e Jeronymo de Sousa, e outro, que auião d'ajudar; onde o capitão muyto rogou a João Machado que folgasse que seu irmão fosse em sua companhia debaixo de seu mando. João Machado lhe respondeo muyto agastado: « Senhor, » « mandai o que quiserdes, que eu vos obedeço como capitão que sois; » « que vosso irmão nom vai ganhar honra debaixo de meu mando. D'es- » « ta viagem eu auerey o pago do mal que pera mym busquey, pois o » « nom hey de fazer como eu cuidaua. E pois assy he, eu aquy estou » « pera fazer todo que me vosso irmão mandar, que será capitão, e eu » « não. » O dom Goterre, menencorio e atiçado d'outros, disse a João Machado que fosse, e obedecesse seu mandado, porque se lhe nom obedecesse o castigaria. João Machado lhe disse: « Senhor, eu farey tanto o » « que deuo que vós me nom castigarès. » E se forão ao passo, e passou a gente, que forão cincoenta e oito de cauallo e setenta portugueses de pé, de lanças e adargas. João Machado foy diante com a pionagem, que

[1] « forteleza a que toda » Autogr.

sabia bem a terra, e passou humas varzeas d'arroz e sobirão huma grande ladeira, onde em cyma o caminho era estreito, e de huma banda e outra a terra ficaua alta sobre o caminho, e por este caminho nom cabião mais que hum homem ante outro; e sendo toda a gente passada d'este passo, disse João Machado a dom Fernando que mandasse fiqar n'este passo vinte portugueses de pé e dez de cauallo, porque se algum desastre lhe aquecesse lhe nom tomassem este passo, que os matarião todos; e elle deixaria com elles cem piães: o que dom Fernando ordenou, e ouve deferenças com homens que nom querião ficar, e forçadamente deixou seis de cauallo e doze de pé, com os piães; mas ficando por força, como os outros forão seu caminho elles se forão após elles, e assy o fizerão os piães, e fiqou o passo sem guarda.

João Machado, sendo perto do lugar, disse a dom Fernando que ally ficasse com a gente calada, que elle com os piães [1] * hirião * polo mato tomar as costas do lugar, porque tomassem o Ancoscão e a sua familia, que pera lá auia de fogir; e que ouvindo aluoroço e grita acodisse. O que assy concertado, João Machado foy tomar o mato, mas dom Fernando e os que com elle ficauão lhe disserão que João Machado, chegando primeyro ás casas do Ancoscão, [2] * ganharia * a honra e ganharia o roubo de dinheiro que carregarião os seus piães, que esconderia, porque sabia bem a terra; que por tanto nom deuia d'agardar que João Machado ganhasse tanto. Dom Fernando, como era homem mancebo, e com o regimento que leuaua do capitão no arrecadar do roubo, pareceolhe bem o que lhe dizião, e mandou andar até chegar á vista do lugar, que já amanhecia. Estauão humas casas grandes, com grandes alpenderes em que estauão cauallos. Per diante do lugar corria hum regato d'agoa, pequeno, que tinha huma ponte de páos per que os cauallos nom podião passar. Chegando os nossos, que forão vistos de gente que estaua no alpendre, ouve grande aluoroço, tirando com frechas: ao que entrarão os nossos de pé ás lançadas.

João Machado, que hia tomando o mato, ouvido a grita, deixou quatro homens com os piães e tornou pera onde estaua dom Fernando. Os piães, vendo assy tornar João Machado, cuidarão que fogião, e tambem voltarão, que vinhão fazendo grandes gritas, que he seu costume.

[1] * hiram * Autogr. [2] * ganha * Id.

O que ouvido dos nossos, cuidarão que era gente da terra que lhe vinha dar nas costas, e começarão a fogir: ao que nom pôde valer João Machado, que daua grandes brados que nom fogissem; o que nom agardou dom Fernando, e dom João seu primo, nem Jeronymo de Sousa, e Ayres Dias, Jorge de Magalhães, escriuães da feitoria, e todos os de cauallo, que se puserão na dianteira. Os mouros, vendo assy fogir os nossos, derão grandes gritas, porque já acodião muytos mouros. Os nossos piães, quando chegarão, que assy virão fogir os nossos, correrão a se pôr na dianteira per sua saluação. O Ancoscão, nom sabendo o que era, se pôs a cauallo com alguns mouros, fogindo pera o mato, mas sendolhe dito * o * que os nossos fazião, tornou; que já após os nossos hião duzentos mouros frecheiros d'arquos troquisquos, e alguns de cauallo, e acodia per fóra pionagem da terra com suas gritas; com * que * auia grande aluoroço e gritas, com muytos atabaquinhos, e suas trombetas.

Sayrão das casas corenta mouros de cauallo, que hião pelejando com os nossos. João Machado trabalhou, com que alcançou dom Fernando e dom João, e lhe bradou dizendo: « Homens mancebos, porque fogis? » « Auey vergonha de quem vos qua mandou! » Respondeo dom Fernando que hia tomar o passo pera ahy reter a gente. João Machado lhe dixe: « Dom Fernando, voltai, e pelejai, e assy o fará a gente, e senão ne- » « nhum de vós hoje se saluará, e eu serey o primeyro, que torno a mor- » « rer. » Ao que fez volta: ao que dom Fernando se sosteue, e agardou pelejando, e com elle Jeronymo de Sousa, Jorge de Magalhães, Ayres Dias, Heytor Borralho, adail, João Cabeceiras, homem cafre bom caualleiro, Diogo d'Andrade, Jorge de Magalhães, Fernão de Brito, que todos se puserão em peleja, que ficarão na trazeira pelejando e andando, e quando achauão lugar pera ysso voltauão e matauão muytos mouros. O [1] * Acedecão * vinha atrás sem querer chegar, sómente hum capitão [2] * seu seguia * os nossos, bradando aos seus piães que decepassem os cauallos. Polo mato, de huma banda e outra, tudo era cheo de piães, que muyto encrauauão os nossos com frechas. O Ancoscão mandou aos seus que nom matassem os que pudessem tomar catiuos; com que, como hum cauallo caya decepado, logo acodião e tomauão o homem, e o atauão os piães, e tornauão ao Ancoscão, que os mandaua leuar ao lugar, e man-

[1] Parece ser erro, e dever ler-se * Ancoscão * [2] * seu que seguia * Autogr.

daua que o curassem, se hia ferido. O capitão do Ancoscão bradaua aos nossos que nom pelejassem e nom os matarião; polo que muytos, por segurar as vidas, se rendião, que logo os atauão e leuauão ao Ancoscão. E vindo assy n'este trabalho, chegarão ao passo, sobre que auia muytos mouros e frecheiros, onde os nossos piães, que hião diante fogindo, por se saluarem largauão as adargas, e arqos, e espadas, com que o caminho era acupado, que ninguem podia passar. Polo que, forçadamente os nossos se detiuerão e fizerão rostro aos mouros; com que assy represada toda a gente [1] * pelejauão * fortemente por saluar as vidas, mas os frecheiros d'ambas as bandas fazião muyto mal, e como algum caya era tomado per muytos piães, e atado e leuado; o que vendo alguns nom quiserão arriscar a vida pelejando, e se entregauão. Aquy forão mortos n'este passo onze de cauallo e passante de vinte de pé, e casy todos de frechadas. Aquy foy morto o cauallo a João Machado, e ficando a pé, rodeado de muytos mouros que lhe bradauão que se désse, mas elle pelejou até morrer, matando primeyro muytos mouros; e junto com elle João Cabeceiras, homem cafre, que tambem fez façanhas sem se querer dar; e foy morto João Rodrigues Pessoa, homem fidalgo, que leuaua ricas armas, que os mouros cuidarão que era o dom Fernando, que aquy foy ferido, e o primo dom João. Os mouros apertarão tanto aos nossos, que pelejauão sem coração, que ouve alguns que se deitauão dos cauallos e se metião fogindo polos matos, e outros com os cauallos se lançauão por cyma das adargas, em que cayão os cauallos, e elles hião fogindo a pé. O Ancoscão nom deceo d'este passo, nem a sua gente de cauallo, sómente os piães, que correrão até humas varzeas d'arroz, que era já perto do rio de Banestarim, e se tornauão, e entrauão buscando os matos, em que achando os nossos os matauão e catiuauão.

Custou o feito dezoito de cauallo mortos, e catiuos vinte e seis, e de pé mortos trinta, e catiuos doze, e dos piães mortos mais de cento; e dos feridos inda na cidade morrerão alguns, e logo se aleuantarão todolas terras de Goa.

O Ancoscão fez saber o feito a seu senhor o Idalcão, que por ysso lhe mandou riqua cabaya, e Çufolarim seu capitão, a que deu a renda das terras de Goa pera seu gasto, que guerreasse Goa, que trouxe dous

[1] * pelejam * Autogr.

mil de cauallo e vinte mil de pé, com outra muyta gente que com elle se ajuntou. O Ancoscão nom se meteo n'este trabalho, que sempre esteue em Pondá, tendo os catiuos a bom recado e muyto bem tratados.

O Çufolarim estendeo sua gente pola borda do rio, assentando seus arrayaes e estancias pera nos rios fazer jangadas pera passar a gente á ilha de Goa; o que sabido todo do capitão dom Goterre, mandou dom Fernando, seu irmão, em huma fusta grande que tiraua hum camello, e doze fustas outras com bons capitães, a saber, Anrique do Touro, Anrique do Soyro, Martim de Freitas, Payo Correa, João Soeiro, Palos Cerueira, Domingos de Seixas, Pero Jorge, Pero Gomes, e outros, e n'estas fustas até cem homens, e em outras quatro fustas dom João de Monroyo, que foy gardar o rio d'Agacim; e dom Fernando corria todos os rios, tirando muyta artelharia aos mouros que parecião.

O capitão, por ter os homens desacupados, mandou recolher pera' cidade todo o pouo da ilha, molheres e familia, e mandou que cada vez que entrassem trouxessem huma pedra de mão, que deitauão de dentro da porta, e acupou os ouriuez e bramenes da terra, que nom erão gente de peleja, que *as* leuassem; e puserão toda a pedra ao longo do muro pera o que comprisse; e mandou fazer muytas goritas de vigia per todo o muro em roda, em que vigiauão os ouriuez e bramenes, e por sobre rolda hum tanadar mór que fez dom Goterre, chamado Crisna, homem de muyta confiança. E nas torres e cubellos do muro, e sobre as portas da cidade, em cada hum fez capitão com doze, e quinze, e vinte homens portugueses, em que estauão aposentados com suas armas, e ally lhe dauão mesa muy auondadamente de todo o necessario; onde estauão de dia e de noite. A gente de familia que se recolheo de dentro dos muros erão mais de vinte mil almas, que se agasalharão nas casas que auia pera ysso, que lhe os portugueses alugarão, e choupanas que fizerão de longo das ruas, que ficauão tão estreitas que nom podião andar por ellas senão hum ante outro, e todos muy apertados huns sobre outros. O capitão *estaua* recolhido na forteleza com cem homens, onde de noite ficaua João Viegas, alcaide mór, com vinte homens; e o capitão com a outra gente sempre de noite andaua no campo a cauallo, correndo os passos da ilha. A gente das fustas de noite estauão nas embarcações, e de dia estauão folgando em terra; e porém sempre cada dia correndo todos os rios, e com almadias de vigia a ver os esteiros se auia jangadas.

O mouro, vendo que nom poderia entrar na ilha per nenhum modo, por mostrar valentia, de noite mandaua trabalhar muyta gente, e fez hum muro de pedra sequa muy larga, em que fez bombardeiras, e assentou artelharia defronte da torre de Banestarim, em que estaua por capitão dom Sancho de Noronha, que dentro na torre da menagem tinha vinte homens de confiança, e nas torres, que erão quatro, e no muro de fóra, tinha corenta homens, e muro feito ao longo do rio com goritas de vigia, onde estauão duzentos piães com o tanadar, e vinte homens portugueses, com que tudo estaua a bom recado. O capitão mandou as molheres solteiras fossem estar em Agacim, porque os homens as nom viessem buscar á cidade, e a todas daua mantimento d'arroz, que a cidade estaua muy auondada de mantimentos.

Então o Çufolarim tiraua com muyta artelharia ao nosso castello, que nada lh'empecia, porque era de ferro, cousa miuda. Andauão com os mouros alguns arrenegados, que de noite falauão d'além com os da forteleza, falando bargantarias. A torre da forteleza tinha huma varanda forte pera a banda do rio, d'onde tirauão quatro falcões e seis berços, e por baixo no muro quatro camellos, em * que * os nossos por passatempo se punhão a falar com os arrenegados que estauão d'além, e atinando ao som da fala desparauão os tiros da varanda, com que matarão tres d'estes arrenegados e muytos dos mouros; e os tiros grossos de dia lhe tirauão ás bombardeiras, e lhe dauão na madeira com que as tinhão feitas, que lhas esborrondauão, e desfazião o muro, que elles de noite caladamente tornauão a fazer. No que tinhão muyto trabalho, per caso das chuvas e tromentas do inuerno, com que os nossos assy tiuerão muytos trabalhos; e porque os nossos de noite zombauão dos seus tiros, o Çufolarim mandou trazer de Bilgão huma bombarda de ferro, de camara, que assentarão defronte da torre em huma coua, com que fizerão cinquo tiros ao castello; que deitaua hum pilouro de dezoito palmos de roda. O primeyro deu na parede da torre, que era de doze pés de largo, que lhe abalou as pedras da banda de dentro; outro tiro errou, e o pilouro foy cayr onde ora está são Lazaro; outro tiro emendou, que deu em abaixo no muro, que derribou quatro ameas com hum lanço do muro; outro tiro topou no caminho hum pelouro de hum camello nosso, que o fez em pedaços, com que parece que o tiro quebrou o repairo: no que puserão os mouros muyta diligencia ao tornar a encepar, e nom puderão, porque elle

nom tirou mais. Tambem dom Fernando com as fustas ás vezes fazião visitação aos arrayaes, de noite com a maré, desparando n'elles 'artelharia, com que lhe matauão muyta gente. O qual trabalho durou todo o inuerno até agosto d'este anno de 517, que chegou á barra de Goa João da Silueira na nao Nazaré, com muyta gente que trazia a sua e da nao de Francisco de Sousa Mancias, que se perdêra, como já contey, e com a chegada d'esta nao, e de dom Aleixo de Menezes, que veo d'Ormuz, os mouros aleuantarão seus arrayaes e se forão com muyta perda de gente.

CAPITULO XII.

DE UM MILAGROSO FEITO QUE SE AQUECEO EM CEYLÃO EM QUINTA FEIRA D'ENDOENÇAS.

Sendo assy o Gouernador auesso das cousas d'Afonso d'Alboquerque, que trazia todolos homens apanhados no seruiço d'ElRey, que nenhum andaua fóra do seruiço, Lopo Soares pôs tudo em desmancho; deu largueza aos homens que fossem buscar sua vida por onde quigessem, o que Afonso d'Alboquerque viuendo muito guardou, porque os nossos nom fossem danificar as terras, que elle muyto trabalhaua polas conseruar em paz pera assentar os corações das gentes, com esperança que tinha em Deos que a India hauia de crecer e montipricar, como ora está pola misericordia de Deos: polo que guardaua os portos do mar dos mouros e gentio, que estauão muy prosperos e nobres de grossos tratos e nauegações, de que sómente lhe tinha tirado o trato da pimenta e drogas. Nom consentia Afonso d'Alboquerque que os portugueses tratassem, dizendo que onde tratassem auião de querer ser poderosos e valerosos, e nom ser humildes como mercadores, do que se recrecerião males de os matarem, e perderem suas fazendas, porque per todolas partes que andassem acharião mouros magoados dos males de nossas mãos, ou nas pessoas ou nas fazendas, e quererião tomar vingança de seus males; e tambem que se os mouros vissem que lhe tomauamos seus tratos nos terião mór odio; e mais, que os homens andando tratando andauão fóra do seruiço de

Deos e d'ElRey, de que elle daria muyta conta a Deos: polas quaes rezões nom consentia que nenhum homem andasse fóra do seruiço d'ElRey. Com esta prematica os portugueses erão muyto temidos por caualleiros e não mercadores, e tão temidos, e obedicidos, que indaque hum só português fosse em huma almadia, * se * o topassem naos de mouros, todos amainavão e lhe hião obedecer, mostrandolhe seus cartazes que tinhão pera nauegar, que todos erão assinados por Afonso d'Alboquerque; e cada hum daua sua pitança de galinha ou coqos ou ramos de figos, e tornauão a hir seu caminho sem ninguem os anojar.

Mas como o Gouernador Lopo Soares abrio mãos d'estas boas prematicas, e deu larguezas aos homens pera tratarem, nom podião armar naos, e fazião fustas de carga, que carregauão e nauegauão pera onde querião, começarão a usar de males e roubos, porque no mar, amainando assy os mouros, lhe entrauão nas naos, e fengião que os querião buscar se leuauão pimenta ou drogas, e lhe roubauão o que querião. E foy ysto em muyto crecimento, porque muytos d'estes mouros começarão a dar dinheiro porque lhe nom entrassem a reuoluer suas naos, e lhe tolhião sua viagem; no que os portugueses tanto engodarão, e se desmandarão em grandes roubos, a que o Gouernador nom daua castigo, polo que então os mouros deixarão suas naos grandes e nauegauão em barqos pequenos, em que ás vezes á vela e remo fogião das fustas que os topauão, e ás vezes pelejauão fortemente, com que se saluauão; no que se vierão a fazer muy possantes, e andauão muy armados, com que ás vezes matauão os portugueses e leuauão suas fustas. E achandose n'este modo poderosos, carregauão pimenta e drogas, e nauegauão por onde querião como valentes cossairos no mar; e tambem na terra, onde podião, matauão e roubauão os portugueses sem nenhum temor, porque Lopo Soares por ysso nom acodia, dizendo que cada hum visse o que lhe compria; com que o credito dos portugueses, ganhado com tantas mortes e trabalhos, de todo foy perdido.

N'este tempo se armou hum mouro cossairo com fustas bem armadas; mouro principal do Malauar, chamado Baleacem [1], grande mercador,

[1] Gaspar Corrêa escreveu umas vezes Baylacem, e outras Bailacem; *Barros* escreveu sempre Bale Hacem, e em *Castanheda* tambem sempre se acha escrito Baleacẽ. Encostamo-nos á auctoridade d'este ultimo escriptor, pelas razões que já expuzemos, e não repetiremos.

e polos muytos roubos que os portugueses lhe fizerão, por se vingar, se fez poderoso com grandes fustas com muyta gente e artelharia, com que passou a enuernar nas ilhas com catorze fustas, com fantesia de tomar Jeronymo de Sousa, se * o * achasse; e andou correndo as ilhas, fazendo grandes roubos, em que ouve muyta riqueza, tomando naos de mouros que vinhão da costa de Tanaçarim, que passauão pera Meca; e das ilhas se foy a Ceylão, correndo alguns portos, e roubando o que achaua, em que tomou muyta fazenda de portugueses que lá andauão tratando, os quaes fogirão e se forão pera onde estaua o Rey, e o mouro se foy ao porto de Columbo, e queimou quanto achou no mar, e se pôs em terra com grande apparato, com sua gente muy armada, com que estaua como senhor da terra, porque a gente de terra he muy fraqua de peleja; e mandou varar algumas fustas e concertar.

O Rey estaua recolhido a hum lugar que se chama a Cota, que quer dizer forteleza, porque he cerquado d'agoa, que nom tem combate, e 'agoa que o cerqua he funda, em que andão tantos lagartos que ás vezes soçobrão as almadias e tomão a gente, e n'ysto andão encarnados, que ninguem os mata, com grande defesa d'ElRey. Onde com ElRey estauão até setenta portugueses, sem armas, e alguns d'elles doentes, e outros que nem espada nom tinhão. O Rey lhe mandou dar algumas armas, e folgaua de os ter comsigo, que temia que o mouro lhe ordenasse traição com os seus, e dos propios seus se muyto vigiaua, e nom fiaua senão dos portugueses, porque o mouro lhe mandaua pedir muyto dinheiro senão que lhe destroiria a terra: ao que ElRey se nom mostraua forte senão com os portugueses que tinha em sua companhia; polo que o mouro lhe mandou muytas messages pedindolhe que lh'entregasse os portugueses, senão que com sua gente lhe hiria entrar o lugar da Cota e o enforcaria. ElRey lhe respondeo que os portugueses lhe nom entregaria; que antes queria perder seu Reyno; que se mal lhe fizesse o Gouernador o vingaria. Ao que o mouro se quis mostrar possante, fazendo muyta destroição na terra, e com sua gente armada, e remeiros por fazer mór corpo de gente, e com elle muytos da propria terra que andauão ao roubo, se foy ao lugar da Cota, onde estaua ElRey, que era duas legoas pola terra dentro, e chegando á vista do lugar, que erão mais de oitocentos bem armados, onde o mouro assentou arrayal e mandou recado ao Rey que logo lhe mandasse os portugueses, e senão que o destroi-

ria. O que nada nom querendo ouvir ElRey, o mouro meteo sua gente com muyta da terra, cortandolhe os valados pera vazar 'agoa da cerqua, com que pudessem entrar. Do que o Rey ouve grande medo, porque vio que o mouro com aquillo lhe faria quanto mal quigesse, e mandou cometer o mouro com muyto dinheiro, com tanto que se fosse em paz; mas o mouro, mostrando grandes soberbas, disse que primeyro lhe auia de mandar os portugueses atados, então com elles o dinheiro, e então se hiria; e senão o fizesse, ás mãos o auia de tomar com suas molheres e filhos. Com o qual recado entrou grande medo em ElRey e nos seus, determinando entregarlhe os portugueses; e mandou recado ao mouro que lhe entregaria os portugueses como pedia, e o dinheiro; que se fosse com sua gente pera o porto, porque ally diante de seus olhos nom queria vêr fazer mal aos portugueses. Do que o mouro foy contente, e se foy pera Columbo, onde tinha suas fustas.

Hido o mouro, o Rey mandou chamar todolos portugueses, e com muyta paixão, e chorando, lhe disse que elle daua aos mouros muyto dinheiro por elles, mas que o mouro o nom queria, senão a elles primeyro; o que lhe assy o prometera, e com elle concertára, com grande medo que tinha de lhe abrir os valados e o tomar ás mãos; e com este concerto o mouro se fôra, e estaua agardando que os mandasse, assy atados todos como o mouro os pedia; que por tanto ouvessem paciencia, porque nom podia al fazer, por nom perder seu Reyno, como elles vião.

Os portugueses bem sabião que em tudo lhe ElRey falaua verdade. Hum Fernão Antunes, que hy estaua, lhe disse: «Senhor, os portu-» «gueses em todolas partes morrem, e arriscão suas vidas, por defender» «os Reys amigos d'ElRey de Portugal que nom perquão seus Reynos;» «e por tanto nós queremos morrer porque teu Reyno nom aja mal. Mas» «tu sabe certo que tanto que nós formos mortos, ou catiuos, os mou-» «ros hão de vir com muyto mór coração, e te hão de roubar e fazer» «quanto mal quiserem, porque são elles trédores e falsos. Huma só» «cousa has de fazer porque nom fiques mal com o Gouernador, que» «será se nos atares, porque então o Gouernador te dará muyta culpa,» «e pagarás nosso mal; que bem sabes que auemos de ser vingados. E» «pois fóra auemos de ser mortos, aquy o auemos logo de ser, que to-» «dos auemos de ser mortos antes que sejamos atados. E por tanto dei-» «xanos hir, que nós nos hiremos entregar aos mouros, e morreremos»

«como homens, e não como carneiros atados.» O que a ElRey e aos seus assy pareceo muyto bem, e dixe que se fizessem prestes pera outro dia os mandar; com que se despedirão d'ElRey.

Então n'esta noite cada hum se confessarão huns a outros, e fizerão suas cedulas, e algum dinheiro que tinhão atauão e assellauão e atauão com seu testamento; o que tudo entregarão a ElRey, dizendo que tudo entregasse ao Gouernador ou capitão que viesse; e todos concertados assy, se aperceberão das armas que tinhão, e que lhe ElRey deu, com que ao outro dia ante menhã se ajuntarão todos em huma praça, em que puserão huma cruz que pera ysso fizerão, e ante ella todos em joelhos resarão suas deuações, e per derradeyro as ladainhas, e a *Salue Regina*, acabando com grandes brados, Senhor Deos, misericordia! com muytas lagrimas, abraçandose e despedindose huns d'outros. O que ElRey e os seus vião, e chorauão de piedade que d'elles auião.

Ao outro dia era quinta feira d'endoenças, do que elles bem lembrados, e esforçados, dizião a ElRey que pelejando com os mouros nom sentirião suas mortes, que antes querião que ser catiuos de mouros. Passarão todos além, que antre todos nom auia corenta homens que fossem sãos pera pelejar; e hum bom homem fez huma cruz em huma ponta de huma cana, com que se pôs na dianteira como alferez, dizendo que Deos era seu capitão, e aquella era sua bandeyra, com que caminharão deuagar pera Columbo, onde estaua o mouro com sua gente, que sendolhe dito da maneyra que os nossos hião começou de rir e zombar, e se deixou estar assentado em seu estrado.

Os nossos chegarão perto de Columbo á vista dos mouros, onde auia huma praça que cortaua hum regato d'agoa; onde chegados derão gritas como d'alegria, chamando Senhor Deos, misericordia! O que sendo visto do mouro mandou os seus que lhe fossem atar todos, e atados lhos leuassem. Ao que os mouros forão com grandes gritas, os quaes os nossos forão receber e cometer tão valentemente como se forão mil. Os mouros trabalhauão por lhe dar pancadas nas cabeças pera os derrubarem e tomarem ás mãos; os nossos, chamando a misericordia de Deos, pelejauão como homens que se entregauão a morrer, e por o querer de Deos, mostrando seu grande poder, nom ferião mouro que logo nom caysse morto. Com que Nosso Senhor pôs seu temor tão grande sobre os mouros que começarão a fogir; porque os nossos que erão doentes tinhão for-

ças como os sãos. O mouro Baleacem vendo fogir os seus, que hião muytos feridos e ficauão já muytos mortos, entrou em seu coração grande medo, com que se recolheo ao mar, o que todos assy fizerão; onde com a pressa duas fustas se virarão, em que morrerão mais de duzentos mouros. Os nossos chegando derão fogo a noue fustas, que estauão varadas, breadas de nouo per deitar ao mar, em que o fogo foy tal que em breue espaço forão feitas brazas; e lhe queimarão duas que estauão na borda d'agoa. Já a este tempo muyta gente da terra era junta com os nossos, que acodirão a roubar as cousas dos mouros que estauão em terra, que foy bom fato, que os nossos defenderão e nom consentirão roubar. O Baleacem fiqou na sua fusta, que era grande, e tomou hum zambuqo que estaua no porto, em que se embarcarão os mouros que nom cabião na fusta; com que logo se fez á vela, com que forão ter em Calecut, onde contauão e affirmauão que os nossos erão mais de mil. O que assy dirião porque Nosso Senhor lho faria vêr em seus olhos; e contauão que o Rey de Ceylão lhe fizera este engano, dizendo que nom tinha mais que setenta portugueses, e elles erão mais de setecentos. Mas outros mouros a que o contauão dizião que mentião, que tantos portugueses nom auião d'estar em Ceylão, pois lá nom estaua armada. O que aos mouros fez grande espanto, e os nossos fizerão muytos prazeres na forteleza.

Os nossos da peleja, vendo tamanho milagre, em joelhos dauão louvores a Nosso Senhor, e se abraçauão huns a outros com lagrimas de grande prazer. Sendo dada noua a ElRey d'este feito, mandou fazer grandes festas, e logo mandou dous filhos em cyma d'alifante, com muytos dos seus e os regedores, dar grandes louvores aos nossos; e mandou que buscassem todos os matos, e nom ficasse mouro viuo, e todos os queimassem. O que fez grande espanto, porque os mouros que jazião mortos nom tinhão mais que huma e duas feridas muy pequenas, que nom erão pera matar hum gato. O que os de Ceylão muyto escreuerão, contando os mouros e os nossos todos escritos per seus nomes, que ElRey ao outro dia veo vêr em pessoa, a todos abraçando como filhos, pedindolhe muytos perdões de assy os deitar fóra da Cota, e elles todos lhe tirarão sua paixão, dizendo que Nosso Senhor assy o ordenára que elle o fizesse, por mostrar seu grande poder. Com que os nossos ficarão na terra muy amados d'ElRey, e muy estimados da gente da terra, que os seruião como a propios senhores da terra.

E este foy o mais vidente milagre que se achará em todolas lendas da India, e fòra grande erro aquy o nom memorar, pera que todos dêmos muytos louvores a Nosso Senhor per suas tantas bondades e misericordias que por nós pecadores sempre faz, usando de sua grande piadade, como parecem per suas santas obras: elle seja pera sempre louvado pera sempre amen.

E porque n'este anno de 1517 Fernão Peres d'Andrade foy descobrir a China o escreuo aquy, porque depois nom torne atrás.

CAPITULO XIII.

COMO FERNÃO PERES D'ANDRADE PARTIO DE MALACA PERA A CHINA, E O QUE PASSOU EM SUA VIAGEM, ATÉ TORNAR A MALACA NO ANNO DE 518, ESTANDO LÁ DOM ALEIXO DE MENEZES COM PODER DE GOUERNADOR.

JÁ atrás contey da viagem que Fernão Peres d'Andrade cometeo pera' China, e nom foy por lhe faltar a monção, e arribou a Malaca, onde esteue concertando seus nauios pera na monção hir a Pacem carregar de pimenta, que era a mercadaria da China, como partio; onde d'ahy a pouqos dias faleceo Jorge de Brito, e antes de morrer entregou a capitania da forteleza a Nuno Vaz Pereira, e lhe tomou a menagem, que era seu cunhado, e fez aos officiaes que lhe obedecessem; do que Antonio Pacheco, Capitão mór do mar se muyto aggrauou, dizendo que per direito a capitania era sua polo regimento d'Afonso d'Alboquerque. Sobre o que ouve defferenças, a que Pero de Faria se pôs por parte de Antonio Pacheco, e vierão a tanto que Nuno Vaz, capitão, os prendeo em suas menagens; mas Antonio Pacheco nom quis obedecer á prisão, e se foy estar na ilha das Naos, fengindose doente por nom hir á forteleza, o que o capitão pairaua sem o querer escandalisar. O que assy passando, chegou Fernão Peres de Pacem carregado, e auiandose do necessario se partio sua viagem em junho de 516, em huma nao que seria de duzentos toneis, e Simão d'Alcaceua, e Pero Soares, e Jorge Mascaranhas, e Jorge Botelho em hum junqo bem armado, que as outras erão nauetas pe-

quenas, e Manuel d'Araujo em outro junqo, e em outro Antonio Lobo Falcão; que erão sete velas, com que foy sua viagem com bons pilotos que leuaua, com que foy correndo alguns portos sem fazer mal algum, porque os mais obedecião ao Rey da China, que se chama filho de Deos, senhor do mundo. Chegou Fernão Peres ás ilhas da China, de que auendo vista tambem [1] * virão * huma armada de doze junquos, que sempre no tempo da nauegação andão gardando o mar, que nom fação mal aos nauegantes muytos ladrões que ha polo mar. O que já hia auisado Fernão Peres, que lhe dizião os pilotos, e por ser tarde, e nom poder dobrar huma ilha, sorgio, e mandou aos capitães que fossem com a gente e artelharia concertados pera se defender, se os chyns quigessem pelejar. Ao outro dia foy á vela seu caminho pera a ilha da Veniaga, que está dezoito legoas da cidade de Cantão. Todolos tratantes n'esta ilha vendem e comprão, e d'aquy nom passão senão com licença dos regedores da cidade. E hindo seu caminho com suas naos embandeyradas, os chyns em seus junqos trazião gaueas e castellos com gente armada, que se repartirão em dous esquadrões, com que se forão chegando aos nossos, que ficauão em meo, e dando grandes gritas, despararão algumas bombardinhas que trazião, a que os nossos respondião com gritas como de prazer, sem ninguem tirar, nem desuiar seu caminho, o que vendo os chyns, que os nossos hião de paz, se afastarão; e assy forão até a ilha da Veniaga, onde sorgirão, e acharão hy Duarte Coelho, da companhia de Fernão Peres do anno passado, que fôra enuernar em Siam, e no caminho pelejára com huma armada de trinta velas, de cossairos, de que escapou milagrosamente. E d'esta ilha da Veniaga a tres legoas está outra ilha, em que está aposentado o almirante ou Capitão mór do mar, que logo como [2] * chegão * estrangeiros á ilha da Veniaga o faz saber aos regedores de Cantão quaes são, e que mercadarias [3] * trazem * e querem comprar; polo que os regedores então mandão o que se ha de fazer.

Chegado assy Fernão Peres, e enformado per Duarte Coelho o que auia de fazer, mandou seu recado ao Capitão mór d'armada dos chyns, dizendo que elle era Capitão mór d'aquella armada, que era d'ElRey de Portugal, que muyto desejaua assentar boa amisade com ElRey da China; que por ysso lhe mandaua ally seu embaixador, por ysso nom quisera

[1] * viraram * Autogr. [2] * chegavam * Id. [3] * trazer * Id.

com elle pelejar; que lhe rogaua que lhe désse piloto que o leuasse á cidade de Cantão. O capitão lhe respondeo que folgaua com a paz, e que guardasse os costumes da terra, que primeyro elle auia de mandar recado aos regedores de Cantão, e o que respondessem que ysso farião. E tendo esta reposta, lhe chegou recado do almirante do mar, que estaua na outra ilha, em que lhe perguntaua quem erão e ao que vinhão; ao que lhe [1] * respondeo * que vinha com boa paz, assy como o Gouernador Afonso d'Alboquerque fizera em Malaca aos mercadores chyns; e por esta amisade, que ElRey de Portugal desejaua com ElRey da China, lhe mandaua seu embaixador com seu presente; que lhe rogaua que lhe désse piloto que o leuasse a Cantão, pera d'ahy mandar o embaixador que trazia. Ao que lhe o almirante respondeo que agardasse, que elle o faria saber aos regedores de Cantão, e faria o que elles mandassem.

Parecendo a Fernão Peres que o recado logo lhe viria, se sayo do porto com os nauios portugueses, com que determinaua hir a Cantão e os junquos ficassem na ilha. Onde assy estando de fóra do porto, lhe deu tamanha tromenta que se ouvera de perder, e cortou os mastos, e escaparão per milagre. Ficando assy desemmasteado, quisera auer remedio de terra; mas os chyns lhe nom quiserão dar nada, dizendo que o nom podião fazer até lhe nom vir recado de Cantão. Fernão Peres, nom sabendo o que seria, se pôs em trabalho, e tomou os mastos da nao de Martim Guedes, e andou remendando os outros mastos; e os nauios pequenos remediou com antenas que leuauão os junquos; e mandou recolher pera o porto Simão d'Alcaceua, que ficasse por Capitão mór dos junqos até sua tornada; e concertou muyto bem os seus bateys, artilhados e apadezados; e se fez á vela, e se foy á ilha onde estaua o almirante, a qual ilha está na boca de hum grande rio que vai ter a Cantão, cidade principal.

Sorgio Fernão Peres com os nauios embandeyrados; onde o almirante lhe mandou sua visitação com muyto refresco, e lhe mandou dizer que d'ally se nom bolisse até vir recado dos regedores de Cantão, porque se outra cousa fizesse cuidarião que vinha pera fazer mal. Fernão Peres mandou o feitor d'armada com dez homens bem vestidos, e assy o feitor com as trombetas diante, e mandou dizer ao almirante que elle vi-

[1] * responde * Autogr.

nha trazer embaixador a ElRey da China, que lhe mandaua ElRey de Portugal por desejar sua amisade. Nom vinha a outra cousa, e que perdia muyto tempo com tantas detenças; que elle nom auia d'agardar mais que até outro dia, que com a viração auia de hir caminho de Cantão: no que elle nom quebraua os costumes da terra, que erão pera mercadores; mas que elle vinha com embaixada pera ElRey, e presente que nom auia d'entregar senão ao regedor de Cantão. O almirante respondeo que gardaua seu regimento e nom podia fazer o contrairo.

Ao outro dia, com a viração, Fernão Peres se fez á vela com a viração, e se foy polo rio caminho de Cantão, leuando os batés á vela diante, e o seu piloto sondando: o que vendo o almirante lhe mandou hum piloto que o leuou. O rio muy fermoso de verduras, per ambas as partes muytos lugares e muytas ortas. A cidade de Cantão está assentada junto d'agoa; he da grandura d'Euora, cercada de largo muro de cantaria com ameas e seteiras, e em todo em roda tem oitenta torres de sua altura, entulhadas, e em cada huma hum masto aruorado, em que se pendurão bandeyras no tempo de festas: em toda a cerqua sete portas, e porque o muro he de largura de cinquo braças tem cada porta tres portas fechadas, huma ante outra, forradas de folha de ferro, e sobre estas portas casas de vigia, em que caberão quinhentos homens com suas armas, que guardão de dia e de noite. Tem a cidade em roda huma larga caua, que se enche d'agoa do rio, e sobre as pontes da entrada das portas [1] * torres * muy lauradas. As casas todas são terreas, per dentro forradas de madeira muyto lauradas e pintadas. As casas d'homens principaes são grandes, com pateos lageados, e muytos lauores, que logo parecem de grandes senhores. Tem as portas grandes aruores de sombra pera a gente que ha de estar de fóra; as ruas são largas e muy limpas, e de longo das paredes, de ambas as bandas, tem ladrilhado de lageas de pedra os dous terços, e o terço do meo fiqua mais baixo, que nom he lageado, por que corre a gente baixa, e os fidalgos e homens honrados vão polo lageado d'ambas as bandas. Ha pola cidade muytas casas de suas adorações, muy lauradas.

Tem a cidade derrador grande pouoação, em que está gente sem conto, e officiaes de todolos officios das cousas que se pedirem por boca, [2]

[1] Parece ser a palavra que falta n'este logar. [2] * feyta * Autogr.

* feitas * em toda perfeição. Per ordem da cidade todos fechão suas portas como he sol posto, e as nom abrem senão depois de sol saydo; ysto per caso dos muytos ladrões. Nenhuma pessoa estrangeira nom póde entrar na cidade sem licença, e por ysso o pouo de fóra he sem conto; polo que no rio estão infinidade de paraos e dentro n'elles mora a gente, que são como casas fechadas.

Fernão Peres chegou á cidade, e sorgio diante de hum caez grande com os nauios embandeyrados, e fez salua á cidade com toda' artelharia; ao que sayo todo o pouo da cidade * a * vêr, e o regedor lhe mandou dizer que se elle vinha de paz como tiraua bombardas, que parecia que vinha de guerra? o que era contra suas leis da cidade, ante a qual ninguem podia tirar bombarda nem aleuantar bandeyra, nem lança. Ao que Fernão Peres lhe mandou suas desculpas, dizendo que nom sabia seus costumes, e por ysso tirára artelharia, fazendo cortezia e honra á cidade, como era nosso costume, e as bandeyras por mostrar prazer e festa, mas que elle obedeceria a todos seus costumes: de que o regedor fiqou satisfeito, e lhe mandou dizer que se nom agastasse, porque o regedor mór do Reyno estaua em outra cidade d'ahy a vinte legoas, que já tinha recado, que logo viria e o despacharia. Fernão Peres nom consentio que nenhum dos nossos saysse em terra, e o que auia mester por escrauos chyns, que leuaua, o mandaua comprar aos paraos que estauão no rio, que tudo tinhão pera vender; nem consentio que nos nauios entrasse ninguem da terra.

E passados tres dias veo o regedor mayor, que era capado, como o são todos os officiaes e regedores de justiça e fazenda em todo o Reyno da China; o qual veo polo rio em hum parao marauilhosamente paramentado e laurado d'ouro, com outros muytos barquos de grandes fidalgos todos muyto riquos, a que a cidade fez grande recebimento com enfinidade de gente e infinitos tangeres, e polos muros da cidade muytas bandeyras de seda de côres, metidas em astes, e penduradas polo meo em paos que pera ysso punhão, e nos mastos das torres assy penduradas bandeyras d'estas muy grandes. E desembarcado se pôs em hum riquo andor, acompanhado de muytos fidalgos, e muyta gente armada diante, que hião bradando que despejassem a rua, que hia o grande senhor regedor.

Logo ao outro dia Fernão Peres o mandou visitar polo feitor d'armada, muyto bem vestido, e acompanhado de vinte homens assy louçãos;

e lhe mandou dizer que estaua agardando por elle pera o despachar, que trazia hum embaixador com hum presente d'ElRey de Portugal. Ao que o regedor mostrou muyto prazer com a visitação, e auia muyto prazer com ElRey de Portugal, que reinaua no cabo do mundo, querer ter amizade com ElRey seu senhor; que elle já lhe tinha escrito de sua vinda, que como lhe tornasse o recado logo o despacharia; e por ser assy seu costume mandasse logo o embaixador a terra com o presente, e os que com elle auião de hir, que auião de comer e gastar á custa d'ElRey, que assy o tinha por regimento. Ao que Fernão Peres satisfez, e mandou logo a terra o embaixador, com o presente que hia fechado, que se nom auia de abrir senão ante ElRey. O embaixador se chamaua Thomé Pires, que fôra boticairo, que era homem muy corioso e auisado, de muyto saber pera este encargo, e por ysso o mandára Afonso d'Alboquerque com outras cousas a outras partes, de que deo boa conta e rezão, e por ysso o Gouernador o mandou n'este encargo; o qual sayo muyto bem vestido, e acompanhado de muytos homens com as trombetas diante; que no caez foy recebido com muyta honra polo regedor da cidade, que o leuou, e aposentou em humas boas casas de que lhe derão as chaues, em que se podia agasalhar com quanta gente quigesse; onde lhe derão grande auondança de comer; onde a todos escreuerão os nomes os que auião de hir com elle a ElRey, a que logo mandou recado de tudo o que os nossos passarão até ly. E logo foy apregoado pola cidade que todos podião comprar e vender com os nossos, e que quem os enganasse, ou fizesse mal, serião mortos; e o regedor mandou dizer a Fernão Peres que mandasse vir os outros nauios que estauão na ilha da Veniaga, que ally em Cantão venderião e carregarião milhor que lá. Elle lhe respondeo que lá se estauão concertando de cousas que auião mester. Logo o regedor mandou dar huma casa aos nossos junto do caez, em que meterão a fazenda, e n'ella hum escriuão, e o feitor, e homens que a trafegauão; com que se começou grande trato, com muyta amizade e seguridade, andando os nossos em terra, e o regedor mandando muytas visitações a Fernão Peres com presentes. E os nossos em terra andauão muy pacifiqos, sem anojar ninguem, com que estauão em muyta paz. Fernão Peres mandou pedir ao regedor que lhe désse licença pera na ilha da Veniaga fazer huma casa de pedra, forte, pera n'ella estar a fazenda segura dos ladrões: do que lhe aprouve.

Estando Fernão Peres assy com seu bom trato assentado, soube que além de Cantão auia outra terra chamada Lequia, em que auia muyto ouro, e prata, e seda, outras estremes mercadarias de grande riqueza; e cobiçoso de descobrir esta terra, mandou lá Jorge Mascaranhas, que foy ter em outra terra chamada Chincheo, em que a gente era muyto mais riqua que em Cantão. D'esta cidade hião a Malaca cad'anno quatro junqos carregados d'ouro, prata, * e * seda, antes que os nossos viessem a Malaca, e se tornauão carregados de mercadarias da India; e Jorge Mascaranhas assentou com elles que fossem a Malaca, mas elles nom forão. Fizerão a Jorge Mascarenhas muytas honras, e fez muyto proueito nas fazendas que leuou: gente branca e muy limpa em seus vestidos, e todos bons ensinos, como muy nobre gente.

Estando lá Jorge Mascarenhas, chegou de Malaca noua a Fernão Peres, per hum junqo de Jorge Aluares, que á sua partida chegára a Malaca dom Aleixo, e que Malaca estaua de guerra que lhe fazia ElRey de Bintão; com que estaua muy apertada, e compria secorrela. Polo que Fernão Peres deu pressa a se despachar pera se partir na monção, que era de setembro, porque já então seria vindo o recado do Rey da China pera o embaixador, e então mandou recado por terra a Jorge Mascarenhas de tudo; que por tanto se fosse á ilha de Veniaga, como fez. E porque o recado nom veo pera hir o embaixador, Fernão Peres o mandou dizer ao regedor que Malaca estaua de guerra, e elle * a * auia de hir secorrer; que o embaixador lhe [1] * deixaua * entregue, que o mandasse como viesse o recado, que tudo elle confiaua, por elle ser tamanho senhor, que guardaua tanta verdade. O que o regedor tudo outorgou, e que se fosse embora, e que tornasse quando quigesse. Fernão Peres esteue na terra catorze mezes, tomando muyta enformação de todolas cousas, e se partio em setembro do anno de 518: que tudo assy me pareceo o escreuer junto, por nom tornar a falar em huma cousa duas vezes. E Fernão Peres, e todos os d'armada, forão muy riquos. Partidos, nauegarão pera Malaca, e chegando ao estreito de [2] * Cincapura * achou hy Diogo Pacheco em huma nao, que dom Aleixo mandára que hy fosse agardar Fernão Peres pera que viesse de auiso pera Malaca. Polo que caminharão pera lá, e acharão a forteleza em muyto aperto; mas logo foy

[1] * deixa * Autogr. [2] * Cymquapur * se acha no texto.

muy abastada da muyta riqueza que 'armada de Fernão Peres despachou n'alfandega, e dom Aleixo fez pagamento á gente: com que tudo fiqou remediado. E Fernão Peres trazia por regimento d'ElRey que fosse assentar Bengala, e quisera pera lá hir, mas dom Aleixo o nom consentio, e fez hir caminho da India, porque a viagem de Bengala tinha o Gouernador dada a dom João da Silueira seu sobrinho. Polo que Fernão Peres esteue em Malaca deuagar vendendo suas mercadarias, em que fez muyto dinheiro, e se veo pera' India em companhia de dom Aleixo, a que deu riquas peças.

ARMADA

DE

ANTONIO DE SALDANHA.

ANNO DE 1517.

CAPITULO XIV. [1]

N'ESTE anno partio do Reyno Antonio de Saldanhá por Capitão mór de cinco naos, a saber, elle na nao Serra, Manuel de Lacerda pera capitão de Calecut, Pero Coresma pera feitor de Cochym, dom Tristão de Meneses, Rafael Castanho. Depois de partido Antonio de Saldanha, polo desgosto que ElRey tinha de Lopo Soares, e de suas cousas, ordenou armada de tres nauios, que partio d'ahy a hum mês; de que mandou por Capitão mór Fernão d'Alcaceua, homem muy principal na meneação da fazenda dos contos, a que deu o cargo de védor da fazenda da India, ordenado com escriuão, contadores, porteiro, e casa da fazenda ordenada como da corte, com regimentos e poderes muy isentos do Gouernador, em tal modo que ao Gouernador nom ficaua mais que fazer guerra, e paz, com as armadas e gorniçóes que lhe fizesse o védor da fazenda; e em sua companhia dous nauios d'armadores, hum de dom Nuno Manuel, de que era capitão João de Torres, e outro Alonso Anriques. E no

[1] Falta no original.

regimento de Fernão d'Alcaceua * mandaua ElRey * que o Gouernador em nada da fazenda entendesse, tirando e poendo capitães das fortelezas, mas nom auia d'entender em nenhuma cousa da fazenda com nenhum feitor nem officiaes da fazenda, sómente Fernão d'Alcaceua, com tanto poder como o proprio Gouernador no ciuel.

Fernão d'Alcaceua dobrou o cabo com o nauio de dom Nuno Manuel; o outro d'Alonso Anriques, que era de Duarte Tristão, arribou ao Brasil. Chegou Antonio de Saldanha, e Fernão d'Alcaceua, a Goa em fim de setembro, que o Gouernador inda nom era chegado d'Ormuz. Mas chegando Fernão d'Alcaceua a Goa, como assy vinha possante, sem aguardar polo Gouernador, porque assy o trazia por regimento, logo entendeo na feitoria e nas cousas da fazenda, mostrando aos officiaes as prouisões d'ElRey, que erão tão fortes que todos lhe obedecerão. Sobre o que o capitão dom Goterre, e dom Aleixo que hy estaua, tiuerão contendas e debates com o Fernão d'Alcaceua, o qual então chamou os juizes e perante elles mostrou huma prouisão d'ElRey, que mandaua, sô pena do caso mayor, ao Gouernador e a todolas pessoas da India, que em nada, pouq̃o nem muyto, entendessem com as cousas que Fernão d'Alcaceua fizesse, e logo degistissem de qualquer mando que na fazenda tiuessem, aindaque fosse por sua especial prouisão.

Quando todos virão tal prouisão, e com tão fortes regimentos, todos entenderão o odio que ElRey tinha ao Gouernador por seus erros, e todos obedecerão, dizendo que tudo obedecião. O védor da fazenda pôs muyto em ordem as cousas de Goa, e mandou Fernão Martins Auangelho por feitor a Dio com muyta fazenda do Reyno; e deixando tudo concertado se foy a Baticalá, onde deixou hum feitor, e se foy caminho de Cochym correndo as fortelezas.

Sendo ysto assy passado, chegou a Goa o Gouernador, e sabendo as cousas que trazia Fernão d'Alcaceua ouve muyta paixão, sentindo o odio que ElRey lhe tinha de lhe nom fazer a vontade, e como muyto sesudo encobrio sua paixão, dizendo que folgaua com Fernão d'Alcaceua que lhe tiraria a muyta acupação que tinha nas cousas da fazenda. E ysto praticaua com tanta desimulação que parecia que folgaua; e mostrou que lhe pesaua com Antonio de Saldanha, que vinha por Capitão mór do mar, em que trazia encarregado dom Aleixo seu sobrinho.

Sendo o Gouernador partido de Chaul, chegou ahy Fernão Gomes

de Lemos na sua galé, que vinha do estreito, e falou com Pero Lopes, feitor que hy estaua, pera vender algumas presas que trazia; onde então chegou outro feitor chamado João Fernandes, e o Pero Lopes fiqou por escriuão; onde tambem estaua Siluestre Corso na sua galé, que ficára tomando humas agoas. Os mouros das galés contauão aos mouros da terra a grande judaria que os nossos fizerão em Judá, que nom ousarão pelejar com os rumes; com que os mouros fazião grandes sobrançarias aos nossos, e andauão muy soberbos, e estando o feitor fazendo auença com huns mercadores, sobre que aperfiauão, se atrauessou hum mouro, dizendo: «Os portugueses são bons pera vender os roubos dos pobres, e não» «pera pelejar com os rumes.» Ao que o feitor lhe deu com huma cana, que tinha na mão, pola cabeça; ao que o mouro arrancou, e outros que acodirão a ajudar e a roubar, e acodirão portugueses, onde foy morto o feitor com doze homens, e matarão outros vinte ou trinta, que andauão comprando polo logar, e outros feridos, que se acolherão ao mar, a que acodirão as barquinhas das galés. Os mouros das galés do Corso, que estauão aferrolhados a banqo, vendo a reuolta na terra, se aleuantarão contra oito portugueses que andauão passeando na coxia da galé, e ferirão dous com faquas, que estauão soltos dos ferros. Os portugueses se recolherão á popa da galé, e se apossarão das armas e sayrão ás lançadas com os bragas; ao que acodirão as barquinhas com gente, com que se os mouros renderão. Dos quaes o capitão Siluestre Corso mandou matar alguns dandolhe com o machado na cabeça, e a todolos outros mandou cortar as orelhas e narizes, que todo mandou pendurar na popa da galé; e se veo a Goa. Com que o Gouernador muyto se queixou polo que fizera; mas o Corso lhe falou muy ousadamente, e disse que désse a galé a quem quigesse, e lhe désse licença pera se hir a Portugal, que ElRey lhe faria as mercês que merecia. E o Gouernador se aqueixou com Fernão Gomes de Lemos porque nom sayra a queimar Chaúl, e Fernão Gomes lhe respondeo: «Senhor, nom o fiz porque o nom fizemos em Ju-» «dá.» Polo que o Gouernador fiqou muyto mal com elle; o qual tambem lh'engeitou a galé, e dizia d'elle abertamente muytos males. Assy o fazião todolos homens, altos e baixos.

O Gouernador em Goa mandou todas as cousas que lhe bem parecião, e s'embarqou com toda a gente e se foy a Cochym, onde lhe fizerão recebimento de Gouernador. Onde desembarcando, Fernão d'Alca-

ceua o aguardou com suas deuidas cortesias; a que o Gouernador fez muyta honra, e mostrando prazer, dizendo que folgaua muyto com sua vinda, porque lhe faria muyta ajuda a seus trabalhos. Fernão d'Alcaceua lhe disse: «Senhor, farey todo o seruiço d'ElRey nosso senhor que vossa» «senhoria mandar.» Ao outro dia o Gouernador sayndo da missa, que se foy á forteleza, mandou chamar o védor da fazenda, que lhe fosse apresentar todos os seus papés e regimentos; com os quaes elle veo, e apresentou ao Gouernador, estando presente Pero Barreto ouvidor, e os juizes, e Diogo Pereira sacretario, ao qual mandou escreuer em todos que elle Gouernador os obedecia em todo, alto e baixo, assy como n'elles se continha, e muyto milhor quanto comprisse ao seruiço de Sua Alteza; e este bitafe escreueo o sacretario em todos os papés, que o Gouernador assinou; e perguntou ao védor da fazenda se tinha mais papés pera lhe apresentar que os apresentasse. Disse que não. Então o Gouernador mandou escreuer hum auto d'apresentação dos papés que lhe apresentára o védor da fazenda, nomeando todos, e que todos lhe confirmára e assinára, requerendo que de todos usasse quanto comprisse a seu officio, como lho mandaua ElRey; em que assinou com o ouvidor, e sacretario, e juizes, e mandou a Fernão d'Alcaceua, e guardou este auto o Gouernador em sua mão. Com que despedio o védor da fazenda, que como era muyto auisado logo foy dizendo ao seu escriuão, e a seus officiaes, que aquellas oxequias que o Gouernador fizera a seus papés nom era senão pera os enterrar e nom gardar. O Gouernador, tanto que ysto fez, falou com o feitor só em segredo, e lhe disse que cousa que mandasse o védor da fazenda nom fizesse; nom lhe dizendo que o nom queria fazer, mas escusandose que tinha outras cousas que fazer; e se alguma cousa fizesse fosse ás vessas do que elle mandasse. Com que o feitor fiquou muyto contente; a que o Gouernador mandou que tiuesse n'ysto segredo. E ysto mesmo disse o Gouernador em apartado a cada hum dos officiaes da feitoria e almazens, e escriuães, e ao ouvidor, que nada fizesse do que lhe requeresse o védor da fazenda, escusandose que o nom faria sem mandado d'elle Gouernador; e se elle lho mandasse o pusesse em delongas, em modo que se nom fizesse; e assy elle ouvidor o mandasse aos meirinhos.

E com esta têa assy ordida, os officiaes em nada obedecião ao que lhe mandaua o védor da fazenda, o qual se hia queixar ao Gouernador,

que por ysso se mostraua menencorio, e mandaua chamar o ouvidor, e lhe mandaua com muyta furia que logo mandasse prender e enforcar quantos officiaes d'ElRey lhe dissesse o védor da fazenda; e com ysto os despedia. O védor da fazenda mostraua ao ouvidor os homens que mandasse prender; elle dizia que primeyro auia de perguntar testemunhas e saber que lhe nom obedecião; e se mandaua prender algum homem, o meirinho hia, e dizia que o nom achaua. O védor da fazenda se tornaua a queixar ao Gouernador, que ás vezes achaua que dormia, em modo que nom falaua senão fóra de casa. O Gouernador, ouvindo seus queixumes, lhe dizia mansamente que nom se mostrasse reguroso com os homens, que erão máos e desmandados, que olhasse nom lhe fizessem algum desacatamento; e que logo désse corregimento ás naos pera tomarem a carga, que era o que mais compria. Elle respondia que o nom podia fazer, porque os officiaes o nom obedecião. Elle dizialhe que lhe mostrasse os poderes que trazia sobre elles. O Fernão d'Alcaceua entendeo esta musica, e com elle falando muytos fidalgos, que estauão mal com o Gouernador, lhe dizião que como nom entendia elle este jogo trocado que o Gouernador trazia com elle? Que nom usasse do cargo, e tirasse seus papés, que leuasse, e se tornasse a ElRey. O védor da fazenda nom se fiaua d'estes, que nom sabia se erão falsos, e lhe respondia que elle nom podia hir contra a vontade do Gouernador. Antonio de Saldanha apertaua com o védor da fazenda que lhe concertasse seus nauios, que erão oito que o Gouernador lhe tinha ordenado em que fosse ao estreito; outros fidalgos pera outras viagens, e os armadores das naos da carga outro tanto, tirando contra elle estromentos e protestos.

E Fernão d'Alcaceua, querendo mais firmar suas cousas, agardaua o Gouernador, e sayndo fóra, se queixaua dos officiaes que lhe nom obedecião. O Gouernador, [1] « mostrandose » emportunado porque lhe falaua na rua, lhe dizia que tirasse estormentos dos officiaes e os mandasse a ElRey, porque ElRey a elle lhe nom mandaua que castigasse nenhum; e que se os officiaes nom fazião o que lhe elle mandaua que [2] « seria » porque elle lhe nom mandaria cousas boas. E tanto ysto foy áuante que o védor da fazenda lhe disse que lhe désse embarcação pera o Reyno, que nom queria usar de seus cargos. O Gouernador lhe disse que elle se

[1] « mostrando » Autogr. [2] « seriam » Id.

nom fosse, e seruisse seus cargos, se quigesse, assy como todos lhos tinha confirmados; e que se fosse sua vontade [1] * tornarse * pera o Reyno que o podia fazer em qualquer nao das que fossem, que pera tudo tinha poder d'ElRey nosso senhor, contra que elle nom auia de hir. O védor da fazenda trazia suas fazendas e mercadarias secretas, que vendeo, e fez muyto dinheiro, que meteo em hum fundo falso de huma arqua, e tirou seus estormentos quantos quis, que todos o Gouernador mandou dar, em todos lhe requerendo que se nom fosse, e usasse de seus cargos; o que elle nom quis, e se embarquou na primeyra nao que carregou, e se foy ao Reyno, fazendo a ElRey grandes cramores do que lhe fizera Lopo Soares; mas quis o demo que na casa da India lhe acharão o dinheiro no fundo falso escondido, que erão dez mil cruzados. Polo que esteue preso até hir Lopo Soares, e foy solto em grandes fianças, pera andar á demanda com Lopo Soares, que durou muyto tempo: de que adiante direy.

CAPITULO XV.

COMO, PARTIDAS AS NAOS DO REYNO, O GOUERNADOR PROUEO EM MUYTAS COUSAS, E MANDOU ARMADAS PERA FÓRA.

Sendo as naos do Reyno partidas, em que se diz que nom escreueo nada a ElRey, sómente que se ficaua fazendo prestes pera hir estar a juizo com Fernão d'Alcaceua, e ysto falou porque do mais que lhe ElRey escreueo bem entendeo que estaua muy danado ante ElRey, mas como Lopo Soares era isento, por ser homem que nom tocaua a fazenda d'ElRey, [2] * nem fizera outra * nenhuma tyrania, se mostraua isento, então mandou a dom Tristão que concertasse seus nauios que auia de partir pera Maluco em maio de 518, e despachou Antonio de Saldanha com titulo de Capitão mór do mar pera o estreito, com treze velas grossas, com que se embarqou muyta gente, porque Antonio de Saldanha era aprasiuel á gente, e trazia regimento d'ElRey que corresse até as portas do estreito e désse vista á cidade d'Adem, e se no mar achasse os rumes pelejasse com elles, e d'ahy se fosse enuernar a Ormuz. Com que n'estas velas de sua armada fez grande carregação d'arroz, açuquere de Baticalá, e ou-

[1] * tornasse * Autogr. [2] * nem d'outra * Id.

tras mercadarias, em que fez muyto proueito em Ormuz, que por ElRey trazia ordenado que fizesse tres viagens d'estas.

Tambem o Gouernador despachou dom João da Silueira, sobrinho do barão, com dous nauios, e duas carauellas, e huma galeota, com que o mandou que fosse andar nas ilhas, aguardar as naos que por hy atrauessauão pera Meca, que vinhão de Tanaçarim, e Bengala e Pegú, que erão muy riquas, e nom tem outro caminho senão per antre as ilhas; e outras naos de Cambaya, que vem das partes de Malaca, passão per antre estas ilhas, por se afastarem da costa da India, com medo de nossas armadas. Onde o dom João foy, e fez riquas presas com que tornou; mas lá deixou casy toda a gente, que lhe morreo de doença das ilhas, que são alagadiças, muyto quentes, e más agoas, e mão comer: com que a gente morreo, e dom João da Silueira fiquou muyto riquo.

E porque Antonio de Saldanha veo por Capitão mór do mar, que seruia dom Aleixo sobrinho do Gouernador, elle o quis aproueitar, e o mandou que fosse prouer Malaca, com poderes de Gouernador que lhe deu, com sete nauios bem armados. Onde a gente folgou de hir, porque era terra de proueito; e foy em sua conserua dom Tristão com seus tres nauios, que auia de hir pera Maluco.

N'estas naos, na companhia de Fernão d'Alcaceua, veo frey Antonio do Louro, frade de são Francisco, que primeyro viera por guardião d'outro mosteiro que se fizera na ilha de Çacotorá, o qual frade foy catiuo em Cambaya, que se perdeo na nao de dom Afonso, de que já muyto faley na lenda d'Afonso d'Alboquerque. O qual foy ao Reyno, e ouve d'ElRey que em Goa fizesse hum mosteiro, pera estar com oito frades que pera ysso trazia, e tomasse o lugar que lhe mais contentasse; e pera ysto muy fortes prouisões e que tudo se fizesse á custa de sua fazenda.

Pois sendo as naos partidas, o frade apresentou seus papés ao Gouernador, que disse que era muy contente de todo comprir. Pedindo os frades que dentro da cerqua da cidade lhe mandasse dar o chão, o Gouernador lhe disse: «A cerqua de Goa é pequena, e já tem dentro Santa» «Caterina, principal ygreja, e Santa Maria da Serra, e hum oratorio» «onde se achára o crucificio», e em tão pequena cerqua nom podião achar bom gasalhado; que folgaria que tomassem o tanque de Timoja, que lho daria, que tinha bons aruoredos, e grande chão pera se estenderem á vontade. Do que o frade nom foy contente, porque elle nom que-

ria senão tomar posse dentro na cidade, pera ministrarem os sacramentos dos bautismos e casamentos, pera que trazia letra do Papa, e disse ao Gouernador que elles pouqo auião d'acupar com huma casa pequena, em que se metessem oito frades que trazia. O Gouernador, postoque entendeo o negocio, nom quis que os frades fossem contra elle, e lhes concedeo o que elles quiserão; o que muyto encarregou ao capitão de Goa que em todo os contentasse, porque elles trazião todas as pertenças pera o seruiço da casa.

Os quaes chegados a Goa, o capitão lhe disse que elles buscassem o lugar de que se contentassem, e lho daria; e o buscarão, e pedirão humas casas que forão de João Machado, tanadar, que fôra morto em Pondá, como já dixe, que erão grandes e tinhão huma orta; as quaes casas estauão no lugar onde ora está a cruz e terreiro do mosteiro, as quaes lhe forão dadas, onde os frades logo n'este verão, antes que entrasse o inuerno, fizerão huma casa de bom tamanho, com capella, e altar mór, e dous altares das bandas, com suas grades, dentro das quaes fizerão coro. Em dous paos altos puserão seu sino, e orgãos, e pera a banda da orta fizerão suas cellas e sancristia, e cerquarão a orta, que era na grandura que agora está, e se aposentarão muy bem, celebrando todolos santos sacramentos; mas nom contentes, como he seu costume, se queixarão a ElRey que estauão assy apertados, e sem ter nem poder fazer mosteiro no logar que lhe derão. Ao que ElRey os satisfez que lhe dessem quanto quigessem pera fazerem mosteiro: polo que então, no tempo de Diogo Lopes de Sequeira, que veo por Gouernador depois de Lopo Soares, tomarão o lugar em que agora está feito o mosteiro, que erão casinhas de molheres solteiras canarís, e com a larga despeza que lhe ElRey daua fundarão o mosteiro como quiserão, que sayo muy demasiado, e querião auexar e tapar as genellas das casas visinhas; com que os donos d'ellas tinhão com elles contendas, e praguejauão, e o Gouernador e os officiaes os reprendião de tão superfulos gastos. Com que o frade frey Antonio, leuando muyta paixão e trabalho, adoeceo e morreo, estando por acabar muyta parte do mosteiro; e se acabou por assy ser fundado, e acabado desfizerão a casa que tinhão feita, em que ficou o terreiro da cruz que ora está ante a porta do mosteiro. E porque muytas penas da Justiça se appricauão pera este mosteiro, os homens muyto se escandalizauão, e dizião mal do mosteiro e dos frades.

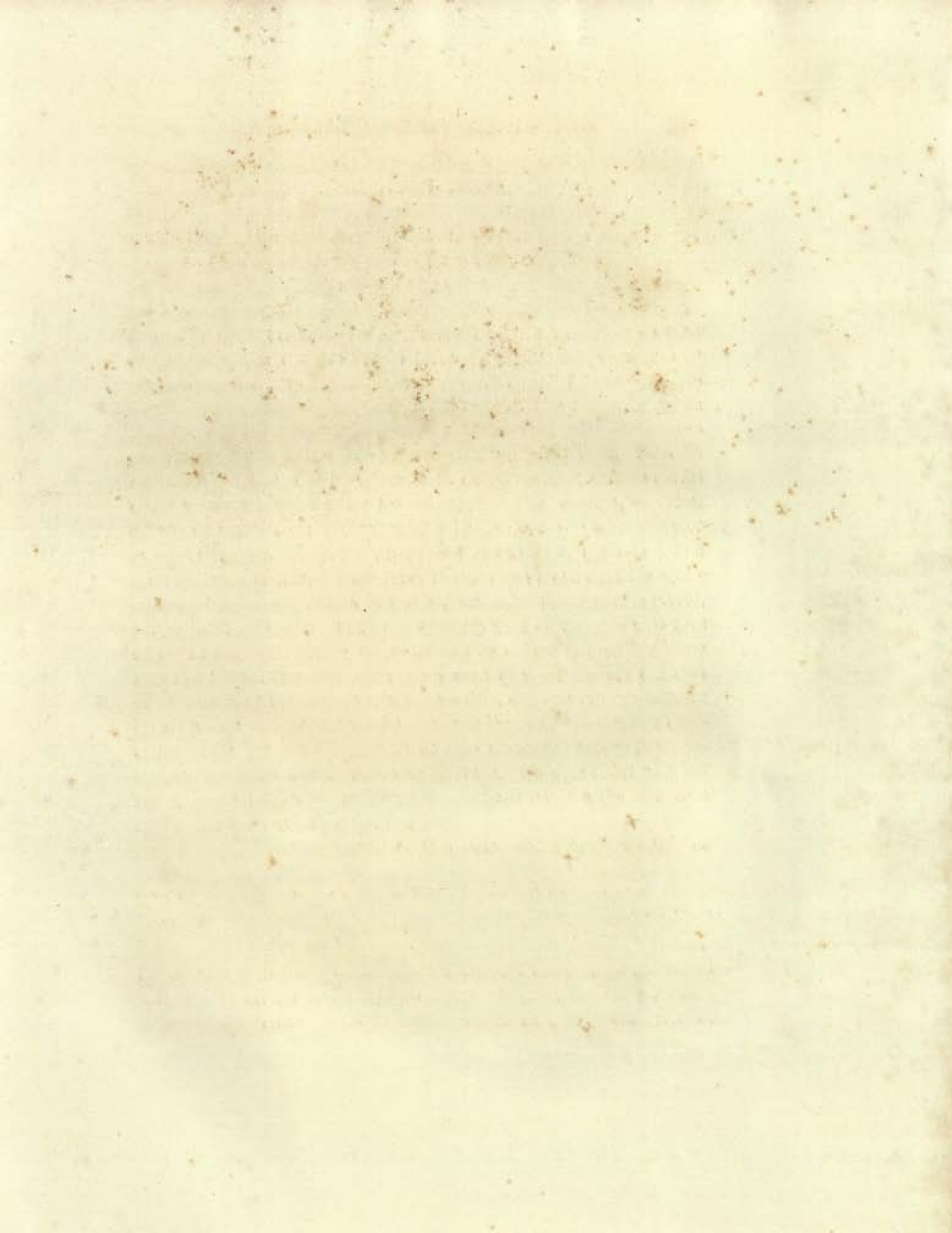
CAPITULO XVI.

COMO O GOUERNADOR ENUERNOU EM COCHYM, E SE APERCEBEO COM ARMADA, COM QUE PASSOU A CEYLÃO E FEZ HUMA FORTELEZA, E O QUE LÁ PASSOU.

Despachadas as armadas pera fóra, como já disse, em feuereiro do anno de 518, chegou a Cochym Fernão Peres d'Andrade, com os nauios de sua companhia todos muy riquos, e mercadarias pera' feitoria, de muytos damascos e outros pannos, e seda solta, com que ElRey fez muyto proueito, que era tanta cantidade que no soldo dauão á gente a cinco pardaos a peça de damasco; com que toda' gente fóy paga. E Fernão Peres, e seu irmão, que hy estaua, e os outros capitães, dauão grandes mesas a toda a gente, e fazião soyças de galantarias, e canas, e touros, e jogos de choqua, em que passarão o inuerno, em que o Gouernador se muyto acupou, e forneceo 'armada a mór que pôde, que com toda a gente passou a Ceylão, a fazer huma forteleza que n'este anno lhe ElRey mandára que fosse fazer. Ao que se o Gouernador deu a grande pressa, por se partir de Cochym antes que chegasse noua de Goa que erão naos do Reyno chegadas, porque sabia que auia de vir por Gouernador Diogo Lopes de Sequeira; porque dandolhe a noua que era chegado elle nom podia mais bolir comsigo do que tinha * feito. * N'este inuerno mandou recado a dom Goterre, capitão de Goa, que lhe mandasse recado na primeyra cousa que nauegasse, como de feito mandou, na entrada de setembro, seu irmão dom Fernando de Monroyo, com doze fustas com boa gente, bem armadas, pera hirem com elle; das quaes o Gouernador o fez Capitão mór, que as mandasse.

O Gouernador deu muyta pressa a embarquar a gente, e partio de Cochym, a vinte de setembro de 518, com dezasete velas, afora as fustas de Goa; e leuou tres galés, e huma galeota, dous bargantys, quatro carauellas, e os outros nauios pequenos redondos. E forão capitães Diniz Fernandes de Mello, em huma galé, * em * que foy o Gouernador; e outra Antonio de Miranda d'Azeuedo, e Christouão de Sousa; e nos nauios e carauellas Fernão Peres, Ayres da Silua, Simão d'Andrade, Antonio Lobo Falcão, Fernão Gomes de Lemos, Gaspar da Silua, Pero Ferreira,

dom João da Silueira; e n'armada toda' outra fidalguia e gente limpa que auia, que per todos os homens brancos com a gente do mar passauão de mil, e duzentos malauares a soldo, com seu capitão. E foy demandar o porto de Columbo, onde chegou em tres dias, e por o vento ser ponteiro nom póde tomar o porto, e andou em pairo quatro dias, até que chegou ao porto de Galle, que he na ilha [1] * da banda do sul *, em que entrou com toda 'armada; em que os nossos sayrão em terra a matar vaquas e a roubar o que achauão; ao que se apelidou a terra, e se ajuntou grã somma de gente, que vierão pelejar com os nossos, porque ElRey estaua d'aly muy longe. O que sabido do Gouernador mandou recolher todos, que nom quis que fizessem mal na terra. Dandolhe o tempo se partio de Galle e veo entrar no porto de Columbo, que é o principal do trato, onde sobre a ponta da baya que faz o porto estaua posto o padrão das armas, que ally pusera dom Lourenço quando assentou este porto, como já contey na lenda de dom Francisco d'Almeida primeyro Visorey, o qual os mouros tinhão quebrado. Entrado o Gouernador no porto, todolos nauios entrarão ẽ se puserão junto da terra quanto puderão, e mórmente as fustas, que estauão com prancha na praya. O Gouernador defendeo que ninguem fizesse mal na terra. Então mandou messagem a ElRey por João Froles, homem honrado, e mandou dizer ao Rey que ElRey de Portugal, pola boa paz que com elle tinha assentada, erão amigos como irmãos, e que confiando n'esta boa amizade lhe mandaua rogar que ouvesse por bem [2] * que * ally n'aquella ponta da baya fizesse huma forteleza, em que estiuesse sua casa de feitoria com suas mercadarias, pera estarem seguras do perigo do fogo e de ladrões, que tambem lhe guardaria seu porto, em que ninguem lhe fizesse mal, e o capitão e gente que estiuesse na forteleza o seruirião na terra em todo o que elle mandasse, como seus criados naturaes, como o fazião os capitães das outras fortelezas que estauão pola costa da India.

[1] Aindaque no autographo está escripto * da banda do soldo *, é necessario admittir a emenda que fizemos. Com effeito, Lopo Soares entrou com a sua armada no porto de Galle, que está ao sul da ilha de Ceilão em 6°, 3′, 40″ lat. N, e d'ahi, por causa dos ventos, veio a Columbo, que demora a oeste, em 6°, 56′, 45″ lat. N. Isto aclara a passagem em que, mais adiante, se torna a fallar n'estes portos, e se diz que D. João da Silueira tomára no porto de Galle da outra banda, onde soube que o governador estava em Columbo. [2] * de * Autogr.

TA · FORTELEZA FEZ O GOVRNADOR LOPO SOAREZ E SE DESFEZ EM TENPO DO GOVERNADOR · Nº DA CUNHA PER
MDADO DELREY NOSO · SÕR

Da qual embaixada o Rey fiqou muyto contente, e fiqou muy descançado, porque os mouros lhe tinhão metido grande medo que o Gouernador com tanta armada nom vinha senão a lhe tomar o seu tisouro, e o Reyno daria a outro que pagasse grandes pareas a ElRey de Portugal. Polo que, ouvido a messagem do Gouernador com que fiqou [1] * descansado, mandou * pelo seu [2] * camareyro * mór que he seu principal regedor do Reyno, que lhe mandasse dizer se auia de querer mais outra cousa do que pedia, ou lhe auia de pedir mais pareas, ou fazer alguma outra força. O Gouernador lhe mandou dizer que não, porque se elle viera pera lhe fazer mal, elle trazia gente que abastaua pera quanto quigesse fazer, mas que nom vinha senão a fazer ally huma forteleza com seu aprazimento, pera muyta honra e proueito seu e dos seus naturaes; e porque nom dixessem os mouros que o fazia contra sua vontade, elle lhe mandasse dar os pedreiros da terra, pera cortarem a pedra, e fazerem a cal, e trabalharem na obra, que elle os mandaria muy bem pagar. Do que de todo ElRey foy muyto contente. O Gouernador leuaua pedreiros portugueses, e canarís cabouqueiros, que com os [3] * da terra logo * se meterão a cortar a ponta, que era de pedra viua nom muyto forte, e foy cortada de mar a mar, de que se tirou muyta pedra, ficando huma caua muy alta, sobre que se pôs huma ponte de madeira; o que se fazia estando o Gouernador embarcado com todos os capitães. E de longo d'esta caua, afastado hum jogo de bola, se fez huma parede de muro forte de huma banda a outra, com seus cubellos nos cabos e outro cubello na ponta, em que hião entestar os muros da banda da baya e da banda de fóra; e no meo sua torre da menagem, de dous sobrados, e dentro casas de feitoria e almazem, e dos officiaes, e de fóra casinhas de palha d'aposento da gente, assy como na pintura parece, e tudo cousa fraqua, porque a terra nom tinha contraste de muyta força. N'esta obra trabalhaua toda a gente, que tinha em terra suas estancias em que comião e dormião.

E andando o trabalho, que a obra era altura de hum homem dos muros todos em roda, muytos mouros tratantes, que * estauão * per muytos portos da ilha, e assy hum irmão d'ElRey, que senhoreaua em ou-

[1] * descansado, e mandou * Autogr. [2] Falta no original a ultima syllaba d'esta palavra. [3] * da terra que logo * Autogr.

alguns nossos lauorarão com espingardas, de que já usauão. Como os nossos cometerão pola terra, dom Fernando polo mar desembarqou, e entrou os valados em que os mouros muyto se defendião, que erão muytos, mas forão tão apretados de lançadas que nom puderão soffrir e forão em desbarato fogindo, ficando muytos mortos e caydos de feridas. Os nossos os forão seguindo até os meter polos matos, e a tranqueira * foy * feita em cinza. Os mouros, assy metidos polos matos se muyto defendião, donde sayão em magotes a dar rebates onde podião fazer mal, e mórmente sobre os que cortauão a pedra; sobre que o Gouernador mandou pôr boa guarda. E porque com a guerra ouve falta de cal, com ella se mesturaua hum barro que auia ahy na pedreira, que liaua mais que cal; com que a obra nom cessaua de se fazer, porque tambem a cal se fazia de pedra cosida em fornos.

O Gouernador, vendo que esta guerra fôra * por * algum máo conselho d'ElRey, de que se rependiria, nom quis fazer mal, e defendeo que ninguem cortasse aruores nem palmeiras, nem fizessem nenhum mal, sómente se defendessem, se gente viesse, porque esperaua d'assentar a paz: o que assy o mandou aos capitães. O que vendo a gente da terra, que os nossos estauão quêdos e nom querião fazer mal, o disserão a ElRey, com que elle muyto folgou, e mandou que pois os nossos nom fazião mal que ninguem pelejasse; porque toda a gente lhe fazia grandes cramores. Os mouros se forão espalhando, vendo o máo conselho que derão a ElRey, que com os seus ouve conselho que lhe muyto compria tornar 'asentar a paz, por nom perder seu Reyno e as nauegações de seus portos. Defendeo que nom pelejassem com os nossos, e * mandou * que lhe fossem vender cousas de comer, como d'antes fazião: polo que tudo fiqou em assessego alguns dias. Então o Gouernador mandou dizer a ElRey, per hum homem da terra, que lhe mandasse dizer porque causa lhe mandára aleuantar a guerra e quebrára sua palaura, sendo tão bom Rey; que lhe rogaua que lhe mandasse seguro pera lhe mandar seus recados; e ysto se quigesse paz e guardar sua verdade, ou se queria guerra que lho mandasse dizer, e nom seria necessario mais recado, nem dar mais trabalho á gente em fazer forteleza; que a nom faria, porque ElRey de Portugal nom fazia as suas fortelezas senão com boa paz e nas terras de seus amigos, que nas terras dos imigos nom mandaua fazer obras senão de fogo e sangue; e que se elle era imigo d'ElRey de Portugal que es-

tas obras lhe faria; e que n'ysto ouvesse seu conselho, e lhe mandasse dizer sua vontade: o que tudo lhe assy mandou per escrito na sua lingoa. ElRey, tendo muyto arrependimento do que fizera, e do mal que lhe podia soceder se nom estiuesse na amisade d'ElRey de Portugal, respondeo ao Gouernador per suas olas, que muy seguramente lhe mandasse seus recados como amigo, porque elle queria toda' paz; que [1] * da * guerra que se fizera já tinha o pago quem a causára.

[2] * Então * o Gouernador mandou Diogo Pereira, e João Froles, que com recados que correrão se tornou 'assentar a paz com muyta firmeza, dando ElRey os seis anês de çafiras, que auião de valer de cincoenta cruzados pera cyma cada hum, e os quatro alifantes, e os quatrocentos báres de canella das pareas costumadas, de canella noua colhida d'aquelle anno, e toda a mais que se ouvesse mester pera a carga das naos do Reyno, cada quatro báres por hum portuguès d'ouro. De que ElRey deu suas olas assinadas com seus regedores e per todos [3] * jurada * a paz pera sempre. Do que tambem o Gouernador lhe deu tambem sua carta assinada e asselada; e seguro pera todas suas nauegações, que leuassem seu cartaz assinado por ElRey; e liberdade pera que em seus portos estiuessem seguros quaesquer outros nauios de fóra parte, nom sendo rumes. E tudo assy bem assentado, o Gouernador deu grande pressa na obra, que nom era muy grossa nem [4] * trabalhosa *, por se despachar e se partir pera Cochym, leuar a canella per 'as naos do Reyno, que já era tempo, que sabia que auia de vir do Reyno por Gouernador Diogo Lopes de Sequeira, como veo.

Andando n'este trabalho, veo ter a Ceylão dom João da Silueira, com sua armada com que fòra ás ilhas de Maldiua, onde lhe deu hum temporal que o leuou á costa de Bengala, onde tambem fez riquas prezas, e como lhe deu tempo se tornou pera' India, e foy tomar no porto de Galle, da outra banda [5], onde soube que o Gouernador estaua em Columbo fazendo forteleza, e se foy lá; mas antes de chegar á ilha, no golfam achou huma nao que vinha de Tanaçarim muy riqua, carregada de riquas mercadarias, e muyta seda, e beijoym; e porque se lembrou que o Gouernador lhe tinha dito que auia de hir a Ceylão fazer forteleza, e

[1] * a * Autogr. [2] * En * Id. [3] * jurados * Id. [4] * trabalhoso * Id. [5] Veja-se a nota a pag. 540.

se o lá achasse nom aueria muyto proueito da nao se a lá leuasse, ouve conselho com hum seu amo, que trazia comsigo, e lhe disse o que auia de fazer da nao de prêza, em que o meteo com vinte homens, e Ruy Pereira por capitão do bargantym, que fosse em sua companhia, e lhe mandou que de noite dessimuladamente se apartassem, e se fossem a Cochym, onde em Coulão, e antes d'entrar em Cochym, pusessem em saluo a milhor fazenda da nao. O que assy elles fizerão muy bem feito; e desaparecida a nao e bargantym de noite, ao outro dia que a nom virão, dom João se fez menencorio, e fez voltas em sua busca, e como a nom achaua se foy a Ceylão, como dixe, que o Gouernador recebeo com muyta honra. Ao qual o Gouernador deu a capitania da forteleza, a que pôz nome Nossa Senhora das Vertudes; e fez alcaide mór e feitor Diogo de Lemos, e fez escriuães, e almoxarife do almazem e mantimentos, e todolos outros officiaes ordenados que comprião á forteleza, onde deixou artelharia, e monições, e mantimento, e todo o necessario pera duzentos homens que hy deixou, e no mar hum nauio redondo, e huma galeota, e hum bargantym, [1] * pera o capitão * os mandar d'armada onde fizesse seu proueito. Então mandou dizer a ElRey que mandasse entregar a canella, que se queria partir, e ElRey lhe mandou dizer que a casa estaua chea, que tomasse quanta quigesse. Ahy no porto de Columbo tinha ElRey huma grande casa, onde suas gentes lhe trazião a canella de suas obrigações, e na casa tinha seus officiaes, que a recebião e pesauão e d'ally a despendião e vendião per mandado d'ElRey, tudo com muyta ordem e bom regimento. Da qual casa o Gouernador mandou carregar os nauios e galés, em * que * se carregarão as pareas, que erão quatrocentos báres que erão oitocentos quintaes, e mais se carregarão mil quintaes, que o Gouernador mandou pagar; e recolhida a canella, ElRey lhe mandou os seis anneis das çafiras, que valião mais de mil cruzados, e seis alifantes pequenos, d'altura de huma braça, que se bem podião embarquar nos nauios, com grande auondança de cousas de comer pera' armada, e mórmente tantos cocos, que tomarão em terra os que cada hum quis carregar, e inda sobejarão.

Então o Gouernador se mandou despedir d'ElRey, e rogar que mandasse ally seu filho, pera a elle entregar a forteleza e capitão com a gen-

[1] * pera que o capitão * Autogr.

te toda, que tudo ficaua a seu seruiço, como bom irmão d'ElRey de Portugal. Do que o Rey foy contente, que logo mandou seu filho Principe, em cyma de hum alifante riquo de muytas joyas, acompanhado com muyta gente, que o Gouernador sayo com toda a gente a receber fóra da forteleza, a que fez muytas honras, e lhe apresentou o capitão, dizendo que era seu sobrinho, que seruiria ElRey em tudo o que lhe mandasse, como a pessoa d'ElRey de Portugal, com quantos portugueses com elle [1] * ficauão *; com outras muytas auondanças de palauras. Então o Gouernador lhe deu huma riqua espada d'ouro d'esmalte, e hum gomil, e bacio de mãos de prata dourado, e hum panno de feguras de Frandes; com que despedio o Principe, que se foy muy contente, e ElRey ouve muyto prazer.

O Gouernador se fez á vela em oitubro, e por o vento ser escasso, sayndo do porto, a galé em que vinha João de Mello nom pôde dobrar a ponta de huma restinga que estaua fóra do porto, e deu n'ella, e se perdeo sómente o casco, que todo o mais se saluou; e todauia se perdeo muyta canella que com a pressa deitarão ao mar. E o Gouernador fez seu caminho a Cochym, onde chegou, como adiante direy.

CAPITULO XVII.

QUE RECONTA DE ALGUMAS COUSAS QUE SE PASSARÃO EM MALACA N'ESTE ANNO DE 518.

Estando assy em Malaca dom Aleixo, em cuja companhia fôra Afonso Lopes da Costa por ser muyto seu amigo, nom cessando a guerra d'ElRey de Bintão que fazia a Malaca, Afonso Lopes da Costa fez com dom Aleixo que pois auia muyta gente e armada mandasse tomar a tranqueira de Muar, e lançasse ElRey de Bintão fóra d'ella, pera que Malaca ficasse em paz. O que dom Aleixo entendeo, e lhe quis dar a honra do feito, e dom Aleixo apontou os nauios que fossem, e Afonso Lopes da Costa em huma galeota, e com elle honrados fidalgos e caualleiros, e Diogo Pacheco, Pero de Faria, Duarte de Sousa, Fernão Pegado, e outros em galeotas, e manchuas, e lancharas, e batés artilhados e bem concertados,

[1] * ficam * Autogr.

tra parte da ilha, que ambos tinhão ás vezes contendas, e lhe muyto pesaua vendo este assento com ElRey, fez com os mouros que reuoluerão o sentido a ElRey, dizendo que como homem sem sizo e sem conselho consentíra ally fazer aos nossos forteleza, que vinhão com mentira, pois que tinhão o trato e pareas muy seguras que lhe [1] « pagauão » cad'anno; mas bem visto estaua o engano, porque sendo a forteleza feita, e os nossos possantes na terra, lhe auião de pedir o tisouro, e se o nom désse lhe auião de tomar o Reyno, ou toda a canella e alifantes, e outros piores males, e matarião suas vaquas, e cortarião os palmares. E ElRey, como nom era tão auisado como compria, logo ysto lhe danou a vontade, mas nom ousaua de bolir, porque via que nom tinha possança contra os nossos que erão muytos. E assy estando n'estes pensamentos, o Gouernador mandou a ElRey João Froles, com presente de duas peças de grã, e de veludos, e sedas de côres, e dous cauallos concertados como compria pera Rey caualgar, e lhe mandou dizer que até ly elle, como bom amigo e verdadeiro Rey, sempre dera a canella das pareas e alifantes; mas que ElRey de Portugal auia mester muyta canella pera carregar suas naos do Reyno; que muyto rogaua, que além dos quatrocentos bares das pareas, lhe désse toda a mais canella que lhe pedisse o feitor, que lhe pagaria com portugueses d'ouro, por cada português quatro bares, que era o preço porque elle a vendia aos mouros, e toda lhe seria paga a este preço; e que assy désse mais quatro alifantes de quatro annos, pois lhe nom custauão mais que trabalho de os mandar buscar ao mato; e assy mea duzia d'anês de çafiras que auia na terra, que tambem as pagaria por seu preço, que os queria mandar a Portugal a ElRey, porque visse a riqueza de seu Reyno.

ElRey tomou o presente carregadamente, e mandou dizer ao Gouernador que lhe mandaria reposta. Sobre a qual o Rey com os seus ouve seu conselho, onde os mouros se lhe offerecerão com muyto dinheiro, e que se ajuntarião mais de mil, e elle Rey tinha tanta moltidão de gente, e que olhasse bem que sempre lhe tinhão dita verdade do engano com que o Gouernador vinha, que nom era por amor de forteleza, senão pera lhe tomar seu Reyno; e ora lhe pedia toda a canella que tinha, que indaque lha pagasse elle perdia a renda das mercadarias que os merca-

[1] « paga » Autogr.

dores trazião á sua terra, que vinhão buscar a canella. No que ElRey incitado, fez chamamento de suas gentes, e os mouros com muyta diligencia se ajuntarão muy armados, e assy a gente d'ElRey; e ordenou seus capitães, e seu [1] * irmão lhe mandou * muyta gente, com tenção que se o Gouernador destroisse o irmão, elle assentaria com elle toda' paz, e lhe daria toda a canella, e alifantes, e quanto quigesse, com tanto que o fizesse Rey de Ceylão; do que o Gouernador seria contente. E com esta tenção, que tinha em seu coração, mandou muyta gente à seu irmão, e offerecer muyto dinheiro, e que guardasse sua honra e defendesse seu Reyno.

Em quanto se estes ajuntamentos fizerão ouve detenças, e o Gouernador estaua agardando reposta. Vendo que tardaua tanto, tornou a mandar recado a ElRey per João Froles, mas no caminho saltarão com os nossos e os afrecharão, com que hum foy morto e os outros tornarão fogindo; e logo derão em alguns homens que andauão folgando polos palmares, de que matarão alguns, e assy nos canarís cabouqueiros, que andauão cortando pedra além da forteleza, á vista d'ella, onde alguns dos nossos acodirão e forão mortos, e feridos. Ao que se aleuantou grande aluoroço, e os capitães acodirão ao Gouernador, que mandou tanger as trombetas, porque nom auia sino pera arrepicar. E o Gouernador mandou Fernão Gomes de Lemos, e Gaspar da Silua, e Antonio de Miranda, e Christouão de Sousa, que com a gente fossem dar nos mouros, que parecião muytos, que esperarão os nossos até chegarem, com grandes gritas e atabaques, que erão mais de dez mil; mas tanto que os nossos chegarão a pique de lança, logo se forão recolhendo pera os palmares e polo mato, ficando muytos mortos. E os mouros se fizerão fortes em huma pouoação ahy perto junto do mar, ao que foy dom Fernando de Monroyo com suas doze fustas polo mar, e a galeota e bargantym, e do mar lhe derão bataria; mas os mouros tinhão grandes valados de terra e grossa madeira, com que lhe nom podião fazer * dano *. Mas por terra forão os capitães com seiscentos homens repartidos em tres esquadrões, com as trombetas; o que os mouros agardarão, porque erão muytos e estauão muy fortes de grandes repairos. Onde, os nossos cometendo por tres partes, foy grande peleja, mórmente de frechas, que erão sem conto; onde

[1] * irmão que lhe mandou * Autogr.

em que se ajuntarão tresentos homens portugueses bons caualleiros; e em outras embarcações grandes dous mil homens da terra armados, com seus capitães, o bendará, e lascar, e todos muy aluoroçados, pera que chegando logo dessem na forteleza. Onde chegando á vista da forteleza lhe faltou a maré, que nom puderão chegar, de que ficarão muy tristes, que hião já prestes e com muyto aluoroço. E n'esta noite ouve conselho que fosse a gente por terra dar ante menhã na tranqueira; o que o bendará, e lascar, nom consentio, dizendo que era terra alagadiça e que toda a gente se perderia; sobre que ouve prefias, onde ouverão paixões hum antre outro, com que se tornarão pera Malaca sem fazerem mais que esbombardear mal a forteleza. Com que os mouros ficarão muy valentes e com dobrados corações, e trazião armada no mar; com que nom passauão a Malaca nenhuns mantimentos; com que ouve grande fome com que muyta gente morreo e adoeceo, que nom auia cem homens sãos; que sem duvida se o Rey de Bintão fôra sobre a forteleza a pusera em muyta agonia. Mas o Rey de Bintão d'ysto nom soube nada, e por ardil de trayção, e saber o estado dos nossos, mandou hum embaixador a dom Aleixo, com presente de hum alifante a que mandára dar peçonha concertada, que nom duraria mais que hum mês; e lhe mandou apontamentos per que pedia assento de paz, com taes firmezas que durasse pera sempre. Com a qual embaixada dom Aleixo, com assento de conselho, lhe mandou embaixador que ElRey pedia que lhe mandasse pera acabar de çarrar os capitulos das pazes, o qual lhe mandou Afonso de Sousa, homem honrado e muyto bem concertado, com seis homens, que foy com o embaixador, a que o dom Aleixo deu peças de seda da China. O Rey de Bintão logo [1] *determinaua* de o matar e a todos, mas os seus lhe forão á mão, dizendo que se o matasse nunqua mais poderia mandar outro pera auer auiso do que lhe compria; polo que o Rey o nom fez, antes lhe fez muytas honras, e o tornou a mandar com boa reposta, com riquas peças que lhe deu, e a todos; concedendo as pazes com quantas condições lhas pedião, afim que os nossos n'ysso estiuessem confiados, e descudassem do que lhe compria; e em tanto ordenou huma armada de sessenta lancharas com muyta gente armadas e artilhadas, em que mandou por Capitão mór hum que fôra regedor em Pacem, que matára o Rey

[1] *determinado* Autogr.

nosso amigo, e se fez Rey, e por se segurar no reyno se fez amigo com o Rey de Bintão, e o foy ajudar n'esta guerra de Malaca contra os nossos. E tambem o Rey de Bintão mandou por terra muyta gente que se deitasse em cilada sobre a cidade, porque auia grandes matos e heruaçaes, e mais porque ainda que a gente da cidade os visse os nom auião de descobrir. E sendo todo assy posto em boa ordem, huma antemenhã veo a frota do mar, e supitamente desembarcarão na ilha das Naos, onde estauão alguns dos nossos tão descançados que os tomarão dormindo, que estauão confiados na falsa paz do Rey de Bintão; mas os nossos tomando as armas os imigos se recolherão ás embarcações, e deitarão fogo nas naos, que nom arderão, que lhe acodirão; no que ouve grande grita que foy ouvida na cidade, e nom puderão lá acodir por ser maré vazia, e crecendo a maré alguns capitães se meterão em lancharas e forão após os imigos, que se forão fastando pera o mar, com tenção que ficaria pouqa gente na forteleza, com que os do mato poderião sayr e hir tomar a forteleza, com que tornárão sobre os nossos, e tomarião o mar e a terra; mas os nossos, vendo que 'armada se saya pera o mar, conhecerão que era manha e nom se quizerão alargar da terra. O que vendo 'armada se foy pera o mar, que desapareceo, e então os nossos desembarcarão em terra, a tempo que os imigos da cilada começauão 'a parecer, e se ajuntarão muytos, que todos vinhão ajuramentados de morrer ou tomar a forteleza, do que deixauão em penhor suas molheres e filhos em poder d'ElRey de Bintão. Na cidade ouve aluoroço vendo os imigos, ao que sayrão alguns nossos e com a gente da cidade assentarão tiros nas bocas das ruas, e outras taparão, e todauia os imigos chegarão a pelejar; e n'ysso pairarão todo o dia, porque agardauão por outra muyta gente que vinha pola outra banda da forteleza, onde os nossos tinhão tranqueiras fortes diante da pouoação. Mas sendo alta noite a gente chegou, que era muyta, com muytos alifantes armados que vinhão diante. Ao que se aleuantou grande aluoroço e acodirão os bateys de vigia que andauão no mar, que com os berços tirarão e derão nos alifantes, que com grandes bramidos voltarão fogindo, e derão na gente que vinha de trás, que os desbaratarão, e caydos por terra os estripauão e matauão com os pés. Com que os nossos sayrão a elles e matarão muytos; e porém, porque erão pouqos, nom se largarão das tranqueiras, e os imigos se afastarão longe por amor d'artelharia, e fazião alguns cometimentos,

até que se enfadarão e se tornarão, e o Rey de Pacem, muy enjuriado de nom fazer nada; polo que mandou matar alguns portugueses que estauão em Pacem tratando. E o Rey de Bintão nom cessou do fazer da guerra com 'armada do mar, tolhendo os mantimentos que nom fossem a Malaca, que era o mór mal que lhe podia fazer.

Passandose estes trabalhos, n'este tempo acertou de vir hum grande senhor jao, que com sua casa e familia hia pera Malaca pera n'ella viuer por seu trato, e leuaua tres junqos com sua gente; o qual foy tomado pola armada, e leuado a ElRey de Bintão, que vendo sua molher se contentou d'ella e dessimulou com o jao, dizendo que o ajudasse n'aquella guerra, e lhe faria mais bem do que podia aproueitar em Malaca; 'o que o jao obedeceo, porque nom pôde al fazer. O Rey de Bintão, por lhe ficar a molher em poder, lhe deu a capitania mór d'armada, em que o mandou d'armada, em que o jao seruia o milhor que podia, e por o Rey lhe prometer muytas vezes que o deixaria hir liure com sua fazenda e gentes pera Malaca; o que o jao lhe pedindo muytas vezes, e o Rey lhe mentia, determinou de fogir pera Malaca, e huma noite se meteo em huma manchua sua e se foy polo rio abaixo, e chegando á tranqueira que tinha çarrado o rio, falou aos guardas, que o conhecendo lh'abrirão huma porta per que sayo, como fazia outras vezes, e sendo fóra logo chegou recado do Rey pera o tomarem.

O jao chegando a Malaca se foy á forteleza e deu a conhecer, e lhe dizendo a causa porque assy hia fogido, e deu muyta conta da gente e tranqueira de Muar, que da banda da terra era muy fraqua, e se lhe dessem gente elle hiria por terra e a tomaria, senão que lhe cortassem a cabeça. O que todo ouvido ao jao, causou duvida, sospeitando que podia ser trayção d'ElRey de Bintão, como sempre costumaua ordir; e praticado o caso em conselho dizião que tal se nom deuia d'entender, porque a gente da forteleza era doente, e a sã muy pouqa, que se nom deuia de fazer em partes, senão estar junta e ter segura a forteleza. Outros forão ao contrairo, dizendo que tudo se deuia arriscar por deitarem d'ally ElRey, e desfazer a tranqueira que tanta apressão lhe daua, e sempre daria cada vez mais, em quanto o d'ally nom deitassem; e pois o jao se offerecia a hir com os nossos por terra, o nom fizera se viera com trayção, que ouvera medo de os nossos o matarem sentindo a trayção; e que polo mar hiria a força da gente. O que assy muytos aprefiarão que era

bem que se fizesse, porque se por terra se nom tomasse, per outra maneyra nom se podia tomar, e terião ally sempre hum tão certo trabalho. Em que ouve muytos debates, em que foy acordado que em todo caso fossem á tranqueira, e ordenado que fosse polo mar Duarte de Mello, Capitão mór do mar, com seus capitães, com sessenta portugueses e quinhentos homens da terra frecheiros naturaes de Malaca, e por terra fosse Manuel Falcão com outros tantos homens, que leuaria o jao a bom recado, e dom Aleixo com o resto da gente ficarião em guarda da fortaleza. Então se embarqou Duarte de Mello em huma galeota, com hum batel grande com quatro falcões por banda e hum tiro grosso, que auia d'abalroar a tranqueira; e os outros capitães leuauão seus batés com arrombadas e artilhados, e muyto concertados. E partirão de noite, e todos ao outro dia chegarão sobre a tranqueira pola menhã, e Duarte de Mello desembarqou dous tiros de bésta da tranqueira, e d'ahy mandou os bateis que fossem dar bataria polo mar á tranqueira, que tambem tiraua muyta artelharia; e Duarte de Mello se foy ajuntar com Manuel Falcão, que trazia a gente muy trabalhada do máo caminho, que acharão muyta lama e terras alagadiças, e os caminhos tão estreitos que nom podião senão hir a fio, em que muytos se estrepauão em estrepes com herua de peçonha, de que alguns morrerão.

E chegando cometerão a tranqueira com muyto esforço, onde Manuel Falcão foy ferido de huma bombardada em huma perna, que logo cahio como morto, porque lha fez em pedaços, e ficou a gente sem capitão, porque Duarte de Mello vinha atrás; polo que então hum bom caualleiro chamado João Fernandes, que se hy achou, falou a Diogo Pacheco: « Senhor, capitaniai a gente, e vamos dar na tranqueira antes » « que aquy nos matem estes tiros. » Ao que se ajuntou Manuel Pacheco, Antonio Lobo Falcão, Diogo Brandão, João Guedes, e todos juntos diante, enuocando Santiago, derão na tranqueira com que os nossos nauios estauão a bataria, onde a peleja foy muy grande de pilouros e frechas d'arquo, e de zerauatanas de peçonha; onde Duarte de Mello com os seus fazião feitos famosos, com que a peleja esteue em peso passante de duas horas, com muyta gente morta e ferida. E quis Deos que de huma espingardada foy morto o capitão da tranqueira á vista dos seus; com que logo forão postos em desbarato fogindo, ficando muytos mortos, e feridos, e tomados catiuos. Duarte de Mello, vendose com tamanha victoria,

determinou hir onde estaua o Rey de Bintão, que era treze legoas polo rio dentro, e cometeo caminho com todolas embarcações, mas achou no rio tantas estacadas, humas em revez das outras, e tantas aruores cortadas quebradas no rio, que nom podia lá chegar senão em muytos dias; polo que se tornou. Antre os catiuos foy tomado hum filho d'ElRey de Siam, que andaua ajudando a ElRey de Bintão, que sendo em Malaca conhecido lhe fizerão honra, e o mandarão a seu pay, que por ysso mandou grandes agardicimentos, e hum junquo carregado de mantimentos, que foy grande bem pera sostimento da forteleza. Recolheose o despojo da tranqueira, que forão passante de sessenta tiros d'artelharia miudos, e muytas armas, e a tranqueira *foy* desfeita com fogo. Com que tornando a Malaca forão recebidos com grandes honras e prazeres.

O Rey de Bintão, anojado de sua perda, no lugar do Pagó em que estaua se fez muyto forte, e nom cessou de guerrear Malaca por mar e por terra, fazendo saltos e todo o mal que podia.

E sendo a monção pera Maluco, dom Aleixo despachou dom Tristão de Menezes pera Maluco, pera hir assentar o trato do crauo, leuando cartas d'ElRey de Portugal, e presentes pera os Reys das ilhas de Ternate, e Tidore, onde nace o crauo; com rogos d'ElRey que lhe dessem todo o crauo que nas ilhas nacesse, e lho pagaria assy como o vendia aos outros mercadores, e regimento que ysto assentasse com toda' mansidão e boa paz que ser pudesse; do qual áuante em seu lugar contarey o que em sua viagem passou. E porque tambem era monção pera' India dom Aleixo se partio pera Cochym.

N'armada d'Antonio de Saldanha veo passageiro Afonso Lopes da Costa, prouido de capitão de Malaca, auagando; polo que o Gouernador o proueo da capitania de Malaca, e mandou na companhia de dom Aleixo, que chegando o meteo de posse da capitania que estaua vaga, e como Afonso Lopes era de forte condição, e isento, queria hir á mão a dom Aleixo em algumas cousas, com que nunqua estiuerão muyto correntes. Polo que quando se dom Aleixo embarqou pera' India s'embarqou nos nauios muyta gente doente, e outros que nom quiserão ficar pola má condição d'Afonso Lopes da Costa; o que dom Aleixo nom defendeo á gente por assy estar mal auindo com Afonso Lopes, nem Afonso Lopes, de contumás, n'ysso lhe nom quis falar nada: o que foy em modo que partido dom Aleixo de Malaca nom ficarão na forteleza mais que setenta por-

tuguezes, per conta; com que Afonso Lopes ficou muy agastado, mas nom o deu a entender, por nom mostrar fraqueza. Do que logo foy auisado ElRey de Bintão, polo que se pôs em muyto cuidado de logo fazer gente e armada, e tomar a forteleza; polo que logo mandou seu embaixador 'Afonso Lopes que faria com elle todo o concerto de paz; em que entendeo Afonso Lopes, e forão e vierão recados, e nouos embaixadores cada quatro cinquo dias, com que se gastaua muyta poluora em saluar os embaixadores, que depois fez muyta falta. E correndo estas messages se gastarão dias; com que o Rey fez seu apercebimento de muyta gente por terra, e armada polo mar, que supitamente apareceo sobre Malaca huma armada de oitenta lancharas armadas, com muyta gente, e forão ao porto e derão fogo em duas naos de mercadores da terra que hy estauão, e em huma galé desemmasteada, a que os nossos nom puderão acodir, porque a maré era vazia e os nauios estauão em sequo. Estando os nossos com este aluoroço, da banda do mar ouvirão grita, e ouvião da banda da terra que erão mil e quinhentos homens, com alifantes armados, que vinhão cometer entrar a cidade repartidos por partes. Com o que Afonso Lopes da Costa, capitão, fiqou muy afrontado, por ter tão pouqa gente e nom saber se os da terra serião na trayção, e nom ouzou de sayr da forteleza; e por mostrar que lhe nom faltaua esforço, mandou Fernão do Soueral, valente caualleiro, com quinze homens, que fosse além da ponte, e visse o que fazia a gente da cidade, e se pelejassem os fauorecesse. E mandou outros quinze homens com Diogo Figueira que acodisse á outra banda da nossa pouoação; os quaes forão, e auendo vista dos imigos, indaque erão muytos os forão cometer, porque a gente da terra com o bendará e lascar acodirão, e pelejauão fortemente. Sabido do capitão que a gente da terra pelejaua, sayo da forteleza com trinta homens bem armados, com dous berços encarratados, e foy contra os imigos; com que lhe fez muyto mal, que erão muytos juntos: com que os imigos se tornarão a terra. E porque já auia agoa da maré, mandou o capitão Duarte de Mello, capitão do mar, com trinta homens, que acodisse á ilha das Naos 'apagar o fogo; o qual foy com cinquo lancharas, e hum bargantym, e hum batel, em que forão Francisco Fogaça, dom Anrique d'Eça, Diogo Mendes, Grauiel Gago, Carlos de Sousa, e postoque erão tão pouqos em comparação dos muytos imigos, com esperança de Nosso Senhor os forão cometer com gritas e grande esforço, e começan-

do o tirar d'artelharia tomou fogo na poluora de huma nossa manchua, que abrio e supitamente se foy ao fundo, e se afogarão oito homens que hião armados; mas Nosso Senhor, com sua misericordia, fez fauor aos nossos, que desbaratarão os imigos fogindo, e apagarão o fogo dos nauios, que inda tinhão pouquo ardido, e assy ficou o mar e a terra liure d'esta afronta d'este dia. Mas como os imigos sabião que os nossos erão tão pouqos determinarão de tanto guerrearem os nossos por mar e por terra, e os cometerião tantas vezes, que os fossem apoquentando, até que ficassem tão pouqos que nom pudessem defender a forteleza; e com esta tenção guerrearão por mar e por terra passante de vinte dias, de dia, e rebates de noite por desuelar e quebrantar os nossos: com que forão em mortal aperto, porque erão muytos homens mortos e outros doentes, que nom auia trinta homens que pudessem pelejar; mas polo querer de Nosso Senhor os imigos affrouxarão e se forão, e comtudo o Rey de Bintão com sua teima se assentou no lugar do Pagó, em que se fez muy forte, e sempre mandaua suas gentes e armadas a guerrear Malaca.

N'esta lenda de Lopo Soares se contém desasete capitulos, de que me pareceo escusado fazer tauoada, por a lenda ser pouqua cousa [1].

[1] A esta nota segue-se, comtudo, uma tavoada só de *dezeseis* capitulos, na mesma lettra do texto.

DIOGO · LOPEZ · DE SEQUEIRA

LENDA

DO

QUARTO GOUERNADOR DA INDIA

DIOGO LOPES DE SEQUEIRA,

QUE DO REYNO PARTIO O ANNO DE 1518.

CAPITULO I. [1]

Em setembro do anno de 518 chegou á barra de Goa Diogo Lopes de Sequeira, almotacé mór d'ElRey, que o anno de 508 fôra com armada assentar Malaca, como já tenho contado. Veo com grossa armada e muy luzida gente, e grande prouimento d'artelharia e armaria, e monições dos almazens, e honrados fidalgos e capitães das naos, a saber : dom Gracia Coutinho pera capitão d'Ormuz, e Ruy de Mello Punho pera capitão de Goa, e dom Ayres da Gama, sobrinho do conde almirante dom Vasco, pera capitão de Cananor, Gracia de Sá pera capitão de Malaca, Sancho de Toar, fidalgo castelhano, pera capitão de Çofala, pera o que logo foy despachado em Moçambique, e na sua nao veo pera' India Christouão de

[1] Falta no original.

Tauora; Antonio Lobo Teixeira, e Lopo Cabreira, e Pedro Paulo, filho de Bertholameu Frorentim, naos de mercadores, e dom João de Lima pera capitão de Calecut, e João Gomes Cheiradinheiro, de que faley no feito dos rumes com dom Francisco em Dio, que veo pera capitão das ilhas de Maldiua.

Vindo caminhando esta armada, e na paragem do cabo da Boa Esperança, sentio a gente da nao de dom João de Lima dar na nao huma pancada como topada, e cuidando que a nao tocára acodio a gente á bomba, e acharão que nom fazia agoa, nem fez mais da que fazia, e ninguem soube o que fôra, senão em Cochym dando pendor á nao lhe acharão metido polo costado hum focinho de pexe, d'osso muyto forte, que cortarão rente da tauoa. Depois no Reyno, que a nao foy varada, se achou o osso que passára a tauoa, que era de meo palmo de grosso, e entrou polo liame quatro dedos; cousa muyto de notar correr hum pexe com tanta força e tão dura espinha, que fizesse tal passada em paos tão fortes. Nom se soube que pexe fosse, sómente que podia ser o espadarte, que he o pexe que no mar corre com mór força, e se vio muytas vezes pelejar com as baleas, e tem no focinho hum muy forte osso com muytos dentes.

Veo n'esta armada com dom João de Lima o moço naire que ElRey de Calecut tinha mandado ao Reyno, e ElRey o fez christão, com o habito de Christos, e tença que lhe pagassem na India, chamandoo dom João, e outras muytas honras; o qual depois sempre o chamarão dom João da Cruz.

Chegando o Gouernador a Goa lhe foy feito seu recebimento, onde logo lhe offerecerão cousas pera despachar, que elle nom quis em nada entender, porque trazia em regimento que primeyro Lopo Soares lh'entregasse a India; o que ElRey assy proueo porque se achou alcançado * de * nom trazer Lopo Soares esta prematica, com que nom entendera na gouernança da India antes de lha entregar Afonso d'Alboquerque; e que auia de gouernar e mandar nas cousas da carga e embarcações o Gouernador que estaua até se partir pera o Reyno. O Gouernador gardando seu regimento, sem querer entender em nada se tornou a embarquar, sem estar em Goa mais que seis dias, e se partio pera Cochym com toda' armada, e passou de noite por Cananor; sómente mandou Lopo Cabreira que fosse visitar ElRey, e pedir perdão porque o nom fôra

visitar, que o faria deuagar quando tornasse, que hia de pressa per caso das naos da carga, que trazia muytas.

Depois do Gouernador ser partido de Goa, ao outro dia, chegou Antonio de Saldanha com sua armada, que vinha do estreito com muyta riqueza, que veo agardar as naos de Meca sobre a costa de Dio, em que tomou muytas naos com muyto dinheiro e riquas mercadarias, que forão as melhores presas que até então se fizerão na India, que pera ElRey sómente renderão passante de duzentos mil xarafins d'ouro. Antonio de Saldanha era grande amigo do Gouernador, e chegando a Goa, que soube que ao outro dia era partido pera Cochym, logo se tornou a partir com toda sua armada, e foy após elle, que o nom alcançou senão além de Cananor á ponta de Tiracole. Do que auendo vista o Gouernador mandou tomar os traquetes das gaueas, e foy agardando; mas Antonio de Saldanha nom chegou senão noite, porque o vento era pouquo, e fez grande salua com toda' artelharia, em que os marinheiros fizerão ruindade ao Gouernador, que em acabando de saluar de palaura a nao d'Antonio de Saldanha, puserão fogo aos berços de proa, que estauão ceuados, sem lho mandarem, o que assy fizerão os bombardeiros de popa, cuidando que o Gouernador o mandára, o que assy fizerão todas as naos do Reyno, que já hião prestes. Vendo Antonio de Saldanha que o Gouernador assy fazia sua salua, esteue quêdo até que toda armada do Reyno acabou de tirar, e então elle fez sua salua com toda 'artelharia «de» toda armada do estreito.

Ysto que os marinheiros fizerão, por queimar o sangue ao Gouernador, foy porque elle pingára quatro marinheiros, porque vindo atrauessando pera' India pelejarão huns homens d'armas com os marinheiros, que ficarão pior do partido. Então os marinheiros, de noite, saltarão com os homens d'armas, que jazião dormindo ao cabrestante, e lhe derão muytas pancadas e os escalaurarão. Ao que acodio o Gouernador com tochas, e soube de quatro que erão os mais culpados, e os mandou dispir, e no cu os mandou pingar perante sy: com que depois auia grandes contendas dos marinheiros e toda a gente do mar, quando os homens d'armas lhe dizião, passando huns por outros: «Oh lá, guarda pingos!» «guarda tocha!»

Feita assy a salua por Antonio de Saldanha, logo se meteo em seu esquife e foy á nao do Gouernador; o que assy fizerão todos os capitães,

que o Gouernador recebeo com honras, e mórmente Antonio de Saldanha, por serem grandes amigos. Os capitães se tornarão a suas naos, e Antonio de Saldanha foy com o Gouernador até Cochym, dandolhe conta das cousas da India, e de sua viagem que fizera; e de noite passarão por Calecut, que nom quis o Gouernador que o vissem.

E chegando a Cochym, por o vento ser fraquo, nom chegou, e sorgio na barra, e dormio a noite, fazendo salua á cidade com toda' artelharia, e desembarqou ao outro dia nos batés, com toda a gente vestida e louçãos, e elle no seu batel grande, com toldo de grã entretalhado de veludo preto, com sua bandeyra real, e muytas alabardas de sua guarda, e trombetas; e desembarquou na praya defronte da igreija, onde foy fazer oração. Foy recebido da cidade com seu palio e muytas festas; e sabendo que * o * aposento do Gouernador Lopo Soares era na forteleza, onde tinha seu fato, nom bolio com elle, e se foy aposentar nas casas do feitor Lourenço Moreno, que erão terreas, de madeira, perto da forteleza; onde se agasalhou até vir Lopo Soares, que era hido a Ceylão.

Ao outro dia se ordenou pera hir ver ElRey de Cochym, e lhe disserão que nom fosse, que ElRey já vinha em tones polo mar. Ao que o Gouernador, com Antonio de Saldanha, com toda a gente, se foy á praya agardar até que ElRey chegou, que desembarcando, o Gouernador lhe fez suas grandes cortesias, e ElRey com seus bons gasalhados: com que ambos se forão assentar á porta da igreija, que tinha grande alpendre, onde o Gouernador lhe deu as cartas d'ElRey, e lhe falou na carga, que tinha muytas naos. Do que ElRey s'encarregou; e falando pouqo, ElRey se tornou á sua embarcação, e foy a sua casa. Em comprimento do qual, ao outro dia, o Gouernador com todolos fidalgos, por terra, foy ás casas d'ElRey, onde com suas honras lhe apresentou sua riqua copa d'ouro, que tem quinhentos cruzados, que se costuma dar aos Reys de Cochym, como já disse; e falando seus bons comprimentos o Gouernador se tornou a sua casa, onde entendeo no descarregar das naos, e fazer seus corregimentos pera tomarem sua carga. E nom sabendo o que Lopo Soares se deteria, escreueo cartas a ElRey de Calecut de desculpas porque passára sem o hir vêr, e lhe mandou o seu naire, chamado dom João da Cruz, muyto honrado e vestido, e encomendar pimenta, que tinha muytas naos pera carregar; e assy o escreueo á Raynha de Coulão e ao feitor Heytor Rodrigues. O qual se queixou ao Gouernador de huma noua

estrada que agora se fazia pola Serra, e corria pera as terras d'Orixá e [1] «Bencalla», que erão cafilas de bois de carga, que cada hum leuaua em alforges hum bár de pimenta, e erão tantos que esgotauão toda a pimenta, porque trazião arroz de Choramandel, e roupas baixas que gastaua o pouo miudo, e outras cousas de que pagauão direitos, com que fazião muyto proueito os bramenes da Serra, que tinhão os celeiros da pimenta; e que a Raynha n'ysto recebia perda, mas que a ysso nom podia dar remedio, porque a pimenta que ella daua tambem a compraua a estes bramenes que tem as hortas da pimenta; mas que tudo erão manhas com que todos se aproueitauão, mas que se a Raynha quigesse bem podia defender ysto. Ao que o Gouernador lhe respondeo que tratasse com a Raynha sobre esta cousa; e com ella fizesse todos os partidos que ella quigesse, e se comprisse por ysso lhe largasse os tresentos báres de pimenta que deuia, com tal concerto que nunqua mais corresse per lá aquella pimenta. No que Heytor Rodrigues logo falou com a Raynha; de que ella daua suas escusas, porque nom era sua a terra, porque corrião as cafilas polas terras do Rey grande, que he o Rey do cabo do Comorym. Então lhe dixe o capitão Heytor Rodrigues: «Senhora, por-» «que ysso assy he, muyto melhor podes fazer esta amizade a ElRey de» «Portugal; porque, senhora, tu deues tresentos báres de pimenta, que» «has de dar este anno, eu os quero dar 'algum capitão do Rey grande» «que vá saltear estas cafilas quando vem ou vão, e tomem tudo. E tu,» «senhora, ysto podes ordenar com tal segredo que nom seja entendido.» A Raynha, por ganhar a peita, lhe pareceo bem o que dizia o capitão, e tomou a cargo de assy o fazer, e o pôs em obra, e em secreto mandou suas cartas a hum capitão do Rey grande com que fez seu concerto, com que salteou duas cafilas, huma que hia e outra que vinha, e matou os recoueiros dos bois e mercadores, e os roubou: com que nunqua mais as cafilas correrão; que foy hum muy grande bem pera o proueito da pimenta que se por ally vazaua. Do que o Gouernador mandou grandes agardecimentos e amizades á Raynha, e lhe mandou presente.

Lopo Soares chegou a Cochym já em nouembro, e sorgio na barra, onde o Gouernador mandou todolos fidalgos que o fossem visitar e acompanhar, e per Antonio de Saldanha visitar, e mandou cêa de muyto re-

[1] «Bengala?»

fresco. Ao outro dia entrou Lopo Soares em sua galé, em que vinha acompanhado com todolos fidalgos com seus batés e as outras galés e nauios que puderão entrar, e foy desembarquar na praya, e mandou aos da sua guarda que nom leuassem alabardas, nem o meirinho vara. Onde desembarcando, o Gouernador o estaua esperando na borda d'agoa com toda a gente, que ambos se abraçarão com grandes cortesias, com que se forão á igreija, onde foy recebido dos crelgos com sua cruz; onde visto o santo sacramento, que estaua a missa n'esse ponto, se sayrão, e forão pera a forteleza, e chegando á porta Lopo Soares disse ao Gouernador: « Senhor, até esta hora durou meu cargo, e esta pousada he de » « vossa senhoria, e todolas outras que ElRey nosso senhor tem n'estas » « partes, de que eu até gora fuy hospede e guardador, de que agora a » « vossa senhoria faço entrega e residencia, assy d'esta raiz como das » « outras, com todo o mouel que nauega o mar do cabo da Boa Esperança » « pera dentro. Quanto com direito deuo e posso entregar, com todo poder » « e dominio que até 'gora tiue, tudo entrego e ponho nas mãos de vossa » « senhoria, de que * me * hey por desobrigado, ficando com o prazer do » « aluoroço de hir ver a minha quintam de Torres Vedras, se me Deos » « fizer essa mercê. Do que, senhor, vossa senhoria me passará sua cer- » « tidão, pera mostrar que de qua vou solto. » O sacretario Diogo Pereira trazia já feito o estormento da entrega e residencia, per apontamentos [1] * das * fortelezas, armadas, fornições dos almazens, e decrarando as cousas que estauão de paz e de guerra, tudo em muyta ordem; e Lopo Soares tomou as chaues da forteleza da mão do capitão e as entregou ao Gouernador, que elle tomou com suas cortesias, dizendo: « Senhor, in- » « da nom he tempo d'esta entrega, porque Sua Alteza manda que tudo » « estê em seu poder até se fazer á vela embora pera sua casa. » Lopo Soares disse: « Postoque ElRey me faça essa mercê, nom posso mais » « com a carga. A mym, senhor, faz muyta mercê ma tirar das costas, » « porque nom queria ter mais trabalho que de só minha embarcação, » « que do mais me faz grande mercê tirar de trabalho, e muyto seruiço » « a Sua Alteza no auiamento da carga. » E com estas palauras, e muytas cortesias, se despedirão; e Lopo Soares entrou na forteleza, em que sempre esteue até se embarqar, e o Gouernador com toda a gente se foy pera

[1] * as * Autogr.

sua casa, em que daua grande mesa, visitando sempre Lopo Soares, e jantando ambos algumas vezes, sempre em grandes amizades até se embarqar.

Então o Gouernador entendeo em algumas cousas que comprião, e mandou dom Afonso de Meneses em huma galé estar no porto de Baticalá, porque estaua aleuantado; e o tiuesse tapado até que obedecesse: o que armou Antonio de Saldanha, que queria que *este* porto se assentasse, pera elle lá carregar quando fosse pera o estreito. E mandou Christouão de Sousa, em outra galé, que fosse ter 'o porto de Dabul, que tambem estaua d'aleuanto, e com elle duas carauellas, Ruy Gomes d'Azeuedo e Lourenço Godinho, e que de Goa leuassem duas fustas. E mandou despachado pera Ormuz dom Gracia Coutinho, e na nao se viesse Pero d'Alboquerque. E assy despachou os outros capitães pera Goa, Cananor, Calecut, porque os capitães que sayão das fortelezas lhe escreuerão que estauão prestes, que lhe désse suas embarcações; o que assy foy feito com o sacretario, que mandou a ysso, porque elle Gouernador os nom podia hir meter de posse em pessoa os entregando ás fortelezas, *e* se forão a Cochym, onde lhe derão capitanias das naos da carga em que vierão os mesmos capitães, que assy vinha per regimento d'ElRey: em que em Cochym se ajuntou muyta gente, e se daua grande pressa na carga, porque Lopo Soares trabalhaua por leuar boa carga pera prazer d'ElRey, *e* o Gouernador trabalhaua por dar bom fruyto a ElRey no seu primeyro anno, que tanto auiamento se deu que em Calecut ouve carga pera duas naos, e tres em Coulão, que erão d'armadores; e Lopo Soares mandou nauios a Calecut buscar a pimenta, e a que auia em Cochym mandaua repartir por todas as naos, que forão catorze, e n'elles repartir a canella e drogas, determinado a partir com todas as naos juntas, pera que em Cananor estaua prestes grã soma de gengiure, e pexe seqo, cocos, azeite, e amarras pera todas as naos, em que tanto auiamento se deu que n'estas naos forão carregados cincoenta e seis mil quintaes de pimenta, e vinte mil de drogas; a mór carga que se nunqua fez, postoque a pimenta nom foy muyto apurada, com que no Reyno se achou grande quebra, que se embarqou verde e molhada, e *com* mestura de pedra.

Despachadas as naos, Lopo Soares se foy despedir d'ElRey e tomar suas cartas; e se despedio do Gouernador com muytas amizades, ficando

o Gouernador em Cochym dando ordem aos nauios que se auião de varar e concertar pera fóra, e prouendo outras cousas que comprião, em que fez muyta detença.

Lopo Soares foy por Calecut, e se despedio d'ElRey, e tomou suas cartas pera ElRey, e se foy a Cananor, onde se ajuntou com todas as naos, que todas forão bem auiadas, e com todas juntas se partio a quatro dias de janeiro de 1519.

E foy tão ditoso em sua viagem que postoque no caminho muytas naos se apartarão todas se ajuntarão com elle na ilha Terceira, onde estauão seis carauellas armadas pera hirem em sua companhia. Partio da Terceira, entrou em Lisboa com huma maré, e com todas catorze naos sorgio diante dos paços d'ElRey, e logo foy desembarcado, e beijou a mão a ElRey, que o recebeo com honra e não com bom gasalhado, polos desgostos que tinha. O que conheceo em ElRey, e dando suas cartas e cousas que leuaua do Gouernador e dos Reys, pedio por mercê a ElRey que lhe désse licença pera hir ter seu aluoroço com ver suas filhas a Torres Vedras; do que a ElRey aprouve; e beijando a mão á Raynha se foy a casa da Raynha dona Lianor pera lhe beijar a mão, e esteue grande espaço esperando, e per derradeyro lhe mandou dizer que então nom podia, que tinha acupação. Dando este recado a Lopo Soares huma molher porteira, elle lhe dixe: «Dizey á Raynha nossa senhora, que se me nom quis» «ver por meus pecados, que Nosso Senhor me verá, porque fiz verda-» «de e justiça.

D'ysto foy a causa porque, como chegou a Cochym, que veo de Ceylão, fez com o Gouernador Diogo Lopes de Sequeira que julgasse o feito da morte de dom Aluaro da Silueira, que no estreito, no poço d'agoada matára ás lançadas Jeronymo d'Olliueira, filho d'Antão d'Olliueira guarda mór da Raynha dona Lianor; do que se escusaua o Gouernador, dizendo que tinha o preso calidade pera ser enuiado ao Reyno, onde o caso fosse sentenceado. Lopo Soares lhe dixe que nom tinha calidade, porque seu delito era trayção, que matára seu capitão, e nom tinha liberdades; que elle já o tiuera julgado, se nom fôra sospeito, porque dom Aluaro era seu sobrinho. Em modo que o Gouernador se nom póde escusar, e vio o feito com João do Souro, bom letrado, e com outros fidalgos, que o entenderão, que o condenarão á morte, e morreo degolado ao pé da picota, com pregão porque matára seu capitão, sem o nomearem por tré-

dor. E por esta causa, porque o pay tiuera a noua do filho chegando as naos á ribeira, e o fez saber á Raynha, de que ella foy anojada, por ysso nom o quis ver a Raynha, e por ysso elle lhe mandou o recado que já acyma dixe.

E com a licença que já tinha d'ElRey se partio, e foy a Torres Vedras, onde tinha duas filhas em huma fremosa quintam; onde entrando aleuantou as mãos a Deos, dizendo: « Senhor, doute muytos « louvo- » « res », que me chegaste ao cabo de meu prazer que posso ter n'esta vi- » « da, que d'aquy hirey á coua. »

Assy esteue em sua quintam, sem nunqua mais tornar á côrte, indaque o ElRey muytas vezes mandou chamar pera a demanda que lhe armarão os procuradores d'ElRey, em que era autor Fernão d'Alcaceua, dizendo que, por o nom deixar usar de seu cargo de védor da fazenda na India, causára perder ElRey tantos mil cruzados. Ao que Lopo Soares sómente respondia: « Vejãose os papés per juiz que faça verdade, » « que esta he minha justiça. » Sem embargo do que, ElRey mandou que em todo o caso viesse á corte e outra cousa nom fizesse, ao que elle respondeo que pedia por mercê a Sua Alteza por mercê, que ouvesse por bem escusalo do trabalho do caminho em hir á côrte; que se era pera as demandas de Fernão d'Alcaceua, que se nom queria defender d'ellas, e se daua por condenado, e s'emxecutasse em sua fazenda, que nada tinha tirado da casa da India, e se nom bastasse ally estaua com a que mais tinha; e se fosse necessario picota ally em Torres Vedras a auia pera toda' emxecução, onde estaua a pé quêdo; e se o chamaua pera lhe fazer mercê, que da que tinha estaua contente, pois o Deos trouxera onde estaua com suas filhas.

Lopo Soares foy na India muy acatado por ser temido de sua supita paixão causada de sua doença, até a viñda de Judá, que o muyto desacatarão. Na casa onde estaua ninguem se auia d'assentar, nem cobrir a cabeça sem lho elle mandar, que erão muy pouqas vezes. Homem a que nunqua derão presente nem banquete, nem ninguem ousou de lho dar, porque dizia elle que era grande offensa ao Gouernador da India ninguem lhe dar cousa de comer, pois o Gouernador o deuia ter melhor que todos; e as outras dadiuas era como trayção, saluo as que trazião os embaixadores, que forçadamente auia de soffrer seus costumes. Comia sempre á mesa com os fidalgos, que deu a milhor mesa que se nunqua deu

na India antes nem depois, de muyto perfeita em seruiço, limpeza, fartura e bons manjares. A todos em igual na India nom teue nenhum respeito, nem amisade com nenhuma pessoa. Era homem sequo de conuersação, de pouqua palaura, muy aspero na justiça. Foy homem que na India nom vio dos olhos molher nem dinheiro. Tinha hum seu védor, chamado Francisco de Franca, homem de muyto primor, que mandaua toda' sua casa, e tinha em poder tudo o que Lopo Soares tinha; com que trazia sua casa com muyto regimento de bom seruiço. Daua tres mesas: huma aos fidalgos e criados d'ElRey; [1] *em* outra comia o veador, com todo' homem que queria comer a ella, com os pages do Gouernador; e outra o capitão da guarda, com sua gente, e moços de casa; e todas em muyta auondança e bem seruidas. Passou mandado a*o* tisoureiro que passasse ao seu veador seus ordenados depois de vencidos. Todo o presente que lhe dauão os embaixadores mandaua entregar aos feitores, e tomar d'elles conhecimento em fórma, que leuou em suas arqas, que lhe acharão na casa da India. Do que mais passou no Reyno nom sey.

CAPITULO II.

DO QUE PROUEO O GOUERNADOR DEPOIS DE PARTIDO PERA O REYNO LOPO SOARES, EM GOA, E ARMADAS PERA FÓRA ANTES D'INUERNO.

Partidas as naos do Reyno, o Gouernador proueo nas cousas da ribeira, e fez capitão de Cochym Antonio Correa, seu sobrinho, filho d'Ayres Correa feitor primeyro que matarão em Calecut, hum dos moços que escondera o mouro Cojebequi, de que já contey no liuro primeyro; e o Gouernador partio pera Goa com toda' armada que tinha no mar, e foy a Calecut, onde logo lhe véo visitação d'ElRey per hum seu regedor, e com elle o naire dom João da Cruz, com que ElRey auia muyto prazer, contandolhe as tantas cousas que vira em Portugal. E mandou ao Gouernador offerecimentos de grandes amizades, e que as nom tiuera com Lopo Soares por *que* fizera mal ás cousas de seu amigo Afonso d'Alboquerque; e lhe mandou presentes de refresquos. O Gouernador proueo a for-

[1] *e* Autogr.

teleza do que lhe compria, e se partio; e outro tanto fez em Cananor, e se foy a Goa, onde proueo em muytas cousas, porque hindo de caminho foy ao porto de Baticalá, que tinha tapado dom Afonso de Menezes com huma galé, que nada quis o Rey obedecer até chegar o Gouernador, a que logo mandou messagem, e assentou tudo o que o Gouernador quis, e pagou as pareas de tres annos que deuia, porque ouve grande medo vendo tanta armada no porto. E em Goa o Gouernador logo entendeo no despacho d'Antonio de Saldanha, que logo [1] * deixára * em Baticalá quatro naos carregando d'arroz, ferro, açuquere, e em Goa acabou de carregar cinquo velas, que por todas forão noue, carregadas com muytas mercadarias d'ElRey, porque assy o trazia por regimento, que enuernando o Gouernador na India, elle fosse com grossa armada carregada de mercadarias, com que fosse correr até as portas do estreito, e per Adem, e fizesse toda' guerra que pudesse, e se fosse enuernar a Ormuz. O que elle n'esta viagem assy fez, que foy ao cabo de Guardafuy, e correo o mar, e foy dar nos lugares de Zeyla e Barbora, que são fóra das portas, que tomou, e destroyo com fogo, que tudo fiqou por terra; mas se acharão muytos mantimentos, que he o trato com que d'ally vão correr todo o estreito e Adem, que são muyto gado viuo e sequo, e manteigas, e mel o melhor que nunqua se vio, que tudo vem de dentro das terras do Preste João, que são comarcãs a estes lugares. D'aquy foy á vista d'Adem, e passou de longo, e correo a costa de Fartaque, e foy a Ormuz, onde vendeo suas mercadarias e fez muyto proueito, e concertou muyto bem alguns nauios que o auião mester, porque Ormuz tem boa ribeira pera tirar os nauios a monte. E se fez prestes, e como entrou agosto se partio com su'armada, e em sua companhia Pero d'Alboquerque, que trazia as pareas d'Ormuz, que fiqou em Mascate e em setembro se foy á India; e Antonio de Saldanha se foy deitar com suas naos espalhadas sobre a costa de Dio, onde estiuera da outra vez, em que tomou seis naos de Meca muy riqas, e lhe fogirão oito que derão á costa, que se perderão, em que morreo muyta gente e perdeo muyta riqueza. E tanta foy a riqueza das naos tomadas que valeo mais de duzentos mil cruzados o que veo a ElRey, e tudo Antonio de Saldanha vendeo, e d'ahy se foy a Cochym, onde achou o Gouernador.

[1] * deixar * Autogr.

Despachadas as cousas de Goa, estando pera partir, lhe chegou noua de Christouão de Sousa, que no rio de Ceytapor fizera detença com huma nao que ahy achára carregando, e entanto passára ao mar, que o nom víra, a carauella de Ruy Gomes, que foy ter á vista do rio de Dabul, e lhe sayrão tres fustas que com elle pelejarão, e andando ás bombardadas se acendeo fogo na poluora da carauella, com que ardeo toda e toda a gente. E ysto passado, d'ahy a quatro dias chegou a Dabul Christouão de Sousa com a mais armada, e nom entrou no rio pera fazer vingança da carauella, porque lho defendia o regimento que nom fosse a terra; e porque o vento era muyto, e o mar grande, arribou e se meteo na enseada dos malauares agardando que abrandasse o vento, e hy estando passou hum nauio que hia de Cananor carregado de fazenda pera vender em Chaul, que amanheceo sobre o rio de Dabul, d'onde sayrão seis fustas que o meterão no fundo, e matarão toda a gente. Do que veo noua a Christouão de Sousa, que por o vento ser brando se foy ao rio de Dabul, com vontade de tomar vingança d'estes males, e por nom ter mantimentos os foy tomar a Chaul, e se tornou, e entrou no rio de [1] * Quellycy * com os bateys e fustas, e foy queimar huma pouoação, e naos varadas que ahy estauão. E se tornando a recolher acodio sobre os nossos, que erão cento e mal [2] * armados, hum * tanadar com trezentos frecheiros, sem chegar a pelejar, sómente ás frechadas lhe fez tanto mal que os pôs em fogida. Christouão de Sousa, e Lourenço Godinho, e Francisco de Sousa Tauares, e outros, que erão dez ou doze que ficarão de trás, nom se podendo emparar das frechas se vierão meter nos bateis com muyto trabalho, ficando alguns mortos e mais de cincoenta feridos de frechadas, porque como os tiros lauorarão * mal * os frecheiros se forão zombando; com que Christouão de Sousa e todos forão tristes, com que se forão a Goa, e Christouão de Sousa se foy a Cochym, onde já estaua o Gouernador, a que deu desculpa de seus desastres, de que se mostrou sem culpa.

O Gouernador, sendo enformado de dom Aleixo e Fernão Peres da pouqa gente que ficára a Afonso Lopes da Costa, e da guerra contínua que lhe fazia ElRey de Bintão, ordenou de lhe mandar prouimento, e deu a capitania de tres velas a Antonio Correa, capitão de Cochym, com li-

[1] * Calaci * segundo *Cast.* L. V, cap. III. [2] * armados veo hum * Autogr.

cença que prouendo Malaca, que ficasse segura, fosse fazer viagem á China. Ao que Simão d'Andrade apresentou hum aluará d'ElRey que lhe daua viagem pera' China, vindo seu irmão Fernão Peres; que lhe o Gouernador guardou, e lhe deu huma nao em que fosse, e com elle até Malaca Gracia de Sá pera secorro de Malaca, e Antonio Correa que depois de Malaca ficar assentada fosse assentar pazes em Pegú e Martabão, e trabalhasse por carregar quanto alacre pudesse, porque ElRey lho muyto encarregaua, que valia muyto no Reyno. E forão com Antonio Correa, Antonio Pacheco em huma carauella redonda, que auia de ficar em Malaca por Capitão mór do mar, e Francisco de Sequeira em hum bargantym, os quaes todos partirão de Cochym em abril e entrada de maio.

Despachadas estas cousas, que foy entrando o inuerno, o Gouernador com toda a gente se acupou na ribeira, varando muytos nauios, que mandou correger e fazer outros de nouo, fazendose prestes com grande armada pera entrar o estreito de Meca em busca dos rumes, e * pera que * pelejasse com elles onde quer que os achasse, e trabalhasse por leuar o embaixador Matheus ás terras do Preste, e ouvesse enteira enformação de suas cousas. E porque trazia muyto a cargo que ouvesse todo o alacre que pudesse, sabendo o Gouernador, per enformação de mercadores, que vinha muyto á costa de Choramandel polas naos de Pegú e Martabão, que lá corrião aquella costa, a buscar roupas pintadas e tecidas de côres que se fazem em [1] * Paleacate *, que he costa de Choramandel, e d'ahy o trazião mercadores a Cochym, com que o Gouernador falou; e tomando boa enformação de tudo, mandou hum frólentim, chamado Pero Escroco, seu conhecido, que era bom homem de tratar, o mandou por feitor á costa de Choramandel, que estiuesse em hum lugar chamado a [2] * Canhuneyra *, em que auia grandes mercadores, e muytas naos que tratauão pera' outra costa de Pegú, Martabão, Bengala. E auia no lugar muyto ferro e barato, e muytos officiaes que o laurauão, onde o Gouernador mandou fazer muytas fateixas pera galés e fustas, e ancoras pera nauios pequenos, e muytos arqos pera pipas, e barrís, e outras muytas ferramentas pera prouimento dos almazens, alauanqas, picões, en-

[1] * Palacate * Autogr. [2] Parece ser uma povoação maritima a que Barros chama Canhameira, no reino de Besnegá. V.ª *Dec. I.* Liv. IX, cap. 1.º

xadas, machados, e muyta pregadura. E deu regimento ao feitor que com toda' mansidão fizesse suas cousas, por ser terra noua.

Pôs o Gouernador grande defesa que nenhum homem passasse do cabo de Comorym pera lá, porque nom fossem fazer males na terra com que a danassem. E em fauor do feitor mandou hum João Moreno, irmão de Lourenço Moreno, feitor, em huma carauella armada, com que senhoreasse o mar; ao qual mandou que désse cartazes ás nauegações dos lugares da costa, em que nom fizessem nenhum mal, e assentasse toda' paz: o que elle fez as vessas, que fez grandes roubos e males, porque toda a gente era muy fraqua no mar e na terra; e tolheo as nauegações, e nom daua licença senão com lhe darem muyto dinheiro, que forçadamente lhe dauão os digares, que são senhores dos lugares, e pagão muyta renda a*o* senhor da terra, que he ElRey de Bisnegá, e elles são como rendeiros, e como faltão com a renda costumada, se nom pagão, lhe fazem grandes justiças, e por esta causa são assy sogeitos. O Gouernador, auida enformação do feitor do muyto proueito da terra, mandou pera lá alguns homens de sua valia pera se aproueitarem, que se assentarão polos lugares tratando, do que muyto folgarão os digares pera terem fauor pera suas nauegações; com que os nossos armauão e mandauão suas fazendas, e então abrirão as nauegações d'esta costa pera Bengala, Tanaçarim, Pegú, Martabão, em que os nossos hião nas embarcações dos mercadores ás vezes em trajos como os da terra; em que muyto descobrirão os tratos, e se fizerão muy ricos, e erão muyto possantes nas terras de toda a costa de Choramandel, polo fauor que com elles tomauão os digares da terra, que o João Moreno lhe nom fazia tantos males como fazia.

Tambem o Gouernador despachou pera as ilhas de Maldiua João Gomes Cheiradinheiro, por capitão, que o trouxe por ElRey; ao qual deu huma carauella, e duas fustas, e hum catur, com boa gente, que em todo erão cento e vinte homens, e bem artilhados, e armados de todo o que lhe compria. O qual foy correndo per antre as ilhas, e tomou duas naos que vinhão da costa de Tanaçarim e Martabão muyto riqas, que aportarão nas ilhas, e atrauessauão pera Meca; das quaes tomou a gente que ouve mester e a outra vendeo aos das ilhas, e assy as mercadarias, em que fez muyto dinheiro; e andou roubando as propias ilhas como quis; ao que, 'alguns homens que lho dizião que era mal feito, elle

dizia que ElRey lhe dera aquillo em pagamento de muytas feridas que ouvera em seu seruiço. E acabando de correr tudo se foy aposentar na principal ilha, que se chama Mafacalou, onde estaua o Rey d'ellas, e se aposentou em huma ponta que fazia a ilha, a qual atrauessou com [1] * forte * tranqueira, e dentro fez casas de palha e alpenderes em que a gente se agasalhou, e assentou 'artelharia, e se fez muyto forte; e pegado na terra, que era alcantilado, pôs a carauella pegada na terra, e as fustas e catur; d'onde ás vezes João Gomes mandaua as fustas a correr e andar aos roubos que podião. E tomauão na terra muyto cairo, e panos, e pexe seqo, que he grande mercadaria; e ysto que tomaua pagaua como queria; com que toda a gente se tanto escandalisou que esquiparão hum barqo pequeno, a que chamão quyste, que muyto correm á vela, e o mandarão a Calecut em busca do Baleacem, que nom acharão. Mas Patemarcar, que então era aleuantado, mouro principal de Cochym, mercador, que se aleuantára por lhe os nossos tomarem no mar duas naos muyto riquas e contra toda rezão; o qual mouro se fez armador de paraos, que armou de gente e artelharia, ajudado d'outros mouros, e auendo recado dos mouros das ilhas, dos muytos roubos que os nossos tinhão feitos e como estauão na terra d'assento, o mouro se armou com doze * paraos * com boa gente bem armada e artelharia, leuando o quyste que os encaminhou; e bem concertados forão dar de supito sobre os nossos, que de nada sabião e estauão descançados como em suas casas, e como os mouros hião já repartidos e prestes, seis paraos forão abalroar a carauella, em que nom estauão senão pouqos marinheiros dormindo, que derão n'elles antemenhã, em que logo deitarão muytos materiaes de fogo. E as fustas e catur forão abalroados pelos outros seis paraos, que logo matarão os que dentro estauão e os tirarão pera o mar. Então se meterão ás bombardadas com os nossos que estauão em terra, que nom tinhão nenhuma defensão nem emparo da banda do mar; com que todos forão mortos, e feridos, e outros fogirão polo mato, onde forão mortos da propia gente da terra polos males que lhe tinhão feito. Onde assy morreo João Gomes e todos os portugueses, e a carauella * foy * queimada, e as fustas e catures [2] * leuarão * os mouros com toda 'artelharia, e leuarão muyta riqueza dos roubos que os nossos tinhão. Ao que acodio o Rey da

[1] * porte * Autogr. [2] * leuam * Id.

ilha, que inda recolheo algum fato, e dous tiros grossos que os mouros nom quiserão recolher, porque nom os podião leuar em seus paraos, que erão pequenos.

CAPITULO III.

COMO O GOUERNADOR ENUERNOU EM COCHYM CONCERTANDO 'ARMADA PERA HIR AO ESTREITO DE MECA, E O QUE SE PASSOU NO INUERNO.

Entrado o inuerno, o Gouernador se meteo em trabalho de concertar su'armada, e com todolos fidalgos e gente andaua sempre na ribeira, varando os nauios, e concertando e fazendo outros de nouo, dando em todo muyto auiamento, com determinação de ter acabada sua armada, e muyta pimenta prestes pera carregar as naos do Reyno prestesmente, que lhe nom fizessem estoruo ; e em tudo fazendo grandes gastos, porque tinha muyto dinheiro que Antonio de Saldanha trouxera das prezas. E porque acodia muyta pimenta, fez de longo da casa da feitoria, que estaua fóra da forteleza, grandes casas, muy compridas, forradas per dentro de madeira, com seus payoes pera n'ellas enceleirar a pimenta, que fez pera ella tres casas d'estas, e outra pera as mercadarias do Reyno, e outra pera [1], e outra pera os mantimentos, e outra pera as cousas do almazem, que forão sete casas ; cousa muy bem feita, que se muyto auião mester. Então per fóra de todas fez huma parede grossa e alta como muro, pegada na forteleza de longo da pouoação, e no cabo fez huma torre quadrada, d'onde o muro fez volta pera o mar, com porta fechada pera a ribeira, e no cabo hum grosso cubello oitauado, sobre que mandou fazer huma casa de madeira, em que hia estar ao despacho, e fazendo apercibimento de todas as cousas, e alardos da gente armada, a que fez pagamento de seus vencimentos geralmente, que o mantimento se pagaua cada mez a cada homem na mão.

N'este inuerno, per costume dos malauares fazem huma grande festa a seus pagodes, em que se fazem muytos ajuntamentos de homens e molheres louçãos de seus pannos, e arriados com suas joyas d'ouro ; a qual festa se faz geralmente em todo o Reyno do Malauar, e a faz cada Rey e senhor em suas terras, onde se ajuntão seus vassallos, e fazem grandes gastos, e se ajuntão primeyro dez e doze dias em cabildas e ma-

[1] Falta no original a palavra que devia declarar o destino da quinta casa.

gotes, e fazem bandos como moços d'escola polo entrudo, e se apartão em capitanias, e fazem seus jogos d'armas pelejando huns com outros ás tardes, pelejando com regeitos de páos, e fundas, e frechinas d'arquos de cana e palmeira. Nos primeyros dias começão com estas cousinhas como de folgar, e tomão tanto a ponto d'honra nom sayrem vencedores do campo que per derradeyro vem a guerra crua, e se matão huns a outros, e tudo fica em modo de folgar como torneos, e elles chamão * a ysto * pará, e acabado todo mal huns com outros ficão amigos como d'antes erão. E durão estas parás doze dias, sempre á tarde, até o dia da festa principal, que a bespora he o mór pará, em que se ajuntão todos, que fazem batalha ordenada ás cutiladas e lançadas, em que muytos ficão mortos. E tem elles que suas almas são saluas, porque assy morrem fazendo festas a seus pagodes.

ElRey de Cochym, que n'este inuerno fez grande festa d'estas [1] * cousas, tendo * ordenados grandes jogos de feguras e aruores de fogos arteficiaes, cousa muyto pera vêr, mandou ElRey muyto rogar ao Gouernador que fosse vêr o derradeyro pará, e veria a festa dos fogos; porque em hir vêr sua festa lhe fazia muyta honra. Do que aprouve ao Gouernador, por dar contentamento a ElRey polo bom auiamento que lhe daua na pimenta; ao que o mais encitarão muytos fidalgos que desejauão de vêr a festa. Ao que foy o Gouernador a cauallo, com os da sua guarda, e muytos fidalgos a cauallo com seus remeções, e foy muyta gente de pé com sómente suas espadas.

E sendo já muyta gente no campo, chegou o Gouernador, e logo sayo ElRey em cyma de seu alifante a vêr o pará; que se pôs afastado fóra do campo, como tambem estaua o Gouernador ao outro cabo. Ao que logo os do campo se puserão em suas batalhas, e começarão seu jogo, em que se vierão 'acender tanto que fiqou em crua batalha, e huma das partes se foy melhorando e ganhando campo, dando suas grandes gritas, e os que se forão retraendo forão ter á parte onde estauão os portugueses, que tambem se forão afastando do campo; mas ouve alguns tão sandeus que se nom quiserão afastar, antes se meterão a fauorecer os que vinhão fogindo, os quaes tomando fauor dos portugueses cobrarão coração e tornarão contra os imigos que os vinhão seguindo, em que a

[1] * cousas e tendo * Autogr.

peleja foy muy grande. O que sentindo os vencedores, que os portugueses lhe querião tirar a honra que tinhão ganhada, como homens danados começarão a dar nos portugueses; ao que acodirão outros portugueses, em que se a cousa começou a trauar brauamente.

O que vendo o Gouernador mandou Christouão de Sousa que fosse recolher os portugueses; ao que elle correo, e forão após elle outros sete ou oito seus amigos, assy correndo a cauallo. Os naires vencedores, vendo hir os de cauallo, cuidarão que os de cauallo hião ajudar contra elles, se ajuntarão contra os de cauallo pelejando com elles, e derão a Christouão de Sousa huma frechada em hum cotouelo, de que fiqou depois aleijado, e apretarão tanto com elles, que nom tinhão mais que remessões que logo lhe cortarão, e assy com a gente do campo, que os arrancarão do campo e os leuarão de vencida polo campo abaixo, emburilhados com elles os portugueses, ferindo alguns; e se forão chegando pera onde estaua o Gouernador. Ao que toda a gente se desmandaua, o que vendo o Gouernador, sayo, e entrou no campo a fazer apartar e cessar a peleja; ao que ElRey tambem mandou os seus caimaes que com elle estauão. Os portugueses, vendo entrar o Gouernador no campo, nom sabendo ao que hia, cuidarão que hia acodir aos portugueses, e entrarão após elle pelejando, e assy os alabardeiros fazendo com as alabardas afastar a gente; e outros homens cuidarão que o Gouernador pelejaua e forão correndo á forteleza, bradando polas ruas que o Gouernador pelejaua; ao que se deu repique no sino, e acodio muyta gente com armas, e muytos escrauos e criados dos fidalgos, que corrião a lhe leuar lanças e adargas a seus senhores que erão com o Gouernador. Ao que se ajuntarão mais de mil lanças em espaço de mea hora. O Gouernador correo atrauessando o campo por antre a gente das batalhas, sendo alguns portuguezes feridos; ao que chegou a gente da forteleza, o que vendo o Gouernador se indinou a dar nos naires do campo, porque todos os fidalgos lho bradauão, e o nom fez porque ElRey em seu alifante entrou após elle no campo, e andaua apartando a gente, que era já quagi noite. Com que tudo foy apartado, e ElRey mandou visitar o Gouernador per hum seu regedor, e muyto rogar que ao outro dia fosse vêr a festa, que nom auia d'auer pará. Do que o Gouernador se escusou, mas foy toda a gente; onde todo o dia se fizerão grandes jogos e volteadores até ser noite, que se fizerão os arteficios de fogos arteficiaes, e per derradeyro huma

aruore de arteficios verdes, azues, amarellos, e resprandicentes, tirando 'aruore muytas bombardadas, e deitando muytos foguetes altos e resteiros por antre a gente, que os reuoluia; e per tal endustria, que durou de mea noite até pola menhã: cousa muy gostosa de vêr.

O Gouernador passando assy o inuerno, e entrado o verão e passado setembro, vendo que nom auia nouas de naos do Reyno, ordenou carregar duas naos d'armadores, que andauão na India auia tempos, e elle as tinha concertadas muyto bem de nouo pera as leuar ao estreito; huma d'ellas chamada São Thomé, e lhe chamauão Pagode, que era má de vela, e outra a Nazaré, que erão dos Loronhas; e fazia fundamento de nom mandar outras naos, porque as nom tinha, e estas mandou carregar, e como entrou agosto mandou a Ceylão duas carauellas pola canella, que vierão a seu tempo, e foy deitando 'armada ao mar e metendo n'ella suas moniçóes, e embarcando a gente, e mandando que se fossem agardar a Goa, onde se auia d'ajuntar com toda' armada. E andando assy n'este auiamento, chegou a Cochym, já nouembro, Francisco da Cunha, que veo do Reyno, e se apartou da outra armada passado o cabo, e tomou por fóra da ilha de São Lourenço, e foy tomar terra além de Calecut pera Cochym, e sabendo de humas almadias de pescadores que o Gouernador estaua em Cochym se foy lá, e chegou como digo.

ARMADA DE CAPITÃES,

QUE DO REYNO PARTIRÃO, ANNO DE 1519.

CAPITULO IV [1].

CHEGADO assy Francisco da Cunha a Cochym, deu noua que de Lisboa partirão estas naos, a saber, o doutor Pero Nunes pera veador da fazenda e capitão de Cochym, com grandes poderes, porque nom ficasse em vão como fizerão a Fernão d'Alcaceua; e partio de Lisboa com bandeyra na gauea, e assy com bandeyra na gauea Jorge d'Alboquerque pera capitão de Malaca, e Rafael Perestrelo, e Rafael Catanho, e Diogo Caluo em uma nao de dom Nuno Manuel; estes tres pera hirem á China: Diogo Fernandes de Beja pera capitão de huma forteleza que ElRey mandaua fazer em Dio, e Christouão de Mendonça, e Christouão Fernandes capitão e mestre da nao d'armador, e Lopo de Brito pera capitão de Ceylão, e Pero da Silua pera capitão e feitor das mercadarias e drogas pera Ormuz, com armação de contrato pera se ganhar muyto dinheiro pera o casamento da Raynha Madama Lianor, com officiaes ordenados, que nada veo a effeito, como se adiante dirá; e Francisco da Cunha na nao Santo Antonio Chyllas, e Vicente Gil armador, e Manuel de Sousa em hum galeão, cunhado d'Aluaro Fernandes corregedor da corte, o qual se perdeo na ilha de Monfia, e a gente se saluou que foy ter a Moçambique; em outro galeão dom Antonio de Meneses, sobrinho do Marquez, que arribou a Portugal e nom veo, e em outro galeão dom Luiz de Gusmão fidalgo castelhano, que andaua em Portugal omiziado, o qual embarqou comsigo muytos castelhanos seus conhecidos, logo detriminado pera na

[1] Falta no original.

India se aleuantar, e com elle muytos portugueses, o qual vindo em caminho lhe quebrou o leme, com que tornou ao Brasil a fazer outro, e porque o piloto, valente homem, com outros de sua valia, que entenderão que o castelhano leuaua esta má tenção, andauão d'auiso, o que o castelhano entendeo e se amotinou com os seus, onde logo no Brasil por guerra com os da terra foy morto o piloto e muytos dos portugueses, com que o castelhano com os seus fiqou poderoso, e teue modos desimulados com que tomou as armas aos portugueses, com que os prendeo em ferros, e matou e enforcou outros, e se tornou em volta de Portugal, e antre as ilhas Terceiras, per manhas, tomou outros nauios e fez muytos roubos, com que foy ter a Gomeira, onde pelejou com outro nauio, em que lhe quebrarão a verga grande. Então fogio em outro nauio que tinha tomado, e se foy aos portos de Castella vender os roubos, e fogio pola terra dentro.

Toda a outra armada seguio seu caminho cada hum por onde podia, com que huns forão a Moçambique, que nom passarão, outros passarão per fóra da ilha de São Lourenço, como foy Francisco da Cunha, o primeyro que chegou a Cochym, e depois Vicente Gil, e Christouão Fernandes, e Pero da Silua em Santa Caterina de Monte Sinay, e as outras duas que o Gouernador tinha concertadas todas forão logo carregadas porque auia pimenta pera todas, porque o Gouernador escreueo a ElRey suas cousas, e as naos forão a Cananor tomar o gengiure e se partirão.

E por nom ficar por contar os aquecimentos dest'armada, de que já disse os que passarão e arribarão ao Reyno, Manuel de Sousa em seu galeão cometeo caminho a passar á India já em setembro, com que nom podendo passar, e por falta d'agoa, polo que lhe muyta gente morria e tinha doente, arribou á costa de Melinde, e auendo vista da terra forão ao longo d'ella e ouverão vista de hum lugar, e sorgirão, e o capitão se meteo no batel com berços e pipas, e corenta homens armados, com o mestre, * e * se foy a terra, que fazia como baya. Correndo ao longo da praya, antes de chegar ao lugar, virão huma agoa que corria ao mar, onde sayrão em terra, e acharão que a agoa era muyto boa, e começarão a carretar com barrís e encher as pipas. No que assy estando, vierão mouros da pouoação a vender galinhas e cousas de comer com boa paz, e o dauão por pelotes, e jaquetas, e barretes, e faquas; no que os

nossos se descudarão que fiqou o batel em seqo, ao que acodirão todos pera o leuar ao mar, que era muyto esprayado, e nom tiuerão acordo de vazar as pipas pera o batel ficar leue, que o bem pudérão leuar. Os mouros, vendo a pressa dos nossos deitando o batel, se ajuntarão muytos com suas armas, que cerquarão os nossos e tanto com elles pelejarão que a todos matarão sem a nenhum dar vida. O que vendo os do galeão, que serião até vinte sãos que podião trabalhar, porque todos os sãos forão a terra e forão mortos, e estes, por serem assy pouqos e fraqos, nom derão a vela grande, sómente com o traquete e mezena nauegauão ao longo da costa, * e * forão dar em huma restinga na ilha de Monfia, junto de Bombaça, onde os mouros tomarão o galeão, e os matarão os doentes, e os sãos catiuarão e forão vender pola terra; e tomarão muyta fazenda do galeão. D'estes catiuos ouve á mão sete [1] * o Rey de Bombaça *, que mandou prender pera os matar com suas gazuas. Auia ahy hum mouro chamado Faque, que sabia nossa fala, que estiuera em Quiloa no tempo da forteleza, o qual fôra xeque em Moçambique e o deitarão fóra do cargo porque nom teue que dar; o qual mouro, cuidando que por ysso lhe os nossos e o Gouernador farião muyta mercê, arriscou sua vida, e furtou estes portugueses da prisão em que estauão, e escondido com elles polos matos, e polo mar e pola terra, com muytos trabalhos os passou á costa de Fartaque, e todos com modos de mouros perdidos, pedindo esmola, os saluou e leuou a Mascate, e os entregou a Jorge d'Alboquerque, que hy estaua por Capitão mór d'armada, como adiante contarey, e das mercês que por ysso lhe fizerão. E porque Heytor Rodrigues escreueo ao Gouernador que tinha muyta necessidade tornar a fazer a coiraça pera o mar, que lhe cayra, e concertar outras cousas da forteleza, que muyto comprião, o que elle se as bolisse tinha certo a guerra, porque em Coulão estaua muyta gente do Rey grande, que lhe auião de fazer a guerra; * e * compria que elle em pessoa lá fosse antes que se partisse, porque a Raynha muyto folgaria, porque o Rey grande lhe fazia auexamentos por ser mais poderoso, o Gouernador, vendo o muyto que compria conseruar Coulão por bem de sua pimenta com que fazia tamanha ajuda, tanto que chegou Francisco da Cunha e soube as nouas do

[1] O que Gaspar Correa diz, a pag. 594, nos habilitou para reparar a falta que ha no texto.

Reyno, encomendou o auiamento das naos a dom Aleixo de Meneses, que deixou com seus poderes, e elle em huma galé, e tres carauellas, e duas fustas se foy a Coulão, onde já Heytor Rodrigues tinha tudo prestes, que logo mandou trabalhar na obra; e o Gouernador andou vendo tudo; e por derrador da torre mandou fazer outro muro forte, com bombardeiras com porta muy forte, e mandou desfazer casas de palha e cortar aruores, e fez grande terreiro diante da forteleza, e derrador de huma casinha, que ahy estaua, do apostolo São Thomé, que ahy fizera hum seu dicipulo, que o Gouernador mandou fazer de nouo mais grande. O que vendo hum capitão do Rey grande, que era vindo com a gente, falou com a Raynha que nom consentisse fazer aquella obra, e tambem lhe veo carta do Rey grande á Raynha, dizendo que tal nom consentisse e désse ajuda com sua gente, e nom consentisse fazer nada: ao que a Raynha, por comprimento, mandou seu recado ao Gouernador, dizendo que nom era boa amizade o que fazia, pois sem sua licença em sua terra fazia forteleza; que tal nom fizesse, e lho rogaua como amigo que mais nom fizesse do que estaua feito, porque lho nom consentiria. O Gouernador, que de tudo estaua auisado, respondeo á Raynha que o que elle fazia ella lho deuia muyto d'agardecer, e mandar á sua gente que o ajudasse a fazer a obra; porque com ally estar forteleza era pera estar segura e firme a boa paz, que com ella pera sempre aueria antre ella e ElRey de Portugal. E que olhasse ella que as nossas fortelezas, feitas de boa amizade em Cananor e Cochym, quanto bem, e proueito e honra tinhão ganhado os Reys; que ElRey de Portugal nom fazia fortelezas pera tomar as terras; que com a borda do mar se contentaua pera ter seguras suas mercadarias e gente, porque lhe nom fizessem como fizerão em Calecut, que por o Rey ser máo, e falso, elle causou perder todo seu estado, nom querendo obedecer ao poder d'ElRey de Portugal, que por ysso lhe fizerão tanto mal, até que conheceo seu mal, e pedio amizade, e elle deu e fez a forteleza, com que agora viue em paz e torna a ganhar suas perdas; e que portanto ella Raynha lançasse bem suas contas, do bem e proueito que lhe podia vir querendo ter guerra, e nom a boa paz em que estaua.

A Raynha e os seus, vendo tal reposta do Gouernador, praticando os grandes males que erão passados, e com tamanhas perdas, mortes de gentes, perda das rendas do mar e da terra, e o muyto que custaria ago-

ra mouer guerra, todos assentarão que a Raynha estiuesse na paz que estaua, porque o Rey grande nom lhe auia de pagar suas perdas que por ysso lhe [1] * viessem * ; e sem responder nada ao Gouernador, folgou que a obra se fizesse, como se fez, quanto o Gouernador quis. Deixando na forteleza artelharia e gente, e todo o que compria, em muyta auondança, se tornou * o Gouernador * a Cochym, onde já as naos do Reyno todas erão partidas ; e deu muyta pressa aos nauios de su'armada que mandaua que fossem agardar a Goa, em que mandou embarquar muyta madeira, pregadura, padezes de campo, escadas, bancos, vaesuens, enxadas, picões, alauancas, e muytos arqos de pipas, e barrís de ferro, e fateixas que vierão da Canhuneyra ; e per derradeyro de todos fiqou o Gouernador que se foy despedir d'ElRey de Cochym, fazendolhe entrega da forteleza e moradores, entregandolhe as chaues da forteleza, como era costume, muyto lh'encomendando a pimenta : de que tudo ElRey se muyto encarregou.

O Gouernador mandou a Antonio Correa, capitão, que concertasse nauios velhos que ahy ficauão, e que os mandasse d'armada pola costa até entrar o inuerno ; e se partio o Gouernador pera Goa, e foy visitando Calecut e Cananor do que compria, e de Baticalá leuou muytos mantimentos, com que se foy a Goa, onde ajuntou toda su'armada.

CAPITULO V.

COMO O GOUERNADOR SE PARTIO DE GOA, E 'ARMADA QUE LEUOU PERA O ESTREITO DE MECA, E FIQOU DOM ALEIXO NA INDIA COM PODERES DE GOUERNADOR.

O Gouernador em Goa deu muyta pressa á sua partida, e mandou embarqar n'armada todolas cousas que auia de leuar, em muyta auondança, pera todo o que podia auer mester segundo a determinação que leuaua, e se partio da barra de Goa em janeiro do anno de 1520, leuando cinco galeões que fizera de nouo, e cinco galés reaes, e tres bargantys, e o mais naos e nauetas, e carauellas redondas, e huma latina, e elle embarcado na nao Santo Antonio de Chyllas, em que viera Francisco

[1] * viesse * Autogr.

da Cunha, que era nao grande que demandaua pouquo fundo; que per todas forão corenta e duas velas, em que forão muytos fidalgos e gente muy limpa, em que os capitães forão, a saber, Antonio de Saldanha, Pero de Faria, dom João de Lima, Christouão de Sá, Fernão Gomes de Lemos, Antonio de Lemos seu irmão, Antonio de Brito, Bastião de Sá, Jeronymo de Sousa, Diniz Fernandes de Mello, Antão Nogueira, Manuel de Moura, Christouão Figueira, Nuno Fernandes de Macedo, Jorge d'Orta, Aluaro de Crasto, Aluaro Mendes de Vascogoncellos, Antonio Raposo, Jorge Barreto, Francisco de Tauora, Duarte de Mello, Antonio Ferreira, Pero de Meira, Francisco de Gá, João Pereira de Lacerda, Fernão de Resende, Antonio de Miranda d'Azeuedo, e outros honrados fidalgos e caualleiros.

O Gouernador esteue na barra alguns dias com detença do embarcar da gente, e ordenou que mandou logo partir Antonio de Saldanha, que fosse diante agardar em Çacotorá, e foy na sua nao, e com elle Antonio de Brito em huma naueta, e Jorge Barreto em huma galé, e Fernão Gomes de Lemos em outra, e Antonio Raposo em outro nauio, que partio já na entrada de feuereiro, e foy auer vista da ilha de Çacotorá em huma ponta em amanhecendo, e correo de longo da terra, hindo as galés diante huma legoa, pera hir sorgir no Çoco, onde primeyro estiuera a nossa forteleza. No porto estaua huma carauellinha que ElRey mandára com cartas depois das naos partidas, e lhe mandou ElRey que fosse andar no cabo de Guardafuy, aguardar polo Gouernador que auia de hir ao estreito; e n'ella vinha por capitão e piloto e mestre Pero Vaz de Vera, que fôra de qua por piloto com Lopo de Vilhalobos, que mandou Lopo Soares, de que já contey; o qual chegando a Çacotorá, que achou nouas que o Gouernador nom era passado pera o estreito, se deixou estar na ilha agardando por elle, e por temor que tinha de galés de rumes tinha sempre boa vigia em cyma no masto, e assy estando n'esta menhã o que estaua no masto, auendo vista das nossas galés, logo bradou: « Senhor capitão, vem galés correndo de longo da terra. » Com o que todos com grande medo logo se fizerão á vela fogindo pera o mar, atreuendose na vela com que corria muyto, e a carauella era das carauellas pescarezas d'Alfama, que se buscou a mais veleira, em que se meterão mantimentos pera vinte e cinco homens, que nom cabião mais, e com dous falcões e quatro berços que trazia debaixo de cuberta. E cor-

rerão pera o mar, que o vento era da terra, e sayndo pera fóra virão a outra galé mais atrás, e os outros nauios que hião em fio, com que ficarão mortos de medo.

As galés, auendo vista da carauella que saya da terra, que era longe, se forão alargando da terra após ella, que a forão alcançando porque o vento foy afracando, com que a carauella, vendo que no mar com o vento calma as galés a tomarião, se tornou a fazer na volta da terra, com que as galés a forão mais entrando, que reconhecerão ser carauella, com que aleuantarão as velas nos palancos, e de cyma do masto lhe capeauão com bandeyra de cruz de Christus; o que reconhecendo os marinheiros o bradauão ao capitão as galés erão nossas, que mostrauão bandeyra e nas velas trazião cruzes de Christus, mas o Pero Vaz, com medo, dizia: « Homens mancebos, eu são velho, e estes rumes nom me » « hão d'enganar, que os rumes são muyto manhosos. » E postoque já as galés erão muyto perto, com medo nom reconhecião os nossos, até o vento ser de todo calma, com que a carauella nom póde chegar a varar na terra como era sua vontade. Até que de todo conhecerão que erão nossa armada, com * que * tornarão as almas aos corpos, e tambem chegou Antonio de Saldanha com Diogo de Saldanha seu sobrinho, e Antonio de Brito, o velho, caçador mór d'ElRey, que hião nos outros nauios, e hum bargantym pera seu seruiço, onde Pero Vaz, capitão da carauella, deu cartas d'ElRey 'Antonio de Saldanha, e todos com muyto prazer. E estiuerão na ilha tres dias, e se partirão pera o cabo de Guardafuy, como leuaua por regimento do Gouernador, que nom sabia se tomaria Çacotorá, que por ysso o fosse andar agardando ao cabo de Guardafuy até o monte de Feliz.

Partido Antonio de Saldanha pera o cabo com a carauellinha em sua companhia, ao outro dia ouverão vista d'armada do Gouernador que parecia atrás, polo que se puserão á corda, e a carauellinha fez volta e foy saluar o Gouernador com bandeyras e su'artelharia; com que ouve muyto prazer em toda' armada, porque trouxe multidão de cartas pera muytas pessoas.

O Gouernador fez detença a partir de Goa por recolher mais mantimentos, porque fez alardo polos roes dos escriuães dos nauios d'armada, e achou que hião n'armada mil e oitocentos homens branquos, e oitocentos escrauos de peleja, e setecentos canarís e malauares a soldo, polo

que fez detença de tres dias * em * tomar mantimentos, e despedir dom Aleixo de Meneses com seus poderes, que se tornasse a enuernar a Cochym, e durando o verão mandasse armada em guarda da costa até o cabo de Comorym, como mandou João Gonçalues de Castello Branco em huma carauella e tres fustas; e em Goa pera Cambaya o capitão de Goa mandou Christouão de Figueiredo com seis fustas. Sendo assy 'armada junta, o Gouernador correo ao longo da costa d'Abexia buscando onde fizesse agoada, porque nom tomára Çacotorá, e vendo huma pouoação de casinhas de palha, e praya limpa, sorgio. O qual lugar se chamaua Mete, onde os bateys forão em terra, e a gente do lugar fogio, e acharão dous poços de pouqa agoa muyto boa. Polo que o Gouernador, vendo que nom auia agoa, mandou recolher; mas Diniz Fernandes de Mello mandou cauar na praya com enxadas que leuou, e cauando pouquo creceo muyta agoa, que prouarão que era muyto boa, o que assy fizerão outros, que cauarão em muytas partes, em que crecia a agoa como fontes, com que logo os capitães sayrão a terra, e assentarão suas estancias, cada hum cauando e fazendo sua agoada, em que se passarão tres dias.

Então o Gouernador fez vela caminho das portas com muyto vento, onde Antonio Raposo em se leuando virou o nauio em reués, que casy foy ensequar na terra, o que assy aqueceo á nao d'Antonio de Saldanha, que se hia a varar na terra, ao que lhe valeo tornar a sorgir huma ancora que o teue, e tornou a sayr com toas, em que gastou todo o dia e o Gouernador com toda 'armada, até que a nao sayo. Então foy seu caminho ao porto d'Adem, onde sorgio; ao que logo veo de terra hum barqo com recado d'ElRey ao Gouernador, com refresquo, dizendo que se ally vinha busquar alguma cousa que ouvesse na cidade lha daria de boa vontade, por ser amigo d'ElRey de Portugal. O Gouernador lhe respondeo com agardecimentos ao refresquo, e que elle hia buscar os rumes, que se d'elles tinha certeza lho mandasse dizer, e que quando tornasse falaria com elle cousas que comprião. O Rey lhe mandou dizer que dos rumes tinha certeza que erão hidos pera Suez; que do mais estaua prestes pera todo o que mandasse, como proprio irmão. Com que o Gouernador se fez á vela pera as portas, de longo da costa, e mandou diante Antonio de Saldanha, que fosse sorgir em hum logarinho que se chamaua Ará, no porto d'Ará, que estaua antes de chegar ás portas. E hindo assy Antonio de Saldanha, e 'armada após elle, foy dar sobre huma

restinga que saya mea legoa ao mar, do que Antonio de Saldanha se desuiou, e arribou pera o mar tanto que a nao tomou de luva, e ouvera de soçobrar, porque o vento era muyto: o que assy fizerão todos. E porque o Gouernador vinha á vista, Antonio de Saldanha nom fez sinal de bombarda, nem da nao do Gouernador nom atentarão, e por máo descuido o Gouernador varou na restinga; ao que amainou, e deitarão toas por popa, mas a nao nom sayo. Então o Gouernador se passou ao galeão São Diniz, que elle fizera de nouo, em que hia Pero de Faria. E o Gouernador mandou os batés que fossem a nao, e cada hum tomasse o que ouvesse mester. O que assy fizerão todos; mas fiqou tudo o que hia debaixo da cuberta, porque a nao logo se encheo d'agoa e assentou direita. No qual despejar da nao ouve roubar cada hum o que pôde; mas debaixo de cuberta ficarão o mór numero das monições e cousas de ferro. No que se gastarão dous dias. Então se pôs fogo á nao, que foy grã perda, porque n'esta nao hia casy todo o prouimento d'armada. Em tanto o Gouernador mandou Antonio de Saldanha, que foy ao porto, e foy ao lugar, em que se nom achou cousa viua, e * auia só * casinhas de palha em que puserão o fogo. E o Gouernador fez caminho ás portas, onde chegou ao outro dia, que forão sete de março de 520.

O Gouernador mandou diante Aluaro Mendes no bargantym, que fosse ao porto dos Malemos a tomar algum piloto, onde nom achou ninguem, que todos fogirão, sabendo da nossa armada que chegára 'Adem. O Gouernador com toda' armada entrou as portas, e seguio seu caminho direito a Judá em busca dos rumes, nom confiando no que lhe dissera o Rey d'Adem, e porque hindo lá e os nom achasse compria com sua obrigação, que ElRey lhe mandaua que fosse a Judá buscar os rumes, e pelejasse com elles, e lhe queimasse sua armada: do que toda a gente leuaua muyta vontade, com magoa do erro que fizera Lopo Soares.

CAPITULO VI.

COMO O GOUERNADOR, ENTRADO O ESTREITO, FEZ CAMINHO A JUDÁ, ONDE NOM CHEGOU POR FALTA DO TEMPO, E FOY DESCOBRIR O PORTO DE MAÇUHÁ DO PRESTE JOÃO, D'ONDE MANDOU POR EMBAIXADOR DOM RODRIGO DE LIMA, E TODO O QUE PASSOU ATÉ TORNAR A SAYR DO ESTREITO.

SENDO assy o Gouernador com 'armada entrado no estreito fez seu caminho a Judá, e por auer no caminho muytas ilhas e baixos, o Gouernador sorgia de noite e nom andaua senão de dia, no que gastou muyto tempo ate chegar á ilha de Ceibão, que estaua oitenta legoas de Judá, onde chegado lhe acalmou o vento e lhe derão contrastes de ponentes, onde o Gouernador agardou por tempo, o qual de todo assentou em ponentes, com que o Gouernador ouve acordo com os capitães e pilotos portugueses e mouros que leuaua, e foy assentado que se tornasse á ilha de Camarão, e ahy enuernasse, que serião dous meses de monção, até lhe tornar a monção pera sayr do estreito. O que assy foy assentado, com que o Gouernador se fez á vela, e mandou atrauessar pera a costa do abexym, a vêr se achaua algum outro porto em que pudesse enuernar, e tambem pudesse mandar o embaixador do Preste, Matheus, que leuaua, que lho muyto requeria que o deitasse em qualquer terra da costa, que elle acharia quem o leuasse ao Preste. E foy assy atrauessando até chegar á costa, e tomou em huma baya pequena abrigada dos ventos, em que auia huma ilha pequena que se chamaua Maçuhá, pegada com a terra firme, onde o Gouernador entrou com toda' armada e sorgio. Vindo os nossos á vista d'esta terra, ouve muytos homens que dixerão que virão no ceo, ao orizonte da terra, huma bandeyra preta de duas farpas á feição de rabo de galo, e muytas pessoas d'armada se affirmauão que a virão. A ilha seria de dous tiros d'espingarda, em que auia huma pouoação de casas de pedra terradas, com huma mesquita, em que nom estaua cousa viua. Auia na ilha vinte e duas cisternas no chão, cubertas de argamassa, cheas de muy icelente agoa, e derrador de cada huma feitos tauoleiros assy argamassados, pera recolhimento d'agoa quando

chouia: auia algumas grandes que passarião de mil toneis. Dizião os da terra que auia mais de cinqo annos que nom chouera n'aquella terra senão aquelle anno. O Gouernador repartio as cisternas com os capitães segundo tinhão a gente, a que encomendou que tiuessem muyta prouisão no gasto d'agoa, polo grande mal que seria se lhe faltasse. O Gouernador sayo em terra com toda a gente, e na mesquita se dixe missa solene com pregação, e lhe pôs nome da Conceição. Os capitães se aposentarão junto de suas cisternas, onde dauão mesa á gente, e tinhão quartos de vigia. O Gouernador mandou os bargantys e nauios estar cinqo legoas ao mar fazendo vigia de noite e de dia, que se remudauão de tres em tres dias, e outra vigia mais perto que via os outros nauios, e da gauea do Gouernador auia vigia o que fazião os nauios do mar, que de noite auião de tirar se vissem galés, e de dia fazer fumo e se fazer á vela, e se fosse vela pequena sem tirar fosse a ella. A qual vigia se fez sempre com muyto cuidado.

Além d'esta ilha, mais pera terra, auia outra ilha pequena cuberta de mato, em que se achou algum fatinho pobre da gente que fogira, e abaixo hum pouqo, na terra firme, na borda d'agoa estaua hum lugar pequeno de casas de palha cerqadas d'espinhos, que se chamaua Arquico. O Gouernador falou com o embaixador Matheus, e lhe perguntou se conhecia aquella terra. Elle lhe disse que aquella terra era toda do Preste, des das portas até ly, e d'aly até Suez; que d'este porto elle nom sabia nada, porque quando se fôra pera' India se fôra embarquar no porto de Zeyla. Na ilha, no mato, tomarão dous homens pobres que leuarão ao Gouernador, com que o embaixador falou, e se entenderão, que falauão caldeu, que era sua propia lingoa. Então o Gouernador largou estes homens, que forão ao lugar, donde logo vierão muytos, gente ciuel pobre, com ruins pannos, e se metião pola agoa com suas vergonhas descubertas; gente preta, grande [1] * frelta * de cabellos, que des que nacem nunqua o cortão nem penteão, com que trazem touca de cabellos como hum armeo de lã, e n'elles trazem huns paos delgados azeitados, com que se coção dos piolhos que trazem debaixo, porque com os dedos nom podem chegar ao coiro da cabeça, e em coçar a cabeça he toda sua acupação. Estes, falando com o embaixador, lhe dixerão que d'ahy a duas jornadas

[1] * feltro ? *

estaua o barnegaes, que era capitão do Preste, que mandaua estas terras da fralda do mar e arrecadaua as rendas; que se elle o soubesse que elle embaixador ally estaua logo o viria buscar.

Então o Gouernador mandou a Matheus que escreuesse sua carta ao barnegaes, fazendolhe a saber que vinha do Reyno e estaua ally. O qual recado tanto que foy dado ao barnegaes logo respondeo [1] * per * seu escrito com hum seu criado, e mandou dizer aos que estauão no lugar d'Arquico que estiuessem em paz e sem medo. E com este recado vierão quatro frades de hum mosteiro que estaua de dentro da serra, os quaes erão assy pretos, magros de carnes, vestidos em huns sayos como balandraos compridos, de pannos de teadas amarelas, com grandes capellos; homens honestos e de pouqua fala. Trazião nas mãos cruzes de latão com o pé comprido; e elles muy pedidores do que vião. Toda a gente da terra trazião cruzes de pao ao pescoço penduradas em fios.

O Gouernador, pera se mais affirmar na verdade, mandou com os frades Pero Gomes Teixeira, ouvidor geral, que fosse vêr o mosteiro, e per elle mandou reposta ao barnegaes, e que se viesse vêr com elle e lh'entregaria o seu embaixador que fôra a Portugal, e falaria com elle cousas que comprião ao Preste João. Hindo Pero Gomes com os frades, achou no caminho o barnegaes e lhe deu o recado do Gouernador, e passou, e foy seu caminho ao mosteiro, e o vio todo, que era grande, de tres naues, e n'elle um só altar, e n'elle posta huma cruz grande á entrada da porta, pia d'agoa benta, e hum sino de pao. Tinhão coro com estante, e muytos liuros de seu rezar, escritos em caldeo e em purgaminho. Tinhão sacramento de pão asmo e agoa, seu bautismo; derrador do mosteiro grande cerqua de parede alta, na qual nom entra cousa femea. Tem as horas do coro ordinariamente como os nossos frades, e outras muytas cerimonias, que ao diante escreuerey em seu lugar. Sabida mais a verdade, trouxe o ouvidor hum seu breuiario, escrito em caldeo, de porgaminho, e no começo d'elle estaua huma imagem de Nossa Senhora com seu filho no colo, e na mão do menino hum ramo de rosas que voltaua sobre a cabeça de Nossa Senhora; a qual imagem era feita de fôrma em papel, que os frades disserão que aquellas imagens, e outras muytas, lhe trazião alguns que hião a Jerusalem e a Roma. Nom comião pexe

[1] * pera * Autogr.

nem carne, sómente leite, manteiga, heruas, legumes seqos. Do que mais escreuerey adiante em seu tempo.

O Gouernador todas estas cousas comunicaua e praticaua com os capitães e fidalgos; e tendo recado do barnegaes do dia que auia de vir, o Gouernador se fez prestes pera o receber, e mandou armar huma tenda na terra, da banda da terra firme, dous tiros d'espingarda da borda do mar; a tenda alcatifada, e duas cadeiras gornicidas, onde o Gouernador estaua com todolos fidalgos vestidos de festa. E logo veo o barnegaes com sua gente, que serião até dous mil homens, em rocís e mulas, e asnos; tudo fraca gente e mal roupada: o qual se deceo a pé hum jogo de bola da tenda, que o Gouernador sayo ao receber com os fidalgos o barnegaes assy mal roupado. E entrados na tenda se assentarão em cadeiras, onde o barnegaes se abraçou muyto com Matheus embaixador, que hy estaua muyto bem vestido, e falarão muyto; onde o Gouernador com os fidalgos assentarão que lho entregasse, que o leuasse a seu senhór o Preste João, e que com elle mandasse embaixador, pois que ElRey pera ysso mandaua Duarte Galuão. O que todo logo se praticou com o barnegaes, e assentarão que o barnegaes estiuesse ahy perto até se dar despacho ao embaixador. Com que se despedirão com muyto prazer. O Gouernador lhe deu mea peça de grã fina, e cinqo couados de veludo preto, e pedaços de citym e damasco de cores.

Despedindose o barnegaes lhe tangerão as trombetas e atabales, e toda' armada lhe fez salua com muyta artelharia, de que hum pilouro de camello deu tres pulos antre a gente do barnegaes, sem toquar em ninguem. Do que o Gouernador lhe mandou pedir perdão, dizendo que fôra erro do bombardeiro. O barnegaes respondeo que nom era saluo senão quem Deus queria; que o pilouro nom fizera mal a ninguem.

O Gouernador teue logo conselho sobre o embaixador que mandaria, e foy escolhido dom Rodrigo de Lima, homem fidalgo e bem desposto de corpo e bom parecer; homem assaz idoneo pera o encargo; ao qual o Gouernador fez mercê de dinheiro d'ElRey, com que se concertou de seus vestidos e seruidores, como compria, riqamente: e por segunda pessoa da embaixada Jorge d'Abreu, tambem homem fidalgo, que tambem se muyto atabiou de sua pessoa; e com elles Francisco Aluares, crelgo de missa, que vinha ordenado pera hir com Duarte Galuão, como já contey; homem muy prudente, e entendido nas cousas do altar e officios di-

uinos, pera dar toda boa rezão do que lhe fosse perguntado; e João Escolar por escriuão da embaixada; e Manuel de Mares, organista, que leuou huns orgãos frautados, e crauo; e Lazaro d'Andrade, bom pintor; e Lopo da Gama, Gaspar Pereira, Esteuão Palharte, bom esgrimidor das armas, João Fernandes, Afonso Mendes, e com Matheus tres portugueses seus criados que trouxera do Reyno, Miguel Fernandes, e Diogo Tatys, e João d'Aluarenga, todos homens manhosos em artes corporaes, e que sabião cantar pera officiarem a missa, de que o padre leuou riqos ornamentos, e todo o necessario, e ferros pera fazer ostias; e todos muy concertados e atabiados de vestidos e todo o que compria, e de presente pera o Preste hum [1] * mapamundo *, pera lhe darem a entender a redondeza da terra, e assy huma carta de marear, e huma espada e punhal d'ouro d'esmalte, e humas coiraças postas em brocado, e hum capacete e adarga, e quatro lanças douradas, as milhores que se puderão achar n'armada, e dous pannos de Frandes de figuras de Frandes, e dous berços encarretados, e dous bombardeiros com suas monições, e por lingoa da embaixada João Gonçalues, que sabia a lingoa arabia e abexim, e Matheus com nobres vestidos que trouxera do Reyno, ao qual o Gouernador enformou que désse conta ao Preste como o presente que lhe trazia de Portugal se corrompera, e danarão muytas cousas e outras se perderão na nao; e escreueo ao Preste carta de grandes comprimentos e firmezas d'amisades, e offerecimentos ao seruir no que mandasse, com todo o poder que tinha, que fosse seruiço de Deus e d'ElRey seu senhor. E deu a dom Rodrigo grandes apontamentos do que auia de fazer, perguntar, e responder, e todos os que com elle hião, que sendo todos auiados e entrouxados, o Gouernador mandou recado ao barnegaes, que logo veo ao lugar d'Arquico, onde o Gouernador foy nas galés, onde todos o barnegaes recebeo da mão do Gouernador, e elle deu mulas e sindeyros em que fossem e leuassem suas trouxas, e os berços desencarretados; e tudo bem carregado em camellos, se partio o barnegaes, despedido do Gouernador, e se foy, que partirão a vinte dias d'abril do anno presente de 1520. No qual caminho e viagem passarão o que adiante contarey da torna viagem, que por máo recado e pouquo cuidado dos Gouernadores lá estiuerão muytos tempos agardando per embarcação que os trouxe á India.

[1] * papamudo * Autogr.

grandes chagas; polo que, como o sol era quente, cauauão 'area, e fazião couas em que se metião e cobrião até passar a quentura do sol, que tornauão a caminhar, comendo gafanhotos crús, que auia muytos, e torrauão ao sol em quanto assy jazião debaixo d'area. Polo que muytos morrerão, e os outros forão depois ter a Mascate, como adiante direy.

O Gouernador com 'armada correndo o temporal, a nao São João, em que hia Antonio de Brito, leuaua o seu batel por popa amarrado com hum estrem todo de cote a cote, o qual batel impinando sobre hum mar a nao acertou de tirar por elle, e deu tão grande tirão, que o batel correo de longo da nao, e passou áuante com tanta força que o estrem tirou polo batel que o fez voltar, e tornou a se espedaçar na proa da nao. Escreuy ysto por marauilha, porque vi muytos homens que se d'ysto espantauão. Foy o tempo abonançando, com que 'armada toda chegou á vista de Calayate, onde estauão as naos do Reyno, que vierão por recado que lhe o Gouernador mandou.

CAPITULO VII.

DO QUE ACONTECEO A GONÇALO DE LOULÉ, QUE FOY A MOÇAMBIQUE COM RECADO DO GOUERNADOR ÁS NAOS QUE ENUERNAUÃO.

Quando o Gouernador partio de Goa deixou mandado a Gonçalo de Loulé, que em huma carauella, fosse a Moçambique dizer aos capitães das naos do Reyno que se fossem a Mascate agardar por elle, que sayndo do estreito auia de hir a Ormuz: do que lhe mandou suas cartas e mandados como compria. O qual partio de Goa e atrauessou a costa d'além, e foy correndo ao longo d'ella, e foy ter no porto de Pate, e nom entrou porque o seu piloto nom sabia a barra e encalhou em huma cabeça d'area, em que a carauella esteue direita, que o mar era manso; em que esteue agardando que tornasse a maré. Ao que sayrão muytos paraos com gente que * como * forão perto da carauella estiuerão quêdos, e hum que chegou perto perguntou que era o que buscauão, e da carauella lhe responderão que querião entrar dentro pera tomar agoa e mantimentos, que pagarião muyto bem; que o leuassem dentro e lh'o pagaria. Os mouros disserão que fossem após elles que lhe mostrarião o caminho, e porque nom agardauão, a carauella lhe tirou com hum falcão, que acertou em

hum parao que meteo no fundo, e os outros fogirão pera' cidade. Os da carauella forão no batel a matar os negros que andauão a nado, e tomarão tres viuos que leuarão, e fazendolhe medo que os querião matar, hum velho disse que mostraria o caminho; e assy o fez, e a carauella entrou no porto, onde roubou duas naos que hy estauão, de que se carregou a carauella quanto pòde, e tomou agoa e mantimentos, que tudo achou nas naos, a que pôs o fogo, que logo da terra lhe forão resgatar per muyto dinheiro. Com que se partio pera Melinde, e hindo correndo a costa topou hum parao, em que hião seis portugueses e o mestre do galeão de Manuel de Sousa, que se perdêra em Monfia, que hião fogidos, que estauão captiuos, que se meterão na carauella. Dos quaes Gonçalo de Loulé auida enformação * d' * onde estaua artelharia, se foy a Zanzibar, e em Pemba e Monfia, onde a todos os Reys fez taes medos que lhe derão toda 'artelharia, que meteo ao prão da carauella, e vendeo as mercadarias da nao que leuaua, em que fez muyto dinheiro, com que se foy a Moçambique, onde chegou em fim de feuereiro d'este anno de 520, onde deu aos capitães o recado do Gouernador, com que todos se fizerão prestes pera partir, como partirão como foy tempo, e correndo a costa forão ter no cabo de Guardafuy, onde souberão que o Gouernador era entrado no estreito, pera onde Jorge d'Alboquerque quisera hir em busca do Gouernador, mas os feitores das naos dos mercadores lhe fizerão taes requerimentos que nom foy, e seguio seu caminho, com que foy portar ao lugar de Calayate no estreito d'Ormuz, onde sorgio pera aly agardar polo Gouernador.

N'este lugar de Calayate estaua por capitão hum mouro chamado Resxabadim, cunhado de Resxarafo, do qual mouro ElRey d'Ormuz estaua escandalizado, porque o mandaua chamar e nom queria hir a seu chamado, do que se queixando em secreto a dom Gracia Coutinho, capitão da forteleza d'Ormuz, mandou seu recado a Duarte Mendes de Vascogoncellos, que ahy andaua em huma galeota com outros nauios d'armada, que prendesse o mouro Resxabadim e o mandasse a Ormuz, e que se boamente o nom pudesse fazer o dissimulasse, e chegando ahy nauios de portugueses, ou naos do Reyno, aos capitães [1] * requeresse fossem * prender o mouro, o que se fosse possiuel fosse com alguma manha como

[1] * requeresse e fossem * Autogr.

nom ouvesse peleja, e senão com ella, e per qualquer modo que pudesse o mouro fosse preso, porque muyto compria ao seruiço d'ElRey nosso senhor.

Com este recado o Duarte Mendes muyto andou pera prender o mouro, e nom pôde, porque como estaua timido d'ElRey andaua muy a recado de dia e de noite, e tinha quinhentos homens bem pagos que o muyto agardauão; o que assy passando, chegou Jorge d'Alboquerque com as naos, ao qual Duarte Mendes deu conta do que passaua, pedindolhe ajuda pera prender o mouro, que elle o podia fazer com seu fauor, porque o mouro se fiaua d'elle e de noite comião e folgauão; que de noite hiria, e lhe abrindo a porta hindo com elle quem o ajudasse, o prenderia, e sendo preso ninguem boliria nada. O que assy parecendo bem a Jorge [1] *d'Alboquerque o* praticou com os capitães, e mandou no seu batel com boa gente armada dom Sancho Anriques, seu genro, que vinha pera Capitão mór do mar de Malaca, e com elle Diogo Rabello, cunhado de Diogo Fernandes de Beja, no seu batel com sua gente, porque Diogo Fernandes estaua sangrado; e nom forão mais porque Duarte Mendes dixe que abastauão, porque esperaua de prender o mouro e entrar com elle por manha. O que assy foy ordenado logo na seguinte noite da chegada das naos; e assy ordenados se forão a terra, e o Duarte Mendes, só com Rafael Catanho e Heytor de Valladares, chegou á porta da casa do mouro, batendo que lhe abrisse, o que o mouro nom quis fazer; ao que chegando dom Sancho, e Diogo Rabello, com a gente armada, ouve grande aluoroço nos mouros, que acodirão á casa, em que se aleuantou grande peleja, mas todauia quebrarão as portas e entrarão na casa, donde o mouro fogio, que se deitou do terrado abaixo per touqas. Mas os mouros pelejarão com os portugueses, que serião até duzentos, de tal sorte que os fizerão fogir perá os bateys, ferindo e matando; e outros acodirão a casa pera entrar, mas dom Sancho, Duarte Mendes, Heytor de Valladares, e outros, que erão oito, defenderão as portas e as fecharão; ao que logo os mouros puserão o fogo pera os queimarem dentro. A esta reuolta foy tamanha grita que foy ouvida nas naos; ao que acodirão os bateys com gente, e o primeyro que chegou a terra foy Diogo Fernandes de Beja, assy sangrado como estaua, que sayo a terra, e ajuntou a gente

[1] *Alboquerque e o* Autogr.

que estaua fogida nos bateys, e foy dar nos mouros de tal sorte que os fez fogir matando muytos, e acodio, e matou o fogo das portas, com que sayrão os que estauão dentro, muyto feridos de frechadas. E sabendo que o mouro era fogido Diogo Fernandes fez recolher a gente nos bateys, com que elle e os outros que acodirão se tornarão ás naos com cincoenta feridos, e casy outros tantos mortos que ficarão na terra. Com que os mouros ficarão com muyta valentia, e os nossos com grande descredito polo máo auiamento que Duarte Mendes deu n'esta cousa. Onde assy estiuerão e o lugar despejado dos mouros até vinda do Gouernador, que chegou no tempo que atrás dixe, e as galés chegarão tres dias antes do Gouernador, que chegando passou de longo, e as galés e as naos se fizerão á vela após o Gouernador, que foy sorgir no porto de Mascate, onde o Gouernador recebeo os capitães e fidalgos que vinhão nas naos, e esteue dous dias, e se embarqou nas galés e bargantyns, e se foy a Ormuz, deixando toda a gente e 'armada em Mascate, e Jorge d'Alboquerque com seus poderes sobre todos e com bandeyra na gauea; e ahy fiqou com elle o védor da fazenda, o doutor Pero Nunes, que em Calayate daua mantimento d'arroz á gente medido por alqueires ao modo de Portugal, polo que n'armada fazião zombaria, chamandolhe 'armada dos alqueires. Antes do Gouernador partir de Mascate prendeo em ferros Duarte Mendes de Vascogoncellos, e outros que achou culpados no feito de Calayate na prisão de Resxabadim, que tudo fôra manha, e por ysso fôra feito o máo recado que se fizera.

CAPITULO VIII.

COMO O GOUERNADOR DEIXOU JORGE D'ALBOQUERQUE EM MASCATE COM SEUS PODERES, COM 'ARMADA GROSSA, E COMO AHY CREGOU RUY VAZ PEREIRA EM HUM GALEÃO QUE VINHA DO REYNO, QUE CONTOU O QUE LHE ACONTECERA NO CAMINHO COM HUM PEXE.

Jorge [1] * d'Alboquerque esteue * sempre embarcado, e os outros capitães de naos, que dauão mesa á gente, pera que lhe o Gouernador fez ajuda com mercê de dinheiro d'ElRey, e de tudo Jorge d'Alboquerque tinha poder, porque o védor da fazenda fôra a Ormuz com o Gouernador;

[1] * d'Alboquerque que esteue * Autogr.

onde assy estando chegarão catorze homens com Jeronymo de Sousa, e com elle Anriq'omem, filho de Jan'omem, os quaes Deos encaminhou que vierão ter a hum lugar quinze legoas de Mascate dentro no sertão, de que hum mouro era senhor, que era vassallo d'ElRey d'Ormuz, que d'elles ouve piadade, os vendo que querião morrer de magros da fome e sede, e de grandes bostelas polo corpo assados do sol, os quaes agasalhou e curou dez dias, com que os tornou á saude, e os mandou com seu criado e camellos, em que vinhão a Mascate.

E assy tambem chegou a Mascate o mouro Faque, que fôra xeque em Moçambique, que depois que nom teue que dar aos capitães derão o cargo a outro e o deitarão fóra, que se foy viuer a Bombaça, onde estaua quando lá forão ter sete portugueses catiuos que se perderão no nauio de dom Fernando de Monroyo, que o Rey tinha presos pera os matar em huma festa que auia de fazer, ao que o mouro arriscou a vida e os furtou da prisão e fogio com elles, andando polos matos leuando muyto trabalho, pedindo com elles por amor de Deos, dizendo que erão mouros que se perderão em huma nao; com os quaes chegou a Mascate muyto contente, parecendolhe que por ysso o Gouernador lhe faria a mercê que era rezão; mas seu pagamento forão palauras vãs, que nada lhe derão senão os homens que trouxe, que com elle partirão das pobrezas que cada hum tinha.

Tambem aquy a Mascate chegou Ruy Vaz Pereira, filho de João Rodrigues Marramaque, em hum galeão chamado São Rafael, que do Reyno partíra hum mez antes das naos, o qual contou que passado as ilhas de Tristão da Cunha pera o cabo, correndo com todolas velas a qual com vento quanto podião seportar, correo após elle hum pexe negro espantoso, que nunqua fôra visto outro tal, o qual correo após o galeão dous dias e noites, rodeando o galeão muytas vezes, o qual de quando em quando deitaua hum resolho d'agoa mais alto que o galeão, com que todos auendo grande medo se encomendauão a Nosso Senhor que os liurasse de tal pexe; o qual pexe se adiantou hum pedaço, e fez volta e veo direito ao galeão, e correo de longo roçandose no costado do galeão, e com o rabo o cengio e lhe tomou a roda de proa, e meteo a cabeça sobre o leme, com que o çarrou á banda que o nom puderão bolir os marinheiros que gouernauão, que bradarão cuidando que estauão em sequo, e o galeão esteue quêdo sem bolir cousa nenhuma, como se estiuera em

terra, postoque o mar n'elle batia, que era grande, e as velas com muyto vento querião arrebentar. Polo que tomarão os traquetes das gaueas e [1] * mesurarão * as velas por se nom desaparelhar. O pexe tinha polo lombo humas perpetanas que aleuantou tão altas como o meo da enxarcea, e no toutuço tinha hum buraco como hum escotilhão, per que resolhaua agoa tão alta que cobria o galeão, com que ficaua meo alagado, que se toda cayra dentro o metêra no fundo. Com que todos estauão como mortos pedindo a Deos misericordia, deitando sobre o pexe reliquias, e agoa benta que hum crelgo benzia revistido, resando muytas orações, sem ousarem de o toquar, porque se o pexe se assanhasse com pouqa força reuirára o galeão. O pexe tomou o galeão a horas de terça, e o teue assy tomado quêdo, que nunqua bolio todo o dia e noite até outro dia sayndo o sol, que o largou, ficando o pexe por popa, porque o galeão foy áuante. O pexe [2] * virandose mostraua * as ilhargas, que era cousa medonha de vêr, que cuidarão que era o proprio diabo, e todos nom deixauão de rezar, cuidando que os tornaria 'abalroar, e sendo a tarde, o pexe, deitando grandes resolhos d'agoa, se foy atrauessando pera o mar, que nom pareceo mais. Com que todos ficarão dando muytos louvores a Nosso Senhor de os liurar do pexe diabo, que assy lhe chamauão. E deu nouas Ruy Vaz Pereira que no Reyno se ficaua fazendo prestes grande armada que logo auia de partir; e Ruy Vaz Pereira deixou o galeão em Mascate e se foy a Ormuz.

CAPITULO IX.

QUE RECONTA ALGUMAS COUSAS QUE SE PASSARÃO EM MALACA, E PER OUTRAS PARTES, SENDO ASSY O GOUERNADOR FÓRA DA INDIA, E * A * GUERRA * QUE * OUVE EM COULÃO [3].

Antonio Corrêa, que atrás contey que fizera viagem a Pegú, como teue monção se partio de Pegú com sua nao carregada d'alacre, e com cinqo junqos a frete, carregados d'arroz, carnes, manteigas, azeites, e vinhos, com que nauegou e foy ter em Pacem, onde no porto achou hum mouro capitão de tres naos que trazia carregadas de Bengala, o qual fez

[1] * mesaram * Autogr. [2] * virandose que mostraua * Id. [3] Veja-se a nota a pag. 599.

hir a Malaca, dandolhe seguro pera lá pagar os dereitos da feitoria de riqas mercadarias que trazia; onde chegado a Malaca achou por capitão Gracia de Sá, que lhe fez grande recebimento, e toda a gente da terra, porque em Malaca auia grande fome, que valião quatro gantas d'arroz hum cruzado, e com o arroz que leuarão os junqos, que era de mercadores que n'elles hião, valerão oitenta gantas hum cruzado; com que ouve grande prazer, e gente d'ElRey de Bintão que estauão guerreando Malaca logo se forão pera o Pagó, onde estaua o Rey de Bintão feito muyto forte, donde sempre daua muyta apressão a Malaca. Ao que Antonio Corrêa se offereceo que queria hir pelejar com elle e o deitar fóra do Pagó, por ficar Malaca liure d'esta apressão; o que o capitão logo pôs por obra, e Antonio Corrêa se concertou e foy por Capitão mór, hindo com elle Duarte de Mello, Duarte Coelho, Anrique Leme, Manuel Pacheco, Bertholameu d'Afonseqa, capitães de lancharas, e Fernão de Sequeira, Diogo Carualho, Christouão Vaz, Jorge Aluares, Jorge Corrêa, Ruy Mendes d'Oliueira, Pero Salgado em carauellas, galés, bargantys, e outras embarcações, que por todas forão trinta, e em todas até quatrocentos homens, a saber, cento e cincoenta portugueses, e o mais homens da terra bons guerreiros. E Antonio Corrêa foy em huma galé com que entrou no rio de Muar, que he largo e comprido, com muytas pouoações d'ambas as bandas e grandes aruoredos. Por este rio dentro seis legoas se faz huma boca estreita, que se chama o Pagó, e por elle dentro está huma pouoação grande, onde o Rey de Bintão estaua d'assento em riqas casas, com muytas estancias d'artelharia, e polo esteiro muy fortes estacadas de grossos páos, a que chamão ferro, porque nunqua apodrece n'agoa; em que acyma estaua outra forte estacada com huma porta no meo, que se fechaua, sobre a qual estaua muyta artelharia e gente de peleja. Antonio Corrêa foy por este rio até huma ponta que fazia o rio volta, e sorgio, que ficaua escudado d'artelharia dos imigos, e esteue toda a noite, donde mandou espiar o que os mouros fazião, e se fez prestes com toda a gente, e em amanhecendo, que era a maré chêa, foy cometer a tranqueira, hindo Duarte de Mello diante tirando 'artelharia d'ambas as bandas, cousa muy temorosa de ouvir. E Duarte de Mello foy abalroar a tranqueira, e os outros todos, em que ouve grande peleja; mas os mouros, vendo os nossos entrar de roldão, como passou a batalha d'artelharia nom agardarão mais, e desempararão a tranqueira, em que os nossos

[1] *quebrarão* a porta da tranqueira, e todos os nauios entrarão, que inda enchia a maré, e forão senhores da tranqueira, em que nom ouve que roubar, que tudo era gente de peleja. E com esta victoria assy quente todos caminharão polo esteiro dentro, que tinha muytas voltas, e Duarte de Mello no seu nauio fiqou em guarda d'esta tranqueira da porta, e Antonio Corrêa diante em hum batel apadesado e com dous falcões; onde no rio acharão muytas aruores derrubadas com a rama, que a corrente d'agoa, que era grande, tudo leuou áuante, e *em* tudo os nossos fizerão alguma detença, e chegarão ao Pagó; o que fez grande espanto aos imigos. ElRey se ajuntou com muyta gente, e alifantes armados, junto das suas casas, o que vendo os nossos poyarão em terra, o primeyro João Soeyro alferez d'Antonio Corrêa, que com o aluoroço que leuauão, vendose no lugar em que estauão nom agardarão ordem, mas com grande impitu forão dar nos mouros, chamando Santiago, que n'aquella hora, pola misericordia de Deos, pôs nos mouros tamanho espanto que sem agardarem que os nossos lhe chegassem deitarão a fugir, porque ElRey já pera ysso estaua em cyma de um alifante, e os nossos após elles, que os nom puderão alcançar, nem Antonio Corrêa consentio que os nossos lhe fossem no alcanço, porque lhe pareceo manha, e *por* nom saberem a terra. E ás portas das casas fez alguns caualleiros que lho pedirão; e nas casas d'ElRey e pouoação se achou grande roubo e muyta artelharia, que os nossos recolherão, e puserão fogo, com que tudo fiqou em cinza, e sua armada que aly tinha junta, que erão mais de cem lancharas, de que trouxe *huma* a Malaca, que erão d'ElRey, todas douradas. Com a qual vitoria os nossos se tornarão a Malaca, onde lhe fizerão grandes festas, e o Rey se foy pera Bintão, d'onde não sayo mais. E assy fiqou Malaca liure d'esta apressão que tinha auia tantos annos.

Com este prazer Gracia de Sá, capitão, mandou Manuel Pacheco, em hum nauio muyto veleiro e bem armado, que fosse andar d'armada sobre Pacem, porque o Rey matára vinte homens portugueses que lá estauão tratando, e lhe tomou muytas mercadarias que tinhão. O qual foy, e andou sobre a barra de Pacem e d'Achem, a que fez tanta guerra que nem a pescar ousauão de sayr, e assy andando, por falta d'agoa foy á boca de hum rio, onde mandou o batel a tomar agoa, que tomou, e cor-

[1] *quebram* Autogr.

tarão palmitos, e se tornando pera fóra d'ambas as bandas do rio acodio gente com frechas e fundas, que milagrosamente sayrão do rio, e hindo pera a nao, que estaua longe ao mar, nom podião hir áuante com a corrente d'agoa, que cançados nom podião sordir áuante. O que vendo os mouros da terra se meterão muytos em tres lancharas, que vierão pera tomar o batel; o que vendo os que n'elle hião, que erão cinqo soldados, Manuel Pacheco, capitão, quisera hir e o nom consentirão. Então mandou no batel Antonio Paçanha, João d'Almeida, Antonio de Vera, Francisco Gramaxo e o barbeiro da nao, com sete remeiros, os quaes vendo vir as lancharas ouverão grande medo e se derão por mortos, encomendando suas almas a Deos, pedindo perdão de seus pecados, chamando Senhor Deos misericordia, que por sua piadade lhe acodio com milagroso esforço, e se [1] * concertarão em * a primeyra lanchara os abalroando se deitarem dentro n'ella, e venderem suas vidas como pudessem. No que assy esforçados, a primeyra lanchara, que era a [2] * capitaina, abalroando * com grandes gritas, os nossos, com o esforço que lhe Nosso Senhor deu, entrarão na lanchara e se meterão com os mouros ás lançadas com tanta furia, como homens danados, com que fizerão saltar ao mar os mouros, que erão mais de cincoenta. O que vendo as outras lancharas tal desbarato, e vendo que o nauio se fazia á vela, se tornarão pera terra, e os nossos, todos muyto feridos, ficarão com a lanchara tomada, que chegando o nauio os recolheo e forão bem curados. E o nauio andou na costa fazendo tanta guerra que o Rey de Pacem pedio paz a Manuel Pacheco, a qual lhe elle deu, com condição se Gracia de Sá, capitão, o ouvesse por bem, pagando logo sessenta mil cruzados, que valião as fazendas que tomára dos homens que matára. O que o capitão ouve por boa a paz, e foy assentada, e a lanchara em Malaca posta em hum baileu, cuberta, em que esteue muytos annos por memoria de tão milagroso feito.

[1] * concertarão que em * Autogr. [2] * capitania que abalroando * Id.

CAPITULO X.

DA GUERRA DE COULÃO [1].

A Raynha de Coulão deuia ao feitor Heytor Rodrigues cento e vinte báres de pimenta, que ouve de quebra na pimenta que derão os mercadores, por ser verde e molhada, do que se fez estima, que se seqou ao sol presente o regedor e os corretores; e mais deuia a Raynha outra soma de pimenta que ella auia de pagar pola fazenda d'ElRey que se tomára na feitoria quando matarão Antonio de Sá, feitor; dizendo o feitor que elle era obrigado a ysto arrecadar, porque lhe estaua carregado no liuro da feitoria. Ao que a Raynha respondeo que as quebras da pimenta nom auia de pagar, pois em Cochym se nom pagauão, porque o seu contrato era o proprio de Cochym, e que quanto á pimenta que deuia da fazenda da feitoria se lhe nom deuia pedir, polo muyto fauor que dera pera se fazer a forteleza. E por * que * a Raynha n'ysto se punha, mandou Heytor Rodrigues fazer auto polos escriuães da feitoria, porque elle auia de apertar por ysso, e se a Raynha se aleuantasse nom lhe ficasse a elle a culpa, porque via a gente da terra aluoroçada, e que a Raynha se apegaua a nom pagar nada, polo consentimento que dera a se fazer a forteleza. E já tinha dado conta á Raynha de Comorym que lhe désse ajuda, porque taes diuidas nom auia de pagar: no que se conformarão. O que todo soube Heytor Rodrigues; ao que se acrecentou que de noite hum catur da forteleza foy ao mar e tomou quatro paraos carregados de pimenta, que hião dar a huma nao de mouros que estaua no mar, e os trouxe á forteleza com os marinheiros, que tudo Heytor Rodrigues recolheo: o que lhe a Raynha mandou pedir que logo os soltasse, e Heytor Rodrigues disse que faria seu mandado, mas por castigo estarião presos alguns dias. De que a Raynha fiqou agastada, e postoque ao outro dia lhe mandou os presos, ella dixe que lho nom agardecia, pois lhos nom mandára quando lhos pedio. E porque os christãos da terra souberão que auia d'auer guerra se recolherão á forteleza com suas molheres e fati-

[1] *que deue fazer capitulo sobre sy.* Nota do original, no qual não vem o capitulo e a sua numeração.

nho. Com que o capitão defendeo aos portugueses que nom fossem fóra do terreiro da forteleza, porque já os officiaes da terra nom vinhão trabalhar na forteleza, nem vinhão ao bazar vender cousas de comer: o que todo o capitão fez saber a dom Aleixo, que estaua em Cochym, pedindolhe gente, e dinheiro pera pagar; mas dom Aleixo nom proueo com nada, dizendo que o nom tinha.

A Raynha de Comorym consultou com tres irmãos que tinha que se fizessem agrauados d'ella, e se fossem concertar com Heytor Rodrigues, e se fizessem criados d'ElRey de Portugal, e tomassem seu soldo, e pera este concerto trabalhassem como o capitão de noite saysse e estiuesse na ygreija, onde elles hirião falar e concertar com elle, porque de dia nom fossem vistos, que serião descubertos; e que hindo lá o capitão ao concerto o matarião com alguns que com elle hirião, e com muyta gente que terião prestes darião na forteleza e a tomarião. Feita esta consulta de traição, os irmãos, que erão conhecidos do capitão, lhe mandarão sobre ysto recado per hum christão da terra. No que o capitão tomou entendimento, porque tendo da sua parte estes tres irmãos nom lhe podia empecer quanta guerra lhe fizessem; e sobre ysto lhe mandou reposta e recados, que forão e vierão, sobre se auerem de vêr na ygreija: o que aprouve a Nosso Senhor que tal nom fosse, com que veo grande agastamento ao capitão d'esta cousa, e sospeita; com que mandou dizer aos irmãos que se quigessem de noite entrar na forteleza que teria a porta aberta, porque d'outra maneyra elle nom auia de sayr fóra da forteleza; e este recado lhe mandou tendo já assentado em seu coração, que se elles entrassem, os prender e atromentar, e saber d'elles o que seu coração sospeitaua, e se lhe confessassem a traição, os ter carregados de ferro com muyto recado, porque com elles faria seus partidos de paz. Mas os irmãos, ouvindo o recado, como andauão com traição temerão, e nom quiserão hir á forteleza, temendo que podião ser descubertos, e se escusarão com outras rezões; com que a cousa cessou.

Então os irmãos falarão com as Raynhas, dizendo que tinhão tanta gente que tomarião dez fortelezas, e mórmente aquella que nom tinha mais que corenta homens, que matarião pouqos e pouqos, e lhe nom viria secorro por ser já inuerno. O que assy concertarão, e logo ajuntarão muyta gente, e derão de supitu nas casas dos christãos da terra que estauão derrador da forteleza, e as roubarão e queimarão, que os christãos com

muyta pressa se colherão á forteleza com as molheres e filhos; ao que desparou 'artelharia da forteleza, que matou e ferio muytos, que logo todos fogirão, ficando morto hum só português que andaua fóra, e alguns dos christãos que trabalhauão junto da forteleza. Então os imigos lançarão peçonha nos poços derrador, e fazião de noite cauas e valados em que se metião, que a nossa artelharia os nom podia tomar, donde tirauão com humas bombardas de ferro que os mouros emprestarão; mas erão fraca cousa, que nom fazião dano á forteleza. Mas os nossos com doze espingardas que tinhão matauão muytos mouros, mórmente hum padre da ygreija, que era vigairo, que muyto tiraua com huma espingarda. Ao que logo se ajuntou o trabalho da fome, que os nossos em hum mês comerão o que tinhão, e ficarão com arroz cosido com alguma pouqa de roim manteiga; com que alguns adoecerão.

D'esta guerra foy recado a dom Aleixo per huma carta do capitão, que lhe mandou per hum christão da terra. Ao que dom Aleixo proueo, e mandou dom Afonso de Meneses, filho do conde dom Pedro, seu primo, que ficou com dom Aleixo por mandado do Gouernador; o qual mandou em huma fusta com vinte homens, em que erão sete espingardeiros, e quatro pipas de biscoito, e duas de carne salgada, e duas pipas de poluora; ao que dom Afonso folgou de se arriscar, e os portugueses, sem medo do perigo do mar, que era grande, e tromentas; mas Nosso Senhor lhe deu tempo com que a saluamento chegarão a Coulão. O que vendo os mouros logo assentarão huma bombarda sobre o porto pera defender a desembarcação, que tirauão á fusta; ao que dom Afonso deitou hum negro a nado de noite, que foy á forteleza, e mandou ao capitão huma carta, em que lhe dizia que o perigo da desembarcação nom se escusaua, e que era muyto mór assy estar agardando o temporal do mar que podia sobreuir; que por tanto com a maré chêa auia de chegar á praya, e auia de desembarqar; que por tanto elle saysse da forteleza ante menhã, que era maré, e fosse dar na estancia da bombarda e a tomasse, que em tanto aueria lugar a desembarcação. O que assy pareceo bem a todos, e se fizerão prestes trinta homens, o milhor armados que auia, que sendo ante menhã e escuro derão na estancia, que estauão cubertos com esteiras porque chouia; em que ouve grande grita, em que Christouão de Bairros e Duarte Varella, genros do capitão, com dez homens, forão por tomar a bombarda, que nom puderão leuar, que era grande,

mas leuarãolhe as camaras, que tinha duas, porque era de camara. Com o qual embaraço dom Afonso com a gente desembarqou, e os espingardeiros forão tirando, chegandose pera os nossos que já amanhecia, e o comitre com os marinheiros deitarão as pipas fóra, e a rolo as recolherão na forteleza os christãos e escrauos que sayrão 'ajudar; e dom Afonso deixou dito ao comitre que como deitasse as pipas fóra com os marinheiros se tornasse a Cochym: o que assy fez. N'esta reuolta foy morto hum marinheiro da fusta, e portugueses feridos de frechadas, que erão muytas; mas dos imigos forão mortos e feridos muytos, que vendo o secorro que viera com inuerno çarrado, logo duvidarão de sua empresa que tomarão. Mas os mouros os muyto esforçauão que nom largassem a guerra senão com justa causa, porque lhe ficaria em grande deshonra; e lhe fizerão outras camaras com que a bombarda tiraua. O que durou a entrar agosto, fazendolhe os nossos sempre muyto mal.

O que vendo as Raynhas, que de todo seus portos e nauegações serião perdidos e suas rendas, se no verão a guerra durasse, e que nom tinhão forças contra os nossos pera tomarem a forteleza, auidos seus acordos, assentarão de tornar 'assentar paz; mas forão deferentes, porque a Raynha de Coulão queria assentar a paz com dom Aleixo, que tinha poderes de Gouernador, a Raynha de Comorym queria que se assentasse com Heytor Rodrigues, e todauia as mandarão pedir a dom Aleixo, dizendo que mandasse hum homem com que fizessem o concerto da paz, porque com Heytor Rodrigues nom poderião, que estaua agastado com a guerra. Dom Aleixo lhe mandou agardicimentos da paz que querião, mas que nom se escusaua que se concertassem com Heytor Rodrigues, e mandou Diogo Pereira, e Chirina Marcar, mercador principal de Cochym, que com Heytor Rodrigues fizerão os apontamentos da paz, em que meteo o principal, que pagasse os báres da pimenta que deuia, que já atrás disse; e que pagasse o roubo que se fez aos christãos da terra, e que os direitos da ygreija antigos, que os da terra pagauão, que agora e pera sempre os pagassem; e outras sostancias. Com que forão e tornarão recados sem auer concrusão, porque a Raynha nom queria pagar a pimenta; mas n'estes concertos toda a terra estaua de paz, que os nossos nom fazião mal, nem elles, e se vendião os mantimentos: no que Heytor Rodrigues se deixou estar deuagar, esperando que o Gouernador viria e assentaria a paz. E com ysto assy estar muyto seguro, dom Afonso e Diogo Pereira

se forão pera Cochym, e a paz depois se assentou polo Gouernador, como adiante em seu lugar direy.

CAPITULO XI.

DO QUE O GOUERNADOR FEZ EM ORMUZ, E SE PARTIO PERA' INDIA, E O QUE PASSOU NO CAMINHO.

O Gouernador chegou a Ormuz, onde lhe fizerão recebimento de muytas festas, o qual desembarcando foy fazer oração á ygreija, e acabada, assy com toda a gente foy visitar ElRey, e lhe deu riqo traçado, adaga, cinta, tudo d'ouro e pedraria, e peças de brocados da Persia, que tambem partio polos capitães, a cada hum segundo seu valor, ordenado primeyro com o feitor, que o encaminhou; e falando pouqo se despedirão, e o Gouernador se tornou á forteleza, em que tinha casas apartadas pera seu aposento, onde foy visitado polos regedores da cidade, e principaes mercadores, que todos trazião seus presentes, cada hum como lhe compria; e o védor da fazenda se aposentou fóra em suas casas com seus officiaes, a que o Gouernador mandou que prouesse nas cousas de seu officio enteiramente, e lhe confirmou todos seus papés; mas elle tudo praticaua com o Gouernador, e ambos tudo ordenauão e fazião, prouendo tudo o que compria. Onde ao Gouernador fazião grandes queixumes dos roubos e males que o capitão fazia, ao que o Gouernador daua passada, temporisando com as partes, nom querendo entender nas cousas por nom dar o castigo d'ellas como fôra justiça; como todos os Gouernadores o fazem, que nom querem castigar os capitães dos males que fazem, porque depois de seu tempo acabado lhe nom fiquem por imigos, ou tambem porque lhe nom acusem os erros que elles Gouernadores fazem, sem temor de Deos nem d'ElRey; porque quem nom teme Deos nom teme ElRey.

E o védor da fazenda arrecadando as pareas e prouendo em todas as cousas da fazenda, em agosto o Gouernador se partio de Ormuz e tornou a Mascate, onde se fez prestes com toda' armada, e se partio pera' India, e forão á vista de Calayate, onde estaua Pero Eannes Francez, que então chegára do Reyno, o qual partira de Lisboa depois de partidas as naos da carga, e trazia regimento que fosse a Ormuz buscar An-

tonio de Saldanha, que lá o acharia, porque cad' anno auia de passar a Ormuz com sua carregação de mercadarias. No qual nauio ElRey lhe mandaua cartas de grandes fauores, e prouisões que do cabo de Roçalgate leste oeste, com a costa da India que era d'antre Chaul e Dabul pera a parte do norte, com o estreito d'Ormuz, tudo dominasse e mandasse, com bandeyra na gauea, com todolos poderes como Gouernador, assy na justiça como na fazenda; e toda a costa d'além, até Moçambique, com vinte velas, fazendo pagamento a suas gentes que trouxesse, e outras grandezas; de que vinhão cartas ao Gouernador. O que nada Antonio de Saldanha nom quis aceitar, fengindo que o fazia por amisade do Gouernador, que nom era rezão que em seu tempo lhe ElRey tirasse nada do que lhe dera com sua gouernança; mas a seus amigos em secreto se queixaua d'ElRey, muy agrauado porque com ysto lhe pagaua a gouernança da India, que lhe tinha prometida acabando seu tempo Diogo Lopes, Gouernador. O que logo se falou n'armada, em que ouve grandes murmurações antre os fidalgos, com enuejas porque Antonio de Saldanha inda se [1] * queixaua e agrauaua * d'ElRey, fazendolhe tantas mercês que nom queria aceitar, postoque o Gouernador lho muyto rogaua. Antonio de Saldanha dizia que nada queria, pois ElRey lhe nom compria o que lhe tinha promettido; que tinha muyto dinheyro, com que se hiria viuer ás suas casas de Santarem. ElRey se desculpaua, dizendo 'Antonio de Saldanha que forçadamente dera a gouernança da India a dom Duarte de Meneses, filho do conde priol, mordomo mór de sua casa, que auia de vir por Gouernador na vagante de Diogo Lopes de Sequeira.

Com o que forão seu caminho pera a costa de Dio, porque ElRey nas cartas do nauio lhe muyto encarregaua que trabalhasse por auer forteleza em Dio, que muyto compria a seu seruiço; e sendo perto da costa, ouverão vista de huma nao que hia pera terra, ao que todos derão as velas pola alcançar, a qual nao vinha de Meca muyto riqa, com muyta gente e bem armada, de que era capitão hum abexim, valente caualleiro. Os mercadores, vendo a nossa armada, disserão ao capitão que nom pelejasse e se rendesse, que indaque perdessem as fazendas saluassem as molheres e filhos; mas o abexim mandou guindar a vela e fazer ratadura abaixo da verga porque lha nom amainassem. 'O que bradarão os

[1] * queixa e agraua * Autogr.

mercadores, a que elle respondeo que elle hia fogindo pera terra, que era assaz deshonra sua, mas que nom se auia de render, e auia de pelejar com toda' armada até morrer, como caualleiro. E metendo monetas por debaixo da vela se foy alongando de tod' armada, que o nom alcançou senão João Pereira de Lacerda, em huma carauella que nom chegaua a meo costado da nao, que era muy alterosa; polo que, nom ousando de chegarlhe, tirou muytos tiros a lhe quebrar o leme e lhe romper a vela; ao que a nao lhe respondia dobradamente, e se o nauio chegaua perto o cobrião com frechas e pedras de fundas. E assy andando chegou Ruy Vaz Pereira no seu galeão em que viera do Reyno, que já vinha com a gente prestes pera abalroar, como de feito chegando lhe deitou arpeo; mas a nao era tão alta como o chapiteo de popa do galeão; o qual assy abalroado João Pereira chegou, e tambem aferrou na proa, onde a peleja foy muy grande, mas das gaueas do galeão fazião grande mal aos mouros, que nom ousauão aparecer, com infinidade de pedras e lanças que lhe deitauão. Polo que, vendose os mouros assy afrontados, tomarão por sua saluação deitaremse de romania muytos dentro na carauella, pera a tomarem e n'ella fogirem; mas os nossos fizerão n'elles grande mortindade, o que assy fazia a gente do galeão, que entrarão a nao, e com os mouros ás lançadas, e elles ás cutiladas e zagunchadas e frechadas, auia muytos mortos e feridos. E tanto a carauella foy apressada, que se afastou com as velas rotas e desaparelhada, com a gente toda ferida. No que assy estando, 'armada veo chegando, e tomando as velas por nom passar; o que vendo os nossos que pelejauão, vendo que outros vinhão abalroar, se meterão por debaixo a roubar, onde os mouros os matauão, que andauão muytos debaixo. O Gouernador mandou que ninguem abalroasse. Então acodirão os batés a tomar mouros e molheres que se deitauão a nado. Os mouros, desesperados de saluação, derão fogo á nao, com tenção que tambem arderia o galeão; mas porque ficou de balrauento nom perigou. Todauia o fogo foy tamanho que conueo ao galeão largar o arpeo, e se afastou da nao, que já toda ardia. E as molheres com os filhos se deitauão ao mar, que os batés tomauão, e muytos mouros meos queimados; em modo que da nao se nom tomou senão pouqua cousa que tirarão os da carauella, que como foy noite se foy seu caminho a Chaul, onde venderão o que tomarão. E a nao ardeo até o lume d'agoa, e se foy ao fundo. E porque anoiteceo, e era perto de terra, o Gouernador

sorgio com toda' armada, e esteue até pola menhã, que se fez á vela de longo da costa pera Dio; onde no caminho topou vinte atalayas de Dio bem armadas, que hião agardar as naos que vinhão ao estreito, pera as acompanharem até Dio; as quaes, vendo 'armada, com bandeyras e artelharia forão saluar o Gouernador, que as saluou com trombetas, dizendo ao Gouernador que hião pera Mangalor, e que Meliquiaz lhe mandára que se o topassem se tornassem com elle pera Dio. O que assy fizerão, e chegando a Dio o Gouernador fez salua com toda' armada com artelharia, onde logo de dentro vierão muytas fustas carregadas de refresco em muyta auondança, pera o Gouernador e pera toda' armada, com muytas vaquas, carneiros, galinhas, pão de mouros, e muytas verduras; de que o Gouernador mandou a Meliquiaz muytos agardicimentos. Com que tambem veo o feitor Fernão Martins Auangelho com a visitação de Meliquiaz, e Aga Mamude, Capitão mór do mar, que o Gouernador despedio, e se tornarão a terra. Onde o Gouernador ao outro dia se pôs em conselho com os capitães, mostrandolhe as cartas d'ElRey, em que muyto lh'encarregaua que ouvesse forteleza em Dio [1] * com * a mais seguridade que ser pudesse, porque nom ouvesse perigo de gentes, praticando o modo que terião em pedir ou tomar em Dio forteleza. Sobre que no caso antre os capitães se mouerão muytas duvidas e deferentes pareceres, porque auião elles sentimento que Diogo Fernandes de Beja vinha secretamente prouido da capitania da forteleza de Dio, se se fizesse, e por esta causa os fidalgos se nom querião meter em trabalhos pera outrem, e no conselho dauão rezões muy desuiadas da rezão. Nos quaes debates se passarão alguns dias deuagar; com que a gente andaua em terra folgando, porque tudo estaua em muyta paz.

N'estes dias o Gouernador, per homens secretos dessimulados, mandou ver e espiar toda a cidade como estaua, e 'agoa da barra; o que em secreto encarregou a Diogo Fernandes de Beja, que no seu batel hia muytas vezes a terra jantar e folgar com Meliquiaz, que era seu grande amigo da primeyra vez que fôra por embaixador a ElRey de Cambaya; a que Meliquiaz fazia grandes festas e banquetes, e a todos os que hião com elle; e se metião em palanquins e hião correr toda a cidade, lhe mostrando tudo, e seus almazens, e 'armada; tão seguro que muytas vezes en-

[1] * que * Autogr.

traua no batel com Diogo Fernandes, e hião ao baluarte do mar só com dous pages, que facilmente o pudera leuar ao Gouernador, e catiuar, e tomar por este modo a cidade. O que os capitães assy o aconselhauão ao Gouernador que o fizesse, a que lhes respondia que ElRey nom lhe mandaua que nada fizesse com traição; que portanto o nom auia de fazer, pois Meliquiaz estaua seguro na verdade d'ElRey nosso senhor. O Gouernador, sentindo a causa porque os do conselho tinhão pouqua vontade n'esta cousa, que era por caso de Diogo Fernandes de Beja, dissimulou com elles, sem lhe decrarar que os entendia, e recebeo suas rezões, fazendo autos com o ouvidor geral Pero Gomes Teixeira, e o sacretario; dizendo que fazia o que lhe elles aconselhauão, que ao presente parecia bem nom entender n'esta cousa, porque pedindo forteleza, e nom lha dando, o que estaua muy certo, compria que logo lhe fizessem a guerra, pera a qual ally nom tinha possança pera lha fazer na terra, e que fazendolha no mar, então Dio se faria tão forte que nom ouvesse poder que o tomasse; e por tanto lhe parecia bem que logo se partissem e fossem a Goa, onde *se* forneceria *de* grosso poder com armada e gente do Reyno, e trazer monições e petrechos que compria pera o feito; o que nada ally podia fazer, pola falta que de tudo tinha. E postoque esta era a verdade, nem por ysso deixauão de murmurar e praguejar que o Gouernador nom entendia no feito por grossa peita que lhe mandára Meliquiaz, por o feitor Fernão Martins, que de noite muytas vezes vinha falar ao Gouernador em huma fustinha de Meliquiaz. Tudo ysto o Gouernador sabia que dizião d'elle, e o soffria porque nom podia dar castigo a pouo; e deixou o feitor como estaua, encarregandolhe que tiuesse muyto cuidado de tudo ver, e saber se Meliquiaz se fortelecia ou fazia algum mudamento; e que de tudo lhe escreuesse miudamente e com muyto segredo.

E estando assy o Gouernador em Dio, chegarão ahy duas naos do Reyno com muyta e boa gente, de que era capitão Jorge de Brito na Nazaré grande, e Gaspar da Silua em São Jeronymo; com que ouve grande prazer n'armada, que derão noua que com tempo se apartarão da outra armada, que todos juntos partirão do Reyno, e auendo noua em Moçambique que o Gouernador era passado pera o estreito o forão agardar na costa de Dio, onde auia de hir ter; e n'armada vinhão muytas naos e muyta gente. Com que o Gouernador logo se partio pera Goa, com ten-

ção de ajuntar o mór poder que pudesse, e tornar a Dio ao tomar, e fazer forteleza como lhe ElRey mandaua. E o védor da fazenda foy embarcado com o Gouernador pera dar despacho a muytas cousas que trazia em seu regimento, em que ElRey mandaua nouo feitor apartado, com escriuães pera sómente carregar as naos e fazer a pimenta, e outro feitor pera carregar as drogas, e outro pera pagar os soldos e mantimentos, e feitor mór de todolos tratos do mar pera fóra da India, e todos com escriuães e regimentos apartados huns dos outros, e que todos estiuessem em Cochym; o que durou pouqo, porque forão enformações enganosas que derão a ElRey, que o Gouernador tudo desfez; e chegando a Goa achou hy as naos que este anno vierão do Reyno.

ARMADA

DO

ANNO DE 1520.

CAPITULO XII [1].

Em vinte e dous de setembro, que o Gouernador chegou a Goa, achou hy as naos do Reyno, a saber: Ruy Vaz Pereira, e Pero Annes Francês, que forão ter a Ormuz; e Jorge de Brito, e Gaspar da Silua, que forão ter a Dio; e em Goa estauão Pero Lopes de Sampayo, Pero Lourenço de Mello, Manuel de Sousa Tauares, Lopo de Azeuedo, Pedro e Paulo Belchior Marchone, armadores, Andre Dias, alcayde pequeno de Lisboa, pera feitor da carga; dom Diogo de Lima, que arribou ao Reyno; e em todas limpa gente. Veo n'esta armada hum bispo d'annel, chamado dom Duarte, o primeyro que passou á India, pera dar ordens e crismar, e prouer todolas igreyjas de todolas fortelezas; o qual depois faleceo em Ormuz de sua doença. Vierão n'esta armada muytas anouações de albitres que homens pedem pera roubar, e metem em cabeça a ElRey que he pera seu proueito, e o póde fazer sem encargo de sua conciencia; que n'esta armada vierão officiaes pera' alfandega d'Ormuz, a saber: juiz, recebedor, tisoureiro, escriuães, porteiro, requeredores, com todo o regimento d'alfandega de Lisboa, ê regimento que sómente dessem

[1] Falta no original.

a ElRey d'Ormuz taxado o gasto pera sua pessoa e casa. O que sendo dito ao Gouernador, disse: «Muyta justiça fôra que dera penhor quem» «este albitre deu a ElRey, a pagar o mal que d'ysto ha de sayr. E se» «o tempo de minha gouernança ouvera de chegar até auer reposta d'El-» «Rey, nada d'ysto fizera, e o desenganára de tamanho engano como lhe» «n'ysto fizerão.» Veo trato apartado de feitoria, e officiaes de mercadarias que se auião de tratar da India pera Ormuz, e feitor Belchior Carualho, e Pero da Silua pera capitão d'esta armação: do que socedeo o que adiante direy d'estes males, e outros piores, que nacem das cousas sofismadas em tyrania.

E porque ElRey muyto repetia sobre o feito de Dio, o Gouernador logo aquy em Goa mandou fazer muytos mantimentos, e monições, e petrechos pera o feito de Dio, e concertar e aparelhar todos os nauios que auia de leuar; e deu auiamento que logo fez partir pera Cochym as naos do Reyno; e mandou ficar em Goa toda a gente, e elle no galeão São Dinis se foy a Cochym, visitando de caminho as fortelezas, e prouendo no que compria; e de Onor e Baticalá * mandou * leuar agoa, muyto salitre, e muyto arroz e ferro, e açuquere, e chegado a Cochym soube que Coulão assy estaua fóra da paz como já atrás dixe, e que Heytor Rodrigues, capitão e feitor era morto de sua doença, e seruia de capitão Christouão de Bairros, seu genro, que era alcayde mór, que muyto bem seruia o cargo; a que deu a capitania, e lhe escreueo que assentasse a paz, porque compria porque auia muytas naos de carga. A que elle respondeo, e deu conta [1] * da * deferença que a Raynha tinha a nom querer pagar as quebras da pimenta da carga passada, e os báres que deuia da fazenda d'ElRey que se tomára ao feitor que matarão. O que o Gouernador pôs em conselho com dom Aleixo, e Antonio de Saldanha que se hia pera o Reyno, e foy acordado que polos respeitos que a Raynha apontaua, e pola muyta necessidade que auia de muyta [2] * pimenta, compria assentar a paz, que foy assentada * com dar quita á Raynha d'ametade da diuida, e que a outra metade pagasse pera o anno que vinha. Do que a Raynha foy contente, e foy a paz assentada com cartas assinadas; com que tudo fiqou em paz, e forão lá carregar duas naos.

[1] * a * Autogr. [2] * pimenta pera que compria assentar a paz foy assentada * Id.

Em Cochym o Gouernador apossou o védor da fazenda e officiaes em todos seus cargos, como ElRey mandaua, e lhe muyto encarregou sobre elle a carga das naos, e mandou a Calecut hum nauio e huma nao da terra, que trouxerão pimenta que se lá fez, que carregou huma nao, a qual lá nom foy carregar por a embarcação ser muyto trabalhosa por caso do arrebentar do mar.

E vendo o Gouernador as grandes desordens que vinhão do Reyno, tão mal ordenadas, polos enganos com que enganauão ElRey, e mórmente sobre a alfandega d'Ormuz e do feito de Dio pera que se apercebia, e o muyto que custaria se por guerra se tomasse forteleza, de tudo fez grandes apontamentos, allegados com Antonio de Saldanha, e com alguns fidalgos que se hião, e com os capitães da carga; com as quaes sostancias, polo muyto que comprião ao estado da India, mandou Francisco de Mendoça em hum nauio vianceiro, que partio dezembro, concertado quanto compria pera sua viagem.

E tambem despachou pera capitão de Malaca Jorge d'Alboquerque, em que viera prouido por ElRey; com que muyto aprofiou o Gouernador que primeyro fosse com elle a Dio, porque sua monção, em que auia de hir pera Malaca, auia de ser em maio do anno de 1521; mas elle nom quis, por se estar apercebendo á sua vontade do que lhe compria leuar, até vir a requerimentos e protestos com o Gouernador; ao que deu passada, por ser homem de seruiço e fidalgo pobre, e se queria aproueitar, e nom hir gastar a Dio.

E tambem despachou Antonio de Miranda d'Azeuedo, que ElRey mandaua que fosse fazer huma forteleza no rio de Pacem, que he na ilha de Çamatra, em que mandaua assentar feitoria pera o grande trato de riqas mercadarias da terra, que corrião d'ahy pera todas partes, e mórmente muyta pimenta, que era grande mercadaria pera a China; pera o que logo ElRey mandou todos officiaes ordenados, com duzentos homens que auia de leuar. E n'este primeyro tempo Antonio de Miranda auia de ser capitão e feitor, pera assentar os tratos da terra; e ysto muyto encarregado ao Gouernador, que lhe désse logo todo o auiamento que comprisse a todolas cousas que lhe comprissem, porque muyto compria a seu seruiço; mandando logo nas naos da carga 'artelharia que auia de leuar pera' forteleza. Polo que o Gouernador deu a Jorge d'Alboquerque hum bom nauio em que foy, e outro a Antonio de Miranda, em que le-

uou seu prouimento; e deu outro nauio a dom Sancho, que hia pera ser capitão do mar de Malaca, que em todos os nauios hião tresentos e cincoenta homens d'armas; e deu regimento a Jorge d'Alboquerque que fosse a Pacem, e que d'ahy se nom fosse sem ajudar a fazer a forteleza, que por nom fazer detença a trabalhasse fazer com todo concerto de paz que fosse possiuel. E partirão todos muy bem concertados do que lhe compria; e partirão com bom tempo, com que sem contraste chegarão a Pacem todos os tres nauios. Onde sorgindo no porto logo de terra vierão muytos barqos a vender cousas de comer, nos quaes barqos Jorge d'Alboquerque mandou recado a ElRey, dizendo que lhe mandasse algum seu homem pera lhe mandarem recado que lhe muyto compria. O qual homem logo ElRey mandou, e per elle lhe mandarão dizer que elles hião pera Malaca, e chegarão ally a seu porto, que se lhe aprouvesse assentarião ally em sua terra huma feitoria d'ElRey de Portugal, pera n'ella venderem e comprarem muytas mercadarias, e carregar muytas naos; onde virião tratar muytos mercadores, com * que * aueria grandes rendas e seu porto * ficaria * muyto nobre, e tratarião com muyta paz e boa verdade, o que duraria pera sempre; e que o capitão de Malaca, que ally estaua, faria tudo, se fosse sua vontade e prazer, e faria com elle todo' concerto que elle quigesse, e lhe daria seguros pera todos seus portos e nauegações. O qual recado ouvido por ElRey e polos seus, todos forão muyto contentes, porque o mór trato que tinha em seus portos era pera Malaca, e com ter ally feitoria d'ElRey de Portugal, e com o fauor do capitão de Malaca era grande bem seu pera seguridade pera toda sua terra: do que mandou sua reposta que era contente, sè o fazião com boa verdade. No que se passarão muytos recados, e assentou seu concerto como foy contente, e deu suas seguridades, com que Antonio de Miranda foy a terra, e ElRey lhe fez muyta honra; e no lugar que lhe milhor pareceo pedio a ElRey pera n'elle fazer a casa da feitoria; do que ElRey e os seus forão contentes, e lhe mandou dar todo o que auia mester. O que vendo Jorge d'Alboquerque, que tudo * era * assy assentado com tão segura paz, deu pressa á obra, em que se fez huma só casa grande muy forte, derrador da qual fez huma grande cerqua muy forte, d'estacada de grossa madeira, de duas andainas, e antre ambas entulho de rama e terra, com que fiqou muyto forte; dizendo a ElRey que assy compria estar a feitoria d'ElRey, pera estar segura de fogo e ladrões; do que tu-

do ElRey foy muyto contente: em que dessimuladamente se desembarqou 'artelharia e as monições, que tudo meteo na casa, derrador da qual fez alpenduradas çarradas em que tudo meteo, porque era a casa á borda d'agoa.

Antonio de Miranda muytas vezes falaua com ElRey, dizendo que ally auia de fazer naos, e por ysso lhe ficaua ally artelharia e armas, e gente pera as armar, que andassem seguras por onde fossem; e tudo com ElRey assentaua com muyta seguridade; com que ElRey estaua muyto contente. E na cerqa fez porta fechada, e per dentro casinhas de palha pera aposento da gente. Polo que, estando assy tudo bem encaminhado, Jorge d'Alboquerque se partio pera Malaca, e deixou dom Sancho que estiuesse alguns dias até a cousa ficar mais acabada; em que tudo se muyto afortelezou, e dentro se aposentarão oitenta homens, que com os officiaes e bombardeiros forão cento, dizendo Antonio de Miranda que bastauão estando de paz; com que dom Sancho se partio, ficando Antonio de Miranda muyto na amizade d'ElRey e dos regedores da terra, que todos Antonio de Miranda sabia honrar e grangear, com que todos lhe fazião muyta honra, porque tinha a gente muy regrada como nom fazião nenhum escandolo a ninguem. Com que logo se começou o trato de mercadarias e roupas de Cambaya, que Antonio de Miranda leuou; ao que acodirão os mercadores da terra, a que Antonio de Miranda fazia muytas honras e larguezas, e cartazes pera suas embarcações graciosamente; e aos que vinhão de fóra fazia muytas honras e fauores; polo que o trato se acrecentou muy grande, e de grande proueito nas vendas e compras, e com todos muyta paz, onde assy esteue até que se danou, como ao diante direy.

O Gouernador, despachadas as cousas de Cochym, apanhou toda a gente, com que se foy a Goa, correndo as fortelezas, e prouendo do que compria.

CAPITULO XIII.

COMO O GOUERNADOR EM GOA AJUNTOU TODA SUA ARMADA, COM QUE SE PARTIO PERA DIO, E O *QUE* PASSOU ATÉ CHEGAR AO PORTO, E COM MELIQUIAZ ATÉ SE PARTIR PERA ORMUZ.

O Gouernador em Goa se ajuntou com toda sua armada, e despachou Pero da Silua pera Ormuz, e Belchior de Carualho, que trouxe de Baticalá, feitor da carreira d'Ormuz, com muytas mercadarias, que tinha compradas pera seu trato; onde em Goa auia grão trafego no auiamento das *naos*; onde assy estando chegou Cide Alle, o torto, em huma fusta, com visitação de Meliquiaz, e presente de huma carreta com quatro bois de andadura, pequenos, muyto gordos, que comião todolas viandas; que trazião a carreta d'andadura que per terra chã podião hir dormindo n'ella, que era marchetada de lauores e dourada; cousa muy sotil, que toda se fazia em peças, e seus ferros dourados e prateados, e os cornos dos bois de hum palmo, forrados de latão dourado com muytos lauores, e huma almofada de seda da grandura da carreta, com huns paramentos de pannos de seda, que se armauão sobre hum pao como esparauel, que cobrião toda a carreta, cousa muy preciosa; e hum boieiro, que regia a carreta e mandaua os bois com sua palaura, que o entendião como criaturas. A qual carreta armada, com os bois, Cide Alle apresentou ao Gouernador, dizendo que lha mandaua porque lha dera ElRey de Cambaya, em que ás vezes andaua. Com que o Gouernador mostrou que muyto folgaua, dizendo que se chegára a tempo que a mandára a Portugal. E com este presente huma carta de hum concerto de trato de Cambaya pera Malaca, cousa desapegada e desnecessaria, que o Gouernador entendeo que era modo que o Cide Alle trazia pera espiar e vêr o que elle Gouernador fazia e se *se* aprecebia; e disimulou com o despacho da reposta, com tenção de o leuar quando fosse, e assy o fez.

O Gouernador deu muyta pressa, e despedio dom Aleixo de Meneses que ficasse com poderes de Gouernador, que assy o tinha em seu regimento, e que [1] *estiuesse* em Cochym, porque auia algumas conten-

[1] *estiue* Autogr.

das antre as gentes d'ElRey de Cochym e d'ElRey de Calecut; do que o Gouernador tinha mandado recado ao Rey de Calecut, e elle nom dixistia de sua profia, que era contra rezão. O Gouernador mandou a dom Aleixo que fauorecesse a gente d'ElRey de Cochym; o que assy fez, que mandou dom Jorge de Meneses com trinta homens espingardeiros, que fauoreceo a gente de Cochym, com que muytas vezes desbaratou a gente do Çamorym. E com quanto o Gouernador deu muyta pressa nom póde partir de Goa senão na entrada de feuereiro do anno de 1521, leuando oito galeões, quatro galés, tres galeotas, desoito naos e nauios, e bargantys e fustas, que por todas forão corenta e quatro velas, em que auia passante de dous mil homens portugueses, com mais de mil escrauos de peleja catiuos de seus senhores, e oitocentos homens canarís de peleja, e muytos pedreiros e caboqueiros, e muytas ferramentas, e petrechos, e madeira, e muyta artelharia, poluora e monições, tudo em muyta auondança, e a gente muyto bem armada, porque o Gouernador fazia sempre os alardos e pagamentos que fazia com a gente armada.

Leuando quantos fidalgos auia na India, partio o Gouernador de Goa com toda esta armada, e sendo no mar lhe deu tanta tromenta de noroeste, vento contrairo de seu caminho, que a mór parte d'armada tornou 'arribar á barra de Goa, com vergas quebradas e desaparelhados; com que se detiuerão alguns dias. Na qual tromenta teue cuidado Cide Alle de Dio que se acolheo a hum *esteiro*, e de noite com alguma bonança, á força de remo, metendose polos rios, se foy a Dio, e deu conta a Meliquiaz do que passaua, e grossa armada que o Gouernador leuaua; mas já Meliquiaz estaua muy prouido do que lhe compria, e tinha muyta gente de gornição, e o rio atrauessado com huma grossa cadea de ferro da torre da terra ao baluarte do mar, e debaixo d'ella barcaças que a sostinhão, porque era muy pesada, porque nom quebrasse; com que o rio ficou tapado, que nada podia entrar; e além da cadea dentro no rio, junto da cadea, tres naos cheas de pedra, com rombos feitos, tapados per baixo, pera que se a cadea quebrasse lhe abrirem os rombos e as meterem no fundo, que empedissem o rio que os nossos nom pudessem entrar. E tinha muyta fustalha bem armada dentro no rio, com muyta artelharia; e os muros da cidade muy concertados, e assentada muyta artelharia, e em todo muyto prouimento do necessario. O que se disse que Meliquiaz ouvera auiso do proprio feitor Fernão Mar-

tins Auangelho, o que póde ser, e mostra rezão que o faria por segurar sua vida, se ouvesse algum rompimento de guerra, que Meliquiaz tinha engenhos de fazer poluora da feição dos nossos, que se dizia que o feitor lhos ensinára, o que póde ser que tal nom seria, e temeria a perdição de sua alma, se tal fôra. D'estes aprecibimentos de Meliquiaz o Gouernador foy auisado por carta do feitor, que secretamente lhe mandou a Chaul, que lha dessem quando hy chegasse, como derão. E o Gouernador foy com muyto trabalho do vento contrairo, com que chegou a Dio já em março; onde assy chegado o Gouernador, logo do rio vierão fustas desemmasteadas, que puderão sahir por debaixo da cadea, carregados de vaquas, carneiros, e refrescos, que apresentarão ao Gouernador, que lhe mandou seus agardicimentos.

O Gouernador, depois da carta que lhe derão em Chaul, tinha muyto praticado com os capitães, e fidalgos, que tal seria o primeyro recado que mandaria a Meliquiaz sobre lhe pedir forteleza; e de Chaul mandou Pero Lourenço de Mello em hum galeão, e com elle Jorge Dias Cabral, homem fidalgo caualleiro, que andára em Italia e sabia das cousas da guerra, pera que primeyro chegassem a Dio e com dessimulação fossem a terra a casa do feitor jantar, e saber e vêr como estaua Dio, pera lhe darem d'ysso recado quando chegasse. O que assy fez Pero Lourenço de Mello, que chegou a Dio primeyro que o Gouernador, que vendo a cadea, e como o rio estaua tomado, nom quiserão hir dentro, que abastaua o que vião de fóra, que muyto milhor estaria dentro. Estando assy, dom João de Lima se leuou d'onde estaua surto, e se foy com o traquete sorgir diante d'Ayres Correa, e foy tanto que sorgio apegado com a lagea que está na boca do rio, onde virando sobre 'amarra se ouvera de perder na lagea, se lhe nom acodirão os batés que o tirarão pera fóra. No que ouve grande reuolta, e na cidade aluoroço, que cuidarão os mouros que o galeão hia abalroar a cadea. Do que o Gouernador ouve paixão com dom João de Lima, e lhe falou palauras agastadas; ao que dom João lhe respondeo que se errara que nom fôra por fazer erro; que désse o galeão a quem quigesse, que sem capitania de galeão era quem era. Ao que o Gouernador deu passada, porque conhecia a condição de dom João de Lima, que era agastado.

Meliquiaz, como era muy auisado e sagaz, quis descobrir terra, e á reuolta do galeão mandou Cide Alle, o torto, em huma fustinha ao Go-

uernador, dizendo que os mouros da cidade fizerão aluoroço com grande medo que ouverão, dizendo que se o galeão nom dera na lagea hia pera abalroar e quebrar a cadea; que lhe mandasse dizer a verdade, pera fazer perder o medo aos mouros. O Gouernador, ouvido o recado, presente os capitães que estauão com elle, lhe dixe: «Cide Alle, dizê a Me-» «liquiaz que bem sey que nom são os seus mouros tão medrosos onde» «elle está; que hum galeão nom póde quebrar a sua grossa cadea, que» «com mãos d'homens se fez, e com mãos de homens se desfará, e não» «com galeão, que he de madeira.» Então se meteo pera a camara, e chamou o Cide Alle dentro, e lhe dixe que fosse dizer a Meliquiaz que nas naos, que este anno vierão, ElRey seu senhor lhe mandára que pera sempre assentasse paz e firme amizade com ElRey de Cambaya, por querer sempre ter aquy em Dio grande casa de feitoria, com muytas mercadarias pera vender e outras comprar, e * como * compria pera sua fazenda e feitor e seus homens estarem seguros, e lhe nom fazerem o que fizerão em Calecut e Malaca, que com traição, ladrões, por roubarem as feitorias, matarão os feitores e a gente; com que depois teue tantas guerras e trabalhos por vingança, como elle Meliquiaz sabia. Polo que era necessario em algum bom lugar, onde elle quigesse, que fosse na borda d'agoa pera desembarcar e carregar as mercadarias, lhe désse lugar em que fizesse huma casa forte e grande, em que a fazenda coubesse e estiuesse segura de fogo e ladrões, e dentro se aposentasse o feitor com os officiaes, e seus homens, e seruidores da feitoria: polo que lhe muyto pedia e rogaua, como seu grande amigo, que com ysto folgasse, pera que sempre se tratasse boa e segura paz antre todolas cousas de Cambaya, assy no mar como na terra, com * que * as nossas armadas e gentes se tratassem como verdadeiros irmãos. O que tudo ysto lhe o Gouernador deu por seu escrito, com que o mouro s'embarqou, e outra vez se tornou ao Gouernador e lhe disse: «Senhor, se Meliquiaz ysto nom quiser outorgar,» «eu tornarey seguro com a reposta que der?» O qual auiso o mouro já trazia de Meliquiaz que o perguntasse; ao que o Gouernador fiqou hum pouqo embaraçado, e todauia lhe dixe que sy, porque na paz e na guerra os messigeiros são seguros, porque são mandados. Com o que o mouro se tornou a terra e deu o recado a Meliquiaz, o qual com muyta dessimulação mandou ter grande vigia no feitor e em seis homens que com elle estauão, os quaes, per auiso do Gouernador que mandára ao feitor,

andauão sempre pola cidade folgando cada hum por seu cabo, olhando e espiando todo o que se fazia, com muyta dessimulação.

A reposta de Meliquiaz nom tornou aquelle dia, senão ao outro á tarde, a qual foy o proprio mouro, que entrando onde estaua o Gouernador lhe dixe presente os fidalgos que sempre com elle estauão: «Se-» «nhor, tardey com a reposta, porque Meliquiaz tomou seu conselho» «pera responder; e diz que aos seus, e a elle mais que todos, lhe pa-» «rece bem todo o que lhe mandaste dizer; mas que elle he escrauo» «d'ElRey de Cambaya, e que faria grande erro fazer nada sem primey-» «ro o fazer saber a seu senhor, pois da sua mão tinha recebida aquel-» «la cidade, que d'elle a confiára como fiel criado; que por tanto nom» «podia responder a seu recado senão o que fosse vontade de seu se-» «nhor, porque d'outra maneyra o que fizesse seria traição, e terias re-» «zão nom te fiares d'elle. O que, senhor, te deue parecer bem que elle» «assy o faça, pois vós outros portugueses guardaes tanto as cousas que» «vos entrega vosso Rey e senhor, a que chamaes lealdade, e guardaes» «verdade de vosso Rey sobre todolas cousas do mundo, em que elle» «está muy confiado que a elle nom será quebrada a que lhe he dada» «polos Gouernadores até gora. E que * por * sua rezão ser tão direita» «na verdade, te pede, e muyto roga, que hajas por bem lhe dar espa-» «ço pera logo sobre o caso mandar recado a ElRey seu senhor, ao» «qual escreueria quanto bem e proueito será fazerse a casa da feito-» «ria como pedes; e com o messigeiro que elle mandar tambem hirá» «outro teu, se o quizeres mandar.» E que se ElRey fosse contente do que pedia, elle, como bom amigo, tudo lhe daria, e mais hum pouqo, porque em tudo desejaua de lhe fazer prazer, porque depois que elle víra o feito dos rumes com o Visorey dom Francisco, lembrado das grandezas que então lhe fizera, e a muyta verdade que lhe sempre guardára, entregandose em suas mãos, folgára sempre de muyto guardar e ter paz com os portugueses, porque assy o então jurára em sua ley e moçafo; o que assy o mandaria a seus filhos quando morresse. E que sendo caso que ElRey nom quigesse o que elle pedia, e nom quigesse tomar seu conselho, que elle nom ficaria em nenhuma culpa dos males que viessem a Cambaya, e largaria a ElRey a cidade, e se hiria viuer a outro cabo; porque em quanto viuesse nom auia de pelejar com os portugueses, por nom quebrar seu juramento que ao Visorey fizera; que, se o quebrasse,

perderia su'alma, e o diabo lhe mataria seus filhos. E que se lhe nom quigesse dar o espaço pera mandar seu recado a ElRey, e lhe quigesse fazer mal, se defenderia como pudesse, porque n'ysso nom quebraua seu juramento; e que Deos faria mal a quem nom gardaua verdade.

O Gouernador, como mandou o recado a Meliquiaz, fiqou em conselho com os capitães * sobre * o modo como cometerião tomar Dio, pois estaua certo que Meliquiaz nom auia de querer o que elle pedia, e se auia d'escusar com querer mandar recado a ElRey de Cambaya. Os capitães, que trazião antre sy as praticas e enuejas que Diogo Fernandes de Beja auia de ser capitão da forteleza, se se fizesse, logo todos forão de contra banda, dizendo que Dio estaua tão poderoso que se nom podia cometer com menos de cinco mil homens, e que se ElRey tiuera verdadeira enformação de como estaua Dio, nom mandaria que com elle pelejassem, pois auia de custar as vidas de tantos antes que pusessem os pés em terrã. E que quando ElRey assy o mandasse, que então todos por ysso morressem e fizessem seu mandado; e ysto com tantas rezões, que affirmauão que nom se deuia de cometer Dio, por ser perigo tão vidente a entrada, e depois os que entrassem a cidade nom serião tantos que se pudessem defender ao poder d'ElRey de Cambaya, que sobre elles acodiria, que nom escaparia pé d'homem.

O Gouernador era muyto amigo de Diogo Fernandes de Beja, e estaua muy afrontado, porque entendia a tenção dos capitães. O que entendeo Diniz Fernandes de Mello, que era valente caualleiro, e era muyto amigo de Diogo Fernandes, e tirando o barrete, falando com o Gouernador lhe dixe: «Senhor, se ysto agora se nom fizer, e depois ElRey »
« nosso senhor mandar que se faça, como estes senhores dizem, já quan- »
« do este mandado vier nom seremos aquy juntos os que agora estamos, »
« e ficará a honra com os que o fizerem, e o nosso abatimento será bras- »
« femado, estando nós aquy com as mãos na massa; polo que ficaria »
« honra dobrada aos que então fizessem o feito. E quanto ao impidimen- »
« to da cadea, obrigo a cabeça que com tres tiros da minha galé a que- »
« bre em pedaços, quanto mais que arrombandolhe as barquas em pe- »
« daços cayrá no fundo. E n'ysto falo verdade, como logo o farey. » Dom João de Lima, que andaua agastado do Gouernador, e era homem isento em falar, que era muyto caualleiro, e era amigo de Diogo Fernandes, e sabia a cizania que os capitães trazião sobre sua capitania, falou dizen-

do: «Senhor, nom assopre ninguem o fogo com agoa na boca. Enten-»
«dido está que a cadea e baluarte que tem Dio pera o nom cometer-»
«mos, é a prouisão que dizem que tem o senhor Diogo Fernandes, que»
«ally está, da capitania de Dio; e por essa causa ninguem quer traba-»
«lhar no alheo. O que he tamanho erro antre tão honrados fidalgos dei-»
«xar de fazer o que somos tão obrigados, que agora comemos do que»
«outros ganharão.» O Gouernador, vendo que dom João se hia acendendo na pratica, lhe atrauessou, e disse: «Senhores, o que vos man-»
«do e requeiro da parte d'ElRey nosso senhor * he * que façamos o que»
«entenderdes que he mais seruiço de Deos e de Sua Alteza; porque se»
«aquy pelejando ganhamos pera Diogo Fernandes, elle he pessoa que o»
«bem merece, pois Sua Alteza lho dá, e todos bem sabemos que elle»
«ajudou a ganhar o que alguns de nós temos. E pois n'ysto somos obri-»
«gados a Deos, e a ElRey nosso senhor, tomemos concrusão antes que»
«venha a reposta tão certa de Meliquiaz, que ha de ser de não.» Acabando o Gouernador de falar, Diogo Fernandes, que estaua presente sem nunqua falar nada, se aleuantou com o barrete na mão, e disse ao Gouernador: «Senhor, eu são em muyta obrigação a estes senhores, na»
«duvida que estes senhores poem á mercê que me Sua Alteza fez da ca-»
«pitania de Dio, que está por nacer, e será o que Deos quiser. E po-»
«rém porque ninguem tome achaques ao seruiço d'ElRey nosso senhor»
«por este papel, com escusas tão conhecidas, esquecidos das obrigações»
«de suas honras, por ysso o entrego a vossa senhoria, d'esta mercê que»
«me Sua Alteza tinha feita, que ninguem está hoje na India que pola»
«lança a mereça melhor que eu, sómente hum só homem. Polo que»
«esta prouisão entrego a vossa senhoria, e d'ella digisto, e requeiro da»
«parte d'ElRey a vossa senhoria, e muyto peço por mercê, que a dê a»
«quem quer que a milhor merecer n'este feito, ou por seruiços de pes-»
«soa, se o ouver aquy presente, que se o conhecesse na mão lha en-»
«tregaria. E eu confio em quem são, e no que ElRey de mym conhe-»
«ce; e por este seruiço que lhe aquy faço porque ninguem se escuse»
«de fazer seu seruiço, Sua Alteza por ysto, e porque lhe mereço, me»
«fará outra mór mercê segundo tenho a vontade de lha merecer.» E meteo o papel na mão ao Gouernador, e pedio ao sacretario que d'ysso lhe désse estormento pera sua guarda, e dar de sy conta, se ouvesse quem lha quigesse pedir do que tinha dito. O Gouernador ouve muyto prazer

do que Diogo Fernandes dissera, e lhe respondeo: «Senhor Diogo Fer-»
«nandes, guardai bem vossa prouisão, e o ouvidor geral que hy está,»
«[1] *vos dará estromento* que a mym tambem o darão estes senhores»
«do que n'este caso determinarem, porque eu hey de seguir o cami-»
«nho do forol que me elles fizerem.» Com que se aleuantarão cada hum murmurando do Gouernador polo fauor que mostrára a Diogo Fernandes; mas nenhum falou nada em descuberto, porque bem sabião que Diogo Fernandes nom falára tão solto senão pera logo desafiar qualquer que lhe fôra á mão; porque Diogo Fernandes tinha muytos amigos que o ajudarião contra o mais poderoso que ouvesse na India.

Todos estes debates erão passados, quando ao outro dia veo o Cide Alle com a reposta de Meliquiaz, que atrás contey, que deu em presença dos capitães, que toda trazia por assinado de Meliquiaz que a escreueo perante o feitor e seus homens, que logo recolheo pera suas casas, sem os deixar sayr fóra. Com a qual reposta todos folgarão, que *era* conforme a suas vontades, outorgando com Meliquiaz, dizendo que respondia com rezão e justiça, com o que se nom podia contrariar senão erradamente; que era bem que se esperasse por reposta d'ElRey, e com ella se tomaria verdadeira determinação, porque ficando Meliquiaz fóra da obrigação d'ElRey podia ser que faria o que fosse mais seu proueito. O Gouernador fiqou muy agastado vendo o aluoroço dos capitães, e lhe disse: «Meliquiaz nom fará senão o que compre a sua honra e»
«descanso. Folgo porque vejo que estaes contentes e desobrigados do»
«que fiqua *a* Meliquiaz, porque bem entendeys que nom podemos»
«aquy agardar por reposta d'ElRey, que ha de ser como a de Meli-»
«quiaz. Mas porque ElRey nosso senhor nom me manda que faça mais»
«que este cometimento, que está feito, com paz, pera agora lhe poer-»
«mos as mãos, o que eu nom posso fazer sem vossos corações, e von-»
«tades, que bem vejo e entendo quejandas são, de que cada hum dará»
«conta de sy, como eu farey de mym: polo que digo que tambem me»
«parece bem a reposta de Meliquiaz.» *E acrecentou* que agora cada hum lhe désse seu parecer assinado, pera com elles dar conta a ElRey. O que todos lhe derão, decrarando que elle Gouernador mandasse messagem a ElRey de Cambaya, ou agardasse até vir a reposta a Meliquiaz;

[1] Por conjectura se accrescentaram estas palavras indispensaveis.

o que foy assentado por auto pubrico. Então o Gouernador chamou o mouro e lhe deu esta reposta.

« Dize a Meliquiaz, que eu, como seu grande amigo, folgo com sua »
« reposta, por ser tão chegada á boa rezão, e de auisado e bom capi- »
« tão, fiel a seu senhor; que lhe rogo muyto que logo mande seu re- »
« cado a ElRey » ; que bem sabia que com o recado lhe auia de mandar o bom conselho que lhe compria ter com a paz e amizade d'ElRey de Portugal. Pola qual reposta elle nom podia agardar; mas que aquy lhe [1] • deixaua • Diogo Fernandes, seu amigo, que vindo a reposta d'ElRey, segundo fosse, com elle podia tudo concertar e assentar; por quanto elle hia de caminho pera Ormuz fazer cousas que comprião. Com a qual reposta Meliquiaz fiqou contente e descansado, e mandou ao Gouernador muyto refresco, e comprimentos de muytos offerecimentos de grandes amizades. O que Meliquiaz todo logo fez saber a ElRey.

Esta cousa assy passada, os capitães mouerão pratica ao Gouernador, dizendo que por nom fiquar embalde tamanha despeza como custára 'armada, que deuia de hir ao rio de Madrefabá, que era d'ahy a cinqo legoas, em que podia entrar toda' armada, e n'elle fazer forteleza, de que podia fazer tanta guerra a Cambaya que lhe dessem quanto quigesse. O Gouernador lhe respondeo: « Nom quero que por esse bura- »
« co me entre o vento; quero mandar saber ysso que cousa he. » Então chamou Antonio Correa, de que era grande amigo, que chegou de Malaca a Cochym, e sabendo que o Gouernador hia com armada pera Dio se meteo em huma fusta esquipada com que o alcançou em Chaul, e lhe mandou que fosse em huma cotia, barqo da terra, que vinhão muytas de Chaul com cousas d'armada, e mandou com elle Pero de Coimbra, seu piloto mór, que lhe fosse vêr o rio de Madrefabá, e tomar 'agoa da barra, e Manuel da Ponte, mestre d'obras, e João de la Ponte, seu irmão, que o bem entendião, que vissem a terra, e se aueria pedra, e cal se poderia fazer pera a obra, e de tudo lhe trouxessem certeza. O que Antonio Correa fez com muyta diligencia, e tudo vio e bem engiminou, e se tornarão ao Gouernador e derão conta do que acharão, que pera tudo auia boa disposição. Ao que todolos capitães se muyto apegarão, dizendo que era bem que lá fossem fazer forteleza. O Gouernador descan-

[1] • deixo • Autogr.

çadamente lhe respondeo: «Já que nós nom fazemos o que ElRey man-»
«daua, nom será bem que eu agora vá fazer o que elle nom manda;»
«e estamos em março, e d'aquy a entrar o inuerno são dous meses,»
«que nom he espaço de tempo em que se possa fazer nada; mas da»
«enformação que trás Antonio Correa o farey saber a ElRey nosso se-»
«nhor, e desto que deixamos feito n'este Dio: então elle mandará o que»
«fôr seu seruiço, e o entenderá o Gouernador que vier, que por ventu-»
«ra será mais ditoso do que eu fuy.»

Então o Gouernador fez secreto regimento a Diogo Fernandes de Beja, em que lhe mandou que trabalhasse por auer ás mãos o feitor e fazenda que tinha, e logo se fosse caminho d'Ormuz. Em pubrico lhe mandou que ficasse em Dio no galeão São Matheus, em que elle hia, e com elle fiqou Manuel de Macedo em huma carauella latina, e João Pereirinha em huma carauella redonda, todos com boa gente e bem artilhados; encomendando a Diogo Fernandes que se désse a toda amizade com Meliquiaz, a ver [1] *se* o poderia amolentar a dar a forteleza, sobre o que lhe fizesse todolos concertos e partidos que elle quigesse, em nome d'ElRey de Portugal; e que se lhe bem parecesse mandar messigeiro a ElRey de Cambaya, com suas cartas assinadas de seu nome, que o fizesse. Do que de tudo lhe deu largos apontamentos do que auia de fazer, e que tudo fizesse como lhe milhor parecesse, que tudo [2] *deixaua* n'elle.

Então entendeo em despachar as cousas que comprião, e despachou Pero Lourenço de Mello que se fosse em sua nao sua viagem á China, como trazia por ElRey; e despachou Lopo de Brito pera capitão de Ceylão, qûe trouxera por ElRey; e mandou por embaixador Fernão Camello ao [3] *Nizamaluco*, senhor das terras de Chaul, pera hy fazer huma forteleza, e concertar e ter armada pera fazer guerra a ElRey de Cambaya, que lhe pareceo ao Gouernador que Nizamaluco folgaria, porque tinha contenda com ElRey de Cambaya: ao que respondeo o que adiante direy. E despachou Jorge de Brito e Antonio de Brito, ambos irmãos, que ElRey mandou com grandes poderes e regimento que fossem fazer

[1] *que* Autogr. [2] *deixa* Id. [3] Yrzam Maluco, Hyrzam Maluco, Izam Maluco, etc. Com estas, e ainda outras variantes, escreveu Gaspar Correa o nome do *Nizamaluco*, cuja etymologia explicou *Garcia d'Orta*, *Coloq*. 10, do *Ber*.

huma forteleza nas ilhas de Maluco, e no regimento secretamente lhe mandaua que fosse fazer a dita forteleza, pera o que pediria ao Gouernador toda a gente e monições que lhe comprissem, o que mandou ao Gouernador que muy enteiramente comprisse, sem a ysso pôr nenhuma duvida, porque muyto compria a seu seruiço, porque nello auendo falta lhe daria muyta conta. O que o Gouernador, vendo tão fortes prouisões, muyto quis saber do Jorge de Brito a causa d'ysto; mas elle lho encobrio, dizendo que ElRey lhe defendia que o nom descobrisse. De que o Gouernador se muyto escandalizou, e por ysso o mal despachou, por lho nom querer descobrir, nem mostrar o regimento, em que lhe ElRey dizia que achando em Maluco castelhanos, ou lá fossem ter, todos matasse, e suas naos queimasse, que d'elles nom tornasse a Castella noua nem recado; e que ysto fizesse como de sy mesmo, sem lhe ser mandado por ninguem, como homem aleuantado; e seu irmão Antonio de Brito por segunda pessoa, que em todo o socedesse, viuo e morto, sem pessoa alguma a ysso lhe fazer duvida, nem pôr embargo, guardando sobre todo seu segredo. E que o Gouernador em pubrico lhe fizesse mercê da capitania de huma forteleza, que lhe mandaua que fosse fazer a Maluco. E que Antonio de Brito fosse com elle por capitão do mar; e que se falecesse ficasse em seu lugar por capitão; e que hindo de caminho, se pudesse, em Çunda fizesse forteleza em que ficasse por capitão Antonio de Brito; e que acabando Jorge de Brito os tres annos da forteleza de Maluco, fosse estar n'ella por capitão outros tres annos Antonio de Brito; e que se Jorge de Brito quigesse ser capitão na forteleza de Çunda estiuesse n'ella tres annos, e senão que o capitão de Malaca a prouesse de capitão até o Gouernador a prouer de capitão. Do qual feito de Maluco direy a causa mais adiante, porque faz muyto a esta lenda. Do que o Gouernador lhe passou prouisões, e assy o muyto encomendou a dom Aleixo, e ao védor da fazenda, que lhe désse tudo o que pedisse, porque assy o mandaua ElRey.

E tambem o Gouernador despachou Antonio de Brito, caçador mór, em huma nao, e Rafael Prestrello em outra, que fossem a Bengala fazer seu proueito; a que mandou que de caminho fossem visitar Pacem, em que carregarião pimenta pera Bengala, em que se fazia grande proueito; e que fossem em companhia de Lopo de Brito, que auia de ficar em Ceylão, e d'ahy fossem em conserua com Jorge de Brito, que todos fos-

sem ao porto de Pacem dar fauor 'Antonio de Miranda, e o prouessem d'alguma cousa de que podia ter necessidade. De que a todos tomou as menages assinadas, porque tudo era em seu direito caminho: dos quaes adiante contarey o que passarão. E despachou o Gouernador outros nauios de que nom tinha necessidade, que mandou que se varassem e concertassem em Goa e Cochym.

De modo que com elle ficarão, que forão pera Ormuz, Nuno Fernandes de Macedo, Christouão de Sá, Ruy Vaz Pereira, Lopo d'Azeuedo, Francisco de Sousa Tauares, Francisco de Tauora, Antonio Raposo, Pero da Silua, Ayres Correa, Antonio Correa, Gonçalo Pereira, Gaspar Doutel, Fernão Gomes de Lemos, Jeronymo de Sousa, Jorge Barreto, [1] *Antonio de Lemos*, Christouão de Sousa, Antão Nogueira, e outros, que com as galés forão vinte e tres velas, com que se partio pera Ormuz já em meado março; de que adiante contarey. E aquy, por nom tornar tanto atrás, direy da causa da forteleza que ElRey mandou fazer em Maluco.

CAPITULO XIV.

QUE RECONTA DA ARMADA QUE PARTIO DE CASTELLA O ANNO DE 1519, DE QUE FOY CAPITÃO MÓR FERNÃO DE MAGALHÃES, HOMEM PORTUGUES, QUE AGRAUADO D'ELREY DE PORTUGAL SE FOY VIUER COM O EMPERADOR CARLOS; E CONTA TODO O QUE PASSOU NA VIAGEM, E OS QUE CHEGARÃO A MALUCO, E A FIM QUE TOD'ARMADA OUVE.

FERNÃO de Magalhães, caualleiro honrado, que n'estas partes seruio em tempo do Visorey e d'Afonso d'Alboquerque, de que fiz menção no liuro primeyro, nas duas naos que hião pera o Reyno, que se perderão nos baixos de Paduá, de que os capitães d'ellas se tornarão a Cochym nos seus bateys, e este Fernão de Magalhães fiqou nas naos com a gente, gardando as naos, até que de Cochym forão carauellas em que se saluou muyta fazenda d'ElRey e de partes; o qual Fernão de Magalhães hindo ao Reyno, alegando a ElRey seus seruiços, e pedindo em satisfação que lhe acrecentasse cem réis em sua moradia por mês, o que lhe ElRey denegou, por lhe nom cayr em graça ou porque assy estaua permetido

[1] *Antonio demos* Ms.

que auia de ser; Fernão de Magalhães d'ysto aggrauado, porque o muyto pedio a ElRey e elle o nom quis fazer, lhe pedio licença pera hir viuer com quem lhe fizesse mercê, em que alcançasse mais dita que com elle. ElRey lhe disse que fizesse o que quigesse; polo que lhe quis beijar a mão, que lhe ElRey nom quis dar.

Mas Fernão de Magalhães se foy a Castella ao porto de Seuilha, onde se casou com huma filha de hum homem principal, com tenção de nauegar polo mar, porque entendia muyto d'arte de piloto, que era esperiquo. Em Seuilha tinha o Emperador a Casa da Contratação, com seus regedores da fazenda, com muytos poderes, e grande trafego de nauegações e armadas pera fóra. Fernão de Magalhães, atreuido em seu saber, com a muyta vontade que tinha d'anojar ElRey de Portugal, falou com os regedores da Casa da Contratação, e lhe disse que Malaca e Maluco, ilhas em que nacia o crauo, erão do Emperador polas demarcações que auia d'antr'ambos; polo que ElRey de Portugal contra direito possuia estas terras; e que ysto elle o faria certo ante todolos doutores que o contradixessem, e a ysso obrigaria a cabeça. Ao que os regedores lhe responderão que bem sabião que elle falaua verdade, e o Emperador assy o sabia, mas que o Emperador nom tinha nauegação pera lá, porque nom podia nauegar polo mar da demarcação d'ElRey de Portugal. Fernão de Magalhães lhe dixe: « Se me derdes nauios e gente, eu mostrarey na- » « uegação pera lá, sem toquar em nenhum mar nem terra d'ElRey de » « Portugal. » E senão que lhe cortassem a cabeça. Do que os regedores muyto contentes o escreuerão ao Emperador, que lhes respondeo que auia prazer com o dito, e muyto mais aueria com o feito; que elles tudo fizessem, guardando seu seruiço, e as cousas d'ElRey de Portugal, que nom fossem tocadas; que antes tudo se perdesse. Com a qual reposta do Emperador falarão com o Magalhães, e com elle muyto se affirmarão no que dizia, que nauegaria e mostraria o caminho per fóra dos mares d'ElRey de Portugal; que lhe dessem os nauios que pedisse, e gente e artelharia, e o necessario, que elle compriria o que dizia, e descobriria nouas terras que estauão na demarcação do Emperador, donde traria ouro, crauo, canella, e outras riquezas. O que ouvido polos regedores, com grande desejo de fazer tamanho seruiço ao Emperador como era descobrir esta nauegação, e por fazerem esta cousa mais certa, ajuntarão pilotos e espericos, que sobre o caso disputarão com o Magalhães, que a todos deu

taes rezões que concederão no que dizia, e affirmarão que era homem muy sabido. Com que os regedores logo com elle fizerão concertos, e apontamentos, e poderes e regimentos, que mandarão ao Emperador, que lhe mandou firmeza de tudo, resguardando as nauegações d'ElRey de Portugal sobre todolas cousas; e assy o mandaua, e defendia, e que ao Magalhães fosse dado o que pedia. Polo que Fernão de Magalhães foy a Burgos, onde estaua o Emperador, e lhe beijou a mão, e o Emperador lhe deu mil cruzados d'acostamento pera gasto de sua molher em quanto fosse sua viagem, assentado na vassalagem de Seuilha, e lhe deu poder de baraço e cutello em toda' pessoa que fosse n'armada, de que seria Capitão mór; do que lhe assinou grandes poderes, com que tornado a Seuilha lhe forão concertados cinqo nauios pequenos, como elle pedio, concertados e armados como elle quis, com quatrocentos homens d'armas, em que lhe carregarão as mercadarias que elle pedio. Os regedores lhe disserão que elle désse as capitanias, do que elle se escusou, dizendo que era nouo na terra, que nom conhecia os homens; que elles os buscassem que fossem bons e fieis ao seruiço do Emperador, que folgassem por seu seruiço de leuar trabalhos, e má vida que auião de passar na viagem. O que lhe os regedores muyto tiuerão a bem e bom auiso, e que aos capitães que fizessem e gentes que leuasse primeyro lhe notificassem os poderes que leuaua do Emperador. O que assy fizerão, e em Seuilha buscarão homens de confiança pera capitães, que forão João de Cartagena, Luiz de Mendoça, João Serrano, Pero de Quesada. A qual armada concertada, com a gente paga por seis mezes, partio de São Lucas de Barrameda em agosto do anno de 1519. Com que nauegou ás Canarias [1] * e * fez agoada; onde estando lhe chegou hum barco com cartas de seu sogro, em que lhe daua auiso que tiuesse em sua pessoa boa vigia, porque tinha sabido que os capitães que leuaua dixerão a seus amigos e parentes que se elle os anojasse que o matarião, e se aleuantarião contra elle. Ao que lhe respondeo que elle lhe nom faria agrauos porque elles tiuessem rezão de o fazer; que por ysso elle os nom fizera, mas os regedores lhos derão, que os conhecião; que, bons ou máos, elle trabalharia por fazer o seruiço do Emperador, que a ysso offerecerão a vida. A qual reposta o sogro mostrou aos regedores, que muyto louvarão o coração do Magalhães.

[1] * os * Autogr.

Partiose das Canarias de Tanarife, e foy demandar o Cabo Verde, d'onde atrauessou á costa do Brasil, e foy entrar em hum rio que se chama Janeiro. Hia por piloto mór hum portuguès chamado João Lopes Carualhinho, o qual n'este rio já estiuera, e leuou hum filho que hy fizera em huma molher da terra. E d'aquy forão nauegando até chegarem ao cabo de Santa Maria, que João de Lisboa descobrira no anno de 1514; e d'aquy forão ao rio de São Julião, onde estando tomando agoa e [1] * leynha, João * de Cartagena, que era sota capitão mór, se concertou com os outros capitães que se aleuantassem, dizendo que o Magalhães os leuaua enganados e vendidos. E porque elles entendião que o Gaspar de Quesada era amigo do Magalhães, o João de Cartagena se meteo no seu batel, de noite, com vinte homens, e se foy á nao de Gaspar Quesada, e entrou a falar com elle, e o prendeo, e fez capitão da nao hum seu parente, pera logo todos tres hirem abalroar o Magalhães e o matarem, e logo renderião a outra nao de João Serrano, e tomarião o dinheiro e fazenda, que esconderião, e se tornarião ao Emperador, e lhe dirião que o Magalhães os leuaua vendidos e enganados, fazendo traição a seus regimentos, porque hia nauegando polos mares e terras d'ElRey de Portugal: do qual feito primeyro auerião seguro do Emperador. Com que se ordenarão na traição, que lhe mal sayo.

Fernão de Magalhães tinha alguma sospeita d'esta cousa, e antes que ysto fosse, mandou o seu esquife que fosse polos nauios dizer aos capitães que os mestres concertassem seus nauios pera os pôr a monte e alimpar; e com este achaque deu auiso a hum seu criado, que mandou no esquife, que visse o que os capitães respondião. O qual esquife chegando aos nauios aleuantados o nom deixarão chegar a bordo, dizendo que nom farião mandado senão de João de Cartagena, que era seu Capitão mór. O esquife tornado com esta reposta, o Magalhães falou com Ambrosio Fernandes, seu meirinho, valente homem, e lhe mandou o que auia de fazer, que hia secretamente armado, e por elle mandou huma carta a Luiz de Mendoça com seis homens no esquife, que o meirinho escolheo; e foy correndo 'agoa pera os nauios, e mandou ao seu mestre que fizesse grande toa com que elle pudesse chegar aos nauios, se comprisse; e tudo assy concertado foy o esquife, e chegando a bordo de Luiz de Mendoça o

[1] * leynha onde João * Autogr.

nom consentirão chegar a bordo. Polo que o meirinho disse ao capitão que era fraqueza o nom mandar entrar, que era hum só homem que leuaua huma carta. 'O que o capitão mandou que entrasse; o qual entrou e lhe dando a carta o leuou nos braços, bradando: «Da parte do Em-» «perador estai preso!» Ao que entrarão os do esquife com espadas arrancadas, com que o meirinho com huma adaga degolou a Luiz de Mendoça, que o tinha derrubado debaixo de sy, que assy lho mandára o Magalhães. Ao que se aleuantou aluoroço; o que ouvido polo Magalhães mandou largar a toa, e com a sua nao foy sobre os outros nauios, com a gente armada e artelharia prestes, e chegando ao nauio do Mendoça mandou enforcar nas vergas seis homens que se aleuantarão contra o meirinho, os quaes prenderão os marinheiros da nao, da qual fez logo capitão Duarte Barbosa, homem português seu amigo; e mandou pendurar polos pés o corpo do Mendoça, que o vissem das outras naos; e mandou ao Barbosa que concertasse a gente pera hir abalroar hum dos outros nauios; e por escusar fazer o mal que pudéra fazer, [1] * pois * era português e a gente do Emperador, fez manha, e falou segredo com hum marinheiro de que se fiou, que fogio pera a nao do Cartagena, onde de noite, correndo 'agoa pera o nauio do Magalhães que estaua por popa, e vendo o marinheiro tempo, cortou 'amarra ou largou ao nauio do Cartagena, com que veo ter sobre o Magalhães, que acodio bradando: «Trai-» «ção! traição!» Com que entrou na nao do Cartagena, e o prendeo e aos seus, e fez capitão da nao hum Aluaro de Mesquita, que o Cartagena tinha preso em ferros porque o reprendêra do aleuantamento que fazia: o que vendo o outro nauio logo se rendeo. E ao Cartagena mandou esquartejar com pregão de trédor; e foy tambem esquartejado o corpo do Luiz de Mendoça, e os quartos e enforcados mandou pôr em terra espetados em páos; com que os castelhanos lhe tiuerão grande medo, porque os aleuantados teue presos em ferros, metidos nas bombas, tres meses que esteue n'este rio, em que espalmou e concertou muyto bem seus nauios.

E querendo partir, mandou soltar os presos, e os perdoou, e mandou que fossem pola terra correndo á borda do rio, até que lhe achassem o cabo em que verião o mar da outra banda, e qualquer que lhe tornasse com este recado lhe daria cem cruzados d'aluiçara. Os quaes fo-

[1] * e * Autogr.

rão mais de corenta legoas, e tornarão sem recado, e de huma pouoação que acharão trouxerão dous homens de quinze palmos d'alto. Então mandou o Serrão, porque o seu nauio era mais pequeno, que fosse polo rio descobrir o cabo d'elle; que foy com grande corrente d'agoa que [1] * o leuaua sem vento *, e hindo assy encalhou sobre humas pedras em que se perdeo, e tornou o batel carregado da gente; onde o Magalhães mandou os bateys, e saluarão tudo, que sómente o casco se perdeo. Então mandou pôr na terra dous creligos que forão no aleuantamento, e a hum irmão do Cartagena, a que perdoára a rogo do Mesquita, e os deixou assy desterrados.

Então se partio do rio, e correo ao longo da costa até chegar a hum rio, a que pôs nome da Victoria, que tinha a terra alta d'ambas as bandas. D'este rio lhe fogio a nao de Mesquita, que nom soube se o matarão ou se foy por sua vontade; mas hum adiuinhador estrolyco lhe disse que o capitão hia preso, e se tornauão pera Castella, mas que o Emperador lhe faria mal.

Então o Magalhães, com os tres nauios que tinha, se foy polo rio dentro, porque correo passante de cem legoas, e sayo da outra banda ao mar largo, onde lhe deu leuante á popa, com que correrão mais de cinqo meses sem amainar, e forão dar em humas ilhas despouoadas, e em huma d'ellas acharão gente saluagem, que viuia em couas debaixo do chão. Forão a outra ilha que lhe dauão ouro por peso de ferro, com que recolherão muyto ouro; e a gente de boa condição, que tinhão Rey; gente bem tratada, que tinhão guerra com outros visinhos que mais podião; polo que o Rey se fez christão com toda' sua gente, porque o Magalhães o ajudasse contra seus imigos. Ao que se offereceo o Magalhães, e com a gente armada e com os da terra foy dar nos imigos, de que matou muytos, e lhe queimou o lugar; e os imigos ouverão ajuda d'outros, e muytos vierão pelejar com o Magalhães, que os desbaratou, e lhe correo o alcanço muyto longe. O que fizerão com manha, porque tinhão ciladas de gente metidas no mato, que vendo os castelhanos cansados sayrão a elles e matarão muytos, e outra cilada sayo do mato a tomar os bateys, que estauão na praya sem gente: ao que sayo o Rey, e pelejou com elles, e defendeo os bateys, e colheo a gente.

[1] * o leua sem vendo * Autogr.

O Rey fogido, vendose assy desbaratado, tratou traição com o Rey christão, e fez com elle concerto de casamento com sua filha, e com suas juras que morrendo elle, que era já velho, tudo lhe ficaria, e viuerião sempre amigos; porque os castelhanos se auião de hir, e se o nom fizesse pera sempre lhe faria a guerra; e ysto com condição que lhe auia de dar modo como matasse os castelhanos. O que o Rey christão, como homem bestial, consentio na traição, e fez grande festa e banquete polo vencimento, ao que conuidou o Magalhães, que foy ao banquete com trinta homens, os mais honrados e bem vestidos; onde estando no banquete folgando, entrarão os imigos armados, que matarão o Magalhães e todos os castelhanos, que nenhum escapou, e o Serrão despirão, * e * arrastando o leuarão á praya, onde o justiçarão e matarão arrastado.

Os que estauão nas naos, vendo o mal da terra, que contarão os marinheiros que forão nos bateys, aleuantarão antre sy por capitão o Carualhinho, piloto da capitaina, a que todos obedecerão; o qual mandou despejar huma das naos que fazia muyta agoa, e lhe mandou pôr o fogo no meo do mar, porque os da terra nom se aproueitassem do ferro, e fez capitão da nao do Serrão a hum Gonçalo Gomes d'Espinosa, que era parente do estrolico, que tambem morreo com o Magalhães, que nom adiuinhou o mal que lhe veo.

As duas naos se partirão d'aquy, correndo per antre muytas ilhas, e forão ter em huma que tinha muyta canella muyto fina. D'aquy, correndo muytas ilhas, forão ter á ilha de Borneo, onde no porto acharão muytos junqos de mercadores de todas as partes de Malaca, que n'este Borneo fazião grande escala, onde o Carualhinho mandou presente ao Rey de pannos de grã e seda de côres, e outras cousas, com que o Rey muyto folgou, e lhe fez muyta honra, e deu seguro que vinte dias estiuessem na terra, que assy era costume dar a gentes nouas a primeyra vez que vinhão ao porto, em que podião comprar e vender francamente quanto quigessem. Mas o Rey, sabendo as muytas fazendas que tinhão as naos, lhe armou traição pera os matar, e tomar as naos; a qual traição o Rey concertou com jáos que estauão no porto em grandes juncos, e pera o effeito o Rey fez muytas honras aos que hião a terra, e mandaua ás naos muytos refrescos, e licença que estiuessem no porto quanto quigessem. Do que o Carualhinho tomou sospeita, e mandou ter boa vigia de dia e de noite, e nom consentio que fossem a terra senão hum ou dous ho-

mens; o que vendo o Rey mandou rogar ao Carualhinho que lhe mandasse seu filho, que leuára o presente, porque seus filhos meninos, que o virão, chorauão polo vêr. O qual lhe elle mandou muyto bem vestido, com quatro homens, os quaes chegando onde estaua ElRey os mandou prender; o que sabido do Carualhinho suspendeo as amarras, e com a gente [1] * armada foy * abalroar hum junqo que estaua carregado com muyta gente pera partir; no qual entrarão e roubarão muyto ouro e riqas peças, e tomarão hum filho d'ElRey de Lução [2], que era capitão do junqo e d'outros tres que estauão no porto, que viera n'elles a casar com huma filha d'este Rey de Borneo. No qual acharão riqas cousas d'ouro e pedraria, que trouxera pera suas vodas; onde acharão tres moças de estremada fremosura, que o Carualhinho recolheo, dizendo que as leuaria ao Emperador; com que todos folgarão. Mas elle o nom fez assy, que dormio com ellas, com que os castelhanos estiuerão pera o matar; mas elle partio com os castelhanos tão largo que forão amigos, porque elle se concertou com o noiuo que com os seus fogisse de noite, como fogirão, e por ysso lhe derão muyta riqueza de pedraria, e de noite se forão a nado, e o Carualhinho fez que dormia, e acordou queixandose com os da vigia. Mas os castelhanos entenderão a manha, e tomarão o Carualhinho e o prenderão em ferros, e lhe tomarão quanto tinha, e aleuantarão por capitão a hum João Bautista, mestre da nao, porque sabia de piloto.

D'aquy partirão e forão ter a Maluco, a Ternate e Tidore, onde leuarão aos Reys os presentes que o Magalhães trazia pera elles lemitados, que lhe fizerão grandes honras e bons gasalhados, porque tambem derão aos regedores, e aos Reys derão embaixada da parte do Emperador, dizendolhe suas grandezas, com que ambos logo obedecerão e derão sua vassallagem pera sempre, assentando tratos e preços das vendas e compras, com que em terra assentarão feitorias e começarão 'ajuntar crauo, que lhe acodia muyto porque os castelhanos dauão o que lhe pedião, que tinhão as mercadarias sobejas; com que erão senhores da terra. E porque as naos estauão muy danificadas lhe fizerão algum adubío, como milhor puderão, e dauão pressa a carregar as naos ambas, o que fizerão em hum mês; e estando pera partir se foy pera os castelhanos hum por-

[1] * armada e foy * Autogr. [2] V.ª *Herrera*, Dec. III. Liv. I, Cap. X.

tuguês, chamado João de la Rosa [1], que foy ter a Ternate, dizendo que era piloto e os leuaria a Castella; polo que concertarão com elle que em cada nao lhe dauão cincoenta quintaes de crauo, porque elle disse que os leuaria á ilha de Banda, que tinha mais riqueza que Maluco; com que os castelhanos muyto folgarão por leuar ao Emperador este homem por mais certeza de seu descobrimento. O qual João de la Rosa deu auiso aos castelhanos que da India os auião de vir buscar, e matar a todos, porque na India se falaua n'ysso. Ao que lhe os castelhanos derão muyto credito, e por ysso lhe fazião muyta honra. E concertarão com o Rey de Tidore que lhe deixarião feitor com as mercadarias que tinhão, porque logo auião de vir muytas naos que o Emperador mandaria; pera o que tiuessem muyto crauo junto; e se partirão, fazendo a de la Rosa capitão da nao do Carualhinho.

Os quaes sendo no mar o soltarão dos ferros pola necessidade que tinhão de seu nauegar, e forão ter á ilha de Banda, onde tornarão ao Carualhinho sua capitania, e forão ter a Banda, onde tomarão noz e maça per mostra, que nom tinhão em que a carregar; e conselho tomado per todos, se partirão, que fossem demandar o cabo da Boa Esperança, e d'ahy se nauegarem pera Castella, que nom se atreuerão a fazer outro caminho. Com o qual proposito partindo, lhe deu hum tempo rijo, com que a nao do Carualhinho arribou, e o la Rosa seguio seu caminho. O Carualhinho arribou a Maluco, onde descarregou mea nao, com que lhe deu pendores, e a concertou o milhor que póde; o que fez em vinte dias, que tornou a carregar e partir; com que do trabalho adoeceo, e morreo em partindo; e fizerão capitão da nao outra vez ao Gonçalo Gomes d'Espinosa, o qual polos regimentos do Carualhinho se meteo ao caminho buscando o rio de que sayrão; mas sendo no mar, a nao tornou 'abrir tanta agoa, com que correrão á popa a varar na primeyra terra que tomarão, que foy na Batochina, em que vararão em terra, de que saluarão da nao pouca cousa. Onde assy estando, chegou a Maluco dom Gracia Anriques, com huma nao a carregar de crauo, que hia de Malaca, que sabendo como ally estauão estes castelhanos os mandou chamar com seu seguro, que viessem todos, porque se o nom fizessem os aueria por imigos e logo os hiria buscar. Do que os castelhanos, costrangidos de sua fortuna, forão onde estaua dom Gracia, como homens per-

[1] Laurosa, segundo *Barros*, Dec. III. Liv. V, Cap. X.

didos; de que dom Gracia ouve piadade, e lhe fez bom gasalhado, e repairou do necessario, e carregando a nao os embarqou todos comsigo, que passauão de trinta, e os leuou a Malaca, onde estaua por capitão Jorge d'Alboquerque, que mandou ao feitor que lhes désse mantimento pera seu sostimento, e na monção os mandou á India, sendo Gouernador dom Duarte, que os mandou assentar em soldo os que o quiserão, e defendeo ás embarcações do Reyno que os nom leuassem, porque nom tornassem a Castella, como de feito todos morrerão, que só o Gonçalo Gomes d'Espinosa passou a Portugal no anno de 525, que em Lisboa foy preso, e solto por carta da Emperatriz que mandou a ElRey.

A outra nao seguio seu caminho, com que o la Rosa foy dar no cabo da Boa Esperança, que hindo já perto da terra a topou Pero Coresma, que hia pera' India em huma naueta, e ouve fala d'ella, que lhe dixe que era do Emperador, que hia de Maluco, e nom lhe veo ao entendimento a metela no fundo pera que nom tornára a Castella. E a nao entrou n'agoada de Saldanha, e d'ahy se foy tomar o Cabo Verde, ondo forão em terra tomar agoa e leynha, onde alguns portugueses, sabendo que a nao hia de Maluco, tomarão em terra o batel com vinte castelhanos que prenderão; e porque no porto nom auia nenhum nauio se meterão no batel pera hir tomar a nao; mas a nao, vendo hir o batel com gente armada, que reluzião as armas, leuou 'amarra, e se foy á vela tomar no cabo de São Vicente, e d'ahy foy entrar em São Lucas com trese homens, que já não auia mais; e chegou no anno de 521. Do Cabo Verde escreuerão a ElRey dos castelhanos que ahy ficarão; mandou ElRey que os deixassem andar até que morressem, mas que nunqua os deixassem embarcar pera nenhuma parte: o que assy se fez.

CAPITULO XV.

QUE TORNA A CONTAR O QUE FEZ DIOGO FERNANDES DE BEJA, QUE FICOU SOBRE DIO, E O QUE PASSOU ATÉ QUE SE FOY PERA ORMUZ.

Ficando Diogo Fernandes de Beja sobre Dio, como já disse, em seu galeão, com duas carauellas, estaua sempre embarcado, hindo a terra algumas vezes folgar, por estar na amizade de Meliquiaz, que lhe fazia muytas honras, e Diogo Fernandes sempre com elle tratando sobre a for-

teleza; mas achou Meliquiaz tão fixo em lealdade a seu Rey, que nada prestou, e concordirão ambos que mandassem recado a ElRey, dizendo Diogo Fernandes que o Gouernador lhe deixára cartas que mandasse a ElRey com seu messigeiro, em companhia do seu; com que Meliquiaz se mostrou contente, e logo concertou o messigeiro, com o qual Diogo Fernandes mandou Pero Soares, homem auisado, e bem concertado, e ordenado no que auia de falar a ElRey, com huma carta que lhe deu do sinal do Gouernador, em que lhe dizia da contenda que tiuera com Meliquiaz e as repostas que n'elle achára, com palauras de grandes cortesias e boas amisades pera sempre com ElRey de Portugal, com este assento de paz em Dio, com forteleza. O que Meliquiaz muyto ajudaua em sua carta, que mostrou a Diogo Fernandes, repetindo a ElRey que tal assento em Dio era grande bem pera todos seus portos e rendas, assy aos mercadores naturaes como aos estrangeiros e mercadores de toda a India, com esta paz assentada; o que nom sendo tudo ficaria em grandes perdas e damnos; mas que elle era seu escrauo, que auia de morrer em todo' seruiço que lhe mandasse, de guerra e paz. Mas quem tolhia a Meliquiaz nom mandar estas, e mandar outras em reués, conformes á opinião d'ElRey? E assy he de crêr que as mandou polo que se seguio, porque Meliquiaz tinha na corte suas entiligencias, com peitas e presentes que mandaua aos da priuança, que era muy querido d'ElRey, e muyto louvaua seus seruiços. Outros auia seus contrairos que desfazião suas cousas, e * dizião * que elle ordenaua as messages porque folgaria que os portugueses tiuessem em Dio forteleza, pera com elles ter valia quando lhe comprisse, e tinha jurado de nunqua pelejar com os portugueses; e tanto ysto acenderão que ElRey deteue o messigeiro, e escreueo a Meliquiaz, em segredo, que prendesse Diogo Fernandes e os portugueses, pois andauão folgando em terra; com que tiuesse modos a vêr se a todos pudesse tomar na terra, e os prendendo mandasse sayr as fustas e tomar os nauios que estauão no mar, ou os metesse no fundo; e se na terra se defendessem os matasse, e lhe mandasse as cabeças. Do qual recado Meliquiaz foy triste, porque se n'ysto nom désse bom auiamento tinha certo ElRey lhe fazer muyto mal com as accusações com que ajudarião contra elle, com que se nom poderia saluar de morte ou destroição, e respondeo a ElRey: «O teu escrauo fará o teu mandado;» mas que se alembrasse que os portugueses, que andauão e estauão na cida-

de, era porque estauão seguros na verdade d'ElRey de Cambaya, que sua palaura auia de ser grande até o céo; e que ficaua trabalhando pera fazer a obra de seu mandado, que inteiramente compriria até morte.

Quando se ysto falou na corte andaua lá hum coraçane, mercador riqo, negociando com ElRey cousas de seus tratos, que tinha muytas naos, e soube d'esta cousa per hum seu irmão que era escriuão d'ElRey; o qual ouve despacho pera Dio, que Meliquiaz lhe pagasse huma diuida que lhe ElRey deuia; com que logo a grã pressa se veo a Dio com tenção de auisar Diogo Fernandes do mal que lhe querião fazer, porque por ysso lhe faria muyto bem a suas naos. O qual, com muyta dessimulação, leuou presente a Meliquiaz, rogandolhe que lhe désse fauor com que ouvesse de Diogo Fernandes seguro pera duas naos que tinha em Çurrate pera partir; do que Meliquiaz folgou, e lhe deu hum seu escrito pera Diogo Fernandes, de rogo que o bem despachasse, com que o coraçane com outro presente se foy ao galeão e deu o escrito de Meliquiaz, com que Diogo Fernandes logo lhe mandou fazer o cartaz que pedio. Então o coraçane se apartou com Diogo Fernandes só, e com palauras portuguesas, mal emburilhadas, lhe descobrio que ElRey o mandaua prender e a todos os portugueses, e meter os nauios no fundo, e que já Meliquiaz tinha o recado, e a reposta que mandára a ElRey; lhe dizendo que por ysto encobrir, e mais dessimular, pedíra a Meliquiaz o escrito pera lhe vir pedir o cartaz, que leuaria, e lhe hiria dar os agardecimentos.

Diogo Fernandes lhe deu no coração a verdade, com que muyto creo o que lhe o mercador dizia, e lhe deu os agardecimentos que era resão, e tirou do dedo um annel de sinete, que tinha a letra de seu nome, e lho deu, e lhe dixe: «Doute este annel polo que me descobriste, e crê ver-» «dadeiramente que assy hes forro, tu e tuas naos e fazendas, per onde» «quer que forem achadas, assy no mar como na terra, como natural» «português; em sinal do que te dou esse annel, e huma carta minha,» «que mostrarás a qualquer capitão que te topar, e tu acharás n'elles o» «bom galardão do que agora me fizeste e a esta gente e nauios d'El-» «Rey nosso senhor. E ysto te dou com toda' verdade, como meu Deos» «que crêo; e guarda que em tuas naos nom trates pimenta, nem «le-» «ues» rumes; e achando nauios nossos logo amaina tua vela, e mos-» «tra minha carta e annel; e se fôres a Ormuz lá me acharás, e ante» «o Gouernador e fidalgos verás o que farey.» Na qual carta certeficaua

que aquelle coraçane, chamado foão, o saluára de morte, com muytos portugueses e tres nauios d'ElRey; que a todos pedia por mercê que lhe fizessem a honra que merecia. Com que o coraçane se foy muyto contente, leuando o cartaz que foy amostrar a Meliquiaz, e darlhe os agardecimentos.

Diogo Fernandes era homem amigo de Deos; em sua camara se pôs em joelhos, e lhe deu muytos louvores por assy com elle auer misericordia. A qual cousa nom descobrio a ninguem, e tomou comsigo muytos conselhos, em que cuidaua de dia e de noite, em que assentou d'arriscar sua vida por saluar o feitor e os que com elle estáuão e se hir caminho d'Ormuz, e trabalhar por fazer huma amarra que o galeão muyto auia mester; e consultando ysto com seu bom siso, falou com os capitães em segredo, dizendo que elle hia a terra fazer cousa que compria que elles estiuessem em seus nauios em boa vigia, e nom fosse nenhum homem a terra, e que nenhuma cousa fizessem per seu recado de palaura, nem por escrito seu assinado, senão trazendo o sinal em cyma duas cruzes. E fez o sinal d'outra maneyra, que lhe deixou por amostra; o qual sinal e recado deixou ao mestre do galeão.

Então se foy a terra no esquife com seis homens, e aos marinheiros foy dando auiso que em terra dixessem que de noite passára huma fusta pera Goa, que o Gouernador mandaua que elle ficasse em terra com cincoenta homens, e que o galeão e carauellas se fossem pera Ormuz, e elle agardasse em Dio até vir o recado d'ElRey. 'O que todos assy forão bem concertados, que chegando a terra, Meliquiaz, que andaua prouendo na ribeira, o veo receber, como sempre fazia; com o qual se apartou Diogo Fernandes, e lhe mostrou huma carta que leuaua, feita do sinal do Gouernador, dizendo que de noite passára huma fusta pera Goa, que o Gouernador mandára, em que lhe mandára que o galeão e carauellas mandasse a Ormuz, e elle com cincoenta homens ficasse agardando pola reposta d'ElRey; e que se ElRey nom quigesse, então lhe désse huma fusta ou duas, em que se fosse pera Goa. «Ao que agora venho, pe-» «ra me dizeres se serás contente de fiqar assy em terra, e me darás» «embarcação pera me hir; e senão ficarey em huma carauella.»

O que todo ouvido por Meliquiaz fiqou muy contente em seu coração, vendo que se encaminhaua bem o que tinha pera fazer, que lhe ElRey mandaua; e respondeo a Diogo Fernandes que faria tudo o que man-

dasse. De que lhe deu muytos agardecimentos, dizendo que lhe mandasse despejar humas casas, em que coubesse com sua gente e fidalgos que com elle auião de ficar; ao que Meliquiaz *mandou* que hum homem seu fosse pola cidade, e tomasse as que lhe contentasse. Então Diogo Fernandes mandou chamar o feitor, e presente Meliquiaz lhe dixe que mandasse ajuntar quanto biscoito pudesse, que mandaua o Gouernador que lho leuasse o galeão; o que assy sotilizou Diogo Fernandes pera que a voltas do biscoito pudesse o feitor meter o que tiuesse, e se embarcasse; e que logo comprasse cairo pera huma amarra pera o galeão, que a auia mester; e rogou a Meliquiaz que lhe désse gente que logo a fizesse com os seus marinheiros. Ao que Meliquiaz mandou chamar o seu mestre da ribeira, e lhe mandou que logo n'aquelle dia lhe désse feita 'amarra; e mandou aos padeiros que fizessem quanto biscoito pudessem, e o leuassem á feitoria, que o feitor lho pagaria. Com que assy andando passeando com o feitor, falando que désse auiamento, lhe andou entremettendo palauras que trabalhasse por s'embarquar com o biscoito. O feitor era homem auisado, que bem entendeo a cousa, e com muyta dessimulação pedio a Meliquiaz que lhe mandasse trazer vaqas e carneiros pera dar aos nauios. O que Meliquiaz logo mandou, que ao outro dia lhe trouxerão; e o feitor mandou trazer muyta palha e rama, que pôs na porta da feitoria, que era na borda d'agoa, e fretou duas grandes barcaças, em que as naos dos mercadores descarregauão as mercadarias, pera meter o gado e debaixo da palha e herua o fato.

E sendo á tarde, Diogo Fernandes se recolheo, encomendando a Meliquiaz seu auiamento, que elle se hia ao galeão e nauios pera mandar desembarqar a gente, pera vir nas barqas que leuassem 'amarra e gado. O qual tornado ao galeão, o mandou concertar e fazer prestes 'artelharia, e assy dos nauios.

Meliquiaz, auendo por muy segura a prisão de Diogo Fernandes com sua gente, maginou remedio pera tomar os nauios no mar, em que nom aueria muyto trabalho nom estando Diogo Fernandes no galeão, que ficaria sem gente; pera o que falou com Agá Mamude, seu Capitão mór do mar, e lhe mandou que pola menhã saysse com vinte fustas, as melhores, do rio, com gente e artelharia, e se fossem ao longo da terra d'ahy cinqo ou seis legoas, e que vendo hir os nauios fossem pelejar com elles e os metessem no fundo; e que quando sayssem, elle na sua fusta fosse

ao bordo do galeão *e* perguntasse a Diogo Fernandes se mandaua alguma cousa de Mangalor, que hia pera lá. O que assy o fez, que ao outro dia sayndo com todas as fustas á vela de longo da terra, elle detrás, foy dar a fala a Diogo Fernandes, que lhe deu agardicimentos; e Agá Mamude foy seu caminho: o que bem entendeo Diogo Fernandes que era pera virem pelejar com os nauios, que já estauão concertados como compria.

N'este dia foy 'amarra trazida ao galeão em huma barca de terra, que o esquife trouxe a toa, e o biscoito ensaquado em grandes saqos, e se ordenou o feitor embarqar tudo á boca da noite, que começaua a encher a maré, [1] *pera com* a vazante á mea noite as barquas sayrem do rio; e dixe aos marinheiros das barqas que se fossem comer e tornassem, pera com a vazante hirem ao galeão: o que assy fizerão. No qual espaço de tempo o feitor com seus homens embarqou quanto tinha em huma barqa, e em cyma meterão a palha e herua e rama, e na outra barqua o gado e biscoito. O feitor, por mais segurar a cousa, se foy a casa de Meliquiaz, como sempre costumaua, passar o serão, folgando e jogando com seus filhos de Meliquiaz; dandolhe conta como já tudo tinha embarcado pera hirem com a maré, e nas barqas se virem os homens com seu fato; mas que pera vir Diogo Fernandes lhe mandasse a sua fustinha, e mais lh'emprestasse dous mil pardaos, que Diogo Fernandes lhe mandaua pedir, que o Gouernador mandaua que lhos mandasse da ruiua que tinha na feitoria, que inda nom tinha vendida, que como a vendesse logo lhos pagaria. Os quaes Meliquiaz logo lhe deu, com que o feitor se tornou a sua casa, e Meliquiaz fiqou escreuendo carta pera o Gouernador, que lho rogou o feitor, e lho mandou dizer pola barca que leuou 'amarra. Com que Meliquiaz estaua muy descansado, e mandou a sua fustinha que fosse com as barqas, e as atoasse, pera n'ella vir Diogo Fernandes. O feitor estaua na genella de sua casa, que tinha sobre o rio, falando e mandando tudo; e mandou os seus homens nas barcas que fossem entregar tudo, e bradou á fustinha que désse cabo ás barcas, e as atoasse, porque vazaua a maré muyto rija: o que assy fez, e a derradeyra barqua era a da palha, que nom leuaua marinheiros porque nom remaüa, qũe em se afastando de terra, o feitor se meteo n'ella, sem ficar na feitoria mais que alguns fardos de ruiua, e as barqas forão auia-

[1] *pera que com* Autogr.

das com a maré e fustinha, que prestesmente chegarão ao galeão, que logo lhe derão cabos, e a fustinha se afastou com hum cabo comprido, agardando que amanhecesse. Os marinheiros das barqas e do galeão prestesmente meterão tudo dentro e o feitor, que os negros nom attentarão porque era escuro; com que Diogo Fernandes ouve muy grande prazer. E sendo as barqas descarregadas do galeão lhe largarão o cabo, com que logo com a corrente d'agoa forão pera o mar, que os marinheiros bradarão, e do galeão bradarão á fustinha que tomasse as barqas, que hião desamarradas; ao que a fustinha foy, e andou com as barqas até que amanheceo, que forão muyto pera o mar.

Sendo menhã, que os mouros nom virão as barcaças nem a fustinha senão muyto longe no mar, que forão ao dizer ao feitor, que nom acharão ninguem na feitoria, o forão dizer a Meliquiaz, * que * ouve muy grande paixão, e dixe: « Cuidey d'enganar e enganeyme. » E foy logo á ribeira, e a grã pressa mandou armar todas as fustas, e huma que logo mandou muy esquipada que fosse chamar Agá Mamude, e mandou Cide Alle, o torto, em huma fustinha ao galeão, e mandou dizer a Diogo Fernandes que lhe fizera traição e engano, sem rezão, porque tudo lhe dera se lho pedíra; mas que de tamanho escarneo elle se vingaria. O qual recado o Cide Alle deu ao bordo do galeão, sem chegar. Diogo Fernandes lhe respondeo que dixesse a Meliquiaz que elle era seu grande amigo, e por ysso lhe furtára o feitor assy escondido, porque ElRey por ysso lhe nom désse culpa; « e por lho furtar fica mais honrado que tomarlho por for- »
« ça, que o pudera fazer muytas vezes; e que a vingança que tomará »
« de mim faça como quiser, que lhe nom hey de fogir, e aquy hey de »
« estar até vir o recado do Rey; porque se nom for bom já em terra »
« nom fica penhor de que lançar mão. » Com esta reposta de Diogo Fernandes bem entendeo Meliquiaz que ouvera algum auiso do que ElRey mandaua.

N'este dia á tarde com a viração veo Agá Mamude com as vinte fustas, posto em ordem de pelejar, e sorgio ao longo da praya agardando por recado, o qual nom tardou, que tornou a vir Cide Alle na fustinha, e chegou por popa do galeão, dizendo a Diogo Fernandes que dizia Meliquiaz que dentro na feitoria se nom achára nada, sómente hum calão que ally trazia, que mostrou na mão, que todos lhe fossem testemunhas; com que o mouro deu no esporão da fusta e o quebrou. Diogo

Fernandes lhe dixe que dixesse a Meliquiaz que na feitoria ficauão dez mil pardaos em ruiua, de que nom dera ao feitor mais que dous mil pardaos, que os outros deuia a ElRey, que auia de pagar; que por tanto nom fizesse dessimulações com mandar quebrar o calão; que elle tambem o tomaua por testimunha. Com a qual reposta a fustinha se afastou e fez sinal com hum tiro, ao que do rio sayrão logo doze fustas grandes, armadas com mantas, e embandeyradas, que se forão sorgir junto das outras, e a fustinha falando com ellas tornou a vir ao galeão, com recado que dizia Meliquiaz que lhe requeria da parte d'ElRey que lhe tornasse a mandar o feitor, e nom quebrasse a paz, e senão que elle ficaria obrigado a todo mal que se fizesse; porque Agá Mamude, capitão d'aquellas fustas, lhe hiria tomar o feitor dentro ao galeão. Respondeo Diogo Fernandes: «Eu nom hey de dar o feitor. Dize a Agá Mamude» «que o venha tomar, porque, se vier, olhe que nom fique dando á bom-» «ba dentro n'elle.» Com o que a fustinha afastandose tirou dous tiros, com que do rio sayrão fustas que se ajuntarão com as outras, até que forão sessenta, que contarão do galeão, que estaua muy concertado d'artelharia, e arrombadas, e defensas por dentro, e a gente toda metida debaixo, sómente em cyma os officiaes e bombardeiros repartidos com homens que os auião d'ajudar, e as gaueas armadas, e centuras feitas a baixo das vergas: o que assy estauão as carauellas, que estauão afastadas do galeão, porque 'artelharia se nom fizessem mal huns aos outros.

Então as fustas se repartirão em esquadrões de vinte em vinte, com bandeyras, e tangeres, e gritas, se forão chegando ao galeão e carauellas muy per ordem, e chegando perto estiuerão todas quêdas sobre o remo, apontando sua artelharia. Nos muros e baluartes da cidade estauão muytas bandeyras, Diogo Fernandes mandou aos bombardeiros que se nom apressassem, nem tirassem tiro senão que empregassem. Alguns homens disserão a Diogo Fernandes: «Senhor, estes mouros, nom vendo» «gente n'este galeão, e que elles são muytos, tomarão atreuimento 'abal-» «roar e entrar, e será trabalho deitalos fóra.» Disse Diogo Fernandes: «Bem sabem estes mouros que tem gente este galeão, e primeyro hão» «de dar a çurriada; e por tanto compre escondermonos d'este perigo» «primeyro, que depois achem elles quem os faça saltar ao mar, se el-» «les tomarem atreuimento a entrar.»

Estando assy, da cidade tirarão hum tiro grosso; ao que na fusta

capitaina se deu repique em huma campam, com que todas as fustas derão fogo, com que os pilouros forão tantos que no ar se quebrauão huns com outros; ao que acompanharão muytos tiros da cidade, com que o galeão e carauellas forão passados por muytas partes; que nom fizerão muyto mal, polo bom recado em que estaua a gente, mas cortarãolhe as enxarcias e os bordos. O galeão estaua a pique; o condestabre teue boa vigia, que escrarecendo o fumo das fustas, que estauão a balrauento, tirou com hum camello, que leuou duas fustas, de que os mouros ficarão a nado; e outros tiros mancarão cinqo, que logo se afastarão pera fóra; e esto da primeyra çurriada do galeão, que tinha oito peças grossas per baixo, e quatro em cyma, e falcões e berços. As carauellas assy mancarão outras, e tres no fundo, ao que Diogo Fernandes mandou ao mestre que désse o traquete e mezena, com que andassem ás voltas com as fustas, e se hirião afastando pera o mar, per lhe nom abrangerem os pilouros da terra. O mestre deu ao pito a virar 'amarra; o contramestre, desatinado do medo dos pilouros, cortou 'amarra; com que o galeão foy leuado. O que sendo dito a Diogo Fernandes correo á proa com huma espada núa, que se achára o contramestre o matára, auendo por grande deshonra o cortar d'amarra, que dirião os mouros que com medo a cortára.

Como o galeão foy virando, que virou a ilharga ás fustas, deu fogo a toda 'artelharia d'aquella banda; ao que as fustas se já hião arredando a remo, e os pelouros as alcançarão, com que logo quatro meterão os bordos debaixo d'agoa, ficando os mouros a nado. Ao que chegou hum pelouro de terra, que fez no mar chapeleta, e sayo, e deu no galeão, que o passou d'ambas as bandas, e matou dous homens, e ferio outro, que já auia muytos homens feridos das rachas da madeira que os tiros espedaçauão. As carauellas tambem se fizerão a traquetes, que o vento era da terra, que tambem fazião bom lauor, porque cada huma tinha quatro peças grossas. O galeão, descarregando huma banda, voltaua na outra, ao que as fustas andauão ligeiras ao remo, guardandose das ilhargas do galeão, que nom tiraua senão ao certo; que hum tiro quebrou huma fusta polo meo, e a outra leuou a cuberta com os remeiros, que ficarão a nado; com que as fustas muyto se afastarão. Com que assy andando n'este trabalho, que se forão com vento pera o mar que lhe nom chegauão os tiros da terra, Diogo Fernandes mandou amainar o traque-

te, o que assy fizerão as carauellas, e estiuerão deuagar ás bombardadas; mas as fustas andauão de longe. Ao que começou a ventar a viração rija, com que o galeão deu as velas todas, chegandose pera as fustas, que se forão logo recolhendo pera terra, e o mar se foy aleuantando, com que conueo tapar as portilhas debaixo, porque entraua agoa por ellas. Polo que então Diogo Fernandes se fez na volta do mar, nauegando pera Ormuz, onde chegarão como adiante direy.

CAPITULO XVI.

QUE CONTA O QUE PASSARÃO OS CAPITÃES QUE PARTIRÃO DE COCHYM PERA MALUCO, E PERA A CHINA, E BENGALA, E O QUE PASSARÃO EM SUA VIAGEM, E EM PEDIR FOY MORTO JORGE DE BRITO.

JORGE de Brito, Antonio de Brito, irmãos, que hião pera Maluco com os regimentos que já disse, leuarão em sua companhia duas fustas grandes, que comprarão de seu dinheiro, de que fizerão capitães seus amigos, e criado, a saber, hum Gaspar Gallo, e Amador Matoso; que partirão de Cochym, e com elles em sua conserua Rafael Perestrello, que hia pera' China, e Antonio de Brito, o velho, que hia pera Bengala. E partirão todos juntos, pera hirem a Pacem carregar de pimenta e outras mercadarias que auia pera todas partes; os quaes nauegarão com bom tempo, que nunqua se apartarão, e forão tomar no porto de Pedir, que he vinte legoas do porto de Pacem, onde estaua Antonio de Miranda, que dixerão que estaua em guerra, porque morrera o Rey, e seu filho, Principe menino, fiqou em poder de hum regedor que fiquou apossado do Reyno como titor, o qual pedia a Antonio de Miranda que lhe pagasse alguma renda de tanto proueito como ally fazia em ter em sua terra forteleza; e porque Antonio de Miranda nom queria darlhe nada, por ysso lhe fazia guerra, em que Antonio de Miranda, se defendendo, lhe tinha feito tanto mal que os mouros com medo tinhão feitas grandes tranqueiras no rio, e assy derrador da cidade, que era d'ahy a duas legoas, que cerquarão de fortes tranqueiras com muyta artelharia que tinhão, que são elles grandes homens de fundição, se tiuessem cobre; e no tempo da monção, que esperauão que chegassem nauios de fóra, se fazião mais fortes e com mais gente.

O que todo sabido dos nossos se forão a Pacem, onde chegados desembarcarão na forteleza, onde logo ouverão acordo que fossem dar nos mouros e destroissem a cidade; o que Antonio de Miranda muyto contrariou, dizendo que nada fizessem, que abastaua seu fauor ally, com que logo se farião concertos de paz, que era melhor que fazer males agora, que depois pera sempre duraria a guerra. O que nom pareceo bem aos capitães e sua gente, que estauão cobiçosos do que esperauão roubar na cidade, e dixerão que agora, que ally estaua tanta gente, se lhe nom dessem castigo que depois o muyto mais guerrearião, postoque agora fizessem alguma paz falsa; mas que agora lhe deuião de dar castigo com que nom ousassem de bolir mais. No que assentarão contra vontade de Antonio de Miranda; com o que se fizerão prestes os capitães com sua gente nos batés bem concertados, com que forão polo rio, e derão nas tranqueiras do rio, de que os mouros logo fogirão; e as desfizerão, e forão polo rio acyma dar em outra forte tranqueira, em que ouve alguma peleja, mas todauia os nossos os fizerão fogir, e lhe forão seguindo o alcanço até as tranqueiras da cidade, onde a peleja durou espaço, e ouve mortos e feridos, mas todauia os nossos entrarão a cidade, onde acharão grande despojo, porque o mouro e os seus estauão muyto confiados, por assy serem muytos e estarem forteficados; polo que tudo tinhão dentro em suas casas, em que sómente fogirão com as molheres e filhos, com que os nossos nom entenderão, sómente carregar os batés e barqos, que acharão no rio e leuarão pera os nauios, e muyto que leuarão á forteleza. Antonio de Miranda sómente teue cuidado, e recolheo toda 'artelharia * e * armas que achou, e assentou 'artelharia na sua tranqueira, que rodeaua hum pequeno esteiro, que os nossos abrirão e fizerão larga caua, e a terra que tirarão deitarão na tranqueira, com que fiqou muy forte, e per fora derrador fizerão outra tranqueira, com muyta madeira que trouxerão das tranqueiras, e antre huma e outra entulho de pedra e terra amassada, com que fiqou muy forte. Onde então Antonio de Miranda, ajudado dos capitães, fez quatro cubellos fortes e sobradados, de pedra, e terra que era como barro, que sequa ficaua tão forte como cal; e fez huma torre de menagem, de dous sobrados, que de primeyro estaua feita de hum sobrado; e em todo assentado boa artelharia, e per dentro casas de palha pera a gente, que então ficarão em Pacem mais de tresentos homens. E porque o regedor mandou pedir pazes, se fizerão com grandes concertos e seus

juramentos; com que se tornou com o Rey pera a cidade com sua gente; o qual regedor se chamaua Melyquyadyr [1]. A qual paz assy assentada, logo muytos mercadores * vierão * a comprar e vender, e tambem Antonio de Miranda vendeo muyta pimenta que tinha enceleirada, que tudo erão troques de mercadarias humas a outras; e carregarão todos como quigerão, e cada hum foy seu caminho. O que todo se passou em hum mês. E Antonio de Brito recolheo as melhores embarcações, que tinha fechadas junto da forteleza, com que assy fiqou em boa paz.

Estando já todos despachados e prestes pera partir, ElRey de Pedir, que tinha guerra com o Rey dos [2] * achens * seu visinho, sabendo da vitoria dos nossos, mandou muytos recados a Antonio de Miranda e aos capitães, lhe pedindo, com muytos rogos e presentes, que o fossem ajudar contra o Rey dos [3] * achens *, que por ysso partiria com elles do seu, e lhe daria todo o despojo. Perestrello, e Antonio de Brito, o velho, se escusarão por assy estarem já carregados; mas Jorge de Brito e seu irmão Antonio de Brito, cobiçosos do muyto dinheiro que os messigeiros promettião, e o que podião auer no despojo, aceitarão a messagem, e se forão a Pedir, que o Rey recebeo com muytas honras, e lhe deu boas dadiuas; polo que logo ordenarão obra, e o Rey ajuntou muyta gente, e nas duas fustas, e batés, e lancharas, forão per hum rio dentro duas legoas, em que derão em huma grande pouoação, que era grande cidade, em que matarão os nossos muyta gente, porque os [4] * achens * erão valentes homens e pelejarão fortemente; e acharão grande despojo, que os nossos recolherão quanto quiserão, e derão fogo ao que nom quigerão, que tudo fiqou em cinza. O qual grande roubo os cegou, que cobiçarão hir roubar as casas de ElRey, que estauão d'ahy duas legoas, ao pé de huma serra; ao que se os capitães ordenarão com sua gente. O que muyto lhe muyto contrariou ElRey, com muytos rogos que lá nom fossem, porque tinhão roins caminhos e terras alagadiças, e auião de hir por antre matos, de que lhe podião fazer muyto mal, e elles nom podião fazer nenhum aos imigos; o que lhe muyto rogou que lá nom fossem, mas nada prestou, que contra sua vontade lá forão, como homens man-

[1] Melique Ladil chama *Barros* a um mouro que pretendia ter direito ao reino de Pacem, e que parece ser este. V.ª *Dec. III.* Liv. V, Cap. III. [2] * aches * lê-se no original. [3] * aches * Id. [4] * achees * Id.

cebos que erão, ao que os atiçauão outros homens mancebos; e Gaspar Gallo, seu alferez, diante, forão caminho das casas, hindo per antre matos em que estaua metida muyta gente da que fogira da cidade. O que sendo dito ao Rey que os nossos o hião buscar onde estaua, mandou muyta gente que se metesse nos matos ao longo do caminho, e pelejassem com os nossos, e lhe tiuessem o caminho, que lá nom fossem. O que a gente assy fez, que metendose assy nos matos passando os nossos os afrechauão, e ferião com arremessos e espingardões que tinhão, e onde auia escampado sayão a pelejar. Onde muytos morrião, e dos nossos hião tambem mingoando; o que alguns o dixerão aos capitães, mas elles nom quiserão tornar, seguindo sua opinião. O Rey de Pedir lhe mandou rogar que se tornassem, porque no mato lhe ficaua muyta gente e alifantes, que lhe auião de fazer muyto mal quando tornassem; o que elles nom quiserão ouvir, e andando, que sayrão a hum escampado, lhe sayrão muytos mouros com que tiuerão grande peleja, em que ouve mortos e feridos, que ficando logo erão mortos; e assy forão áuante, que os mouros lhe largauão o caminho. Do que os capitães cansados ouverão seu acordo, e fizerão volta; o que vendo os mouros voltarão sobre os nossos, pelejando com os trazeiros que os capitães vinhão emparando. Mas chegando a hum escampado, os mouros derão grandes gritas; ao que sayrão muytos do mato, com quatro alifantes armados, e cometerão os nossos muy fortemente, que vinhão muy cançados, onde os alifantes fizerão grande desbarato, e foy morto Jorge de Brito, e ferido Antonio de Brito, e morto o alferez e muytos. Os outros * seguirão * com Antonio de Brito, que os veo emparando até que chegarão á vista dos batés. Ao que acodio gente d'ElRey, com que os mouros nom seguirão os nossos, e se tornarão pera o mato. Os nossos chegarão aos batés cayndo polo chão de cansados, ficando mortos passante de oitenta, e Antonio de Brito em ponto de morte; a que ElRey mandou fazer grande cura [1] * a * todos, que em espaço de quinze dias Antonio de Brito se achou bem, e se recolheo; a que ElRey deu muyto dinheiro, e se partio e foy a Pacem, onde deixou alguns feridos, que ouve medo que lhe morressem no mar; e se foy a Malaca, onde chegado e sabido seu desastre da morte de Jorge de Brito, Jorge d'Alboquerque, capitão de Malaca, lhe pareceo que podia

[1] * e * Autogr.

prouer seu cargo, e o deu a dom Sancho seu genro, que fosse fazer a forteleza a Maluco. Sobre o que Antonio de Brito fez grandes protestos e requerimentos, porque Jorge d'Alboquerque lhe nom queria guardar a prouisão da socessão da morte de seu irmão, que lhe ElRey dera; com que Antonio de Brito, mostrando a prouisão d'ElRey no pubrico de muyta gente, muy endinado dixe: «Os mouros me começarão a matar em Pe-» «dir; aquy em Malaca, terra d'ElRey nosso senhor, me acabem de ma-» «tar os portugueses que nom querem guardar seu mandado. Polo que» «protesto o senhor capitão dar de tudo conta a ElRey nosso * senhor *» «o que sobre ysto soceder. Do que a todos tomo por testimunhas, que» «com meus nauios e gente me tornarey a ElRey, a me queixar que mo» «nom quis o senhor capitão guardar, que lhe requeiro, da parte d'El-» «Rey nosso senhor, que enteiramente me guarde esta prouisão. O que» «nom querendo fazer, protesto elle ficar encorrido na pena do caso» «mayor.» Com o que então Jorge d'Alboquerque forçadamente obedeceo á prouisão; ficando com muyto odio, com que muyto mal auiou Antonio de Brito do que lhe comprio, e lhe fazendo auexamento, até que partio e foy seu caminho a Maluco, onde fez o que adiante direy em seu tempo.

CAPITULO XVII.

QUE CONTA O QUE SE PASSOU EM ORMUZ E NA GUERRA DE BAHAREM, E TOMADA D'ALFANDEGA, E TODO O QUE O GOUERNADOR FEZ ATÉ PARTIR PERA' INDIA.

O Gouernador, chegando a Ormuz, que foy de Dio, foy recebido com suas honras e visitações d'ElRey e dos regedores, e mercadores, segundo costume, com seus presentes e dadiuas d'ElRey e de todos, como já disse; onde assy estando vierão nouas que o Rey de Baharem, que era sudito a ElRey d'Ormuz, era aleuantado. Com que ElRey ouve muyta toruação, e muy afincadamente pedio ao Gouernador que lhe désse nauios e gente que fossem com os seus a tomar Baharem. O que lhe o Gouernador muyto encareceo, com tenção de tirar d'elle o que auia de tirar, que era 'alfandega, que lhe ElRey mandaua que em todo caso recolhesse pera' sua alfandega d'Ormuz, porque no Reyno em seu desembargo fôra determinado que o Reyno d'Ormuz era seu, pola carta de vassalagem

mouros ás lançadas, derrubando n'elles, com que logo fogirão pera suas tranqueiras, onde o Rey, mostrando sua pessoa, fiqou na trazeira pelejando fortemente, defendendo os seus. No que attentarão os frecheiros que Resxarafo tinha escolhidos e tirarão todos ao Rey, com que o derribarão morto. Mas os seus pelejauão a morrer; onde aquy Antonio Correa foy derribado, mas os mouros forão desbaratados, ficando os nossos senhores do campo, muyto cansados e feridos. Os mouros entrarão pola cidade, cada hum leuando as molheres e filhos, que fiqou despejada; 'o que Resxarafo disse 'Antonio Correa que queria seguir o alcanço aos mouros. Elle dixe que fosse per fóra da cidade; o que elle assy o fez, e alcançou a gente, que nom matou, sómente hião ao roubo; polo que Antonio Correa nom quis que fossem per dentro, e mandou entrar os nossos, que acharão grande despojo, e mórmente nas casas d'ElRey, o qual corpo morto os mouros leuauão, que o Resxarafo lhe tomou e trouxe 'Antonio Correa, dizendo que lhe mandasse cortar a cabeça porque fôra trédor. Antonio Correa disse que nom era nosso costume fazer mal ao corpo que estaua morto, que o fizesse elle, se quigesse. O que elle fez, e cortoulhe a cabeça, e mandou cozer muyto, com que se alimpou da carne e ficou a caueira, que pedio licença pera a mandar a Ormuz a ElRey. O que lhe pareceo bem, e Antonio Correa a mandou em huma fusta por Pero Vaz Çarnache, que chegando a Ormuz dez mouros, que o Xarafo mandára com a cabeça, a puserão na ponta de huma lança, e a leuarão a ElRey, depois que Pero Vaz 'apresentou ao Gouernador. Com que ElRey mandou fazer muytas festas; e ElRey, per conselho de quem lho aconselhou, mandou pôr a cabeça no pelourinho, onde assy esteue na ponta da lança muytos dias.

A cidade foy roubada dos nossos, e Antonio Correa partio largo com os feridos do despojo que se tomou nas casas d'ElRey. Então roubarão os mouros, que carregarão suas embarcações. Nom consentio Antonio Correa que se pusesse fogo.

ElRey d'Ormuz, com seu grande prazer, foy á forteleza falar ao Gouernador, e lhe dizer que compria fazer outro Rey em Baharem, que a ysso lhe désse licença. O que o Gouernador lhe dixe que fizesse como Rey que era, que o podia fazer. Então mandou na mesma fusta hum seu parente, a que deu o reynado assy como o tinha o Rey morto, que se chamaua Resnorodim, e o que ElRey mandou se chamou Dubuxá, que chegan-

do, Antonio Correa o recebeo com honra e o leuou ás casas do Rey morto, com toda a gente, e lhe fez entrega da cidade. O qual logo mandou Resxarafo que com sua gente fosse a Catifa, que era de seu reynado, e que se nom obedecesse a guerreasse até obedecer. Ao que o Resxarafo se nom atreueo, e falou 'Antonio Correa, ao que mandou Ayres Correa, seu irmão, em huma galeota noua que rumes tinhão feita, que estaua acabada, que deitarão ao mar e artelharão com artelharia da cidade; em que foy Ayres Correa com trinta homens bem armados, e o Resxarafo em suas embarcações com mil frecheiros, e chegarão a Catifa, onde já sabião a morte e desbarato do Rey de Baharem, polo que logo obedecerão; em que o Resxarafo deixou por capitão hum seu parente com cem homens, e elle se tornou a Baharem.

Em quanto se ysto passou, o Rey nouo, per conselho d'Antonio Correa, mandou seu seguro em nome d'ElRey d'Ormuz á gente fogida, com que logo todos se vierão, que ainda acharão muyto do seu fato e mercadarias, porque Antonio Correa nom consentio que se esperdiçasse nada; com que toda a gente foy contente. E Antonio Correa pedio ao Rey nouo que lhe désse sua carta como estaua em posse da cidade pacifiqo, e assentada' paz com a gente da terra; o que todo lhe deu, e ordenou de se partir; mas ElRey lhe rogou que se nom fosse até nom vir recado de Catifa, como veo d'ahy a tres dias, que veo o Resxarafo, que deu rezão de como ficaua. Então Antonio Correa mandou a Resxarafo que ficasse em Baharem com alguma de sua gente, porque nom auia mester tanta porque a terra estaua segura, e d'ahy se nom fosse até lho mandar ElRey d'Ormuz. O que assy se fez, que mandou toda' sua gente pera Ormuz com Antonio Correa, que foy dando muytos louvores a Nosso Senhor lhe dar tanta honra, e acabar este feito com sómente mortos catorze homens, afóra os feridos, que todos forão sãos pola boa cura e remedios que lhe mandou fazer Antonio Correa, que chegando a Ormuz foy recebido na praya polo Gouernador com toda a gente e salua d'artelharia, e festas dos mouros, que ElRey mandou fazer, e logo o mandou visitar, e lhe mandou cinco mil xarafins, dizendo que os partisse com os capitães que seruirão, e com os feridos, e outros cinco mil lhe mandou pera elle, com huma riqua adaga d'ouro; [1] * e ElRey fazia * mercês

[1] * e ElRey que fazia * Autogr.

que ElRey dera a Afonso d'Alboquerque, per ElRey e regedores assinada, em que dizia que o Reyno era d'ElRey de Portugal, e que da sua mão o teria como seu vassallo, per bem da qual se determinara o Reyno ser seu; que por tanto lhe mandaua que recolhesse 'alfandega e as rendas do Reyno, de que a ElRey se désse todo seu gasto, e o demais se bem arrecadasse, e lho enuiasse; e que por resguardo de que n'ysso podia interuir algum escandolo, que fizesse hum castello forte no cabo da cidade, da banda da terra firme, e outro na outra ponta da cidade, da banda do mar, em que estiuesse boa artelharia com hum capitão e gente recolhida dentro, que nenhuma estiuesse na cidade; e sobre ysto grandes prematicas, e regimentos gornicidos de cobiça, que os conselheiros sempre ajudão, porque he em prol de todos.

O Gouernador, encarecendo muyto esta cousa a ElRey, fez sobre ysso conselho com o capitão da forteleza e fidalgos, a que ElRey nom era escasso com dadiuas; o que o Gouernador praticou com todos, dizendo que compria dar a ElRey este soccorro, e lhe fazer a vontade pera o amadurar pera a lancetada que lhe auia de dar, pedindolhe a alfandega, que pera elle e os seus auia de ser grande dor. Polo que foy assentado que lhe dessem o que pedia; o que lhe foy dizer dom Gracia Coutinho, capitão da forteleza, que ordenasse sua gente que auia de mandar. Com que o Rey ouve muyto prazer, porque Baharem era o principal caminho de todas suas rendas das cafilas que vinhão da Persia; e com muyta diligencia mandou aperceber sua gente e embarcações, e mantimentos pera dois mil homens frecheiros, que mandou com seu capitão Resxarafo. E o Gouernador mandou fazer prestes duas galés, e huma galeota, e hum bargantym, e quatro fustas, e nom forão nauios grandes por no caminho auer muytas restingas e parceis; e n'estes nauios quatrocentos homens bem armados e espingardeiros, e por Capitão mór Antonio Correa, que viera de Malaca, e elle escolheo seus amigos que forão com elle; ao qual ElRey mandou dous mil xarafins pera seu gasto, e assy fez mercê aos outros capitães. E forão a Baharem estando o Rey muy apercebido com muyta gente, e o lugar cerquado e muy forte, onde chegado Antonio Correa, e a gente d'ElRey, saýrão em terra abaixo do lugar mea legoa, onde ordenou a gente, e o Resxarafo com a bandeyra d'ElRey d'Ormuz, que o Resxarafo pedio a dianteyra, que com seus frecheiros derão em humas tranqueiras fortes, em que estaua muyta gente

armada, frecheiros. As galés correrão a praya até defronte das tranqueiras, com que lhe fizerão salua d'artelharia, que lhe fez pouquo dano, porque tinhão grandes vallados; ao que chegando Resxarafo foy grande combate de frechadas d'ambas as bandas; ao que os nossos nom tiuerão sofrimento, que chegando commetterão as tranqueiras com Santyago, em que o guião sobio á tranqueira, a que os mouros tirarão taes frechadas que matarão o alferez, e tomarão o guião, com que cuidarão que ficauão vencedores; em que os nossos pelejarão até cansar, com muytos feridos, que o capitão com a trombeta mandou recolher, e logo fez estancia de forte tranqueira, em que se todos recolherão, e os feridos leuados ás fustas, porque as galés auião de tirar; e a gente, corregendo as estancias, repousarão n'este dia, que nom pelejarão.

Ao outro dia, depois de a gente almorçar, derão outro combate com toda a gente, onde todo o feito foy frechadas, onde muyta gente foy encrauada, e tambem foy morto outro alferez, e tomado o guião; o que sempre os mouros fizerão em todos os combates, que sempre matarão os alferez, que forão cinquo, e de cada vez os mouros se mais afortelezauão, porque erão muytos. Então o capitão mandou ás galés que de dia e de noite tirassem, e mandou ao Resxarafo que mandasse aos seus frecheiros que tirassem a matar os capitães da tranqueira; o que assy fizerão, e matarão muytos, o que durou alguns dias, porque os nossos nom leuarão artelharia de campo encarretada, que se a leuarão tudo fôra prestesmente acabado. Nos combates os mouros tanto se auantejarão que sayão das tranqueiras a pelejar com os nossos. O Resxarafo escolheo duzentos frecheiros, a que mandou que nom tirassem senão aos capitães; o que assy fazião, e em hum combate matarão o capitão do campo, em que o Rey tinha grande descanso, por ser valente caualleiro e muyto sabido na guerra. O Rey, de muy indinado, concertou sua gente, e sayo fóra, e pelejou com os nossos tão fortemente que os ençarrou na tranqueira, e os cerqou, com que ficarão senhores do campo. Antonio Correa pôs a gente em concerto, com as espingardas carregadas nas mãos, e aos pés as lanças e adargas, e estando os mouros combatendo de fóra, o capitão mandou supitamente cortar as cordas com que estauão amarradas grandes tauoas nos páos, com que ficarão todos abertos com os mouros, ao que os nossos derão Santyago com çurriada das espingardas e frechadas, as quaes largando da mão, tomarão as lanças e adargas, e derão nos

aos homens que forão feridos e fizerão sortes no feito. E depois d'ahy a vinte dias chegou o Resxarafo, que foy á forteleza ver o Gouernador, que lhe fez muyta honra, dandolhe muytos louvores a seu bom seruir, com que se foy a ElRey, que lhe fez suas honras.

CAPITULO XVIII.

COMO O GOUERNADOR OUVE D'ELREY 'ALFANDEGA D'ORMUZ, E METEO N'ELLA OS OFFICIAES QUE ELREY MANDÁRA, E O CONSELHO QUE PRIMEYRO SOBRE YSSO TOMOU PER ASSINADO DE TODOS OS CAPITÃES E FIDALGOS.

O Gouernador tinha muyta maginação no tomar d'alfandega d'Ormuz, sentindo o grande mal que armaua contra os que o auião de pagar com as vidas, e grangeaua muyto ElRey e os seus pera serem mansos n'esta cousa; e porque ElRey estaua contente com o feito de Baharem lhe pareceo bom tempo, e chamou os capitães e fidalgos pera ysso, com o capitão da forteleza, e prepôs pratica, dizendo que ElRey lhe mandaua que tomasse 'alfandega a ElRey, e que d'ella sómente lhe désse sua despeza; o que auia por tão crua cousa, e tão grande sem rezão, que se tiuera tempo de sua gouernança tanto que pudera mandar a ElRey recado e agardar sua reposta, elle ao presente n'ysto • nom • bolira; e por nom ter este tempo, e ElRey lho tanto encarregar, e logo lhe mandar os officiaes que auião de fraguar na forja, que forão os proprios albitradores que armarão o mal, elle nom podia al fazer senão comprir seu mandado, postoque bem via o mal que fazia e máo fruito que d'ahy auia de sayr, que nom comerião os que o mal sotilizarão. E porque ysto era cousa vidente, que todos tinhão ante os olhos, os ajuntára pera lhe fazer esta noteficação; e porque ElRey mandaua que se fizessem duas fortelezas nos cabos da cidade, por resguardo do que arreceaua d'esta cousa, lhe parecia trabalho e despesa escusada, porque os mouros da cidade nom erão possantes pera o resistir, e ElRey e os seus tudo outorgarião, e suas magoas bem gardarião em seus corações até o tempo que pudessem tomar sua vingança, que estaua muy certa nos descuidos dos portuguezes; que portanto, se a elles honrados fidalgos lhes parecesse que n'ysso deuia de fazer outra cousa, lhe pedia da parte d'ElRey que lho dissessem,

porque com acordo de todos elle faria o que a todos parecesse seruiço de Deos e de Sua Alteza.

No que todos mouerão muytos debates, e sobre todos o capitão, dizendo que elle via bem ante os olhos o grande mal que d'aquy auia de soceder, que se lhe parecera que em seu tempo tal cousa se ouvera de fazer que nom pedira a ElRey a capitania que tinha; mas nom podia al fazer senão estar a paciencia ao que ElRey mandaua, indaque lhe custasse a vida; e que do mal que sobreuiesse Sua Alteza désse o castigo a quem lhe dera máo conselho. Com a qual rezão do capitão todos se forão, assentando logo que se ElRey d'Ormuz n'ysso tomasse muyto sentimento então se farião os prouimentos que comprissem, e se farião as fortelezas. No que assy todos assentarão, que ouverão medo que se o contradixessem, e se nom fizesse, com que ElRey perdesse o interesse que esperaua d'esta cousa, lhe demandaria por suas fazendas, *e* nom quiserão arriscarse a ysto.

O que assy ficando assentado por todos, o Gouernador com os fidalgos foy falar a ElRey, e lhe dixe que nas cartas d'este anno, que lhe ElRey mandára, lhe mandaua muyto rogar que folgasse de lh'emprestar hum anno de rendimento d'alfandega, porque tinha necessidade de ter muyto dinheiro junto na India, e se nom se gastasse em huma certa cousa, que mandaua fazer, que lhe tornarião a leuar o dinheiro quanto quer que fosse; pera o que mandaua officiaes, homens *em* que ElRey confiára, pera arrecadarem e receberem, e tudo escreuerem com seu gozil presente, porque nada se pudesse arredar. O que ElRey ouvindo fiqou muy triste, e perguntou ao Gouernador quanto dinheiro auia ElRey mester, que lho emprestaria, e escusaria o emprestimo d'alfandega; o que assy disserão o Resxarafo e outros do seu conselho. Ao que lhe o Gouernador respondeo que nom sabia, que ElRey lho nom mandára dizer, sómente ysto lhe mandára dizer ElRey, e porque tambem queria saber os rendimentos de que partes vinhão, e como se arrecadauão os direitos, quanto pagauão os mouros, e quanto pagauão os portugueses: «e o di-» «nheiro, em quanto nom fôr pera' India estará em poder do capitão, e» «d'elle te darão quanto ouveres mester pera tua despeza.»

ElRey abaixou o rostro com os olhos cheos de lagrimas, e com a fala que nom podia deitar fóra da boca, e respondeo dizendo: «Eu, de-» «pois que dey minha obediencia a ElRey de Portugal, e me fiz seu tri-»

«butario com quinze mil xarafins que lhe pago cad'anno, sobre tantos»
«e tão bons emprestimos que dey a Afonso d'Alboquerque, nunqua dei-»
«xey de fazer tudo o que me da sua parte pedirão. E porque eu da»
«mão d'Afonso d'Alboquerque fuy feito Rey e saluo da morte que me»
«ouvera de dar Rexamed, bem vejo que por esta causa são catiuo, e»
«tambem minha cidade e quanto n'ella tenho; e se mandar ElRey de»
«Portugal me hirey viuer fóra d'ella. E se ysto ouver de ser façase lo-»
«go tudo junto, que me será contado em má fortuna, e não tomarme»
«'alfandega, que tanto me toqua na honra. Mas porque, como digo, da»
«sua mão tenho este Reyno e vida, seja feito tudo o que manda, e se»
«o gasto me faltar pedilohey aos meus, que mo darão por amor de»
«Deos. Então digão polas outras terras as gentes o que lhe bem parecer.»

O Gouernador e o capitão lhe disserão muytas cousas e rezões por que se nom deuia tanto d'escandalizar nem desconfiar; ao que os seus ajudarão, por lhe amansarem a paixão, e elles mostrando que o nom estimauão, com muytas palauras e dessimulações. Com que ElRey mostrou que era fóra de sua paixão; com que o Gouernador se despedio. E tornado á forteleza, depois de jantar, o Gouernador mandou chamar os officiaes que vinhão pera 'alfandega, presente o capitão e alguns fidalgos lhes dixe com muyta paixão: «Mostrai e lêde vossos bons regimentos,» «e cargos que trazês.» O que apresentarão, em que ElRey fazia juiz d'alfandega a Ruy Varella, e Manuel Velho, moço da camara, recebedor e tisoureiro, com dous escriuães, digo Manuel Velho por juiz, e Ruy Varella tisoureiro, e escriuães Miguel do Valle, e Ruy Gonçalues d'Orta, do rendimento, e do recebedor Nuno de Crasto e Vicente Dias, e Pero Rodrigues porteiro, e requeredores, e liuros assinados, que tudo de Portugal já trazião, com muytos regimentos; e que o dinheiro de cada dia se leuasse á forteleza, e se metesse no cofre, que estaria em poder do capitão, de que o recebedor e juiz e os escriuães terião as chaues, e o que se désse a ElRey se tiraria do cofre e s'entregaria ao gozil, o qual auia d'estar sempre presente n'alfandega, com seus escriuães, vendo o que se arrecadaua. O que mandaua ao Gouernador que todo assy comprisse ao pé da letra, sem outro alheo entendimento que n'ysso tomasse. Ao que o Gouernador se mostrou muy indinado, dizendo: «Bem ouvera agora» «mester na India hum Gouernador irmão d'ElRey, que nom ouvera me-» «do a lhe ElRey cortar a cabeça nem tomar a fazenda, e elle dar o»

« castigo a quem taes albitres dá a ElRey ; ou que fôra homem arreba- »
« tado, que enforcára hum d'estes falsos albitradores, e andára omizia- »
« do até que ElRey visse o mal que virá d'esta falsidade. E sejame Deos »
« testimunha, pois Sua Alteza nom ouve por bem auer de seu Gouerna- »
« dor da India a verdadeira enformação d'esta cousa, o que eu tenho »
« dito a ElRey, e lhe tomey 'alfandega, que elle soffreo, que na sua al- »
« ma encobrio e gardará até seu tempo, porque nom fica agora mais »
« que ser caseiro, e quem seu asno muyto carrega dá com tudo no chão. »
« Digo aquy ysto porque nom faltará quem d'ysso faça capitulos a El- »
« Rey. » Então mandou aos officiaes que fossem seruir seus cargos, e ao capitão que os metesse de posse e ordenasse o cofre e as chaues, porque tudo assy como ElRey mandaua o compria ao pé da letra. O Gouernador visitaua ElRey muytas vezes, por vêr o que n'elle sentia, e ElRey, que já estaua auisado tanto, dessimulaua, e ria, e fazia que lhe nom lembraua ; nem mandaua estar o gozil na alfandega, e se o chamauão se fazia doente, e se lá hia nom falaua nada, indaque se queixassem os mercadores das sem rezões que lhe fazião e bradauão a Deos.

Tanto que o Gouernador assy tomou 'alfandega, recolhido com os seus, auidos seus acordos, assentarão que ElRey e todos muyto dessimulassem tamanho mal, em modo que o Gouernador nom ouvesse algum sentimento que ElRey ficaua agrauado, porque se o entendesse faria n'ysso alguns resguardos, com que depois nom pudessem tomar a vingança que logo assentarão de tomar, porque os seus cacizes entrarão na consulta, que lhe metião em cabeça que o mouro que tiraua sangue de christão su'alma hia ao paraiso. E n'ysto assentarão e o fizerão como ao diante direy.

Estando o Gouernador em Ormuz com estes trabalhos, chegou Diogo Fernandes de Beja, que vinha de Dio, e deu conta ao Gouernador de todo que passára. De que o Gouernador ouve prazer, por assy falsar a trayção que ElRey lhe armaua, do que lhe deu muytos contentamentos, e lhe mandou que mandasse concertar o galeão de todo o que compria, porque tanto que o tempo désse lugar logo lá auia de tornar a lhe fazer a guerra, que logo com trombetas mandou apregoar pola cidade em lingoa da terra e portugués, com sua bandeyra real, que noteficaua ElRey de Cambaya por imigo d'ElRey de Portugal, por quebrar a paz que tinha assentada : polo que lhe mandaua fazer a guerra a fogo e sangue,

em todos seus portos e em todos seus vassallos, onde quer que fossem achados, no mar e na terra.

E logo mandou partir Diogo Fernandes pera Dio a lhe fazer a guerra. Elle no galeão São Matheus, Nuno Fernandes de Macedo no Çamorym grande, Gaspar Doutel em hum nauio redondo, Manuel de Macedo na sua carauella, fizerão sua viagem, e chegando sobre a costa de Dio tomarão huma riqua nao de Meca, que roubarão, e catiuarão os mouros despostos pera' bomba, e molheres e mininos, e a todo o mais derão fogo; e assy derão com outras duas naos, que forão varar na costa, de que a gente fogio, e os nossos recolherão o que puderão, e lhe derão fogo. Do que logo a noua foy a Dio, ao que Melequiaz mandou seu capitão do mar Agá Mamude, com armada muyto concertada, e lhe mandou que fosse pelejar com os nossos, repartidas vinte fustas pera o galeão, que trouxe a bandeyra, e doze fustas pera cada hum dos outros nauios; que forão dar com os nossos que estauão surtos de longo da terra, que logo forão commetter com muytas bombardadas, ao que os nossos se fizerão á vela, pelejando * os mouros * ás bombardadas, que desfazião os nauios, e as rachas da madeira matauão e ferião gente. Mas os tiros dos nossos [1] * que * acertauão logo a fusta se hia ao fundo ou nom seruia mais; andando * as nossas embarcações * sempre ás voltas como podião. E quando as fustas querião descansar, ou se concertar, tomauão o remo e se afastauão longe a balrauento onde os nossos nom podião chegar, e comião e folgauão. Então, bem concertadas, tornauão a pelejar, e esto com o vento pouqo, com que erão senhoras do remo pera se chegar e afastar quando querião. Com que [2] * pelejauão * assy d'esta maneyra de dia e de noite; com que com as correntes das marés forão ter pola enseada dentro, em que andarão assy pelejando muytos dias, em que forão em grande falta d'agoa, com que a gente passou grande trabalho. Onde assy andando, chamando pola misericordia de Deus, huma menhã se achou junto dos nossos huma nao que vinha de Magadaxo, que vinha carregada de coqos, que abalroarão e vasarão dos coqos, que repartirão por toda a gente, que foy grande remedio com 'agoa d'elles, e com alguma que acharão na nao, e tambem muyto dinheiro e prata; e recolherão os bons catiuos. Ao que acodirão as fustas, mas a nao hia já toda ardendo em fogo,

[1] Em vez de * quando * [2] * pelejam * Autogr.

e as fustas nom erão mais que dez, porque as outras auia tres dias que erão hidas a Dio a se reformar do necessario; e tornarão sendo já os nossos fóra da enseada, e tornarão á peleja quando assy era o vento pouco, que pelejauão quanto querião e se afastauão a balrauento com o remo quando o vento era rijo, com que os nossos lhe nom podião chegar; mas quando as fustas vinhão sempre leuauão bom pago, que já a este tempo erão derrubadas mais de vinte.

Andando os nossos n'este trabalho, hum dia aqueceo que o nauio de Gaspar Doutel, acalmando o vento, fiqou apartado muyto dos outros, com o qual as fustas forão pelejar, e lhe derão tantas bombardadas que o meterão no fundo, e alguma gente que fiqou a nado recolherão as fustas, que matauão os feridos e os sãos metião em ferros: ao que os nossos nom puderão valer por assy estar longe, e nom auia vento; nem mandarão os batés, porque logo os tomarão as fustas.

Do que Diogo Fernandes muy anojado de tamanho desastre, e por lhe nom aconteeer outro tal, e vendo que n'esta guerra se nom podia aproueitar de sua vontade porque o campo era das fustas, se foy a Chaul, onde armou cinquo fustas de partes, que achou, e as armou, que leuaua do Gouernador poderes pera ysso, e assy tres nauios, que todos concertou e armou de gente e de todo o necessario, com que fez corpo de onze velas com que se tornou sobre Dio, onde ouve vista d'armada do Gouernador, que então chegaua d'Ormuz, que tudo deixaua bem assentado, e sendo á vista de terra tomou algumas naos de Meca, em que fez boa preza e tomou muytos escrauos pera as galés, e porque nom auia tantos ferros e tronqos, meterão muytos debaixo das cubertas dos nauios grandes; e se foy á barra de Dio, cuidando que ahy estaria Diogo Fernandes; nem da cidade lhe nom sayrão fustas, que erão hidas á enseada.

Onde assy estando 'armada surta, os mouros catiuos que estauão debaixo da cuberta da nao Serra, em que vinha por capitão Ayres Correa, irmão d'Antonio Correa, os quaes mouros, com qualquer cousa que foy ou lho derão outros, fizerão fogo, e trabalharão com que forão dar no payol da poluora, e escolhendo por melhor a morte que o padecimento, derão fogo na poluora, com que a nao arrebentou per baixo que era mais fraqa, e se foy ao fundo dereita, em que morreo muyta gente, porque foy de noite, que jazião dormindo, e alguns ficarão a nado; e os que morrerão passarão de oitenta homens, e se perdeo muyto dinheiro que n'ella

trazia Belchior Carualho, feitor do trato, como já disse, e das naos da preza, em que se perderão com o de partes passante de duzentos mil pardaos. E porque a nao fiqou parecendolhe os mastos, que nom auia mais que cinco braças d'agoa, forão abaixo grandes mergulhadores mouros a que o Gouernador prometeo alforria, e nunqua puderão tirar huma arqua de dinheiro que estaua no payol do capitão. Do que o Gouernador auendo grande pesar se fez á vela caminho de Chaul, quando com elle topou Diogo Fernandes, como já dixe, que se meteo em seu batel e se foy ao Gouernador, e lhe deu conta do passado; com que chegarão a Chaul.

CAPITULO XIX.

COMO, SENDO O GOUERNADOR EM ORMUZ, RUY DE MELLO, CAPITÃO DE GOA, SE APOSSOU DAS TERRAS FIRMES DERRADOR DE GOA, E A REZÃO PORQUE.

Socedeo n'este tempo que o Rey de Narsinga teue guerra com o Idalcão, que foy por esta maneyra; que o Idalcão fez grande ajuntamento de gente de pé e de cauallo, com grandes monições, determinado a tomar Goa ou morrer sobr' ysso. Do que sendo auisado o Rey de Narsinga, se lhe entolhou, polo querer de Deos, que o ajuntamento que fazia o Idalcão era pera lhe tomar huma terra sua comarcã, sobre que já tiuerão contendas; polo que do Idalcão tomando o Rey de Bisnegá ysto em ponto de honra, logo prestesmente ajuntou muyta gente, com que entrou no Balagate e ouve peleja com o Idalcão que logo desbaratou, e lhe tomou Visapor e outros logares, de que lhe tomarão grande despojo, e correrão os canarás até Bilgão, com que as tanadarias das terras de Goa ficarão sem gente, desemparadas. E * como * o Rey de Bisnegá desejaua sempre nossa amisade, por caso dos caualIos de Goa de que tinha necessidade, mandou seu recado a Ruy de Mello, capitão de Goa, que elle tinha ganhadas ao Idalcão todolas terras, até a fralda do mar, por guerra, as quaes nom auia mester; que elle fazia d'ellas doação a ElRey de Portugal pera sempre; que por tanto as fosse tomar, e arrecadar o rendimento d'ellas, e que quando viesse o Gouernador lhe mandaria seu embaixador, e assentaria ysto pera sempre como compria. Do que Ruy de Mello lhe mandou seus agardicimentos, e logo passou á terra de Salsete com duzentos

de cauallo e seis centos piães da terra, com alguns espingardeiros, e deu a capitania a Ruy Jusarte de Mello, seu sobrinho. E passando assy achou tudo desemparado de gente, tomou posse de tudo, e assentou paz com os moradores da terra, com que fez tanadares e arrecadadores das rendas, e deixou Ruy Jusarte por capitão e se tornou a Goa, deixando-lhe vinte de cauallo, cincoenta espingardeiros, e quatrocentos piães, os mais d'elles frecheiros; e lhe mandou que fosse tomar as tanadarias de Bardés e Pondá, em que pusesse tanadares portugueses, e arrecadasse as rendas, e pagasse as gentes: com que Ruy de Mello se tornou a Goa.

E Ruy Jusarte tomou a tanadaria de Pondá, e fez d'ella tanadar Antonio Raposo, casado de Goa, e Ruy Jusarte se assentou no pagode de Bardés e fez feitor e recebedor a João Lobato, e Aluaro Barradas escriuão; onde assy passando dous meses, que o Idalcão se foy restaurando, mandou dous capitães com gente sobre Ruy Jusarte, do que elle auendo auiso mandou recado a seu tio Ruy de Mello, que logo lá passou com boa gente de cauallo, e foy antemenhã dar em humas aldeas em que estauão agasalhados os capitães, que sendo tomados de sobresalto se puserão em fugida, e sua gente, de que os nossos matarão e catiuarão alguns; e assy assocegarão alguns dias.

CAPITULO XX.

COMO O GOUERNADOR, CHEGADO A CHAUL, FEZ CONSELHO E ASSENTOU AHY FAZER FORTELEZA PERA D'AHY GUERREAR CAMBAYA; A QUAL FORTELEZA FEZ CONTRA VONTADE DO NIZAMALUCO, QUE DEPOIS ASSENTOU EM PAZ.

Sendo assy chegado a Chaul, o Gouernador fez conselho com os fidalgos, em que assentou de fazer forteleza em Chaul, pera ahy ter gornição d'armada com que d'ahy fizesse a guerra a Cambaya. No qual conselho o Gouernador descobrio que elle vinha com tenção de em Madrefabá fazer forteleza, pera o que trazia os petrechos e monições na nao Serra, que se perdeo; e tambem tinha sabido que Meliquiaz já tinha prouido com gente Madrefabá, porque foy sabedor de todo polos catiuos que tomára da nao de Gaspar Doutel; e Fernão Camello era tornado com reposta do Nizamaluco sobre o fazer ally forteleza, o qual deu licença, com tanto que ally lhe vendessem cad' anno quatrocentos cauallos d'Ormuz, e

que primeyro ysto se assentasse que se fizesse a forteleza. Mas o Gouernador nom agardou ysto, porque andaua muy descontente de sy *por* nom ter feito nenhuma obra no feito de Dio, que lhe ElRey tanto encomendára; e tambem trazia 'alma cansada do que deixaua feito em Ormuz, que sentia certo que se auia d'armar traição, postoque á sua partida ElRey d'Ormuz lhe pedio afincadamente que lhe mandasse ao Reyno hum embaixador, que queria mandar a ElRey sobre 'alfandega, e lhe deixára pera ysso Pero da Silua com a sua *nao*, pera trazer o embaixador e huma riqua tenda que se estaua acabando pera leuar a ElRey; e que tudo ysto forão mostras d'ElRey dessimuladas, porque a gente em Ormuz ficasse tão segura como estaua de primeyro: e com estas sospeitas, que tinha, cada hora esperaua que lhe chegasse alguma má noua; o que assy muytas vezes o praticaua. E poendo em obra o feito da forteleza, se concertou com hum mouro morador em Chaul, e lhe deu dadiuas, com que lhe deu ordem como tirou pedra d'além do rio e fez cal, e lhe deu muyta madeira, que tudo custaua muyto dinheiro, pera o que o Gouernador em terra fez huma forte tranqueira de palmeiras cortadas e grossa madeira, pera resguardo se viesse contraste algum do Nizamaluco, em que assentou muyta artelharia, com que se defendera a todo o poder que viera, porque toda a gente estaua em terra em estancias com os capitães, com suas armas e espingardas, com suas vigias, onde todo o dia o Gouernador estaua em terra e de noite se hia dormir ao mar. E meteo toda a gente ao trabalho da obra, e muyta gente da terra e escrauos das galés, e tambem fez tranqueira pera a barra, porque teue noua que Agá Mamude era vindo a Baçaim com toda a fustalha de Dio. E porque as naos em que andaua Christouão de Sá e Lopo d'Azeuedo, erão da carreira, os mandou a Cochym pera se corregerem e carregarem de pimenta.

A gente do mar com os batés hião além do rio carregar a pedra, com que logo se fundarão dous cubellos e huma torre de menagem sobre o rio, pera onde se fez a porta, e os muros grossos, que sendo já em mea altura veo hum muy agastado recado do Nizamaluco ao Gouernador que nom fizese aquella obra, que nom era sua vontade, e que logo lhe tornassem a leuar a pedra d'onde a tirarão, pois com elle nada tinha comprido. E mandou ao tanadar da terra que lhe fizesse a guerra, a qual o tanadar nom fez porque nom tinha gente, sómente tolheo a gente do trabalho e os mantimentos, que nom vinhão vender, o que assy esteue

alguns dias, em que os tanadares dos portos e mercadores forão bradar ao Nizamaluco o que se perdia de suas rendas; com que se tornou a assentar a terra; com que muyto folgou o pouo da terra polo proueito que tinhão com os nossos, que trabalhando ganhauão com que se aproueitauão; com que na obra se deu muyto auiamento, com que em pouqo tempo foy posta nas amêas.

CAPITULO XXI.

COMO MELIQUIAZ, POR ESTORUAR QUE SE NOM FIZESSE FORTELEZA EM CHAUL, MANDOU ARMADA DE FUSTAS QUE FOSSE GUERREAR CHAUL, ONDE VEO TER DOM ALEIXO, QUE ENUERNÁRA EM COCHYM.

O Gouernador, quando partio de Dio, polos nauios que forão pera Cochym escreueo a dom Aleixo, que estaua em Goa, que auia d'hir enuernar a Cochym, e lhe deu conta de todo o que passára em Dio, e como hia determinado a tornar cedo, e hir ao rio de Madrefabá ahy fazer forteleza d'onde guerreasse Dio, e que folgaria muyto se elle pudesse vir em agosto a Chaul, porque fosse em sua companhia. Do que elle teue cuidado, que erão grandes amigos, e como entrou julho se fez prestes em hum nauio nouo que fizera, com oitenta homens e com muyta ferramenta pera a obra; com que se partio de Cochym em julho que lhe deu o tempo bom sembrante, e com bom vento, que lhe deu, por resguardo se afastou da costa e correo largo polo mar, com que foy tomar na barra de Chaul, estando já o Gouernador com a tranqueira feita, que começaua 'abrir os alicerces; que o Gouernador com todolos fidalgos o receberão com muyto prazer, a que o Gouernador deu conta do que deixaua feito em Ormuz.

Meliquiaz, que tinha sabido dos catiuos que se tomarão do nauio de Gaspar Doutel a tenção com que o Gouernador foy pera Ormuz, que quando tornasse auia de hir fazer forteleza no rio de Madrefabá, logo lá proueo com gente de gornição e artelharia; mas vendo que o Gouernador se partíra de Dio e nom fôra a Madrefabá, pareceolhe que com o desastre da nao nom quisera lá hir. Mas sabendo que estaua em Chaul com tranqueira feita, e queria fazer forteleza, e tinha a tranqueira feita, * achou que * nom seria senão porque faria a forteleza contra licença do Nizamaluco, que sobre elle mandaria gente a lha defender; e que tendo assy

rão a repousar nos ilheos d'ahy duas legoas. Dos nossos nauios desembarcarão os feridos, que forão muytos, e os fidalgos brasfemando, dizendo que era moucarrice sayr a pelejar com as fustas, pois nom fazião mais que aparar as costas aos pelouros. O que pareceo ao Gouernador boa rezão, determinado de recolher 'armada ao rio; e mandou recado a dom Aleixo que ao outro dia com a viração se tornasse pera dentro; ao que outros contradixerão, dizendo que como auia d'auer no mundo nossa armada estar recolhida no rio, e as fustas na barra batendo as adargas, e dando gritas; dizendo Diogo Fernandes de Beja, Fernão Gomes de Lemos, dom João de Lima, dom Jorge, dom Afonso de Meneses, e outros, que se gastasse o que se gastasse, e que nossa armada nom estiuesse ençarrada, que seria mór infamia e deshonra que quantas honras os portugueses tinhão ganhas na India. Ao que o Gouernador soesteue, nom se sabendo determinar o que fizesse; mas assentou nom recolher 'armada.

Dom Aleixo se fez prestes de noite, e virou o seu galeão de longo da terra, e da outra banda os dous galeões, e as galés e carauellas e batés com as proas pera o mar. As fustas ao outro dia vierão, e vendo a ordem em que os nossos estauão nom ousarão chegar, sómente de longe fizerão sua bataria, mas forão tão mal hospedados, com tres fustas em pedaços metidas no fundo, com que se tornarão pera o mar, onde andarão a balrauento, e sobre a tarde com a viração forão a hum nauio que hia de Goa, de hum Thomé Rodrigues, que pelejou até que o meterão no fundo; ao que os nossos nom puderão valer porque ventaua a viração: do que os nossos ouverão muy grande pesar. E assy estauão os nossos nauios, em que sómente estauão os bombardeiros com o trabalho.

N'este tempo chegou d'Ormuz Pero da Silua, que vinha na sua nao, que ficára pera trazer o embaixador d'ElRey d'Ormuz, com a tenda e presente que dizia que auia de mandar pera Portugal; mas porque erão falsidades, fizerão tantas delongas que Pero da Silua se veo caminho de Chaul, e vista * a nao * de terra antre terrenho e [1] * viração, sendo na calmaria as fustas * forão a ella a remo, e conhecendo que vinha d'Ormuz, querendose aproueitar do que n'ella podião achar, que era muyto dinheiro e riqas cousas, o Agá Mamude, só, chegou a fallar com ella, e disse a Pero da Silua que se rendesse, e se fosse no batel sem leuar na-

[1] * viração, que sendo na calmaria que as fustas * Autogr.

da, e todos os que com elle quigessem hir; porque o nom querendo fazer os mataria a todos ás bombardadas; então tomaria a nao á sua vontade. Pero da Silua bem vio que nom se podia defender a tantas fustas, e tambem metido no batel lhe farião o mal que quigessem. Nom se querendo confiar nos mouros, se começou a defender, tirando com quatro peças grossas que trazia, tomando coração porque a viração já vinha ventando, esperando de se colher á barra, que bem via a nossa armada. Ao que como dom Aleixo vio a peleja, mandou as galés e batés que fossem a remo dar fauor á nao. As fustas, vendo que a nao já tinha vento com que se hia espedindo, lhe tirarão tantos tiros por cyma que lhe derão com as velas e gaueas em baixo, matando muyta gente; e porque as galés vinhão a remo, se apressarão as fustas com tantos tiros por baixo que a meterão no fundo, e alguns homens que ficarão a nado os andauão matando, de que escaparão dous negros, que mergulhauão quando a fusta lhe queria chegar. O que vendo as galés que a nao era no fundo, se deixarão estar e nom ousarão de voltar, porque as fustas logo erão sobre ellas. Assy, tocando alguns remos n'agoa, tornarão atrás com o vento, até se tornar a seu lugar.

Do que todos ouverão grande pesar, que conhecerão que era Pero da Silua, e o Gouernador que teue d'ysto grande nojo, porque ally se perdeo muyto dinheiro, e setenta homens, e muytos escrauos e cauallos. E o Gouernador n'esta tarde veo á barra, e falou com dom Aleixo, e com os capitães, sobre tamanho mal, do que tinha grande dor, e todos praticando assentarão que ficando os batés na barra fossem toda a noite pera o mar cinqo ou seis legoas, e que se lá fossem as fustas pelejassem com ellas na calmaria, e com a viração corressem após ellas, que lhe farião muyto mal. O que assy pareceo bem a todos, com a magoa que tinhão; com que os capitães dos batés nom quigerão ficar, e forão amarrados por popa dos galeões e carauellas.

E como foy noite, que ventou o vento da terra, 'armada se fez á vela, ordenados todos a ordem que auião de ter no tirar d'artelharia, que se nom tocassem huns aos outros. As fustas estauão nos ilheos de Chaul, repousando, e comendo e dormindo, e tinhão duas fustas de vigia sobre a nossa armada, que virão hir a vela pera o mar; o que sendo dito ao Agá Mamude entrou n'elle fantesia hir entrar no rio de Chaul, e queimar e desbaratar 'armada, e esbombardear a tranqueira, o que nom fôra

guerra na terra elle polo mar lhe faria muyto mal; * e * apercebeo sua armada de sessenta velas, grandes fustas muy artilhadas, com muyta gente d'armas e frecheiros, e por capitão Agá Mamude, seu Capitão mór do mar, e lhe mandou que fosse tomar a barra de Chaul, e que cousa nom entrasse nem saysse que nom metesse no fundo. O que Meliquiaz fez com muyta diligencia, porque ElRey o assombrára com grandes menencorias quando soube que Diogo Fernandes furtára o feitor e se fôra pera Ormuz, culpando os imigos de Meliquiaz que tudo forão manhas que usára; e o messigeiro, que Diogo Fernandes mandára com o recado, ElRey o mandou meter na serra de Champanel, onde morreo. Despachadas estas sessenta fustas fiqou Meliquiaz concertando outras, e fazendo de nouo, pera reformar 'armada das que se perdessem e quebrassem.

Em Chaul auia esta noua que vinhão as fustas de Dio e vinha n'ellas Meliquiaz com grande poder, o que causou muyto medo aos nossos, que esperauão pola guerra da gente da terra, e com a guerra do mar terião muyto trabalho; e estauão com grande medo, ao que se deu rebate que as fustas vinhão, que negros as virão, ao que se aleuantou muy grande aluoroço e desacordo de muytos que se recolhião ao mar, dizendo alguns ao Gouernador que se recolhesse ao mar. De que o Gouernador ouve grande paixão, e falou agastadas palauras, e mandou desembarqar os que se embarcarão, com vergonhosas palauras.

E d'ahy a huma hora parecerão as fustas, que erão sessenta, espalhadas polo mar, com bandeyras e tangeres, deitando foguetes; e chegarão perto da barra com muyta ordem, que vierão com a viração, que bem sabião que os nossos nom podião sayr do rio, e se tornarão pera o mar.

O que vendo o Gouernador, mandou concertar tres galés e quatro batés grandes com camellos, e o galeão São Dinis, e outros dous galeões pequenos, e duas carauellas, e dom Aleixo por Capitão mór, e nas galés Francisco de Sousa Tauares, Christouão de Sá, Francisco de Mendoça, o velho, e Anrique de Sousa Chichorro; e nos galeões dom João de Lima, Christouão de Sousa; e nas carauellas Manuel de Macedo, e Jorge Barreto, Nuno Fernandes de Macedo, Manuel de Moura, Aluaro de Crasto: com os quaes se nom quiserão embarcar muytos homens, que esperarão que o Gouernador os chamasse.

O Gouernador mandou a dom Aleixo, em pubrico de todos, que ao ou-

tro dia com o terrenho saysse do rio, e nom chamasse ninguem que se embarcasse, porque se veria o que folgauão de seruir ElRey. Com o que os fidalgos e homens d'obrigação se embarcarão, que ao outro dia sayrão fóra com o terrenho, com que forão pera o mar, que logo virão as fustas, que se meterão de longo da terra ao remo e vela, com que se puserão a balrauento dos nossos, e forão descarregando sobre elles, passando rijamente á vela e remo por antre os nossos sem fazer detença, dando grande çurriada d'artelharia, com que fizerão grande desbarato nos nossos, rompendo as velas e quebrando enxarceas e remos; e muytos pelouros entrarão nos nauios, que matarão e ferirão muyta gente. Os nossos nauios lhe nom fizerão muyto mal, porque hião juntos e nom puderão tirar com toda' artelharia; mas * com * alguma que seruio lhe derribarão quatro fustas espedaçadas com os mastos pola agoa, de que duas se forão ao fundo, e das outras seis ou sete * ficarão * mal concertadas, que os pelouros tomarão por cyma e lhe matarão e ferirão muyta gente. Mas as fustas passando logo se meterão de ló, tornando pera terra a se pôr de balrauento pera tornarem a dar outra çurriada; o que vendo dom Aleixo, amainou, e capeou aos outr os que se afastassem, como fizerão, que se forão afastando e amainando, e os batés antre as galés e galeões. As fustas, vendo a ordem em que se os nossos punhão, ouverão medo de cometer os nossos, e prestesmente tomarão as velas, e a remos se tornarão contra o vento, alargandose dos nossos, que lhe nom puderão alcançar os pelouros, e se forão vollando pera o mar largo, porque a nossa armada com o vento foy descayndo pera o mar, até que o vento acalmou. Então as fustas se tornarão a meter em ordem, e se forão chegando pera os nossos, que lhe fizerão grande salua, em que o jogo foy de verdade passante de huma hora que o vento foy calma, em que d'ambas as bandas ouve mortos e feridos, e nauios desenxarciados, até que o vento começou a vir do mar, que as fustas se sostiuerão sobre o remo por nom descayrem sobre a nossa armada. N'este dia sete fustas forão desbaratadas; e assy estando sobre o remo fazião quanta obra podião. Dom Aleixo e os outros nauios tinhão dadas as mezenas, com que tinhão as proas direitas ao mar, com que tornarão descayndo pera a barra, que se forão ajuntando, e sobre a barra sorgirão; onde ficando com as proas pera o mar as fustas se puserão d'ambas as bandas de longo da terra, com que estiuerão todo o dia ás bombardadas até noite, que se fo-

muyto, e o mouro deixou de o fazer porque lhe pareceo que o rio nom estaria sem boa guarda. Então se fez prestes com oitenta fustas que tinha, porque então lhe chegarão de dia corenta, concertadas de nouo, com muyta gente e poluora, e pagamento pera a gente; e se forão á vela leuando huma espia em vista da nossa armada, que quando amanheceo casy que nom vião terra, e vendo as fustas muy longe, dom Aleixo amainou, e todos se concertarão, agardando que as fustas virião com o terrenho. O que elles, como muyto sabedores, nom quiserão fazer, e correrão em quanto tiuerão vento contra Dio, e acalmando o vento se forão pera o mar tanto, que ficarão a balrauento d'armada, e nom quiserão vir pelejar na calmaria, mas como começou a viração a ventar, que os nossos derão os traquetes na volta da terra, se começarão a vir chegando; polo que então os comitres das galés puserão os traquetes nos mastos das mezenas, e derão cabos por popa nos nauios que nom leuauão batés, com que as galés ficarão com as proas pera o mar, e os quatro batés assy com os tiros pera trás. O que foy tão bom que causarão que as fustas nom ousarão de chegar por popa dos nossos nauios como elles cuidarão, e se algumas se punhão áuante passauão muyto mal, e todauia a peleja foy muy grande. E porque o vento era muyto, prestesmente os nossos chegarão á barra, e as galés e batés sorgirão assy como vinhão com as proas pera o mar; os outros nauios logo virarão as proas ao mar, do que fogirão as fustas, que n'este dia forão muy mal tratadas. Do que o mouro muy magoado, como foy noite escura mandou vinte fustas aos quartos, que toda a noite do mar deitauão pelouros perdidos, com que algum mal fizerão aos nossos, que nom dormirão toda a noite até pola menhã, que as fustas se tornarão aos ilheos.

O Gouernador, vendo que este trabalho era grande e perigoso dos nauios e gente, ouve que nom era bom conselho sayr ao mar, sómente estar assy a nossa armada, que pelejaria quando as fustas chegassem. Com que assy estando, o mouro, que era muy apertado com cartas de Meliquiaz, que dizia que andaua gastando poluora debalde, cometia muytas vezes a peleja; mas porque os nossos estauão em boa ordem hião sempre muyto daneficados.

Então, per conselho dos capitães, o Gouernador mandou fazer huma torre de hum sobrado em cyma do outeiro que está sobre a barra, de que fez capitão com trinta homens a Péro Vaz Pormão, hum valente

caualleiro, o qual do baluarte fazia vigia muy longe ao mar até os ilheos, d'onde via vir as fustas quando partião, e tinha regimento, com fachos que pera ysso tinha, que vendo vir as fustas por cada dez punha hum facho, com que se sabia em baixo as fustas que vinhão; com que o Gouernador mandou recolher 'armada pera dentro, e as galés e duas galeotas que sayssem prestesmente quando lhe mandassem. Então o Gouernador deu a capitania do mar a Diogo Fernandes de Beja, que por ser muyto amigo dos homens auia muytos que folgauão de andar em sua companhia.

O mouro, vendo o baluarte sobre o morro, que fazia a vigia, determinou de dar n'elle de noite e o tomar, ao que o mouro fez manha, e veo com a viração com toda sua armada balrauenteando largo da barra, e sobre a tarde se fez na volta do mar caminho de Dio, o que do baluarte vigiarão até que de todo desaparecerão inda de dia; mas como anoiteceo voltou polo mar com grande vigia que nom parecesse nenhum fogo, e passou pera a parte de Goa, e se chegou deuagar á terra até que o vento acalmou, com que apartou vinte fustas com os mastos abatidos, e as outras mandou estar defronte da barra, pera acodirem se comprisse. Então nas vinte fustas mandou hum seu sobrinho com quatro centos homens frecheiros, que desembarcarão em terra mansamente, e se meterão polo mato, que já tinhão bem vigiado; e os mouros hião com bayas pardas, com que forão escondidos polo mato, e derão no baluarte em amanhecendo. Os mouros erão todos frecheiros, com que logo os nossos forão todos encrauados e mortos, e seu capitão Pero Vaz Pormão, que forão dezoito homens, que primeyro matarão muytos mouros com as espingardas, que ao tirar o resplandor do fogo foy visto na forteleza, ao que houve grande aluoroço, ao que nos batés, que já amanhecia, acodio o Gouernador e capitães com muyta gente * e * foy ao morro, que sobirão acyma. O primeyro que chegou foy Antonio de Lemos, irmão de Fernão Gomes, e Francisco de Sousa de Mello, e dom João de Lima, Christouão de Sá, e com elles passante de tresentos homens, e muytos com espingardas, que derão nos mouros que pelejauão fortemente, em que muytos ficarão mortos, e os outros tornarão fogindo polo mato abaixo, pera se colherem ás fustas que estauão ao pé do morro, e os nossos após elles metendose polo mato, em que se embaraçarão, que de quatro centos que sobirão acyma nom tornarão ás fustas cincoenta. Com que logo se

afastarão pera fóra e forão dar noua a Agá Mamude que seu sobrinho ficaua morto com todos os que com elle forão.

Diogo Fernandes, como vio a guerra do outeiro e as fustas que estauão no mar, sayo do rio em huma galé, e as outras duas, e duas galeotas, e dous batés que estauão com as carauellas, com que sayrão fóra com o vento, que era da terra; mas a maré [1] * entraua * pera dentro, com que fizerão muyta detença, porque Diogo Fernandes os leuou todos em ordem, com que sendo fóra da barra o vento foy de todo calma, com que os nossos sorgirão bem ordenados, com os batés antre as galés e as carauellas, que cada huma tinha seis peças grossas, e as galés tres tiros por proa e dous por popa e oito falcões polos bordos. As fustas que forão do [2] * outeiro derão * noua a Agá Mamude de seu sobrinho e tanta gente morta, * com que * ouve grande paixão e logo as forneceo de mais gente, e os repartio em dous esquadrões, e elle tomou a dianteira, dizendo que auia de morrer n'aquelle dia ou vingar a morte de seu sobrinho. Com * que * muy sem medo veo cometer os nossos, desparando 'artelharia de corenta fustas, que cada huma tiraua huma bombarda de ferro roqueira, que deitaua hum pelouro como huma bola, e que era roqueira de camara, que logo metião outra. Erão os pelouros tantos que nom auia senão chamar pola misericordia de Deos, que os pedaços dos remos que quebrauão e os pedaços e rachas dos páos, que matauão e ferião a gente, era cousa piadosa. E por o seu tirar ser tão prestes era grande auantagem dos mouros, milhor que dos nossos tiros, que tirando os auião de tornar a calhar áuante; de modo que d'esta primeyra çurriada ouve dos nossos mortos e feridos muytos, e vergas e mastos quebrados; ao que os nossos tambem descarregando a primeyra salua meterão sete fustas no fundo, e muytas espedaçadas, e muyta gente morta; mas o fumo era tanto que os nossos nom vião o que fazião pera auer prazer. Aquy foy ferido André de Sousa Chichorro de cinqo feridas de páos e frechas, que erão tantas que tudo cobrião, e Aleixo de Sousa, seu irmão, de huma pancada de hum páo que lhe deu em hum hombro, de que cayo como morto, que do braço ficou depois aleijado; e foy ferido dom Jorge de duas frechadas, mas elle nom deixou de mandar [3] * trabalhar * os bombardeiros com 'artelharia, porque já o seu condestabre era morto. Nos batés

[1] * entra * Autogr. [2] * outeiro que derão * Id. [3] * tra * Id.

era ferido de frechada Francisco de Sousa Tauares, e nas carauellas Nuno Fernandes de Macedo, e Jorge Barreto, porque sómente os capitães aparecião, e mandauão com as espadas nuas nas mãos, por * que * todos os homens se metião debaixo. Durou muyto esta peleja, que o Gouernador e a gente da terra estaua olhando, que vendo tão forte concrusão nas fustas foy a gente a grã pressa e trouxerão com muyto trabalho duas meas esperas encarretadas, que puserão na borda d'agoa, que muyto abrangião as fustas; que ao tempo que chegarão o Agá Mamude mandou afastar as fustas, que estauão muy daneficadas e com muyta gente morta, e tornando pera trás com os remos se passou ás outras fustas do outro esquadrão, com que com nouas gritas e tangeres com o grande impitu tornarão sobre os nossos, que n'este meo tempo tiuerão algum folego de se mal concertar, porque já nom auia homem que quigesse trabalhar, dizendo que nom auião d'estar padecendo morte como homens bestiaes. Diogo Fernandes, da sua galé em que estaua, falaua e bradaua aos outros nauios, mostrando o soccorro que lhe fazião de terra.

D'este segundo combate foy o mal tanto que os que estauão em terra derão tudo por perdido, porque essa era a tenção do mouro abalroar e queimar 'armada ou ally morrer, e vinha sobre hum baileu da sua fusta bradando aos seus que chegassem, capeando com hum panno; com que os nossos chamando a misericordia de Nosso Senhor lhe aprouve lhe valer, porque o mouro cayo ao mar de cyma do baileu, já que chegaua abalroar per antre as galés. O que vendo os seus cayr o mouro, seus remeiros se lançarão ao mar polo tomar, em que ouve aluoroço e a sua fusta tornou pera trás; no qual tempo acodio hum pelouro de terra, que a tomou pola popa, que a espedaçou, e outra que tomou mais em cheo fez em dous pedaços; ao que se chegarão outras fustas, de que se deitarão ao mar muytos mouros por tomar o Agá Mamude; as outras fustas, vendo a reuolta, nom remando, a corrente d'agoa as tornou pera trás. O que vendo os nossos, tomando grande coração, desparando toda 'artelharia que derrubarão treze ou catorze fustas, que as tomauão assy juntas; o que muyto ajudauão os tiros de terra. Com que as fustas se deixarão hir pera o mar, ceando á ré, tirando fortemente, de que hum pelouro perdido cansado entrou pola proa da galé, * e * correndo pola coxia em pulos o derradeyro deu em Diogo Fernandes nos peitos, com que logo cayo morto. O mouro, quando cayo ao mar, deu sobre huma per-

cha, com que foy embaçado, que como morto o tirarão d'agoa, que nom falaua, e cuidarão que era morto; com que todos se forão aos ilheos, em que o mouro esteue pera morrer. Com que as fustas tres dias nom tornarão, e depois vinhão quinze e vinte, que andauão de largo.

O Gouernador, sabendo da morte de Diogo Fernandes, foy muy anojado, e muytos homens, que tinha muytos amigos, e com honra o Gouernador o mandou enterrar, e aos outros mortos, que n'este dia passarão de vinte, e feridos muytos, de que alguns morrerão e outros ficarão aleijados. Então o Gouernador fez capitão do mar Antonio Correa, lhe rogando que seruisse até lhe vir recado de Goa, que esperaua que lhe viesse, de o Gouernador ser chegado do Reyno, e lhe deu tres carauellas, e as duas galeotas bem concertadas, e lhe mandou que nom saysse mais que té barra quando viessem fustas com que se atreuesse, que chegassem perto da barra; o que assy mandou porque a gente folgasse d'hir, porque auião grande medo. O que assy fez Antonio Correa, que pouqas vezes sayo fóra, porque as fustas nom vinhão, e se vinhão passauão longe e corrião o mar a vêr se achauão algum nauio nosso. O Gouernador já tinha a torre da menagem e cubellos acabados; deu a capitania a Anrique de Meneses, seu sobrinho, e a Fernão Camello alcaide mór, e fez feitor Duarte Ferreira, e fez todolos outros officiaes, e com todas estas acupações escreueo a ElRey grandes apontamentos do que tinha feito, e a muyta duvida em que ficaua Ormuz, e ysto com muyto segredo falou com Gonçalo de Loulé, a que fez mercê, e lhe concertou a sua carauella á latina e redonda, e com muytos biscoitos que de noite carregou, e lhe deu dous mil pardaos d'ouro com que pagasse o mestre e piloto, e a gente a que contentasse hirem fazendo presas pola costa de Melinde, e deitou fama que hia a Goa saber se era vindo Gouernador, porque ysto era já em outubro. E a carauella de todo concertada se pôs na barra, e como lhe deu o terrenho se fez á vela de mar em fóra e foy seu caminho, e na costa de Melinde fez muytos roubos, com que todos forão riqos a Portugal. O que todauia foy sabido que hia pera o Reyno, e por assy o mandar o Gouernador sem necessidade que ouvesse, e tão escondido, praguejarão abertamente que o Gouernador mandaua o seu dinheiro a Portugal escondido, porque o Gouernador lho nom tomasse ou lho tomasse ElRey quando fosse, temendo que lhe assacarião alguns erros.

Na fim d'outubrò veo a Chaul por terra hum Manuel Collaço, da valia do Gouernador, que partíra de Goa em huma fusta, e nom ousára de chegar a Chaul por medo das fustas, e lhe deu noua que em fim de setembro chegára a Goa dom Duarte de Meneses, filho do conde Priol, por Gouernador da India, com muytas naos e gente, e que sabendo da guerra de Chaul logo despedíra dom Luiz de Meneses seu irmão, em huma nao em que logo partio, que viesse a Chaul; que nom era chegado por caso dos ventos; e que após elle vinhão outros nauios, e estauão polo caminho, que nom ousauão de vir com medo das fustas. Com a qual noua logo o Gouernador se fez prestes, e concertou muyto bem o galeão São Diniz, em que recolheo seu fato e os seus, e dom Aleixo, que com elle se auia de hir pera o Reyno; e mandou 'Antonio Correa que tanto que chegasse dom Luiz s'embarcasse em huma fusta, que lhe deixou, e se fosse, pera com elle se hir pera o Reyno; e mandou ao capitão Anrique de Meneses que sempre désse muyta pressa na obra. E tudo assy posto em ordem, o Gouernador s'embarqou no galeão muyto armado e com muyta gente, e sayo do rio, e com elle sayo Antonio Correa em huma galé o acompanhando; e sendo mea legoa no mar aparecerão as fustas, ao que o Gouernador sorgio, e Antonio Correa foy demandar as fustas, e após elle foy Aleixo de Sousa, que vinha em outra galé, e vinha huma galeota de Duarte d'Afonseca; mas as fustas, que nom erão mais que doze, nom quiserão agardar e se forão na volta do mar, e o Gouernador de noite se fez á vela e se foy ao longo da costa com boa vigia, desejando de achar dom Luiz, como achou com cinqo nauios e boa gente que viera do Reyno, que todauia hião com muyto arreceo das fustas. E Diogo Lopes, Gouernador, estaua surto, porque nom seruia o vento; dom Luiz chegando o saluou como Gouernador, e sorgio, e se meteo no batel e o foy vêr, o qual o Gouernador o recebeo no bordo do galeão com grandes honras, e se assentarão na tolda, onde o Gouernador lhe deu larga conta de todo o que compria e do muyto mal que fazião as fustas, e como erão poderosas: do que dom Luiz tomou arreceo, e pedio por mercê ao Gouernador que nom ouvesse por trabalho passarse a hum dos nauios, e lhe désse o galeão, que estaua bem armado, pera n'elle estar na barra de Chaul. Do que o Gouernador se escusou, pedindolhe perdões, porque nom se poderia trasfegar a outro nauio sem receber muyta perda; mas que chegando a Goa logo o despejaria e lho mandaria;

que entanto fosse deuagar que o galeão o alcançaria, mas que estar na barra de Chaul era escusado, porque lá nom auião d'entrar as fustas. 'O que dom Luiz apreſiou, com que ficarão desauindos, e com seqas palauras se sayo do galeão, dizendo que se n'ysso tomára vontade nom fôra muyto fazerlho despejar.

O Gouernador se afrontou muyto, e lhe disse : « Senhor dom Luiz, » « nanja a Diogo Lopes de Sequeira, que quando mais nom fôra que ser » « eu quem eu são, ysso me nom fizera ninguem senão feito em peda- » « ços ; mórmente que eu aquy onde estou sou inteiro Gouernador da In- » « dia, e serey até 'o vosso irmão, o senhor dom Duarte, dar minha re- » « sidencia ; que se ysto nom fôra eu respondêra consoante a vosso fa- » « lar. E se ysto vos parecerem escusas, aquy estou, que o vento nom » « me serue, e esperarey. » Dom Luiz se foy tambem falando o que quis, e se fez á vela e foy seu caminho.

O Gouernador chegando a Goa já nom achou ahy dom Duarte, que era hido pera Cochym, que da barra de Goa partindo despedíra dom Luiz, polo que sem desembarqar se auiou de Goa e se foy a Cochym, e no galeão com sua bandeyra na gauea entrou no rio, onde tirando a bandeyra sorgio, e fez salua com berços, e desembarqou logo no batel com muyta gente, que chegando á praya o Gouernador sayo da forteleza com sua guarda diante e muyta gente, e foy á praya, onde receberão ambos com suas deuidas cortezias, e falando forão a igreyja fazer oração, d'onde sayndo se forão á forteleza, onde á porta logo Diogo Lopes lhe deu a residencia deuidamente, segundo costume, e o Gouernador lhe disse que ElRey mandaua que elle fizesse a carga como quigesse ; e que por tanto mandasse em tudo com todos seus poderes. O que assy fez, tratandose e falando sempre ambos com suas deuidas cortezias, até se embarqar e partir pera o Reyno bem auiado e com boa carga de oito naos.

LENDA

DO

QUINTO GOUERNADOR D'ESTAS PARTES DA INDIA,

DOM DUARTE DE MENESES,

FILHO DO CONDE PRIOL MORDOMO MÓR D'ELREY,

QUE DO REYNO PARTIO O ANNO DE 1518.

JESUS

CAPITULO I [1].

Em fim de setembro d'este anno presente de 1521 chegou á barra de Goa por Gouernador da India dom Duarte de Meneses, filho do conde Priol mordomo mór d'ElRey dom Manuel, que este anno partio do Reyno por Gouernador, em Santa Elena; dom Luiz de Meneses, seu irmão, na nao Sant'isprito, pera Capitão mór do mar; João de Mello da Silua, pera capitão de Coulão, na nao burgaleza d'armadores; Martim Aluares de Paiua em Santa Crara, e Francisco Pereira Pestana, que fôra capitão de Quiloa, na nao São João, pera capitão de Goa; e Bastião de Sousa em São

[1] Falta no original.

Bertolameu, pera com tres nauios andar tratando da ilha de São Lourenço pera Moçambique e costa de Melinde, o que nom ouve effeito, porque a informação que derão a ElRey nom foy verdadeira; e veo Martim Afonso de Mello, na Conceição, com tres viagens pera' China, capitão de tres nauios, a saber, Vasco Fernandes Coutinho no nauio Gryfo, e Pedr'Omem no nauio Syseiro, e Gonçalo Rodrigues Correa; e dom Diogo de Lima pera capitão de Cochym; e Diogo de Sepulueda pera capitão de Çofala, pera o que logo fiqou em Moçambique, e na sua nao veo pera a India Pero de Mello. E com algumas d'estas naos foy tomar em Baticalá, onde homens que hy enuernarão lhe derão noua que o Gouernador Diogo Lopes de Sequeira auia de vir d'Ormuz fazer huma forteleza em Cambaya, e que era pera lá passado dom Aleixo de Meneses em tres nauios, em que hião dom Jorge de Meneses, Anrique de Sousa Chichorro, que enuernarão em Cochym; mas elles nom chegarão ally, que passarão de largo. Com que o Gouernador se foy a Goa, onde achou as outras naos de sua armada, onde foy recebido como Gouernador, e por nom saber quanto se deteria Diogo Lopes que nom viesse, meteo logo de posse da capitania de Goa a Francisco Pereira, e a sua nao deu a Ruy de Mello que n'ella se fosse pera o Reyno, que assy era o regimento d'ElRey, que os capitães que sayão das fortelezas se fossem nas naos dos que vinhão. E porque soube que Diogo Lopes estaua assy de guerra fazendo forteleza em Chaul, de que auia cartas em Goa, polo que o Gouernador logo despachou seu irmão dom Luiz com seus poderes pera o que comprisse, que foy com cinqo nauios com boa gente, pera que Diogo Lopes se viesse pera se hir pera o Reyno, como foy, e se toparão vinte legoas de Goa, como já contey atrás. E pola enformação que Diogo Lopes deu ao Gouernador do trabalho em que ficaua Chaul logo proueo armada pera lá, e mandou o galeão São Diniz com muytas monições, e oito nauios e galeotas, de que dom Luiz auia de dar as capitanias per apontamentos que lhe mandaua o Gouernador seu irmão, que lhe queria todas estas honras, e auia de os repartir per as partes que auião de andar seruindo. E assy mandou pera capitão de Chaul Simão d'Andrade, que era chegado da China muyto riquo, e per concerto o casou com huma sua filha bastarda que tinha no Reyno, e por ysso lhe deu a capitania, e a tirou a Anrique de Meneses contra direito, porque lha nom podia tirar, porque polo regimento d'ElRey o Gouernador que faz a forteleza póde dar

a capitania e todos os officios os primeyros tres annos, sem ElRey os poder tirar. E quis o Gouernador fazer este agrauo a Diogo Lopes porque fiqou d'elle desgostoso, porque soube o que passára com dom Luiz quando lhe pedio o galeão São Diniz, vindo de Chaul, como atrás contey; e por esta causa, e outros mexeriqos que dom Duarte mandou a ElRey fóra da verdade, por ysso Diogo Lopes de Sequeira lhe mandou hum desafio per Manuel de Macedo, como adiante direy em seu lugar. Chegando Simão d'Andrade a Chaul foy logo metido de posse da forteleza, que lhe entregou Anrique de Meneses, fazendo seus protestos, e tirando seus estormentos pera ElRey, que depois no Reyno tudo lhe pagou dom Duarte de sua fazenda per sentença da justiça.

Onde tambem Diogo Lopes de Sequeira teue muytos trabalhos de grandes demandas que lhe fizerão os procuradores d'ElRey, que fizera erros em sua gouernança com que dera muyta perda a ElRey; polo que lhe demandauão muyto dinheiro, do que o principal era o gasto que fizera contra regimento, que ElRey lhe tal nom mandára fazer; o que elle mostrou que bem fizera, e o muyto que compria pera a guerra que se auia de fazer a Cambaya, o que fizera per conselho e parecer de todolos fidalgos da India, de que mostrou estormentos, e que alcançandose forteleza em Dio se podia desfazer Chaul. Do que se liurou com muyto trabalho, gastando muyto dinheiro, que o leuou da India, onde como homem sesudo o soube bem ganhar secretamente, que passou a Portugal, e andou na corte tornando a seruir seu cargo d'almotacé mór que era d'ElRey, e andou sempre muyto autorisado e bem tratado.

E porém lhe fizerão grande accusação elle nom querer em Ormuz fazer as duas fortelezas que ElRey mandaua, nem entender em alguns auisos que lhe derão que Ormuz se auia d'aleuantar, porque Resxarafo, gozil, que muyto sentia a [1] * tomada * d'alfandega, porque ficaua sem poder gastar as rendas d'ella, que gastaua como [2] * suas, falou * com o xeque, que era caciz mór, sogro d'ElRey, que era casado com huma sua filha, * e * muyto encitaua ElRey que consentisse no aleuantamento; mas o pay d'ElRey, que era homem velho, muyto amoestaua seu filho que o nom fizesse, porque se se aleuantasse ficaria fóra do poderio dos portugueses, e tornaria a estar no catiueiro em que estaua de Rexamed, de

[1] * toma * Ms. [2] * sua o qual falou * Id.

que o liurára Afonso d'Alboquerque, e o fizera liure e isento, poderoso em seu Reyno, como estaua; e que se ElRey de Portugal lhe [1] * tomaua * a renda d'alfandega, que era milhor que terlha tomado seu gozil Resxarafo, que a gastaua como sua, e lhe daua da sua mão o que queria. Mas como ElRey era moço, e tinha algum temor ao Resxarafo, obedecia mais ao que lhe elle dizia; com que andauão ordenando o aleuantamento. O que se diz que secretamente foy descuberto a Manuel Velho com muyta certeza; o que Manuel Velho disse a Diogo Lopes em segredo, mas elle estaua tão emperrado contra elle, por trazer d'ElRey tão agras prouisões, que lhe tinha grande odio, e se diz que lhe respondeo: « Se os mouros se leuantassem seria bem, porque ElRey toma conselho » « de sandeus, sem deixar nada na honra do Gouernador da India, que » « tamanho peso tem d'outras móres cousas. E vós estarês receoso do » « que esperaes, e por ysso agora me vindes com medos que os mouros » « se hão de aleuantar. » E esta propria cousa disse dom Gracia, capitão da forteleza, ao Gouernador, mas elle casy lhe respondeo pior, dizendo que * se * nom se atreuia ficar na forteleza com tresentos homens que ficauão, que deixasse a forteleza, e a daria a outro que a guardaria com menos gente da que lhe deixaua. E por ysso sómente lhe deixou por capitão do mar Manuel de Sousa Tauares em hum nauio redondo, e huma carauella de que era capitão João de Meira, e em huma galeota Francisco de Sousa, o brauo, em huma fusta Fernand'Aluares Çarnache. Do que fiqou agrauado dom Gracia Coutinho, capitão da forteleza. Todas estas cousas se apontarão contra Diogo Lopes de Sequeira, mas como a proua das testimunhas erão os proprios acusadores, por ysso o nom puderão encrauar.

CAPITULO II.

DE ALGUMAS COUSAS QUE SE PASSARÃO NAS PARTES DE MALACA N'ESTE ANNO DE 521, PASSANDO O INUERNO E VERÃO NA INDIA.

Jorge d'Alboquerque, capitão de Malaca, com a má vontade que tinha 'Antonio de Brito lhe quis dar trabalho antes que fosse sua viagem. Determinou de hir dar em Bintão onde estaua * Rey de Malaca fogido, e

[1] * toma * Autogr.

postoque o feito era muy duvidoso, por o sitio da terra ser fortissimo e defensauel, e a entrada auia de ser per hum rio estreito, que tinha muytas voltas, e no lugar auia muyta gente e muy guerreira, em que ElRey tinha hum seu capitão chamado Laquexemena, mouro valente caualleiro; comtudo Jorge d'Alboquerque, atreuido no poder de Nosso Senhor, assentou de hir destroyr o lugar. E assentado ysto com Antonio de Brito, e Gracia de Sá, que inda estaua em Malaca, e outros fidalgos, fez corpo de seiscentos homens bem armados, embarcados em nauios e lancharas, em que foy Antonio de Brito com seis nauios que tinha de sua armada, e Gracia de Sá, Anrique Leme, cunhado de Jorge d'Alboquerque, Francisco Simões, Ayres Pereira de Berredo, dom Gracia Anriques, Duarte Coelho, e outros bons caualleiros, com que foy sorgir na barra de Bintão, onde mandou espiar o rio, e soube de sua forte disposição, que 'armada nom podia entrar polo rio por ser assy * de * curtas voltas e muyto estreito, polo que o milhor caminho que se achou foy hir por terra tomar hum baluarte, que fazia toda a defensão ao rio, com muyta enfenidade d'artelharia que tinha. Sobre o que auido conselho foy assentado hir tomar o baluarte, que lhe disserão que era d'altura de hum homem; o que assy determinado toda a gente desembarqou, e Gracia de Sá com Antonio de Brito tomarão a dianteyra com duzentos homens, que forão até auer vista do baluarte, em que estaua Laquexemena com mil homens, que vendo hir os nossos agardou, até que sendo perto os nossos arremeterão enuocando Santyago, ao que os mouros derão grita e fogo n'artelharia, que foy tanta e pilouros tão bastos que logo dos nossos cayrão mortos mais de trinta, e muytos mais feridos; 'o que os capitães nom atentando com a furia com que hião forão áuante, e Gracia de Sá chegou ao baluarte, que achou tão alto que o ajudarão dous homens seus a sobir, onde de cyma com huma lança d'arremesso lhe atrauessarão huma perna, ao que cayo, e os seus quebrarão a aste da lança e lha tirarão, e ás costas o leuarão a embarqar. E hum dom Fernando de Mello foy morto d'outra lança d'arremesso, e foy morto Fernão de Crasto, homem fidalgo, e Antonio de Brito * ferido * de huma frechada. O que vendo a gente do esquadrão de Jorge d'Alboquerque reteuese; o que sentindo Jorge d'Alboquerque, e vendo tamanho mal, vio que fôra mal aconselhado, porque o baluarte assy era alto que se nom podia sobir senão com escadas, que nom trazia. Com que se tornou a recolher com esta tamanha perda

de tanta gente morta e ferida. O que vendo os mouros ficarão tão valentes que aperceberão vinte lancharas com que forão após os nossos, sem chegar, mas trabalhando por tomar algum nauio apartado.

Com que Antonio de Brito se apartou com seus nauios, e foy caminho da ilha da Jaoa, onde auia d'agardar o tempo da monção pera d'ahy partir seu caminho pera Maluco. Do qual contarey adiante em seu lugar. Jorge d'Alboquerque se foy a Malaca, e se recolheo, e 'armada fiqou no mar ás voltas com Laquexemena, que andaua ligeiro com suas lancharas, e se afastauão dos nauios. As nossas lancharas nom se atreuião a pelejar com ellas, e assy andaua senhor do campo fazendo o mal que podia, e no porto queimou dous junqos de mercadores.

Tambem n'este tempo morreo o Rey da China que folgou com nosso embaixador, que Fernão Peres d'Andrade deixou em Bintão, como já contey atrás, e sendo o Rey mórto sucedeo outro que folgou de ouvir hum embaixador d'ElRey de Malaca, que o Rey morto nom queria ouvir, que lhe pedia ajuda contra os nossos ou que ao menos nos nom consentisse em suas terras, que eramos ladrões, que como mercadores com nauios roins hiamos espiar as terras, e depois com grande armada as hiamos tomar e roubar, como lhe a elle fizerão, que per este modo lhe tomarão Malaca, de que andaua fogido desterrado. O que lhe tanto cayo na vontade que mandou prender o nosso embaixador, e leuar a outra terra em que esteue muyto tempo, até que a ElRey se lhe foy a menencoria, e folgou de falar com elle; mas nunqua o mais deixou tornar, e lá morreo; o qual em tempo do Gouernador lhe mandou hum liuro em que lhe daua conta das riquezas e grandezas do Rey da China, que parecião duvidosas de crer. E por esta rezão na ilha da Veniaga forão tomados quatro junqos de portugueses, que carregauão mercadarias, pimenta, e sandolo, que muyto valião. E os portugueses, que d'elles fogirão a nado e nos barquinhos, se colherão á nao Madanela, de dom Nuno Manuel, que estaua no porto carregando, de que era capitão Diogo Caluo, criado de dom Nuno, que foy tão fraquo na defensão da nao que se nom forão os portugueses que a ella se acolherão a nao fôra tomada dos chyns; mas os homens que a ella se acolherão pelejarão em tal maneyra que a defenderão, e inda quiserão pelejar com os chyns, mas o capitão nom se quis pôr n'esse risco, e se veo caminho de Malaca.

CAPITULO III.

QUE CONTA A REZÃO PORQUE COTIALE, MOURO SENHOR DE TANOR, SE ALEUANTOU CONTRA OS NOSSOS, E SE FEZ COSSAIRO COM GRANDE ARMADA NO MAR.

Cotiale era mouro principal muy riquo, senhor de Tanor, que trazia no mar grande trato de muytas naos que nauegauão por toda' India com cartazes dos Gouernadores, porque nom trataua mais que em mercadarias da terra; e por este modo era muy grande amigo com os portugueses em estremo, porque os que hião a sua casa os agasalhaua com tantas honras como proprios irmãos. E pera ysso tinha casas ordenadas, e cateles e camas armadas á nossa maneyra, e tinha mesas e cadeiras, e tinha pipas de vinho, que daua aos homens, a que fazia prazeres e banquetes em tal modo que parecia que se auia de fazer christão. Onde hum dia foy portar Antonio de Brito, o velho, que passaua pera Goa em huma fusta, ao qual o mouro não tão sómente lhe fez grandes honras, mas a todos os que com elle hião, e lhe deu fermosas peças, e carregou a fusta de refrescos. O que o mouro fez sabendo que era fidalgo e capitão de nauios das armadas dos Gouernadores; com que Antonio de Brito fiqou em grande amizade com o mouro, que lhe fazia o que lhe elle encomendaua, e auia os cartazes pera suas naos.

Esta grande amizade, que este mouro tomou com os nossos, lhe custou total destroyção de sua pessoa e fazenda, que assy aconteceo a todos os mouros e gentios que se arriscarão por nossa amizade, como já tenho dito n'estas lendas; como foy Timoja, que encaminhou Afonso d'Alboquerque como tomou Goa em paz pacifiqua, o qual depois morreo em ferros por causa dos nossos, como largamente tenho dito na lenda d'Afonso d'Alboquerque; e Cojebequi, mouro principal de Calecut, que * quando * matarão o feitor Ayres Correa lhe furtou os filhos e os portugueses que se saluarão, polo que foy preso e perdida toda sua fazenda, e por caso dos nossos lhe mandou ElRey de Calecut cortar a cabeça, como a diante, a Deos prazendo, na lenda do Gouernador dom Anrique direy: o que assy aqueceo a este mouro Cotiale, que á sua bondade lhe armarão traição, e lhe fizerão armar duas naos carregadas de pimenta pera

Meca; o que Antonio de Brito forjou com Diogo Lopes de Sequeira, que n'ellas armarão e carregarão as tres partes e huma fiqou ao mouro, que de sua fazenda carregou as suas partes d'elles com grandes segredos. E por * que * Antonio de Brito ysto muyto auiaua por parte do mouro, e o Antonio de Brito era malquisto dos homens, porque sempre falaua contra os homens por ter má condição, logo praguejarão d'elle, dizendo que ysto que fazia era por peita que tiraua do mouro ou que teria armação com elle pera Meca. O que tanto se espalhou nas bocas da gente, que o Gouernador Diogo Lopes lhe conueo tirar huma enquirição por milhor dessimulação, porque abertamente disserão ao Gouernador que as naos carregarão pimenta; pola qual deuassa foy acusado Antonio de Brito por parte d'ElRey, que sayo solto por sentença; com que a gente tão largamente falou que comprio ao Gouernador Diogo Lopes mandar agardar as naos quando vierão, e forão tomadas; com que o Gouernador se saluou do que contra elle falauão, e d'ellas tomou bom quinhão, e o que nom quis foy metido na feitoria. Do que o mouro se muyto queixou ao Gouernador, o qual ainda fez muytos feros pera o mandar enforcar; o que vendo o mouro então cramou abertamente, dizendo a traição que lhe Antonio de Brito e o Gouernador Diogo Lopes armarão; a qual acusação foy em Portugal posta contra Diogo Lopes de Sequeira, que nom teue credito, por os cramores serem do mouro que perdêra suas naos.

Com a qual paixão, o mouro, que era riquo, fez muytas fustas, e ouve muyta artelharia, e frecheiros e boa gente de peleja, de que fez capitão hum seu filho, que sayo a matar e roubar quanto achaua de portugueses, que se ajuntou com Baleacem, tambem cossairo, de que já contey, em companhia dos quaes se ajuntou tambem depois o mouro de Cochym chamado Patemarcar, que se aleuantára tambem por males que lhe os nossos fizerão; que este foy tão valente guerreiro que muytos annos pelejou na costa da India e por outras partes com nossas armadas, com que fez grandes gastos a ElRey das armadas que muytos annos trouxe na costa do Malauar, como adiante em seu tempo recontarey. Os quaes cossairos tinhão partido das presas que fazião com o Rey de Calecut e outros senhores da costa, com que todos os ajudauão, porque auião d'ysto muyto proueito. O que custou as vidas de muytos portugueses que matarão.

CAPITULO IV.

DO QUE FEZ DOM LUIZ DE MENESES, CAPITÃO MÓR DO MAR, EM CHAUL, NO TRABALHO DA FORTELEZA E NA GUERRA DO MAR, [1] *ATÉ DESPEJAR* AS FUSTAS; E FEZ ARMADAS DE FUSTAS QUE ANDASSEM NA COSTA, ONDE LHE VEO NOUA DO ALEUANTAMENTO D'ORMUZ.

Chegado dom Luiz a Chaul com cinco nauios e gente muyta que leuou, ouvese por enjuriado as fustas de Dio assy andarem soberbas polo mar, e concertou muyto bem tres galeotas, que auia, e hum bargantym, e oito fustas, e lhe meteo boa artelharia; e porque Antonio Correa se auia de hir pera o Reyno, deu cargo d'armada a Francisco de Sousa Tauares, e armou muyto bem quatro carauellas e tres galeões com gente bem armada, e escreueo ao Gouernador seu irmão que lhe mandasse fustas que auia em Goa, como logo lhe mandou. A qual armada mandou sayr ao mar, que tres vezes pelejarão com as fustas de Dio, com que lhe fizerão muyto mal; e como a guerra d'estas fustas era por estoruar a obra da forteleza, que era o intento de Meliquiaz, que lhe nom aproueitou porque a forteleza já era feita, e fazia grande gasto sem proueito, foy afroxando a guerra, e as fustas pouqas e pouqas se recolherão [2] *pera* Dio, que já nom auia vinte, que nom ousauão de pelejar com os nossos, e se recolherão pera a ilha de Bombaim, onde ás vezes os nossos os hião buscar; com que o mar fiqou despejado da guerra. O que assy sendo, chegou a Chaul Simão d'Andrade com o galeão São Diniz e oito nauios com muyta gente, ao qual meteo de posse da capitania, e polos apontamentos do Gouernador dom Luiz fez repartição d'armadas de galés, galeotas, e fustas, pera guarda da costa, de que fez Capitães móres Francisco de Sousa Tauares, dom Vasco de Lima, Martim Correa, os quaes correndo a costa, entrando polos rios, queimauão e roubauão quanto auia nas gentes pobres. O que era assaz sem necessidade, pois erão gentes da terra que nunqua sayão fóra ao mar, nem fazião mal a ninguem. Onde assy estando dom Luiz, chegou d'Ormuz João de Meira em huma carauella, que vinha ao Gouernador pedir secorro pera Ormuz, que os mou-

[1] *até tudo despejar* Autogr. [2] *per* Id.

ros estauão aleuantados, e trabalhauão por tomar a forteleza: o que ouuido por dom Luiz, logo despedio a carauella que fosse dar o recado ao Gouernador.

CAPITULO V.

DE COMO SE ALEUANTARÃO OS MOUROS D'ORMUZ, E OS MALES QUE FIZERÃO, E COMETERÃO A FORTELEZA, E TODO O QUE SE PASSOU ATÉ CHEGAR SECORRO DA INDIA.

Resxarafo, principal cabeça do Reyno d'Ormuz, e que mór paixão tinha por ElRey tomar 'alfandega, que elle recolhia e gastaua como queria, com todo seu trabalho ordenou com ElRey que se aleuantasse contra os portugueses e os matasse, e fizesse este feito, que era tanto de sua honra, por vingança de sua grande deshonra. O que acabou com ElRey, contra os muytos conselhos que lhe daua seu pay que o nom fizesse, como já dixe. E a tenção do Resxarafo n'esta cousa era que matando os portugueses, que erão muytos, com muyto dinheiro e fazendas que tomaria, ficando pouqos na forteleza a poderia tomar á escala vista, que tinha elle hum turquo, seu conselheiro, que a tudo lhe daua grandes conselhos e ardís; fazendo o fundamento que se faria tão poderoso na forteleza que lha nom tomassem, e quando não, então a deixaria com a cidade despouoada, com que tudo ficasse em nossa perda. Depois que Afonso d'Alboquerque tomou 'artelharia d'Ormuz, Resnordim, com muytos trabalhos e muyto dinheiro, ouve muyta artelharia e peças grossas que auia de Cambaya, que secretamente mandaua enterrar per fóra da cidade, onde de noite lha desembarqauão; e porque n'ysto pôs grande trabalho ouve muyta. O Resxarafo pera a tenção que trazia no coração fez apercebimento de muyta gente, e mórmente frecheiros que tinha na terra firme, que cada dia pouqua e pouqa passauão a Ormuz nas terradas d'agoa e da fruita, que desembarcauão de noite. No que trazia a mór dessimulação que podia; mas todauia ouve mouros nossos familiares amigos que o disserão aos nossos, mas nom tão affirmadamente que lhe caussassem espanto, nem que lhe caysse no coração que tal auia de ser; mas Cojamir, estribeiro d'ElRey, o dixe ao capitão, mas elle nom deu por ysso, porque via tudo tão assentado que lhe parecia que o mouro lho dizia porque lhe fizesse por ysso alguma dadiua.

O Resxarafo na outra banda da terra firme mandou fazer prestes duzentas terradas pera lhe passarem a gente, e trazer d'armada, pera o que tinha muytos espingardões. Hum mercador baneane disse ao capitão em segredo que recolhesse os doentes que estauão no esprital, porque os mouros auião de pelejar com os portugueses que andauão pola cidade. O capitão lhe respondeo: «Quem te dixe ysso?» E ysto com hum despreso que o mercador agastado lhe dixe: «Nom mo dixe ninguem; faze» «o que quiseres.» E se foy menencorio porque o capitão nom estimára seu auiso.

N'esta consulta de Resxarafo consentião os outros, fazendo conta que sendo feito, ou bem ou mal, que Resxarafo o auia de pagar, e elles se aproueitarião do que pudessem, e nom querião contender contra o Xarafo, porque lhe nom fizesse mal; o que assy fazia ElRey, que lhe auia medo de o matar, que bem lhe parecia que o feito de tomar a forteleza e matar os portugueses era muy grande, e falaua ysto com o Xarafo em praticas, e elle lhe fazia o feito muy leue, dizendo que em Ormuz auia tresentos portugueses, de que os duzentos estauão pola cidade, nos quaes daria de noite e os mataria todos, que nenhum lhe ficaria, porque indaque fogissem pera' forteleza, por estar fechada de noite nom lhe auião d'abrir a porta; e que sendo mortos os da cidade nom ficaua na forteleza quem lha defendesse, e a tomaria, porque tinha pera ysso dez mil homens e muyta artelharia. E tanto dizia que tudo parecia leue de fazer; mas o Rey d'Ormuz bem lhe dizia o coração que d'esta cousa auia de passar o pior, quer bem feito, quer mal feito, mas nom póde al fazer senom dar o consentimento, que deu forçado d'estas tantas apressões.

E os mouros estando concertados pera o feito, o Xarafo lhe deu sinal que ouvindo chamar ao alcorão, que era á mea noite, dessem o rebate, repartindo logo alguns mouros que acodissem ás casas e ruas onde morauão os portugueses, e com estes seus criados, que tiuessem cargo de guardar as casas tanto que os portugueses fogissem, que as nom roubassem outros mouros. E o xabandar auia de andar nas terradas da armada, com que logo auia de hir queimar a carauella, e galeola, e tres fustas que estauão no porto defronte da forteleza.

Sendo o mez de nouembro, o Xarafo mandou recado além que como anoitecesse logo a gente s'embarcasse em todas as terradas, e se viessem á cidade. O que assy fizerão, que o xabandar com outras terradas

foy agardar no mar, onde estiuerão calados até ouvirem o rebate na terra, que se deu passada mea noite, que todos dormião o primeyro somno. Os mouros com grandes gritas derão supitamente por todas as casas, matando quantos portugueses achauão, que em todos ouve tanto desacordo que sómente nom tiuerão tempo mais que tomar lanças e armas que tinhão, com que corrião polos terrados, que de todas as partes os afrechauão. Derão nas casas d'alfandega, onde pousauão os officiaes, em que ouve alguma resistencia; mas frechas erão tantas que nom tinhão remedio senão buscar por onde fogissem, e se colhião á praya, e por ella de longo corrião pera' forteleza, que se os mouros tiuerão acordo, que tiuerão tomado a praya, nenhum se saluára. Os mouros, quebrando as portas das casas, achauão tanto roubo em que se acuparão que tambem ysto foy alguma saluação aos nossos, que todauia os mais hião feridos de frechadas: em que a grita era muy grande. No qual tempo as terradas do xabandar derão pola banda do mar grandes gritas, tirando muytas frechas que cayrão dentro na forteleza, que ferirão; e puserão fogo ao bargantym, que estaua largo no mar, em que nom estauão mais que dous escrauos, que se esconderão debaixo, e o fogo que fiqou deitado dentro, depois das fustas passarem, os negros o apagarão. No que os mouros nom atentarão que elles largarão 'amarra, e com dous remos forão varar no muro da forteleza. Os mouros forão á carauella, em que estauão oito homens que a defenderão fortemente, e mórmente da gauea, onde acertou de adormecer hum gromete aquella noite, que com pedras que lhe derão os escrauos fez tanta guerra ás pedradas, e os debaixo, que tirarão com dous camellos que acertarão de estar carregados, com que derrubarão mais de vinte terradas, de que morreu muyta gente; ao que deitarão hum negro a terra, que leuou a linha de hum prumo com que sayo na ponta, porque de terra alarão até auerem o cabo de huma bêta, que n'elle atarão os da carauella, porque se alarão e chegarão a carauella á ponta, onde as fustas estauão varadas auia dias.

O capitão, ouvindo a reuolta, deu repique no sino, ao que acodio toda a gente armada, que repartio polos cubellos e muros, com capitães ordenados d'homens de que confiou. E porque de fóra muyto bradauão os portugueses que os recolhessem, o capitão mandou ao condestabre e bombardeiros que concertassem 'artelharia, e elle com vinte homens deceo abaixo á porta, e abrio o postigo e recolheo os portugueses, e mo-

lheres, e escrauos, e familia, que escaparão pola acupação que os mouros trazião no roubar; e todauia alguns mouros acodirão á praya, e matauão e ferião, e todauia se embaraçarão com algum fato que os negros e molheres largauão. E o capitão nom mandaua tirar á praya aos mouros por nom dar em alguns portugueses que por ella podião [1] * hir; polo que alguns * se metendo n'agoa até o pescoço se colherão pera' forteleza. O xabandar deitou a sua gente em terra ao roubo. E esteue assy * o capitão * até amanhecer, que nom vindo já nenhum portuguès mandou tirar ás casas d'ElRey e pola cidade, com que fez muyto mal, e nom ousou de tirar muyto porque com o tremor da terra as cisternas d'agoa podião abrir, e se perderia, que tinhão bem pouca, e na forteleza muy pouqos mantimentos, como homens folgasõęs sem cuidado. O capitão nom quis tirar á cidade com as peças grossas, com que lhe pudera fazer muyto mal, porque tambem, afóra o enconviniente das cisternas, tinha pouqua poluora e nom sabia a guerra que lhe farião. Ao que logo ordenou mandar João de Meira na carauella ao Gouernador pedir secorro. N'esta noite forão mortos passante de cem portugueses, e tomadas fazendas que valião mais de cem mil pardaos, e catiuas muytas molheres, e escrauos.

Sendo menhã, os mouros puserão fogo em humas casas grandes em que moraua o ouvidor, que erão hum tiro de bésta da forteleza; ao que Ruy Varella se conuidou que hiria lá acodir e saluar os que fossem viuos, porque as casas dentro erão muyto grandes, em que auia casas em que se agasalhaua muyta gente, e outros que se ally acolherão, em que o ouvidor Aluaro Pinheiro era já morto com passante de trinta homens. Ruy Varella com trinta homens bem armados acodio lá, e inda se saluarão alguns homens muyto feridos; ao que acodirão tantos mouros que os nossos se ouverão de perder, e todos se colherão á forteleza com muyto trabalho, e todos feridos, que sendo já na porta da forteleza tirou huma peça que matou e derribou muytos dos mouros.

Então o capitão ordenou vinte homens que fossem na carauella com João de Meira, e escreueo ao Gouernador o que era feito, e que estaua falto de todolas cousas, mórmente de poluora que nom tinha, se lhe cometessem a tomar e entrar a forteleza; e de noite, caladamente, meterão tudo na carauella, que tinha as vergas sem velas metidas de longo,

[1] * hir polos alguns * Ms.

e de dia nom bolião em nada, porque os mouros nom tiuessem vigia na carauella, que sendo noite escura, que as terradas estauão abordadas na terra, os marinheiros caladamente meterão a vela de proa que forão hiçando, com que se sayrão da terra, e logo meterão as outras velas, que com o vento, que era da terra, logo desaparecerão. Do que os mouros ficarão muy espantados quando pola menhã nom virão a carauella, do que o Resxarafo ouve grande paixão, e mandou ao xabandar que estiuesse com ElRey, e elle mandou hum seu parente, de que confiou, que andasse n'armada. E porque sentirão que a carauella era hida a chamar secorro, o Resxarafo ordenou de logo tomar a forteleza; polo que fez estancias onde estaua o esprital, em que matarão muytos doentes, e trouxe os tiros que estauão soterrados, e em tudo pôs muyto recado, per ordem do turquo que o ensinaua.

O capitão pôs muyta regra e guarda n'esse pouqo mantimento que na forteleza achou, e muyto mais n'agoa, e mandou Francisco de Sousa, o brauo, capitão do bargantym, com vinte espingardeiros, que fosse atoar huma nao que estaua no porto pera partir carregada de tamaras, e a varasse na ponta. O que assy fez com muyto esforço, e deu cabo á nao, que nom tinha gente, e a trouxe pera' forteleza. Ao que acodirão as terradas, de que os do bargantym se defendião ás espingardadas; e porque as terradas vinhão juntas lhe fizerão dous tiros da forteleza, com que forão mais de trinta espedaçadas, e outras esfragalhadas com muyta gente morta, mas os do bargantym todos feridos de frechadas, e a nao foy chegada a terra, e descarregada prestesmente das tamaras, e desfeita, e recolhido o tauoado d'ella dentro á forteleza, que muyto se auia mester pera as estancias.

N'este tempo veo á vista da cidade huma nao do capitão, que hia da India carregada d'arroz, e açuqere, e ferro, e nom topou ninguem que lhe désse auiso; a qual sendo vista forão a ella as terradas, e a tomarão, e matarão quantos n'ella hião, e a forão descarregar na terra, e lhe tomarão 'artelharia, que era hum camello e dous falcões, e berços, e logo queimarão a nao. Ao que o bargantym nom foy por se nom perder, porque 'armada dos mouros era grande e com muyta gente, que o capitão nom quis mandar o bargantym.

Andaua em companhia dos mouros hum arrenegado, chamado João Gonçalues, que de noite se punha detrás das paredes a deshonrar os nos-

sos, e mórmente o capitão porque o espancára; e lhe dizia de noite: «Capitão tyrano, que por tua culpa tem mal os que comtigo estão, e» «a perda de tua nao tu a mereceste a Deos; que muyto mais mal te» «ha de vir, porque te dizião que auião de matar os portugueses, e» «nom o quiseste [1] *crer*. Polo que te hão de tomar a forteleza e ma-» «tar quantos dentro estão, que o nom merecem.»

João de Meira na carauella com bom tempo que leuou foy a Mascate de noite; chegou ao porto e sorgio de fóra; onde per acerto, por Nosso Senhor querer, tambem ahy chegou Manuel de Sousa Tauares em hum galeão bem armado, e Fernand'Aluares Çarnache, que andauão d'armada na costa, onde João de Meira se meteo no seu batel e lhe foy dar conta do aleuantamento d'Ormuz, de que inda lá se nom sabia noua; no que logo tomou acordo do que auião de fazer, e assentou de elle entrar no porto de Mascate, e com dessimulação recolher os portugueses. E logo fez partir João de Meira, e se fosse ao porto de Calayate, e com dessimulação recolhesse Tristão Vaz da Veiga, que hy estaua por feitor, e com elle estauão muytos homens; e que se recolhesse em hum parao que tinha armado, com que fazia arribar as naos ao porto que passauão de largo.

João de Meira foy amanhecer no porto de Calayate e logo mandou entrar no batel quinze homens com lanças e adargas, que leuauão abatidas, que chegando a terra logo sayo fóra e deu rebate a Tristão Vaz que estaua por feitor, e lhe deu o rebate; 'o qual com dessimulação cada hum começou de atar seu dinheiro e meter o fato no parao, o que pareceo ao xeque nouidade, e quis lançar mão dos nossos, com que vierão a briga, mas porque já todos estauão na praya se recolherão ao batel, e ao parao, que estaua abordado na terra, que com dous berços que tinha tirarão aos mouros e matarão e ferirão muytos, e dos nossos alguns forão mortos, e feridos de frechas. Perdendo o fato que tinhão na terra se recolherão ao nauio, onde os feridos se curarão, e alguns se quiserão hir na carauella; o que João de Meira nom consentio, que com juramento partíra d'Ormuz que nenhuns homens tomasse mais que os vinte que lhe derão.

Então Tristão Vaz com trinta e dous homens se foy no parao a Mas-

[1] *fazer* Autogr. Pareceu indispensavel esta substituição.

cate, onde achou Manuel Tauares, que estaua de paz na terra, porque o xeque Rabea se nom quis aleuantar contra os nossos, dizendo que queria estar amigo com os nossos, porque d'esta cousa d'Ormuz bem sabia que os nossos se auião de vingar, e tudo se auia de tornar a assentar, como já víra em outros aleuantamentos d'Ormuz; e deu a Manuel Tauares tudo quanto ouve mester, e nom quis que lhe ficasse na terra nenhum dos nossos, dizendo que todos se fossem a Ormuz, que lá erão necessarios. Aquy o Tristão Vaz, e Fernand'Aluares Çarnache, praticarão com Manuel de Sousa Tauares que deuia escusar hir a Ormuz, pois lhe podia fazer pouca ajuda; que milhor seria andar ally, e tomar as naos d'Ormuz que viessem da India carregadas de mantimentos e mercadarias, em que farião muyto proueito pera ElRey, e grande perda pera Ormuz. O que Manuel de Sousa nom quis ouvir, dizendo que tal nom faria indaque soubesse carregar o galeão d'ouro; que o tomar das naos elle o faria diante d'Ormuz, se o capitão lho mandasse. E porque elle tomou entendimento que o Tristão Vaz se queria deixar ficar no parao, pera andar ás presas e nom ir com elle, tomoulhe os berços do parao, e mandoulhe que se embarcasse no galeão. Tristão Vaz se ouve por afrontado de Manuel de Sousa, e n'esta noite com birra se foy caminho d'Ormuz, e entrou de noite, que chegou á ponta, e por milagre nom foy visto d'armada dos mouros que estauão na praya.

Manuel de Sousa em seu galeão, com Fernand'Aluares Çarnache, se foy a Ormuz, e chegou á ponta [1] * da cidade com a corrente * d'agoa, que o trazia, e a fusta atoada com a proa pera trás, com seis berços e vinte homens, que fortemente tirauão com os berços, porque 'armada acodio toda sobre o galeão que o cobrião com frechas, tirando muyto com os espingardões, mas o galeão [2] as fez afastar e fogir, que fez n'ellas mao lauor, e foy tirando á cidade e casas d'ElRey, e foy sorgir na ponta, que amainando a vela nom podia com os apparelhos e mastos que estauão cheos de frechas; e [3] * sendo visto da forteleza quando se fazia á vela *, e porque todas as terradas vinhão após o galeão, em tanto o ca-

[1] Estava n'este logar: * da cidade que sendo visto da forteleza que se fazia vela com a corrente, etc. * Com a transposição, e as leves alterações que fizemos, ficará a narrativa mais desenredada e clara. [2] Refere-se ás terradas de Ormuz. [3] Para aqui se transpoz o que vai entre os asteriscos.

pitão mandou tirar fóra huma espera, que se pôs na ponta, que lhe fez dous tiros, com que derribou muytas terradas, em que morrerão muytos mouros.

Do que ElRey zombou dos mouros, dizendo que pois nom tinhão poder com tanta armada contra hum nauio, que seria quando viesse 'armada do Gouernador. O Resxarafo falou muyto soberbo, dizendo: «Já» «quando aquy chegar 'armada da India, já nom achará pé de portu-» «guês, e eu estarey dentro na forteleza com dez mil homens, como verás.»

Os nossos forão muy repairados com a chegada do galeão, que trouxe muyto arroz, e peixe, e tamaras.

O mouro Xarafo com muyta diligencia assentou huma estancia nas casas d'ElRey com seis peças grossas, e outra estancia nas casas do esprital com outras seis peças roqeiras e muytos tiros miudos, onde detrás das paredes se punhão os mouros dos espingardões, e frecheiros, que tirauão ás amêas, que nom auia homem que ousasse aparecer, e os tiros derrubarão algumas amêas. Ao que os nossos com muyto trabalho fizerão outras, que logo forão derrubadas e muytos feridos. Dous tiros da forteleza, que dauão nas paredes da casa, passauão fazendo buraqos redondos sem as paredes cayrem; com que os nossos recebião muyta apressão, porque os tiros da outra estancia, que dauão nos muros, fazião casy nada, e toda sua força era na estancia do esprital, pera onde estaua hum postigo, cuberta a porta com huma falsa parede que emparaua a porta.

Ao que Manuel de Sousa pedio ao capitão que o deixasse sayr a dar na estancia; com que o capitão muyto folgou. Pera o que se concertarão cincoenta homens, em que foy Manuel Velho, Fernand'Aluares Çarnache, Ruy Varella, Francisco de Sousa, o brauo, Tristão Vaz da Veiga, Vicente Dias, Duarte de Sousa, Antonio Sueiro, e outros homens escolhidos bem armados, que leuarão vinte marinheiros com roqas e lanças de fogo, e baldes com panellas de poluora c'os murrões acesos; e sayrão polo postigo caladamente, que sayrão todos fóra sem serem sentidos dos mouros da estancia, que estaua compridão de dous jogos de bola, onde os mouros estauão bem descansados de cuidar que os nossos auião de sayr fóra, que derão n'elles de supito com grita e tangendo as trombetas do muro; onde a reuolta foy grande, mas as rocas derão logo fogo nas olas de que a casa estaua cuberta, e os nossos ás lançadas com os mouros, a que os marinheiros tirauão com as panellas de poluora,

com que os queimarão em tanta maneyra que os fizerão fogir. Com que então os nossos mandarão aos marinheiros que tomarão os tiros pequenos e com as camaras derrubarão muyto da parede, que era delgada, feita de barro, e leuarão dous tiros grossos, que erão roqueiras de ferro, que todas assy erão as d'esta estancia, que deitauão pelouros como bolas, de que os nossos leuarão todas as camaras, que os marinheiros acarretarão em quanto os nossos pelejauão ás lançadas; porque acabadas as panellas de poluora acodirão muytos mouros com o Xarafo, que fortemente apertarão os nossos, e mórmente os cegauão com frechadas. Com que os nossos se tornarão recolhendo com o rostro nos mouros, fortemente pelejando; onde Manuel de Sousa, e todos os homens nomeados, que ficauão de trás, forão feridos de frechadas e alguns zagunchos de remesso, de que Vicente Dias morreo, e tres homens outros, e casy todos de frechas; e dos marinheiros morrerão cinco, que como hião desarmados as frechas os passarão. E sendo os nossos já pegados na porta, o condestabre da forteleza tirou da torre do alcaide mór com hum camello, com que matou muytos mouros, de que os pedaços de hum d'elles deu no Xarafo, que o derrubou, a que os seus acudirão, que cuidarão que era morto vendoo cheo de sangue; o que elle tomou a mao agoiro.

Com este feito os nossos do muro dauão gritas tangendo as trombetas. Então o turqo dixe ao Xarafo que elle quebraria a porta da forteleza, se quigesse entrar. Ao que o mouro se mostrou muy valente, e apartou dous mil homens que com elle entrassem, e sendo prestes, o turqo de noite trouxe hum camello da estancia, e o pôs na praya em dereito da porta, e lhe tirou [1], * com que ambas as portas quebrou, huma * que era d'alçapão e outra da forteleza, com que tudo fiqou aberto. Ao que o Resxarafo mandou chegar o seu sobrinho, que com muytos mouros supitamente cometterão a entrar; ao que de dentro os nossos lhe fizerão grande resistencia ás lançadas, e os detiuerão, com que de cyma da gorita que estaua sobre a porta os queimarão com tantas panellas de poluora que os fizerão afastar. E em quanto os nossos assy pelejauão o capitão mandou a gente que trouxerão muytos páos grossos, com que fizerão huma estacada gornicida por dentro de tauoas grossas, que prestesmente foy entulhada d'area, que era tão alta como a porta, com que

[1] * com ambas quebrou huma * Ms. Completou-se o sentido segundo o que se lê a pag. 693.

ficou muy segura; e dous tiros do cubello da igreija derão nos mouros, de que matarão e derribarão muytos, que ficarão na praya mais de cento, afóra os que forão queimados.

O Resxarafo, vendo quão pouqo empecia á forteleza com a guerra que lhe fazia, aconselhado do turco, determinou d'entrar a forteleza com escadas, que tinha dez mil homens com que a podia entrar, por mais que os nossos matassem; e com este acordo assentado, com muyta prestesa dos mastos e vergas das naos mandou fazer duzentas escadas largas porque podião subir dous homens juntos, as quaes postas no muro, que juntamente por ellas sobissem oitocentos homens, nom podião os nossos tantos matar que nom ficassem muytos senhores do muro, que auião de sobir com traçados e cofos, e machadinhas. E por lhe parecer que ysto era logo acabado, andaua o Xarafo com muyta diligencia; ao que Nosso Senhor acodio com seu remedio, e fogio pera' forteleza hum escrauo de portuguẽs, que ficára antre os mouros a noite do aleuantamento, o qual polo nom matarem andaua com os mouros e trabalhaua no que podia; o qual de noite bradou do pé do muro, que lhe deitarão huma corda com que se atou pola cinta e o alarão acyma. O qual disse ao capitão o apercebimento das escadas, que erão tantas que todo o muro auião de tomar; e a determinação dos mouros, que era todos morrerem sobre entrar a forteleza: com que os nossos forão em grande confusão de medo.

[1] * Ao que logo * o capitão fez conselho, e per acordo do condestabre forão postas grossas vigas e mastos cortados per cyma das amêas de todo o muro, e em cyma dos páos grandes pedras de que forão cheos os muros, e repartidas as estancias e gente que a cada hum auia d'acodir, e foy prouido o galeão e bargantym, e fusta, em que meterão gente que os gardassem, se as terradas lá acodissem, como parecia rezão que o farião quando cometessem a entrada com as escadas; e no muro forão postas grão numero de panellas de poluora, que os escrauos e molheres pilauão em pilões, e com muyto trabalho de fome e sede, que já tudo hia faltando, e a regra muy apertada.

Os nossos, assy apercebidos, s'encomendauão a Nosso Senhor, pedindo com orações que os ajudasse; e sendo em vinte de dezembro, e os mouros de todo concertados, huma ante menhã, porque os nossos nom

[1] Leitura duvidosa. No original está: * Ao q̃ llo *

vissem as escadas, vierão moltidão d'elles com tangeres e gritas, desparando 'artelharia da estancia d'ElRey, e com muyto coração puzerão as escadas per todo o muro da torre, * e * da outra banda da praya da terra firme até a torre do alcayde mór, que era além da estancia do esprital, em que puserão mais de cem escadas porque os mouros sobirão com muyto esforço. Os nossos tinhão hum tiro posto, que tiraua ao longo do muro, que pera ysso de nouo abrirão huma bombardeira que estaua çarrada porque os mouros nom [1] * a vissem *, e como os mouros começarão a sobir os nossos quebrarão a boca da bombardeira, e derão fogo á bombarda, que era roqeira de ferro, que estaua bem apontada de longo do muro, que deu nas escadas que leuou a mór parte d'ellas, com muytos mouros mortos e feridos, que cayrão sobre os outros que querião subir, sobre os quaes os nossos deitarão das amêas as vigas e pedras que os machucarão, com que ficarão ao pé do muro mortos mais de tresentos; e prestesmente meterão outra camara na bombarda, que fez outro tiro que abrangeo as outras escadas, com que todas forão quebradas; e com as pedras do muro foy feito grande estrago nos mouros, que logo se forão afastando. Mas erão tantos que nom puderão tão asinha fogir, que os alcançou outro tiro de hum camello do cubello da praya, que fez nos mouros grã rastolhada, com que todos forão fogindo a grã pressa, que d'este ferro ficarão no campo mais de quinhentos mouros.

Com que o Xarafo desconfiou das escadas, e dentro nas casas d'ElRey foy armado hum trabuqo que deitaua grandes pedras, com que os mouros lhe nunqua souberão dar a tempera, e todas as pedras passauão além da forteleza, que se cayrão dentro os nossos tiuerão muyto mal. Então começarão a leuantar huma parede de vinte pés de largo, com tenção de tanto a leuantarem que de cyma descobrissem a forteleza, d'onde tirassem dentro aos nossos; e sendo a parede de tres braças d'alto, que os nossos a virão, lhe tirarão a descoroar por cyma, em tanta maneyra que da banda da forteleza fiqou como ladeira, e nom puderão n'ella fazer mais obra. Com que o Xarafo desesperou de mais entender com a forteleza, e de noite mandou leuar os tiros das estancias, que secretamente mandou assoterrar em algumas casas; e então ordenou com ElRey que largassem a cidade, porque o seccorro nom podia muyto tardar, que

[1] * vião * Autogr.

podia vir tão de supito que se nom pudessem saluar. Então mandou as terradas que passassem a gente do pouo á terra firme, porque ElRey se auia de passar lá. Na qual passagem ouve grande detença por a gente ser muyta, mas o Resxarafo nom quis agardar, e de noite se partio com ElRey e passou a ilha de Queixome, cinqo legoas d'Ormuz. E porque na cidade ficauão muytas fazendas, dos mercadores que as nom puderão tirar, o Xarafo lhe mandou pôr o fogo, que foy em muytas partes da cidade, porque os nossos se nom aproueitassem d'ellas.

O capitão mandou desentupir a porta da tranqueira, e assentar outras portas que já tinha feitas, com outro alçapão. E porque a cidade estaua despejada, os nossos forão onde ardia o fogo, que inda saluarão muyta cousa, e mais acupados em buscar agoa e comer que em recolher fazendas inda acharão muytas tamaras, e agoa em cisternas, de que recolheo cada hum a que quiz. Mas d'ahy a tres dias toda foy danada com os gatos, que sendo as casas despejadas da gente nom achauão agoa, e hião beber ás cisternas e cayão dentro, com que morrião, e 'agoa toda se danou, fedorenta que se nom podia beber. Com que a gente foy em muyto aperto, com que forçadamente Manuel de Lima foy buscar agoa, que achou d'ahy a catorze legoas em hum lugar chamado Gidi, e carregou o galeão e bargantym, e parao, e fusta de Fernand' Aluares Çarnache, com que tornarão á forteleza, com que ouve muyto prazer. Mas creceo a fome dos mantimentos, que nenhuns nom auia senão algumas pouqas tamaras, porque os mouros que se passarão á ilha leuarão o que tinhão, que era tão pouqo que morrião á fome; de que morreo muyta familia.

N'estes dias o capitão teue recados d'ElRey, que lhe elle mandou ou lho mandou o capitão, e mandaua hum criado a ElRey com cartas, e escondidamente algumas mercadarias, de que lhe vinha muyto dinheiro. O que sabido da gente o praguejarão, com que Manuel de Sousa, e Francisco de Sousa, e Manuel Velho, *e* Ruy Varella o falarão ao capitão, dizendo que fazia mal em ter amizades com ElRey, pois nom auião de ser concertos de pazes, as quaes nom podia fazer senão quem o Gouernador mandasse. Elle se escusou, dizendo que pera bem de pazes lhe mandaua os recados, e elles todos disserão que tal nom fizesse, porque lho nom auião de consentir; que elles estauão n'aquella forteleza, que era d'ElRey, e auião de morrer pola guardar. O capitão lhe respondeo que era

capitão da forteleza, e auia de fazer o que fosse sua vontade. Todos responderão tal lhe nom consenterião, e matarião quem leuasse cartas a ElRey. O que o capitão, assy os vendo tão endinados, dessimulou, dizendo: «Tudo se ysso bem fará.» E se recolheo, e elles ordenarão de o prender, se mais mandasse carta ou recado á ilha.

Na qual deuisão estando, chegou dom Gonçalo Coutinho, que era irmão do capitão, em hum galeão muy armado, que dom Luiz mandára de Chaul que viesse com este secorro o galeão, carregado de mantimentos e muyta poluora, e duzentos homens bem concertados, gente limpa pera bom feito; que antes de chegar á cidade teue noua no caminho que a cidade estaua já despejada. E com sua chegada ouve muyto prazer, e cessarão as desauenças que auia com o capitão, que tudo se calou.

Os mouros na ilha estauão os principaes muy desauindos huns com outros em grandes deferenças, porque o Resxarafo estaua em grande odio com Miramaxa Morado [1] porque ElRey lhe fazia muyto fauor, e daua muyta priuança; o que ElRey fazia porque lhe dormia com a molher. Polo que determinou de matar ElRey e fazer Rey a Patramaxa [2], filho d'ElRey Çafardim, cujos filhos Afonso d'Alboquerque mandou pôr a bom recado e na guarda do capitão da forteleza, como largamente já contey na lenda d'Afonso d'Alboquerque, quando entregou o Reyno a este Rey que agora se aleuantou, que o Resxarafo matou como adiante direy.

CAPITULO VI.

DE COMO JOÃO DE MEIRA NA CARAUELLA CHEGOU A CHAUL, E DEU A NOUA DO ALEUANTAMENTO D'ORMUZ A DOM LUIZ, E D'AHY FOY A COCHYM PEDIR O SOCCORRO AO GOUERNADOR, QUE O MANDOU; E O MAIS QUE PASSOU DOM LUIZ, QUE FOY A ORMUZ, ATÉ QUE SE TORNOU PERA' INDIA.

João de Meira, que d'Ormuz partio a buscar o secorro, em pouqos dias chegou a Chaul, onde deu a noua a dom Luiz, Capitão mór do mar, que

[1] Deve ser o Miramahmet morado, de que falla *Cast.* Liv. V, Cap. LIX, ou Mir Hamed Morado mencionado por *Fr. Luiz de Sousa* a pag. 83 dos *Ann. de D. João III*, e a quem o mesmo Sousa a pag. 78 chama Mahamed Morado. [2] Chama-lhe *Castanh.* Patxa mahmetxá, *Hist. da Ind.* Liv. V, Cap. LXXXVIII; e *Sousa*, nos *Ann. de D. João III* pag. 83, escreve Mahamed Xá.

hy estaua com poderes de Gouernador, o qual, ouvido o recado, logo o mandou partir pera Cochym dar a noua ao Gouernador, e dom Luiz logo tomou conselho com os fidalgos o que deuia de fazer no caso, e per todos foy acordado que em secorro nom podia bolir sem mandado do Gouernador, mas que muyto compria ao seruiço d'ElRey que logo n'esta breuidade mandasse hum nauio, que em pouquos dias podia chegar a Ormuz, que chegando lá daria muyto esforço aos portuguescs, e aos mouros trouação, vendo que o nosso secorro logo nom tardára, com que afroxarão a forteleza. O que per todos assy assentado, logo se fez prestes dom Gonçalo Coutinho, irmão de dom Gracia capitão d'Ormuz, em hum galeão muyto armado, e carregado de mantimentos e poluora, que em pouquos dias chegou a Ormuz, e fez o que já fica dito.

João de Meira, que chegou a Cochym e deu a noua ao Gouernador, elle o tornou logo a mandar com recado a dom Luiz, que deixando Chaul prouido como compria, se fosse secorrer Ormuz com o mór poder que pudesse leuar. O que dom Luiz fez com muyta breuidade, que pera ysso estaua já apercebido, que bem sabia que o Gouernador lhe auia de mandar que fosse fazer o secorro; e partio de Chaul já em feuereiro do anno de 1522, em que leuou oito galeões e carauellas, elle no galeão São Dinis, e Ruy Vaz Pereira, e Lopo d'Azeuedo, Antonio de Lemos, Manuel de Macedo, Anrique de Macedo seu irmão, Pero Vaz de Mello, João Pereira de Lacerda, Manuel de Moura, e João de Meira em sua carauella, em que o Gouernador mandou de Cochym João Rodrigues de Noronha, filho do capitão da ilha da Madeira, a que o Gouernador deu a capitania da forteleza d'Ormuz, porque dom Gracia tinha acabados seus tres annos, e nom auia capitão prouido por ElRey. Dom Luiz leuou muy limpa gente, e muytos mantimentos, e poluora, e monições, e foy ao porto de Mascate, que estaua de paz, onde o xeque Rabea, capitão, lhe fez todo' seruiço, onde soube que ElRey d'Ormuz era hido pera Queixome e os nossos estauão senhores da cidade.

D'aquy partio e foy ao porto de Soar, grande logar com forteleza d'ElRey d'Ormuz, onde estaua por capitão Resxabadim [1], irmão de Res-

[1] Raez Xabadim era o nome d'este mouro, cunhado do Xarafo, segundo *Barros*, Dec. III. Liv. VII, Cap. VIII. *Castanh.* tambem assim lhe chama; mas *Sousa*, nos *Ann. de D. João III*, e o nosso auctor, algumas vezes escreveram Sabadym. Preferimos o modo de escrever mais seguido.

xarafo, que estaua forte com muyta gente: ao que dom Luiz sayo em terra e ouve peleja, em que pouqos mouros morrerão porque logo fogirão; e derão saquo no lugar, em que acharão pouquo, e matarão muytas vaquas. Dom Luiz nom consentio que pusessem fogo, porque hia pera assentar paz com ElRey d'Ormuz e este lugar era seu. D'aquy partio dom Luiz e foy ao porto da cidade, e sorgio, e mandou apregoar polos nauios que nenhum homem fizesse mal á gente da cidade, sob grande pena; e sayo em terra com toda a gente, e foy recebido com muyta honra; onde logo meteo de posse da capitania da forteleza a João Rodrigues de la Camara, e logo teue pratica sobre o que deuia fazer, em que foy assentado que deuia de mandar messagem a ElRey, e trabalhar o possiuel por se assentar paz e ElRey tornarse á cidade; e com o mal que era feito se dessimulasse, porque se assy se nom fizesse se perdia tamanha perda pera o estado da India. Na qual pratica dom Gracia se muyto queixou a dom Luiz, dizendo que elle entendera em mandar recados a ElRey, tratando de o amansar e lhe fazer perder o medo, a elle e aos seus, pera que se tornassem pera a cidade; ao que alguns homens soberbos lhe forão á mão, fazendolhe d'ysto pecado tão crú que no rostro lhe disserão que lho nom auião de consentir, e se ordenauão aleuantar contra elle, e o fizerão se nom acertára de chegar dom Gonçalo, seu irmão, com que se amansarão.

Dom Luiz era homem muy altiuo e isento em falar o que lhe vinha á vontade, que chamaua aos fidalgos escudeiros da India, e aos homens caualleiros de cortiça, e desdenhaua a todos muy descortez, despresando a todos; e aindaque estiuessem com elle muytos fidalgos assentados onde elle estaua, deitaua as pernas sobre huma cadeira, e mandaua a hum moço que lhe coçasse os pés e as pernas, e tinha outros desuairos, com que os homens d'elle fogião e erão muy descontentes. E ouvindo o queixume de dom Gracia, lhe respondeo: «Dom Gracia, n'ysso» «fostes vós muyto escudeiro, em nom mandardes logo cortar as lingoas» «a esses e os enforcar», e que elle assy o auia de fazer a quem quer que lhe falasse com fantesia de fidalgo; e outras piores cousas falaua, com que toda a gente era muy escandalizada.

Então mandou messagem a ElRey d'Ormuz, dizendo que elle chegando lhe nom quizera destroyr sua cidade, nem fazer mal na gente d'ella, até primeyro nom saber d'elle a causa do mal que era feito, e tam-

bem saber sua vontade que tal estaua ácerqua do que era passado; e vendo sua reposta então se determinaria no que auia de fazer na guerra ou paz, porque nom tendo [1] *elle* a culpa no que era feito assentaria com elle boa paz, com toda' seguridade que comprisse, e castigaria quem tiuesse a culpa no feito.

O Resxarafo, que tinha todo o mando sobre ElRey, que era muy auisado, bem entendeo o recado, porque estaua notorio que elle era o culpado que o auia de pagar, deu a reposta em nome d'ElRey, dizendo que quanto a destroyr a cidade que o pudera fazer á sua vontade, que por ysso lha deixára despejada, e se a destroyra a sua forteleza amansára de sua soberba, e Deos tornaria a fazer outra cidade, que nom fosse catiua de tantos roubos e males como os portugueses tinhão feito em Ormuz, e fazião per toda a India; que a cidade se a destroysse que nom lhe daua d'ysso nada, porque n'ella nom tinha nada. Polo que elle nom queria ter nome de Rey de tal cidade, nem nunqua a ella queria tornar por ver o que rendia 'alfandega, e nom queria mais ter que entender com os portugueses, senão fogir de ouvir seu nome, pois que erão falsos, começando com bens e verdades, que se tornauão em roubos e malles; que elle nom tinha outra reposta; que a guerra fizesse como quigesse, porque de paz nem concerto já sabia que portugueses nom tinhão verdade. Com que despedio o messigeiro, dandolhe esto escrito em letra portuguès de hum arrenegado que com elles andaua, que já disse.

Vendo dom Luiz esta reposta, que mandou ler perante todos, disse: «O mouro tem rezão, e ElRey a culpa; pois a gouernança da India nom» «dá a homens de perfeitos quilates, nem tem castigo pera quem o en-» «gana, ysto está acabado como merece. Agora me dizey o que he bem» «que se faça.» Ao que todos responderão que nom deuia de temporizar na cousa, e logo fosse dar na ilha de Queixome, pois estaua sabido que Resxarafo tinha ElRey em poder e mandaua tudo como Rey, e nom auia de querer nenhum concerto com os portuguezes, pois elle fôra causa de todo o aleuantamento; e que elle o auia d'embargar per qualquer maneyra que fosse, com a pessoa ou com a fazenda; e por tanto era escusado com elle se nom vir a concrusão, e que nom ficasse sem boa paga elle, e os mouros que com elle estauão, do tamanho insulto como tinhão feito.

[1] *ella* Ms.

Dom Luiz, que era muyto auisado, e estaua dobrado sobr'elles, lhe respondeo: «Digo que [1] *façamos* vossos bons pareceres, e vamos»
«á ilha, e matemos muytos mouros, d'onde está certo que todos fogi-»
«rão pera Baçora e pera Baharem, e per outras terras, em que o mou-»
«ro viuerá a seu saluo, e nom se lhe dará do reynado do Rey que»
«tem em poder, que nom tardará muyto que lhe nom dê a morte, ou»
«quebre os olhos como he seu costume. E em quanto nós andarmos a»
«essa caça após os mouros, em tanto que será da forteleza d'Ormuz?»
«E quem dará conta a ElRey do mal que se ysto errar? Polo que di-»
«go que nom quero vossos taes conselhos, que são d'homens que an-»
«dão no corro de touros.» Com que se todos forão pera suas pousadas, descontentes, vendo que dom Luiz com elles tinha taes modos.

Então dom Luiz falou com dom Gracia que modo terião pera dar a morte secretamente a Resxarafo, porque com elle ser morto tudo seria acabado, e ElRey e os seus folgarião de se tornar pera a cidade, e viuer em suas casas e repouso, antes que andar desterrados. Polo que sobre ysto dom Gracia tratou com dom Luiz, e elle mandaua seus recados a ElRey e ao Resxarafo, dizendo que se fizesse todo bom concerto, porque indaque em Queixome fizesse outra cidade d'Ormuz, tambem lá auia ElRey de pagar as pareas que pagaua em Ormuz; e que se as pagasse, com as fazendas que se roubarão aos portugueses, tudo seria acabado; com que se lhe daria perdão com toda' seguridade que elle quigesse. Aos quaes recados o Resxarafo respondia cautelosamente, nem dentro nem fóra, apontando sempre rezões de homem que se muyto temia de nunqua tornar ao que de primeyro era, indaque se fizessem todos os concertos que ouvesse, pois nom podião tornar na paz de primeyro.

Correndo assy estes recados com Resxarafo, secretamente tambem corrião outros recados a alguns dos do conselho d'ElRey pera abrandar esta cousa. Os que n'ysso entenderão, cada hum em sy vendo que todos o Resxarafo os trataua como se fosse senhor de todos, no que se auião por [2] *auexados, quando* se achauão com ElRey, cada hum d'elles só, o falauão a ElRey; ao que ElRey nom se fiaua de todos, que nom sabia se algum por parte de Resxarafo quereria saber d'elle sua tenção, porque tinha elle grande medo ao Resxarafo, vendose em seu po-

[1] *fizesse* Autogr. [2] *auexados e quando* Id.

der, e desejaua fazer o concerto, e nom ousaua de se descobrir a ninguem pera o mandar dizer a dom Luiz secretamente, porque em pubrico nom ousaua a responder aos recados o que tinha no coração; mas falando em pubrico com todos como em pratica, com o Xarafo dessimulando, dizia que os tanto rogauão com concertos que deuião de apalpar que taes os querião fazer, e se fossem á sua vontade os tomarião, e senão que nom seria nada, porque se os nossos pedissem pagamento das fazendas que se tomarão elle as queria pagar de sua fazenda, tornandolhe 'alfandega. E ysto se deuia fazer, porque se nom perdesse o nome do Reyno d'Ormuz; e pera ysso no concerto pedissem todo o que lhe comprisse, e se lho dessem o tomarião, e senão que o nom farião, pois nom podião andar assy fogidos e desterrados, todos fóra de suas casas e honras. Porque ElRey ysto assy praticaua, o Xarafo entendeo a vontade que ElRey tinha, e lançando suas contas, bem via que indaque os concertos se fizessem como elle pedisse, que como elle era o principal na culpa o auia de pagar em qualquer tempo que fosse, porque ElRey, vendose em poder dos nossos, todas as culpas auia de deitar sobre elle; ordenou a morte a ElRey, que lhe deu peçonha, que de camaras morreo em pouqos dias, com que então o Xarafo fiqou Rey poderoso, com que se os grandes cada hum ouve muyto temor que os matasse, e cada hum andauão muy temidos com suas gentes guardados.

O que sabido de dom Luiz que o Rey era morto, praticando com dom Gracia assentou de se hir pera' India, que podia ser que então Resxarafo, ficando mais sem medo, faria o concerto. O capitão João Rodrigues disse que nada se auia d'assentar nem acabar nunqua se nom se buscasse modo como o Resxarafo fosse morto, porque todos lhe auião medo, e sendo morto logo todos os outros folgarião de assentar concerto; e ao presente nom se podia fazer nada até ver se aleuantauão Rey, o qual sendo feito verião se d'ally fazião algum abalo pera outra parte, e se nom se bolissem lhe mandaria seu recado, mostrando contentamento da morte do outro, dandolhe a culpa que elle mandára fazer o mal que se fizera; com que ao Xarafo pareceria que ficaria mais fóra de culpa, com que então podia ser que se faria o concerto. O que assy pareceo bem a dom Luiz, dizendo que tudo se fizesse e metesse nos concertos, que depois tudo se remediaria; mas que pera a morte do Resxarafo tudo se désse e outorgasse, e a quem o matasse lhe dessem o cargo

que elle tinha, que era gozil mór. Polo que logo deu d'ysso seu assinado que daua o gozilado do Reyno d'Ormuz a qualquer pessoa que matasse Resxarafo; o qual assinado deu em segredo ao capitão, e a dom Gracia, que elles ambos em segredo auião de concertar esta cousa o milhor que pudessem. Com este concerto dom Luiz ordenou de se tornar á India, porque seu irmão lhe mandára que nom assentando as cousas d'Ormuz se tornasse á India, onde ficaria, e elle viria assentar Ormuz; e porque ysso assy auia de ser compria que elle se fosse á India a tempo que o Gouernador se concertasse e passasse a Ormuz.

Polo que logo ordenou sua partida, e deixou ao Capitão mór do mar, Manuel de Sousa Tauares, hum bom galeão, e duas carauellas, e huma galeota, e dous bargantys, e deixou pera se hir pera' India dom Gonçalo Coutinho no seu galeão, e a nao São Jorge, de que era capitão Duarte d'Ataide, pera n'ella se hir dom Gracia pera' India, acabando os negocios d'Ormuz, que o capitão nouo com seu conselho faria, porque com elle tinhão os mouros mais credito e conhecimento; e lhe deixou apontamento de todo o que auião de concertar, e proueo a forteleza do que compria, e se partio pera' India.

CAPITULO VII.

DO QUE SE PASSOU EM ORMUZ DEPOIS DE DOM LUIZ PARTIDO PERA' INDIA, E RESXARAFO FOY PRESO DENTRO NA FORTELEZA, E PAZ ASSENTADA, COM QUE ELREY E TODOS SE TORNARÃO PERA' CIDADE, E DOM GRACIA SE PERDEO VINDO PERA' INDIA; E TODO O MAIS QUE PASSOU EM ORMUZ ATÉ QUE LÁ CHEGOU O GOUERNADOR.

Partido dom Luiz, como dito he, dom Gracia, por emendar a negrigencia que tiuera no aleuantamento d'Ormuz em se nom guardar polos auisos que lhe forão dados, tomou muyto a cargo assentar estas cousas d'Ormuz, polo muyto conhecimento que tinha com os mouros principaes do Reyno, aos quaes escreuia dizendo que dom Luiz se fòra, e lhe deixára a cargo que assentasse as cousas em todo bom concerto e paz que fosse rezão; e que pois ElRey era morto, que deuião de fazer outro, que estando assy sem Rey nom estauão como homens tão grandes senhores e tão principaes como erão; e que tendo Rey lhe dessem bons conselhos,

e ordenassem a paz, com que se tornassem pera suas casas e cidade, em que nacerão e morrerão seus auós, e nom estiuessem como homens fogidos. E com ysto grandes comprimentos d'abastanças, o que tudo deuião de falar e praticar com Resxarafo, porque sem elle nom podião elles fazer cousa bem acertada. O Resxarafo, vendo algumas d'estas * cartas *, fiqou com grande contentamento, vendo a estima que d'elle fazia dom Gracia, e o conselho que aos outros daua que nom podião fazer cousa bem feita sem elle. E como elle já tinha fulminado o como auia de fazer suas cousas, que era fazer Rey moço que tiuesse sob seu mando, como erão seus costumes, e sempre teria posse de todo o reynado, com que seguraria sua pessoa quanto quigesse: polo que elle respondeo aos capitães, porque as cartas hião assinadas por ambos, dom Gracia, e João Rodrigues de Noronha; e lhes escreueo que a elle ouvessem por Rey em quanto o nom tinhão, e o que se fizesse elles se o auerião por verdadeiro Rey; e que d'ysto lhe mandassem reposta. Ao que lhe responderão que elles fizessem Rey de direito socessor no Reyno, e que assy sendo o auerião por verdadeiro e bom Rey. No que os mouros concordarão, e fizerão Rey hum sobrinho do Rey morto, porque lhe nom ficára filho, o qual era de doze annos. O que foy feito todo por Resxarafo; com que elles ficarão em assecego, e alguns mouros vinhão á cidade, onde andauão pacificamente, porque o capitão o muyto defendia que ninguem tiuesse contenda com nenhum mouro.

O Resxarafo tinha comsigo seu irmão, chamado Resxabadim, que estaua em Soar quando lá foy dom Luiz. Este mouro era o mór contrairo que tinhão os nossos; o qual, de muyto endiabrado e soberbo, tanto que as cousas assy estiuerão mansas, se foy andar na cidade assy pacifiqo como os outros; o que sabido do capitão fez que o nom sabia, e nada entendia com elle, mas antes se alguma cousa queria tudo lhe fazia, e a todas as cousas do Resxarafo, polos segurar como desejaua, pera ver se os podia mandar matar, a este e a Resxarafo; e por ysso se dauão com elles a grandes amizades. Este irmão de Resxarafo tinha hum grande contrairo chamado Resxemesim [1], mouro principal, e lhe tinha este

[1] Gaspar Correa escreveu Reyxemexym, Reyxemesym, Xemisym, Simixim, etc. *Cast.* no Liv. VI, Cap. IV da *Hist. da Ind.* chamou-lhe Raix Xamixer; *Barros*, na *Dec. III.* Liv. VII, Cap. VIII, Raez Xamexer; *Sousa*, nos *Ann. de D. João III*, Rayz Xamisser ou Xamixer, e o fez irmão do Xarafo; e *Andrada*, que

odio, porque este irmão do Resxarafo lhe comettêra a querer dormir com sua mãy, e por ysso lhe tinha mortal odio. O qual Resxemesim, sabendo das amizades que os capitães com elles tratauão, lhe escreueo huma carta, muyto lhe estranhando as amizades em que andauão com o Resxarafo e com seu irmão Resxabadim, sendo elles os principaes imigos dos portugueses, que fizerão o aleuantamento, e que o Rey nom morrêra, senão que Resxarafo lhe fizera a doença com que o matára; o que lhes fazia a saber se o nom sabião; e que pois ysto assy era, como consentião que Resxabadim andasse na cidade sem elles lhe darem licença? E que por elle ser capital imigo de Xabadim, se lhe dessem licença, elle o hiria matar dentro na cidade.

Com a qual carta os capitães muyto folgarão, porque sabião a verdadeira imizade que antre elles auia, e lhe responderão com muytos agardecimentos do que lhe dizia; mas que pera elles lhe dizerem a verdade muyto compria que elle viesse falar com elles cousa que lhe muyto compria; pera o que lhe mandauão seu seguro por elles ambos assinado. O que o mouro ouvindo, e confiando no seguro, teue tal modo que desconhecido entrou na cidade, onde esteue secretamente até que de noite, com grande segredo, ouve fala com os capitães, em que largamente falarão da tenção com que andauão nas amizades com o Xarafo e Xabadim seu irmão, e que matando Xabadim na cidade, que o bem podião fazer, seria causa de nunqua auer concertos, e já nunqua colherião á mão Resxarafo; que, por tanto compria n'ysto ter grande dessimulação pera fazerem o que tanto compria, matar Resxarafo por castigo do mal que fizera, e pera que, sendo morto, assentassem as pazes d'Ormuz; porque em quanto Xarafo fosse viuo nunqua nada se poderia acabar; promettendolhe que se elle matasse Resxarafo lhe darião o cargo que elle tinha, porque assy o deixaua mandado dom Luiz, e d'ysso lhes deixára logo seu assinado: e assy lho promettião, e o jurauão pola cabeça d'ElRey de Portugal. E se pera o matar lhe comprisse alguma ajuda tudo lhe darião.

O mouro ouve muyto prazer em seu coração, e respondeo aos capitães que o que lhe promettião era grande bem seu, pois lhe promettião

na *Chron. de D. João III* muito se encosta ás *Lendas da India*, escreveu sempre Rais Xemesim. Seguiremos este modo de escrever, com a pequena alteração de lhe antepôr *Res* em vez de *Rey*, como algumas vezes se encontra no nosso auctor.

tão grande honra matandolhe elle seus imigos; que promettia de n'ysso gastar a vida. Sobre o que fez seus concertos, e tomou seus assinados assy como elle os quis, polo capitão, e dom Gracia, e dom Gonçalo Coutinho, que todos tres erão no segredo; o que lhe todos jurarão. Com que o Resxemesim se tornou á ilha de Queixome com muyto segredo, e se meteo em seu aposento, que todos assy estauão em aposentos apartados, com suas gentes que pagauão. E porque antre a gente auia muyta fome, o Resxemesim se fez muyto nobre, com a tenção que trazia, nom tão sómente com os seus, mas mandaua dar de comer a quantos o querião; com que se com elle ajuntou muyta gente, que andaua muyto acompanhado mais que todolos outros, e trazia muyto em cuidado de fazer seu feito, pera o que falou com hum seu primo, valente caualleiro, muy grande frecheiro d'arqo troquisco, que todos usauão, e lhe dixe: «Bem» «sabes quanta rezão temos de vingar a injuria que Resxabadim nos» «cometteo, do que trago o coração morto com desejo de vingança. Po-» «lo que, pois minha injuria he tambem tua, compre que nos arrisque-» «mos a morrer por vingança de nossas honras; polo que muyto com-» «pre que com huma só frechada mates Xabadim, que eu te defenderey» «e sobre ysso morrerey, porque muytos acharey que me ajudem, por-» «que eu logo hey de hir matar Resxarafo, porque he trédor, que ma-» «tou ElRey por se fazer Rey poderoso, como vês; porque como estes» «dous matarmos todos auerão prazer e nos obedecerão, e os portugue-» «ses nos ajudarão como sejamos os principaes do Reyno.» Do que o mouro ouve grande prazer, dizendo logo: «Se de huma frechada o nom» «matar, cortarmeha a cabeça.» Mas ambos concertarão logo que per mais seguro escolhesse alguns seus amigos, os milhores frecheiros, que sempre trouxesse em sua companhia, e lhe dixesse que muyto sem medo tirassem todos a quem elle tirasse. O que o mouro assy o fez, que escolheo duzentos frecheiros, os milhores que conheceo, e os trazia comsigo, a que cada dia daua peça a quem fazia milhor tiro á barreira que tinha sempre, e todos andauão armados de traçados e cofos.

E estando todo assy bem ordenado, o Xemesim com sua gente e parente junto com elle, com seus frecheiros, se foy pera' estancia do Resxarafo, que por costume todos pola menhã lhe hião falar e fazer çalema, e entrando em huma cerqua, que estaua ante a casa, achou ao Resxabadim, irmão do Resxarafo, o qual lhe falou, dizendo como em des-

dem : « Çalema, coje Xemesim. » O mouro Xemesim ouve paixão e dixe a seu primo : « Mata este trédor. » O qual logo lhe deu huma frechada pola garganta, de que logo cahio morto, e passou áuante em busca do Resxarafo, dizendo : « Matar o trédor, que matou ElRey ! » O que assy bradarão muytos mouros, que todos querião grande mal ao Resxarafo, em que se aleuantou grande aluoroço ; o que ouvido polo Resxarafo, crendo que todos o querião matar, fogio e se escondeo, que o nom acharão o Resxemesim *e* outros muytos que desejauão de o matar.

O qual, como muyto auisado, vendo que já todos erão aleuantados contra elle e que nom podia escapar da morte, logo secretamente em trajos de trabalhador se foy a Ormuz, e se meteo na cidade muy escondido, e fez huma carta aos capitães que lhe dessem seguro da vida em nome d'ElRey de Portugal pera hir falar com elles. Do que elles muyto folgarão, e logo lho derão muyto reteficado, assinado por ambos na propria carta, e em outro de fóra. O que todo passou sem elles saberem parte do aleuantamento da ilha de Baharem [1], nem que o Xarafo era fogido. E n'este proprio dia veo ao capitão carta do Resxemesim, dandolhe conta do que era feito, e o Xarafo fogido, que mandasse ter espia na cidade, que lhe dizião que pera lá auia de fogir. Do que os capitães ficarão muy agastados polo que tinhão feito no seguro que derão ao Xarafo, e comtudo o capitão deitou grandes enculqas e soube a casa em que o Xarafo estaua escondido, que agardaua huma embarcação pera fogir. O capitão com gente foy dar na casa onde estaua, e o prendeo, e nom quis matar, como logo o consultarão como tiuerão o recado, que assentarão que em o achando, fengindo briga, o matassem, por ficarem fóra da obrigação do seguro que tinhão dado, e n'ysso forão determinados ; mas o capitão foy cuidando que nom [2] *matando* o mouro d'elle aueria bom resgate, assentou em sy de o nom matar, e assy o fez, que sómente o prendeo e leuou, e dentro em seu aposento o carregou de ferros, e meteo em huma segura casa de que elle tinha a chaue, sem ninguem falar com elle ; onde o mouro estando fez taes orações e offertas secretas, que d'ally escreueo cartas á ilha, dizendo que estaua viuo e dentro na forteleza, e que auia de ter poder pera matar o trédor de Resxemesim e todos seus imigos. Sendo sabido na ilha que o Xarafo estaua assy preso na

[1] Parece ser lapso do auctor, devendo-se lêr Queixome. [2] *matam* Autogr.

forteleza em poder do capitão, todos os mouros se ouverão por seguros d'elle e zombarão de seus ameaços.

Os capitães, por ter comprimento com Resxemesim, e por engrandecerem o que fizera, lhe escreuerão que logo se viesse a Ormuz pera lhe pagarem sua lealdade, do que fizera contra os que matarão seu Rey. Ao que elle logo veo a Ormuz com seu parente e toda sua gente, a que os capitães fizerão muytas honras, e logo lhe derão o gozilado do Reyno com muytas honras.

Mas o Resxemesim nom deixou de muyto se queixar com o capitão porque prendêra o Xarafo e nom matára, dizendo que nem viuo nem morto nom deuêra de meter na forteleza hum trédor; que logo viuo o deuêra mandar queimar, e o pó deitar ao mar, e polo assy nom fazer, e o ter viuo, era grande deshonra dos portugueses, porque este trédor escreueo cartas d'ahy da prisão ameaçando a todos, dizendo que inda auia de * se * vingar de todos. « E se este trédor nom matares nom cre- » « rão as gentes senão que o fazes com peita de muyto dinheiro que te » « dão; e por tanto olha o que compre ao seruiço d'ElRey de Portugal, » « e á tua honra. » Ao que lhe o capitão respondeo que por certo caso que se passou, que elle depois saberia, o nom mandára matar; mas que viria o Gouernador e faria o que fosse justiça; que da prisão em que estaua daria d'elle bom recado. Mas pois tudo estaua seguro lhe muyto rogaua que fizesse que ElRey se viesse pera suas casas e sua cidade, que sempre seria sua em quanto os portugueses [1] * viuessem *. Do que o nouo gozil se muyto encarregou, e se foy á ilha, que todos muyto com elle folgauão que fosse gozil. E todos juntos fizerão o assento das pazes per esta maneyra: que os capitães déssem toda' paz segura a ElRey e a toda sua gente, com seus juramentos, tudo como elles pedirão, com que ElRey com todo o pouo se tornasse á cidade, onde ElRey estaria com todo seu mando e honras até vir o Gouernador, que assentaria as condições da paz, e que se nom fossem do contentamento d'ElRey e dos seus se podessem liuremente tornar pera onde estauão, assy como vierão. Do que o capitão, com dom Gracia, e dom Gonçalo, e Manuel de Sousa, e outros fidalgos, todos assinados, lhe derão sua carta assy como a pedirão. E todos forão contentes, e tudo leuarão á ilha e mostrarão a El-

[1] * viuerem * Ms.

Rey, que fiqou muyto contente, com sua mãy que por elle falaua o que compria; e foy ordenado o dia em que o Rey auia de passar. Foy lá dom Gracia na galé e bargantys, com toldos e bandeyras pera trazer ElRey, mas elle nom quis vir senão em suas embarcações, que já tinhão ordenadas, e dom Gracia o [1] * veo * acompanhando, e fazendo salua d'artelharia, o que assy fez a forteleza chegando ElRey; e todos os mouros e pouo lhe fizerão muytas festas, e desembarcando ElRey na praya o capitão com os fidalgos o forão receber com muytas cortezias, e forão com elle a suas casas, que já estauão concertadas, onde o capitão e todos lhe falarão palauras de grandes pazes e seguridades, com que ElRey e os seus ficarão muyto contentes. Com que o capitão se tornou á forteleza, e a cidade esteue em paz com muyta fartura.

Estando assy as cousas d'Ormuz bem assentadas, sendo agosto d'este anno de 522, dom Gonçalo no seu galeão, e dom Gracia Coutinho na sua nao São Jorge, se partirão pera' India, que assy o [2] * deixára * dom Luiz em regimento, * e * se forão seu caminho, e tomarão o porto de Mascate pera fazer agoada, onde estando lhe deu hum temporal do mar tão forte, e tamanha tempestade, que a nao trinqou duas amarras e foy dar sobre huns penedos, em que a nao se espedaçou e morreu muyta gente, em que se perdeo muyta riqueza que trazia dom Gracia e outros homens riqos que n'ella vinhão, que vendo que a nao quebrára as amarras se deitarão ao mar sobre huma escotilha grande, que os marinheiros com muyta gente deitarão ao mar, que todos morrerão, e dom Gracia que com elles se meteo. Durou a tromenta hum pedaço; então foy amansando, que quando amanheceo era bonança, e os pedaços da nao ficarão sobre os penedos, onde ainda ficarão homens que se saluarão.

O galeão era mais resteiro e nom tomou tanta força do vento, e largou as amarras compridas atadas em outras, com que teue. E como foy abonançando dom Gonçalo se meteo no seu batel, e foy em busca da nao, que vio espedaçada. Chorando a morte do irmão se tornou ao galeão, e mandou o escriuão a terra dizer ao xeque que mandasse buscar todo o fato que sayra da nao, e o pusesse a bom recado. O que o mouro assy o fez, e se arrecadou muyta cousa. Com que dom Gonçalo se foy seu caminho pera' India.

[1] * vem * Autogr. [2] * deixa * Id.

CAPITULO VIII.

QUE CONTA DO QUE FEZ O GOUERNADOR, QUE FIQOU NA INDIA NO VERÃO, E ARMADAS QUE DESPACHOU PERA FÓRA, E ENUERNOU EM GOA; E TODO O QUE PASSOU ATÉ QUE VIERÃO AS NAOS DO REYNO. E PRIMEYRO DIREY DO QUE FEZ O GOZIL NOUO EM ORMUZ.

O Gouernador em Cochym despachou muytas cousas de viagens pera fóra, que adiante direy, e primeyro contarey o que em Ormuz fez o gozil nouo Resxemesim, que com seu grande poder e opinião do que tinha feito, de que o capitão lhe fazia muytas honras e fauores, andaua o mouro seu primo, que matára o irmão do Xarafo, tão doudo e com tanta fonfarrice que ninguem cabia com elle; o qual estando hum dia no bazar falando com hum português perante muytos mouros, porque o português falaua o pérseo, lhe disse com grande rebolaria que era tão valente caualleiro que nom aueria medo de se matar com quatro portugueses. O português era sandeu, e fiqou afrontado, porque os mouros olharão pera elle, e lhe respondeu: «Certamente que tu pareces grande caualleiro,» «e folgo com ysso que dizes; porque eu ha muytos annos que ando» «nas pelejas da India, e nunqua achey nenhum mouro que nom fosse» «judeu, que todos fogem e nom pelejão senão quando são muytos. E» «pois agora que ouvi tua palaura tenho grande prazer, e te muyto ro-» «go que ambos sós, tu e eu, vejamos qual de nós he milhor cauallei-» «ro. Tu tens traçado e cofo, e eu espada e adarga, e seja quando qui-» «geres.» Do que o mouro mostrou que auia grande prazer, e deu ao português hum lenço laurado d'ouro, que tinha na mão, e se aleuantou, e lhe deu a mão, e mandou aos seus que nenhum fosse com elle, e ambos sós se forão metendo por ruas, e forão ter a parte onde vierão á obra, e parece que o português sabia da esgrima e andou deuagar aos golpes com o mouro sem auer feridas. O que virão outros mouros, que chegarão onde andauão, e porque nom virão sangue cuidarão que andauão folgando. Os golpes que o mouro daua erão fendentes d'alto a baixo, de que o português se gardaua que o mouro com o treçado daua no chão; mas o português, vendo tempo, remetteo com elle, e tomou o golpe na 'darga e per baixo deu huma estocada ao mouro, de que logo

cayo morto, e lhe tomou o treçado e cofo. Os outros quiserão pelejar com o português, e nom ouzarão, porque elle lhe falou na lingoa, e requereo da parte de seu Rey que nom bolissem, e se fossem com elle. O que elles assy fizerão, e se veo á porta da casa do gozil, e dixe aos mouros que lhe fossem contar o que virão; e elle se foy a sua pousada, que era dentro na forteleza, sem dizer nada a ninguem, e rapou a barba, e entrapou huma queixada com hum panno, dizendo que * lhe * doia hum dente, e se deixou jazer na cama.

Os mouros leuarão o treçado e cofo ao gozil, acyma á casa onde estaua, e lhe contarão o que virão. Do que se mostrou muy iroso, e perguntando aos seus criados lhe dixerão o desafio que fizera com o português; do que o Resxemesim foy muy anojado, dizendo que elle vingaria a morte de seu primo. O que sabido polo capitão o mandou chamar, e lhe disse que nom ouvesse paixão, porque seu sobrinho [1] morrêra como caualleiro, que assy se costumaua antre os nossos, e que quando ficauão viuos erão logo amigos; e que se seu primo matára o português ninguem por ysso lhe quisera mal, porque era feito d'honra, que este era o costume de bons caualleiros; e pois o elle era o nom deuia d'auer por mal, porque se a seu primo algum português fizera mal logo o mandára enforcar no meo do bazar. Mas o mouro com muyta dessimulação respondeo ao capitão outras palauras, dizendo que sómente folgára de conhecer o português que o matára, pera o conhecer por bom caualleiro; e se despedio, e dessimuladamente mandaua aos seus que sempre olhassem se conhecião ao português, e que o matassem onde quer que o achassem, e sobre ysso morressem todos. No que se acuparão muytos dias, e nunqua o conhecerão por assy andar entrapado do rostro, indaque saya fóra. Do que o mouro tinha grande paixão, e por ser soberbo de sua condição ordenou tomar vingança da morte de seu primo, e escolheo cem mouros valentes homens de que confiou, e os mandou que em magotes andassem polo bazar, e quando vissem tantos portugueses no bazar que pudessem matar vinte ou trinta o fizessem, e que fogissem espalhados pola cidade, que elle os saluaria. No que os mouros determinados, andando assy em magotes polo bazar, virão alguns portugueses com que se atreuerão, que erão cinquo, os cometterão e matarão dous, e outros afrechados, ao que

[1] Em outros logares lhe chama sempre primo.

acodirão outros portugueses, com que os mouros fogirão e se esconderão pola cidade, ao que ouve alvoroço, o que sentido na forteleza se deu repique, ao que acodio a gente com armas. ElRey, ouvindo a reuolta, e sabendo o que fôra, mandou dizer ao capitão que nom era nada, que forão brigas de mouros que logo fogirão, que os mandaua buscar e que os mandaria buscar e castigar. O capitão, tambem, porque assy lho dixerão, sem saber a causa repousou a gente, cuidando que os nossos forão a causa, e mandou que nenhum homem saysse fóra sem lança e darga, e sempre dous juntos ao menos; mas sabendo depois a causa que fôra, o capitão o dessimulou, nom dando a entender ao gozil que sabia nada, porque se nom aleuantasse algum mal, porque tudo queria ter em paz até vinda do Gouernador, e daria n'ysso o castigo que quigesse, como fez, e ao diante direy.

CAPITULO IX.

DO QUE FEZ O GOUERNADOR NA INDIA.

O Gouernador, despachado dom Luiz e as cousas do Reyno, e João de Mello da Silua metido na capitania de Coulão, e dom Diogo de Lima em Cochym, e meteo na capitania de Calecut dom João de Lima, que seruia na India até acabar Manuel de Lacerda, que era capitão, e deixando tudo auiado se foy a Goa, onde achou grandes agrauos de cousas que fazia Francisco Pereira, capitão de Goa; mas o Gouernador, como trazia a vontade em fazer seu proueito e tambem auia de tyranizar, nom entendeo nos males e roubos que fazia Francisco Pereira, de que era grande amigo, porque partia com elle boas peças e dadiuas, e albitres de apanhar dinheiro, e banquetes e prazeres, a que dom Duarte era muyto dado, e com molheres solteiras, com que hia nadar e folgar no tanque de Timoja, e em tudo era muy deuasso, como homem que nom auia de dar conta n'este mundo nem no outro.

Estando assy em Goa, veo de Chaul Martim Afonso de Mello Coutinho, que auia de hir sua viagem pera' China, que trazia por ElRey, o qual o Gouernador despachou com seus nauios, de que erão capitães Vasco Fernandes Coutinho, e Pedr'Omem, e lhe deu outro nauio pera Diogo de Mello, irmão de Martim Afonso, que tambem com elle foy. E tambem mandou dom André Anriques pera capitão de Pacem, por ser

seu grande amigo e gostar muyto de sua conuersação, por ser gracioso e homem de folgar, e zombar apodando a todos com muyta graça; e deulhe o Gouernador esta capitania nom olhando que fazia contra justiça 'Antonio de Miranda d'Azeuedo, que estaua prouido por ElRey, e indaque assy nom fôra, por elle fazer a forteleza era sua os tres annos primeyros; e usou d'esta sem rezão assy como fez na de Chaul 'Anrique de Meneses. E deu a dom André huma boa nao em que auia de hir, e os despachou a todos que se fossem a Cochym, onde se auião de fazer prestes, e auião de partir em abril d'este anno de 522, como partirão; de que contarey a diante o que [1] * passarão * em suas viagens. E contarey algumas cousas que atrás são passadas, que vem a concordar com estas que são presentes.

No anno de 518, sendo capitão em Malaca Gracia de Sá, mandou a Banda hum junquo com vinte e cinco portugueses com suas mercadarias, e por feitor hum Francisco Serrão, que forão a Banda e pacificamente fizerão tão grande emprego que de dez fazião em Malaca cento; os quaes tornando pera Malaca lhe deu huma tempestade, com que se perdeo o junqo e morreo toda a gente, sómente o Francisco Serrão com oito portugueses que se saluarão na barqua do junqo, os quaes com o tempo forão ter em Amboyno em huma terra chamada Rucutelo, onde os receberão e fizerão muytos bens, porque a gente d'esta terra tinha guerra com seus visinhos, e tinhão já sabido os feitos da guerra que os nossos fazião em Malaca, o que tanto lhes aproueitou que sabendo os imigos que os nossos estauão na terra logo fizerão concertos e fizerão amizades.

O que sendo contado ao Rey de Ternate se meteo em dous barqos, e foy buscar os nossos, e falou com elles, e com suas dadiuas e promessas os leuou comsigo a Ternate, pera que o ajudassem contra o Rey de Tidore com que tinha guerra. Francisco Serrão ouve conselho com seus companheiros, * e * pera se liurarem dos trabalhos e perigos da guerra se meterão por terceiros antre estes Reys, que os concertarão em paz, casando o Rey de Ternate com huma filha do Rey de Tidore, com que todos ficarão pacificos, e os nossos erão muyto estimados antre elles, e todos os da terra lhe obedecião.

[1] * passar * Ms.

Onde assy estando no dito anno de 518, chegou a Maluco dom Tristão de Meneses em tres naos de contrato, pera carregar de crauo, o qual contrato trouxera por ElRey o anno de 517; o qual sorgio na ilha de Ternate, onde os nossos estauão, a que o Rey fez grandes gasalhados e honras, onde falando com os nossos ouve enformação do que deuia fazer; e porque as naos auião mester muyto crauo assentou de o fazer em ambas as ilhas, polo que repartio presentes pera ambos os Reys, com que ambos, cada hum quem mais podia, ajuntauão o crauo, em que lhe derão muyto auiamento. E porque a nao de dom Tristão fazia muyta agoa foy metida em uma foça, onde foy muyto bem corregida, e carregarão as naos, dando hum panno azul de Cambaya, que valia hum cruzado, por hum bar de crauo, que erão quatro quintaes, que saya a cem reis o quintal do crauo.

E porque o Rey de Ternate cobiçou pera sy este trato, que era muyto de seu proueito, e que o tendo com os nossos teria seu fauor contra seus imigos, auido seu conselho com Francisco Serrão, em que muyto confiaua, mandou suas cartas, e presente, a Gracia de Sá, em que lhe muyto rogaua que [1] * mandasse * em Ternate fazer huma forteleza, por quanto elle daua sua obediencia a ElRey de Portugal, e se daua por seu vassallo pera sempre, e quantos filhos d'elle descendessem, e que sómente mandasse capitão e gente que a mandasse fazer, que elle á sua custa e com sua gente a faria, porque tendo forteleza d'ElRey de Portugal em sua terra seria forte e poderoso contra seus imigos, e honrado sobre todos; o que muyto encarregou a Francisco Serrão que lhe désse auiamento a seu messigeiro [2], * que a ysso mandou com elle o presente por o Francisco Serrão e tres seus companheiros, que nom erão mais, que os outros erão já mortos *; a que ElRey fez grandes dadiuas, e assy a dom Tristão e aos outros capitães, porque todos lhe fizerão dadiuas, e muyto contentes se partirão de Maluco.

Tornado dom Tristão a Malaca, que Gracia de Sá vio á messagem do Rey de Ternate, com tantas auondanças e firmezas de paz, e bom tra-

[1] * mande * Autogr. [2] * que a ysso mandou com elle porque o Francisco Serrão e tres seus companheiros que nom erão mais que os outros erão já mortos * Eis o que se lê no autographo. Sendo impossivel encarregar d'uma mensagem um defuncto, foi forçoso fazer as emendas com que fica o texto intelligivel.

to de tão grande proueito, auido enformação de Francisco Serrão e dos outros portugueses, e de dom Tristão, que a todos pareceo grande seruiço d'ElRey lá se fazer forteleza, o que logo assentou a mandar [1] * fazer, cometteo * a dom Tristão que tornasse a fazela, e fosse d'ella capitão. Do que se elle escusou, dizendo que se obrigára no Reyno a fazer tres viagens de seu contrato, que nom se podia d'ellas desobrigar; e mais que fazer noua forteleza, sem especial mandado d'ElRey, nom era cousa muyto acertada, se o ElRey nom [2] * ouvesse * por bem, pois de Maluco se podia aproueitar sem despeza de lá ter forteleza, que era grande gasto. Com as quaes rezões Gracia de Sá se retornou da tenção que tinha de mandar fazer a forteleza. Porque o Rey de Ternate nom ficasse desconfiado da nossa amizade, que pedia, ordenou lhe mandar recado, e armou hum nauio e hum junqo com mercadarias da feitoria, e mandou lá dom Gracia Anriques, fidalgo seu parente, per que mandou per suas cartar muyto confirmar e retificar a paz que pedia, mas que a forteleza nom a podia mandar fazer sem licença d'ElRey ou do Gouernador da India, a que mandaua recado por dom Tristão, e que estaua certo que logo auia de mandar fazer a forteleza; ao que tudo daria muyto auiamento por amor d'elle: e lhe mandou grande presente.

A qual viagem fez dom Gracia Anriques, e chegou a saluamento, que do Rey de Ternate foy recebido com grandes honras e contentamentos, pola reposta que lhe mandou Gracia de Sá, e com muyta esperança da forteleza que esperaua que se auia de fazer em sua ilha de Ternate. E porque estaua com esta esperança nom quis tomar o trato dos castelhanos, que n'este anno chegarão a Maluco, como já fica contado na lenda de Diogo Lopes de Sequeira, Gouernador; onde dom Gracia recolheo os castelhanos todos que achou em Tidore e por outras terras, a que deu seguro com que os leuou a Malaca, que serião trinta, onde chegando a Malaca achou hy Jorge d'Alboquerque, que fôra por capitão de Malaca; o que todo largamente he recontado na lenda de Diogo Lopes, Gouernador, como tenho dito, e n'esta lenda mais recontarey d'este caso.

Jorge d'Alboquerque tinha muyto falado com Gracia de Sá n'esta cousa de Maluco, e vendo o recado que trazia dom Gracia Anriques, auido sobre o caso acordo, assentou de logo na monção mandar seu genro

[1] * fazer e cometteo * Ms. [2] * ouve * Id.

dom Sancho fazer forteleza em Maluco, pera o que o concertou com dous nauios, e * que * no outro fosse dom Gracia. Ao que deu grande auiamento pera que partissem primeyro que viesse Jorge de Brito, que ficaua em Pacem, que auia de hir a Maluco (o qual morreo), e Antonio de Brito, seu irmão, que por ElRey vinha prouido na socessão de seu irmão; sobre o que tiuerão os debates que já atrás contey; e em quanto nom era chegada a monção o leuou á guerra de Bintão, que acabada se foy com seus seis nauios a enuernar na terra da Jaoa, esperando a monção pera Maluco [1] * com que partio *, e foy com bom tempo e chegou a Maluco em mayo de 522, e nom quis hir á ilha de Tidore, porque leuaua assentado fazer a forteleza em Ternate.

Onde achou falecido o Rey nosso amigo, de que auia noticia que o matára o Rey de Tidore, seu sogro, em hum banquete com peçonha, por conselho dos castelhanos, por os nom querer consentir em sua terra; e porque do Rey morto ficára hum só filho de pouqua idade, a Raynha, que era filha do Rey de Tidore, regía o Reyno. Sendo Antonio de Brito surto no porto, a Raynha lhe mandou sua visitação, e que folgaua com sua vinda, que em sua terra lhe faria todo o bem que fosse rezão, porque seu marido quando falecêra lhe muyto encomendára que vindo portugueses a sua terra lhe fizesse muytas honras, e com elles assentasse toda' paz e trato, e fizessem forteleza se quigessem; o que ella assy lho promettêra, e estaua prestes pera tudo fazer. Do qual recado Antonio de Brito lhe mandou grandes agardicimentos, e pedir licença pera desembarcar e a hir vêr; do que lhe muyto aprouve, e ao outro dia desembarqou Antonio de Brito, com a gente honrada louçãos, e seus moços com lanças e adargas; que [2] * desembarquando * veo muyta gente, e os mandarís, que são os principaes homens da terra, com suas festas ao receber, e o leuarão a casa da Raynha, que estaua assentada de dentro da porta de huma camara, com hum panno armado na porta, que d'ella nom parecia senão o rostro, que assentada sem se bolir mostrou muyto prazer, e Antonio de Brito lhe disse que auia muyto pesar nom achar seu marido viuo, mas que a ella faria todolos seruiços e boas amizades, e faria ally forteleza e feitoria d'ElRey de Portugal, com grande trato e muyto proueito de sua terra. Do que a Raynha mostrou muyto prazer,

[1] * como partio * Autogr. [2] * desembarqam * Id.

dizendo que n'aquella terra fizesse como propria d'ElRey de Portugal, que ella lhe daria toda' ajuda que ouvesse mester pera fazer a forteleza. Do que Antonio de Brito lhe deu seus agardecimentos, e logo lhe deu presente de patolas de seda, que são pannos que se fazem em Cambaya, que muyto presão em Maluco, e outros riqos pannos, e agoas rosadas, e coraes, e hum fremoso espelho; com que a Raynha mostrou muyto contentamento. Com que se despedio e tornou á praya, onde os mandarís lhe fizerão muytos offerecimentos pera o seruirem, e Antonio de Brito falou com todos o logar que vio em que estaria bem a forteleza, que era apartado da pouoação pouqo espaço; polo que logo mandou armar huma sombra com huma vela grande, pera o que os mandarís lhe mandarão trazer muytos páos, com que se armou grande tenda, que foy cerquada com páos e tauoas que lhe tambem derão, com que fez estancia, em que se desembarqou fato e armas, e artelharia emcarretada que do Reyno trouxera, e fez forte tranqueira. O que sabido da Raynha, cuidando que Antonio de Brito ally se assentaua e nom faria mais, lhe mandou dizer que aquillo era trabalho escusado, que nom queria senão que fizesse forteleza como de Malaca. Antonio de Brito lhe mandou dizer que a nom podia fazer sem ella e os seus regedores, em nome d'ElRey seu filho, lhe darem seus assinados que d'ysso erão contentes; o que logo a Raynha lhe mandou como elle o pedio, assinado por ella em nome de seu filho, com os seus officiaes. Logo [1] * assentarão * os preços das roupas e do crauo que lhe darião seria como estaua costumado, e que o nom darião a outros nenhuns mercadores, e que se na terra nom ouvesse tanto crauo como quigessem, o pudessem comprar por onde o achassem. O que tudo ysto se fez por apontamentos que Antonio de Brito deu, que Francisco Serrão tudo assentou assy como pedio Antonio de Brito, do que se passarão seus assinados.

Com o qual tão bom assento logo Antonio de Brito, capitão, mandou trazer muyta pedra e cal, que se fazia muyta de cascas de marisqo, no que trabalhaua muyta gente da terra, que se pagaua com baixa moeda da terra, feita de chumbo, redonda, da grandura de tostão, furada no meo per que anda enfiada, e auia muyta, que valia pouquo preço; e tendo já muyta pedra e cal, mandou o capitão abrir os alicerces,

[1] * assentam * Ms.

e elle com toda a gente, sendo dia do bemauenturado são João Bautista, vinte e cinco dias de julho de 522 [1], foy dita sua missa solene, festejada com muyta artelharia dos nauios, e o capitão per sua mão assentou a primeyra pedra, o que assy fizerão os outros capitães e pessoas honradas, com muyto prazer e tanger de trombetas. E foy a primeyra huma torre quadrada afastada do mar hum jogo de bola, e d'ahy correo o muro atrauessando pera a terra espaço de trinta braças, d'onde tornou a voltar, fazendo quadra, outras trinta braças, em que se fez outra tal torre, e d'ahy voltou á praya, onde fez outro canto, e correo o muro de longo da praya a çarrar na primeyra torre, junto da qual fiqou a porta de longo da praya, com sua gorita. Assy que a obra se foy fazendo com estas duas torres sómente, que depois nas quinas das quadras se fizerão outras taes torres, e no meo se fez a torre da menagem grande, e no primeyro sobrado varandas pera todas partes, e no sobrado de cyma suas goritas, e fortemente madeirado, d'onde podião tirar falcões; o que se foy fazendo per seu vagar, com muyto trabalho em que ajudauão os portugueses.

N'este tempo, em se fazendo a obra, o Rey de Tidore mandou messagem d'amizades ao capitão, dizendo que tambem em sua terra lhe dera forteleza e fizera muytas mais honras; que bem sabia que nom fôra a sua terra porque n'ella agasalhára os castelhanos; que se soubera a contenda que auia antre elles os nom agasalhára; e que faria tudo o que lhe mandasse. Ao que o capitão respondeo que elle estaua no trabalho de fazer a forteleza, e que sendo acabada então falaria com elle o que fosse necessario. Da qual reposta a Raynha nom fiqou contente, que quisera ella que fôra de mór amizade, e sobre ysso falou com hum veador de sua fazenda, que o falou com o capitão como em pratica, a que lhe respondeo que postoque o Rey de Tidore tiuesse errado, que por ser pay da Raynha lhe nom faria nenhum mal, e seria seu amigo. Do que a Raynha nom fiqou satisfeita, e nom [2] * mostraua * boa vontade com os nossos. O que entendido polo capitão quis segurar suas cousas e daua pressa na obra, em que lhe hião faltando os trabalhadores e a pedra e cal; sobre o que falando com Francisco Serrão, ouve seu conselho, porque ysto nom

[1] A fortaleza de S. João Baptista de Ternate, segundo *Cast. Hist. da India*, Liv. VI, Cap. XII, foi com effeito fundada n'este dia; isto é, aos 24 de junho de 1522. [2] * mostra * Autogr.

procedia senão da Raynha ter algum descontentamento por amor de seu pay; que folgaria ter alguma pessoa poderosa na terra pera que o fauorecesse e ajudasse ao que comprisse, se a Raynha de sy fizesse algum mouimento. Ao que Francisco Serrão lhe dixe que hum filho bastardo do Rey morto era homem esforçado, * e * porque a Raynha nom estaua muyto bem com elle, se elle tiuesse seu fauor elle teria as cousas do Reyno a direito, com que a Raynha nom poderia desuiar nada; o qual se chamaua Cachil Daroés, com o qual o capitão falou, e se concertarão em muyta amizade, e por o capitão o achar bom homem, e de verdade, tanto fauor lhe deu que com seus rogos a Raynha o fez regedor do Reyno. O qual se fez grande e poderoso, com que todos o temião, o qual mandaua dar á forteleza todo o auiamento que compria, e era muy contino sempre com o capitão. Do que a Raynha e os seus tomarão sospeita que o capitão o quereria fazer Rey, e foy auorrecido dos grandes; polo que o Cachil Daroés andaua muy acompanhado de gente d'armas, que tinha muytos de sua parte: o que causou que a Raynha tinha má vontade aos nossos, e secretamente mandaua recados a seu pay, Rey de Tidore, que teue grande paixão por Antonio de Brito fazer regedor a Cachil Daroés, porque sabia que auia d'auisar os nossos, que cousa se nom podia fazer nem ordenar que elle nom soubesse e descobrisse; como de feito valeo muyto 'amizade de Cachil Daroés pera muytas cousas que depois succederão, como ao diante se verá.

Tambem o Gouernador despachou pera capitão de Pacem dom André Anriques, que veo prouido por ElRey que fosse fazer a forteleza a Pacem, que pareceo a ElRey que nom seria feita, o que nom esguardou na prouisão, e por o Gouernador ser grande amigo de dom André, que era homem zombador e apodaua a todos com muytas graças, sendo elle muy desforme, pequenino, desmazellado, e de roim rostro, tinha a graça de bom zombador, com que o Gouernador muyto folgaua com elle; ao qual mandou que fosse ser capitão da forteleza de Pacem, sem esguardar que a fizera Antonio de Miranda, que era d'ella capitão e nom tinha acabados seus tres annos, segundo * a * fórma do regimento. E o Gouernador lhe deu prouisões que sem embargo de nenhum embargo lhe fosse entregue a capitania da forteleza, em qualquer estado que estiuesse; e lhe deu hum nauio em que fosse com sua gente e parentes, e lhe deu huma nao da terra em que carregou mantimentos e monições, e muytas roupas pe-

ra' feitoria, e o encomendou a Martim Afonso de Mello Coutinho, que tambem hia despachado *de* sua viagem pera' China, que de caminho chegasse a Pacem e metesse dom André em posse da forteleza, porque nom ouvesse alguma contenda com Antonio de Miranda.

E partirão de Cochym todos em conserua, mas dom André logo pôs bandeyra na gauea, assy como leuaua Martim Afonso, e nom quis nauegar polo seu forol, com que se perdeo da companhia ou o fez por sua vontade; o qual hindo no golfão d'além de Ceylão, topou com huma nao rica, que atrauessaua de Pegú pera as ilhas de Maldiua, bem armada e com muyta gente, com que dom André pelejou ás bombardadas, tirandolhe de longe, que auia medo de a nao abalroar o nauio, que era nao muy grande; a qual seguio dous dias e duas noites, sempre lhe tirando por cyma a lhe derrubar a vela e matar a gente, que nom queria meter a nao no fundo, por nom perder a riqueza d'ella; capeando sempre á nao que amainasse, o que os mouros nom quiserão, esperando se saluar á vela, até que de huma bombardada lhe derrubou o masto, polo que os mouros antes escolherão a morte que catiueiro, e prestesmente se meterão em huma grande barqa que a nao trazia, e fizerão vela e a remo forão fogindo. O que dixerão a dom André, que dixe que nom auia mester os mouros, senão o que ficaua na nao, e se chegou pera ella, e mandou o batel e parao da nao a roubar a nao, e carregar no nauio e nao. Os mouros deixarão feitos furos no fundo da nao debaixo de muytos fardos, o que os nossos nom attentarão com o prazer do bom roubar que achauão, e a nao se foy enchendo d'agoa até que supitamente se foy ao fundo, em que morrerão mais de vinte homens que andauão no roubo, sem ter tirado da nao mais que hum caminho do batel carregado.

Com que então se foy seu caminho, onde lhe deu temporal com que se ouvera de perder, e alijou ao mar quanto tinha do nauio e da nao, e chegou a Pacem muy destroçado, onde achou Martim Afonso de Mello, que estaua já pera se partir porque dom André muyto tardaua; onde chegado, Antonio de Miranda, como muyto sesudo que era, sabendo as prouisões que trazia, nom quis ter contendas, sómente fez seus protestos, e tirou seus estormentos pera o Reyno, onde depois lhe foy tudo julgado por sentença contra o dom André, e com seu fato e familia s'embarqou no proprio nauio de dom André, porque assy vinha ordenado, e se foy pera Malaca na companhia de Martim Afonso, leuando grão apontamento

de quanto deixaua entregue a dom André, assy na forteleza como na feitoria, e estormento da boa paz que tinha na terra, onde Martim Afonso com muyta presteza carregou seus nauios de pimenta pera a China, que he a mór fazenda que se faz na China, por ser terra muyto fria, que se diz que a China confina com Alta'lemanha, que são terras muy frias em que muyto val a pimenta e drogas quentes. E n'esta terra de Pacem ha muyta pimenta que nace per toda' terra, e a trazem aquy a Pacem, que he a mór escala da ilha de Çamatra; a qual pimenta he mais grossa que a do Malauar, e porém não he tão quente, e dentro tem hum vão. E porque Pacem está no rostro da ilha de Çamatra, da banda [1] * do norte, he * paragem de todolas nauegações que vão das terras da India pera todas partes.

Martim Afonso de Mello Coutinho com sua companhia chegou a Malaca, onde achou nouas do aleuantamento da China, de que ouve muyto pezar; onde achou Duarte Coelho, que de lá viera, como já contey, o qual com a cobiça de ganhar disse a Martim Afonso que hia muyto poderoso com quatro nauios, que nom deuia de deixar de hir lá, e podia ser que assentaria a paz com a muyta fazenda que leuaua, e quando não se tornaria, e per outras partes gastaria as mercadarias, e nom ficaria com tanta perda. Do qual conselho Martim Afonso tomou boa vontade, e se apercebeo muyto de todo o que lhe compria, e mórmente de bons pilotos e muyta poluora e monições, e assy armou o junco de Duarte Coelho, que foy em sua companhia. Onde no caminho fizerão riqas presas, e chegou á vista das ilhas da China em agosto de 1522, onde logo virão 'armada dos chyns que andaua esperando que fossem nossos nauios pera os tomar, que erão muytos e grandes junqos, com outros barqos pequenos de remo; com que Martim Afonso deu fala aos outros nauios que se concertassem pera pelejar, mas que nom fizessem mais do que elle fizesse, que auia muyto de trabalhar por nom pelejar. Os chyns, vindo já prestes, se forão chegando á nossa armada que hia em fio, tirando bombardinhas e frechas sem chegar, e Martim Afonso hindo seu caminho direito sem tirar; o que nom sufrio Duarte Coelho, que se agastou mais que os outros, e lhe fez muytos tiros, com que rompeo as velas e desaparelhou alguns per cyma. Do que o capitão ouve grande paixão, e tirou hum berço, e com huma bandeyra capeou; com que Duarte Coelho nom

[1] * do norte que he * Autogr.

tirou mais, e forão sorgir no porto da ilha da Veniaga, onde Martim Afonso disse a Duarte Coelho que se outro desmando lhe fizesse que o enforcaria na verga do seu proprio junqo. E porque estando perto * da terra * era perigoso, por ser apertado, se tornou pera fóra, e sorgio de fóra em huma grande baya, onde os chyns com su'armada os tinhão cercados, tirando e frechando quando podião chegar. E porque Martim Afonso muyto desejaua assentar a paz, n'esta noite mandou o seu esquife de longo da terra, e tomarão hum chym que estaua pescando em hum barquinho, o qual leuarão a Martim Afonso, que lhe deu dous pannos que vestio, e outro com pimenta, e lhe rogou que fosse dizer ao Capitão mór dos chyns que nom vinha de guerra, antes trazia as naos carregadas de pimenta e mercadarias pera vender e comprar, e que elles pelejauão com elle nom sabia a rezão porque; que se era per algum mal que os nossos fizerão que elle tudo pagaria, e que ficassem em paz como de primeyro. O chym lhe dixe que nóm tinha nenhuma paz, porque o Rey da China o tinha mandado, e que nom auia de achar senão guerra; que por tanto se fossem e nom aguardassem mais. O que assy pareceo bem a todos que se tornassem, porque outrem lhe nom podia fazer paz senão o proprio Rey da China. Duarte Coelho nom entrou na baya, que fiqou detraz de huma ponta, em que estaua com grande medo que o tomassem os chyns, que por tanto * pedio a Martim Afonso * lhe mandasse secorro com que se viesse onde elle estaua, ou lhe désse licença pera se tornar pera Malaca. Este recado lhe chegou de noite; ao que logo mandou dous batés armados que fossem por elle, aos quaes batés sayrão os calaluzes dos junqos, e lhe derão tantas bombardadas e frechadas, que os fizerão tornar pera os nauios com tres homens mortos e outros feridos. Auendo seu conselho, assentou de hir tomar agoa, que tinha d'ella necessidade, e logo se fossem, escusando pelejar, se possiuel fosse. Polo que se armarão os batés, e hindo Martim Afonso n'elles com gente armada a fazer agoada, os chyns nos barqos pequenos forão tantos sobre elles, que depressa, e com muyto trabalho, se puderão recolher ás naos, com muytos feridos: e 'armada nom ousou de chegar ás naos, porque auião grande medo aos nossos tiros.

Vendo Martim Afonso sua viagem sem remedio, tomado acordo com todos, se concertarão pera se tornarem a Malaca, e pelejarem se os chyns os comettessem. Ao que logo se fizerão á vela, que lhe seruia o vento; ao que os chyns derão suas velas, seguindo após os nossos d'ambas as

bandas, auendo crua guerra de muytas bombardadas, e tantas frechadas que cobrião os nauios; e os barqos pequenos chegauão a querer tomar os batés, com que foy grande a guerra, e carregarão tantos junqos sobre Diogo de Mello e Pedr' Omem, que ficauão mais atrás, que os abalroarão e entrarão, e matarão a todos; e no nauio de Diogo de Mello se acendeo fogo ou lho puserão, com que ardeo até se hir ao fundo. Os chyns acodirão tantos ao roubo da pimenta do nauio de Pedr' Omem, que Martim Afonso e Vasco Fernandes tiuerão tempo de se alongarem muyto d'armada dos chyns, porque Duarte Coelho já hia diante. E com este desbarato se tornarão a Malaca, onde vindo no caminho lhe deu contraste do tempo, com que foy tomar na ilha de Çamatra, que correo ao longo d'ella, e foy demandar o porto de Pacem.

Onde chegando o achou de guerra, porque o Rey d'Achem fiqou tão valente dos portugueses que matára com Jorge de Brito, que determinou hir queimar a nossa forteleza, porque era de madeira, e os proprios da terra estauão mal com os nossos por males e forças que lhe os nossos fazião, a que dom André nom daua castigo, porque elle tinha a culpa de tudo. Polo que o Rey d'Achem com muyta gente lhe daua muyta apressão, trabalhando com arteficios de fogo queimar a forteleza, com que os nossos tinhão muyto trabalho de o vigiar, e fazião muytos fogos de noite per fóra da tranqueira, pera que vissem os mouros se chegauão a deitar fogo. Com que os nossos estauão n'este grande trabalho e muyta fome que tinhão; mas chegando Martim Afonso ao porto, logo os mouros largarão a forteleza e se forão, e os da terra ficarão pacificos, que em quanto ahy esteue Martim Afonso nom se fazia nenhum agrauo, que sempre esteue embarcado no mar, d'onde despedio Duarte Coelho, que se quis tornar a Malaca, onde contou a roim mercadaria que fizerão na China. E Martim Afonso esteue em Pacem até a monção, com que se tornou á India pera se tornar a Portugal; mas chegando a Cochym faleceo de sua doença.

Pero Lourenço de Mello, que trouxera do Reyno viagem pera' China, estaua prestes pera hir na companhia de Martim Afonso de Mello, que o Gouernador mandaua que fosse em sua companhia, mas porque Pero Lourenço nom quis hir com Martim Afonso, porque o nom obrigasse a hir debaixo de sua bandeyra, estando Martim Afonso já fóra da barra esperando que saysse Pero Lourenço de Mello, elle falou e peitou ao arel de Cochym, que he o piloto da barra que mette os nauios e os

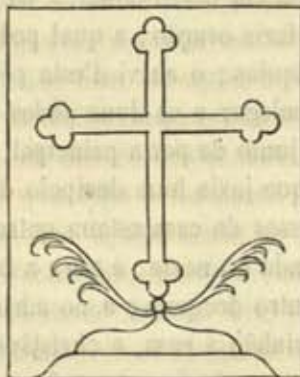
deita fóra, o qual dixe que a nao nom podia sayr, que na barra auia pouqua agoa; e Martim Afonso se partio, e fiqou Pero Lourenço, que enuernou, e no setembro sayo, e foy seu caminho a Pacem pera carregar, e hindo no caminho lhe deu tormenta, com que se foy perder de noite em huma ilha que estaua corenta legoas da costa d'Arracão, onde a nao se perdeo. Então concertarão e armarão o batel, que era grande, em que metterão biscoito, e agoa, e cousas de comer, e suas armas, e forão demandar a terra, onde, sendo vistos, de hum rio lhe sayo huma almadia com falso recado do senhor da terra a saber o que querião, e porque parecião gente perdida dixessem o que querião, e pera onde querião hir, e os mandaria encaminhar. Com o que chegarão perto da terra, e responderão que querião hir pera Pegú. Ao que o senhor lhe mandou dizer que lhe daria o que ouvessem mester por seu dinheiro, e pagassem o piloto que lhe daria. O que elles fizerão de boamente, e chegarão antre humas pedras a falar com o senhor, que estaua na borda d'agoa com pouqua gente, por dessimular, e logo mandou vir o piloto, a que Pero Lourenço de Mello deu huma cadea d'ouro, que nom tinha dinheiro, a qual o senhor recolheo, e lhe mandou trazer agoa que os nossos pedirão, e galinhas, e pombos, e ouos, mostrando que d'elles auia piedade. No que os nossos nom tiuerão tento, porque vazou a maré, e fiqou seqo por onde o batel entrou, no que o senhor e os seus tinhão boa vigia, que logo de supito derão sobre o batel por cyma dos penedos, onde os nossos nom podião chegar com as lanças, tirandolhe com tanta infinidade de pedras que matarão alguns, e outros feridos, com que se renderão, e o senhor os tomou catiuos, e trataua com elles que se resgatassem; ao que nom tendo remedio os teue o mouro tanto tempo catiuos que forão morrendo, e o mouro se enfadou, e lhe mandou pôr o fogo na casa em que estauão, que era de palha, e os queimou viuos. O que depois d'ahy a muyto tempo se ysto soube por homens nossos que forão ter a esta terra. E assy que por este ponto de cobiça Pero Lourenço de Mello perdeo tudo com a vida.

Tambem o Gouernador mandou Manuel de Frias, seu criado, por capitão e feitor da costa de Choramandel, onde andauão outros portugueses tratantes, ao qual deu poder sobre todos, pera d'elles tirar e auer muytas dadiuas, que ouve polos deixar andar na costa em seus tratos; o qual foy em huma carauella e tres fustas, com poder de dar cartazes ás naue-

gações, com que tirou muyto dinheiro, e de muytos empregos que fez pera muytas partes. E leuou regimento pera comprar muyto arroz, e manteigas, e carnes sequas, e muytas obras de ferro pera os almazens, que tudo compraua e fazia de bom barato, que mandaua pera ElRey, com que ganhaua muyto dinheiro, porque a fartura dos mantimentos d'esta terra era muy grande, como já em outras partes tenho dito. Eu vi vender n'esta terra dez galinhas muyto grandes per huma moeda da terra, que se chama fanão, que val trinta réis; e hum veado grande, viuo, por hum fanão, e por este preço huma cabra com dous cabritos, e hum porquo; e quando muyto caro até dous fanões, que são sessenta réis. N'esta costa ha huma terra que se chama Canhameira, em que ha tantos veados e vaqas brauas, que se hum homem quigesse comprar quinhentas pelles de veados, em oito dias lhas dauão os negros da terra, que os tomão em redes, e duas e tres pelles a fanão; mas os nossos entrarão nos tratos d'esta costa, que foy em tão grande crecimento como ora está no anno de 560 que ysto escreuo, onde tanto se montepricou em bem que valem agora quatro galinhas hum fanão, e per este modo todolas outras cousas de comer, e de mercadarias, que são roupas que agora valem o tresdobro do que sohião valer.

Tambem o Gouernador encomendou a este seu criado Manuel de Frias que tomasse toda' enformação que pudesse auer da casa do apostolo são Thomé, que se dizia que estaua n'esta costa, onde este homem fez muyto dinheiro, porque compraua e vendia a como queria. Manuel de Frias foy ter no derradeyro lugar da costa, que se chama Paleacate, onde perguntando pola casa de são Thomé ouve enformação que no anno de 517 forão ter n'esta terra dous portugueses, que forão de Malaca com mercadores em naos da terra, hum chamado Diogo Fernandes, outro Bastião Fernandes, que pousauão com huns armenios christãos, os quaes conuidarão a estes portugueses que fossem em romaria a huma casa que fizera hum santo, que estaua ao longo da costa d'ahy a cinquo legoas, e forão todos juntos, onde chegarão á santa casa muy velha, antiga, sentada de oriente a ponente como as nossas igrejas, e tinha de vão da porta principal até a entrada da capella mór doze couodos; a capella tinha cinqo. Tinha duas portas trauessas; repartida em tres naues com esteos de pao laurados, e per cyma madeirada de grossos paos laurados de macenaria, atrauessados huns sobre outros, que fazião sobrado, sem pregos

nenhuns; e sobre este madeiramento, argamassado de argamassa tão forte como pedra, sem nenhuma greta nem quebradura, que era feita de cal e arêa, assentada sobre tijolos; de fóra das portas pias pera agoa benta. A capella mór d'aboboda redonda, postoque a capella era quadrada; e sobre esta aboboda feito hum curucheo redondo, feito da mesma argamassa, que do chão ao cyma d'elle auia trinta couodos, com lauores da mesma argamassa de troços enlaçados, e per elle cruzes e feguras de pauões, e em cyma no cume do curucheo huma cimalha quadrada, e outra em cyma redonda, onde deuia d'estar [1] * grimpa * ou cruz, que lhe acharão o buraco, mas nom tinha nada, que cayra do muyto tempo. Na capella feito hum altar segundo conuinha á capella, e da banda da capella mór, á parte do auangelho, estaua pegada huma capellinha sem altar, com grades de páo pera' capella, e outras grades pera a naue, que estauão feitas sem porta. Na qual capella se dixe estar sepultado o santo apostolo. E da outra banda da capella mór, á parte da 'pistola, estaua outra capellinha aberta, em que se dizia estar sepultado hum Rey d'aquella terra, que se fez christão pola ensinança do santo apostolo.

O corpo da igreyja estaua muy velho, e parecia muy antigo, caydo por algumas partes. Os esteos, e madeiramento, e portas, tudo era feito de hum só páo, segundo parecia. Os portaes erão feitos d'este pao, muy grossos, e n'elles cortadas lauradas muytas cruzes d'esta feição

E sobre a porta principal estaua huma grossa tauoa, pregada com hum só prego no meo, de madeira vermelha como de brazil ou de sandolo ver-

[1] * gerimpa * Autogr.

melho, na qual estauão lauradas tres cruzes em compasso, de que a do meo era mais alta que as outras. Estaua n'esta casa hum gentio muyto velho, que era cego, e auia pouqos dias que lhe tornára a vista, que se encomendára ao santo, e seruia de varrer a casa, e acender huma alampada que está de dentro da grade da capellinha do santo.

O qual gentio, falando com os armenios, lhe contou que seu pay e auós erão gentios que morrerão muyto velhos, e elle que passaua de setenta annos, que todos tiuerão costume de varrer aquella casa e acender aquella alampada; e porque se elle tornára mouro o nom quiserão consentir que entrasse na santa casa, e cegára: polo que então s'encomendára ao santo, que lhe tornára a vista, e se mettera na casa, e n'ella estaua auia mais de vinte annos. E contou que nos dias das festas dos idolos d'aquella terra, de noite, com muyta gente e festas os trazião, e auendo vista da porta da santa casa abaixauão os idolos tres vezes até o chão, fazendo reuerencia á santa casa, o que assy sempre fazião até então, e com suas festas os tornauão a suas casas.

Os nossos, ouvindo contar taes cousas ao mouro, lhe rogarão que lhe mostrasse as cousas da casa e lhe désse d'ellas rezão, porque erão homens de longes terras, pera o lá saberem contar. O que o mouro fez com boa vontade, e lhe dixe que na capellinha jazia sepultado o santo apostolo, e lhe mostrou em huma pedra a fegura de huma pegada, tão fegurada como se fora feita em barro molle, e na mesma pedra huma joelhada de quando o santo fazia oração; a qual pedra depois os nossos quebrarão e leuarão per reliquias; e eu vi d'esta pedra hum pedaço em que estaua fegurado o dedo polegar e os dous dedos a elle chegados.

E mostrou o mouro junto da porta principal, da banda de fóra, huma sepultura, em que disse que jazia hum decipolo do santo em huma capellinha; e afastada dez passos da casa estaua outra sepultura d'outro decipolo, apartada pera a banda do norte; e pera a banda do sul hum tiro de bésta outra sepultura d'outro decipolo; e no adro d'esta capella se enterrauão os perigrinos que vinhão á casa, e christãos que se fazião na terra.

E contou o mouro que auia doze ou quinze annos que viera ally em romaria hum duque, chamado dom Jorge, ingrês, em trajos de perigrino, e ally falecera, e fora sepultado com os outros perigrinos. Derrador da santa casa, per grande espaço, auia muytos alicerces, e paredes quebradas de tijolo muy são, como se então fora feito; e per antre elles

muytos outeiros de pedrigulho, de lauagem de buscar ouro ou dinheiro; porque fôra aquy huma grande cidade em tempo do santo apostolo, que depois mouros destroyrão, e os gentios da terra fizerão casas de seus pagodes, de pedra e tijolo muy lauradas; e as gentes da terra cauauão e lauauão a terra, em que acharão * ouro *; com que todos os alicerces cauarão, de que auia aquelles pedrigulhos, e tudo cuberto de grande mato e grandes cauouqos.

Estes portugueses escreuerão todas estas cousas, e se tornarão a Malaca, e d'ahy vierão á India, e tudo contarão ao Gouernador Diogo Lopes de Sequeira, que partindose pera o Reyno deu este apontamento a dom Duarte, Gouernador, o qual deu o mesmo apontamento a Manuel de Frias, pera que tomasse esta enformação. O que assy achou todo em verdade, e o escreueo ao Gouernador; polo que elle logo lá mandou hum crelgo de boa vida, chamado Aluaro Penteado, e mandou ao feitor que o leuasse á santa casa, e que fosse repairada de todo o que se pudesse fazer, porque de todo nom caysse; e encarregou muyto ao padre que trabalhasse muyto por auer toda a enformação da santa casa, e que elle mandasse fazer na casa o que comprisse.

Onde o padre chegado onde estaua o feitor com muytos portugueses, forão vêr em romaria a dita casa. Auida enformação, e visto per seus olhos que todo assy estaua na verdade, o padre se ordenou a fazer grandes obras, e fazer hum mosteiro pera frades. O que o feitor nom consentio, dizendo que o nom auia de fazer senão com o mandar o Gouernador. O padre se arrufou e nom fez nada, e por terra se tornou ao Gouernador, que nom lhe dando licença pera fazer o que elle queria, se foy ao Reyno a ElRey pera lhe dar conta da santa casa; que depois tornou, como adiante direy. Ao que logo o Gouernador mandou em hum nauio Pero Lopes de Sampayo com apontamento do que se auia de fazer na casa, e mandou Vicente Fernandes, mestre de cantaria, pera fazer a obra, e com elle hum padre, chamado Antonio Gil, que auia de ter o dinheiro pera pagar a gente do trabalho, e os ajudasse outro padre que lá estaua, chamado Pero Fernandes, e dous portugueses, hum chamado Diogo Lourenço, outro Diogo Fernandes, que de primeyro ally fôra com os armenios.

Eu, Gaspar Correa, que esta lenda escreuo, fuy na companhia de Pero Lopes de Sampayo, por vêr esta santa casa. E o capitão Pero Lopes deixou o nauio em Paleacate, e doze ou quinze homens fomos com

elle por terra em romaria á santa casa, que são sete legoas, todos a pé, cantando e folgando, com muyto comer e beber. Chegando á vista da santa casa, a todos nos toqou huma deuota tristeza, que mais nom cantámos nem falámos huns com outros, com noua deuação nos corações, lembrandonos nossos peccados; cada hum rezando suas orações com tanto tremor que as pernas e braços enfraquecião e tremião, parecendonos que punhamos os pés em terra santa. E de fóra da porta da santa casa nos pusemos em joelhos, com tantas lagrimas que nom sey d'onde sayão; onde todos nos confessámos, e o padre disse missa, que leuaua todo o necessario; onde todos tomámos o santo sacramento. E esta foy a primeyra missa que se dixe na santa casa, que era dia de Corpus Christi do anno de 1521.

E a missa acabada nos fomos agasalhar hum pedaço afastados da casa, e andámos vendo todas as cousas, e capellas, e logo o capitão com o mestre ordenou a obra, com muyto tijolo muy forte que auia, e cal feita de cascas de marisco, e a terra amassada, que sendo sequa ficaua muy forte. E logo se abrio alicerce nas costas da capella pera se fazer huma grossa parede pera sostentar 'abobada e curucheo; porque a parede da capella estaua muy gastada polo pé. E em se abrindo este alicerce se achou debaixo huma braça huma coua feita de tijolo, acafelada por dentro, que parecia feita de nouo, em que se achou parte da ossada do Rey que o santo apostolo conuertêra, que dixerão os da terra que ouvirão dizer que se chamaua Tanimudolyar, que em sua lingoa dizia Thomás seruo de Deos. Debaixo d'esta coua estaua huma lagea com letras que dizião. « Eu dou o deycimo das rendas das mercadarias, assy do mar » « como da terra, pera esta santa casa; e mando aos que após mym vie- » « rem e de mym descenderem, assy o dêm, em quanto o sol e a lua » « durar, com grandes maldições ao que assy o nom fizer. » A qual ossada foy recolhida polo padre em hum cofre da China, fechado com chaue, e a pedra se guardou, e se fez a parede, e nom se fez mais obra, sómente esta pera sostentar o curucheo; e á parte da 'pistola se fez huma sancristia, e se remendarão alguns buraqos e quebraduras, tudo pera sostentar a madeira, que era toda de hum páo. Era de côr de tamara sequa, nenhum furado nem comido de bicho, mas muy são; páo forte de cortar. Da qual santa casa se tirou deuassa per apontamentos que ElRey mandou; do que adiante direy em seu lugar, que he grande lenda.

Tambem o Gouernador despachou de Cochym Francisco de Sá em dous nauios armados, e com gente, que fosse fazer huma forteleza em Çunda, que os da terra muyto pedião aos capitães de Malaca pera terem nosso fauor contra seus visinhos que lhe fazião guerra; obrigandose a dar aos portugueses toda a pimenta da terra. O que Gracia de Sá e Jorge d'Alboquerque muyto escreuerão a ElRey, que sobre o caso tomou enformação de Fernão Peres d'Andrade, que lhe disse que a pimenta da Çunda podia hir cad'anno duas vezes á China, que era tanta que se faria o mór proueito de toda a India, porque a pimenta da Çunda era muyto milhor que a de Pacem e valia mais a terça parte, e que a de Pacem nom podia hir á China senão huma vez no anno, com muyto risco de grande caminho e ventos de monções. Com a qual enformação ElRey o escreueo ao Gouernador que mandasse fazer a forteleza em Çunda, e que por ysso muyto se trabalhasse; e feita a forteleza se recolhesse toda quanta pimenta ouvesse na terra, e se leuasse á China, e a ysso trouxesse tantos junqos que pudessem carregar toda a pimenta que se ouvesse; e fosse tudo assentado em muyta paz, com que os da terra estiuessem contentes. O Gouernador escolheo Francisco de Sá, fidalgo honrado, que mandou n'este encargo com dous nauios e boa gente, como digo; o qual fez sua viagem a Malaca, leuando barqos pequenos e duas fustas, que armou do seu dinheiro, e foy caminho da Çunda, e se metteo ás prezas e roubar quanto achaua, andando em busca de prezas, em que se deteue, e foy enuernar em outra terra onde fez taes males, que quando foy a Çunda, onde tinhão sabido os males que fazia, o nom quizerão consentir na terra, e se tornou pera Malaca fóra de monção; com que lhe adoeceo e morreo muyta gente, com que tornou a Malaca muy desbaratado.

Acabando o Gouernador de dar despacho a estas armadas que mandou pera fóra, de que dey conta de seus aquecimentos, por nom tornar a falar n'ellas nos tempos em que se passarão, o Gouernador deixou em Cochym os nauios que se auião de varar, e prouendo o necessario se partio pera Goa. Visitando Calecut, * e * Cananor, do que comprião, prouendo tudo, se foy a Goa pera hy enuernar; e sabendo que dom Luiz leuára pera Ormuz muyta gente, mandou de Goa gente a Chaul, que estaua duvidoso de guerra; onde Simão d'Andrade daua grande meza, gastando muyto largo, que era muyto riquo, e elle de sua condição era nobre e

largo. O Gouernador em Goa [1] * arrecadou * muyto dinheiro das terras firmes, em que os tanadares fazião grandes roubos e males, de tomar as molheres e filhas fremosas dos homens da terra; com que fazião grandes cramores ao Gouernador, que daua a tudo passada, e pairaua, polo quinhão que lhe vinha; com que a gente estaua muy indinada, e dizião ao Idalcão que os liurasse de tanto mal. Ao que o Idalcão nom acodia, porque andaua em outros móres trabalhos. O que o Gouernador assy pairaua com os males que fazia Francisco Pereira, capitão de Goa, que o Gouernador nada queria entender em suas cousas. No que se passou o inuerno, concertando alguns nauios, porque estaua determinado hir a Ormuz como viesse dom Luiz, de que nom tinha nenhum recado até sua vinda, que foy depois da chegada das naos do Reyno, que forão estas.

[1] * arrecadando * Autogr.

ARMADA

QUE PARTIO DO REYNO O ANNO DE 1522,

EM QUE VEO NOVA DA MORTE D'ELREY DOM MANUEL.

CAPITULO X [1].

N'ESTE anno partirão do Reyno tres naos sómente, por ser falecido da vida presente o glorioso Rey dom Manuel, de que fiqou o ycellente Principe dom João, o terceiro do nome, que fiqou na socessão do Reyno e da India, a mór socessão que nunqua fiqou a outro nenhum Principe; conquistada e ganhada a India do cabo da Boa Esperança pera dentro, descuberta, conquistada, ganhada em espaço de vinte e quatro annos; porque as primeyras naos que fizerão o descobrimento da India partirão de Lisboa no anno de 1497, e ElRey faleceo em dezembro do anno de 1521, que fazem os ditos vinte e quatro annos, que ganhou a India do cabo da Boa Esperança até Maluco, com treze fortelezas feitas, digo trese fortelezas afóra tres que mandára desfazer; toda esta obra feita por vinte e hum capitães d'armadas que a estas partes passarão, de que forão cinqo que gouernarão, com o que ao presente serue dom Duarte de Meneses, tudo per Nosso Senhor ordenado e querido, como foy seu santo seruiço, pera sempre louvado, amen.

E por assy auer no Reyno este trabalho partirão sómente tres naos, sem Capitão mór, a saber: Diogo de Mello pera capitão da forteleza d'Or-

[1] Falta no original.

muz, na nao Conceição; dom Pero de Crasto na Nazaré; dom Pero de Castello Branco, em São Miguel, d'armadores. E porque partirão tarde do Reyno nom passou á India senão dom Pedro de Castello Branco, que chegou á barra de Goa em vinte d'agosto, em domingo. Amanheceo na barra, onde passando huma almadia com dous pescadores n'ella mandou hum homem com huma carta ao Gouernador, em a qual lhe dizia que ElRey dom Manuel era falecido bespora de santa Luzia, doze de dezembro do anno de 521 [1], e aleuantado por Rey seu filho o Principe dom João. Com esta carta foy o homem a Goa, e entrou na sé, onde o Gouernador estaua á pregação, que prégaua o bispo dom Diogo. O homem, com a carta na mão entrado na sé, o conhecerão no vestido ser homem do Reyno e fez aluoroço á gente. O homem foy ao Gouernador e lhe deu a carta, que o Gouernador a leu, com ambas as mãos deu com ella grande pancada no rostro, dando grandes urros de choro. O que na gente fez grande espanto, porque tambem o homem começou a prantear, sem dizer nada, postoque muytos lho perguntauão. Ao que o bispo á pressa se deceo do pulpeto e foy ao Gouernador bradando: «Senhor, falai, di-» «zênos esta tão triste noua com que tanto pranteaes.» O Gouernador, nom podendo deitar a fala fóra da boca, respondeo: «A noua pera to-» «dos he má, que o nosso bom Rey he morto.» Com a qual fala se deitou no chão, esbofeteando seu rostro, depenando as barbas, e deitou sobre a cabeça huma capa de hum seu criado, com que se sayo e foy pera sua casa fazendo grande pranto, e o bispo com todos os fidalgos, que se forão com elle todos fazendo seus grandes prantos. O que fez tamanha tristeza que quantos homens, e molheres, e familia que estaua na ygreija aleuantarão grandes gritos e prantos. Cada hum cobrindo suas cabeças com as abas das capas, e as molheres seus mantos, se forão pera suas casas, pranteando polas ruas. Com que em todas as casas se aleuantarão grandes prantos vendo prantear a todos. O Gouernador se fechou em suas *casas*, e outro tanto fez o bispo, e todolos fidalgos, em quanto se fazião seus vestidos de dó.

Logo n'este dia foy deitado pregão que toda' pessoa, homem e mo-

[1] ElRei D. Manuel finou-se dia de sancta Luzia, aos 13 de dezembro de 1521, das dez para as onze horas da noite. V.ª *Goes*, *Chron. d'ElRei D. Manuel*, Parte IV, Cap. LXXXIII, e *Andrada*, *Chron. de D. João III*, Parte I, Cap. VII.

lher, que viuesse nas terras d'ElRey, gentios e mouros, christãos e portugueses, e seus escrauos, tomassem dó por ElRey morto, sò grandes penas; o que todos fizerão compridamente. N'este dia á noite desembarqou dom Pedro, que se meteo com o Gouernador, dandolhe conta das cousas, e as cartas d'ElRey nouo. Ao que logo a cidade ordenou o saymento, pera o que na sé se fez huma eça de onze degraos, que mayor nom coube na ygreija, com sua tumba, que com os tres degraos de cyma erão cubertos de veludo preto, e os outros de pannos pretos, e na tumba cruz de citym branqo, todo cercado de grades pretas; em cyma de todo hum sobreceo preto muyto alto, franjado de branco e preto, com huma cruz branca, e no meó d'elle pendurada a bandeyra, com as armas das quinas de huma banda e da outra a diuisa da espera; e per todolos degraos nos cantos castiçaes de prata com velas grossas, e nos degraos de veludo, e da tumba, castiçaes de prata das ygreijas com brandões, e á cabeceira da tumba a cruz da sé muy grande, e per baixo, per dentro e fóra das grades, duas andainas de tochas: o que todo se fez até a terça feira ao meo dia, e á bespora se ajuntou toda a crelezia e frades, nom cessando nunqua de se dobrar os sinos da sé e de todolas igreijas, sem ninguem trabalhar, sómente os tintoreiros e alfayates pera o fazer do dó.

E terça feira o Gouernador sayo de sua casa com seu grande dó, com muytos fidalgos. Todos chorando se forão á sé, onde se disserão as besporas com toda' solenidade, onde se ajuntou tanta gente que adentro nem fóra nom cabião, e o officio fez o bispo com muytas solenidades, com mais choros que cantares, que acabando, ao *requiescat in pace* foy respondido com grandes brados e gritos, com grandissimos prantos, dando com as cabeças nas paredes, esbofeteando seus rostros, depenando suas barbas, falando muytas palauras muy lastimosas, que cada hum dizia segundo sentia a dôr. Os gritos das molheres, e pranto do pouo, era cousa d'espanto. Com que cada hum se tornou a suas casas, e o Gouernador, acompanhado de toda a gente, se foy a sua casa.

Ao outro dia o Gouernador se tornou á sé com toda a gente, e acodio todo o pouo, onde todolos sacerdotes disserão missas de *requiem*, com seu responso e agoa benta sobre a tumba, e per derradeyro o bispo disse a missa em pontifical com suas solenidades, e ladainha; e todo acabado com grandes prantos, com que o Gouernador se sayó com toda a

gente e se foy ao terreiro das suas casas, onde já estauão os officiaes da camara com muyto pouo, onde trouxerão hum escudo feito em huma tauoa delgada, preto, pintadas n'elle as armas reaes, que pera ysso se fez, o qual o Gouernador tomou nas mãos, e aleuantou quanto pôde, e com brados de voz chorosa disse: «O muyto eicillente e poderoso grande» «Rey dom Manuel, nosso senhor, he falecido d'esta vida presente, que» «Nosso Senhor leuou pera sy.» O que acabando, deu com o escudo em hum banco e quebrou em pedaços, com grande pranto que se aleuantou em todo o pouo. Ao que erão presentes muytos mouros estrangeiros mercadores que ysto virão, que assy chorauão como se forão naturaes, espantados de taes prantos. Onde logo veo hum homem a cauallo, com grande dó todo o cauallo, cuberto com huma bandeyra preta farpada, muyto comprida, posta em huma aste preta, que deitou sobre o hombro, e deitou por detrás tanto que hia toda arrastando polo chão. O Gouernador se recolheo pera sua casa.

Este alferez se foy á rua direita, que todo o pouo seguio, o qual na entrada da rua deu o mesmo pregão como o Gouernador, e hum vereador apresentou ao capitão da cidade outro escudo, que assy quebrou, que o pouo respondeo com pranto; e no cabo da rua se fez outro tanto. Com que se tornou a camara da cidade, e se recolheo, e cada hum pera sua casa. E logo á tarde o Gouernador sayo de suas casas com riqos vestidos e collar de pedraria, e o capitão da cidade e fidalgos assy vestidos louçãos, todos a pé, e o Gouernador caualgou em hum cauallo muyto ajaezado, onde acodio muyto pouo, com que o Gouernador foy á porta da camara, onde de dentro lhe trouxerão a bandeyra real de damasco branco e verde, com franja de fio d'ouro e verde e branqo, com seus cordões, de huma parte as quinas e da outra a cruz de Christus, em huma aste dourada e das côres que o Gouernador tomou, e meteo em hum tiracolo, leuando diante trombetas e atabales; onde no meo do terreiro o Gouernador deu pregão, dizendo: «Real, real, real, por El-» «Rey dom João, nosso senhor, Rey de Portugal.» O que o pouo outorgou respondendo com as palauras do mesmo pregão. E outro tanto fez na rua direita, e á porta da sé, d'onde se tornou á porta da camara, onde entregou a bandeyra, e se foy a sua casa, e todos, que se tornarão a meter em seu dó, com que esteue ençarrado dez dias, nos quaes chegou dom Luiz, que vinha d'Ormuz, onde na barra lhe dando a noua da

morte d'ElRey fez grandes prantos, porque era elle muyto da priuança d'ElRey, e esteue assy embarcado até lhe fazerem seu dó, e se desembarcou de noite, e se meteo com seu irmão, fazendo seus prantos; onde assy ambos ençarrados, dom Luiz lhe deu conta das cousas que fizera em Ormuz.

O qual logo o Gouernador despedio e mandou a Cochym, que fosse fazer as obxequias d'ElRey. O qual logo partio e em Cochym fez todas as oxequias e cirimonias em muyta perfeição, como fizera o Gouernador; [1] * o * que o Rey de Cochym veo vêr, mostrando muyto sentimento pola morte d'ElRey, e fez seu dó segundo seu costume, porque lhe foy ensinado que era costume antre os Reys tomarem todos dó quando outro morria, indaque se nom conhecessem. O que assy se fez em todolas forteleзas da India, e per toda' India se trouxe dó passante de tres mezes. D'aquy de Cochym despedio dom Luiz Fernão Gomes de Lemos pera capitão de Ceylão, que lhe viera do Reyno, e já vinha [2] * despachado, polo que o Gouernador o mandou * em hum galeão, e leuou huma nao da terra, porque no galeão nom caberia toda a canella que auia de trazer, e * pera * n'elle se vir Lopo de Brito, que lá estaua por capitão; porque o védor da fazenda comprou duas naos da terra grandes, que carregauão muyto e fazião pouqo gasto, em que andaua hum mestre com dez marinheiros, e os outros homens da terra, e com falcões e berços, com bombardeiro, bem concertadas, que trazia assy a carregar pola costa da India, que fazião muyto proueito ás despezas d'ElRey e de ordenados de capitanias d'outros nauios, que fazião muytas despezas.

E na fim de setembro chegou a Goa dom Gonçalo Coutinho, que deu conta da perdição de seu irmão, e o que fez o gozil depois que se partirão d'Ormuz; porque em Mascate o contarão os mouros que depois vierão d'Ormuz; e de toda a paz que era feita. E tambem chegou Lopo d'Azeuedo, que ficára atrás.

[1] * ao * Ms. [2] * despacho polo Gouernador, e o mandou * Id.

CAPITULO XI.

COMO O GOUERNADOR SE FOY A COCHYM, ONDE DESPACHOU ALGUMAS COUSAS DO REYNO, E DOM LUIZ COM 'ARMADA PERA O ESTREITO, E HIR A MAÇUHÁ BUSCAR DOM RODRIGO, QUE FÔRA POR EMBAIXADOR AO PRESTE; E O QUE PASSOU NA VIAGEM.

O Gouernador esteue em Goa despachando alguns dias, e se foy a Cochym ao despacho das naos da carga, * que * foy a de dom Pedro, e outras duas que andauão na India d'armadores. E porque ElRey muyto encarregaua ao Gouernador que mandasse buscar a Maçuhá dom Rodrigo, que era hido por embaixador ao Preste, o Gouernador apercebeo armada de treze velas, galeões e carauellas, e muyta gente que pagou, com muytos mantimentos e artelharia, e todo o necessario, em que forão capitães Ruy Vaz Pereira, Lopo d'Azeuedo, Antonio de Lemos, Manuel de Macedo, Nuno Fernandes de Macedo, Jorge Barreto, Lopo Ferreira, estes capitães de galeões; e de carauellas Lourenço Godinho, Fernand'Aluares de Gá, Pero de Moura, Arthur de Mello, que todos forão prestes, e os nauios postos na barra, e gente embarcada em todos os nauios, senão no galeão de dom Luiz nom auia ninguem que se embarcasse com elle, porque era de altiua condição, e desprezaua os homens com descortezias. Zombaua de todos; dizia que os caualleiros da India erão de palha, e que o homem que falaua em cauallarias da India nom tinha vergonha, pois pelejauão com negros nús; que nom daria hum vintem polo mais pintado caualleiro da India. A ysto nom auia ninguem que lho contradixesse, porque era homem muy asparo e de descortezes palauras.

Hum dia, estando elle assy praguejando estas cousas, lhe dixe hum Dinis Correa, homem de bem e bom caualleiro, que tinha hum olho quebrado de huma frechada que lhe derão na tomada de Goa, homem de bons feitos e muy conhecido, e disse a dom Luiz: « Senhor, se nom fo- » « reis quem sois, acháreis muytos que vos responderião por suas hon- » « ras, pois a tiraes a quantos são mortos na India, e tanto desprezaes » « os viuos que andão n'estas bargantarias d'estas armadas. Mas eu affir- » « mo a vossa mercê, que se antes que se torne pera Portugal se achar »

« em alguma cousa em que bulaes com a lança ou espada, os homens »
« da India, que achardes junto de vós, vos hão de parecer estrellas. As »
« honras que os capitães tem ganhado na India, nom foy per suas lan- »
« ças, senão dos caualleirinhos que vão diante pelejando, ganhando a »
« honra pera elles. »

Dom Luiz fiqou muy afrontado, e lhe respondeo escarnecendo: « Se »
« vós, Dinis Correa, sois tão esforçado da lança, como agora fostes da »
« lingoa, muyto fareys. Já folgaria de vêr esses milagres de vêr estrel- »
« las no dia. » Dinis Correa dixe: « Senhor, hey medo que se vossa »
« mercê se vir em alguma afronta de peleja, que acheys pouqos dos que »
« digo; porque os homens nom ajudão a ganhar honra senão aos capi- »
« tães que lha fazem; e porque vossa mercê tem tanta que lhe nom he »
« necessaria a dos caualleirinhos da India por ysso os despreza, e elles »
« se vão pera os capitães que hão mester ganhar honras pera lhes El- »
« Rey fazer as mercês das fortelezas e gouernanças. Polo que os capi- »
« tães estão carregados de gente, e vossa mercê nom tem quem com »
« elle embarque, porque despreza os homens da India. »

Dom Luiz ouve paixão, dizendo: « Se comigo se nom embarqua- »
« rem mandarey tomar hum cento d'elles polos meirinhos, e hirão co- »
« migo embarcados em que lhe pês. » Dinis Correa lhe respondeo: « Se- »
« nhor, nom queira Deos que o Conde Priol, vosso pay, em Portugal »
« ouça tão más nouas de vós, que digão ante ElRey que os homens na »
« India se embarcarão por força com seu filho dom Luiz, que he a se- »
« gunda pessoa da India. Do que elle auerá muyta paixão, e estará con- »
« fiado que acabando o senhor Gouernador seu tempo vossa mercê fi- »
« que em seu lugar. »

Dom Luiz mudou a pratica com o seu mestre que lhe veo falar, e se aleuantou, e zombando disse: « Dinis Correa, bem me espancastes. » Dinis Correa, zombando, lhe dixe: « Senhor, temermehey de vossa mer- »
« cê. » E dom Luiz se meteo pera' camara, e esteue maginando bem no que lhe dissera Dinis Correa, e cayo muyto na rezão, como homem que conhece seu peccado, e conheceo seus defeitos, e lh'entrou tudo no coração, em que lhe fez tal assento que de todo se emendou e mudou a condição, e se fez o mais manifico e bem ensinado e cortêz, que falaua aos homens com o barrete na mão, e andando na embarcação rogaua os homens que se fossem com elle, e lhe daua os gasalhados e a todos gran-

de meza; com que [1] *embarqarão* com elle muytos fidalgos e honrados homens. E sendo 'armada de todo prestes se partio de Cochym. Correndo a costa se foy a Goa, onde muyta gente s'embarqou, porque ally fez pagamento á gente, e partio de Goa com tenção de hir a Chaul, e nom póde por os ventos lhe serem contrairos, porque era em janeiro do anno de 1523, e atrauessou pera o estreito. De que logo aquy contarey de sua viagem até que chegou a Ormuz, por nom fazer pedaços de huma só cousa e nom tornar atrás.

Dom Luiz atrauessou e foy tomar em Çacotorá, onde fez agoada, e d'ahy foy nauegando pera a outra costa d'Adem, em que no caminho tomou muytas naos carregadas de roupas, que hião de Cambaya pera o estreito, e foy sobre a cidade de Xaer, que he grande e de grande trato, em que no porto estauão muytas naos, que auia dous dias que tinhão noua da nossa armada, com que algumas fogirão e as que ficarão com muyta pressa descarregarão tudo em terra; porque a cidade era cerquada e muy forte, e tinha muyta gente bem armada e muyta artelharia, com que se concertou e fez prestes pera a nossa armada, e fortes tranqueiras ante as portas e dentro nas ruas, porque o Rey determinaua a se defender. Onde 'armada sorgindo logo de terra lhe tirarão muytos tiros grossos. Dom Luiz nom quis que os nossos tirassem, mas mandou os capitães nos batés armados, que fossem roubar as naos, e então lhe pusessem o fogo e todas queimassem. O que assy fizerão, e n'ysto se gastou o dia, porque acharão muyto, que descarregauão e metião nos galeões. O que acabado por noite, dom Luiz mandou aos capitães que fizessem prestes a gente pera ante menhã dar na terra; o que assy fizerão, que seus batés com sua gente armada, que serião setecentos homens e muytos d'elles espingardeiros, e com valentes escrauos que lhe leuauão as armas, amanhecerão a bordo do galeão de dom Luiz; e porque no porto o mar na praya muyto arrebentaua, os batés leuarão suas fateixas pera deixarem por popa. E dom Luiz deu a dianteira do combate das tranqueiras 'Antonio de Lemos, Lopo d'Azeuedo, Jorge Barreto, Ruy Vaz Pereira, e com todos os batés juntos, tangendo as trombetas, foy a terra, contra muytos pilouros que lhe tirauão, e nom empecerão porque era baixa mar, que foy conselho dos pilotos que então desembarcassem, porque o mar tinha

[1] *embarqou* Autogr.

mais jazigo. A cidade tinha o muro, que d'ambas as partes hia entestar de barrocas de penedias, e nom tinha outra entrada senão polos muros e portas, que erão muy fortes, e no muro muytos mouros armados; mas dom Luiz, vendo a cousa como estaua, disse: «Por onde se acolherem «os mouros da tranqueira da porta, por ahy entraremos nós.»

Poyando os nossos em terra, dom Luiz nomeou Santyago, com que os capitães dianteiros com sua gente commetterão a tranqueira com tanta força que com pouqa detença os mouros largarão a prefia, colhendose per hum postigo da porta que tinhão aberto; em que a pressa foy tamanha que o postigo foy çarrado e de dentro atupido com muyta pedra, ficando de fóra muytos mouros, que ally ficarão mortos. E ficarão sem ter entrada; mas acodio Nuno Fernandes de Macedo, e Lourenço Godinho, e Martim Correa, e Pero de Moura, com escadas que acertarão de leuar [1] «arricadas» nos batés, que erão de troços e largas, que prestesmente forão postas no muro; a que acodirão os mouros com grandes pedras, e zagunchos, e traçados, ao que valerão os nossos espingardeiros, que os enxotarão tão fortemente que nom ousauão de chegar ás amêas; com que os nossos chegarão acyma ao muro, e o entrarão ás lançadas e cotiladas tão fortemente que logo enxorarão o muro; com que muytos entrarão com os guiões dos capitães. Onde os nossos forão muytos feridos, porque os mouros de baixo os muyto afrechauão; ao que os nossos decerão abaixo, e se meterão com elles á peleja, que era grande; onde os mouros se hião retraendo polas ruas, que erão estreitas e as casas altas, e de cyma dos terrados as molheres com pedras fazião muyto mal aos nossos. Dom Luiz estaua na praya, e mandou entrar Arthur de Mello, e Duarte d'Atayde, com cincoenta homens, que fossem abrir as portas. O que elles assy fizerão, tirando muyta pedra com que estaua entupida; e a tranqueira de fóra desfeita, aberta a porta, entrou dom Luiz com sua bandeyra, tangendo as trombetas, com que os nossos tomarão grande esforço, e forão correndo os mouros polas ruas, e dauão nas tranqueiras com que as ruas estauão atalhadas. Dom Luiz, vendo o mal das pedras dos terrados, foy correndo ao longo do muro per fóra das casas por ambas as partes, que fez dous esquadrões da gente, até que rodearão toda a cidade, que tinha baixos muros da banda da terra, e vio dom

[1] «arrimadas»?

Luiz que hia muyta gente fogindo. Então dom Luiz, vendo que os mouros estauão dentro nas ruas e casas, mandou meter as escadas, per que muytos homens sobirão aos terrados, com que ficarão senhores das ruas, e os mouros começarão a fogir. Dom Luiz se tornou á porta, dando lugar que os mouros fogissem, do que os capitães se [1] * queixarão *, e dom Luiz lhes disse: «Senhores, mór honra he fogiruos o imigo que mata-» «lo.» Os mouros, vendo os terrados entrados e * que * os nossos sem temor entrauão polas ruas, forão largando a cidade, fogindo com suas molheres e filhos; o que primeyro fez o Rey, que pôs fogo nas suas casas e fogio. E os nossos derão na principal rua da cidade, em que auia casas de riqos mercadores, [2] * e * começarão a quebrar as portas e tirar fato fóra; o que lhe dom Luiz defendeo, e foy com toda a gente correndo as ruas até a cidade ser enxorada de todo: de que sayrão mais de dous mil mouros, que o campo hia cheo; o que vendo dom Luiz deu graças a Nosso Senhor. Então disse á gente: «Senhores, [3] * agora cada *» «hum tome o que tanto trabalhou.» Com que então todos se acuparão em acarretar e leuar á praya cada hum com seus companheiros, e outros começarão a pôr fogo em grandes casas, que estauão junto das casas d'El-Rey, que ardião com grande estrondo. Do que dom Luiz ouve paixão, e mandou apregoar que ninguem pusesse fogo, nem consentio que nada se embarcasse, sómente que o pusessem na praya, que era grande, cada hum a seu cabo; e dom Luiz disse aos capitães que mandassem polos seus marinheiros embarqar seu fato, * que * nenhum homem d'armas auia de andar n'essa acupação. Polo que cada hum deu grande pressa a embarquar, porque auia detença per caso do mar grosso que alagaua os batés.

Dom Luiz mandou ter vigia dos muros, que os mouros do campo tornauão; e elle com os capitães estauão á porta da cidade, onde alguns se fizerão caualleiros da sua mão, a que elle dizia palauras de muytas honras a todos, dizendo: «Nom são [4] * de culpar meus erros, porque» «a mym quem mo contára * o nom crera, o que agora vi com meus» «olhos; polo que peço muytos perdões a todolos senhores soldados da» «India, e confesso que são dinos de todolas honras e mercês que lhe»

[1] * queixão * Autogr. [2] * que * Id. [3] * agora a cada * Id. [4] * de culpa de meus erros porque nym que mo contara * Id.

«fizerem, e assy o direy a ElRey nosso senhor, quando a Portugal fôr.»
«E cada hum guarde o que tiuer, porque de tudo faço escala franca,»
«porque vi quão perigosamente o ganhastes.»

Então mandou ao seu contramestre que com os marinheiros da terra fosse trazer os corpos dos portuguezes mortos, que estauão nas ruas, que forão vinte e tres, que mandou enterrar na praya; e mandou recolher os feridos cada hum a seus nauios, e mandou leuar o comer a terra, e os capitães, e comeo a gente, e gastou todo o dia até tarde, dando pressa que recolhessem o fato, que erão riqas mercadarias, porque de noite se queria partir; e nom consentio que pusessem o fogo á cidade, dizendo que o que o fogo queimaua nom aproueitaua a ninguem. E sendo sol posto dom Luiz nom consentio embarqar o fato, e mandou embarqar a gente, que os batés forão hum caminho e tornarão todos, em que a gente toda s'embarqou sem ninguem ficar, e dom Luiz s'embarqou no seu esquife, e foy correr os nauios e visitar os feridos, muyto encommendando aos capitães a cura d'elles, pois lhe ajudarão a ganhar tanta honra. E recolhido ao seu galeão, porque o vento era bom, logo se fez á vela caminho d'Adem ao longo da costa.

Dom Luiz leuaua em regimento que nom passasse á vista d'Adem, por nom fazer detença, que á vinda o fizesse se lhe bem parecesse; e portanto passou de noite, e se largou muyto ao mar, que nom foy visto; e porque leuaua bons pilotos foy demandar as portas com bom tempo que leuaua, e as entrou, e foy demandar a ilha de Camarão, onde dous dias tomou agoa, e se fez á vela e foy entrar no porto de Maçuhá, d'onde logo a gente fogio pera' terra dentro, polo que então dom Luiz ouve falla d'alguns per que mandou requado ao xeque do lugar d'Arquico, que lhe mandou hum homem seu, que lhe deu recado certo que dom Rodrigo era despachado com reposta do Preste, e estaua com sua companha d'ahy sete jornadas auia hum anno, e que já mandára vêr se auia ally embarcação. Então dom Luis mandou pedir ao xeque que lhe désse hum homem que leuasse sua carta a dom Rodrigo, e lhe pagaria bem seu trabalho. Com que o xeque muyto folgou, porque dom Rodrigo lhe tinha escrito que se lhe mandasse recado que ally estauão nauios de portugueses, lhe daria boas aluiçaras. Polo que logo lhe mandou o homem, que hia muy ledo leuando tal recado, que esperaua que dom Rodrigo lhe désse boas aluiçaras.

Então dom Luiz falou com os pilotos quanto tempo poderia ally agardar por dom Rodrigo. Elles todos lhe disserão que o mais tempo que ally podia estar era até vinte d'abril, e mais não. Então dom Luiz contentou muyto bem o homem, que andasse quanto pudesse e leuasse sua carta ao embaixador, e mandou dous homens juntos, porque se hum adoecesse, ou mancasse, fosse o outro. Então dom Luiz escreueo sua carta a dom Rodrigo, em que lhe dizia que o vinha buscar com huma armada de treze galeões, e que a outra cousa nom viera, porque ElRey dom Manuel falecera, e [1] * deixára * encomendado ao Principe, que logo reynára, que o mandasse buscar; o que ElRey assy o muyto encarregára ao Gouernador seu irmão polas cartas que lhe este anno mandára; que por tanto logo a grã pressa se viesse a Maçuhá, onde o agardaria até vinte dias d'abril, e que mais ally nom agardaria, porque assy lho requerião os pilotos, e com os capitães o tinha assentado; porque nom partindo n'este tempo ficaria dentro no estreito enuernando, onde 'armada e gente se perderia. E por tanto, se nom pudesse chegar a Maçuhá n'este tempo, nom tomasse trabalho debalde, porque já o nom acharia. E por tanto, se nom pudesse chegar a este tempo, ao menos se pusesse mais perto do mar, porque pera o anno auia de vir outra armada ao buscar. E que se nom chegasse a tempo, na mão do xeque d'Arquico acharia seu recado, onde lhe deixaria seis fardos de pimenta de quintal cada hum, e dez fardos de teadas, e huma arqua com cousas do Reyno pera vestir. Com a qual carta os homens partirão a grã pressa.

Dom Luiz estaua com boa vigia, e tomou su' agoa, e esteue até os vinte e hum d'abril, e vendo que dom Rodrigo nom vinha se partio, deixando entregue ao xeque d'Arquico os seis fardos de pimenta, e os dez das teadas, e 'arqua; e lhe deixou huma carta em que lhe dizia que se partira, porque elle nom chegára ao tempo que lhe escreuera; do que leuaua muy grande pena; que por tanto se chegasse mais perto, pera que quando viesse outra armada o nom fossem buscar tão longe, porque esperaua em Deos de o tornar a buscar pera o anno; que na mão do xeque lhe deixaua os seis fardos da pimenta, e dez de teadas e 'arqua de vestidos. E que se queixasse ao Preste que em Arquico huns mouros matarão dous portugueses que estauão tomando agoa, e que o xeque pren-

[1] * deixa * Ms.

dêra tres mouros d'elles e nom quigera fazer d'elles justiça, e os soltára por peita de dinheiro que lhe derão; o que elle soffreo, e nom matou o xeque, por deixar suas cousas bem auiadas.

A carta que os dous homens leuarão derão a dom Rodrigo a quinze d'abril; com que ouverão prazer sem conto, e muyto mór foy o pezar vendo que em cinquo dias, que tinhão pera o conto dos vinte, nom podião tanto andar que chegassem a Maçuhá; mas comtudo, por se chegarem mais, logo com muyta breuidade partirão, e andarão até os vinte d'abril, e ally pousarão, que d'ally a Maçuhá auia tres dias de caminho; onde lhe derão outra carta de dom Luiz, que era partido, e assentarão em hum bom lugar, em que estiuerão muyto á sua vontade, e d'ally mandarão recado ao xeque, e lhe mandou os fardos e 'arqua; onde passarão o que adiante direy em seu lugar.

Dom Luiz fez vela de Maçuhá, e sayo do estreito e foy sorgir no porto d'Adem, onde de terra lhe nom veo recado, nem elle o mandou, e esteue até tarde sem fazer nada. Então mandou gente nos batés, que forão queimar seis naos vazias que estauão no porto, e como foy noite se fez á vela, e foy correndo a costa de Fartaque com grande temporal á popa, com que em pouqos dias dobrou o cabo de Roçalgate e foy sorgir no porto de Mascate, onde lhe contarão quanto o Gouernador tinha feito em Ormuz; de que tomou muyta paixão, e nom quiz hir a Ormuz, e ahy esteue até que o Gouernador veo d'Ormuz ahy ter com elle, a que deu conta do que passára em sua viagem, e com o Gouernador teue grande quebra sobre os males que fizera em Ormuz, a que dom Luiz lhe deu grande reprensão, com que fiquarão muy desauindos. E sendo agosto se partirão e forão ter na costa de Dio, onde o Gouernador espalhou os nauios ao longo da costa, pera aguardar as naos de Meca; mas dom Luiz tanto pelejou com o Gouernador que o fez aleuantar; e passarão por Dio de noite, e forão a Chaul, onde Simão d'Andrade lhe fez grandes festas e banquetes, que dom Luiz pouqas vezes tomaua, por assy andar agastado.

CAPITULO XII.

DE COMO O GOUERNADOR SE PARTIO PERA ORMUZ; QUE RECONTA TODO O QUE FEZ ATÉ TORNAR A GOA.

Partido de Cochym dom Luiz com sua armada pera o estreito, como já contey, fiqou o Gouernador despachando algumas cousas, e fez prestes quatro galés, e tres galeões, e tres carauellas redondas, pera hir enuernar a Ormuz, e leuou tres nauetas, e todos estes nauios e galeões forão carregados de drogas, e alguma pimenta, e arroz, açuquere, e ferro, que tudo carregarão em Baticalá, e todos se ajuntarão em Goa. E os capitães das galés forão Bastião de Noronha, filho do capitão da ilha, João Fogaça, Dinis Fernandes de Mello, dom Vasco de Lima; Francisco de Mendoça, Francisco de Sousa Tauares, Francisco de Crasto, dos galeões; Fernand' Aluares de Gá, Duarte Ferreira, João de Sousa das carauellas. E sendo prestes, partirão de Goa em feuereiro de 1523, e seguirão sua viagem, e atrauessando o golfam com força de muyto tempo, com que em pouqos dias entrarão o estreito d'Ormuz, foy ao porto de Mascate huma tarde, onde tomou agoada, e *o* xeque lhe deu grande presente de refresco; e se partio de noite, e em tres dias chegou á cidade d'Ormuz, onde lhe foy feito grande recibimento de festas, e bandeyras, e artelharia d'armada e da forteleza, onde desembarqou nos batés com os capitães e toda a gente, onde o capitão o foy receber ao mar, e feita oração na igreija se foy pousar com o capitão, e os capitães com seus amigos. Onde logo as mercadarias forão desembarcadas e repartidas polos mercadores, vendidas ao mór preço, em que se fez muyto dinheiro, de que o Gouernador era muy grande cobiçoso, apanhando quanto podia. O Gouernador com o capitão João Rodrigues de Noronha estauão ambos, de noite e de dia, em seus concertos; polo que o Gouernador nom quis meter de posse da capitania Diogo de Mello, pera mais á sua vontade fazer suas cousas; porque o Resxarafo, que estaua preso em poder do capitão, lhe tinha dado grandes peitas que nom largasse a capitania, pera milhor acabar suas cousas com o Gouernador; no que elle tomou tal acupação que lhe prometeo de o saluar de morte; o que auia de ser com elle dar ao Gouernador muyto dinheiro, porque o Gouernador faria suas cousas por

tal modo que o soltaria, e o tornaria a todas suas honras. Sobre o qual concerto o Resxarafo se apercebeo de muyto dinheiro, e perolas, e joyas de muyto preço, com que de noite, depois de todos dormirem, o Resxarafo vinha falar ao Gouernador e com o capitão; onde todos tres fizerão seus bons concertos, em que se praguejou que o concerto forão cem mil pardaos em xarafins nouos, e em conta riqas perolas, e joyas, e aljofar; o que nom foy muyto, segundo o mouro era possante em riqueza. Do que de tudo foy corretor e concertador o capitão, que estaua bem contente do Resxarafo; [1] * e tudo * foy ordenado em tal maneyra que se assentou que o Xarafo era sem culpa do aleuantamento. Com a qual finta foy solto. Do que o pouo recebeo muy grande escandolo, e praguejauão fortemente, e o Gouernador daua por ysso muy pouquo, como homem sem temor d'alma, nem de seu Rey.

Pera a soltura do mouro o Gouernador fez ajuntamento de conselho, em que tratou que nom podia assentar as cousas do Reyno d'Ormuz, como comprião ao seruiço d'ElRey nosso senhor, senão soltando o Resxarafo, e [2] * dissimulando * com suas culpas. Ao que deu suas rezões bem forjadas, e como os capitães tinhão o sentimento do mal que sabião, todos disserão que fizesse o que fosse milhor pera o seruiço d'ElRey. Com que se despedirão, cada hum falando o que queria; mas o capitão com o Gouernador sotilizarão, pera milhor parecer a soltura do mouro, que ElRey o pedisse ao Gouernador quando o fosse vêr. O que assy assentado, ordenado dia pera ysso, o Gouernador foy vêr ElRey, acompanhado dos capitães e fidalgos, que ElRey recebeo com suas honras, que estaua acompanhado de todos os seus, e deu ao Gouernador traçado, adaga, cinta, tudo d'ouro e pedraria, que valia mais de dez mil xarafins; e assy deu a todos os capitães peças de brocadilhos e citys da Persia, a cada hum segundo merecia. Onde o Gouernador falou a ElRey palauras de grandes seguridades e firmezas d'amizades, com que ElRey se mostrou muyto contente, e lhe muyto afincadamente pedio a soltura de Resxarafo; ao que o Gouernador fez muytos encarecimentos; a que ElRey disse que nom tinha outrem que soubesse as cousas de seu Reyno, nem as podia assentar em bom concerto senão elle; que portanto lhe muyto rogaua que o soltasse, e que elle de sua fazenda pagaria toda' per-

[1] * e que tudo * Ms. [2] * dissimular * Id.

da que era feita. O que o triste reyzinho tudo falou polo ensino que lhe o capitão tinha ensinado; com que o Gouernador lhe deu o prazme de o soltar. Com que se despedirão. Com que o Gouernador assy veo falando, dizendo que nom podia al fazer senão soltar Resxarafo, tendo feita tamanha traição. Lopo d'Azeuedo, com que o Gouernador falaua, lhe respondeo: «Senhor, a traição fez quem a ElRey menino ensinou que» «o pedisse, e o deixou estar viuo huma só hora como elle foy preso.» E cada hum foy falando, sem nada aproueitar. E logo o mouro foy solto, e sayo muyto fonfarrão, e logo acompanhado dos seus; o qual sendo visto do pouo, todos falarão grandes brasfemias contra o Gouernador, que por peita fizera tamanho erro: do que ao Gouernador punhão nas portas da forteleza e paredes escritos de vergonhosas palauras, e contra o capitão, que sabião que era o corretor de tudo. Em que * em * hum escrito lhe disserão: «Tyrano cobiçoso, toma a peita, e mata o mouro com dis-» «simulação, e nom vendas as vidas dos portugueses viuos, pois te nom» «doe o sangue dos mortos, de que darás muyta conta a Deos e a El-» «Rey.» D'estes lhe puserão tantos escritos, que o Gouernador esteue demouido a tornar a prender o mouro; mas elle largou tanto da mão que tudo abafou.

O mouro gozil Resxemesim era o que mais sempre cramou, o qual vendo o Resxarafo solto, que sabia que lhe auia de buscar a morte, se foy ao Gouernador, e ante elle tirou o treçado e cofo, e todas as armas que trazia, e as pôs no chão, e lhe dizendo: «Senhor, eu hey de ser» «morto, pois Resxarafo he solto, e mereço que me mate, porque eu fuy» «tão paruo que nom entendi que o seu dinheiro o auia de saluar de» «matar tantos portugueses. E pois, senhor, hes seu amigo, logo farás» «mal a seus imigos; e porque eu som o mór imigo que elle tem, bem» «vejo que sua soltura he pera minha morte.» O Gouernador, afrontado, por acalantar o mouro se mostrou muy menencorio, * e * lhe disse: «Mouro, nom fales, que tu tambem ajudaste a matar os portugueses no» «aleuantamento»; e que se a todos ouvesse de castigar mataria quantos ElRey tinha; o que nom podia fazer polo perdão que era dado a ElRey; e que por tanto nom falasse mais, e fossem todos amigos; e se a elle nom castigaua polo que falára era polo seruiço que tinha feito, polo que sempre lhe faria muytas mercês, com que viuesse honrado e seguro de ninguem lhe fazer mal; com que * o * despedio.

Então o Gouernador entendeo no concerto das pazes, em que o Resxarafo andaua muy diligente negoceador; do que auia pouqua necessidade, sómente erão modos pera se acalantar o pouo, que muyto mais ardia em praguejar. Com que foy concordado o concerto da paz, que ElRey pagasse ás partes as perdas que tinhão recebidas, que seria a somma do tudo, e o pagaria em tres annos. E pola desobediencia do aleuantamento pagasse as pareas em dobro; e que n'alfandega estiuesse escriuão por ElRey de Portugal, que escreuesse todo o rendimento d'ella, que receberia o recebedor d'ElRey. E que querendo ElRey de Portugal tomar a alfandega, que logo lha entregaria, e então ficasse em sua mão e liberdade tornarse pera Queixome, onde estaua, ou pera onde quigesse; e outras sustancias tão fóra de rezão, que sendo ditas a ElRey e seus conselheiros, disse que com taes condições nom queria ter nome de Rey com taes obrigações, e logo se queria tornar pera Queixome; e nom quis mais entender em nada.

Sobre o que o Gouernador tomou conselhos, onde ouve deferenças e debates, em que [1] * nom se assentou em nada *; com que o Xarafo foy tirando d'ElRey pera o Gouernador, e sacretario, e os da priuança do Gouernador, com que tudo se tornou a desfazer, sómente fiqou ElRey obrigado a pagar as perdas, como estaua assentado, e que tiuesse 'alfandega liure, e que pagasse de pareas cad'anno sessenta mil xarafins, e que pera ajuda de as pagar lhe pagassem direitos as fazendas dos portugueses que fossem a Ormuz, assy como pagauão os mouros; porque as fazendas dos portugueses estauão franqueadas pola postura d'Afonso d'Alboquerque. Assy que das costas dos portugueses auia de sayr o roubo que outrem fizera. Do que ElRey foy muyto contente, porque lhe auião de render muyto mais as fazendas dos portugueses; em modo que o que se acrecentou nas pareas saya dos trabalhos dos portugueses. O que tudo assy foy assentado, de que ouve muyto mais praguejar, e recramações; o que nada temia dom Duarte, atreuendose a tudo limar com ElRey, polos muytos poderes que seu pay tinha no Reyno e na casa d'ElRey, com muytos de sua valia que o ajudarião; polo que nenhum medo tinha d'ElRey lhe cortar a cabeça, como foy, e adiante o contarey em seu lugar.

[1] * nom assy assento de nada * Autogr.

Dos quaes concertos forão passadas cartas patentes, assinadas e asselladas como compria; e todo assy concertado, o Gouernador foy vêr ElRey, a que muyto confirmou as pazes, que lhe deu huma espada riqua d'ouro esmaltada, e hum jaez de cauallo muy riquo, e ElRey lhe deu outras riqas peças, e com grandes amizades se despedio. Então metteo de posse da capitania da forteleza a Diogo de Mello; mas o Gouernador tudo entendia e fazia com João Rodrigues de Noronha, que era o sacretario de todos seus secretos, e foy corretor das peitas, com que tambem ouve bom quinhão, com que depois no Reyno se acolheo pera Castella, porque o accusauão.

O mouro Resxemesim nom podia ter paciencia vendo assy andar o Resxarafo, e em pubrico dizia que como o Gouernador consentia andar, como andaua, o trédor de Resxarafo, que matára seu Rey e senhor, e fizera tantas trayções e tão grandes males! E pois os portugueses nom erão homens pera o matar por tantos portugueses que matára, elle o mataria, por vingança de todos e da morte de seu Rey; e lhe nom auia d'escapar, porque ElRey de Portugal folgaria que fosse morto quando soubesse a rezão porque o nom matarão; porque a tamanho trédor nom lhe ouuera de valer nenhum dinheiro.

E estando hum dia falando com o capitão João Rodrigues de Noronha perante Diogo de Mello, lhe dixe: « Capitão, bem sabes que Res- » « xarafo fez o aleuantamento, em que matou tantos portugueses e rou- » « bou tantas fazendas, e matou ElRey, e fez este de sua mão, que ora » « condenou que pagasse os roubos que elle fez; e por se tomar vingan- » « ça do Resxarafo eu me offereci ao matar, e a seu irmão Resxabadim » « que eu matey; e este trédor, com medo de mym, fogio e se veo es- » « conder n'esta cidade, pera d'aquy se saluar. Do que te mandey aui- » « so secreto, como o foste prender na casa em que estaua, e o mettes- » « te em tua camara com ferros, e tanto fizeste que o soltaste e fizeste » « regedor do Reyno, como ora está, o que toda a gente sabe o porquê. » « E comtudo te affirmo que o hey de matar ou sobre ysso hey de mor- » « rer, sómente porque matou nosso Rey. » E porque estauão muytos [1] * presentes, o João * Rodrigues, com muyta dessimulação, com brandas palauras lhe respondeo, dizendo, que elle era tão honrado e bom caual-

[1] * presentes e o Joam * Ms.

leiro que sempre no Reyno d'Ormuz auia de ser o milhor de todos; e portanto nom tiuesse paixão com Resxarafo, que bem abastaua lhe ter morto seu irmão Xabadim; que deuia de ser amigo com Resxarafo. Do que o mouro ouve grande paixão, e se sayo da casa muy iróso, jurando que auia de comprir sua palaura, porque nom tinha necessidade de dinheiro de Resxarafo, e antes queria a honra do que a vida.

O Resxarafo, sabendo ysto que *o* mouro dixera, lhe ouve grande medo. Sobre o que falou com João Rodrigues de Noronha, e peitou que elle fizesse ao Gouernador accusação de Resxemesim, e lhe mostrasse a deuassa que elle tirára dos portugueses que mandára matar no bazar, que o fizera com tenção de fazer outro aleuantamento, pera o que tinha gente prestes. O que tanto concertou com João Rodrigues, e com Diogo de Mello, que entraua na capitania cobiçoso de dinheiro, que concertarão com Resxarafo que o farião deitar fóra d'Ormuz, quando o Gouernador n'ysso nom quigesse entender nada. Mas elles o falarão ao Gouernador, que como estaua endinado contra o mouro polo que praguejaua, temendo que o escreueria a Portugal, mandou a João Rodrigues que [1] *acrecentasse* grandes processos, e cartas falsas, e outras cousas contra o mouro, de grandes males; o que o Gouernador em secreto mostrou aos capitães, que nom sabião nada da verdade e falsidade que se ordenaua. O que elles vendo, que ante todos tudo foy lido, e vendo o que as testimunhas dizião [2] *do* gozil Xabadim mandar matar os portugueses no bazar, todos disserão ao Gouernador que merecia que o mandasse matar degolado, feito em quartos ao pé da picota. Lopo d'Azeuedo era homem isento, e tinha muyto entendido d'estes males d'Ormuz, e dixe: «Façase a este de sobejo o que faltou ao outro. Este matou tres, e Xa-» «rafo matou cento *e* tres.» E se sayo.

O Gouernador ficou agastado, mas dessimulou, dizendo: «Todo-» «los homens velhos são agastados; mas matar este mouro per justiça» «nem *em* pubrico *nom conuem*, porque he muy aparentado e» «tem muyta gente»; e temia que o prendendo e querendo justiçar se aleuantára algum aluoroço e aleuantamento que se causasse algum mal; mas que elle o mandaria matar secretamente, que nom fosse sentido d'onde lhe viera a morte. O que assy pareceo bem a todos, a que o Gouer-

[1] *acrecentou* Ms. [2] *o* Id.

nador auisou que tiuessem segredo. E o Gouernador teue grandes dessimulações com o mouro, fazendolhe muytas honras e fauores, dandolhe a entender que com morte dessimulada auia de mandar matar Resxarafo; dando em secreto muytas rezões porque o nom mandaua matar em pubrico. Com o que o mouro ficou crente no que lhe dizia o Gouernador, polas boas rezões que lhe deu. E todauia, per quem quer * que * foy, ao mouro gozil lhe foy dado algum auiso do que fôra tratado no conselho sobre sua morte, que algum lho descobrio por esperar que o mouro por ysso daria alguma cousa, e ysto se lh'entolhou ao mouro gozil, e por ysso o nom creo, e lhe pareceo que lho dizião por lhe leuarem alguma cousa: com que o mouro nom tomou nenhuma sospeita. E o Gouernador, que tambem sospeitou que alguem podia dar auiso ao mouro, o trazia tão [1] * lisonjado *, e fauorecido com enganos, que o mouro andaua descançado, e de noite e de dia hia estar na forteleza com o Gouernador e com o capitão, a que todauia lhe toqou n'ysso alguma cousa; mas o capitão lhe disse: «Cousa que te dixer português nom o creas; por-» «que to nom dirá senão porque lhe dês alguma cousa.» O que o mouro assy o creo verdadeiramente, com que fiqou mais descansado seu coração, maginando que erão modos que buscaua Resxarafo pera lhe metter medo, pera que fogisse ou fizesse algum desmando com que se deitasse a perder, pera elle ficar em todo poderoso no Reyno. O que muyto assentou o gozil em seu coração que assy era, polos muytos fauores que lhe o Gouernador fazia; porque o capitão deu auiso ao Gouernador do que o mouro lhe tocára, polo que o Gouernador trazia com o mouro suas falsas dessimulações, por lhe dar a morte que lhe deu, que o Gouernador muyto desejaua.

Assy temporizando se foy gastando o tempo, e o Gouernador prouendo outras cousas, de que tomaua os conselhos do gozil, polo mais segurar. E o Gouernador, maginando suas cousas, ouve que nom tinha feito nada, pois que deixaua * a * ElRey 'alfandega, que era contraste pera ElRey de Portugal ter contra elle grande aução; e quis tornar 'arrepiar esta carreira, e o pôs em pratica com os capitães, que todos forão contra ysso, que nom era bem que nada bolisse, pois tudo estaua assentado e per todos assinado. Com que o Gouernador cessou da cousa, e mandou con-

[1] * legungado * Autogr.

certar os nauios, e se fez prestes, que era já em julho d'este anno de 1523.

E sendo todos prestes, o Gouernador se embarqou em huma galé em que auia de hir até Mascate, e estando assy embarcado daua despacho ás partes que se hião despedir d'elle; a que ElRey, per Resxarafo mandou muytas cousas de comer; o que outro tanto fez o gozil Resxemesim, que tambem lhe leuou grão presente, com o qual o Gouernador se pôs em praticas vãs sobre as cousas d'Ormuz, com que deteue o mouro até noite. E querendose o mouro despedir, disse que tinha que falar com elle huma cousa que muyto compria; que ficasse o seu barquo, que elle o mandaria tornar no bargantym. O que assy foy feito, e o Gouernador se fez á vela com muyto vento, com que mandou dar fundo ao triste gozil com huma camara de falcão ao pescoço, que per ninguem foy sentido, porque o Gouernador hia em huma varanda que a galé tinha per fóra do tendal.

Os criados do mouro, que tornarão a terra, agardarão por elle, e vendo que o bargantym o nom trouxera cuidarão que o Gouernador o leuaria até Mascate, e alguns portugueses cuidarão que o Gouernador o deixaria por gozil de Mascate, polo tirar d'Ormuz. Outros dizião que o Gouernador o leuaria pera o mandar ao Reyno. Hum parente do mouro, por se tirar de sospeita, e porque suas molheres lho pedirão, se meteo em hum terranquim, que são barquinhos que muyto correm á vela e remo, e se foy a Mascate, e antes de chegar ao porto sayo em terra, e em trajos desconhecidos, elle só, foy a Mascate, em que estaua o Gouernador e toda' armada, que chegára ao outro dia d'antes; e andou buscando o mouro, e teue modo como o mandou perguntar aos mouros da galé, de que nom pôde saber nada, e assy andou até que o Gouernador se partio pera' India; com que se tornou a Ormuz, e o nom achando todos seus criados e molheres fizerão grandes prantos, e com gritos hião bradar e dizer suas brasfemias á porta da forteleza, que fazião espanto ao pouo; e alguns que nom cuidauão mal tomarão sospeita que o mouro ficaua na cidade escondido per mandado do Gouernador pera que matasse o Resxarafo. O que de dia em dia foy esquecendo, nom parecendo a ninguem que o mouro fosse morto. Mas sua ventura foy má, assy como foy d'outros muytos, que per estas lendas se acharão, que se perderão e mal acabarão por bons seruiços que fizerão a ElRey: de

que Deos será verdadeiro juiz, porque os males ante elle nom se escondem.

Partiose o Gouernador de Mascate muyto desauindo com seu irmão dom Luiz, que em Mascate tinha sabido algum pouqo dos males d'Ormuz, sobre o que teue com o Gouernador grandes paixões, até lhe dizer que se nom fôra seu irmão, e por nom dar tamanho nojo a seu pay, que d'ally de Mascate se fôra pera o Reyno. E assy desauindos forão caminho da India.

E por nom tornar depois atrás com ysto, que nom deue ficar em esquecido, digo que ficando Diogo de Mello por capitão d'Ormuz, homem de mao zelo e danada conciencia, que já ficaua bem encaminhado nas tyranias d'Ormuz, se fez n'ellas muy perfeito pera muyto milhor o fazer. Logo com muyto cuidado meteo mão na obra; logo apertou ElRey que pagasse as fazendas dos mortos, que ficára obrigado pagar; e postoque ElRey mostraua o concerto que em tres annos o auia de pagar, nom teue conta com ysso, e o apertou fortemente que logo tudo pagasse, e fez hum liuro em que assentou as fazendas de cada hum, que tirou per testimunhas como quis, em que fez soma de passante de setenta mil xarafins, que apertou que logo pagasse, metendo n'esta cousa o Resxarafo, o qual se quis * pôr * por parte d'ElRey por se encobrir de seus males, e sobre ysso debatia com o capitão, que como era homem indinado lhe dixe: « Xarafo, ysto nom são cem mil xarafins que déste ao Gouer- »
« nador, com que te saluaste do que merecias. E se ElRey nom he bem »
« que pague este dinheiro, eu tambem assy o digo, que elle o nom pa- »
« gue, senão tu, que o roubaste. » Com o que o mouro ficou tão assombrado que se foy com muyto medo. Então o capitão falou com Inacio de Bulhões, que ficaua por feitor, que elle em segredo, como de sy, falasse com o Xarafo, que lhe désse alguma peita porque nom pedisse este dinheiro. O que assy foy feito, que o Xarafo com ElRey concertarão, e derão ao capitão tal peita, que elle fiqou de o nom pedir em quanto fosse capitão.

Então ordenou outro nouo roubo, e se falou com hum seu ouvidor, chamado Antonio Mendes Murzello, que fez com o Gouernador que lhe désse o cargo d'ouvidor, e ambos ordenarão que alguns homens que auia, que tinhão parte nas perdas que ElRey auia de pagar, que lhe fizessem petições e pedissem seus pagamentos, porque a espera que era dada a

ElRey era sómente das fazendas dos mortos; os quaes em suas petições metessem mais algumas contias, segundo cada hum tinha fama da fazenda que tinha, que com pouqa proua condenaria que ElRey lhe pagasse, e daria sentença; que arrecadando d'ElRey, lhe ficarião pera elle as somas que mais metessem nas petições. O que se pôs por obra, muy largamente consultado antre o capitão e o ouvidor, e feitor, que n'esta cousa foy o principal, que se quis mostrar muyto seruidor d'ElRey, dizendo ao Resxarafo que o capitão nom podia al fazer senão mandar a ElRey que pagasse o que se deuia aos homens viuos, a que se roubarão suas fazendas; offerecendose que elle pagaria per ElRey ás partes, e que depois ElRey, quando tiuesse, pouqo e pouqo lhe hiria pagando nos direitos das fazendas dos portugueses que fossem 'alfandega. O que lhe muyto agardeceo ElRey e o Resxarafo, que foy muyto contente. E com esta boa ordem ElRey era condenado per sentença, que ElRey mandaua ao feitor que por elle pagasse, o qual o fazia, e daua em pagamento [1] * ás partes arroz *, e açuquere, e mercadarias com mestura d'algum dinheiro, e ysto com tantos trabalhos que as partes lhe largauão sempre bom quinhão, afóra as cousas que lhe daua serem em tresdobro do que valião na terra; que os homens tomauão forçadamente, que mais nom podião fazer, e o bom feitor tudo arrecadaua d'ElRey em xarafins. No qual trato o capitão, e feitor, e ouvidor, vendião suas podres fazendas, que pera ysso comprauão; com o qual trato fizerão grande roubo a ElRey, que mais pagaua do que deuia, e ás partes lhe roubauão ametade do que lhe deuião; o que bem entendião, mas nom tinhão apellação nem agrauo senão pera Deos.

De tantos males usou este Diogo de Mello, que se prouqu mandar matar certos judeus mercadores, a que pedio emprestimos de dinheiro, que lhe emprestarão, e porque lho pedião os mandou matar. E se prouou que forçadamente tomaua as molheres, e filhas fremosas, aos mercadores naturaes e estrangeiros, e lhe daua per ellas o que queria, se o elles querião tomar, e as fazia christãs, e as tinha até que se enfandaua d'ellas, e então as tornaua a dar a seus donos e tornaua a tomar seu dinheiro. E d'estas, e d'outras piores cousas, forão tantas [2] * queixas *, que a ElRey lhe pareceo impossiuel, e mandou hir da India testimunhas que lho

[1] * ás partes em arroz * Autogr. [2] * cousas * Id.

disserão; polo que na Relação foy condenado que morresse degolado, a qual sentença ElRey moderou, e mandou que [1] * fosse * estar em Africa com tantos de cauallo á sua custa. O que depois se emendou, e pagou algum dinheiro pera a arqua da piadade, e assy fiqou toda' justiça em vão, como são todolos outros males da India.

O grande mal dos males, o mayor sobre todos, * he * quando ao pouo falta a justiça; [2] * porque os * capitães das fortelezas da India, que são cabeças do pouo, poderosos dos poderes que lhe ElRey dá, e elles tomão outros [3] * mayores, usão * de graues males, que tudo a ElRey he muy notorio os roubos, enjurias, mortes, forças, adulterios com as casadas, viuvas, virgens, orfãs, amancebados pubricos, usando todolos males sem temor de Deos nem de Rey, a christãos, mouros, gentios, naturaes e estrangeiros. E sendo elles taes, o são os ouvidores, juizes, meirinhos, e officiaes da fazenda; o que tudo assy nom seria, antes tudo collocado em grandes bens, se a hum Gouernador da India ElRey mandasse cortar a cabeça no caez de Goa, com pregão que ElRey o mandaua degolar porque nom guardára sua obrigação como era obrigado; porque quando hum só assy fosse justiçado sendo Gouernador, os capitães das fortelezas auerião temor, e com auerem medo nom farião males, com que os outros debaixo de seu mando logo serião bons. Mas dizem que ElRey nosso senhor he tão cheo de misericordia que per roubos, nem males que lhe fação, tudo perdoa e quita, e assy passa com os males de seu pouo. O que assy parece verdade; porque de nenhum Rey nem Principe do mundo fóra a India, que per tantos males nom tiuera cortado muytas cabeças, e em Portugal até hoje se nom cortou nenhuma per nenhum mal que se fizesse na India, auendo em Portugal tantas boas leys, que per huma manta d'Alemtejo enforcão hum homem. Tanto os males da India vão em crecimento que nom sey o em que acabarão, nem sey que conta se a Deos dará do roubo do pouo; postoque os roubadores paguem pera as guerras d'Africa, e obras pias, porque certo está que os que n'este mundo se liurão por taes modos o pagarão no outro.

E tornando á estoria, hindo o Gouernador de Mascate pera a costa de Dio, Bastião de Noronha, por a sua galé ser veleira, hia sempre muyto diante de toda 'armada; o qual aconselhado de seus soldados, homem

[1] * foy * Autogr. [2] * porque como os * Id. [3] * mayores com que usão * Id.

sem primor d'honra, fizerão com elle que huma noite se apartou d'armada, e se deixou ficar detrás, e andou pairando o mar, agardando alguma nao de Meca; o qual ouve vista de huma nao muy poderosa, sobre a qual arribou, que logo se rendeo como a galé lhe tirou hum tiro, e a nao amainou e a galé assy tomou a vela, e com os remos queria chegar 'abalroar a nao pera elle entrar dentro. Ao que lhe forão á mão alguns homens antigos na India, dizendo que nom chegasse a galé á nao, que era muyto alta e tinha muyta gente, que podia auer algum desastre, porque chegando a galé os mouros de cyma lhe deitarião fogo, ou tantas pedras e remessos que a todos matassem; mas mandasse a barquinha a roubar a nao. Do que outros fizerão zombaria, cobiçando de entrar todos, porque a nao já estaua rendida, dizendo que os mouros nom auião de ousar de bolir comsigo. Os outros disserão que nom fizessem tal, porque os mouros, vendo geito, auião de trabalhar por saluação; mas que fosse a barquinha trazer todos os mouros da nao, e metesse na galé ou lhe désse fundo, e despejada a nao dos mouros, estando afastada, a mandasse roubar a nao como quigesse. O que nom querendo ouvir, mandou chegar a galé á proa da nao, d'onde lhe derão hum cabo com que fiqou amarrada de longo da nao; o que os mouros vendo logo determinarão sua saluação, e estando a galé ao sopé da nao, dando balanços com que ás vezes o masto da galé chegaua perto do bordo da nao, os mouros lhe deitarão o seyo de hum cabo forte, com que acodirão muytos, e atraquarão o masto da galé a bordo da nao, ficando a galé reuirada pera a nao; de que os mouros ficando senhores lhe deitarão tantas pedras, zagunchos, frechas, mórmente da proa da nao, defendendo que os nossos nom cortassem o cabo, com que tal peleja fizerão que todolos portugueses fizerão fogir e recolher debaixo do tendal da galé. Ao que milhor ajudauão os mouros remeiros da galé, que recolhião as pedras com que tirauão aos do tendal. Com que os mouros da nao decerão á galé com traçados e cofos, nom auendo quem lhe registisse, porque já erão mortos alguns homens que forão á proa a cortar o cabo que estaua dado na nao; o que lhe nom aproueitou, porque a galé fiqou prêsa polo masto, onde os mouros assy entrados cometerão os portugueses que estauão no tendal, que se defendião ás lançadas. Mas os presos da galé, que se soltarão das prisões, com pedradas lhe fizerão tanto mal que os fizerão saltar ao mar, onde os matarão a todos, sem nenhum ficar viuo.

O que assy acabado atarão a galé por popa da nao, * e * com pouqa vela a leuarão pera Dio, e hindo seu caminho veo dar com ella Francisco de Noronha, irmão do morto, que conhecendo que a galé que hia assy tomada nom quis pelejar com a nao, porque hia auolumado com muyto fato que roubára d'outra nao que tomára; que elle tambem se deixára ficar no mar pera andar ás prêsas que tomou. E postoque elle quisera pelejar com a nao, os que [1] * leuauão * muyto roubo da prêsa lho estoruarão, dizendo que todos os da galé erão mortos, que já lhe nom podia valer, mas que se fossem diante a Dabul, onde venderião o que leuauão, e depois se desculparia ao Gouernador, que se perdêra de sua companhia; e que nom falasse ninguem que toparão a nao e a galé. E porque ysto era proueito de todos assy o fizerão, que forão estar em Dabul fazendo seu proueito, d'onde sayo hindo o Gouernador pera Goa, e lhe deu rezão de como se perdêra de sua companhia. E todauia depois d'estar em Goa se soube todo o feito da galé, e o Gouernador prendeo este huns dias, e o soltou sem mais castigo, cramandolho muytos fidalgos que o castigasse, pois fizera tamanho erro e judaria, que com huma galé nom se atreueo a pelejar com huma nao de mouros, que leuaua catiua huma galé d'ElRey; cousa tão vergonhosa, que ficaua em tamanho descredito dos portugueses. Mas o Gouernador nom deu por ysso nada, como fazia das outras cousas.

Esta nao com sua boa prêsa foy a Dio, e nom topou nenhum nauio nosso, porque o Gouernador chegando á costa de Dio espalhou 'armada pera agardar polas naos de prêsa, o que acrecentou mais a paixão a dom Luiz, e mandou per hum nauio dizer a seu irmão que nunqua nenhum Gouernador da India andára ás prêsas, como elle queria fazer; que por tanto elle o nom deuia fazer, e por elle d'ysso ter muyta vergonha nom auia d'estar com elle, e se hia esperalo a Chaul. O qual recado dado ao Gouernador se tornou a fazer á vela, e foy a Chaul, onde Simão d'Andrade lhe fez grandes festas de recebimento, com jantares em pomares, e banquetes, de que muyto gostaua o Gouernador; ao que nom hia dom Luiz, porque andaua com seu muyto agastamento, e comia apartado com sua gente em sua pousada, nom querendo nada dos seruiços que lhe fazia Simão d'Andrade. Onde assy estiuerão até que lhe

[1] * leuam * Ms.

vierão nouas das naos do Reyno que erão chegadas a Goa, pera onde logo se partio.

A nao com a galé chegada a Dio, Meliquiaz recebeo o capitão da nao com muytas honras, e logo desembarqou toda' artelharia da galé, que erão cinqo peças grossas, e seis falcões, e doze berços, tudo de metal, a qual artelharia toda mandou encarretar muyto bem, e a mandou a ElRey, que estaua em Baroche, com muytas lanças, e coiraças, e capaceles, e adargas, e outras armas que se tomarão na galé; e mandou varar a galé com muytas festas. Do que ElRey ouve muyto prazer, e franqueou a nao dos direitos de quanto trazia, e ao capitão fez mercê de riqua cabaya.

N'esta galé foy catiua huma molher portuguesa, e muytos escrauos dos portugueses, que todos forão leuados a ElRey; a qual molher falaua castelhano, que se chamaua a Marqueza, molher de bom parecer, a qual esteue catiua muyto tempo, sem nunqua se querer tornar moura, postoque com alguns esteue amancebada; e depois foy casada com hum homem chamado Esteuão Dias Brigas, o qual fôra ter a Dio em huma nao de França, de que era mestre, e piloto, e capitão, como já tenho contado; e morreo este seu marido, e ella andou amancebada com hum João de Santiago, que lá em Cambaya era lingoa, que pera lá fogira, e andaua arrenegado, que foy morto em Dio, quando Nuno da Cunha matou o soltão Badur. Nos concertos de paz que fez [1] *Ollurcão* foy esta molher solta com outros catiuos que lá estauão da nao de Martim de Freitas, que matarão em Damão; e esta molher depois esteue casada em Goa com hum piloto que se chamou João Farinha, que com ella se foy pera Portugal.

[1] *o Lurcão* escreve *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. I, Cap. XXXVIII; e *Cast. Hist. da Ind.* Liv. VIII, Cap. CLXIX, lhe chama Alucão.

CAPITULO XIII.

QUE RECONTA DE MUYTAS COUSAS QUE SOCCEDERÃO SENDO O GOUERNADOR EM ORMUZ, ASSY EM GOA COMO EM OUTRAS PARTES PER FÓRA DA INDIA.

As naos de dom Pedro de Crasto, e de Diogo de Mello, que o anno passado ficarão em Moçambique, da companhia de dom Pedro de Castello Branco, que sómente passou a India, como já disse, por nom estarem ociosos se partirão de Moçambique [1] * pera * hirem ao cabo de Guardafuy andar ás prêsas; e partidos, que hião ao longo da costa, toparão com hum barqo em que hião messigeiros do Rey de Zanzibar e de Pemba, que hião com cartas a Moçambique pedir ao [2] * Caldaymor * ajuda, que pois erão vassallos d'ElRey de Portugal os ajudasse [3] * contra * as ilhas de Queryma [4], que se lhe rebellarão com fauor que lhe daua o Rey de Bombaça. O que ouvido polos capitães pareceo bem que por seruiço d'ElRey, e seu credito, fossem fazer esta ajuda. Ao que muyto ajudou Christouão de Sousa, que fòra da India, e vinha por passageiro com dom Pedro pera capitão de Chaul; mas Diogo de Mello nom quis, e se foy seu caminho, e hindo pera Çacotorá achou hum zambuco com cartas, que hia de Chaul, que lhe deu noua que o Gouernador estaua em Goa fazendose prestes pera partir pera Ormuz. Polo que Diogo de Mello fez caminho pera Ormuz, e nom lhe seruindo o tempo foy descayndo pera o golfam, em que se ouvera de perder á sede com calmarias, com que as agoas o leuarão pera Cambaya, e acodindolhe hum tempo forte dous dias, se achou na costa de Damão, que o piloto reconheceo a terra, e correo a costa, e foy ter em Chaul, onde achou o Gouernador que partia pera Dio. De que o Gouernador ouve muyto pesar, vendo que Diogo de Mello auia de ser capitão d'Ormuz, em que elle tinha metido o João Rodrigues de Noronha, seu sobrinho, com que muyto esperaua ajudar em seus proueitos que lhe tinha escritos; mas o Gouernador nom pôde al fazer, polo que mandou que a nao se fosse a Cochym, e a elle que se fosse n'armada, como foy, e * o * meteo de posse da capitania da forteleza, depois que fez todo o que lhe

[1] * e * Ms. [2] * alcaide mór * ? [3] * com * Ms. [4] Querimba escrevem *Castanheda e Barros.*

comprio com João Rodrigues, porque nom sendo capitão nom podia ordenar as cousas que se fizerão, como já atrás fica contado.

Dom Pedro de Crasto se foy com os messigeiros, que o encaminharão ás ilhas de Queryma, que estauão aleuantadas; e forão ter na principal, em que estaua em guarda d'ella hum sobrinho d'ElRey de Bombaça, onde tinha muyta gente de gornição, onde dom Pedro sayo no batel, e mandou Christouão de Sousa sayr no esquife com toda' gente, que serião casy duzentos homens bem armados; o que vendo o mouro se concertou a pelejar, e mandou despejar de huma grande pouoação em que estaua todas as molheres e familia, e sómente fiqou com a gente de peleja. E os nossos em dous esquadrões cometerão o lugar; mas o mouro acodia á parte de Christouão de Sousa, porque primeyro chegou; com que a peleja foy grande, porque os mouros erão muytos e bem armados, mas porque muytos acodirão a dom Pedro, que entraua por outra parte, nom teue Christouão de Sousa tanto trabalho. Mas dom Pedro pelejando com sua gente com os mouros, que nom tinhão capitão, os leuou de vencida, que elles se forão colhendo pera seu capitão, a que dom Pedro deu nas costas, com que logo os mouros forão em desbarato, porque virão matar o seu capitão, que o matou de huma lançada Antonio Galuão, filho de Duarte Galuão que morreo em Camarão; mas os mouros, vingando sua morte, acodirão tantos que ferião o Antonio Galuão, que das feridas depois morreo [1], e o lugar foy enxorado, em que acharão bom despojo que recolherão, e nom quiserão queimar o lugar porque os messigeiros lho pedirão, que era d'ElRey de Zanzibar. Aquy foy ferido Christouão de Sousa, e o alferez de seu guião, Gaspar Pinto, seu criado, Nuno Freire, Luiz Machado, e outros. Com que, por ser tarde, se recolherão a huma grande mesquita, onde ao outro dia vierão messigeiros das outras ilhas dar a obediencia, com medo que lhe nom fossem fazer outro tanto mal. O que todo concertarão os messigeiros; com que todas as ilhas ficarão na obediencia dos Reys de Pemba e Zanzibar. Com que dom Pedro se recolheo, e mandou repairar os feridos, e se partio pera Melinde, que lhe dizião que lá podia milhor estar. E hindo pera lá, por

[1] E' engano. Antonio Galvão não morreu aqui, mas n'um hospital de Lisboa. Quem veio a morrer das feridas foi Christovão de Castro, filho de Filippe de Castro. *Castanh. Hist. da India* Liv. VI, Cap. XLIII, *Barros Dec. III*, Liv. VII, Cap. VII.

ser já fóra de tempo achou os ventos fortes por cyma da terra, que ysto era já em abril, com que cometeo atrauessar á India contra vontade do piloto e mestre, porque hião em muyto risco, porque podião hir tomar em parte em que nom achassem colheita, porque chegarião * em * mayo, que era já boca d'inuerno; mas Christouão de Sousa, porque sabia cartear, aprofiou muyto, em modo que os fez atrauessar, e forão tomar na barra de Goa, onde sorgirão em doze de mayo. O que sabido por Francisco Pereira, capitão, mandou dar muyta pressa a descarregar a nao, pera que fosse mettida no rio de Goa velha, que auia pilotos que a lá querião meter: polo que dom Pedro nom sayo, dando pressa a descarregar. Onde assy estando sobreueo hum temporal do sul, tão forte que a nao abrio tanta agoa que a nom podião vencer, ao que dom Pedro tirou muytos tiros que lhe acodissem, ao que Francisco Pereira acodio ao caez, e em dous batés fez embarquar muytos homens ás pancadas, porque era elle forte de condição e descortez aos homens; e acertando de achar no caez hum João de Mello, mulato, homem honrado caualleiro, lhe dixe que se embarcasse. Elle com boa cortezia lhe dixe: « Senhor, manday embar- « car marinheiros que a nao ha mester, e sabem o que hão de traba- » « lhar, e não os homens que o nom entendem; que eu nom sey mais » « que pelejar com huma lança e adarga, e a ysto me aueys de mandar, » « porque he meu officio, e nom a ysso que me mandaes. » O Francisco Pereira estaua a cauallo, e lhe disse, zombando d'elle: « Ora nom se- » « jaes tão reytoryco, e logo vos hy embarqar e fazey o que vos man- » « do. » E remetteo com o cauallo, aleuantando huma cana, que trazia na mão, pera lhe dar com ella. O João de Mello se arredou pera fóra, e lhe dixe: « Senhor capitão, eu me embarcarey. » E se foy ao batel, dizendo: « Olhai, senhor capitão, que me embarco n'este batel mais enju- » « riado que quantos espancastes. » Do que Francisco Pereira nom fez conta; mas este João de Mello depois em Cochym lhe tirou com huma espingarda, e o errou, como adiante direy.

A nao foy abrindo tanta agoa, porque era nao velha, e com a grande tempestade o mar era tão grande, que ninguem póde sayr pola barra, postoque n'ysso muyto trabalharão. Com que então, vendo dom Pedro que a nao nom tinha saluação, que lho bradauão todos os marinheiros, mandou largar as amarras polos escouens, e mandou dar o traquete, porque a nao varasse muyto em sequo, porque a maré era chea, que

como a nao toqou, com os grandes mares se fez em pedaços, em que inda alguns homens morrerão. E dom Pedro esteue ally até que vazou a maré; com que se tirou muyta fazenda e outro fato que sayo fóra, e passando tres dias que durou a tromenta se tirou da nao toda' artelharia, e muyto cobre, e caixas de coral, e se aproueitou os mastos e tudo, que sómente o casco da nao se perdeo.

EM GOA.

Sendo inuerno çarrado, e o Hidalcão sabendo que em Goa estaua pouqa gente, porque todos fogião d'ella pola fortidão do capitão, e que todos estauão mal com elle, mandou hum seu capitão com setecentos de cauallo e cinquo mil de pé, com muytos frecheiros, que fossem tomar as tanadarias que os nossos tinhão; a qual gente chegando ás terras as gentes das terras folgarão, per caso dos males que lhe os nossos fazião, e nada regestião, mas logo pagauão as rendas ao capitão; com que entrou senhoreando as terras, e deu em huma tanadaria nas terras de Bardês, e foy dar na tanadaria em que estaua hum André Pinto com oito portugueses, e o tanadar muyto ferido se acolheo ao pagode de Bendorá, onde estaua Fernão Eannes de Soutomayor, que era tanadar mór, em que estaua com estancias, e o pagode tinha cerqua grande de pedra forte em que estauão cento cinqoenta homens portugueses, em que erão trinta de cauallo, e alguns espingardeiros, e quinhentos piães. Onde os mouros chegando, o tanadar mór lhe sayo e ouve com elles peleja, e foy desbaratado e depressa recolhido no pagode, com cinqo de cauallo mortos e muytos feridos, e dos piães pouqos, porque muytos se forão pera os imigos. Do que veo noua a Goa, e o capitão mandou polo rio Antonio Correa, casado de Goa, em duas fustas com trinta homens, com que o tanadar quis vingar sua enjuria, e foy buscar os imigos, que estauão além do rio do Sal, leuando vinte e cinco de cauallo e trinta de pé, com alguns espingardeiros; e ouve vista dos mouros, que estauão em arrayal em hum campo que auia ao pé de hum outeiro, e porque estauão espalhados os mouros parecerão tantos que fizerão medo aos nossos; e porque o rio estaua com muyta agoa, que era a maré chea, e a gente de pé nom poderia passar, forçados d'esta necessidade tiuerão rostro aos imigos; onde os nossos forão afrontados e casy postos em desbarato, com

sete de cauallo mortos e casy todos os outros feridos, e o Fernão Eannes ferido de hum zaguncho d'arremesso; mas nom deixaua de pelejar fortemente, o que fazião todos, os feridos como os sãos. Com que os nossos pedião a Nosso Senhor que os secorresse; o que assy lhe aprouve mostrar seu milagre, que acertou hum pelouro perdido dar na cabeça ao capitão dos mouros, que andaua em hum cauallo acubertado, na dianteira de todos os seus, que o virão cayr do cauallo; ao que os nossos derão grita, tomando grande coração, que os imigos logo o perderão vendo morto seu capitão; em modo que polo querer de Nosso Senhor os mouros forão postos em desbarato, ficando muytos no campo mortos, e feridos, que os piães acabauão de matar. E Fernão Eannes ouve grande medo que os mouros tornassem, porque lhe nom seguio o alcanço por ter toda' gente ferida, e mandou passar os feridos além do rio e os leuar ás fustas d'Antonio Correa, e com a gente se tornou ao pagode, d'onde se recolheo pera Goa, porque Francisco Pereira lhe mandou dizer que nom tinha gente pera mandar fóra de Goa; e os mouros se apossarão de todas as terras, que rendião cincoenta mil pardaos d'ouro, e mandou o Hidalcão hum capitão que se assentou em Pondá, que tolhia que a Goa nom passaua nada de comer; polo que Francisco Pereira fez com elle pazes. E esta perda perdeo ElRey pola hida do Gouernador a Ormuz, que se enuernára em Goa nom se perderão cincoenta mil pardaos de renda cad'anno.

ANTONIO FALEIRO ALEUANTADO.

Hum Antonio Faleiro, que se estimaua por fantesia de bom piloto, antes d'entrar o inuerno, em Goa falou com Francisco Pereira, e lhe pedio licença [1] * pera que huma fusta grande que tinha, e hum parao, armasse * pera hir á costa d'Arabia andar ás prêzas, porque em barquinhos pequenos corrião muytos mouros riqos aquella costa, com muyto dinheiro, e pimenta, e ambre, que andauão muyto seguros, porque nunqua nauios nossos lá hião ter: no que faria riqas prêzas. Do que Francisco Pereira cobiçoso, o ajudou, e lhe deu hum falcão, e seis berços pera' fusta, que era como galeota, e dous berços pera o parao, e comprou huma terrada grande d'Ormuz, que Antonio Faleiro dizia que logo auia

[1] * pera com huma fusta grande que trinta e hum parao o armasse * Autogr.

de tornar a mandar carregada de mercadarias. O qual pera hirem com elle buscou homens necessitados e homiziados, e vendeo partes das prêzas que auia de fazer, e fez quantas emboladas pôde, com o credito de hir mandado polo capitão, e elle que sabia as falas d'aquella costa, que era arabia e parsea; e se partio de Goa, com sua fusta e parao e terrada, com trinta portugueses, que todos hião com muyta vontade dos roubos que auião de fazer; e foyse caminho de Cambaya, onde topou huma cotia carregada de roupa fina de Cambaya, e a roubou, e meteo no fundo com os mouros, e os marinheiros meteo em ferros na fusta e no parao, e em outro zambuqo que leuaua, em que hião oito portugueses; com que foy demandar a costa d'Arabia. E este zambuqo foy ter a Dofar, onde forão catiuos d'ElRey, que os tinha dandolhe soldo, e fazendolhe honra, porque erão espingardeiros.

O Faleiro, tomando a costa se foy a Calayate, onde vendeo a roupa que leuaua, em que fez seis mil pardaos com resgate d'alguns dos negros. Então esbombardeou humas naos que estauão no porto, e fazendo que as queria queimar; polo que lhe derão quinhentos xarafins, com que se foy. E porque assy já tinha tanto dinheiro, e nom partia com os companheiros, já antre sy andauão desconcordes. D'aquy se foy a Dofar, e estando no porto veo hy ter huma nao, que hia pera o estreito carregada de roupa, a qual tomou, e mandou dizer a ElRey que lha comprasse, que lha daria de bom barato, e tambem lhe désse alguma cousa e nom queimaria quatro naos que estauão no porto. ElRey lhe mandou os oito portugueses, que meteo por messigeiros, que lhe pareceo que o ajudarião polo bom gasalhado que lhe fizera; mas como erão máos, e ladrões, o fizerão pior. O que vendo o Rey fez de noite huma grande tranqueira com muyta artelharia, com que mandou tirar á fusta, que estaua perto, com que os fez afastar. Com que então o Faleiro, vendo que ally nom podia fazer prêza, meteo na nao que tomára hum Afonso de Soure com seis portugueses, e os mandou que a fossem vender a Calayate ou onde podessem, que elle acodiria lá; e tirou mouros da nao, e meteo marinheiros canarís por hir mais segura. E forão ao longo da costa com calmarias, com que ouverão falta d'agoa em muyta maneyra, ao que disse o piloto da nao que fossem a terra, que estauão defronte de huma agoada; e a nao estaua longe da terra, que com nom ter vento nom pôde chegar. Então Afonso de Soure mandou a terra 'almadia do zambuco com

tres portuguezes a tomar agoa, com algumas leadas, e canarís remeiros, com que hindo pera terra com a corrente d'agoa descayrão muyto d'onde ficaua a nao, em modo que tomando agoa solobra em humas alagoas se tornarão pera a nao, que nom puderão topar em dous dias e noites que andarão polo mar a remo, que já cansados, com as mãos esfoladas do remar, se tornarão a terra. A nao, vendo que o parao nom tornára em dous dias, cuidarão que na terra os mouros os matarão, e derão a vela, e se forão caminho de Calayate, onde chegados á costa forão tomados dos nautaques, que os matarão todos e leuarão a nao, que hia carregada de muytas roupas.

Os portugueses que ficarão no parao, que estauão com grande tristeza de sua má ventura, desesperados já da nao, determinarão de hir no parao ao longo da terra pera Calayate; e soffrindo assy grande padecimento de fome, estando surtos afastados da costa descansando de seu muyto trabalho, por andarem pola menhã, n'esta noite se deitarão os marinheiros a nado e fogirão; ao que os nossos nom tiuerão nenhum remedio senão aleuantar as mãos a Deos, e com muytas lagrimas lhe pedir misericordia. E com sua muyta angustia se forão remando ao longo da terra, que era verão n'aquella costa; e andando assy, ao outro dia, hindo perto da terra, lhe falou hum mouro que os estaua agardando sobre hum penedo, e lhe dixe em lingoa arabia, que hum dos companheiros entendeo, e lhes disse que elle de cyma da serra os víra sayr da nao e vir pera terra, e que forão muyto abaixo, e ao outro dia os víra andar no mar em busca da nao, a qual fizera vela e se fôra; que por tanto a nom fossem buscar ao mar, que a nom auião d'achar. Ao qual mouro pedirão piadosamente que lhe vendesse alguma cousa pera comer. Elle disse que o faria por amor de Deos; que lhe déssem dinheiro. O qual auenturarão e lhe deitarão em terra atado em hum panno hum xarafim, e lhe prometendo que se lhe trouxesse comer que lhe darião bom pago. O mouro lhe disse que se nom fossem d'ally, que ao outro dia tornaria, que o dinheiro que lhe dauão nom o auia de fazer riqo pera nom tornar. O que elles assy confiando á ventura, estando pedindo a Deos misericordia, ao outro dia pola menhã veo o mouro com o saquo de bolos de trigo, e tamaras, e quatro gallinhas, e por outro mouro que trazia as galinhas mandou fazer fogo em terra, e assar as gallinhas, que os nossos lho rogarão, que elle folgou de fazer. Polo que lhe derão huma es-

pada, e seis teadas, e duas taficiras; com que o mouro muyto folgou, e lhe dixe que ahy perto estaua huma pouoação em que estaua hum xeque, que lhe muyto rogaua que se fossem pera elle, e os teria como filhos, e lhe faria muyto bem, pera que quando ahy viessem portugueses lhe nom fizessem mal. O que elles duvidarão. E as galinhas assadas nas brasas, se puserão a comer com a grande fome e fraquesa que tinhão, e o mouro se assentou na borda d'agoa em quanto elles comerão. Então lhes dixe que se quigessem hir á pouoação que os leuaria, e senão que se ficassem embora, que elle se queria hir. No que assy estando chegou huma almadia do xeque, com oito homens que os vinhão buscar; que chegarão, e lhe fizerão muytos rogos que fossem, que os chamaua o xeque, porque elles os vinhão chamar com rogos, e nom vinhão pera os tomar, que por ysso nom trazião páo nem pedra com que lhe fazer mal. E lhe mostrarão 'almadia, e que se nom querião hir que se fossem muyto embora, que se fôra pera lhe fazer mal vierão com armas com que os catiuarão ou matarão. 'O que os nossos, ouvindo estas boas rezões, encomendandose a Nosso Senhor se forão n'almadia, que os mouros leuarão á toa; onde na praya o xeque os estaua esperando, que os recebeo com prazer, e lhe mandou leuar todo o fato que trazião e suas espingardas, que tudo lhe mandou meter em huma casa apartada em que os aposentou, e mandou dar de comer, e curar, e fazer como se forão seus irmãos.

O Antonio Faleiro, que já tinha muyto dinheiro, e na costa já nom achaua que roubar, e nom poderia andar per outras partes, que seria tomado, lançando suas [1] * contas tornou * á costa da India, e se meteo no rio de Danda, onde partio o que quis com os companheiros, e vendeo o parao, e mandou Francisco Faleiro, seu primo, a Chaul por terra, onde esteue até que veo o Gouernador d'Ormuz, onde peitou largo, e ouve perdão do Gouernador como quis, e fiqarão sem castigo tão grandes males como este Antonio Faleiro fez. Então com sua fusta nom ousou d'hir a Goa, por o engano que fizera a Francisco Pereira, e se foy a Baticalá, onde vendeo a fústa e 'artelharia, e se foy andar na costa de Choromandel. Os tres portugueses que ficarão em poder do xeque outros seus visinhos lhos quiserão tomar, mas o xeque, como muyto bom homem,

[1] * contas foy tornou * Ms.

lhe concertou muyto bem com vela e remos o seu parao, e lhe deu o necessario, e com marinheiros os mandou que fossem ao longo da costa pera Calayate. O que assy fizerão, e hindo seu caminho toparão com Cosmo Pinto, capitão de hum nauio d'armada de dom Luiz, que vinha do estreito, em que se recolherão, e tambem ouverão seu perdão.

EM MALUCO.

Antonio de Brito estando em Maluco no trabalho da forteleza, com que lhe adoecia e morria a gente polo máo comer da terra, que nom tinha pão, n'este tempo hum irmão do Rey de Ternate morto, que andaua desterrado, que o deitára fóra da terra seu irmão, por ser máo e lhe [1] * desobedecer, vendo * como os nossos erão poderosos na terra, lhe pareceo que se poderia arrestaurar n'ella, e com alguns dos seus se veo á cidade e meteo na mesquita, e mandou dizer ao capitão Antonio de Brito que elle com muytos seus se vinhão fazer christãos, que os fauorecesse e os fizesse christãos, que lhe faria muyto seruiço na terra. Cachil Daroes logo ysto soube, que sabendo que se este homem fosse christão, que era tio d'ElRey, que o deitaria fóra do mando e de tanta honra que [2] * tinha, falou * com o capitão, e lhe disse que por nenhum modo consentisse que este tio d'ElRey entrasse na terra, que causaria grandes males, que era máo e trédor, e que se quisera aleuantar com o Reyno e matar seu irmão, e por ysso [3] * andaua * desterrado fóra do Reyno; e que como assy entrasse aueria muytos aleuantamentos e trabalhos, que elle causaria, que era homem reuoltoso. O Antonio de Brito bem entendeo a tenção do Cachil Daroes, mas nom ousou de bolir em nada, por estar com muyta obra por fazer e ter pouqa gente; mas pesoulhe muyto porque o nom podia fazer christão, porque com elles se ouverão de fazer muytos e toda terra se ouvera de conuerter. E por consequencia de Cachil Daroes lhe mandou dizer que se tornasse e saysse da cidade, porque nom estaua em tempo pera fazer o que lhe pedia. O qual se sayo fóra da cidade, e se foy. Sem embargo do qual os da terra ficarão es-

[1] * desobedecer o qual vendo * Ms. [2] * tinha polo que falou * Id. [3] * anda * Id.

candalisados e aluoroçados, porque querião mal a Cachil Daroes; com que o capitão teue muytos trabalhos a tornar a pacificar e assentar a terra, porque nom tinha na feitoria roupa, porque com dar pannos logo tudo era amansado, e por falta de roupa lhe falecião os mantimentos e os trabalhadores, e elle com os portugueses nom o podia fazer, que auia muytos doentes; polo que estaua em muyta agonia. No qual tempo quis Deos que chegou a Maluco dom Rodrigo da Silua em hum nauio com roupas pera carregar de crauo o nauio, e leuou roupas pera' feitoria, com que ouve algum remedio; e tambem com o nauio chegarão junqos de Malaca e de Banda, que hião pera carregar crauo. Ao que Antonio de Brito proueo, e mandou seu recado aos Reys d'outras ilhas em que auia crauo, lhe rogando que a ninguem vendessem o crauo, porque elle o queria todo pera ElRey de Portugal, que era senhor d'aquellas terras, e nom consentissem que os junqos estiuessem em seus portos; e esto principalmente o mandou dizer ao Rey de Tidore, porque em seu porto estauão muytos junqos; e lhe mandou este recado per hum Antonio Tauares, que foy em huma fusta com vinte homens, e hum falcão e seis berços, com regimento que fizesse aos junqos que largassem o porto, e lhe tirasse ás bombardadas. O qual dado recado ao Rey de Tidore, que nom foy de seu contentamento, com má vontade, disse que nom daria o crauo, mas que os junqos nom auia de deitar fóra de seu porto. Polo que o Antonio Tauares, polo regimento que leuaua, esbombardeou os junqos, com que os fez hir do porto: de que o Rey tomou muyta paixão. Onde assy estando a fusta, em que todos os portugueses estauão embarcados por estarem seguros da gente da terra, lhe deu hum temporal tão forte que deu com a fusta á costa, em que os da terra derão n'elles, que a todos matarão, e recolherão 'artelharia e fusta, que concertarão muyto bem. O que sabido do capitão represou e prendeo muytos carpinteiros d'ElRey de Tidore, que lhe elle tinha emprestados, que fazião hum nauio, e o mandou dizer ao Rey de Tidore, que lhe mandasse logo a fusta e 'artelharia, e os mouros que matarão os portugueses, pera d'elles fazer justiça. Mas o Rey de Tidore zombou de tudo; polo que o capitão ordenou de lhe fazer a guerra, per conselho de Cachil Daroes, que folgaua que ouvesse guerra pera o capitão ter d'elle toda' necessidade; o que a Raynha nom soffria, porque a guerra era contra seu pay, e secretamente amoestaua os seus que nom pelejassem contra seu pay, mas que antes se

aleuantassem contra os nossos. Do que o Cachil Daroes auendo auiso, o dixe ao capitão, dandolhe auiso que por estar seguro da Raynha a recolhesse dentro na forteleza, e ElRey seu filho, e logo tudo ficaria seguro. Sobre o que o capitão tomou conselho com o capitão do nauio e com esses homens que erão pera ysso, e de todos foy muy contrariado que tal nom fizesse, porque toda a terra se leuantaria contra os nossos, e que com a Raynha fizesse tudo por bem. O que o capitão nom quis fazer, tomando o conselho de Cachil Daroes, e quis tomar a Raynha, do que ella foy auisada, e fogio de noite pera' serra, e d'ahy se foy pera seu pay, e fiqou o Rey seu filho, que o capitão recolheo pera' forteleza, e tinha n'elle boa guarda, estando com todo seu estado de Rey. Mas a gente da terra, vendo seu Rey metido na forteleza, e o nom deixauão sayr fóra, dizião que o capitão o tinha preso, *e* ouve muytos aluoroços, em que o Cachil Daroes muyto trabalhou per amansar, mas todauia a gente tinha grande escandolo, e nom querião ajudar na guerra que o capitão fazia contra os de Tidore, porque lá estaua a sua Raynha. Na qual guerra o capitão queria que andasse a gente da terra, por nom arriscar os portugueses, que tinha pouqos. Então Cachil Daroes lhe deu albitre que mandasse apregoar que qualquer que trouxesse cabeça de homem de Tidore lhe daria hum panno da feitoria, que era de assaz pouqo preço. Ao qual pregão acodirão os da terra, que trouxerão tantas cabeças dos tidores que esgotarão os pannos da feitoria, que se ouverão auondança de pannos nom ficára gente na ilha de Tidore. E porque tambem os de Tidore matauão muytos de Ternate, se acendeo a guerra d'antre huns e outros quanto podião, ao que ajudauão aos ternates os da ilha de Bachão e de Geilolo, pera ganharem os pannos; mas comtudo o Rey de Tidore estaua forte contra os nossos, sem querer pedir paz; com que a guerra durou huns dias, como adiante direy.

EM PACEM.

Ficando dom André por capitão da forteleza de Pacem, como já dixe, elle, por ser pobre, e cobiçoso de condição, se pôs em caminho de querer enriquecer, usando de grandes tyranias assy com os portugueses como com a gente da terra, e muy dessolutamente tomaua o que queria,

com que de todos era muy desamado, e lhe querião grande mal. No que o Rey d'Achem trazia grande cuidado, e lhe armou huma traição, que mandou cincoenta lancharas escondidas ahy a hum rio cinqo legoas de Pacem; então mandou oito lancharas, carregadas de pimenta e outras mercadarias, estar na boca do rio, d'onde manhosamente mandára recado a dom André que estauão n'aquelle rio, e tinhão tanta pimenta e tantas mercadarias, que vendião ally onde estauão, ou lhe désse seguro pera as hirem vender á forteleza, com tanto que lhe nom fizessem força. O que ouvido por dom André lhe creceo a cobiça de os mandar tomar ou roubar, e fez prestes doze lancharas e manchúas, bem armadas com berços e panellas de poluora, em que mandou oitenta homens portugueses e espingardeiros, em que mandou dom Manuel Anriques, seu irmão, que era Capitão mór do mar, e toda' gente bem armada, e gente de guerra da terra; os quaes forão ao rio onde estauão as lancharas na boca do rio ao socairo de huma ilha; das quaes os nossos auendo vista forão a grã pressa á vela e remo a quem primeyro chegaria a tomar a presa. As lancharas, que estauão ordenadas na trayção que auião de fazer, logo se puserão em fogida polo rio dentro, ao remo com a maré que enchia, e os nossos após elles, quanto mais podião em seu alcanço, forão polo rio dentro mea legoa, que dobrando huma ponta que fazia o rio derão de supito com cincoenta lancharas armadas com muyta gente, que com grandes gritas e tangeres remeterão com as nossas, que logo ficarão em grande espanto, e hião tão auiadas com a corrente d'agoa que passarão além, que os achens lhe ficarão nas costas, e os abalroarão, pelejando os achens muy fortemente, com que emburilhados todos forão dar na terra, em que o mal foy tanto que todos os nossos forão mortos, sem os achens darem vida a nenhum, sómente alguns dos [1] * remeiros *, homens da terra, que se meterão polos matos, que sabião a terra, que d'ahy a dous dias tornarão á forteleza, que derão a noua do mal que era feito. Do que no capitão, e em todos, ouve grande espanto, com grande medo, porque na forteleza nom ficauão outros tantos homens, e alguns d'elles doentes. Com que logo os da terra, que estauão escandalizados, logo fizerão aluoroços contra os nossos, fazendo alguns desmandos. O que sabido polo Rey d'Achem a boa preza que os seus fizerão, pera o que já estaua com gente

[1] * reyros * Ms.

prestes, logo mandou hum seu primo com corenta mil homens de guerra, ao qual tomou juramento que poeria todas suas forças até tomar a forteleza, matando todolos portugueses, ou os deitar fóra e tomar a forteleza.

Então o Rey d'Achem mandou diante seu recado ao regedor, que era titor do Rey que regia o Reyno, dizendo que elle mandaua tomar a nossa forteleza; que elle tomasse sua determinação se elle auia de ser contra suas gentes, porque se assy fosse tambem a elle, e a ElRey, e todo o Reyno de Pacem, auia de destroyr, e elle tomar pera sy o Reyno; e porque este mal nom queria fazer a ElRey, lho mandaua dizer, porque folgaria que elle fosse da sua banda, e ajudasse contra os nossos até tomar a forteleza. Do que o regedor logo deu contra a dom André, e respondeo que elle nom auia de ser contra os portugueses, mas antes os auia d'ajudar até morrer, com quanta gente tiuesse. O que o regedor assy respondeo, porque bem sabia que se os nossos fossem destroydos que assy o auia elle de ser, porque o Rey d'Achem era falso e máo.

* Em vista * da qual resposta o Rey d'Achem logo mandou o seu primo, que entrou pola terra de Pacem fazendo grande destroyção a fogo e sangue, com que forão tomando posse de toda a terra, e forão assentar arrayal sobre a principal cidade d'ElRey, em que o regedor estaua com todo seu poder, á qual fizerão tanta guerra, de dia e de noite, polo que conueo ao regedor tomar ElRey, e suas molheres e casa, com a milhor riqueza de casa que tinha, * com que * fogio secretamente da cidade, e se foy aposentar junto da forteleza, á borda do esteiro que cerquaua a forteleza, onde assentou com muyta familia do pouo, e fizerão pouoação de casas de palha, que logo cerquarão com forte tranqueira de grossos páos, entulhada per dentro, em que assentarão muytos tiros d'artelharia; que tinhão em tal maneyra tudo feito que os tiros da forteleza varejauão per cyma da pouoação, pera com este fauor estarem emparados dos imigos.

Mas dom André, usando de sua tyrania, a todos despeitaua o que podia polos ally deixar pousar; onde os achens, seguindo a guerra, muytas vezes vinhão combater e dar rebates na tranqueira, roubando, e fazendo quanto mal podião; o que dom André nom queria defender, nem mandaua tirar com 'artelharia da forteleza se o regedor o nom peitaua; ao que recreceo tanta gente aos achens, que fizerão grande medo aos nossos que cometessem a forteleza, polo que então fizerão algumas saydas

fóra a espantar os achens, e [1] * tiuerão * muyta vigia de dia e de noite por amor do fogo, porque os mouros guerreauão apertadamente.

E como dom André era homem fraqo de carnes e do esprito, e muyto mais do coração, e leuando algum trabalho, com o medo que tinha, veo 'adoecer á morte, e por nom ter tanta gente como compria pera defender a forteleza tomou conselho sobre o caso, e assentou em mandar ao Gouernador hum nauio que tinha no porto, porque lhe escreueo com requerimentos e protestos que logo mandasse prouer aquella forteleza de capitão, e gente, e monições, porquanto elle, com o trabalho e por ser doentio, cayra em cama, onde ficaua á morte, e em tal ponto que podia ser que já o nom acharião viuo; e que em todo caso mandasse capitão pera' forteleza, porque indaque elle tornasse a ser são, e rijo, valente, elle nom queria a dita capitania, e digistia d'ella, e a renunciaua em suas mãos todo o tempo que tinha pera seruir: e todo esto por modos de requerimentos. E mandou Pero Serrão, seu criado, no nauio, com quinze homens portugueses e vinte marinheiros da terra; o qual nauio se concertou dessimuladamente e se partio de noite, que quando amanheceo já nom pareceo, que a saluamento chegou a Cochym, e o Gouernador proueo no caso, como adiante direy.

EM MALACA.

ElRey de Bintão, que tinha muyto cuidado de sempre guerrear Malaca, n'este anno mandou Laquexemena, seu capitão do mar, com oitenta lancharas muy armadas, que fosse guerrear Malaca; e vindo dez legoas de Malaca ouve d'ellas vista Duarte Coelho, que hia em hum nauio pera fóra, ao que logo fez volta dar auiso d'armada, porque em Malaca se nom sabia nada d'esta armada. Sobre o que Jorge d'Alboquerque, auido conselho, aprecebeo armada que fosse pelejar c'os de Bintão, porque se com elles nom pelejassem, e andassem senhores do mar, farião muyto mal á forteleza e cidade, que lhe tolherião os mantimentos e roubarião os mercadores que viessem. E foy logo apercebido dom Sancho Anriques, Capitão mór do mar, em hum galeão de que era capitão seu irmão dom

[1] * ter * Ms.

Antonio Anriques, e foy com elle Duarte Coelho no seu nauio, e Francisco Pereira de Berredo em huma galeota, e seis lancharas, em que hia Anrique Leme, Diogo Fogaça, Francisco Lourenço, Fernão Rodrigues, André Figueira, Diogo Luiz, casados em Malaca. Partio dom Sancho com est' armada e foy ao rio de Muar, hindo os nauios ao mar e as lancharas de longo da terra, e assy hindo se armou huma treuoada no mar, polo que dom Sancho se pôs á corda, e ouve fala com os capitães, dizendo que a treuoada auia de vir com muyto vento, com que podião entrar no rio de Muar, mas que se o rio vasasse traria tão grande corrente que faria tão grande escarceo que a todos alagaria; que lhe parecia bem que se metessem no rio de Cação, que nom tinha tanta corrente, em que estarião bem até passar a treuoada. Ao que cada hum disse seu parecer; mas outros aprofiarão com ponto d'honra, dizendo que não, que parecia fraqueza meteremse em outro rio, pois podião entrar no de Muar onde estauão os imigos; ao que os outros, por nom mostrarem couardia, tornarão a dizer que era bem que fossem entrar no rio de Muar. Polo que pera lá caminharão, e sendo mea legoa do rio lhe deu o vento da treuoada muy forte. Dom Sancho, e a galeota de Francisco Pereira, e Duarte Coelho no nauio, que hião diante, amainarão, e as lancharas entrarão no rio, que á força do vento rompião 'agoa do rio, com que forão dar n'armada dos imigos tres que hião dianteiros, Anrique Leme, Diogo Fogaça, Francisco Lourenço, a que os mouros sayrão com muyto prazer e gritas, com que os cerquarão, e nom durou muyto a peleja, que logo todos os nossos forão mortos, sómente Francisco Lourenço, que enseqou na vasa e com o escuro se saluou. As outras tres lancharas forão varar na vasa, que era grande, e amanhecendo se sayrão do rio e se forão acolhendo pera o galeão, que estaua á vista; mas sayrão após [1] *ellas* doze lancharas dos imigos, que com ellas pelejarão, e forão ter assy emburilhadas sobre a galeota, que estaua deante do galeão hum pedaço, onde os mouros pelejarão de tal modo que tomarão a galeota, matando e ferindo todos os portugueses; a que o galeão e nauio nom tirauão por nom darem nos nossos, de que nom escapou mais que huma lanchara, que se colheo ao galeão em quanto os mouros leuauão amarrada a galeota, que leuarão polo rio dentro. Em que n'estes máos feitos dos nossos erão já

[1] *elles* Autogr.

mortos setenta homens, de que na vasa, de noite, se saluou hum Thomé Lobo, que foy ter a Malaca embrenhado polos matos, que erão dez legoas, de que Deos o saluou milagrosamente nom topar com muytas alimarias brauas que auia polos matos; o qual em Malaca deu a má noua do começo, que inda nom sabia do mais, que estauão os mouros tão vitoriosos que se toda 'armada fôra pelejar com o nauio e galeão lhe fizerão muyto mal, se escaparão de serem tomados. Polo que dom Sancho, vendo sua má sorte, se tornou a Malaca com Duarte Coelho, e Laquexemena se foy pera Bintão triumphar de sua vitoria, nom querendo agardar, pola vingança que podião a tornar a fazer os nossos; como de feito, tornando dom Sancho a Malaca logo quisera tornar a buscar os imigos, e o nom fez porque soube que erão hidos.

Então Jorge d'Alboquerque deu licença a hum Antonio de Pina, moço da camara d'ElRey, que em hum junquo seu fosse fazer sua fazenda a Jaoa; com o qual foy hum Bernal Drago, e outros dous portugueses, e foy, e tornando carregado pera Malaca com tempo foy ter ao porto de Pão, que he na costa de Malaca, que o Rey era nosso grande amigo das amizades d'Afonso d'Alboquerque, em que muytos nauios dos nossos hião tratar, porque auia trato de muytas mercadarias; ao que o Rey de Bintão armou trayção, que lhe mandou huma sua filha por molher, com muyta riqueza, com condição que em sua terra nom auião de tratar nenhuns portugueses, mas auia de fazer todo o mal a quantos fossem a seus portos. E concertou este casamento secretamente, porque se fosse sabido dos nossos nom hirião a seus portos. O que assy estaua feito quando ahy aportou Antonio de Pina com seu junqo, cuidando que o Rey era nosso amigo, como sempre fôra, e mandou a barqua a terra buscar refresqo; o que sabido polo Rey que junqo nosso estaua no porto, mandou seu recado ao capitão que se da terra queria alguma cousa que lho mandasse dizer, e que tudo lhe mandaria dar com boa vontade; e lhe mandou muyto refresco, e como foy noite mandou armar oito lancharas, que ante menhã derão sobre o junqo, com que o entrarão por todolas partes, 'o que os portugueses nom lhe puderão registir, e tanto pelejarão que mais nom puderão, e se entregarão, e os leuarão catiuos a ElRey, que logo os mandou de presente a ElRey de Bintão seu sogro, o qual lhe fez grandes medos que se tornassem mouros, o que elles nom querendo fazer, porque nom esperauão nenhuma redenção de nunqua sayrem de catiueiro, o Rey

os mandou espedaçar metidos viuos em bombardas, e assy morrerão martyres na crença de Christo Nosso Senhor.

E ysto nunqua foy sabido senão depois d'ahy a tempos, porque matarão toda a gente do junqo porque nom fossem dar auiso a Malaca. Polo que tambem aqueceo que Jorge d'Alboquerque deu licença a dom Sancho que fosse fazer prêzas na costa de Patane, que foy no seu galeão muyto artilhado, com seu irmão dom Antonio, e trinta portugueses bem concertados, e em sua companhia Ambrosio do Rego em hum nauio assy bem armado, com outros tantos portugueses; e tambem foy hum André de Brito, que fôra da India em huma nao sua, com licença que fosse tratar polas partes de Malaca onde Jorge d'Alboquerque lhe désse licença, o qual fez seu caminho pera Siam com quinze portugueses e a nao bem artilhada, o qual carregou em Siam de riqas mercadarias, e tornando pera Malaca, nom sabendo como Pão estaua aleuantado, foy sorgir no porto, e mandou a terra tomar agoa e refresco; o que sabido do Rey usou com elle a manha como com Antonio de Pina, lhe mandando refresco e offerecimentos d'amizade, e de noite concertou suas lancharas, que forão vinte, que ante menhã com muyto atreuimento forão abalroar a nao por todas as partes em roda, que os portugueses lhe nom puderão defender, que erão muytos que subirão por todos bordos, e popa e proa, ao que os nossos nom puderão defender que nom entrassem, pelejando muy fortemente, matando e ferindo muytos; mas assy tambem 'os portugueses todos os forão matando, que nenhum nom ficou, sómente hum irmão do André de Brito por derradeyro, pelejando com huma espada dambolas mãos, com que fez façanhas de matar imigos, e cansado dos braços, em que já nom tinha forças, foy morto; outros disserão que saltára ao mar, onde morreo. E os mouros tomarão a nao com grande riqueza de mercadarias e muyta artelharia que tirarão da nao, e a tiuerão no porto muyto tempo, esperando que mercadores lha comprarião pera a venderem aos nossos; mas ninguem lha quis comprar, e então lhe puserão o fogo.

Dom Sancho e Ambrosio do Rego, que forão ás prêzas á costa de Patane, onde fizerão muytas e riqas, do que carregados se tornarão pera [1] * Malaca, vindo * assy, lhes deu hum tempo do mar muyto forte, com

[1] * Malaca que vindo * Autogr.

que Ambrosio do Rego, que era mais no mar, correo com o tempo, e dom Sancho nom pôde correr e arribou ao porto de Pão, que nom sabia como estaua, e esteue surto, agardando que abonançasse o tempo. O que sabido do Rey o mandou visitar com presente de muyto refresco, e porque vissem que gente auia no galeão, e com muytos offerecimentos se quigesse hir descansar na terra, e senão que mandasse polo que quigesse, que todo lhe mandaria dar; e lhe mandou vaqas, e carneiros, se logo se quigesse partir. Do que dom Sancho lhe mandou seus agardecimentos. E ordenou o pecado que o dia d'antes que dom Sancho chegasse era ally chegado Laquexemena com trinta lancharas, a visitar ElRey de Pão, e pera ally estar pera fazer prêzas nos nauios dos portugueses que ally fossem ter; o qual logo se fez prestes com suas lancharas e gente, e tambem com as d'ElRey, que erão outras tantas, que todas sayrão do rio com bandeyras e tangeres e gritas, que sendo vistas de dom Sancho elle bem se pudera aleuantar, e o nom fez porque nom tinha vento. Com que nos portugueses entrou grande medo, mas com muyta diligencia se aperceberão, e homens nas gaueas, e outros que lhe dessem as pedras, e 'artelharia prestes, e pôs a cada bordo oito portugueses, e seu irmão na proa com outros oito, e elle com os mais no chapiteo da popa, e com escrauos pera ajudarem, e disse ao condestabre e quatro bombardeiros que descarregassem toda' artelharia, porque toda a peleja auia de ser abalroados ás lançadas, dizendo a todos: « Senhores companheiros, » « com a esperança em Nosso Senhor aueys de pelejar, porque esta espe- » « rança em Nosso Senhor nos ajudará. »

Os mouros a remo, com suas gritas e estrondos e como homens que sabião de guerra, se espalharão, que os nossos tiros os nom tomassem juntos; mas todauia, sendo a tiro, o galeão deu fogo, com que alcançou doze ou quinze lancharas, que forão espedaçadas, com a gente morta e a nado polo mar; ao que então todolas outras chegarão e abalroarão o galeão todo em roda, sobindo tantos mouros por todas partes que os nossos lhe nom puderão valer, que forão entrados. Os homens das gaueas fazião tanto mal ás lancharas que comprio aos mouros mataremnos ás frechadas, e com espingardões as gaueas furadas, com que os matarão. A peleja debaixo com os mouros foy tão forte, e durou tanto, até que os nossos pouqos e pouqos forão cayndo mortos e feridos. O que vendo dom Sancho lhes bradou que se recolhessem pera a tolda, onde todos juntos

poderião ter mais força; o que fizerão treze, porque já os outros erão mortos e caydos das feridas; e estes que se recolherão á tolda, porque tinhão o chapiteo que os emparaua, pelejarão grande espaço, matando tantos mouros que jazião mortos huns sobre outros; e outros mouros se meterão por baixo, andando matando os marinheiros e escrauos, que cousa viua nom deixarão. Então se meterão com os nossos, a que nom ousauão chegar, e se deixarão estar, e ás frechadas os ferirão em tal maneyra que enfraquecerão do muyto sangue, e cayrão, e com elles dom Sancho, que seu irmão já era morto no castello de proa. Com que forão todos mortos, com boa vingança de mais de quinhentos mouros mortos, no mar e no galeão. Então despirão todas as armas aos mortos, e os corpos deitarão ao mar, e o galeão leuarão a terra, e descarregarão d'artelharia e fazenda e lhe puserão o fogo.

Ambrosio do Rego se meteo em hum rio, e passado o tempo se foy a Malaca, parecendolhe que já era * vindo * dom Sancho; mas tardando muyto souberão que era morto em Pão, d'ahy a tempos.

Polo que Jorge d'Alboquerque, vendo quão mal socedião as cousas, e com tanta gente e nauios perdidos, temendo que o Rey de Bintão o auia de mandar guerrear, mandou pedir ao Gouernador secorro de nauios e gente, como lhe mandou, e ao diante direy.

No qual tempo chegou a Malaca dom Gracia Anriques, que veo de Maluco em hum nauio carregado de crauo, em que Antonio de Brito mandaua hum seu homem pedir ao Gouernador que prouesse Maluco de capitão, porque era muy doente, e se morresse seria tudo perdido, pola diuisão que auia na terra. No que se fez o que ao diante direy.

E porque todos estes socessos se passarão n'este anno de 523, até a chegada das naos do Reyno, os escreui todos dentro n'este tempo, por nom tornar atrás a escreuer nos tempos a diante onde nom passarão. E as naos do Reyno, que á India passarão n'este anno de 523, são estas adiante escritas, que todas nom passarão, que outras ficarão atrás, que enuernarão.

ARMADA

DE

DIOGO DA SILUEIRA,

QUE VEO ANNO 1523.

N'ESTA ARMADA VEO DOM MARTINHO, BISPO D'ANNEL.

CAPITULO XIV [1].

Em vinte d'agosto d'este anno partirão do Reyno oito naos, e o primeyro que chegou á barra de Goa foy Manuel de Macedo no galeão São Lião, que chegou a vinte d'agosto, que deu a noua que vinha por Capitão mór d'armada Diogo da Silueira, no Saluador; dom Antonio d'Almeida, em Sant'isprito; e Heytor da Silueira [2], na Burgaleza d'armadores; e Pero d'Afonseca, na nao Loba de Jorge Lopes Bixorda armador, digo Antonio d'Abreu; Ayres da Cunha, que ao entrar de Moçambique se perdeo, e tudo se saluou, sómente o casco da nao que se perdeo. Todas passarão á India, e auia dezeseis dias que estauão em Goa quando o Gouernador chegou, que vinha de Chaul, que era vindo d'Ormuz. O Gouernador, vendo as cartas das vias, proueo em algumas cousas, e deu pressa á descarga das naos, que mandou que logo se fossem a Cochym pera

[1] Falta no original. [2] V.e *Barros*, Dec. III, Liv. VII, Cap. IX.

se concertarem e carregarem; e o Gouernador se partio, *e* foy visitando Cananor, em que deixou prouimento pera o gengiure e cousas pera' viagem das naos do Reyno, e foy a Calecut, onde estaua por capitão dom João de Lima, que entrára na vagante de Manuel de Lacerda, e achou os de Calecut muy aggrauados d'elle, assy portugueses como os mouros, porque era elle como maniacolo, e supito em paixão, e forte de condição, polo que auia poucos dias que lhe deitarão dentro na forteleza cobras de capello secretamente, que picarão alguns homens que morrerão, e negros e negras; a qual nouidade sentida, conhecerão que forão deitadas por mão d'alguem, porque depois da forteleza ser feita nunqua as sentirão. Ao que o capitão acodio com diligencia, e as mandou buscar por homens da terra, que as sabião tomar sem ellas lhe fazerem mal, porque leuão elles atada nas mãos huma raiz de huma herua, que tem tal vertude que a cobra em a cheirando fiqua douda, sem picar nem bolir comsigo. E sendo per estes homens buscadas as acharão e as matarão todas, que erão mais de vinte. Dom João de Lima, tendo d'ysto muyta paixão, sem saber quem lhe tal fizera, pôs escritos de cem pardaos a quem lho descobrisse, e se fosse negro catiuo o faria fôrro; ao que negros da forteleza romperão que as cobras mandára deitar hum mouro que elle espancára, o qual mandou buscar as cobras, e peitou hum negro de hum português, que as leuou dentro em hum calão e as largou dentro na forteleza. O que sabido por dom João de Lima tantas espias trouxe ao mouro que o tomou dentro em sua casa, jazendo dormindo, e o mandou atar a quatro estacas no chão polos pés e mãos, e lhe mandou fazer fogo derrador com que o esteue assando muyto deuagar. Do que ElRey de Calecut ouve grande paixão, por grandes cramores que lhe forão fazer outros mouros, e por ysto, e outras cousas, depois se aleuantou guerra, como adiante contarey.

Que como o Gouernador nom queria entender em nada pera fazer guerra, que tudo queria ter de paz pera pacifica entregar a India ao Gouernador que auia de vir pera o anno, e como os mouros nom estimauão o Gouernador, andauão muy soberbos e desmandados, e mórmente estes de Calecut, que estando o Gouernador no porto, dom Pedro de Castro e Antonio Galuão forão a terra jantar com dom João de Lima, e depois de jantar, com suas espadas na cinta, acompanhados de quatorze ou quinze homens, forão vêr a cidade, e andando por algumas ruas se fo-

rão ajuntando alguns mouros, que sempre por seu costume trazem suas armas, como os naires, que são espadas, e adargas, e zagunchos, e arqos e frechas, e andando após os nossos passauão por elles e os encontrauão, e se lhe atrauessauão diante, querendo auer briga com os nossos pera os matarem; o que dom Pedro [1] *entendendo disse* aos homens que nenhum nom mostrasse menencoria, e se rissem e zombassem, fazendo que nom entendião a tenção dos mouros; e com este modo se forão recolhendo pera' forteleza, metendose por huma rua estreita, com que sayrão ao terreiro da forteleza, onde achou dez homens d'espingardas que o capitão mandaua em busca d'elles, com que se recolherão, ficando os mouros batendo suas adargas, e esgrimindo suas espadas e lanças, dizendo: *Uxar português!* que quer dizer antre elles: *abrir os olhos, português!* E postoque o Gouernador ysto soube nem por ysto mandou a El-Rey nenhum recado. Com a qual soberba dos mouros, e desprezo em que tinhão o Gouernador polos desmandos que se fazião, a que elle nom acodia, em quanto o Gouernador assy andou fóra da India, soltamente fizerão os mouros grandes roubos, matando os portugueses, e tomando fustas e nauios onde os topauão, com que ouverão muyto dinheiro com que se aperceberão de grandes armadas de paraos com muyta*artelharia e gente, de que forão armadores Baleacem e Cotiale de Tanor, e Patemarcar, de que já faley, aos quaes derão grande ajuda de muyto dinheiro os mercadores de Calecut e Cananor, que lhe dessem guarda a suas naos, que no inuerno fizerão prestes de sua carga de pimenta e drogas pera Meca, que passarão de trinta que sayrão de muytos rios, mórmente do rio de Chale. Do que dom João de Lima ouve noticia e soube que do rio auião de sayr oito naos, *e* mandou sondar a barra pera vêr que nauios podião entrar, e de tudo mandou auiso ao Gouernador pera que logo mandasse guardar o rio; mas o Gouernador, parecendolhe que se a ysto acodisse, e tomasse estas naos, se podia aleuantar guerra com que nom podesse hir a Ormuz, dessimulou com outras acupações. Os mouros sayrão com as naos, e paraos em sua guarda que as puserão doze ou quinze legoas fóra da costa, que se forão caminho de Meca, e os paraos se tornarão á costa, onde andauão roubando quanto achauão, matando e catiuando quantos portugueses achauão, que logo tornauão a res-

[1] *entendo e disse* Autogr.

gatar por pouqa cousa; e usarão d'esta manha, porque matando os nossos muyto pelejauão, e sabendo que catiuos se resgatauão nom pelejauão e se entregauão, com que fizerão muytos móres males. E ventando a viração do mar, com que da terra ninguem podia sayr, os paraos passauão pola barra de Cochym com bandeyras e tangeres, deitando foguetes, fazendo zombaria dos nossos, que estauão olhando na praya, e o Gouernador das suas genellas que os estaua olhando, e zombando, dizendo: « Pouqa vergonha de ladrões! » E mandaua vigiar as naos da carga que estauão na barra, porque de noite lhe nom deitassem fogo; o que os paraos puderão fazer bem a seu saluo, se elles quiserão, mas trazião por regimento de seus armadores que nom se acupassem em pelejar, senão onde esperassem proueito.

O Gouernador deu muyto auiamento ás naos da carga que se partissem com tempo pera elle se poder auiar pera hir a Ormuz, que era o mór seu cuidado, que tinha já muyto emprego feito em Baticalá, e em Coulão e Cananor, pimenta e drogas, e em Cananor muyto gengiure; em modo que a gente, vendo o Gouernador assy descuidado do bem e cobiçoso no dinheiro, lhe dauão peitas grossas, porque elle lhe daua licenças que fossem em nauios e fustas a tratar e ganhar por onde querião; com que no seruiço d'ElRey nom andauão senão os que querião. E estes desmandos que auia na gente da guerra assy os auia nos officiaes da justiça e fazenda, que todos andauão a quem mais podia.

N'estas naos mandou ElRey reposta ao Gouernador do que lhe escreuera ácerqua das cousas do apostolo são Thomé, e lhe mandou grandes apontamentos do que auia de mandar fazer, porque o padre Penteado, que a ysso fôra de quá, lhe dera da cousa muyta enformação; polo que mandaua apontamento porque se tirasse na terra grande inquirição pera se apurar a verdade, e que a casa fosse muyto bem concertada; do que encarregou d'esta cousa a Manuel de Frias, que lá andára como já dixe. E mandou que com elle fosse João Froles, que em Ceylão andára nas cousas de Ceylão quando lá foy Lopo Soares, que veo prouido por ElRey de capitão e feitor da pescaria do aljofar, que se tira pola gente da terra antre Ceylão e o cabo de Comorym; que antigamente os mouros d'aquella costa apanhauão este aljofar, de que pagauão grande renda aos senhores das terras, d'onde os Gouernadores auião boa parte, porque senhoreauão o mar. Polo que agora assy vindo prouido João Froles que

tomasse e arrecadasse pera ElRey esta pescaria, de que o Gouernador ouve perda por nom poder arrecadar pera sy, nom deu a João Froles a armada e gente que ElRey mandaua, e por lhe tirar o que podia ganhar mandou a Manuel de Frias que fosse á pescaria, e a fizesse em arrendamento do que por ella lhe dessem os senhores da terra, e esto porque se soubesse o que rendia, o que acabado se fosse andar na costa de Choromandel por capitão e feitor.

E porque n'este tempo chegou a Cochym Ambrosio do Rego, que veo de Malaca, que deu conta ao Gouernador dos males que se lá passauão, que já contey, de tantas gentes mortas e nauios tomados e perdidos, e assy tambem o trabalho em que estaua Maluco, e tambem assy chegou o nauio de Pacem, per que dom André mandaua ao Gouernador * pedir * capitão pera a forteleza, o Gouernador em todo proueo o melhor que pôde.

Então despachou pera capitão do mar de Maluco Martim Afonso de Sousa, irmão de Fernão de Sousa, page do liuro d'ElRey dom Manuel, ao qual deu armada de noue velas, nauios bem artilhados, e com boa gente e monições, porque [1] * tambem * hia pera prouimento de Malaca, porque Jorge d'Alboquerque lhe escreueo que agardaua pola guerra de Bintão e dos achens. Esta armada partindo de Cochym, no caminho se apartou hum nauio de hum Roque Figueira, que de noite com tromenta foy dar em huma ilha, onde se perdeo e morreo toda a gente. Os outros passarão a Malaca, que estaua em grande falta de mantimentos; polo que o capitão Jorge d'Alboquerque reformou Martim Afonso d'armada miuda e junqos grandes, e o mandou a Patane, pera d'ahy fazer arribar a Malaca os junqos da Jaoa, que hião carregados de mantimentos pera Pão e pera Bintão. Martim Afonso foy lá, e achou muytos junqos com que pelejou, e os tomou, que trouxe a Malaca, e assy tambem carregados d'arroz os junqos que leuára, e tomou muytas mercadarias nos junqos que tomou, e tornou a Malaca com muyta riqueza, e Malaca fiqou tão abastada que lhe durou muytos annos.

Tambem o Gouernador despachou Bastião de Sousa com dous nauios que fosse carregar a Banda e fazer seu proueito, por o Gouernador ser seu amigo, e elle ser fidalgo proue, que viera pera andar tratando,

[1] * tam * Autogr.

com tres nauios, da ilha de São Lourenço pera a costa de Melinde, como já atrás contey.

Tambem o Gouernador despachou Lopo d'Azeuedo pera capitão de Pacem, que dom André lhe mandára pedir, que foy no mesmo nauio que dom André mandára, que foy bem corregido; o qual leuou todo o que compria pera' forteleza, que foy boa artelharia e poluora, e pilouros e chumbo, e oitenta homens, o qual no caminho com temporal alijou quanto leuaua. Despachadas as cousas de Cochym e prouimentos pera fóra, deixou dom Luiz seu irmão com poderes de Gouernador pera guardar a costa o verão, e no inuerno enuernasse em Cochym, onde deitou os nauios que auião mester corregimento. E se foy a Goa com su'armada carregada, com que se foy a Ormuz, e de Goa despachou Heytor da Silueira com oito velas grossas muy concertadas e armadas, e com boa gente, e hum bargantym pera o seruiço das cousas da terra, e o mandou ao estreito, que fosse ao porto de Maçuhá buscar dom Rodrigo, embaixador, assy como dom Luiz lhe promettêra que o tornaria a buscar, e tambem ElRey mandaua que os fossem buscar cad'anno até que os trouxessem, porque os da Tiopia nom cuidassem que nós os nom estimauamos. Da qual viagem d'Heytor da Silueira logo contarey.

CAPITULO XV.

DO QUE FEZ HETTOR DA SILUEIRA NA VIAGEM QUE FEZ AO ESTREITO EM BUSCA DE DOM RODRIGO, E DA PAZ QUE ASSENTOU NA CIDADE D'ADEM.

Hettor da Silueira se partio de Goa em fim de janeiro do anno de 1524 com su'armada de quatro galeões, elle em hum, e dos outros erão capitães Antonio de Lemos, Nuno Fernandes de Macedo, Manuel de Moura, e quatro nauetas de que erão capitães Duarte de Mello, e Antonio Ferreira, e Aluaro de Crasto, Anrique de Macedo, e hum bargantym de que era capitão Fernão Carualho, e toda' armada prouida do que compria, com setecentos homens afóra a gente do mar, atrauessou a Çacotorá, onde fez agoada, e d'ahy se foy polo estreito, fazendo boas prezas em quatro naos que tomou, de que os nauios se carregarão de muytas roupas que leuauão pera o estreito, que leuauão de Cambaya, e recolherão os catiuos que podião seruir, e os outros dentro nas naos lhe puse-

rão o fogo. A qual noua deu em Adem hum barqo pequeno, que achou huma nao queimada no mar, auendo vista d'armada, que chegou ao porto d'Adem o dia á tarde que chegára o barquinho, que as naos que estauão no porto nom tiuerão tempo pera fogirem do porto carregadas, que então forão da India. Vendo os mouros chegar nossa armada forão em grande medo que suas naos erão perdidas, com o que se forão a ElRey, com que ouverão seus concertos, em que assentou o Rey fazer todolos bons concertos que pudesse com o capitão d'armada, em modo que saluassem suas naos; polo que logo o Rey mandou em huma almadia seu recado ao Capitão mór, e lhe mandou dizer que se nom vinha pera lhe fazer mal folgaua muyto com sua chegada, porque ally em sua cidade acharia tudo o que ouvesse mester, com tanto que lhe assentasse paz e amizade com ElRey de Portugal, de que queria ser vassallo, por ter seu fauor contra os rumes; polo que assentaria todo' concerto que fosse bem e rezão. E que se vinha pera lhe fazer mal se defenderia como pudesse, porque elle nunqua fizera mal aos portugueses, sómente defenderse quando os portugueses quiserão fazer mal, fechando suas portas por lhe nom tomarem sua cidade contra sua vontade.

Heytor da Silueira era homem grandioso, e d'opinião que auia de fazer taes seruiços que ElRey lhe désse a gouernança da India, e n'ysto trazia o ponto. E porque este era o primeyro encargo que lhe cayra nas mãos, determinou suas cousas fazer muyto acertadas, tomando em sy grande prazer se pudesse assentar Adem em algum bom concerto, em que fizesse algum bom seruiço a ElRey, mórmente a grande honra que ganharia se assentasse Adem em algum tributo, ganhada grande honra. E com este pensamento, sem tomar algum conselho dos homens velhos na India que hião n'armada, respondeo a ElRey que elle nom vinha a seu porto a lhe fazer mal, e que indaque viera pera lho fazer nom lho fizera, ouvindo seu recado que queria ser amigo e vassallo d'ElRey de Portugal, polo que lhe faria muytos bens e guardaria seu porto, e lho defenderia de quem lhe quigesse fazer mal; que por tanto pera assentar esta paz lhe mandasse huma pessoa principal de sua casa, com que falar e assentar o que se auia de fazer. Com a qual reposta ElRey e os mercadores ficarão muy contentes, vendo que segurauão suas naos e fazendas que n'ellas tinhão, dizendo a ElRey que fizesse todo' concerto, porque todo o que désse elles o pagarião. Então logo o Rey mandou ao

Capitão mór barqos com carneiros, galinhas, manteiga, e agoa, e leynha pera toda' armada, que era a milhor cousa que auia mester 'armada, e pera Heytor da Silueira grande presente de peças de brocadilhos, e tafetás e cityns de Meca, o que lhe veo apresentar hum regedor da cidade com sua carta de crença pera fazer os concertos, que trouxe por apontamentos d'ElRey ; ao qual regedor Heytor da Silueira fez muyta honra, estando elle assentado com muyto aparato com os capitães na tolda, assentados em banqos com alcatifas, cubertos, e a tolda armada, e ao regedor mandou assentar em huma cadeirinha rasa cuberta d'alcatifa, e praticarão no assento das pazes, em que nom ouve muyta profia, porque o regedor já vinha auisado do que auia de fazer e assentar, que forão assentadas que ElRey d'Adem désse cad'anno pera ElRey de Portugal dous mil xarafins d'ouro feitos em huma coroa, que assy feita se leuasse a ElRey de Portugal, que bastaua pera conhecimento de vassallagem, com sua carta feita em folha d'ouro, como dauão todolos Reys da India ; com a qual paz e amizade seu porto seria franco, e guardado a todolas naos que n'elle estiuessem, assy naturaes como estrangeiras, e aos naturaes serião seguras per todolos portos e mares onde os achassem, nom achando n'ellas rumes, nem estando das portas pera dentro do estreito ; e que ElRey daria cartazes a seus naturaes pera nauegarem seguros, e os portugueses que leuassem mercadarias a seu porto pagarião sómente ametade dos direitos que os outros mercadores pagauão ; e com ysto outras muytas sostancias de huma parte e d'outra, tudo reteficado com muytas firmezas. No que ouve detença de quinze dias, e se assinarão cartas por Heytor da Silueira com a chapa das quinas, e a carta d'ElRey em folha d'ouro, por ElRey e regedores da cidade assinados, que trouxerão a Heytor da Silueira dous regedores da cidade, com a coroa feita da feição que mandou Heytor da Silueira, e presente de peças pera Heytor da Silueira, e pera os capitães, repartidas per ordem de Esteuão Dias, lingoa, que andaua com os recados. Ao que Heytor da Silueira mandou a ElRey hum capelhar de grã fina, forrado de damasco encarnado, com muytos lamares de fio d'ouro, que mandou fazer em quanto os recados andauão, e huma peça de veludo crimisym, pedindolhe perdão, que era homem d'armada que nom tinha peças com que o seruir ; e lhe mandou huma cadeira gornecida de veludo crimisym, com franjas d'ouro e crauação dourada, dizendo que na cadeira se assentasse muy

descansado n'esta boa paz que assentára com ElRey de Portugal. Em quanto se estas cousas passauão vinhão almadias de terra vender ás naos cousas de comer, e os nossos andauão muy seguros pola cidade, onde vendião as roupas das prézas, em que o Rey fez mais proueito que dez coroas como a que deu, segundo o bom barato que os nossos fazião; e andauão por onde querião, fazendolhe toda a gente da cidade muytas honras, que assy o mandára ElRey apregoar. Com o que os nossos fazião muytos desmandos, do que ninguem se queixaua, nem Heytor da Silueira o sabia, que se o soubera deralhe muyto castigo. Heytor da Silueira deu auiso a homens que mandou a terra que andassem toda a cidade, e muros, e portas, e ribeira, que tudo vissem e espiassem muyto bem, pera d'ysso lhe darem recado; o que assy fizerão, e tudo virão, e forão onde estauão as sepulturas dos mortos que na cidade matarão quando Afonso d'Alboquerque n'ella pelejou, como em sua lenda fica contado, o que tudo os mouros lhe mostrauão, que todos juntos os nossos estauão sepultados em hum escampado, que todos tinhão couas á maneyra de sepulturas dos mouros, com bandeyrinhas, e antre todos estauão as couas de Gracia de Sousa e de Jorge da Silueira, mais altas, com dous degraos, cubertas com casinhas de palha, que assy estão os jazigos dos mouros honrados, e ás cabeceiras tinhão lageas brancas, com letras cortadas que contauão seu feito de como morrerão.

Tendo ElRey assy bem ordenada sua atrayçoada paz, pedio a Heytor da Silueira muy afincadamente que o bargantym lhe deixasse no porto em sua guarda, e pera andar no mar e fazer arribar ao porto as naos que passassem, que lhe fossem pagar seus direitos; ao que elle pagaria a despeza do bargantym, e soldo aos homens e remeiros, tanto quanto lhe elle ordenasse. O que Heytor da Silueira lhe outorgou, e por grandeza que sempre o teria, sendo o Gouernador d'ysso contente. O que assy concertado lhe deixou o bargantym com vinte homens bem armados espingardeiros, a que ElRey logo assentou soldo e mantimento de trinta xarafins a cada homem por mês, e aos remeiros cinqo xarafins, e ao capitão Fernão Carualho cincoenta xarafins. E por cada nao que lhe trouxessem ao porto daua cem xarafins: ao que muytos emportunarão Heytor da Silueira que os deixasse no bargantym.

Sendo tudo ysto assy acabado com tão boa paz, Heytor da Silueira se partio, e entrou no estreito, e foy ao porto de Maçuhá, onde chegou

em fim de março de 524, onde entrado no porto achou hum criado do barnegaes, que lhe deu nouas que dom Rodrigo o anno passado viera até chegar d'ally de Maçuhá duas jornadas, e que dandolhe a noua que dom Luiz era partido pera' India, mandára leuar cousas que dom Luiz lhe deixára em Arquico e cartas, com que dom Rodrigo tornára ao Preste, e era já tornado, e com sua companha estauão em hum lugar; que logo os hiria chamar, que pera ysso estaua elle agardando por mandado do barnegaes, e que logo se auia de partir com recado, se lho désse, que tinha caminho de vinte dias pera andar até onde dom Rodrigo estaua, andando inda grandes jornadas; e que vindo dom Rodrigo com sua recoua nom podia chegar a Maçuhá em menos de vinte cinco dias.

Ao que Heytor da Silueira tomou acordo com os pilotos e mestres e capitães, que todos lhe disserão que nom podião ally estar mais que até vinte dias d'abril, porque se mais estiuessem ficarião enuernando dentro no estreito, o que o Gouernador em seu regimento lhe muyto defendia. Do que Heytor da Silueira mandou fazer auto, em que todos assinarão. Então escreueo cartas a dom Rodrigo, em que lhe daua conta que ally o viera buscar com aquella armada, que tanto gasto fizera a ElRey, e se tornaua sem recado, por elle estar tão longe do mar; que dom Luiz lhe deixára dito que [1] *estiuesse* sómente duas jornadas do mar, o que muyto compria que assy estiuesse perto do mar pera acertar sua embarcação, e nom virem tantas armadas ao buscar com tantas despezas debalde. A qual carta foy dada a dom Rodrigo, que elle mostrou ao Preste, polo que então os mandou que estiuessem o mais perto do mar que pudessem com o barnegaes, onde elle quigesse; onde lhe mandou dar seu gasto auondosamente, como contarey adiante na lenda de sua viagem dés que partio de Maçuhá até que n'elle se tornou a embarqar.

Heytor da Silueira se partio de Maçuhá aos seis d'abril, e sayo do estreito, e foy sorgir no porto d'Adem, onde o bargantym o foy receber ao mar com bandeyras de seda que lhe dera ElRey, e os homens vestidos louçãos, com refresco que lhe ElRey mandou, e lhe mandou dar quanto ouve mester per' armada, e tudo com tanta boa vontade como se forão bons irmãos; e tantos bens contauão os do bargantym que lhe ElRey fazia, que muytos emportunauão Heytor da Silueira pera n'elle fi-

[1] *estiue* Autogr.

car, com que remudou alguns, que todauia no bargantym nom ficarão mais que os vinte portugueses com seu capitão Fernão Carualho. Com que Heytor da Silueira se partio com muyto prazer de fazer a cidade d'Adem trebutaria a ElRey de Portugal, e foy correndo a costa de Fartaque com grande fortidão de tempo á popa, que sempre ally ha n'aquelle tempo, e foy tomar em Curia Muria, onde esteue, e no tempo se foy pera' India, que nom quis hir a Ormuz, onde na costa de Dio topou o Gouernador que hia d'Ormuz. E do que mais socedeo n'esta enganosa paz d'Adem, contarey adiante em seu tempo.

CAPITULO XVI.

DO QUE FEZ DOM LUIZ, QUE FIQOU NA INDIA, EM QUE GASTOU O VERÃO, E ENUERNOU EM COCHYM.

Dom Luiz, que fiqou na India com 'armada, andou na costa até entrar o inuerno, que se recolheo a Cochym, onde enuernou com muyta gente que fiqou com elle, porque, emendado da erronia com que entrou na India, se fez tão manifico e bem ensinado aos homens, e como era cortesão e muyto auisado se fez conuersauel aos homens em tanta maneyra, que todos o muyto agardauão e acompanhauão, porque daua muy grande mesa e muy concertada. Com que se meteo no trabalho da varação da ribeira, que todos os nauios tirou a monte, onde elle andaua nas barras dos cabrestantes com muytos prazeres e graças, com que fez grande corregimento em tod'armada, e fez de nouo o galeão São Luiz, e fez huma galé real, e acabou huma galé bastarda, que estaua começada, que se chamou Santa Cruz, que foy a milhor peça que ouve na India; onde sempre dom Luiz era continuo no seruiço da ribeira, e muyto conforme com o doutor Pero Nunes vêdor da fazenda, a que elle sómente acupaua na compra da pimenta.

N'este inuerno se moueo guerra antre ElRey de Calecut e o Rey de Cranganor, do que foy a causa que o Rey de Cranganor era subdito ao Rey de Calecut, e tomou secreta amizade com ElRey de Cochym, pera com seu fauor se desobrigar da sogeição do Çamorym, com que se reuelou. Ao que acodio o Çamorym, e mandou muyta gente sobre o Rey de Cranganor, com que lhe destroyo a terra e matou muyta gente, e lhe

queimou o proprio lugar de Cranganor, em que estaua a nossa ygreija do santo apostolo são Thomé; e o Rey de Cranganor se passou a outra terra, e mandou pedir soccorro a dom Luiz contra o Çamorym, alegandolhe 'amizade que tinha de tantos tempos com ElRey de Portugal, ao que tambem era rezão que acodisse por vingança de os mouros de Calecut ally queimarem nossa igreija. Do que dom Luiz se escusou, dizendo que o nom faria, porque elle nom era amigo d'ElRey de Cochym, porque de suas amizades secretas ninguem nom sabia nada; que quanto á igreija, se primeyro que os mouros vierão lho mandára dizer, que elle em pessoa a fòra defender; [1] * mas * já era queimada; nom auia que vingar, senão que mandaria fazer outra de nouo.

Sobre o que Rafael Catanho, que estaua em Cochym, que viera da China muyto riqo, muyto aprofiou com dom Luiz que désse 'ajuda que lhe o Rey de Cranganor pedia, que elle se offerecia a andar na guerra com tresentos homens portugueses, e os pagaria á sua custa. Dom Luiz era muyto auisado, e lhe respondeo: « Senhor Rafael Catanho, posto- » « que nom vades fazer esse trabalho e despeza, já d'ahy vos fica a hon- » « ra de assy vos offerecerdes. Peçouos, por mercê, que repouseys com » « vosso dinheiro, que fostes ganhar com tanto risco da vida. Nom vos » « faça elle a condição mais bellicosa, do que he resão, contra quem vos » « nom pede conselho. »

CAPITULO XVII.

QUE CONTA DO QUE FEZ O FEITOR MANUEL DE FRIAS EM CHOROMANDEL, E EM MALACA, E MALUCO, * E * PACEM, QUE SE [2] * PASSOU * DEPOIS DAS OUTRAS COUSAS QUE JÁ ATRÁS SÃO CONTADAS, E ESTAS SE PASSARÃO ATÉ CHEGAREM AS NAOS DO REYNO, DE 524.

Manuel de Frias, capitão e feitor de [3] * Choromandel *, polo regimento do Gouernador, que leuou, meteo João Froles na pescaria, de que fez arrendamento aos digares da terra por mil e quinhentos cruzados cad'anno, onde fiqou por feitor João Froles, com seu escriuão, em huma barcaça bem armada; e indaque do dinheiro do rendimento da pescaria o feitor nom podia furtar, teue outros modos, tirando dos pescadores pro-

[1] * mais * Ms. [2] * passaram * Autogr. [3] * Choromall * Id.

prios do aljofar, com que fez muytos roubos, como se fazem hoje em dia; porque os males da India nom se emendão, mas crecem de cada vez mais, como adiante contarey do fim que ouve este João Froles n'esta pescaria, em que pagou parte dos males que fez.

Manuel de Frias se foy a casa do santo apostolo, e deu dinheiro na mão do padre Antonio Gil pera' obra da santa casa, e o mestre que auia de fazer a obra e Vicente Fernandes tiuerão conselho do que se deuia fazer, e assentarão derrubar o corpo da ygreija, e a tornar a fazer de nouo na propria grandura que estaua, porque remendada nom prestaria pera nada; sómente com a capela mór e jazigo do santo nom bolissem, sómente com paredes por fóra pera sostimento do corucheo, com que nom se auia de bolir, pera ficar por memoria pera sempre. O que assy foy feito a ygreija de nouo, sómente hum pouqo mais comprida do que era, e da mesma largura, e á entrada *da* mão esquerda, em que se fez huma capela pera a pia de bautizar, n'ella se fez a escada pera o coro. Sobre ella se fez huma torre mais alta que a igreija outro tanto; a igreija çarrada d'aboboda, com seus botareos per fóra, e per cyma ameada com fremosas amêas, e assy a torre, tudo muyto loução; e sobre a porta principal genella pera o coro, e sobre ella gorita pera defensão da porta, com suas seteiras; e todas as amêas a modo de forteleza, que depois que a gente creceo, e se fez pouoação dos portugueses, na porta principal se fez hum alpendere do tamanho da igreija, porque a gente dentro nom cabia, e ao redor da ygreija se fez huma cerqua, que a casa tinha, dentro da qual ficarão os jazigos dos discipolos do santo apostolo, e dentro na ygreija á mão esquerda foy feita huma capella dos Reys Magos, e á mão direita outra capella da Conceição, e tudo muy forte e defensauel, pera se defender, *e* auendo algum aleuantamento na terra a igreija ser sua forteleza. Então derrador da capella mór se fundou huma grossa parede per cyma da outra, que fosse entestar no corucheo, polo que foy necessario se toquar no jazigo do santo. Então o padre Antonio Gil, com outro chamado Pero Fernandes, homem de setenta annos, e outro padre, todos tres que seruião a casa per suas deuações, trabalhauão na obra, e o padre chamou hum Diogo Fernandes, e Brás Fernandes, e Diogo Lourenço, que ajudassem a cauar o alicerce que se auia de fazer polo jazigo, que de força se auia de fazer, e nom era bem que ally trabalhassem gentios, senão christãos portugueses. O que assy pareceo bem

a todos, que com deuação se confessarão e commungarão, e se meterão a cauar, onde logo acharão huma terra solta d'altura de tres palmos, e descobrirão a coua, que era larga, feitas as paredes d'ella de tijolo, acafelada por dentro, e sã como se ouvera pouqo tempo que fôra feita. E despejada a coua, que estaua chea de terra, e em baixo estaua ladrilhada de hum tijolo grosso de tres palmos, que sendo todo tirado, acharão debaixo outra terra solta como a primeyra, de dous palmos d'altura, e tirada fóra acharão debaixo outro ladrilhado, argamassado como o outro, e deixarão de cauar cuidando que ally acabaua a coua; mas o mestre disse que cauassem, porque auia de fundar a parede no fixo da terra. Então tornarão a cauar, e tirarão este ladrilhado, que estaua argamassado e muy forte, com que leuarão muyto trabalho, debaixo do qual acharão outra terra solta, que o mestre mandou tirar até achar o fixo, e tirada a terra acharão huma argamassa sem tijolo, muy forte, que os picões nom podião quebrar, que era de dous palmos de grosso, hindo sempre as paredes da coua dereitas abaixo, feitas de tijolo, assy acafeladas por dentro como a primeyra. Tirada esta argamassa, acharão debaixo duas lageas juntas, da grandura da coua, muyto justas, que tiuerão muyto trabalho ás tirar, porque nom tinhão por onde as tomar pera as aleuantar; e sendo tiradas acharão outra terra solta, a que derão pressa a tirala de dia e de noite, com medo que ouverão da gente da terra fazer algum aluoroço, cuidando que elles ally cauauão porque achauão algum dinheiro; e trabalhauão fortemente, achando as paredes da coua d'ally pera baixo sem acafelamento; e o que tinhão cauado era já de quinze palmos d'alto.

E tirada a terra acharão huma arêa branca, mesturada com cal virgem muyto branca, a qual tirando acharão ossos de caueira, e de pernas e braços, e d'outras partes do corpo, e aos pés da coua acharão hum calão, que he panella, cheo da mesma arêa, que leuaria seis canadas, e pera o meo da coua acharão hum ferro de lança da feição d'oliueira comprido do aluado, que estaua inteiro com hum pouqo de páo no aluado, e os ossos tão gastados que bolindo com elles se quebrauão, os quaes com muyto acatamento, e lagrimas de muyta deuação que todos chorauão, o padre com hum panno de seda nas mãos os buscou todos, e os meteo em huma boêta grande, por nom ter outra cousa em que os metesse. E o mais d'esta coua ficaua por debaixo do alicerce do corucheo.

Ao que foy chamado o feitor, a que derão conta do que tinhão achado, ao que o feitor deu hum cofre da China nouo, dourado, com cadeado de prata, onde se meterão as santas reliquias, adoradas de todos com lagrimas de muyta deuação; e em outro cofre meterão a ossada do Rey christão que o santo apostolo conuertêra, que já contey que jazia á porta principal; e tudo fechado, de que o feitor tomou as chaues pera as dar ao Gouernador.

Depois veo do Reyno o padre Penteado, que lá fôra, que trouxe a vigairaria da santa casa, e quebrou os cadeados, e tirou as santas reliquias, e as meteo em huma pequena caixinha quanto [1] *ellas* couberão, [2] *feita* do mesmo páo da casa, que meteo no mociço do altar mór, elle só escondidamente, que ninguem soube onde as meteo, em hum vão que elle por sua mão fez pera ysso. Do que a ninguem o descobrio, sómente a hum bom homem chamado Rodrigo Aluares, ao qual deu juramento sobre as santas reliquias que a nenhuma pessoa o descobrisse, sómente achandose no artigo da morte que o descobrisse a seu confessor, a que primeyro fizesse tomar juramento no santo sacramento, que tiuesse segredo e nom descobrisse a outra pessoa senão polo mesmo modo. Com que as santas reliquias estiuerão secretas até o tempo que forão tiradas, como adiante contarey.

E o alicerce foy feito com resguardo do santo jazigo, quanto pôde ser, e se fez a parede, com que a casa fiqou acabada como parece n'esta pintura, que eu tirey por natural. A madeira toda se recolheo e fechou em huma casa, de que se leuou em pedaços por reliquias; o que sendo todo sabido na India se forão lá viuer tantos portugueses, que ahy assentarão viuenda e fizerão casas de tijolo quebrado que achauão debaixo da terra, em que achauão poços e paredes de casas repartidas, que segundo parecia, a terra que em cyma estaua era cauadiça, da busca dos que buscauão o ouro que achauão. O que foy em tal crecimento como ora está, e ao diante será o que Nosso Senhor for seruido. Do que adiante mais contarey nos tempos em que se passou.

[1] *elles* Autogr. [2] *feyto* Id.

EM PACEM.

Já contey atrás como Lopo d'Azeuedo chegou a Pacem desbaratado, que tudo alijára ao mar com tromenta. Em Pacem era alcayde mór hum Ayres Coelho, cunhado de dom André, que era casado o dom André com huma sua irmã, o qual Ayres Coelho muyto aprofiou com o capitão, e teue grandes deferenças, porque mandára pedir ao Gouernador que mandasse outro capitão pera' forteleza, por quanto polo regimento d'ElRey a capitania da forteleza era sua quando a elle largasse, até o cabo de seu tempo; e nom apertou n'ysto muyto, parecendolhe que dom André morreria antes que chegasse o recado da India, e elle tomaria a posse da capitania, e estando feito capitão da forteleza, o que o Gouernador mandasse da India nom tinha com elle direito, que de força auia de tornar á India, e que tornando outra vez prouido já seu tempo teria acabado; mas vendo chegado Lopo d'Azeuedo prouido da capitania, o Ayres Coelho, com Simão Toscano, feitor, que era muyto seu amigo, e outros, tanto matinarão ao dom André que lhe fizerão que nom largasse a capitania, pois já estaua são e bem desposto, porque n'ysso ficaua muy abatido e deshonrado. O que dom André assy entendeo, e nom quis entregar a capitania a Lopo d'Azeuedo, que sobre ysso lhe fez seus requirimentos e protestos, e tirou seus estormentos como compria, e se partio pera Malaca, porque era monção. E dom André lhe pedio que lhe deixasse a gente, a qual Lopo d'Azeuedo lhe daua; mas todos se aleuantarão, dizendo que com dom André nom auião de ficar, polos males que d'elle dizião os que estauão na forteleza; e mais que elles nom partirão da India senão pera seruirem na forteleza com elle Lopo d'Azeuedo; porque na India já sabião o máo trato que daua á gente; polo que quem os desembarcasse do nauio ás lançadas auia de ser. E todos n'ysto se puserão; com que Lopo d'Azeuedo se partio, e foy a Malaca, onde esteue até o tempo da monção, com que se tornou á India dar rezão ao Gouernador, como adiante direy.

Os mouros, vendo partir Lopo d'Azeuedo com seu nauio, e gente que nom deixára, logo tornarão a dar fortes combates de dia e de noite, do qual trabalho, e medo, e paixão que dom André tomou de nom entregar a capitania a Lopo d'Azeuedo, adoeceo de todo á morte. O Ayres

Coelho, alcayde mór, com esperança que tinha de ser capitão, trabalhou com seus amigos secretamente que aconselhassem a dom André que tirasse seus estormentos do ponto de morte em que estaua, e lh'entregasse a forteleza e capitania, e n'ella estaria até o Gouernador prouer com outro capitão; que se hiria á India, e mostraria ao Gouernador sua desposição que era de morte, e por esta causa se hia, e deixaua a capitania a elle, que era alcayde mór; e se desculparia de nom entregar a capitania a Lopo d'Azeuedo, porque estaua então em desposição que lhe pareceo que poderia sofrir o trabalho que sobreueo, que o pôs em artigo de morte; o que todo o Gouernador lhe leuaria em conta. Os enduzidores dando estes conselhos a dom André, que n'ysso tinha boa vontade, se ouve por bem aconselhado, e determinou de assy o fazer. Então se fez prestes em hum nauio que hum chatim ahy deixára, que elle concertou, e n'elle recolheo seu fato e familiã, e chamou o alcayde mór perante os officiaes, e lhe requereo que se entregasse d'aquella forteleza e capitania, porque a elle pertencia ser capitão, por quanto elle lha largaua e entregaua, só a menagem que tinha; por quanto elle se achaua em ponto de morte, e se hia caminho da India, e se lá chegasse daria de sy conta ao Gouernador. E mandou ao escriuão da feitoria que fizesse auto, e de todo lhe désse estormento pera leuar. O alcayde mór, com muyta dessimulação disse que elle olhasse o que fazia, que elle estaua prestes a fazer todo o seruiço d'ElRey até morrer. Então dom André deu 'alcaydaria mór 'Antonio Ferreira, pessoa honrada, e tomou conhecimento da entrega que fazia e cousas que ficauão na forteleza e feitoria, e com seus papés se embarqou. O que foy em setembro do anno passado de 1523; de que ao diante contarey.

Vendo os mouros partir o dom André, parecendolhe que ainda leuaua alguns homens dos pouqos que auia na forteleza, e que nom fiquaua nauio que defendesse a barra do rio, logo aperceberão muytas lancharas, com que vierão polo mar muy armadas, e muyta gente por terra dando muytos * combates * á forteleza, e pouoação d'ElRey, que a ella estaua junta como já disse, em que lh'entrarão a tranqueira, e lha queimarão, e matarão muyta gente, e lhe leuarão muytã artelharia e fazenda; ao que os nossos da forteleza nom sayrão a defender, de que os mouros ficarão muy valentes, e vendo a fraqueza dos nossos tomarão atreuimento a vir cometer o cubello que estaua junto com o esteiro, * e * o to-

marão, e matarão tres portugueses, e ferirão outros, que fogirão pera' forteleza. No qual cubello tomarão hum camello, e dous falcões, e quatro berços, com que os mouros dobrarão seus esforços, e fizerão estancias em que assentarão muyta artelharia, com que de dia e de noite combatião muy fortemente a forteleza, onde ençarrarão os nossos, que nom ousauão a sayr a tomar agoa do rio de que bebião, que era hum tiro de pedra da porta da forteleza; polo que todos forão postos em muyto aperto de fome e sede, porque na queima da tranqueira d'ElRey lhe queimarão muytos mantimentos, e o regedor, com ElRey e suas molheres, se recolherão á forteleza, em que nom auia tantos mantimentos; com que forão postos em muyta agonia, com muytos trabalhos de dia e de noite.

Dom André, que hia pera' India, sendo na paragem da ilha de Ganispola [1], ouve vista dos nauios que hião de Cochym, em que hia Bastião de Sousa, de que ouve falla, e dom André lhe dixe da maneyra que ficaua Pacem, com guerra, fome, sede, em ponto de se perder a forteleza segundo a moltidão dos imigos que estauão sobre ella, e elle se hia á India por se achar em ponto de morte; e lhe contou o que passára com Lopo d'Azeuedo; requerendolhe que nom passasse sem visitar a forteleza de Pacem. Polo que Bastião de Sousa caminhou pera Pacem, e foy sorgir no porto, com que os nossos ouverão grande prazer, e alguns em almadias de noite lhe forão dar a noua de como estaua a forteleza, e lhe dixerão em pubrico, com grandes cramores bradando, que os secorresse e saluasse da certa perdição em que estauão, que já nom tinhão almas senão com esperança de chegar algum nauio. E pois Deos a elle trouxera os saluasse, porque a forteleza certo estaua ser perdida, porque, se elle fosse sem os remediar, protestauão de logo se entregarem aos mouros, e se farião da sua seita por saluarem as vidas. E estando estes assy falando vierão de terra outros, que inda fizerão móres cramores.

Então Bastião de Sousa pôs os nauios a bom recado, e com alguns homens armados se foy a terra, onde o capitão o recebeo, e toda a gente lhe fizerão grandes escramações que os liurasse da morte em que estauão, ou que se nom fosse, e ally estiuesse, e fosse seu capitão, porque se perdião á mingoa. O que tudo a grandes brados falauão com muyta ira contra o Ayres Coelho. Ao que elle nom ousou contradizer, mas disse

[1] Gamispola, segundo *Castanh. Hist. da India* Liv. V, Cap. XIII.

a Bastião de Sousa que bem via o que se passaua, que todo assy era verdade; que d'aquella hora lh'entregaua a forteleza, e lhe requeria da parte d'ElRey que d'ella se entregasse, porque se nom perdesse, que era d'ElRey. Ao que Bastião de Sousa respondeo que elle a forteleza e capitania nom tomaria, mas que estaria por companheiro, e ajudaria no que pudesse. Com que a gente fiqou contente, e Bastião de Sousa mandou desembarqar toda a gente e mantimentos que trazia, e logo se meteo em trabalho de repairar a forteleza do que compria, e com toda a gente foy cometer os mouros, os quaes, auendo que era secorro que viera á forteleza, nom quiserão contenda, mas logo se afastarão muy longe onde os nossos nom fossem. Com que os nossos ficarão descansados, e em tudo obedecião a Bastião de Sousa, e nada ao Ayres Coelho, e contarão a Bastião de Sousa a solapa que elle fizera a dom André, porque lh'entregasse a forteleza.

Dom André, apartandose de Bastião de Sousa, no mar, como disse, deu n'elle hum temporal tão forte que forçadamente tornou 'arribar a Pacem, e chegou ao porto, auendo dezeseis dias que hy estaua Bastião de Sousa; o qual se foy a terra, que o receberão como capitão, o qual sabendo da boa desposição em que estaua a terra, e já auia paz, tomou outro conselho de se deixar estar em sua capitania, e tornou a tomar o mando de sua capitania; de que toda a gente ouve muyto pesar. O que vendo Bastião de Sousa se ordenou de hir sua viagem, recolhendo sua gente, que dom André quis reter, com lhe fazer fortes requerimentos que nom leuasse a gente, e se nom fosse até de todo a terra ficar assentada em paz segura, que era mais seruiço d'ElRey que a viagem que hia fazer. Ao que lhe Bastião de Sousa respondeo que o seruiço d'ElRey elle o tinha bem feito, em vir ally a remediar o que elle deitára a perder e deixára desemparado, e se hia caminho da India; que se queria ter a terra em paz usasse de bondades com as gentes da terra, e nom fizesse os males de que d'elle se queixauão os da terra, e regedor, e os portugueses que ally estauão ajudando e seruindo, ajudando a soster a forteleza d'ElRey, que elle pedíra pera fazer seu proueito na paz, em que enriquecêra; que agora os sostiuesse na guerra; que elle nom queria estar por seu guardador, e tambem queria hir fazer seu proueito. Sobre o que tanto debaterão que vierão a más rezões, que lhe dixe Bastião de Sousa que se elle nom se atreuia a soster a forteleza lhe requeria que a

largasse, e que a sosteria com guerra e assentaria em boa paz e verdade, que a todos gardaria, mouros e christãos; e ysto faria, com tanto que elle logo s'embarcasse, porque estando elle na terra, indaque nom fosse capitão, a gente lhe queria tamanho mal que danaria quanto elle fizesse, cuidando que tornaria a ser capitão. De modo que antre elles ouve grande contenda e aluoroços; polo que os mouros tornarão a guerrear a forteleza de dia e de noite; ao que a gente nom queria acodir, e dizião que nom auião de pelejar sendo dom André capitão; e ysto dizião todos com grande onião, o que vendo dom André tomou seus conselhos com seus amigos * e * logo se tornou a embarcar manhosamente, com proposito que estando na barra embarcado e feita entrega da forteleza' Bastião de Sousa, que elle com a gente tiuesse desembarcado em terra, lhe tomaria elle os nauios no mar, em que estaria até que ouvesse na terra concerto de paz, e então lhos largaria, e nom auendo concerto de paz então deixaria na terra o que quigesse, e se hiria com os nauios; e com esta nécia e má tenção mandou embarcar seu fato. E porém Bastião de Sousa nom desembarcaua o fato, o que vendo a gente todos se começarão a embarquar, que ninguem lho podia defender, porque se lho querião tolher logo todos se punhão ás lançadas, em modo que ninguem lho tolhia. O que vendo os mouros, auido seus conselhos, nom [1] * pelejauão * e estauão prestes a vêr o cabo da contenda, e tanta pressa ouve que em huma noite toda a gente foy embarcada, ficando a forteleza de todo despejada; e tambem s'embarqou o Rey e o regedor com sua familia. Onde n'esta embarcação lhe fizerão muytos males e roubos; e ninguem teue cuidado d'embarqar a muyta artelharia que estaua na forteleza.

O que vendo Bastião de Sousa tamanho mal, mandou dizer a dom André que olhasse o que fazia em deixar perder huma forteleza d'ElRey, em que lhe daua tamanha perda, e tanta deshonra ao estado da India. Ao que dom André se embarqou e foy á nao de Bastião de Sousa, fazendolhe grandes requerimentos que se encarregasse da forteleza e a guardasse, que era d'ElRey. Bastião de Sousa lhe respondeo a forteleza bem guardada e segura estaua em poder de Antonio de Miranda, e elle lha tomára das mãos, e seguidamente Lopo d'Azeuedo, que per mandado do

[1] * pelejam * Autogr.

Gouernador vinha tomar entrega da forteleza, por seu petitorio e requerimento, e lha nom quisera entregar porque estaua já em bonança, e agora, que lhe fazia boa ajuda de sua boa vontade, nom lhe quisera entregar a forteleza, pedindolha; mas manhosamente se embarcára com pensamento máo, que elle sabia; que por tanto elle nom daua por nada; que da perdição da forteleza cortassem a cabeça a quem o merecesse e tinha obrigação de a gardar; que os homens lhe tinhão dito muytas cousas e manhas suas, e d'Ayres Coelho, que por capitaniar usára de manhas de que tambem tinha muyta culpa; que se desenganasse, porque elle nom se auia de desembarquar dos seus nauios, nem tomar entendimento em nada, senão se elle com toda a gente se tornasse a desembarquar, e em terra lh'entregasse a forteleza, de que elle tomaria seus papés pera ElRey: então faria o que fosse seu seruiço. E d'ysto pedia estormento pera seu resguardo; mas dom André ouve medo de Bastião de Sousa o prender [1] * se * lh'entregasse a capitania em terra, * e * disse abertamente em pubrico: « Perquase quanto se perder, que eu nom hey » « de tornar a terra, que ElRey nom me póde fazer mais que me cortar » « a cabeça, quando me não puder saluar. » E se tornou a seu nauio, tirando seus estormentos, e Bastião de Sousa sospendeo ancora e se deixou afastar longe ao mar.

Dom André, recolhido com toda sua gente, mandaua Ayres Coelho a terra que fosse recolher 'artelharia, mas a gente * disse * que lá nom auião de hir senão que elle fosse diante, o que elle nom quis fazer, que ao menos antes que se recolhêra deuêra d'arrebentar toda' artelharia, como lho dizia o seu condestabre; o que nom fez, porque sua embarcação era com a tenção d'enganar Bastião de Sousa, como já disse. Os mouros, vendo que ninguem nom parecia na forteleza, entrarão n'ella com muyto resguardo, [2] * cuidando * que os nossos deixarião algumas minas de poluora. Andarão olhando tudo, e nom achando nada de que auer medo entrarão muytos, dando grandes gritas e pondo muytas bandeyras que tiuerão até tarde. Então, porque os nossos [3] * o * vissem, despararão todos os tiros grossos, que erão doze, e falcões, e [4] * os tirarão * fóra, e puserão fogo á forteleza, que tudo foy feito em cinza: o que foy em maio de 524.

[1] * que * Autogr. [2] * andando * Id. [3] * a * Id. [4] * atiraram * Id.

E assy perdeo ElRey esta forteleza, que foy a primeyra que se perdeo na India, com tanta artelharia, e menoscabo de seu tamanho credito, como era ganhado na India com tão famosos feitos. E dom André foy á India, e a Portugal ante ElRey, e castigo nenhum ouve, como são todolos males da India.

Elle se fez á vela, o que assy fez Bastião de Sousa, e se forão a Malaca, onde sabida a noua da perdição da forteleza todos ouverão muyto pesar, polo tamanho descredito dos portugueses, com que os mouros ficauão com dobrados corações e forças contra os nossos. Com que os achens tomarão logo todo o Reyno de Pacem e Daru, de que o Rey fogio pera Malaca, que era nosso amigo, onde elle, o Rey de Pacem, e seu regedor, todos juntos em huma casa, viuião muy pobremente com muyto desemparo, assy como sempre tem os que bem seruem ElRey, que vão morrer aos espritaes.

E sendo o tempo da monção pera a India, dom André se partio, leuando o regedor e Rey de Pacem, que no caminho foy ensinando que dixesse ao Gouernador que elle trabalhára muyto, e per caso de sua doença se fizera o mal da forteleza que era feito, e outros enganos, com que chegado ao Gouernador tudo lhe passou e remeteo ao Reyno, e o Rey de Pacem foy tornado a Malaca, dizendo que d'ella o mandarião com armada e gente, com que tornasse a ganhar seu Reyno; e com este engano esteue em Malaca padecendo pobreza até que morreo.

EM MALACA.

Jorge d'Alboquerque, capitão de Malaca, com arreceo que teue que ElRey de Bintão, com a noua da perda de Pacem, se mais esforçaria pera o mandar guerrear, se quis aperceber primeyro dos mantimentos, que era o que mais compria. Mandou dom Gracia Anriques, que era chegado de Maluco, que fôsse por Capitão mór em hum nauio bem armado, e Ayres Coelho em outro, e Duarte Aluares e Diogo Fragoso, casados em Malaca, capitães em dous carauellões bem armados, e lhe mandou que se fosse estar na barra do rio de Bintão, tolhendo a su'armada que nom saysse. Os quaes sendo partidos, Jorge d'Alboquerque mandou o feitor Gracia Chaynho com lancharas e manchúas, que fosse d'ahy a cinqo legoas ao rio de Muar, a fazer vir a Malaca mantimento; o que elle

fez, postoque com muyto perigo, pois nom leuaua armada. O qual sendo partido, chegarão a Malaca doze lancharas d'ElRey de Bintão, que se atreuerão chegar ao porto de Malaca, porque tinhão sabido que no porto nom auia armada que lhe pudesse fazer mal, e correndo a costa chegarão á ilha das Naos, onde estaua Simão d'Abreu * em * hum seu * nauio *, em que viera de Maluco, em que elle estaua com catorze portugueses em guarda, que o vigiauão. As lancharas derão sobre o nauio em amanhecendo, que todos estauão já descansando da vigia da noite, e cerquarão o nauio todo, entrando por todas partes. Ao que Simão d'Abreu, e os outros acodirão ás lançadas, pelejando tão fortemente que os mouros nom puderão entrar, com que se arredando, do nauio lhe tirarão com artelharia, com que espedaçarão tres lancharas, e morreo muyta gente d'ellas. Do que os mouros endinados, per sua vingança acenderão fogo em hum junqo que estaua perto do nauio, que leuarão á toa e pegarão com o nauio, que lhes nom valeo o muyto tirar d'artelharia; o qual junqo pegado no nauio com grande fogo, logo se acendeo no nauio, que os nossos cortarão as amarras, mas o junqo com o vento do fogo foy sempre apegado no nauio, que ardeo todo com os portugueses dentro, e com muyto crauo que inda tinha, tudo á vista da forteleza, que lhe nom pôde fazer secorro, porque nom auia em que, sómente hum nauio de Jaoa, que se chamão giropangos, e este nom tinha vela, nem remos, nem artelharia, e Jorge d'Alboquerque, de desatinado de paixão, mandaua n'elle embarcar portugueses que fossem secorrer o nauio; ao que lhe todos forão á mão, mórmente dous creligos, que lho muyto bradarão que visse o que fazia, que baldiamente mandaua á morrer os homens em hum barqo que nom tinha com que pelejar, nem com que nauegar, e indaque chegassem ao nauio que lhe podião fazer, que já todo ardia em labareda? Com que então cessou de sua contumacia, que nada queria ouvir, senão mandalos, porque suas cousas sempre as mandaua mal arrecadadas. E o Gracia Chaynho veo d'ahy a seis dias sem trazer nada, e foy muyta dita nom o toparem as lancharas de Bintão, que se as toparão todos forão mortos. Polo que sempre as cousas de Malaca em tempo de Jorge d'Alboquerque sempre forão a mal.

* Dom Gracia Anriques, * [1] estando na barra de Bintão, estaua tão

[1] * Que dom Gracia Anriques * Autogr.

armado d'artelharia, [1] *que o* Laquexemena, que estaua no rio, nom ousaua de sayr, e cometendo algumas velhacarias de trayções nada lhe valeo, que sempre foy mal auiado. Do que o Rey de Bintão se auia por muy enjuriado e agastado; com o que Laquexemena tinha grande vigia, buscando remedio de vingança. Polo que hum dia dom Gracia e Ayres Coelho se forão tomar agoa a huma ilha que estaua mea legoa da barra, que estauão huns á vista dos outros; ao que Laquexemena se concertou, e sayo a pelejar com os dous carauellões que estauão na barra, e os cerquarão e entrarão por todas partes, a que os nossos fizerão grande registencia, pelejando fortemente, que lhe nom aproueitou ao ardil que leuou Laquexemena, que leuou quatro lancharas esquipadas, a que mandou, que tanto que elle estiuesse abalroado com os carauellões, que lhe cortassem as amarras, e lhe dessem cabos com que os leuassem polo rio dentro, que enchia a maré. O que assy fizerão com muyta presteza, o que os nossos nom sentirão com a pressa em que andauão em se defender dos imigos, e andarão até os meterem per antre os baixos em lugar onde os nauios nom podião entrar. O que vendo os nauios as lancharas pelejar com os carauellões se fizerão á vela, que com o vento prestesmente chegarão á barra; mas já os carauellões erão tomados e ardião em fogo, e os nauios nom podião entrar onde estauão por amor dos baixos; onde forão mortos trinta portugueses, e tomada boa artelharia de falcões e berços: do que os mouros fizerão grandes alegrias. Dom Gracia, muy anojado de tamanho mal, como fôra perder aquelles carauellões com tantos homens e artelharia, se tornou a Malaca, onde achou feito o desbarato do nauio de Simão d'Abreu.

ElRey de Bintão, com seu grande prazer, e sabendo que Malaca estaua tão desbaratada, parecendolhe que a poderia tomar, fez pagamento a muyta gente, e mandou hum seu capitão com doze mil homens, em companhia de hum arrenegado que auia muyto tempo que com elle andaua, chamado Martim d'Auelar, que era grande homem d'ardís na guerra, e os mandou que cerquassem a forteleza por terra, e Laquexemena com oitenta lancharas com muyta gente pera guerrear o mar. O que os mouros fizerão á sua vontade, porque os nossos nom erão poderosos pera lhe sayr, que nom auia em Malaca mais que os dous nauios que forão

[1] *e o* Autogr.

a Bintão, que Jorge d'Alboquerque, sabendo d'armada que vinha, os mandou trazer da ilha das Naos em que estauão, e chegar defronte da forteleza, onde as lancharas nom ousauão apparecer, porque 'artelharia lhe abrangia. E o arrenegado fez o cerquo na terra, em que fez tranqueiras pera seu recolhimento; ao que os nossos tambem fizerão estancias nas entradas das ruas principaes da pouoação dos portugueses, onde na principal se pôs dom Gracia Anriques, outra Ayres Coelho, outra Antonio Ferreira, outra Gracia Chaynho, feitor, que em cada huma sómente auia doze portugueses, com piães da terra que tinhão soldo, porque em toda a gente que auia na forteleza erão oitenta portugueses, polo que tambem a pouoação dos quelys tambem se muyto repairou com a gente da terra. Ao que os imigos fazião muytos cometimentos de noite, ao que os nossos da forteleza acodião, e mórmente huma noite que os imigos derrubarão hum grande lanço dos pannos que fazião muro á pouoação, per que entrarão muytos imigos; mas com fauor de quinze portugueses com espingardas, que lhe acodirão da forteleza, os quelys com os piães, e os nossos com as [1] * espingardas, os * imigos forão deitados fóra fogindo, ficando muytos mortos. E nos cometimentos que fazião á pouoação dos nossos erão muytos mortos, porque os nossos casy todos tinhão espingardas. N'este tempo os nossos padecião grande fome e muyto trabalho do nom dormir, com que auia muytos doentes, amarelaços, opados, inchados, e morrião. Os imigos, vendo o pouqo que podião no cerquo, e que era chegado o tempo da monção, em que podia chegar secorro da India, se forão pera Bintão, e assy 'armada, que inda andou alguns dias, nom achando em que fazer mal, porque nenhuns de nossos amigos ousauão de vir a Malaca.

N'este tempo chegou a Malaca o secorro que Jorge d'Alboquerque mandára pedir ao Gouernador polo nauio de Ambrosio do Rego, em que lhe mandou dizer todolos desbaratos e malles que erão aquecidos em Malaca, e assy em Maluco; que Antonio de Brito nom queria estar n'aquella terra, e que lhe pedia que lhe mandasse outro capitão, pedindolhe esta capitania pera seu genro dom Sancho, ou pera dom Gracia Anriques seu cunhado, se dom Sancho fosse morto. No que o Gouernador prouendo mandou Martim Afonso de Sousa por Capitão mór do mar de Malaca,

[1] * espingardas que os * Autogr.

com tres nauios redondos, elle em hum, e outro André de Lemos, e Aluaro de Brito, e quatro fustas grandes, capitães Antonio de Mello, André Soares, Jeronymo Dias, Duarte de Sousa, e n'esta armada duzentos homens e muyta artelharia e monições.

Com a qual armada a saluamento chegou a Malaca n'este tempo que digo, que deu muy grande prazer, e Jorge d'Alboquerque o meteo logo de posse da capitania mór do mar, que a seruia dom Gracia depois da morte de dom Sancho. E o Gouernador mandou a Jorge d'Alboquerque huma prouisão da capitania de Maluco pera hum de seus cunhados, ou dom Sancho ou dom Gracia, qual elle quigesse. Com o qual bom soccorro logo Jorge d'Alboquerque se quis aproueitar, e mandou Martim Afonso com cinqo velas que fosse tomar o rio de Bintão, e lhe fizesse tal guarda que cousa nenhuma lh'entrasse nem saysse, porque esta era a mór destroyção; porque tanto mal tinhão os de Bintão feito a Malaca que quando chegou Martim Afonso valia huma ganta d'arroz hum cruzado, e huma galinha cinquo cruzados, e hum ouo huma tanga, que são sessenta réis; e por tanto esta era a mór guerra que se podia fazer a Bintão, tolherlhe os mantimentos. Ao que foy Martim Afonso com cinqo nauios, com que tanta guerra lhe fez com fome, por lhe nom entrarem os mantimentos, que nunqua Bintão teue tal aperto. Onde Martim Afonso esteue tres mezes, em que lhe a gente muyto adoeceo, por a terra ser doentia; em o qual tempo nunqua ousarão as lancharas de sayr fóra, nem o Laquexemena cometeo nenhuma guerra com Martim Afonso. Então, porque a gente lhe morria, se foy a Pão, onde no porto lhe queimou muytos junqos, em que matou muyta gente, e catiuou muytos que se lançauão ao mar, e tomou muyta preza nos junqos. E d'ahy se foy a Patane, onde tambem queimou muytos junqos, e hum muyto grande que então chegára de Jaoa, em que vinha o proprio Rey de Patane, que todos arderão. O que vendo na cidade ouverão grande medo e fogio toda a gente, leuando o que podião; ao que Martim Afonso sayo a terra, onde nom achou quem lha defendesse, em que carregarão os nauios de roubo, e puserão fogo em muytas partes da cidade, que era de casas de madeira e pedra e barro, em tal modo que toda fiqou destroyda, até as ortas e pomares derrador. Com os quaes feitos muyto se tornou a restaurar a honra dos portugueses, que já estaua muy perdida. Com que Martim Afonso se tornou a Malaca com alguma gente menos, que lhe morreo de doença sobre a barra de Bintão, como já disse.

Sendo Martim Afonso assy hido d'armada, chegou a Malaca recado do Rey de Linga, que era nosso grande amigo, que Laquexemena com corenta lancharas sayra de Bintão tanto que nossa armada largou a barra, e lhe forão queimar o porto, e com muyta gente por terra lhe tinhão feito tanto mal, que já nom tinhão mais saluação que a esperança do secorro que lhe mandaua pedir. No que Jorge d'Alboquerque praticou, * e * per conselho assentou mandarlhe o secorro, porque o Rey de Linga era tamanho nosso amigo, que algumas vezes tinha secorrido Malaca elle em pessoa; e ordenou mandar Francisco de Sá, que tornara da Çunda, que nom fizera forteleza; e ordenada a gente e os nauios concertados, que erão dous, Francisco de Sá se fengio doente d'acidente por nom hir: ao que Aluaro de Brito, homem fidalgo, valente caualleiro, se offereceo, e lhe deu o cargo, e no outro nauio Jorge Corrêa, moço da camara d'El-Rey, e estes mal despostos, porque estauão muyto doentes quando Martim Afonso partio.

Concertados os nauios, e cada hum com corenta homens e quatro peças grossas, e falcões e berços, se forão ao porto de Linga, hindo dentro o messigeiro que ElRey mandára. Quando o Rey e os seus virão sómente dous nauios, tão fraco secorro, sabendo os males que as lancharas de Bintão tinhão feitos, ficarão muy desesperados. Laquexemena, vendo os dous nauios, mostrou grande prazer com gritas e tangeres, e concertou as lancharas em duas batalhas. Os nossos nauios estauão surtos perto huns do outro, e a gente bem armada, e os tiros grossos com pilouro e rocas de pedras; e os capitães mandarão meter a gente debaixo por amor da primeyra çurriada, e tinhão dado cabos hum ao outro, e tanto que as lancharas abalarão de terra em sua ordem, com seus tangeres, os nauios se alarão aos cabos, e se encadearão popa com popa, tendo muytas tinas chêas d'agoa por resguardo do fogo, a que os capitães derão muyto auiso á gente, que antes acodissem ao fogo que a pelejar. O Laquexemena, vendo assy encadear os nauios, lhe creceo mór coração. Cuidando que os nossos de medo o fazião [1] * disse ao Auelar *, o renegado, que era o capitão da gente da terra, que Laquexemena chamou e * lhe * deu a capitania d'ametade das lancharas, * e * o Laquexemena lhe dixe: « De medo os » « nauios se ajuntarão. » E o arrenegado lhe disse: « Estes nauios nom »

[1] * disselhe o Auelar * Autogr.

« auemos de tomar por armas, se nom fôr com algum desastre de fogo, »
« porque estes nauios assy juntos ambos he pera pelejarem até todos mor- »
« rerem. » O Laquexemena ouve menencoria: « Ysso dizes porque hás »
« medo; e porque vejas como são bom caualleiro, e a minha gente, man- »
« do que ninguem deite fogo, senão chegar, e aferrar os nauios, e en- »
« trar, e matar todos os portugueses e toda a gente, que nada fique vi- »
« uo; porque os nauios hey de leuar a Bintão. » Estas praticas passarão estando as lancharas juntas sobre o remo, que tinhão tanta gente que parecião hum grande arrayal, que se repartirão logo em dous esquadrões, e remando, com seus prazeres e tangeres e gritas, forão demandar os nauios á pressa, a quem primeyro chegaua a ganhar a honra. O cometer d'estas lancharas aos nossos nauios era sempre contra a corrente d'agoa, porque se lhe compria mais prestesmente se acolhião.

Os nossos capitães, que estauão á fala assy juntos, disserão aos bombardeiros que nom tirassem senão quando lho elles mandassem, por quanto as lancharas auião de chegar 'abalroar; que então lhe tirarião tão perto e seguro que as nom errassem. O condestabre d'Aluaro de Brito lhe dixe: « Senhor, nom me ensinês em meu officio, que eu tenho as peças »
« carregadas com pilouros e pedras, e sey a que tempo hey de tirar. »
« Vós lá por cyma com os falcões e berços fazey o que quiserdes. » 'O que Aluaro de Brito disse que figesse como quigesse; e Jorge Corrêa mandou aos seus bombardeiros que tirassem quando tirasse Aluaro de Brito. As lancharas erão trinta em cada batalha, que se ordenarão cada hum abalroar por sua parte. Os condestabres dos nauios tinhão tapadas as portinholas aos tiros grossos, sómente hum só descuberto por banda: no que em tudo os mouros trazendo bom tento, se forão ajuntando, remando á pressa a chegar.

Mas o condestabre, vendo tempo, deu fogo, que forão juntamente quatro tiros grossos por banda a cada esquadra das lancharas, que as acertarão assy juntas, que os pilouros espedaçarão doze ou treze, de que a gente morta fiqou a nado, e as roquas de pedra derão polas outras, que trazião a gente em pé, que forão casy ametade escalaurados das pedras polos braços e pernas e focinhos; com que derão grandes gritos, e os remeiros se embaraçarão, que as lancharas tornauão pera trás com a corrente d'agoa; ao que os nossos prestesmente tornarão a carregar, e os mouros capitães bradando e ferindo os remeiros que chegassem a grã

pressa; ao que os tiros lhe fizerão outra salua, que lhe derrubarão tantas lancharas que nom ousarão chegar, e se deixarão tornar pera trás com 'agoa que as leuaua, que toda a gente hia gritando das pedras que os ferião. Com que forão de todo desbaratados, que mais d'ametade das lancharas ficarão em pedaços polo mar. O que vendo os nossos, á pressa cortarão os cabos, e os nauios se apartarão, e derão os traquetes e velas das gaueas, sospendendo as ancoras entrarão polo rio após as lancharas ás bombardadas; o que vendo Laquexemena se meteo por derrador dos baixos, onde os nauios nom podião hir, e á força de remo fogio pola barra fóra com vinte lancharas, porque o arrenegado com as outras varou em terra, e se foy á sua gente, com que logo fogio pola terra, e ficarão na praya treze lancharas.

Esta foy a mór vitoria que nunca se alcançou contra as lancharas de Bintão, que Nosso Senhor deu por sua misericordia, sem nenhum dos nossos ser ferido. E os nauios sorgirão no porto, a que a gente da terra vinha a nado a beijar os pés dos nossos; ao que tambem veo o Rey de Linga, chorando de prazer, abraçandose com os capitães, rogando que fossem descançar a terra. Mas Aluaro de Brito lhe dixe que nom pelejára, nem estaua cansado; que a terra nom auia de sayr ninguem, porque Laquexemena nom fizesse alguma obra de trayção. E assy estiuerão seis dias no porto, onde ElRey sempre esteue nos nauios, que trazião de terra almadias auondança de comer, e o Rey mandou carregar os nauios d'arroz, e manteiga, e açuquere, e muytas galinhas, e os capitaes cada hum tomou duas lancharas por popa, que leuarão a Malaca, e outras quatro o Rey de Linga mandou esquipar de sua gente, que fossem com os nauios, em que mandou a Jorge d'Alboquerque presente de riqas peças, que assy deu aos capitães dos nauios, e aos bombardeiros, dizendo que as pedras ganharão tudo; e assy a todos os homens fez mercê de dinheiro e peças, com que com muyto contentamento se despedio dos capitães, que se tornarão a Malaca, aonde forão recebidos com festas e hõnras, [1] * polo * capitão e toda a gente da terra, muy espantados de tamanho feito, que nomeauão por mayor que nunqua se fizera nas partes de Malaqua; o que assy foy. E inda quando estes nauios tornarão a Malaca, inda Martim Afonso de Sousa nom era vindo.

[1] * que o * Autogr.

AGORA CONTA O QUE PASSOU EM MALUCO.

Bastião de Sousa, e Martim Corrêa em outro nauio, sendo monção partirão de Malaca pera Banda a carregar seus nauios, com licença do Gouernador que trazião; onde em Banda acharão Martim Afonso de Mello Jusarte, que auia quatro mezes que estaua na terra em guerra, milagrosamente, e se defendendo com catorze portugueses que tinha no nauio, com seus marinheiros, homens jaos que leuára de Malaca; e com a chegada de Bastião de Sousa a guerra cessou. Mas Martim Afonso se quisera vingar, e pedio ajuda a Bastião de Sousa, que lhe elle nom quis dar, dizendo que elle hia a fazer sua fazenda e nom queria guerra; que se elle nom fizera mal na terra elle estiuera descansado e carregado. Então se foy pera outro porto da ilha; polo que ambos ficarão mal auindos. E Martim Corrêa e Bastião de Sousa juntos se aposentarão em terra em huma tranqueira, com sua gente, com muyta paz, fazendo suas fazendas.

Onde assy estando chegou hum Gaspar André em huma carauella, que vinha de Maluco com recado d'Antonio de Brito a Martim Afonso, que lhe requeria que o fosse ajudar na guerra que tinha, e estaua sem gente nem mantimentos; que por tanto leuasse os nauios carregados de mantimentos, e o fosse ajudar; mandandolhe mostrar a carta d'ElRey, que lhe daua poder sobre todolos capitães *que* estiuessem em Banda, quando lhe comprisse a seu seruiço. O qual Gaspar André assy estando d'ahy a pouqos dias adoeceo e morreo, e Martim Afonso se meteo na carauella, que carregou de mantimento, e o seu junqo, e outro que tomou na terra, e com todos carregados de mantimentos se foy a Maluco, e com elle tambem foy Martim Corrêa, que folgou de hir ganhar honra antes que fazenda, e que de lá tornaria carregado de crauo.

Os quaes, chegando a Maluco, forão recebidos com grande prazer. Estaua pera partir hum Jorge Pinto, homem mancebo, que hia com gente da terra e alguns portugueses a guerrear a ilha de Tidore; e Martim Corrêa se foy com Antonio de Brito e Lionel de Lima, em hum batel com hum tiro grosso, e outros barqos pequenos, pera fazerem saltos; em que hirião corenta portugueses, que na ilha de Tidore fizerão muyta guerra de mortes e catiuos, e mórmente fome, tolhendolhe os mantimentos, por-

que na ilha o Rey tinha muyta gente pera a guerra. Ao que os mouros de Tidore meterão muytos paraos com gente em cilada, em hum rio que tinha huma calheta de pouqa agoa, e mandarão ao mar huma corocora grande em que vinhão mantimentos; o que vendo Jorge Pinto se meteo no seu calaluz, que andaua bem armado, e correo após a corocora, a qual se colhendo ao rio o calaluz entrou após ella, e nom sabendo o rio encalhou na calheta, d'onde nom pôde sayr, e os paraos da cidade forão sobre elle, que erão muytos mouros, com que os nossos pelejarão até todos morrerem, que erão doze homens. Ao que acodio Lionel de Lima, e nom ousou entrar no rio por nom dar em sequo, e se tornou. Os mouros leuarão o calaluz com as cabeças dos mortos enramados; com que o Rey e os seus fizerão seus prazeres.

Sabido por Antonio de Brito este desastre, mandou chamar os nossos, e Cachil Daroes tinha já muyta gente da terra prestes pera passar á ilha de Tidore, e em quanto se andauão auiando as embarcações, e em quanto se buscauão as embarcações, se ordenou que fosse Martim Afonso com os nauios estar na barra de Tidore. E forão com elle Martim Corrêa, e Lionel de Lima, e forão tomar na calheta onde matarão Jorge Pinto, e porque nom estiuessem perdendo tempo, que auião d'agardar que fosse Cachil Daroes, se forão ao longo da costa huma legoa pera queimar hum lugar, onde chegando acharão o lugar desfeito, que os moradores, com medo dos nossos, se mudarão pera hum outeiro que tinha huma sobida muy ingreme, e se fizerão fortes, e no caminho atrauessarão grandes páos muy grossos, roliços, pera largarem sobre os nossos quando sobissem, e os trouxessem abaixo todos de rondão. O que vendo Martim Afonso a sobida ser tão perigosa todauia determinou a hir acyma, porque os mouros nom cuidassem que por medo deixauão de sobir, pois já ally estauão. Ao que então ordenarão que hum só homem fosse derrubar os páos; ao que se offereceo Martim Corrêa, e se pôs n'esse risco, e sobio. O qual os mouros nom virão, porque tinhão o tento no corpo da gente que estaua em baixo, e hyndo Martim Corrêa pola ribanceira o foy ajudar hum creligo, chamado Gomes Botelho, valente homem, o que tambem fez hum Francisco Lopes Bulhão, que lhe ajudarão a derrocar os páos pola ladeira abaixo, que sómente os sostinhão humas pedras que estauão debaixo das cabeças dos páos, e os mouros auião de tirar quando os quigessem deitar. Os mouros ficarão muy espantados ven-

do hir os páos, que nom vião os nossos que os deitarão; mas vendo que os nossos sobião, deitarão grandes galgas polo caminho abaixo, de que Martim Corrêa e os parceiros se saluarão em huma lapa que auia no caminho; mas todauia Martim Afonso com os portugueses começarão a sobir, tirando com espingardas, com que os mouros nom ousauão aparecer; com que sobirão em paz. E os mouros, os vendo sobir, tornauão a deitar pedras perdidas, e os espingardeiros lhe tirando, hum espingardeiro com desatino tirou, e lhe bolio a espingarda na mão, * e * deu em Martim Afonso pola espadoa dereita, e lhe fiqou o pilouro dentro; do que logo cayo, que cuidarão que era morto. Polo qual desastre os nossos se tornarão abaixo trazendo Martim Afonso, e o embarcarão o milhor que ser pôde. Com que se tornarão á forteleza por chamado d'Antonio de Brito, que de muyto agastado de quão mal lhe sayão as cousas da guerra a quisera deixar, se Cachil Daroes lhe nom fôra á mão, offerecendo-se que elle 'auia de fazer com a gente da terra; sómente lhe désse hum capitão com vinte portugueses, de que fizesse cabeça. O qual lhe deu Antonio de Brito, que foy Francisco de Sousa, valente caualleiro, homem fidalgo, com vinte espingardeiros, com que logo Cachil Daroes passou a Tidore com mil e quinhentos homens da terra, boa gente de guerra, e desembarcando na terra forão cometer hum lugar que estaua em huma serra, que soya a ser aposento dos Reys de Tidore, que depois se passarão abaixo á fralda do mar, por caso do trato dos mercadores; o qual lugar era cerquado de tranqueiras de páos com algumas entradas, com que estaua forte. Ao que Cachil Daroes proueo, e lhe tomou os caminhos, porque nom acodissem d'outro lugar. Então mandou a Francisco de Sousa que ficasse com os portugueses e com alguma gente sua, e elle rodeou o lugar pera o entrar pola banda de cyma, dizendo que elle désse no lugar quando elle entrasse, que daria grande grita. E hindo assy Cachil Daroes rodeando o lugar sayrão alguns de dentro, que sentirão a gente e fizerão aluoroço dando gritas, 'o que cuidando que Cachil Daroes era entrado correo Francisco de Sousa a dar no lugar, ao que acodirão muytos mouros pelejando com pedras e remessos, com que os nossos todos forão feridos. Assy foy ferido per huma coxa Francisco de Sousa, per desastre de hum dos nossos espingardeiros, de que cayo, e os nossos se tornarão 'afastar pera fóra. Ao que acodio Cachil Daroes, nom sabendo o que era, porque os nossos cometerão primeyro que elle; o qual achando

o desastre feito mandou que se tornasse á forteleza, e mandou dizer 'Antonio de Brito que se nom agastasse com os desastres da guerra, em que elle auia de morrer ou vencer, pedindolhe que lhe mandasse Martim Corrêa com outros vinte portugueses.

Vendo Antonio de Brito quão mal lhe socedião as cousas da guerra com tantos desastres, determinou digistir d'ella, e recolherse na forteleza, e agardar até que viessem os junqos de Malaca; e nom quis mandar Martim Corrêa; ao que veo Cachil Daroes, que lho pedio: então lhos deu com vinte portugueses, e escreueo a Lionel de Lima, que estaua na barra de Tidore, que fosse em companhia de Martim Corrêa com quinze homens, que com os que leuaua erão trinta e cinco, dandolhe auiso que se Martim Corrêa se quigesse meter em alguma cousa de perigo lhe requeresse que o nom fizesse, o que elle todauia querendo fazer mandaua aós portugueses que nenhum o acompanhasse. Com o qual mandado Lionel de Lima leuou os quinze portugueses, e se foy com Martim Correa, o qual logo apertou com Cachil Daroes que dessem no lugar; mas Cachil Daroes queria estar mais deuagar. Do que Martim Corrêa deu conta a Lionel de Lima, dizendo que dessem no lugar, porque como elles dessem Cachil Daroes o faria; mas Lionel de Lima, polo recado que tinha do capitão, lhe disse que tal nom fizesse, porque o lugar estaua perigoso, e o capitão nom queria que se fizesse senão cousa segura. No que aprofiando, lhe dixe Lionel de Lima e requereo da parte do capitão que tal nom fizesse, porque nenhum português * o * auia d'acompanhar; e assy o disse a todos da parte do capitão. O que vendo Martim Corrêa, confiado que se elle cometesse os outros acodirião, falou com Diogo Mendes, muyto seu amigo, que se offereceo a hĩr com elle, e ambos com seus criados, que forão oito homens, e com dez homens honrados da terra, que folgauão de andar com Martym Corrêa, * e * lhe dixerão que auia hum bom lugar per que podião entrar. No que concertados, e Martim Corrêa dessimulando que nada queria fazer, ao outro dia, amanhecendo, foy com seus companheiros, e chegarão a huma estacada, de que mansamente tirarão dous páos, que fiqou abertura per que dous homens podião entrar. De dentro auia huma casa que tinha huma alpendorada: os nossos entrando forão sentidos; ao que os mouros derão grita e grande aluoroço, pelejando fortemente com os nossos com pedras e remessos de páos tostados, e tanta terra solta que lhe deitauão que os cegauão. Os

nossos, tirando quatro espingardas que leuauão, os homens da terra pelejando fortemente, se colherão ao alpendere; o que ouvido por Lionel de Lima acodio com os portugueses, e entrarão onde estauão os nossos; a que acodirão muytos mouros, e foy grande peleja. O que ouvido por Cachil Daroes, logo entrou pola outra banda com sua gente, que se espalharão polo lugar pelejando fortemente; com que os mouros logo forão mortos e feridos todos, sómente alguns que se sobirão em casas altas, que tinhão feitas sobre estêos altos, que de cyma se defendião com pedras e remessos, com que fazião muyto mal; mas elles se entregarão por catiuos, com que Cachil Daroes lhe perdoou as mortes, porque lho rogou Martim Corrêa que os perdoasse, pois se entregauão; o que elle nom queria fazer, porque tinhão por costume de sua honra matar quantos pelejauão. E no lugar forão mortos muytos, e dos nossos nenhum, sómente feridos de pedradas, e Martim Corrêa ferido de hum regeito em huma perna, pouqa cousa; e nom ouve despojo, porque o lugar estaua despejado da familia; e dos mouros mortos a todos cortarão as cabeças, e pelejauão huns com outros sobre ellas, porque quem apresentaua sete cabeças dos imigos o fazião caualleiro, e lhe chamauão manderym, que he nome de caualleiro. Antonio de Brito da forteleza bem vio o fogo no lugar, que era á vista, do que tomou muyto * receo *, até que lhe chegou a noua do vencimento, com que todos fizerão festa, e o lugar fiqou feito em cinza.

Ysto assy acabado, os nossos per conselho de Cachil Daroes, forão a outro lugar grande, que ametade era do Rey de Ternate e a outra metade do Rey de Tidore, onde forão e entrarão por hum esteiro bem perto das casas da banda do Rey de Tidore, onde antes de sayr em terra, o Cachil Daroes mandou falar como em pregão aos do lugar, dizendo que todos fossem vêr as cabeças dos imigos d'ElRey de Ternate, que ally trazião, que se elles nom obedecião outro tanto lhe farião; e deitarão em terra muytas cabeças dos mortos que trazião. O que sendo visto polos do lugar, e que pelejando com os nossos lhe farião outro tanto, porque lhe darião nas costas, e nom escaparião, polo que logo obedecerão, e Cachil Daroes lhes deu sua paz e seguro como regedor do Reyno.

Então os nossos, seguindo vitoria, forão dar em outro lugar chamado Ogane, que era grande e forte, com muyta gente, que estaua em huma ilha que se chamaua Batochina, que era do Rey de Tidore, sessenta

legoas de Ternate, que o capitão mandou que fossem tomar, e lhe mandou corenta portugueses. E forão sobre o lugar, que era cerquado de fortes tranqueiras de grossos páos, e as casas muyto altas, sobre grossos estêos, e as casas feitas de canas, e sobem a ellas per escadas de cana, que recolhem acyma. Estes moradores erão guerreiros de muytas armas, mórmente de humas fisgas d'arremesso, de que erão muy certeiros, e fisgando hum homem o alão por hum cordel que lhe fica atado no braço, e chegando ao homem o matão. De que a gente de Cachil Daroes auião grande medo, e de pedras de fundas de que muyto usauão, e muy certeiros. E chegarão perto do lugar per hum esteiro as corocoras e batés, que leuauão falcões e berços. Os imigos, porque erão muytos e nom sabião o pelejar dos nossos, em os nossos chegando a desembarqar, sayrão moltidão de mouros com suas pedras e fundas e farpões, e parecendo em huma lombada, Martim Corrêa, Lionel de Lima, que já estauão em terra com os portugueses, usarão de manha, fazendo que auião medo, e se tornarão pera as embarcações. Ao que os mouros derão grandes gritas, correndo a dar nos nossos, e sendo perto, Martim Corrêa mandou dar fogo aos espingardeiros, e os falcões e berços, que derão nos mouros, que ficarão caydos no chão mais de duzentos, e os outros voltarão fogindo, após os quaes os nossos seguirão, e Cachil Daroes com sua gente, a que os mouros nom tiuerão rostro, e com muyta presteza se recolherão em suas casas altas, e de cyma se muyto defendião; mas as espingardas lhe fazião muyto mal. Ao que Cachil Daroes mandou muytos dos seus ao mato trazer feno sequo que mólhauão em feixes, e os deitauão sobre outros feixes seqos e ramos seqos e verdes, com que posto o fogo fazião tamanha fumaça que os mouros se afogauão, e todauia se acendeo o fogo em algumas casas, que foy saltando de humas em outras, com que todo o lugar ardeo, e os mouros se deitauão abaixo e se entregauão; mas a gente de Cachil Daroes todos matauão; em modo que tudo fiqou feito cinza: em que mortos e queimados forão mais de mil. E alguns que nom entrarão no lugar, que forão fogindo, hião contando com grande espanto os tiros da nossa artelharia, com que fazião tanto medo que logo dous lugares vierão dar a obediencia a Cachil Daroes. Onde n'este lugar nenhum dos nossos nom perigou, nem se achou despojo, porque tudo ardeo nas casas. Com a qual vitoria os nossos se tornarão á forteleza, onde os receberão com festas e honras, e o capitão deu a Mar-

tim Corrêa Capitão mór do mar e alcayde mór da forteleza, porque assy o muyto requereo Cachil Daroes, dizendo que os homens ditosos na guerra auião de andar n'ella antes que os caualleiros que nom tinhão dita.

Com a destroyção d'este lugar d'Ogane e espanto das gentes, ElRey de Tidore mandou embaixador ao capitão pedindo paz, e que entregaria toda' artelharia, e pagaria a ElRey todo o gasto que tinha feito na guerra. Ao que o capitão respondeo que nom era nada feito pera o que auia de fazer. E d'ahy a pouqos dias tomarão no mar humas corocoras d'ElRey de Tidore, que vinhão de fóra carregadas de mantimentos, em que se tomarão mais de tresentos homens, que o capitão mandou espetar e assar viuos, que fez muy grande espanto a todas as terras, e tinhão grande medo aos nossos. E sempre fiqou a guerra viua com ElRey de Tidore até o tempo que adiante direy; porque todas estas cousas atrás escritas se passarão no anno de 523 até este anno de 524.

CAPITULO XVIII.

DE COMO FOY PRINCIPIADA A GUERRA QUE ELREY DE CALECUT FEZ Á NOSSA FORTELEZA.

Os mouros de Calecut mercadores, com a grande magoa que tinhão de suas perdições, porque tinhão perdido seus grandes tratos, polo que per todolos modos que podião buscauão todo remedio que podião pera se aproueitarem com vingança dos nossos, polo que todos se fizerão armadores com os capitães dos paraos, a que dauão grande ajuda de dinheiro, artelharia, e gente, com que Cotiale de Tanor fez armada de sessenta paraos pera leuar quatro naos carregadas de pimenta, e as acompanhar até as pôr fóra de vista da costa da India. Do que foy dado auiso a dom João de Lima, capitão da forteleza; mas pareceolhe manha dizerem os mouros que se armauão tantos paraos pera passarem quatro naos. E mandou secretamente per hum naire da feitoria huma carta a hum arrenegado que andaua com ElRey, que se chamaua Bastião Rachado, que era filho de hum boticario de Lisboa, seu compadre, polo que dom João de Lima sempre tinha amizade com este renegado, que se chamaua Bastião Rachado, porque vindo do Reyno na nao hum homem o cometeo ao máo pecado, ao que elle bradou e * o * homem foy tomado, e tirado enquiri-

ção, e sabendo que por ysso vinha fogido do Reyno, polo que foy deitado ao mar, e o moço fiqou sem culpa; mas os outros na nao, zombando, lhe chamauão Rachado, e por ysso corrido d'esta vergonha chegando a Goa se foy pera os mouros, e andaua com elles em Calecut; com que dom João tinha esta amizade, que sempre lhe daua auisos secretamente do que os mouros fazião. O qual mandou dizer a dom João de Lima que ElRey de Calecut lhe auia de fazer guerra, porque os mouros lhe fazião o gasto, e os paraos que se armauão auião de passar junto da forteleza, e com muyta gente que auia de hir pola terra, se vissem tempo, auião de cometer a entrar a forteleza. O que tudo dom João mandou espiar e soube em verdade, e tudo escreueo a dom Luiz, que estaua enuernando em Cochym, lhe dizendo que como o tempo lhe désse lugar deuia de vir com 'armada agardar estes paraos no mar, e os tomar, ou entrar no rio de Chale, onde se auião d'ajuntar com as naos.

Dom Luiz nom deu a ysto tanto credito como deuêra, tendo que ysto erão açofras que dom João de Lima tomaua em sy, porque sempre tinha contendas contra os mouros, a que queria grande mal depois que lhe deitarão as cobras na forteleza; e respondeo a dom João de Lima sobre ysso reprensões, que nom ordenasse causas com que se aleuantasse a guerra, porque d'ysso daria conta, e que elle nom auia d'acodir a nada até vinda do Gouernador; que por ysso visse o que fazia. Com a qual reposta dom João muyto agastado, praticou tudo com os officiaes e homens honrados que com elle estauão, dizendo que lhe compria ter toda tempora com os mouros, e nom vir a rompimento com elles, até que elles quebrassem de todo a paz; rogando a todos que escusassem de hir á cidade, porque os mouros os nom soberbassem como era seu costume.

Então pareceo bem a todos, porque tinhão por certo o auiso do Rachado, e dom João ordenou e fez hum baluarte de madeira muy forte diante da porta da forteleza, que ficasse emparada dos tiros que os mouros do mar lhe tirassem; o qual baluarte fez o condestabre, porque era homem engenhoso que ensinaua aos outros o que fizessem. Dom João de Lima mandou per hum naire da feitoria pedir ao regedor carpinteiros, por vêr o que tinha n'elle; os quaes lhe nom mandou. O baluarte ficou comprido pera o mar, em maneyra que os que passauão nom podião hir senão molhando os pés no mar, afastados da forteleza hum jogo de bola.

O mouro Cotiale, e Baleacem, sayrão do rio muy poderosos, com sua

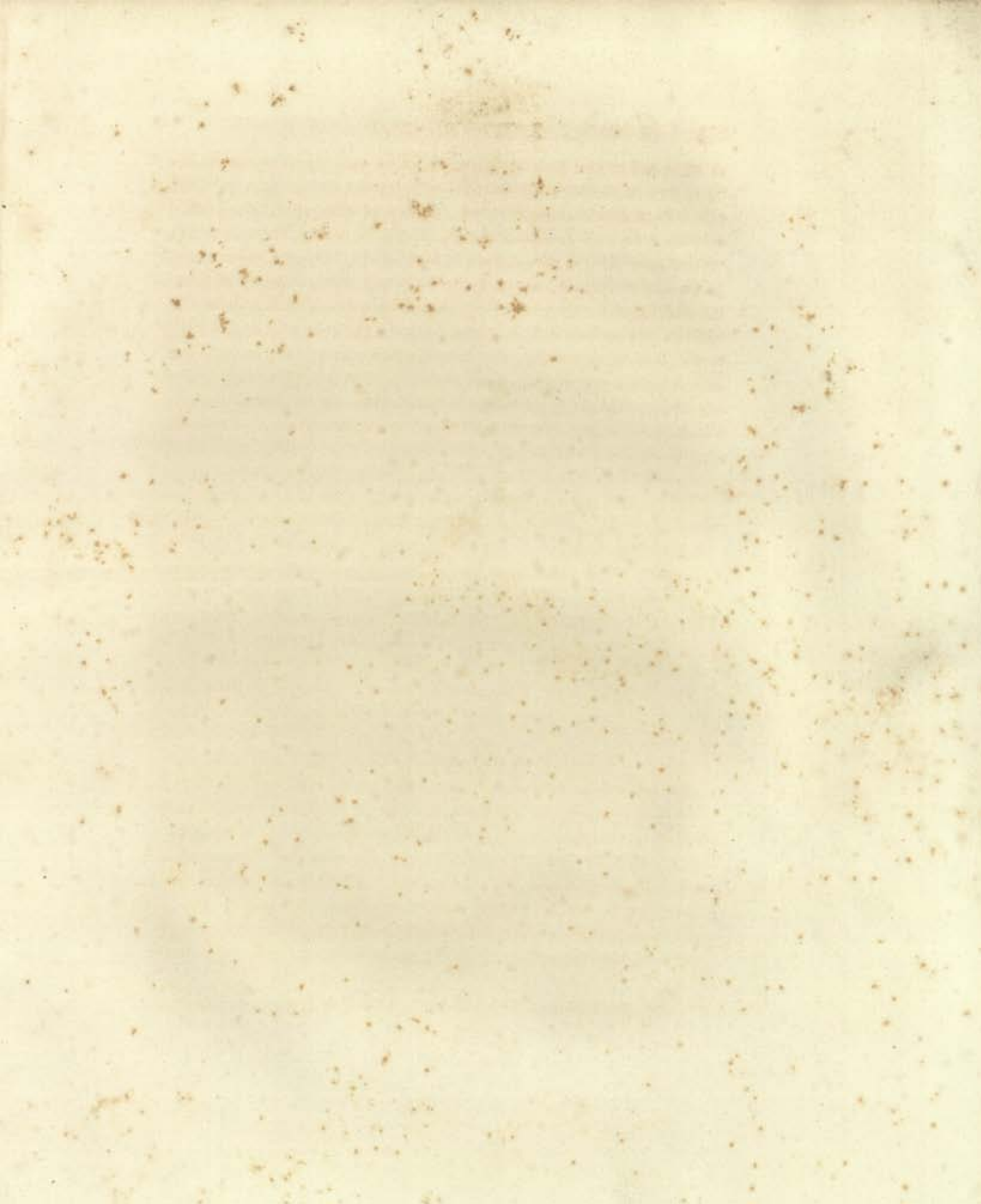
armada de sessenta paraos muy armados, e com mil homens de peleja. As naos sayrão com elles e forão seu caminho muy seguras, porque tinhão bem espiado que dom Luiz nom bolia comsigo, porque elles sayrão na entrada d'agosto; e postos muy em ordem correrão ao longo da costa, e forão dar vista á forteleza com seu máo proposito. Defronte da forteleza fazia o mar hum recife muyto perto da terra, que por antre elle e a terra nom passaua senão quem vinha sorgir. O Baleacem, de muyto valente, se meteo com hum seu parao muy grande com bandeyras e gente armada, esgremindo as armas, e dando gritas, e se meteo per antre o recife e a terra tirando á tranqueira; ao que dom João nom ouve paciencia, e lhe mandou tirar com tres cameletes, que tinha ao longo do baluarte, que hum que o acertou lhe leuou todos os remeiros do masto á proa, e os outros tiros tomarão dous paraos que hião de largo, que os meteo no fundo com a gente morta e afogada. Do que dom João logo per hum naire da feitoria se mandou queixar ao regedor, dizendo que olhasse que aquellas cousas era quebrar a paz, pois os paraos dos ladrões chegauão a tirar tiros á forteleza d'ElRey. O regedor respondeo que se os paraos o mal fizerão que já o pagarão, que assy o pagaria quem o mal fizesse, porque o Çamorym nom auia de quebrar a paz. Os mouros derão grande peita a tres naires que dessimuladamente fossem ao capitão fazer algum queixume, e achando bom geito o matassem; ao que os naires se offerecerão, se ElRey os mandasse: o que os mouros fizerão com ElRey que os mandou que o fossem matar. Do que o Bastião Rodrigues, o arrenegado, mandou auiso ao capitão, dandolhe auiso que o queixume com que auião de hir auia de ser dizendo que hum português lhe matára huma vaqua. Com o qual auiso o capitão andaua muy a recado, e hum dia, estando dom João á porta da forteleza assentado com muytos homens, vierão os tres naires: os dous ficarão afastados, e hum chegou a fazer o queixume. Dom João tinha sempre comsigo vinte alabardeiros de sua guarda, aos [1] * quaes * deu auiso que chegando algum naire ou mouro a darlhe recado, logo elles se pusessem derrador d'elle * e * o cercassem. O que assy fizerão a estes naires. Dom Vasco de Lima, primo do capitão, se aleuantou com huma espada d'ambolas mãos, que tinha, e se pôz antre o naire e o capitão, o qual fazendo queixume da va-

[1] * que * Ms.

qa foy conhecido, polo que dom Vasco remeteo com elle, e o liou nos braços, o que assy fizerão os alabardeiros aos outros, e lhe tomarão as armas, espadas e adargas que trazião, e o capitão os mandou a ElRey com hum naire da [1] * feitoria, dizendo * que elle nom mandára matar aquelles naires, que elle mandaua que o matassem, porque elle nom auia de quebrar a paz; que elle se a queria quebrar que elle se defenderia até que viesse o Gouernador; mas que elle como grande Rey nom deuia de o mandar matar á trayção, que soubesse certo que o nom auião de matar.

Passandose estas cousas, a gente da cidade nom se afastauão da forteleza e da conuersação dos nossos, que vinhão vender cousas de comer. N'este tempo em Parangale, perto de Calecut, os mouros matarão oito portugueses que estauão tratando, e lhes roubarão as fazendas, que os mouros trouxerão a ElRey. O que sabido por dom João de Lima se mandou queixar ao regedor per hum Gonçalo Tauares, seu feitor, o qual matarão os mouros antes que chegasse aonde estaua o regedor; o que sabido, dom João mandou que ninguem fosse mais á cidade, e per hum naire da feitoria mandou dizer ao regedor que olhasse o que lhe fazião e elle tudo soffria por nom quebrar a paz. Ao que o regedor logo veo á forteleza, e nom quis que ninguem com elle fosse, e deixou sua gente afastada, e teue com dom João grandes comprimentos de desculpas, e castigaria os que matarão Gonçalo Tauares. Dom João lhe dixe: « Re- » « gedor, o mór pezar que tenho he porque já ElRey nom começa a » « guerra que ha de fazer, porque eu lhe mostrarey quanto val esta for- » « teleza d'ElRey de Portugal que aquy está; mas depois tudo virá a hu- » « ma conta. » Com que se tornou o regedor com suas dessimulações, de que dom João tinha sempre auisos do Bastião arrenegado. E logo d'ahy a pouqos dias huns mouros tomarão humas molheres christãs da terra, e por força as querião leuar a Coulete, do que ellas bradando, que o disserão ao capitão, chamou os naires da feitoria que fossem por ellas; mas elles erão já hidos. Então, porque era á vista da forteleza, mandou dez homens que as forão tomar aos mouros, que as trouxerão á forteleza, pelejando com os mouros; ao que se aleuantou grande aluoroço, e juntos mais de duzentos mouros correrão á forteleza pera dar nos [2] * nossos;

[1] * feitoria que dizendo * Ms. [2] * nossos que ao que * Autogr.

ao que * per mandado do capitão sayo Gracia de Faria, escriuão da feitoria, com trinta homens espingardeiros, com que fez afastar os mouros; mas logo se ajuntarão todo o pouo, naires e mouros, que forão cometer o baluarte de madeira pera o tomar. Ao que sayo dom Vasco de Lima, valente caualleiro, e com elle até cem espingardeiros, que ouve grande peleja com os mouros, e com ajuda d'alguns tiros da forteleza os mouros se forão colhendo pera' cidade, e os nossos os seguindo chegarão ás casas, a que puserão o fogo, e ardeo grande parte da cidade. Com que a guerra fiqou aleuantada, que cada dia auia rebates, a que dom João nom consentia que sayssem, por lhe nom matarem e ferirem a gente, que tinha pouqua, até que viesse o Gouernador, que nom veo, mas vierão as naos do Reyno, que forão as que ao diante direy.

DOM· VASCO· DAGAMA

DOM VASCO DA GAMA,

CONDE ALMIRANTE, SEGUNDO VISOREY DA INDIA,

QUE PASSOU ESTE ANNO DE 1524.

CAPITULO I [1].

Em onze de setembro chegou á barra de Goa dom Vasco da Gama, que a India descobrio, por Visorey da India, feito conde da Vidigueira, almirante do mar da India, que este anno veo na nao Santa Caterina de Monte Sinay, e com elle vierão dous filhos, o mayor chamado dom Esteuão da Gama, pera Capitão mór do mar, que depois foy Gouernador da India, e outro, chamado dom Paulo da Gama, que foy morto na guerra de Malaca. O qual dom Vasco trouxe grande estado, seruindose com porteiros de maças de prata, seu veador, e dous pages com collares d'ouro, muytos escudeiros e moços da camara muyto bem vestidos e honrados, riqua baixella de prata, e riqua tapeçaria de Frandes, e na meza em que comia drocel de brocado; e lhe trazião á meza iguarias grandes como a ElRey, com seu seruidor de toalha tomandolhe a salua, e todolas perminencias como Rey; os ornamentos de sua guarda roupa, cama, capella, em muyto comprimento de grande aparato e concerto, e duzentos homens de sua guarda, de chuças douradas, vestidos de sua liuré. Daua

[1] Falta no original.

grande mesa. Comião com elle todolos fidalgos e pessoas honradas. Trouxe total poder de justiça e fazenda, como pessoa d'ElRey, sobre toda pessoa que estiuesse do cabo da Boa Esperança pera dentro. Era homem muy isento e supito com paixão, muy assomado, e muy temido e acatado, muy prudente e entendido em todolas cousas. Trouxe muy luzida gente, e capitães homens muy principaes, os mais d'elles criados nos trabalhos da India, e Afonso Mexia, escriuão da camara d'ElRey, por veador da fazenda, e por sacretario Vicente Pegado, caualleiro fidalgo, que ao despacho lhe falaua com o joelho no chão. Trouxe grande prouimento dos almazens, e muyta artelharia, e armaria d'armas branquas, e riqas coiraças, e espingardaria, que se daua á gente em seu soldo assy como custaua no Reyno. Veo com elle dom Anrique de Meneses pera capitão de Goa, que depois foy Gouernador da India, e Lopo Vaz de Sampayo pera capitão de Cochym, que tambem foy Gouernador na India, e Pero Mascaranhas pera capitão de Malaca, que tambem gouernou a India, como se verá per suas lendas em seus tempos. E veo Antonio da Silueira, dom Fernando de Monroyo, e dom Simão de Meneses pera capitão de Cananor, e Vicente Gil armador, e o védor da fazenda, e Antonio Carualho seu escriuão, em nauetas, e Francisco de Brito pera a carreira d'Ormuz; e Ruy Gonçalues, que fôra capitão da ordenança na India, Lopo Lobo, Christouão Rosado, mosem Gaspar Homem, estrangeiro, estes quatro em carauellas latinas; e Pero Velho em huma carauella redonda. Dom Fernando de Monroyo se perdeo na costa de Melinde, de que adiante contarey, o mosem Gaspar, por ser homem çarrado do entendimento, nom se dando bem com a gente o matarão os marinheiros e mestre e piloto, *e* se aleuantarão com a carauella e se forão ao estreito andar ás prêsas, onde forão tomados por Antonio de Miranda, que lá foy com armada, e os trouxe á India, onde todos forão enforcados. Chegou o Visorey a Moçambique, onde proueo o que compria, e d'ahy mandou hum seu criado na carauella do mosem Gaspar com presente de muytas cousas do Reyno, que mandou a ElRey de Melinde com suas cartas de grandes amizades, e pedir perdões porque o nom hia visitar em pessoa, por trazer grande armada pera carregar e lhe faltaua o tempo. E d'este caminho, partindo de Melinde pera India, foy morto o mice Gaspar.

O Visorey com 'armada veo tomar na costa da India na paragem de Dabul, e sem terem visto a terra e com o vento calma, no quarto

d'alua tremeo o mar em tal maneyra, dando nas naos tamanhas pancadas, que todos cuidarão que erão baixos, amainando as velas, e deitando os batés fóra com grandes aluoroços e gritas, tirando tiros; e deitando prumo com a trouação nom achauão fundo, e chamauão Deos misericordia, porque as naos jogauão tão fortemente que os homens nom se podião ter em pé, e as arqas andauão de hum cabo pera outro; o qual tremor daua rijo e hia morrendo, e tornaua outra vez 'auiuar, e cada vez por espaço de hum credo, que tudo durou casy huma hora, em que 'agoa fazia grande escarceo pelejando huma com outra. Com o Visorey vinha hum mestre de midicina, estrolico, que disse logo ao Visorey que era tremor d'agoa. E sendo menhã crara virão a terra, e sendo reconhecida, com a viração foy na volta de Chaul, onde sorgio, que Simão d'Andrade logo foy visitar a nao, a que o Visorey fez muyta honra, e elle lhe fez grandes presentes de refrescos e a todolos capitães da armada, porque era elle muy grandioso e largo no gastar. Onde o Visorey logo meteo por capitão da forteleza Christouão de Sousa por prouisão d'ElRey, e em tudo, alto e baixo, o Visorey proueo, porque trazia em regimento que onde quer que chegasse tudo prouesse, sem agardar que dom Duarte Gouernador lhe désse a residencia, porque ElRey estaua muy endinado d'elle per seus máos feitos. O Visorey deu apontamento a Christouão de Sousa que vindo hy ter o Gouernador nada fizesse que lhe elle mandasse, e do que achasse mandado por elle nada comprisse. E prouido em Chaul o que compria se foy a Goa, a que a cidade fez grande recebimento e festas, com riqo paleo, e a sua arenga, e com procissão leuado á sé, e com suas festas leuado á forteleza, que Francisco Pereira tinha muy concertada, que o fôra visitar á barra e vinha com elle. A que o Visorey disse entrando na forteleza: «Senhor Francisco Pereira, as-» «sy quisera eu achar bem concertadas todas vossas cousas assy como» «estão estas casas.» Porque trazia contra elle apontamento de grandes acusações que d'elle forão a ElRey. E logo ao outro dia meteo na capitania dom Anrique de Meneses, o que vendo a gente da terra que já Francisco Pereira era tirado de capitão, logo vierão ao Visorey d'elle grandes queixumes de fortes males, que o Visorey já trazia per apontamentos; polo que o Visorey em tudo contra elle muyto entendeo, porque trazia elle o ponto sobre todolas cousas gardar direita justiça; e fez pagar a Francisco Pereira muyto dinheiro sem demandas nem citações,

porque verbalmente ouvia as partes e o condenaua que pagasse, porque já tinha sabido os males que Francisco Pereira tinha feitos, que forão ao Reyno per inquirições prouados; que era tão forte homem, e se deu com o pouo tão mal, que os principaes da cidade estiuerão pera se aleuantarem e o despoerem de capitão, pera o que se ordenarão e fizerão huma capitulação de muytos apontamentos pera darem ao Gouernador, e mandarem a ElRey com seu procurador da cidade a requerer justiça; em que auia cousas muy feias, dinas de graue castigo. O que assy ordenarão dezoito casados, os principaes de Goa, e testimunhas nomeadas. A qual consulta, assy feita, a mostrarão ao bispo dom Martinho, que estaua em Goa e jazia em cama doente quando chegou o Visorey, e por ysso o nom foy receber com a procissão; o * qual, * vendo a capitulação, vio que tudo era verdade; e a elle querião enleger por capitão até vir o Gouernador, mas o bispo era vertuoso, e o nom consentio, antes os desuiou de tudo. E porque antre elles ouve duvida que ysto se descobriria, todos de suas vontades fizerão juramento, em hum liuro missal nas mãos do bispo, que tal cousa nunqua descobririão, e que todos matarião quem o descobrisse.

Mas sendo todos fóra da casa do bispo, logo ouue hum d'elles que se tornou Judas, que descobrio todo a Francisco Pereira, sobre o que fez diabruras com alguns que colheo ás mãos, que meteo em fortes prisões, e destroyo as fazendas, e lhe mandou derrubar as casas com pregões de trédores; e se foy a casa do bispo e lhe falou muy desmasiadas palauras, dizendo que era encobridor de trédores; e tomou as fazendas de todos por perdidas pera ElRey e entregues na feitoria, e as ordenou gastar em fazer hum esprital pera doentes, como fez o que está agora á porta de Santa Caterina. Mas o Visorey nom entendia em nada senão mandar pagar quanto lhe pedião contra Francisco Pereira, o qual vendose tão perseguido, que tudo lhe mandaua que pagasse sómente com juramento da parte, disse ao Visorey: « Senhor, já que me roubão minha fazenda demandandome »
« o que nom deuo, peço a vossa senhoria que nom mande dar juramen- »
« to a ninguem, mas que francamente se pague quanto me pedirem, e »
« eu mandarey apregoar que quem quiser o dinheiro de Francisco Pe- »
« reira que o venha pedir. » O Visorey se agastou, e lhe dixe: « Quan- »
« do vós tomauês o que nom era vosso, porque nom queriês que fosse »
« julgado por justiça? E pois ysto assy he, nom he bem que acheys jus- »

« tiça, pois a nom gardastes; mas, por vos desencarregar a conciencia, »
« mandarey apregoar que a quem vós deuerdes dinheiro ou fazenda que »
« sem medo a venha demandar e lhe será paga. E das cousas crimes »
« nom quero entender nada até que seja tempo. »

Mandou ao fisyco do esprital que nom recolhessem nenhum doente senão de chagas ou feridas; e porque d'ysto cramauão os homens que vierão nas naos doentes, e lho disserão, respondeo que elle sabia huma mezinha com que logo serião sãos, e mandou apregoar que d'ahy a tres dias se auião de pagar as partes de huma riqa nao que tomára vindo de Chaul, que vinha de Meca, a que acharão cem mil xarafins em ouro, e duzentos mil de mercadarias e escrauos; de que fez feitor e quadrilheiro Fernão Martins Auangelho, e Bastião Luiz escriuão da matriqola, que tudo venderão e tudo foy partido ás partes, que nada faltou. Ao qual pagamento acodio toda a gente, ao que sayrão muytos do esprital, que mandou que os nom tornassem a recolher, porque tinha bem sabido que no esprital recolhião homens por amizades. E defendeo que nenhum ferido em brigas nom recolhessem no esprital, dizendo que fazião brigas sobre molheres, que por ysso nom auião de ser curados no esprital. E pôs grande defeza que a gente das naos nom fosse a terra, que estiuessem nas naos e terião que comer; e esteue em guarda das naos na barra o ouvidor geral João do Soyro, que com elle veo. E mandou apregoar que todo' homem se fosse apontar em Cochym, porque todos os que lá nom fossem ficauão sem vencimento; e ysto assy o fez em Chaul, onde a gente fiqou per seu rol assinado, o que assy fez em Goa; e por nom se deterem as naos nom consentio que desembarcassem nada em Goa, no que deu muyta perda aos armadores, que lhe depois contribuiu em lhe dar embarcações pera Goa graciosamente em nauios d'ElRey, porque trazia elle muyto o ponto em fazer direita justiça. O Visorey estando em Belem pera partir, sabendo o grande inconuiniente que era os homens trazerem molheres nas naos, assy pera as almas como oniões e brigas, por nom auer causa pera estes males mandou apregoar em terra, e nas naos, e seus assinados postos nos pés dos mastos, que qualquer molher, que fosse achada nas naos fóra de Belem, seria pubricamente açoutada, aindaque fôsse casada, e seu marido tornaria a Portugal carregado de ferros; e se fôsse escraua catiua seria perdida pera a rendição dos catiuos; e o capitão que em sua nao achasse molher e a nom entregasse por ysso perderia seu ordenado. Dos

quaes pregões mandou o ouvidor fazer auto. E chegando as naos a Moçambique lhe forão descobertas tres molheres, que mandou arrecadar, e aquy em Goa as mandou açoutar todas tres juntas, com pregão de: *Justiça d'ElRey nosso senhor! Manda açoutar estas molheres, porque nom tiuerão temor de sua justiça, passando á India contra sua defesa.*

Por estas molheres forão rogadores todolos fidalgos, e bispo, e frades, e os da Misericordia, e dauão homens bons tres mil pardaos pera a rendição dos catiuos; o que nada o Visorey quis ouvir. Ao outro dia que as auião de tirar 'açoutar, vierão os da Misericordia, e frades de são Francisco com hum crucificio a lhas pedir; o que lhe sendo dito, lhe mandou dizer que logo tornassem o crucificio ao altar, então os ouviria. O que elles assy fizerão. Então lhes falou, dizendo que mais lhes nom acontecesse fazer outra tal, porque vir com crucificio a sua casa, polas ruas onde estaua tanto pouo, era modo d'onião, mostrar ao pouo que elle era cruel e sem piedade; o que com elle mais nom fizessem, e lho muyto rogaua que o fizessem, porque * se * elle nom fazia enxecução n'estas molheres, que [1] * desprezarão * sua justiça, muyto melhor farião os homens confiando que os perdoaria de seus maleficios. O que elle nom auia de fazer por nenhuma cousa do mundo; polo que assy o juraua e prometia que auia de fazer direita justiça, sem nenhum perdão, dos que colhesse na mão; e ysto noteficaua a toda' pessoa que em seu tempo fizesse mal auia d'auer seu direito castigo, sem lhe quitar nem perdoar nada, porque o homem que mal fizesse toda sua fazenda lhe auia de tomar, e dar e peitar a quem lho désse ás mãos; e dentro no Balagate os auia de mandar matar; e que bem podia ser que alguns perdoaria das cousas que tiuessem feitas, mas que ás que fizessem em seu tempo nenhum remedio auião d'achar n'elle senão punição de direita justiça. E mandou açoutar as molheres, [2] * dizendo * que elle auia de punir com direita justiça n'este mundo, que Nosso Senhor no outro teria misericordia com quem a merecesse, e com a tenção que ysto fazia Deos lhe daria o galardão segundo fosse sua tenção, porque com todas suas forças auia de punir os máos, porque nom crecessem os males que fazem os que nom temem a Deos, «que nunqua em mym terão senão toda' crueza e punição.» O pouo muyto se escandalizou do feito d'estas molheres, julgando o Viso-

[1] * desprezam * Autogr. [2] * dizem * Ms.

rey por cruel; mas vendo tanta firmeza d'enxecução lhe ouverão grande temor, e se cauidarão, e emendarão muytos males que auia na India, mórmente nos fidalgos, que erão muy dessolutos em fazer males.

[1] * Era o Visorey muyto amigo da fazenda d'ElRey, e dizia que os homens vinhão á India muyto pobres e enrequicião; que elle, se pudesse, auia de fazer ElRey riqo, que era o milhor bem que podia ter o pouo se tiuesse seu Rey abastado. Era muy indinado contra os officiaes d'ElRey riqos; e os que vinhão por ElRey prouidos, primeyro que lhe désse os cargos, os perguntaua e engiminaua, e se de sy lhe nom dauão boa rezão, e * nom se mostrauão * entendidos pera seruir os cargos, lhos nom daua; e se era cargo de escreuer mandaua que escreuesse perante elle, e se nom era bom escriuão lho nom daua; e dizia que homem que mal escreuia e pedia cargo pera escreuer nom era senão pera mal fazer. Nom daua os cargos senão a homens muyto officiaes, e dizia que os cargos da fazenda d'ElRey os nom auia de dar em pagamento de seruiços, porque depois se os achasse em furtos nom teria contra elles justiça; que os seruiços dos homens pagaria com mercês e honras, e nom com officios de ganhar dinheiro; que por ysso trazia poder pera dar tenças, e acrecentamentos de moradias, e honras como cada hum merecesse. Mandou apregoar que todo o aleuantado e omeziado, que andaua na India até sua chegada, do que tinhão feito lhes perdoaua a parte da justiça, e se viessem [2] * a dar * no seruiço de Deos e d'ElRey dentro em tres meses, e senão que nunqua serião perdoados, assy como nom serião perdoados todos aquelles que males fizessem depois de elle ser chegado á India.

Mandou apregoar, sô pena de morte e perdimento da fazenda, nom nauegassem sem sua licença, e os que tiuessem nauios fizessem contratos e armações com os feitores d'ElRey, com os partidos que fôsse rezão, e sem ysso nom nauegarião; e que o homem que tratasse com fazenda d'official d'ElRey, de justiça ou fazenda, perderia o nauio e toda sua fazenda pera ElRey, e degradado pera todo sempre pera Portugal, que mais nom tornasse á India; porque ElRey auia mester os tratos da India, e n'ella ganhar com que pagasse os seruiços dos homens da India, pera os obrigar a seruirem nas armadas; e mandou apregoar que daua licença a todo o homem que se fôsse pera o Reyno, se nom quigessem andar na

[1] * He * Autogr. [2] * andar? *

India, e esto nom deuendo nada a ElRey nem á justiça. Tirou os soldos e mantimentos aos casados, que os nom vencessem senão auendo guerra em que pelejassem, ou se andassem nas armadas. Ouve enformação dos males e roubos que os officiaes fizerão nas rendas da terra firme, e todos mandou prender, e tirar d'elles grandes deuassas. Mandou apregoar que nenhum homem do mar trouxesse capa, sómente ao domingo e dia santo hindo á igreija, e senão que lhe seria tomada polos meirinhos, e posto na picota hum dia á vergonha. E que todo' homem que tiuesse vencimento d'espingardeiro trouxesse o murrão atado no braço. [1] * Queixauase * muyto com os homens d'armas pera que trazião capas, porque com ellas nom parecião homens de guerra; e que os escrauos que tiuessem fossem homens que ajudassem aos trabalhos, porque pagens embonicados nom os auião d'embarqar em nauios d'ElRey, e os escrauos grandes, hindo d'armada, comerião do mantimento d'ElRey. Mandou apregoar, sò pena de morte e perdimento da fazenda, que toda' pessoa que tiuesse artelharia d'ElRey a mandasse entregar no almazem, sem pena alguma indaque a furtasse em qualquer parte que fosse; e esto em espaço de hum mês, e senão que ficarião encorridos na pena. Com que se arrecadou muyta artelharia que trazião os tratantes mercadores per concertos dos officiaes d'ElRey, que lha dauão, ficando ElRey perdendo a poluora e pilouros que lhe vendião.

Prouendo assy o Visorey muytas cousas, que meteo por bom caminho, se embarqou pera Cochym em huma galeota noua, que achou feita, e se embarcou com pouqos seruidores nem fidalgos, de que se elle sempre despejaua, e folgaua com os lascaris que andauão ao modo de bons soldados; e em sua companhia leuou seis fustas, com que foy ao longo da terra e as naos ao mar, e foy entrando polos rios, e vêr como erão feitos, pera tudo saber. Deixou mandado a dom Anrique que chegando ahy o Gouernador o nom consentisse desembarquar, nem em nada lhe obedecesse. Hindo assy o Visorey correndo a costa, soube que no rio de Mangalor e Bacanor os paraos de Calecut tinhão feitores, que vendião os roubos que tomauão, e carregauão arroz que leuauão a Calecut: nos quaes rios mandou tomar as barras, em que pôs Jeronymo de Sousa, e Manuel de Macedo com nauios pera ysso, porque os paraos que andauão fóra,

[1] * queixase * Ms.

sabendo que o Visorey era chegado a Goa, todos se recolherão pera Calecut.

Chegou a Cananor, onde lhe fizerão seu recebimento, e elle se vio com ElRey com seus aparatos e [1] * honras. ElRey * folgou muyto de o vêr, polas cousas que lhe d'elle contauão no descobrimento da India, e os males que depois fizera a Calecut; e lhe deu riquo colar de pedraria, e o Visorey lhe mandou presente de peças de seda do Reyno, assentando ambos grandes amizades. E esteue tres dias, * e * meteo na capitania dom Simão de Meneses, porque tinha acabado seu tempo dom João da Silueira; e se partio, e passou de noite por Calecut, porque soube que estaua assy aleuantado, mas nom auia peleja, e a gente da terra comonicaua com os nossos, e á porta da forteleza vinhão vender cousas de comer, depois que souberão da vinda do Visorey.

CAPITULO II.

COMO DOM ANRIQUE, CAPITÃO DE GOA, MANDOU CHRISTOUÃO DE BRITO COM ARMADA AO RIO DE DABUL, E O QUE LÁ PASSOU.

Sendo o Visorey partido de Goa, derão certa noua a dom Anrique, capitão, que do rio de Dabul sayrão fustas armadas, que tomarão huma riqa nao que vinha d'Ormuz com cauallos pera Goa. Logo dom Anrique armou tres fustas, e quatro catures bem artilhados, e n'elles até cento e vinte homens espingardeiros; ao que folgarão de hir alguns casados proues, por vencerem; em que mandou por Capitão mór Christouão de Brito, homem mancebo, bom fidalgo caualleiro, e lhe mandou que fosse buscar as fustas de Dabul, e que nom se tornassem * sem * pelejar com ellas. O que assy fez, que se foy a Dabul, onde soube que as fustas andauão fóra, e por as nom errarem, se as fossem buscar e que ellas virião per outro cabo e se colherião ao rio, em que terião mór trabalho a hir dentro pelejar com ellas, então se puserão sobre o rio com boa vigia dos catures, per ambas as partes e polo mar, que vendo as fustas fizessem sinal e se recolhessem pera o Capitão mór. O que vendo o Digar de Dabul mandou recado ás fustas, que lhe sendo dado ellas vierão

[1] * honras que ElRey * Autogr.

a bom recado, e vierão de noite estar defronte da barra de Dabul, e estiuerão longe, que nom fossem vistas. E sendo tempo da maré, com as velas tomadas e os mastos abatidos, ao remo se chegarão de longo da terra, com fundamento que se os nossos déssem com ellas se saluarião na terra, que vinhão carregadas do roubo. Do que os nossos nom ouverão vista, mas sendo menhã crara se forão com o vento da terra pera o mar, onde andauão até que tornauão com a viração. Os mouros, vendo as nossas fustas hir pera o mar e que já erão muyto longe, que indaque os vissem nom poderião tornar tão asinha que os tomassem, tomarão o remo á pressa e se meterão no rio de Dabul, tirando bombardas e pondo bandeyras; que erão noue fustas grandes, que tanto que entrarão muy prestesmente descarregarão e aperceberão pera sayrem a pelejar com os nossos, com muyta artelharia, e rumes e gente bem armada, e muytos frecheiros. Os nossos do mar bem virão entrar as fustas no rio, e logo se puserão em concerto pera entrarem no rio a pelejar com ellas, e chegando á barra nom entrarão, por vasar a maré com grande corrente, e se puserão em ordem que as fustas nom se sayssem sem as verem. Então o capitão mandou marinheiros a terra, que forão a nado vêr o que os mouros fazião, que tornarão ante menhã, dizendo que as fustas estauão concertadas pera sayrem a pelejar, que tinhão muyta gente. Do que os nossos ouverão prazer, por nom terem o trabalho d'entrar dentro no rio: polo que todos se aperceberão, * estando * os mouros muy valentes, porque vião que os nossos erão tão pouqos. O capitão mandou a todos que fizessem o que elle fizesse, que era hirse pera o mar, se as fustas fossem trás elles, e se nom fossem que tornarião sobr'ellas, e senão, que hindo pera o mar, com a calmaria andarião com ellas ás bombardadas, que podião milhor remar que as fustas, que erão grandes, e como viesse a viração, ficando a balrauento, pelejarião com ellas como quigessem: o que assy pareceo bem a todos. As fustas com o terrenho sayrão do rio, com grandes gritas e tangeres, deitando foguetes a folgar, que vendo os nossos hir á vela pera o mar cuidarão que lhe fogião, e forão após elles, e a capitaina dos mouros diante, e os outros em fio após ella hum trás outro; e sendo já afastados longe da terra, que o Capitão mór lhe pareceo bom tempo, supitamente meteo de ló á vela e remo tornando contra os mouros; o que tódos os nossos assy fizerão. O que vendo os mouros a determinação dos nossos, que tornauão

a elles, se embaraçou a capitaina dos mouros, que nom póde voltar tão presto, com que as outras fustas, que vinhão após ella, derão huns polos outros, com que todos se emburilharão huns sobre outros, com que os nossos tiuerão tempo que ficarão da banda da terra a balrauento dos mouros. Ao que logo o Capitão mór, que hia com sua gente bem concertada, foy sobre a capitaina dos mouros; mas os outros nossos, vendo as fustas grandes e com muytos mouros, lhe ouverão medo, dizendo ao Capitão mór que nom era rezão pelejar com tamanho poder dos mouros; que se perderião. Elle lhe disse: «Eu hey de pelejar com estes mou-» «ros que vim buscar. Mandouos que pelejês e me ajudeis, que são vos-» «so Capitão mór, e senão, vela e remo tendes; hy por onde quizerdes,» «que ao Visorey darês conta.»

E logo foy abalroar a capitaina dos mouros; o que assy fizerão as outras fustas e hum dos catures, que os outros tres forão fogindo pera o mar. Os nossos abalroarão como puderão antre todolas fustas dos mouros, com tantas bombardadas, frechadas, e espingardadas, com que ouve muytos mortos e feridos d'ambas as bandas; mas os nossos auião o pior, que erão pouqos, e se muyto arrependião cometerem a peleja. O Capitão mór Christouão de Brito, querendo entrar com os mouros, lhe derão huma frechada pola garganta, de que logo cayo morto; o que os nossos nom virão com a pressa em que andauão defendendo as vidas, e quis Deos que o nom virão, porque todos se nom perdessem. E todos pelejauão como homens que esperauão saluar as vidas por seu bom pelejar; chamando Nosso Senhor que os ajudasse; ao que elle acodio com sua grande misericordia, que na mór pressa mostra seu poder, porque estando o Capitão mór dos mouros em cyma do bayleu que trazia na sua fusta, que bradaua e esforçaua a todos, lhe deu hum pilouro d'espingarda na cabeça, que logo cayo morto ao mar. O que Deos quis que vissem todos os seus, e nossos, que derão grande grita, e com dobradas forças, e os mouros logo em desbarato, que muytos se deitarão ao mar por tomar seu capitão, nom cuidando que era morto. Com que os nossos entrarão a fusta capitaina, que fiqou logo enxorada, e o catur ás lançadas, matando os mouros no mar. O que vendo as outras fustas dos mouros se começarão a retirar, vendo sua capitaina tomada; o que vendo os nossos tomarão muyto coração, e as forão abalroar, entrando logo ás lançadas, e os nossos marinheiros e remeiros com panellas de poluora ajuda-

uão com muyto esforço. Vendo a fraqueza dos mouros, que hião em desbarato, em tres catures, que fogirão pera o mar, os remeiros canarís e mocadões bradarão, dizendo aos capitães: «Senhor, logo Visorey pa-» «ra nos enforcar, porque fogir e outro ficar pelejar.» Do que auergonhados, e tão culpados, ao que o Visorey lhe daria grande castigo, falando huns com outros, tornarão tomando as velas, e ao remo chegarão ás fustas, esbombardeando de fóra, e ás espingardadas, e com panellas de poluora; com que enxorarão duas fustas, que todos os mouros se deitarão ao mar. O que visto das outras fustas se puserão em fogida, e nom podião porque seus remeiros fogião a nado com medo de fogo das panellas, bradando que seu capitão grande era já morto. Com que a Nosso Senhor aprouve dar a vitoria aos nossos, ficando tomadas todas as noue fustas dos mouros, sómente duas que escaparão por culpa dos catures nom hirem após ellas. No qual feito dos nossos morrerão passante de trinta, e casy todos os outros feridos, e dos imigos morrerão mais de quatrocentos, os mais d'elles no mar, que os catures andarão matando ás lançadas. As quaes sete fustas dos mouros ficarão com muytos tiros de ferro e armas, que os nossos concertarão as velas, e com alguns marinheiros nossos dentro n'ellas as tomarão ás toas, e se forão caminho de Goa, leuando o corpo de Christouão de Brito amortalhado, com que ao outro dia á noite chegarão á barra de Goa, d'onde mandarão recado a dom Anrique de como assy vinhão com o vencimento e seu capitão morto, que trazião morto. O qual lhe mandou dizer que pola menhã viessem com bandeyras e enramadas, e as fustas dos mouros sem velas, que trouxessem atadas por suas popas, fazendo festas, e tirando artelharia: o que assy fizerão. O capitão estaua no caez com toda a gente da cidade, e todos os crelgos e frades com suas cruzes e muytas tochas acesas, com que o corpo morto foy leuado a enterrar ao mosteiro de são Francisco, com suas honradas oxequias; e as fustas que erão muyto boas, as mandou varar e concertar, que vinhão quebradas dos nossos tiros. Do que logo mandou recado a Cochym ao Visorey.

CAPITULO III.

COMO O VISOREY CHEGOU A COCHYM, E O QUE SE PASSOU ATÉ CHEGAR DOM DUARTE D'ORMUZ.

Sabido em Cochym que o Visorey era já perto de Cochym, o doutor Pero Nunes, védor da fazenda, sayo ao mar em batel grande toldado e concertado, pera n'elle desembarquar o Visorey, se quigesse; e porque *a* viração foy fraqa, o Visorey nom chegou mais que té Cranganor, onde o védor da fazenda chegou a elle, que o recebeo com muyta honra, porque vinha muyto encomendado por ElRey, que em quanto seruio seu cargo, que forão seis annos, fez tanto seruiço que mandou tal pimenta que no Reyno quebraua a sete e oito por cento, que de primeyro quebraua a trinta e corenta por cento, por ser pimenta molhada, verde, e com mestura de pedra e arêa, que os feitores mal emburilhauão, em que fazião seu proueito. O qual ficou toda a noite com o Visorey, a que esteue dando muyta conta das cousas do Gouernador e de toda a India.

Dom Luiz tinha fóra na barra o galeão São Luiz, que elle n'este inuerno fizera nouo, e estaua muy artilhado, cóm grossas peças, e toldos e bandeyras, em que ao outro dia se embarqou com muytos fidalgos, e muyto comer, e se fez á vela em busca do Visorey, que hia muyto a la mar com o terrenho, que era escasso pera Cochym. E chegando por popa da nao do Visorey o mandou saluar da gauea do galeão, abaixando e tirando a bandeyra que leuaua de Capitão mór do mar; o qual foy respondido com trombetas e atabales, porque já o Visorey vinha na nao de Cananor pera qua. E logo dom Luiz se meteo no batel com os fidalgos e se foy á nao, que o Visorey veo ao bordo da nao ao receber com abraços e grandes gasalhados, e dom Luiz com suas grandes cortesias; com que na tolda se assentarão em cadeiras, onde o Visorey recebeo aos fidalgos que com elle forão com suas cortesias; e despedio o védor da fazenda, que se foy a terra, que ao Visorey tinha dado muyta conta das bondades de dom Luiz, e mórmente das reprensões que fazia ao Gouernador de seus erros, com que estauão desauindos. Do que ElRey em Portugal já tinha muyta enformação; polo que ao Visorey vinha muyto encarregado que lhe fizesse muytas honras.

Dom Luiz fiqou praticando com o Visorey cousas de pressa e da viagem, até que veo a viração, que voltarão pera Cochym, e chegarão á barra ás aue Marias, onde na barra estaua a nao de Vicente Gil, que como mercador, por fazer seu proueito, de noite se apartou no golfam e tomou a via de Cochym, onde vendeo suas mercadarias e fez muyto proueito, que nom fizera se fôra a Goa. O que o Visorey bem entendeo, que lho bem pagou, porque a todos os capitães tinha muyto defeso que se nom apartassem d'elle.

E chegando assy pera sorgir, dom Luiz se despedio, e tornou ao seu galeão, que estaua muyto afastado do sorgidoiro das naos. A nao do Visorey fez salua com muyta artelharia, que acabando assy tirarão toda' armada, e per derradeyro as carauellas, cousa fremosa de vêr, que por ser já noite escura se via toda' armada com a claridade do fogo d'artelharia; mas hum tiro de huma carauella, por mao recado, deu por outra, que lhe matou dous homens. E acabando de tirar todos, então dom Luiz mandou dar fogo a todolas peças grossas que tinhão pelouros, que erão trinta e duas peças grossas, e o mais falcões e berços, e camaras, que tirou mais de cem tiros, que ganhou a todos: de que o Visorey ouve muyto prazer vêr galeão tão bem armado.

O Visorey dormio na nao, onde ao outro dia foy visitado d'ElRey per hum seu regedor, e dom Luiz se foy a terra ordenar com os officiaes da camara o recebimento, que tudo foy prestes pera o outro dia, que dom Luiz se foy pera desembarquar o Visorey, pera o que leuou a galé noua que elle fizera, esquipada d'auante á ré d'escrauos d'ElRey, que bem sabião remar; a tolda paramentada de riqos pannos, com os fidalgos, e grande banquete pera jantar ou almorçar, se quigesse; e com elle o capitão da forteleza, dom Diogo de Lima, que chegando á nao fez grande salua, e se foy ao Visorey, que os recebeo com suas cortesias, e lhe dizendo dom Luiz que vinha pera o leuar a terra, do que o Visorey lhe pedio muytos perdões, dizendo que nom auia de hir senão no seu batel, que já pera ysso estaua concertado com toldo de grã antretelhado de veludo preto, atrocelado de fio d'ouro e preto, e frânja d'ouro e vermelho, e per dentro forrado de brocado raso, e sobre a popa a bandeyra real de damasco branco e a cruz de Christus em ambas bandas, de citym crimisim atrocelada de fio d'ouro com seus cordões. Em dous batés a sua guarda, com seu capitão, vestidos de liuré, e chuças mêas doura-

das, e em outro batel o ouvidor geral, com o seu meirinho e seus homens com suas varas de justiça, e lanças. E todolos capitães em seus batés, com sua gente vestidos muyto louçãos. Entrado o Visorey no batel se assentou em huma cadeira, e junto com elle dom Luiz em outra: no que dom Luiz teue grandes comprimentos de cortesias, que nom queria tomar a cadeira; mas o Visorey o fez assentar, dizendo: « Senhor, as-» «sentese vossa mercê, que outra de mór honra merece, e tendes ga-» «nhado ante ElRey meu senhor, per vossos bons merecimentos de hon-» «rados feitos e bom siso; que vós tendes mais que o Gouernador vosso» «irmão, que danou na India sua muyta honra, que com tantos traba-» «lhos ganhou em Africa. O que tudo se acrecentou em vossa bonda-» «de; polo que Sua Alteza vos fará muyta mercê. » E porque o Visorey ysto assy disse em pubrico, dom Luiz com o barrete na mão lhe respondeo: «Senhor, beijo as mãos a vossa senhoria por tanta honra; mas» «se eu tenho alguma bondade as mercês que me Sua Alteza fez ma de-» «rão. Mas se elle está descontente do Gouernador meu irmão, nom sin-» «to prazer que me tire este tamanho pesar, que *he* o mór que n'es-» «te mundo posso ter, porque nom poderey eu deixar de ficar sem al-» «guma culpa. » O Visorey lhe respondeo: « Mas antes todo acrecentou» «em vossa honra. » E assy forão praticando muy doces palauras até chegar a praya, onde desembarcarão defronte da igreija, onde foy polos vereadores recebido com paleo riqo, e arenga de seus grandes louvores; e com os padres em procissão com cruz aleuantada forão á igreija fazer oração. E lhe dixerão que ElRey de Cochym vinha: acabada 'oração o Visorey sayo á porta da igreija, até que ElRey chegou perto, e o Visorey o sayo a receber á Rua direita, o qual ElRey vendo se deceo de seu alifante, em que vinha, e se abraçou com o Visorey muytas vezes, e o Visorey com suas grandes cortesias se forão assentar na porta da igreija, que tinha grande alpendre, onde se falarão palauras de visitação; com que ElRey se despedio e se tornou em seu alifante. O Visorey se foy pousar na forteleza, onde á porta despedio dom Luiz com suas cortesias, onde sempre dom Luiz o visitaua, e sempre o acompanhaua pera' igreija, e se tornaua a sua casa, porque o Visorey se acupaua em seus despachos, em que tinha muyta acupação, sem ter repouso, nem sésta, nem porteiro; e pola menhã e á tarde visitando a ribeira e almazens, dando pressa á descarga das naos. E mandou meter no tronqo Vicente Gil, por-

que diante d'elle se veo a Cochym, e ao mestre e piloto, que cada hum pagarão cem cruzados, e Vicente Gil, tresentos, que mandou dar ao prouedor da Misericordia pera gasto do esprital.

O Visorey, correndo a costa, deixou guarda nos rios de Mangalor e Bacanor, e mandou Diogo Martins de Lemos na galeota, que fosse tomar o rio de Mangieirão, além do monte Dely, porque soube que tambem ally os paraos tinhão escala de mantimentos. E leuou mais quatro fustas das que se tomarão em Dabul, que dom Anrique lhe mandára de Goa. E o Visorey tinha muyto em pensamento de acabando de despachar as naos do Reyno fazer grande guerra, per toda a costa e rios da costa da India. E mandou tomar no rio dos Culymutys quatro catures nouos que tinhão feitos, e os trouxerão a Cochym, que erão feitos muy sotís pera muyto remarem, que lhe todos gabauão; os quaes mandou queimar, dizendo que auia de mostrar aos mouros que nós sabiamos fazer milhores catures que elles; e chamou mestre Vyne jenoês, que trouxera pera fazer galés, e lhe perguntou se lhe saberia fazer barqos que remassem mais que os paraos dos malauares. Elle dixe: «Senhor, eu te fa-» «rey bargantys * que * te pilhem hum mosquito.» Ao qual trabalho logo se meteo, e fez dous bargantys ao modo de Leuante, que em vinte dias forão acabados. Ao que o Visorey mandou apregoar que qualquer homem português que quigesse remar nos bargantys lhe pagaria cada mês seu soldo e mantimento, assentados sobre o banqo, e lhe daua francamente todo o fato de sobre cuberta de quantos nauios alcançassem a remo, e mais auerião suas partes em dobro de toda a prêsa com a outra gente, e os fazia liures de todo outro seruiço, inuerno e verão, que nom tiuessem trabalho senão com seu bargantym. Ao que acodirão tantos marinheiros e grometes que sobejarão. Estes remeiros tinha cada hum debaixo de seu banco hum peito e ceruilheira d'armas brancas, e huma lança e rodella, e duas panellas de poluora, porque vendo a prêsa se armauão e punhão as ceruilheiras, que reluzião ao longe, e alcançando a prêsa largauão o remo e tomauão sua lança e rodella, e panella de poluora, que chegando botauão, e ficauão trinta homens armados que pelejauão, que muyto podião: assy que a remo e vela, e peleja, nada lhe escapaua.

O Visorey se [1] * mostraua * muy amigo dos homens guerreiros, que

[1] * mostra * Autogr.

dizia que quando fosse pelejar que nom auia de dar as capitanias senão a homens esperimentados na guerra bons caualleiros, porque as honras da guerra auia de dar a quem as ganhasse polo braço, e por baixo homem que fosse lhe faria mais honra que a hum fidalgo judeu. O que dizia em pubriqo de muytos, que o Visorey era muy isento em seu falar; e que quem d'ysto nom fosse contente daua licença que se fossem pera Portugal comer o que seus paes ganharão. Fazia grandes medos a todos, e mórmente aos capitães das fortelezas, que achandolhe culpas os auia de castigar e 'xecutar, e se ficassem viuos os auia de mandar a ElRey com as culpas, porque sendo elles maos assy o serião os officiaes de sua forteleza, de justiça e fazenda, e então todos juntos destroyão o pouo; porque [1] * os * males que os mouros fazião nascerão dos roubos que lhe fizerão os capitães, que por tanto nenhum se auia de hir liurar a Portugal dos males que na India fizesse em seu tempo, porque castigando elle os grandes os pequenos auerião medo. E por tanto todo homem que achasse agrauado e enjuriado dos grandes, ou sentenças mal dadas, tudo auia d'emendar e castigar com direita justiça, que nom auia mester os fidalgos pera pelejarem, sómente per estêos meter hum quando outro fosse podre. E que o fidalgo que désse fauor e recolhesse algum malfeitor que se colhesse a sua casa, que o logo nom entregasse á justiça, que em ferros o auia de mandar a ElRey, dizendo que era encobridor de malfeitores. E que se algum désse saluação ao malfeitor, que no tal xecutaria a pena que ouvera d'auer o malfeitor. E mandou apregoar que os officiaes de justiça e fazenda que errassem lhe trespassaria as penas ciues em castigos crimes. Assy que em todo se mostraua direito ministro do seruiço d'El-Rey e bem do pouo, pera seruiço de Deos e bem da India. Meteo na capitania de Cochym Lopo Vaz de Sampayo, que n'ella vinha prouido, e dom Diogo de Lima tinha acabado seu tempo, e porque estaua proue o Visorey lhe deu huma nao em que fosse a Ormuz fazer seu proueito; porque os capitães de Cochym e de Goa, porque estão nos olhos dos Gouernadores nom se podem tanto aproueitar como os capitães das outras fortelezas, que estão mais apartadas da conuersação dos Gouernadores.

Dom Luiz, sabendo que ElRey estaua mal enformado do Gouernador seu irmão, e per cartas lhe dizião que o Visorey trazia contra elle

[1] * dos * Autogr.

cousas asperas, e o Visorey era pior por sua fortidão, segundo as prouisões que deixaua em Chaul e Goa, sem agardar que lhe désse sua residencia; como dom Luiz era muyto auisado, querendo descobrir esta cousa, com pensamento que alguma cousa amansaria com o Visorey, quando o hia visitar mouia praticas a tocar nas cousas de seu irmão, a ver se poderia temperar alguma cousa como o Visorey nom se desse muyto regurosamente com seu irmão. O que o Visorey bem entendia, e sempre lhe falaua nas bondades que tinha a direita justiça, mostrandose que a auia muyto de guardar, dizendo que trazia poderes pera 'xecutar todolos crimes, em todolas pessoas que estauão do cabo da Boa Esperança pera dentro, sem nada passar a Portugal pera ElRey julgar; porque dos proprios irmãos d'ElRey faria justiça, se os tiuesse na India. Das quaes repostas dom Luiz andaua muy agastado, porque sabia que o Visorey traria d'ElRey tudo quanto lhe elle pedisse.

O Visorey daua muyta pressa a carregar as nãos, e mandou a Ceylão pola canella as duas naos do almazem, que comprára o védor da fazenda pera trazer a carga, como já 'traz contey, que andauão bem armadas e * com * mestre e piloto, com que muyto proueito fazia a ElRey; e mandou com ellas Duarte de Mello, em hum nauio, pera capitão de Ceylão, e que se viesse Fernão Gomes de Lemos, de que tinha más enformações, e tambem já tinha seu tempo acabado; e com defesa de morte que partindo de Ceylão nom tomassem outra terra senão Cochym.

CAPITULO IV.

DO QUE FEZ O GOUERNADOR EM ORMUZ, ATÉ PARTIR PERA' INDIA E CHEGAR A COCHYM, ONDE ACHOU O VISOREY, E O QUÉ COM ELLE PASSOU.

O Gouernador em Ormuz fez muyto proueito nas fazendas que leuou, porque os corretores as encarregauão aos mercadores em altos preços, e forçosamente lhas fazião pagar, e outras dadiuas e peitas, que o Resxarafo tiraua do pouo pera dar ao Gouernador, pera o ter contente. Onde assy estando, chegou a Ormuz hum João Gonçalues com cartas de dom Rodrigo, que estaua nas terras do Preste, em que muyto pedia ao Gouernador que lhe mandasse embarcação, porque forão ao porto de Maçuhá, que fôra dom Luiz e Heytor da Silueira, e os nom trouxerão, por-

que estauão longe do mar por estarem mais seguros, por mandado do Preste; polo que ouvindo recado das embarcações, caminhando com muyta diligencia, nom puderão chegar ao porto ao tempo que os chamauão; polo que os capitães se partirão sem agardar por elles; de que era a causa as armadas chegarem tarde ao porto, já quando nom podião esperar por elles. Polo que as duas embarcações forão embalde, fazendo tantas despezas a ElRey. E porque assy nom fosse, e elles ficassem em esquecido com outros trabalhos que podia auer na India, lhe pedião todos, por amor de Deos, d'elles se lembrasse, e quando mandasse embarcação fosse com regimento que nom fizessem detença, e chegassem a Maçuhá em março, e quanto mais cedo fosse possiuel. E com esta carta mandou, dom Rodrigo, João Gonçalues, porque sabia muytas lingoas, que em trajos de mouro e em companhia de mercadores, com suas mercadarias, s'embarqou em huma nao de mouros, que se foy perder na costa de Fartaque em Badalcuria, de que se saluou, e pedindo esmola com os outros mouros perdidos foy ter a Mascate, e d'ahy se foy a Ormuz; a que o Gouernador fez mercê por seu trabalho e perdição. O qual contou ao Gouernador todo o que dom Rodrigo passou com o Preste. O que aquy nom escreuo, porque o farey adiante quando veo dom Rodrigo; porque ouve alguns dos seus que o trouxerão escrito, mórmente o padre Francisco Aluares, que milhor cuidado teue de escreuer miudamente todo o que passarão, de que eu ouve o seu liuro, de que tomey as forças que me parecerão que erão necessarias pera estas lendas, e nom tomey muytas miudezas porque a leitura era grande, que depois no Reyno se empremio, e veo á India empremido.

E estando assy o Gouernador se lhe queixou o Resxarafo que capitães do Xequesmael impidião as cafilas das mercadarias que vinhão pera Ormuz; o que daua muyta perda ás rendas d'Ormuz: pedindo ao Gouernador que sobre ysso mandasse messigeiro ao Xequesmael rogar que nom [1] * ouvesse * tal impedimento, pois ElRey d'Ormuz era vassallo d'El-Rey de Portugal, com que elle Xequesmael [2] * tinha paz. Ao que * o Gouernador proueo, e mandou por embaixador ao Xequesmael Baltesar Pessoa, homem honrado, caualleiro da ordem de Santiago, que foy muyto bem tratado, e com seruidores portugueses, que tudo pagou ElRey d'Or-

[1] * ouve * Ms. [2] * ty ao que * Id.

muz; e foy em companhia d'outro embaixador do Xequesmael, que fôra a Cambaya. E partidos d'Ormuz forão ter na cidade de Lara, em que estaua hum mouro vassallo do Rey d'Ormuz, mas elle tinha estado de Rey; a que Baltesar Pessoa nom foy vêr, e lhe mandou hum presente, que por ser de pouqa cousa o mouro o nom quis tomar: do que o Baltesar Pessoa fiqou agastado, e quis soberbar o mouro, e se concertou muyto bem, e com seus homens, que erão vinte, todos bem concertados com suas espingardas, foy passear pola [1] * cidade per antre * as casas do mouro sem lhe falar, e o desprezar, confiando que o mouro era vassallo do Rey d'Ormuz, e nada boliria comsigo. Mas o embaixador do Xequesmael lhe dixe que tal nom fizesse, porque o mouro era soberbo, e nom lhe acontecesse algum desastre; mas elle nom quis senão hir folgando, e tirando alguns tiros os espingardeiros, e passando por diante das casas do mouro, que entrou por huma rua estreita, de cima dos terrados e das genellas lhe deitarão tantas pedradas que todos forão escalaurados, e o Baltesar Pessoa derrubado do cauallo, de huma pedra que lhe deu na cabeça. Com que se tornarão pera sua casa, e se curarão o melhor que puderão, e d'ahy a dois dias se partirão com o embaixador seu caminho.

Passando por muytos lugares e a cidade de Xiraz e Tabriz, as principaes da Persia, e tudo pouoado de muy limpa gente, e caminhando chegarão ao campo em que estaua o Xequesmael com grande arrayal, em que auia de fazer huma grande festa; e antes de chegar Baltesar Pessoa huma jornada lhe mandou recado o védor da casa do Xequesmael que se aposentasse onde estaua, que era huma aldea, e ahy estiuesse até vir seu recado. O que o embaixador assy fez, e esteue bem aposentado doze ou quinze * dias *, que de dia e de noite sempre passou gente pera o arrayal, que hião pera' festa. E a cabo d'ysto lhe mandou recado o védor que fosse. 'O que o embaixador assy foy bem concertado dos seus, e chegando perto do arrayal sayo hum capitão com quinhentos de cauallo ao receber, e leuado ao arrayal onde o aposentarão em huma grande tenda, onde lhe foy dado grande auondança de cousas de comer, e logo o Xequesmael mandou recado de visitação que descansasse até que tiuesse tempo pera o vêr e [2] * despachar. * Ao que o embaixador lhe mandou reposta de suas cortesias, e que elle estaua descansado, pois era d'elle visitado.

[1] * cidade e vir per antre * Autogr. [2] * despacharia * Id.

E passando quatro dias, que chegou o dia da festa, forão deitadas alcatifas polo campo diante das tendas do Xequesmael, e em cyma pannos de seda em lugar de toalhas, onde se puserão grão numero de garrafas com vinho, d'ouro e prata, onde se puserão infinitas bacias de prata e latão dourado, cheas de manjares e comeres á sua usança; onde se assentarão a comer infinidade de fidalgos, e capitães, e grandes senhores, que primeyro forão vestidos de riquas cabayas, e roupões de brocados, e ricos pannos, que o Xequesmael a todos deu com este banquete; onde o nosso embaixador tambem foy assentado ao banquete hum jogo de bola da tenda do Xequesmael, que tambem comeo no banquete, e ao embaixador deu riqa cabaya, e outras de seda a todos os portugueses; onde o Xequesmael lhe mandou por honra muytas iguarias do que elle comia. Durou o banquete dês a tarde, que o sol foy frio, que se assentarão, e toda a noite, com infinidade de tochas, e tangeres e momos, e volteadores, deitando por cyma de todos muytas agoas cheirosas com yzopes que os muyto molhauão; e comerão e beberão até que muytos cayão bebados, que os leuauão ás tendas. E o nosso embaixador, com licença do Xequesmael, se recolheo á sua tenda, porque os bebados pelejauão huns com outros, e se rompião, e fazião cousas de prazer, até que foy menhã, que tudo se recolheo, e dormirão até tarde, que o Xequesmael se pôs em seu estrado, e diante no campo estaua aruorado hum páo muyto alto, e em cyma outros dous, que erão tres, que fazião altura de mais de vinte e cinco ou trinta braças, e sobre a ponta d'elles hum páo delgado, e na ponta d'elle huma maçã d'ouro, que tinha cem xarafins, que era do tamanho de hum ouo ao que parecia debaixo. Ao que corrião a cauallo todos os fidalgos com arqos, tirando com huma frecha á maçã, que estaua por tal arte que lhe tocando a frecha caya, ao modo de quem corre argolla, e cayda huma maçã punhão * outra *, porque a que caya leuaua quem a derribaua, que a hia apresentar ao Xequesmael, que lhe daua riqua cabaya; o que durou até noite, que se derrubarão mais de tresentas maçãs. Com que se acabou a festa, a qual o Xequesmael fez por huma doença que tinha, de que foy empiorando, que dentro em hum mês morreo, e outro mês os senhores estiuerão diuisos, até que fizerão Rey hum sobrinho do morto, filho de hum seu irmão já morto, o qual era Rey de direito, moço de quinze annos, chamado Xatamaz. N'este tempo o nosso embaixador esteue aposentado em humas boas casas junto do vé-

dor, que depois pedindo seu despacho, o Xatamaz ou seus regedores lhe nom concederão nada do que pedia, e tornou a Ormuz sem reposta, onde chegou sendo já o Gouernador partido pera' India.

O qual acabando de recolher suas fazendas, e prouendo o que compria, se partio d'Ormuz, e se veo a Mascate, e d'ahy partio pera' India, e foy demandar a terra a cyma de Dio, onde espalhou 'armada, esperando as naos de Meca alguns dias, que nom veo nenhuma. Então se foy: passando por Dio de noite, foy ter a Chaul, onde achou por capitão Christouão de Sousa, que logo o mandou visitar com refresco, e dizer que o seruiria no que lhe mandasse como dom Duarte, e nada como a Gouernador, porque assy lho mandaua o Visorey, e que nom saysse a terra, e se fosse ao Visorey. 'O que dom Duarte, tomando o que auia mester, se partio, e foy a Goa, onde dom Anrique, capitão, lhe mandou dizer outro tanto; e Heytor da Silueira foy a terra vêr dom Anrique, que lhe rogou que nom consentisse desembarcar sua gente, e a leuasse a Cochym, porque assy lho deixára mandado o Visorey. Dom Duarte esteue na barra seis dias fazendo suas cousas; então se partio, e foy a Baticalá, onde esteue deuagar comprando roupa pera suas caixas pera o Reyno e cousas pera' viagem. Heytor da Silueira, vendo que o Gouernador auia de fazer muytas detenças por nom chegar a Cochym, senão a tempo que já as naos estiuessem carregadas, pera logo s'embarqar e partir pera o Reyno, dizendo que nom auia de estar com o Visorey em regalarias que auia de querer contra elle mostrar, pois vinha tão verde que tomára a gouernança da India sem lha elle entregar; o que Heytor da Silueira vendo lhe pedio licença pera se hir a Cochym, a qual lhe o Gouernador nom queria dar, mas Heytor da Silueira lho repetio, dizendo que nom era rezão andar elle auiando suas cousas muyto deuagar, trazendo comsigo tanta armada e gente, gastando os mantimentos d'ElRey. Sobre o que debaterão, e todauia lhe deu a licença, e despedio 'armada que a leuasse, ficando com elle cinqo galeões com pouqua gente. Heytor da Silueira com toda 'armada chegou a Cochym, e com toda entrou no rio. Fazendo grande salua d'artelharia sayo a terra, acompanhado de toda a gente e capitães, e se foy á igreija fazer oração; então se foy ao Visorey á forteleza, que o recebeo com muytas honras, que lhe deu muyta conta de sua viagem e das pazes d'Adem, ao que lhe o Visorey respondeo que tudo fizera bem, senão que muyto errára em deixar o bargantym com os

portugueses, porque ElRey d'Adem se auia d'entregar n'elles polos dous mil xarafins da coroa que dera, com que o enganára, porque o Rey d'Adem nem do Grão Turqo nom queria ser vassallo; que ouvera elle d'entender que a paz que lhe fazia era sómente por saluar as naos que estauão no porto; que se dez mil xarafins lhe pedíra tantos lhe déra, e dez coroas em cyma; que em todo se enganára e os capitães que lhe tal aconselharão. Ao que Heytor da Silueira correo por outras praticas, porque vio que o Visorey estaua auêsso do que elle cuidaua que muyto acertára, e ouve medo que o Visorey muyto mais com elle se agastaria quando soubesse que sem conselho de seus capitães o fizera; e se achou muyto alcançado, nom o dando a entender a ninguem, mas sempre muyto acompanhando o Visorey, que a nenhuma hora saya de casa que o nom achasse á porta acompanhado de muyta gente, porque daua elle grande mesa, e assy a daua dom Luiz, onde se chegauão todos os homens da India, que á mesa do Visorey nom comia tanta gente.

O Visorey era muy acupado no auiamento da carga, e no corregimento dos nauios d'armada, e nos que trouxe Heytor da Silueira, e concertando 'armada miuda, que determinaua de como despachasse as naos do Reyno hir destroyr Calecut e toda a costa da India, que lhe nom ficasse mouro em terra nem no mar, e com esta tenção e outras cousas que achaua na India differentes do que elle cuidaua, e das cousas de dom Duarte, logo mandou fazer prestes hum nauio que partisse diante das naos com cartas pera ElRey, tanto que se visse com dom Duarte, que chegou á barra de Cochym [1] de nouembro e sorgio na barra no galeão são Dinis em que vinha, com outros tres galeões e outros nauios que com a viração entrarão no rio.

Chegado assy dom Duarte, o Visorey mandou Lopo Vaz de Sampayo, capitão de Cochym, e com elle Pero Barreto, que elle fizera ouvidor geral, porque João do Soyro estaua doente, e mandou dizer a dom Duarte que nom fosse a terra, e que logo se passasse á nao Castello, que começaua a carregar, porque n'ella auia de hir pera o Reyno prêso em sua menagem, que d'ella nom auia de sayr senão em Lisboa com recado d'ElRey, e se fosse meter na nao, e dentro n'ella désse esta menagem assinada; e lhe mandou o trelado de hum capitulo de seu regimento que ysto dizia.

[1] Falta no original o dia. Parece terem escripto *dez*, que depois riscaram.

Os quaes forão ao galeão, e Lopo Vaz deu o recado a dom Duarte, de que se mostrou muyto afrontado, e disse a Lopo Vaz: «Nom de-» «uerês de ser messigeiro [1] *d'este* recado, pois bastaua e era o pro-» «prio pera ysso essa vara de justiça, que parece que trazeys pera m'e-» «xecutar. Deuerauos de lembrar que meu pay vos fez caualleiro, e nom» «[2] *podês* ser contra suas cousas.» Lopo Vaz lhe respondeo que fazendo o que lhe mandasse ElRey nosso senhor o faria contra seu proprio pay, a que cortaria a cabeça se lho mandasse; e fóra dos mandados d'ElRey faria o que comprisse a sua honra; que por tanto lhe pedia que respondesse e obedecesse o que mandaua ElRey nosso senhor e elle lho dizia da sua parte. Ao que dom Duarte respondeo que a todo obedecia, sómente a embarcação que lhe daua tinha prouisão em contrairo, em que lhe dizia que quando se fosse pera o Reyno escolhesse pera sua embarcação a nao que quigesse de quantas fossem; dizendo que pois ElRey esta sua prouisão nom derrogaua o Visorey lha deuia guardar e o nom agrauar, e na nao em que se embarcasse daria a menagem que ElRey mandaua. E com ysto os despedio, que se tornarão pera terra dar recado ao Visorey; e dom Duarte se meteo no batel e foy vêr todas as naos que carregauão, e se contentou da nao São Jorge, em que logo ficou, e mandou ao galeão por seu fato e n'ella se agasalhou.

Lopo Vaz deu ao Visorey a reposta de dom Duarte, do que se muyto agastou, e porque era já tarde guardou pera outro dia mandar o que se fizesse; mas sendolhe depois dito que dom Duarte se fôra meter com seu fato na nao São Jorge, a ysto nom tinha paciencia, e logo ao outro dia pola menhã mandou dizer a dom Duarte polo ouvidor que nom se carregasse mais do que estaua, que a prouisão de sua embarcação era boa se elle fôra em sua liberdade, mas pois hia prêso nom auia d'hir senão na nao Castello que lhe daua por prisão, e outra nenhuma não; que por tanto logo se fosse meter n'ella e n'ella désse a menagem, e senão obedecesse o que ElRey mandaua n'ysso proueria como lhe parecesse. Ao que dom Duarte respondeo que fizesse o que quigesse, pois queria usar de poder assoluto, que o podia bem fazer, que tinha a faqua e o queijo. A qual reposta ouvida polo Visorey, muy agastado disse: «Dom» «Duarte, nom ha bom conselho no caminho que comigo toma, e se poem»

[1] *este* Ms. [2] *pois* Id.

«em pontos que lhe podem acrecentar mais seus males; que aindaque»
«eu fosse desarrezoado, elle obedecendo acertaria muyto; e pois quer»
«seguir seu sestro elle me entenderá.»

E logo mandou ao patrão da ribeira que fizesse prestes dous galeões que estauão já sem vergas e casy desenxarceados, que de noite forão concertados de todo, e com artelharia e bombardeiros, que ao outro dia pola menhã auião de sayr do rio, como sayrão, e n'elles mandou o condestabre mór com o ouvidor geral, a que mandou que sorgissem das bandas da nao por popa, e o ouvidor, com dous tabaliães que fossem com elle, se fosse no esquife a bordo da nao, e de fóra requeresse a dom Duarte da parte d'ElRey que logo se saysse e se fosse meter na nao Castello; o que se elle nom obedecesse, o tabalião fizesse auto com protesto assinado com testimunhas, o que lhe tornassem a requerer tres vezes, e *se* elle nom obedecesse bradassem á gente da nao que se saysse fóra, porque a querião meter no fundo, e logo com ysto assy feito se tornassem pera os galeões, e com 'artelharia metessem a nao no fundo. Do que deu juramento ao ouvidor e condestabre mór que assy o fizessem; do que lhe deu seu assinado.

Sendo ysto dito a dom Luiz se foy ao Visorey pedindolhe muyto por mercê que se nom ouvesse tão rigorosamente com seu irmão, pois nom tinha vendido fortelezas d'ElRey, e as cousas mandadas com tantas indinações parecião mais odio que outra nenhuma boa rezão que pera ysso ouvesse. O Visorey lhe respondeo com muyta cortezia, como lhe sempre fazia, dizendo: «Senhor dom Luiz, se vosso irmão tiuera ven-»
«dido fortelezas ally onde está elle nom tiuera cabeça, que lha man-»
«dára eu cortar; e essa palaura me nom deuêres falar, nem vosso ir-»
«mão nunqua me anojou pera lhe eu ter odio e fazer contra elle o que»
«nom deuo, nem vossa mercê me deuêra dizer tão errada palaura, que»
«assy me Deos dê saude, que se erro faço he em nom usar de tudo o»
«que são obrigado, e eu o faço porque são vosso seruidor, e ElRey nos-»
«so senhor he vosso amigo. E quanto ao de vosso irmão, aconselhar-»
«lhehia, e vós como irmão assy lho aconselhai, que obedeça muyto os»
«mandados d'ElRey d'aquy em diante, pois atéquy tão mal os tem guar-»
«dados na gouernança da India, que he o lume de Portugal; e obede-»
«cendo o que ElRey manda com mansidão tudo hirá a bem, porque o»
«que eu mando d'ElRey he mandado, e dandome de sy alguma boa»

«rezão quiçá que eu farey mais o que lhe a elle compre do que o elle»
«saberá fazer. E vos falo verdade, nom porque mo agardeçaes, que por»
«amor de vós ando muyto áquem do que me ElRey manda, e volo»
«mostrára se pudera.» Ao que dom Luiz lhe respondeo e não com tanta mansidão como o Visorey quisera. No que tanto altercarão que o Visorey se aleuantou, e foy pera a porta da camara, dizendo: «Senhor dom»
«Luiz, hiuos embora, que já vos dixe de mym muytas verdades, que»
«me pouquo credes, e cuidaes que tendes boas rezões e que eu são o»
«mal entendido; em que me desagardeceys o que eu podia fazer, e o»
«nom faço porque vos vejo diante de mym.» Dom Luiz quisera falar, mas o Visorey tirou o barrete, dizendo: «Senhor, façame mercê que»
«por oje nom seja mais.» E lhe virou as costas; do que dom Luiz se foy agastado, dizendo: «Vós nom me quereis ouvir; espero em Deos»
«que virá tempo que tambem vos nom quererey ouvir. Eu me hirey [1]»
«*pera* meu irmão, e o que fôr d'elle será de mym.» Ysto foy falando dom Luiz pola sala, que muytos ouvirão, e se foy pera sua pousada acompanhado de muyta gente que com elle comia.

Foy dito ao Visorey estas palauras que falára dom Luiz; do que muyto se agastou, e mandou o capitão da forteleza, Lopo Vaz de Sampayo, que logo mandasse embarqar dom Luiz, que mais hora nem ponto estiuesse em terra, e nom consentisse que ninguem fosse com elle, e que elle auia d'estar á genella até o vêr hir embarcado. Ao que foy Lopo Vaz de Sampayo a casa de dom Luiz, que se assentaua á mesa pera comer com sua muyta gente que com elle comia, o qual vendo Lopo Vaz agardou a vêr o que dizia, e elle da porta, sem entrar dentro, lhe dixe:
«Senhor dom Luiz, manda o senhor Visorey que vades comigo a vos»
«logo embarqar, que fica á genella agardando até vos hirdes embarca-»
«do.» Dom Luiz com paixão deu huma risada, dizendo: «Espantome»
«como nom mandou biliguins que me leuassem. Tudo será feito quan-»
«to manda.» Pedindo a capa disse: «Senhores, se vos nom deixarem»
«jantar mandai leuar o comer porque se nom perqua; e vossas mer-»
«cês se fiquem á paz de Deos, pois nos tirão que nom comamos este»
«jantar de despedimento.» E ysto com lagrimas nos olhos. A gente se aleuantou da mesa pera o acompanharem, o que Lopo Vaz nom consen-

[1] *per* Autogr.

tio, e mandou que ninguem saysse fóra da casa da parte do Visorey; o que todos obedecerão. E dom Luiz só com dous moços se foy á praya e meteo em hum tone que achou, e se foy ás naos, dizendo a Lopo Vaz: «Senhor, dizey ao Visorey que este Reyno he seu, e depois ha de ser» «d'outro.»

Dom Luiz, como era muyto auisado, nunqua fôra vêr seu irmão depois que chegára, porque o Visorey nom cuidasse que ambos se aconselhauão; e chegando á nao achou o ouvidor a bordo da nao falando com seu irmão o recado do Visorey, e dom Luiz lhe disse: «Senhor ouvi-» «dor, porque nom deiteys a perder esta nao que he d'ElRey, agardai» «que eu volo entregarey preso em ferros, se mandardes, e tudo farey» «por seruir o senhor Visorey.» Entrando na nao no bordo ambos se abraçarão com muytas lagrimas, dizendolhe dom Luiz: «Senhor irmão,» «peçouos por mercê que obedeçaes esta roda da fortuna, pois he tão» «certa nos prazeres d'esta vida; e logo nos vamos á nao Castello, e» «nom vos comprenda esta escomunhão que vos o ouvidor está pobri-» «cando, que o Visorey vem cheo de monte a monte.» Dom Duarte era homem desagastado, e lhe respondeo: «Senhor irmão, mais pesar te-» «nho de vosso agastamento que dos trouões do Visorey. Vamonos a Por-» «tugal, que se nos Deos lá leuar será o que elle quiser.» Com o que se forão á nao Castello. E dom Duarte disse ao ouvidor: «Hiuos embo-» «ra, e dizey a quem vos qua mandou que sua vontade he feita, e se-» «rá, n'esta terra que ora he seu emperio.»

Ao outro dia o Visorey mandou Afonso Mexia, védor da fazenda, a dom Duarte com apontamento, pedindo que entregasse tantos mil pardaos d'ElRey, que recebêra em tal parte, e tantos em tal, e em tal, que fazião huma grande somma. Ao que lhe dom Duarte respondeo dizendo que ElRey lhe dera esta feitoria em que recebêra aquelles tantos mil pardaos, que a Sua Alteza hiria dar conta d'elles. Dom Duarte teue medo que o Visorey fizesse algumas diligencias em lhe tomar o seu dinheiro, polo que tanto que chegou o pôs em boa guarda, que era pouquo, porque tinha o mais em pedraria; e hum cofre cheo de riquas peças d'ouro, e perolas e pedraria, que valia grande preço, e tudo metido em hum caixão, [1] *o* entregou secretamente a Bastião Pires, vigairo geral, que

[1] *e* Ms.

era seu grande amigo, e de seus segredos, e com elle hum seu amo que o criára, que em hum tone com negros malauares de noite forão desembarquar na praya fóra da pouoação, e se foy o tone, e elles ambos tomarão o caixão, e com huma pá de ferro, que pera ysso leuarão, fizerão huma coua n'arêa, em que o meterão, e lhe puserão em cyma huma caueira de boy, e tomarão balisa com o mosteiro de santo Antonio, e nom muyto certa por ser de noite, e se forão a dormir, sem ninguem tal vêr. Ao outro dia depois de bespora o vigario se foy passeando pola praya, e vio muyto bem onde estaua a caueira, que nom auia outra na praya, e lhe tomou bem a balisa com a cerqua do mosteiro, onde passeando com outros crelgos folgando, tirou com hum zaguncho á parede, e tirarão os outros, em modo que na parede ficarão bons sinaes, e o padre tinha cuidado que vinha de noite com hum espeto com que apalpaua e achaua o caixão. E parece ser que passou alguem que daria de pé á caueira, de modo que a mudarão d'onde estaua, que vindo o padre de noite e metendo o espeto onde estaua a caueira nom achaua o caixão; no que passou grande parte da noite buscando com o espeto por todas partes, e nom podendo achar o caixão, elle e o amo, que assy [1] * buscauão * com espetos que o nom achauão, tinhão muyto trabalho de o buscar cada noite; e o amo de dia, como que andaua passeando só, com hum zaguncho que metia n'arêa buscaua por todas partes, tomando a balisa do mosteiro; e passado muytos dias o toparão, já desesperados de o achar, que nom quis Deos que tamanho tisouro se nom perdesse. Ysto ouvi eu contar ao proprio vigairo geral.

O Visorey ordenou nauios que fossem andar na costa d'armada, e porque nom achou artelharia no almazem mandou deitar os pregões, como em Goa, que todo' homem que tiuesse artelharia d'ElRey a fosse entregar no almazem liuremente, sô pena de morte, se a nom entregasse sendolhe achada; e se a tiuesse comprada, e tiuesse proua, lha mandaria pagar e tornar o seu dinheiro; com que se ajuntou grã soma d'artelharia que os tratantes entregauão, porque sabião que nom auião de nauegar seus nauios, que em Cochym estauão muytos, que [2] * vararão * em terra em que apodrecerão e se perderão, porque dom Anrique de Meneses, que foy Gouernador após dom Vasco, n'ysto e em muytas cousas

[1] * buscam * Autogr. [2] * varam * Id.

seguio seus caminhos, como adiante direy. E porque foy dado ao Visorey enformação que na repartição da nao da prêsa, Fernão Martins Auangelho, feitor d'armada, com o feitor e escriuães da feitoria n'ysso forão parceiros, todos mandou trazer prêsos a Cochym em seguras fianças, e tiraua de todolos officiaes muytas deuassas, dizendo que auia de saber per que arte enriquecerão, e hia apurando outros males, com que sem duvida metia a India em muy dereito caminho pera bem do seruiço d'ElRey e bem do pouo, e sobre tudo muy direita justiça, que andaua muy perdida.

O Visorey auia dias que andaua adorado de grandes dôres no pescoço, que lho encordoauão, e vierão apontando huns leicenços polo toutuço, muy duros, sem quererem amadurecer com grandes remedios que lhe fazião, que nada prestaua, que dauão tão grande tromento que lhe nom deixauão bulir o rostro pera nenhuma parte; de que o Visorey tomaua grandes agastamentos, com os grandes cuidados que tinha das muytas cousas que tinha pera fazer, com que se lhe dobraua seu mal, e foy tanto empiorando que de todo cayo na cama, e d'ella mandaua todo o que compria, com muyto trabalho do espiritu, que foy ocasião de lhe sobreuir o mal da morte com taes dôres que o falar lhe tolhia. E com este sentimento mandou Lopo Vaz, capitão, e o doutor Pero Nunes, e Afonso Mexia, e o ouvidor, com Vicente Pegado sacretario, que fossem a dom Duarte com hum estormento de conhecimento, feito polo sacretario, de como d'elle recebia a India, que lha entregasse.

Os quaes forão a dom Duarte e lho falarão, mas elle, que já sabia o como estaua o Visorey, parecendolhe que se elle morresse ficaria em sua gouernança como estaua em sua posse, que ninguem o tiraua d'ella, com este pensamento respondeo que nom era costume os Gouernadores fazerem sua entrega nem residencia no mar, como elle estaua, senão á porta da forteleza; que estaua prestes pera a hir dar logo; que d'outra maneyra o nom auia de fazer. D'esta reposta mandarão recado ao Visorey, o qual respondeo, per huma carta que mandou ao doutor Pero Nunes, que dixesse a dom Duarte que elle estaua prêso, que d'aquella nao nom saysse senão por mandado d'ElRey em Portugal; que por tanto a terra nom auia d'hir; que o conhecimento da entrega da India lhe dessem se o elle quigesse tomar, porque a India elle se auia por entregue d'ella, e que postoque a nom entregasse nem por ysso nom auia de ser

como elle cuidaria; que esse desengano lhe daua, e seu pensamento lhe ficaria em vão; e que elles se tornassem a terra, como tornarão. E o Visorey de tudo mandou fazer auto pubrico polo sacretario, em que todos assinarão ysto que com dom Duarte passarão, que o Visorey gardou.

CAPITULO V.

DA MORTE DO VISOREY, E DO QUE FEZ E ORDENOU ANTES DE SEU FALLECIMENTO, E COMO FOY ENTERRADO.

O Visorey, sentindo seu mal, de noite secretamente falaua com o guardião de santo Antonio, que era seu confessor, e auia com elle seus conselhos, e assy estando chegou a Cochym as naos e nauio de Ceylão com a canella, que d'ellas se baldeou nas naos do Reyno, que já todas estauão casy carregadas; a que o Visorey daua grande pressa. E despedio logo o nauio pera o Reyno com suas cartas, em que foy por capitão Francisco de Mendonça, que partio no primeyro de dezembro.

No nauio da canella veo Fernão Gomes de Lemos, que lá fôra capitão, de que o Visorey tinha enformação que era homem que mal viuia, homem brigoso e de bandos, e isento em mal fazer, e em Ceylão fizera males, e hum homem, chamado o Ganchinho d'alcunha, tinha ao Visorey d'elle pedido justiça, que lhe cortára hum braço polo cotovelo, que trazia menos. Polo que o nauio chegando á barra mandou lá o ouvidor geral, que lhe foy tomar a menagem assinada que do nauio nom saysse sem seu mandado, e se nom désse assy a menagem o [1] *trouxesse* prêso, e em ferros o prendesse dentro na forteleza, e recolhesse as enquirições que vinhão de Ceylão: o que assy o fez.

O Visorey, sentindo sua morte que se chegaua, se passou da forteleza pera as casas de Diogo Pereira, que estauão hy perto no terreiro da ygreija, onde chamou Lopo Vaz de Sampayo, e Afonso Mexia, védor da fazenda, com o sacretario, aos quaes tomou as menages, com juramento que compririão enteiramente o que lhe elle mandasse, até *que* o Gouernador que fosse mandasse o contrairo. Do que o sacretario fez auto de menagem em que assinarão; e os despedio, e fez hum apontamento

[1] *trouxe* Ms.

em que lhe mandou que nada bolissem• nem desfizessem do que elle tinha feito, mas antes tudo fizessem ambos, e tudo despachassem assy na justiça como na fazenda, e falecendo elle, e aberta' socessão, 'o Gouernador que n'ella achassem tudo em suas mãos entregassem, com hum cofre de papés d'ElRey, que seu filho dom Esteuão lhes a elles entregaria; nos quaes apontamentos lhe deu toda' ordem do que auião de fazer até se entregarem ao Gouernador que fosse.

O que assy feito nom entendeo mais em cousa nenhuma, sómente se confessou e tomou o santo sacramento com muytas perfeições de catholico christão, e fez seu testamento, em que mandou a seus filhos que n'aquellas naos se fossem pera o Reyno, e que leuassem todo seu fato, que nada vendessem, e leuassem todos seus criados, e os que quigessem ficar lhes pagassem todos seus vencimentos d'ElRey e seus seruiços que lhe tinhão feitos; e que todos seus vestidos e roupa de casa de seda tudo dessem ás ygreijas e ao esprital. E mandou ás molheres que em Goa mandou açoutar a cada huma cem mil réis, que lhos dessem em muyto segredo, e * se * os nom quigessem tomar dobrados os dessem á casa da santa Misericordia; as quaes com este dinheiro acharão bons maridos e forão casadas e honradas. Ordenou suas cousas como bom christão, com todos os sacramentos da ygreija; mandou que seus ossos fossem leuados ao Reyno, como depois leuarão, e sempre falando em seu siso e perfeição, comprindo seus dias até entregar su'alma em noite de natal do santo nacimento de Christo, ás tres horas depois da mea noite, aos 24 dias de dezembro d'este presente anno de 1524. Deos seja louvado.

Sua morte esteue calada sem choros nem prantos, as portas fechadas todo o dia até horas d'Aue Marias, que já tudo estaua prestes. Então seus filhos e criados fizerão o sinal de sua morte com muy grandes prantos; ao que muytos fidalgos seus parentes e amigos entrarão aos ajudar; onde logo no terreiro da ygreija se ajuntou todo o pouo da cidade, que cada hum mostraua o que sentia.

O corpo, vestido em roupas de seda, e em cyma o manto da ordem de Christus, e espada * e * cinta dourada, e esporas douradas calçadas sobre borziguins pretos, e na cabeça barrete preto [1] * redondo, foy * posto na sala na tumba da misericordia, descuberto, e o leuarão os

[1] * redondo e foy * Autogr.

fidalgos vestidos nos mantos da ordem, e o leuarão nos hombros, com muytas tochas e todo o pouo. Foy leuado ao mosteiro de santo Antonio e enterrado na capella mór, e sobre a coua sua grade em quadra da coua, d'altura de hum palmo, forrada de veludo preto com franja de branco e preto, posta sobre hum panno de veludo que cobria toda a coua; onde ao outro dia lhe fizerão grande officio, onde estiuerão todolos fidalgos, e os filhos metidos com os frades, que de noite se forão meter no mosteiro fazendo seus prantos, como era rezão perdendo tão honrado pay, de tão grande merecimento no Reyno de Portugal; que a Nosso Senhor aprouve dar a este homem tão forte animo, que sem nenhum temor humano passou tantos trances de morte no descobrimento da India, como em sua lenda he contado; tudo polo querer de Nosso Senhor, pera tanto acrecentamento de sua santa fé catholica, e tanta honra e gloria da grã nobreza de Portugal, que Deos acrecentou por sua santa misericordia no estado em que está pera de Nosso Senhor auer algum merito na saluação d'alma do Visorey, polos bons desejos com que trabalhou as cousas do marauilhoso descobrimento da India, que a Nosso Senhor aprouve que por elle fosse feito, onde ora ao seu santo louvor são dedicados tantos mosteiros, ygreijas, e com tantas nouas christandades de tantas almas que são tornadas ao verdadeiro conhecimento da saluação de nossa santa fé, como hoje em dia vemos, e cada vez será em mór crecimento, por sua santa bondade e misericordia. Os filhos do Visorey, dom Esteuão e dom Paulo, recolherão seus criados e muy enteiramente comprirão o que seu pay mandou, e ambos se forão pera o Reyno em huma nao de mercador, que d'ElRey forão recebidos com muyta honra, mostrando muyto pesar com a morte de seu pay, pola grande perda que recebeo com a morte de tão bom vassallo, de que tão bons seruiços esperaua.

CAPITULO VI.

COMO FOY ABERTA A PRIMEYRA SOCESSÃO QUE SE ABRIO NA INDIA POR MORTE DO VISOREY, E OS IZAMES QUE SE PRIMEYRO FIZERÃO.

Tanto que o Visorey foy enterrado em Santo Antonio logo todos os fidalgos com o pouo, com o capitão da cidade Lopo Vaz de Sampayo, e sacretario, e védor da fazenda Afonso Mexia, e o doutor Pero Nunes, e

ouvidor geral João do Soyro, se tornarão á propria casa do Visorey e se assentarão na sala em banqos, que era grande e cabia muyta gente. E só Lopo Vaz de Sampayo fiqou em pé no meo da sala, o qual fez calar a todos, que o ouvissem, e falou alto que todos o ouvirão, e disse: « Se-» « nhores capitães, fidalgos, e caualleiros, e criados vassallos d'ElRey » « nosso senhor, que aquy somos presentes, que já sabeys que he falecido » « d'esta vida presente dom Vasco da Gama, conde, Visorey da India, a » « que Nosso Senhor dê sua santa gloria; ao qual segredo de Nosso Se-» « nhor prouendo ElRey nosso senhor que com tal falecimento nom fi-» « cassemos desemparados de regedor e Gouernador que nos aja de man-» « dar e gouernar, Sua Alteza, com muyta lembrança de tal socesso, por » « seu conselho secreto proueo de sua vontade a pessoa que gouernasse » « a India per falecimento do Visorey que Deos * tem *. E a pessoa que » « lhe assy aprouve póde ser que será algum dos que aquy estamos; a » « qual prouisão per sua carta cerrada e assellada está dentro n'este sa-» « quo. » O qual o sacretario lhe deu na mão, que era de lona cozeito com as costuras pera dentro, e na boca assellado do sello das armas; dizendo que todos o vissem bem se estaua aberto ou bulido; e o deu na mão a todos que o vissem, e muytos o tomarão na mão, e olharão, e o tornarão á mão de Lopo Vaz; que tinha humas lettras que dizião: *Este saquo se nom abrirá, senão sendo primeyro morto dom Vasco da Gama Visorey; o que Nosso Senhor defenda.* Então Lopo Vaz disse: « Ha aquy » « alguma pessoa que tenha duvida ou embargos a se este saco abrir, e » « pubriçar o Gouernador que n'ella estiuer nomeado? » Todos disserão que não; mas que se abrisse, e se comprisse tudo o que Sua Alteza mandasse. Então o sacretario fez auto pubrico em que assinarão os principaes fidalgos e pessoas que estauão presentes; então com hum caniuete descozeo o saqo no meo da sala, e tirou de dentro tres cartas çarradas, e asselladas com o sello das armas, e no sobre escrito da primeyra dizia: *Primeyra socessão, que nom será aberta senão sendo primeyro morto o Visorey dom Vasco;* e n'este sobre escrito ElRey assinado; e outra carta que dizia: *Segunda socessão da gouernança da India, que se nom abrirá senão sendo falecido da vida a pessoa que na primeira socessão está nomeada.* E per este modo dizia o sobrescrito da terceira via; as quaes em presença de todos se tornarão a meter no saquo, e coser, e assellar com o sello das armas, que andaua em poder do Visorey.

Então a carta foy mostrada a todos, que a vissem se estaua bulida, e que reconhecessem se o sinal era d'ElRey; a qual sendo per todos vista, correndo de mão em mão, todos disserão que [1] *estaua* boa e reconhecião o sinal ser d'ElRey nosso senhor, e ninguem tinha duvida, e requerião que se abrisse. Do que o sacretario fez auto pubrico em que os principaes assinarão, que forão muytos; os quaes izames Afonso Mexia mandaua fazer per seu regimento que tinha na mão, que hia lendo, todo assinado por ElRey, que todo assy mandaua.

Então Lopo Vaz falando a todos lhe disse: «Senhores fidalgos, e» «pessoas honradas, que todos me ouvys, prometeys como fiés e leaes vas-» «sallos d'ElRey nosso senhor, prometeys obedecer no alto e baixo á pes-» «soa que n'esta carta está nomeada por ElRey nosso senhor, assy como» «elle mandar, e o fareys obedecer e ajudar contra toda' pessoa que for» «contra esta sua prouisão, sô pena de trédores á Coroa Real, do que daes» «vossas fés e menages que assinareys?» Ao que todos responderão que em todo e per todo obedecião, e prometião, e tudo assinarião. Do que o sacretario fez grande auto, em que nomeou passante de trinta, os principaes fidalgos e officiaes que estauão presentes, que todos assinarão, estando sempre Lopo Vaz em pé no meo da sala antre duas tochas, com a carta posta sobre huma cana que tinha aleuantada, que todos vião, sem ninguem falar nem chegar a elle. E acabando d'assinar todos, Lopo Vaz em alta voz perguntou a todos se mandauão que aquella carta se abrisse. Todos bradarão que si. Então, assy presente todos, entregou o saquo ao védor da fazenda Afonso Mexia, que por especial prouisão d'ElRey [2] *o* tinha em seu poder e guarda; então o sacretario se sobio em cyma de huma cadeira, e tomou a carta da mão de Lopo Vaz, e com hum caniuete cortou a chancella, e abrio, e em alta voz que todos bem podião ouvir a leo, que dizia assy:

«Eu, ElRey dom João, notefiquo e faço saber a todolos meus vassallos, fidalgos, caualleiros, capitães de fortelezas e naos, e gente d'armas, e a toda' pessoa de meus Reynos e senhorios, e a todo meu pouo nas partes da India do cabo da Boa Esperança pera dentro, que confiando eu na bondade, fieldade, e bom saber de dom Anrique de Meneses, fidalgo de minha casa, hey por bem e meu seruiço que elle seja Gouer-

[1] *esta* Autogr. [2] *as* Id.

nador da India per falecimento do Visorey dom Vasco da Gama, per esta presente carta, que nom he passada pola chancellaria por assy comprir a meu seruiço. Polo que vos mando a todos em geral e a cada hum em especial, que a elle obedeçaes no alto e baixo como ao proprio Visorey dom Vasco, o que todo assy muy enteiramente vos mando que cumpraes, e gardeys muy enteiramente, como confio que todos lealmente farês, sem duvida alguma nem embargo algum; porque assy he minha mercê. E será Gouernador em quanto o contrairo nom mandar, e emtanto auerá o ordenado e proes e precalços como os Gouernadores passados. Escrita em Lisboa aos doze dias de março de 1524.» E sinal d'ElRey como de patente. Acabada de lêr a dita carta, o sacretario disse em alta voz: «Ha hy alguma pessoa que contradiga esta prouisão d'ElRey» «nosso senhor d'esta socessão do senhor Gouernador dom Anrique de» «Meneses?» Todos responderão que não; mas que em todo a obedecião e ao senhor Gouernador, que todo aprouauão e auião por bom. Do que se fez auto pubrico, n'elle nomeados os que estauão presentes. Com que todos se forão a dormir, que já passaua de mea noite quando se estes izames acabarão. E Lopo Vaz recolheo a socessão e os trelados dos autos que se fizerão, que o sacretario deu em pubrica fórma.

CAPITULO VII.

DO QUE LOPO VAZ DE SAMPAYO, E AFONSO MEXIA, VÉDOR DA FAZENDA, PROUERÃO POLOS APONTAMENTOS DO VISOREY, QUE LHE DEIXOU, E COMO FOY LEUADA A SOCESSÃO AO GOUERNADOR A GOA, ONDE LOGO FOY OBEDECIDO POR GOUERNADOR.

TANTO que assy foy pubricada a socessão, Antonio de Lemos pedio a Lopo Vaz por mercê que lhe désse a socessão do Gouernador pera lha leuar a Goa; o que lhe deu elle e Afonso Mexia, que logo fizerão prestes huma galé noua que fizera dom Luiz no inuerno, e duas galeotas, e as carauellas latinas, e os bargantyns nouos, e escreuerão ao Gouernador miudamente os termos em que estauão as cousas quando o Visorey faleceo, e o que elle como testamento deixaua mandado; o que tudo foy em poder do sacretario, e que as cousas que o Visorey deixaua mandadas que se fizessem era pelo regimento d'ElRey, e mórmente nas cousas de dom

Duarte. O qual tambem logo escreueo ao Gouernador sobre suas cousas; e porque a gente pedia embarcações pera se hirem pera o Gouernador forão muytos nauios e fustas, depois de partido Antonio de Lemos, porque algum nom fosse primeyro; de que teue bom cuidado hum André Gil, que de noite, ouvindo dizer que dom Anrique era Gouernador, se meteo em hum tone grande, muy esquipado com doze remeiros e seu comer e agoa, e ante menhã sayo do rio e se foy polo mar largo por hir seguro dos ladrões, e foy a Goa primeyro que ninguem, e sayndo dom Anrique pera' missa se pôs em joelhos diante d'elle, dizendo: «Nosso» «Senhor acrecente os dias a vossa senhoria, que sois Gouernador da» «India per socessão d'ElRey, que se abrio depois do Visorey falecer.» Dom Anrique tirou o barrete, e as mãos ambas aleuantou ao Ceo, e tirou do pescoço huma cadêa d'ouro muyto delgada e lha deu, dizendo: «Tomay ysto por vosso trabalho e boa vontade, indaque me daes noua» «de muytos trabalhos pera minha condição.» E se tornou a recolher, e esteue dous dias ençarrado, e se vestio de preto pola morte do Visorey. Com o aluoroço da noua derão repique nos sinos, que elle mandou que nom repicassem, nem os da camara bolissem nada até vir o recado do veador da fazenda de Cochym.

Em tanto que assy o recado hia ao Gouernador, porque auia necessidade de prouer cousas que nom podião agardar por recado do Gouernador, Lopo Vaz, e Afonso Mexia, prouerão cousas que nom podião agardar por recado do Gouernador, e estauão ordenadas polo Visorey, e mandarão a Melinde Diogo de Miranda com tres nauios a carregar de breu, e carregarão drogas em quatro naos do Reyno, e que fossem acabar de carregar em Baticalá d'arroz e açuquere pera Ormuz, porque nom ouve pimenta pera a carregarem pera o Reyno: de que estauão dadas as capitanias polo Visorey, a saber: a Lopo d'Azeuedo, e Ruy Gomes da Grã, a dom Diogo de Lima, e a Ruy Vaz Pereira. E mandarão Antonio de Miranda ao estreito a buscar dom Rodrigo de Lima embaixador do Preste, com tres galeões e tres carauellas redondas, e quatro nauios, e hum bargantym; com regimento que fosse visitar Adem, e arrecadar as pareas da coroa dos dous mil xarafins, que muyto Heytor da Silueira retificaua que erão boas *e* pera sempre auião de durar, e se honraua muyto de fazer Adem trebutaria per boas pazes; o que sendo sabido pola India, logo de Chaul e de Goa, e d'outras partes, homens portugueses

chatís tratantes, cobiçando o muyto que ganharião em leuar mantimentos e roupas a Adem, se carregarão de fazendas que lá forão vender, que todos ouverão máo fim, como contarey; porque Antonio de Miranda, hindo com sua armada junto d'Adem, tomou huma nao d'Adem com muytos mercadores riqos, que hia de Cambaya carregada de fazenda, a que Antonio de Miranda fez muyta honra, e lhe mandou que fosse em sua companhia, e estando assy a nao amainada á fala com Antonio de Miranda, da nao se deitou hum negro a nado, e bradou que lhe acodissem, falando português; ao que Antonio de Miranda mandou o esquife que o tomou, e lho leuarão. O qual contou que como Heytor da Silueira se partíra d'Adem pera' India logo o Rey d'Adem metêra em ferros os portugueses que ficarão no bargantym, e lhe daua muytos tormentos porque se tornassem mouros, o que alguns fizerão com medo dos tromentos, e os outros, que nom quiserão, cada dia os mandaua assar hum pouqo, e outro dia arrastar hum pouqo, e afrechar, o que assy fez muytos dias até os acabar de matar, e a Fernão Carualho, capitão, mais que todos, porque bradaua a todos que se nom tornassem mouros e morressem na fé de Christo, e assy todos morrerão martyres, sómente cinqo que se tornarão mouros, que andauão no bargantym com muytos mouros, porque nom fogissem; e que forão a Adem muytos portugueses em seus nauios carregados de fazendas e mantimentos, que todos matarão, porque se nom quiserão tornar mouros; e que elle era catiuo de hum João Rodrigues, que no bargantym matarão, e a elle venderão a hum mouro que vinha n'aquella nao. O que ouvido por Antonio de Miranda mandou trazer os mouros da nao, que com tromentos de polé tudo confessarão como dizia o negro; polo que Antonio de Miranda mandou roubar a nao, que toda foy descarregada nos nauios, e a gente da nao repartio polos nauios pera a bomba, e os mercadores leuou na nao a bom recado, e foy sorgir no porto d'Adem, e disse aos mercadores que mandassem a terra hum marinheiro a nado, que mandassem dizer * a * suas molheres e parentes que os fossem resgatar, senão que ally ante seus olhos lhe farião grandes justiças. O que os mercadores assy fizerão, que tanto que foy sabido na cidade, porque mandarão com suas cartas hum seguro, que lhe deu Antonio de Miranda pera os que viessem fazer o [1] * resgate, logo * veo da

[1] * resgate ao que logo * Autogr.

terra hum mouro, que falou com os mercadores dentro no galeão de Antonio de Miranda, onde estauão todos metidos em huma corrente de ferro polos pescoços, onde assentarão o resgate de todos por trinta mil xarafins d'ouro, que logo forão trazidos, porque erão os mercadores naturaes da cidade. E sendo o dinheiro recebido, Antonio de Miranda mandou os mercadores pera sua nao soltos, e na nao estauão em guarda trinta portugueses, que entrando os mercadores todos forão atados de pés e mãos perante dous mouros que o dinheiro trouxerão de terra, que assy o tinha mandado Antonio de Miranda; polo que os mouros se tornarão a Antonio de Miranda queixarse do que se fazia aos mercadores, pois que já erão resgatados.

Antonio de Miranda lhe disse que assy auião d'estar atados até que dessem a ElRey seu recado, que elles lhe fossem dizer que pois elle fôra trédor, sendo Rey, que assy aos seus lhe faria enganos e trayções, com que pagarião os males e roubos que elle Rey fizera aos portugueses, promettendo de guardar boa paz, no que fizera trayção. E partidos os mouros com o recado, Antonio de Miranda mandou pôr fogo á nao, e os batés derrador, que matassem alguns se sayssem a nado; polo que, sendo visto e ouvido o recado, as molheres e filhos e parentes, que erão muytos, forão com grandes gritos fazer cramores contra ElRey, que mandou tirar muyta artelharia contra as naos. Antonio de Miranda mandou os batés queimar muytas naos que estauão no porto, e nom quis mandar tirar á cidade por nom danificar os nauios, e se fez á vela, e entrou o estreito, onde tomou huns barqos de que soube que os rumes concertauão vinte galés e que algumas estauão já em Judá, e nom se sabia pera onde auião de nauegar; e a noua era certa. Com que chegou a Camarão, e fez agoada, e ouve acordo com os capitães e pilotos pera hir a Maçuhá, e foy assentado que lá nom fossem, porque logo d'Adem auia de hir recado aos rumes, que logo acudirião a Maçuhá, e se os tomassem dentro no porto lhe farião muyto mal, porque de Judá a Maçuhá he breue caminho; e pois a noua era certa com ella se deuião tornar á India, porque indaque fossem a Maçuhá, dom Rodrigo auia d'estar pola terra dentro, e auia d'auer detença 'agardar por elle, e já nom tinhão tempo, que erão já doze dias d'abril; e que por tanto d'ally se tornassem. Do que todo se fez auto em que todos assinarão, e d'ally se tornou á India, e tornando ao porto d'Adem n'elle nom auia nada, mas acerta-

rão de chegar duas naos de mouros que hião de Cambaya, que os nossos forão ao mar e as roubarão, e lhe puserão o fogo, cortando as mãos a todos os mouros, que n'ellas acharão, que nom podião seruir nos nauios.

N'este tempo acertou de vir de Malaca hum junqo de Gracia de Sá carregado de drogas, que em Ceylão soube a noua das pazes d'Adem, que fizera Heytor da Silueira. Cobiçando o muyto dinheiro que faria nas mercadarias que leuaua de Ceylão, tomou sua derrota e foy caminho d'Adem, com doze portugueses que forão ter em Adem, onde o Rey os mandou arrastar viuos, e fez grandes cruezas porque se nom quiserão tornar mouros, e tomou as fazendas, que valião cem mil xarafins.

Assy que custarão os dous mil xarafins da coroa que ganhou Heytor da Silueira cento por hum, com morte de tantos portugueses; mas Nosso Senhor quis que o mouro tudo pagasse com trayção que lhe fizerão os rumes, que morreo enforcado na cidade com os seus regedores, como adiante contarey em seu lugar, que foy no anno que os rumes passarão á India, e combaterão a forteleza de Dio, e se tornarão a seu saluo, porque ninguem os foy espantar.

Tambem Lopo Vaz e Afonso Mexia despacharão as naos do Reyno com recado do Gouernador. E dom Duarte usou do seu aluará da nao, porque se nom achou outro em contrairo; o qual se embarqou na nao São Jorge, e dom Luiz em Santa Catherina de Monte Sinay, e os filhos do Visorey na nao de Duarte Tristão, armador; o que tudo se fez per carta do Gouernador, que mandou a Lopo Vaz e 'Afonso Mexia que tudo fosse feito quanto deixára mandado o Visorey, e no demais elles fizessem o que lhe parecesse seruiço d'ElRey, porque elle tinha muyto que fazer antes que fosse a Cochym; e nas cousas de dom Duarte nada bolissem mais que o que o Visorey tinha feito, sómente a embarcação, se nom se achasse outra prouisão em contrairo; e mandassem a ElRey todos seus papés, ficando d'elles o trelado: o que tudo assy se fez. E sendo despachados os irmãos ambos se partirão, e dom Luiz com determinação nom se apartar nunqua de seu irmão até o meter dentro em Lisboa, tendo arreceo que se podia hir pera Castella ou pera França, porque, depois da morte do Visorey, soube que vinha mandado por ElRey que na nao em que fosse dom Duarte fosse homem fidalgo por capitão, homem d'obrigação, que o leuasse seguro, e dom Duarte nom leuasse comsigo mais que escrauos de pouqa idade que o seruissem.

E dom Luiz [1] * determinou * leuar seu irmão ante ElRey, confiado que suas cousas acabaria com ElRey polo muyto dinheiro que seu irmão leuaua, com que tudo amansaria. O que tinha muyto praticado com seu irmão, e sentia n'elle má vontade de hir a Portugal; polo que dom Luiz assy determinaua o nom largar * de * sua companhia, e falou em segredo com o mestre e piloto da nao, que se dom Duarte os mandasse fazer outro caminho nom lho duvidassem, e mostrassem boa vontade, e lhe furtassem a nauegação e fossem aportar a Portugal em todo' caso; e ysto lhe dizia, que nom sabia se algum temporal os apartaria, e que sempre fossem juntos. E aos officiaes da sua nao muyto amoestou que por cousa do mundo se nom apartassem da nao de seu irmão, e n'ella tiuessem grande vigia de dia e de noite, que ella faria forol pera que os officiaes da outra nao o vigiassem, que já d'ysso tinhão auiso, porque se de seu irmão se apartassem por ysso lhes faria muyto mal. E com ysto bem ordenado partirão de Cochym, e nauegando, dom Duarte, vendo a grande vigia que lhe fazia seu irmão, bem entendeo que lhe nom podia furtar o caminho; polo que determinou de nom passar o cabo, e tornar a Moçambique. Polo que de noite mandaua aleuantar a vela nos palanqos e tomar os traquetes das gaueas, e se vinha alguma chuva, indaque nom trouxesse vento, mandaua amainar, e as nom aleuantaua senão muy deuagar. Ao que ás vezes dom Luiz arribaua a elle, e bradaua porque nom andaua. Com que andou perdendo o tempo, que chegando ao cabo tão [2] * tarde, lhe * derão os ponentes, com que dom Duarte logo arribou pera Moçambique e dom Luiz se foy após elle. Dom Duarte queria inuernar em Moçambique, porque chegando as naos do Reyno saberião como estauão suas cousas em Portugal, e segundo as nouas lhe dessem assy faria o que lhe comprisse; onde em Moçambique dom Luiz descarregou e concertou a sua nao, que fazia muyta agoa, e se concertou muyto bem.

Onde assy estiuerão até chegarem as naos do Reyno, e dom Duarte soube de suas cousas que nom estauão tão asperas como elle cuidaua, com que fiqou mais descansado; e quando foy tempo se partirão ambos de Moçambique, e passando o cabo dixe dom Duarte a seu irmão que hia entrar na agoada de Saldanha, que hia falto d'agoa; que elle o fosse agardar á ilha de Santa Elena. Com o que dom Luiz foy seu caminho,

[1] * determina * Ms. [2] * tarde que lhe * Autogr.

e dom Duarte no outro dia entrou na agoada, onde lhe deu tal tromenta que de todo esteue perdido, com seis amarras que tinha; o que durou dous dias, com que cuidarão que dom Luiz seria perdido. O qual pairou a tromenta, e nom tomou Santa Elena e foy seu caminho a Portugal, onde na costa foy tomado per hum cossairo francez que a todos matou, que nom deixou cousa viua porque nom fosse sabido, e tomou da nao o que pôde carregar e então lhe pôs o fogo; do que se nunqua soube nada porque tinhão que se perdêra na tromenta, sómente d'ahy a muytos tempos morreo em hum lugar de França hum piloto portuguès que lá andaua, e deixou em seu testamento que dessem a ElRey de Portugal seis mil cruzados, de que lhe era em cargo de certa fazenda que ouvera da nao de dom Luiz que vinha da India; o que nom decrarou por maneyra que ElRey o podesse demandar a França, mas depois no anno de 536, andando Diogo da Silueira por Capitão mór da costa de Portugal, porque auia muytos cossairos, tomou huma nao de hum cossairo francez, que era irmão do cossairo que tomára a nao de dom Luiz, o que alguns dos francezes tomados descobrirão, pedindo que lhe dessem as vidas. Ao qual capitão forão dados tratos, e confessou que era ahy com seu irmão quando tomou a nao, que a tomára por se ella render, porque se hia ao fundo com muyta agoa que fazia, e carregarão o nauio, que era pequeno, do milhor que acharão, e á nao com a gente derão fogo. Polo que então Diogo da Silueira mandou tomar do nauio tudo quantos quiserão os mestres até as vergas, e velas, e ancoras, e mandou cortar as mãos a todos os francezes, metidos na nao, e viuos forão queimados. Com que depois os francezes cossairos fazião grandes cruezas nos portugueses que tomauão.

Dom Duarte partio d'agoada de Saldanha, e nom foy á ilha de Santa Elena, parecendolhe que estaria lá seu irmão, e foy demandar a costa do Algarue, e sorgio no lugar de Fárão, de que era senhora dona Branca sua prima com irmã, da qual soube bem como estauão suas cousas em Portugal; onde se dixe que deixára grã soma de seu dinheiro soterrado em grande segredo, mórmente o dinheiro por lhe nom ser achado, e d'ahy se partio, e mandou ao piloto que fosse tomar em Cezimbra, que era de sua comenda, e o piloto foy tomar na barra de Lisboa, o que vendo dom Duarte nom quis entrar em Lisboa, e per força mandou ao piloto que o leuasse a Cezimbra, sem dar nada por muytos requerimentos e pro-

testos que lhe fizerão o mestre e piloto e toda a gente do mar, porque na nao nom hia mais que elle e seus criados.

Chegando a Cezimbra se foy a terra, e mandou desembarquar sua fazenda a grã pressa, dizendo que a nao logo se tornasse a Lisboa; onde assy estando veo hum temporal que deu com a nao á costa, com as amarras quebradas, ou cortadas segundo se dixe que de noite lhe cortarão as amarras, e a nao se perdeo, que valia muyto dinheiro, e a muyta fazenda que trazia e as pobrezas dos pobres homens; o que se diz que assy fez dom Duarte porque se cuidasse que ally se perdêra toda' sua riqueza. Assy que foy dom Duarte ocasião de dar a ElRey e aos homens tamanha perda, e sobre tudo da morte de seu irmão e tanta gente, e tamanha perda a ElRey; porque se vierão ambos como partirão da India nom se causarão tantos males, que nom tiuerão castigo n'este mundo, com que tudo fiqou pera a justiça de Deos, que he a verdade.

De Cezimbra foy logo recado a ElRey que ally era aportado dom Duarte, que nom quisera entrar em Lisboa estando na barra, e era lá chegado. Este recado partio pera ElRey desembarcando dom Duarte, e depois lhe foy outro da perdição da nao, de que ElRey ouve muyta paixão. ElRey escreueo aos juizes, e a outras pessoas de Cezimbra de que confiou, que tiuessem dessimuladamente grande auiso sobre dom Duarte, se elle fosse outro caminho senão direito 'Almeirim onde elle estaua; e a huma carta que escreueo a ElRey, de sua chegada e perda da nao, ElRey lhe respondeo com boas palauras com muyta dessimulação de muyta paixão de sua perda; e da côrte despedio secretamente alguns seus parentes que se fossem ao visitar pera virem em sua companhia, porque o conde priol, pay de dom Duarte, era falecido de velhice e de nojo.

Dom Duarte se foy 'Almeirim, onde toda a côrte o sayo a receber, e entrando com ElRey, que lhe beijou a mão, que era á bespora, esteue com ElRey até mea noite, d'onde sayndo foy prêso polo regedor e metido em huma casa no cabo dos paços d'ElRey, com boa guarda, sem ninguem falar com elle nem escrito nem recado; nem alguma pessoa n'elle falaua a ElRey, porque sabião a paixão que ElRey tinha contra elle de seus grandes erros, e perdas por elle causados. Onde os procuradores d'ElRey lhe fizerão grandes acusações de cousas muy feas. Cuidarão que ElRey o mandasse degolar; do que dom Duarte nom tinha nenhum medo, porque lhe dizião seus procuradores e requerentes que désse

dinheiro e pagasse a ElRey alguma parte de tamanhas perdas como lhe dera, * e * dom Duarte dizia que nom tinha dinheiro, e estaua muy descansado porque o tinha bem guardado. D'Almeirim foy leuado dom Duarte a Torres Vedras, e metido em huma torre, e andou prêso per outros lugares muytos annos, sem mais outra justiça. Mandou ElRey a Fárão fazer grandes buscas sobre o dinheiro de dom Duarte, e nada se achou. Assy forão arrefecendo suas cousas, porque o tempo as foy curando, e per derradeyro o conde da Castanheira, grande na priuança d'ElRey, per concertos de casamentos de filhos e filhas d'antre elle e dom Duarte, tudo foy amansando, e dom Duarte solto e tornado á sua capitaina de Tangere; e porém sempre com tanto siso e bom saber que nunqua lhe acharão seu dinheiro: sobre que soffreo todos seus trabalhos polo nom dar.

Ysto escreui d'ouvidas, que contauão os que vinhão do Reyno, que póde ser que tudo serão mentiras, como são todolas cousas d'este mundo, senão amar ao Senhor Deos.

LENDA

DE

DOM ANRIQUE DE MENESES,

SETIMO GOUERNADOR DA INDIA,

O PRIMEYRO FEITO POR SOCESSÃO.

ANNO DE 1525.

CAPITULO I [1].

Antonio de Lemos, que leuou a socessão ao Gouernador, chegou a Goa a doze de janeiro do anno 525 com muytos nauios e gente, que o Gouernador recebeo com honras, tendo já a noua de sua gouernança, como já atrás contey; e por se mostrar grande nom se mostrou tão contente como cuidarão os que leuauão a noua. Então mandou o secretario que a socessão leuou á camara e apresentou aos vereadores, com Antonio de Lemos e muytos fidalgos; onde sendo juntos os vereadores, com elles e toda a gente se forão á sé, onde acodio todo o pouo, onde o secretario em presença de todos, em alta voz que todos ouvião, leo a carta da socessão, e mostrou o estormento da pubricação d'ella em Cochym. O que assy ouvido, os vereadores disserão que a cidade em todo e per todo obedecia á prouisão d'ElRey nosso senhor, e estauão prestes pera seruir em todo o que mandasse o senhor Gouernador. Do que ally se fez auto pu-

[1] Falta no original.

brico, de que o sacretario tirou estormento; e todos juntos logo se forão á forteleza, e entrarão na sala onde o Gouernador os agardaua em seu concerto de Gouernador; onde os vereadores lhe apresentarão hum liuro missal pera tomar o juramento, ao que o Gouernador, tirando o barrete, pôs as mãos ambas sobre o liuro e fez seu solene juramento segundo costume, que o sacretario já leuaua escrito, que o Gouernador assinou, e com elle Francisco de Sá, Heytor da Silueira, Antonio de Lemos, Antonio da Silueira, Pero Mascarenhas; o que acabado, logo o Gouernador tomou a menagem a Francisco de Sá de capitão de Goa, por ser fidalgo antigo no seruiço da India e pessoa que o bem merecia. E logo com toda a gente se foy á ygreija fazer sua oração, que acabada lhe repicarão os sinos e tangerão trombetas. Com que se tornou á forteleza; e a cidade lhe ordenaua festas, mas o Gouernador o nom consentio.

O Gouernador, como era muyto caualleiro, era muyto contente das cousas da guerra que o Visorey ordenaua, que era destroyr todolos mouros da costa da India, e mórmente da costa do Malauar. Polo que logo aprecebeo 'armada miuda de todo o necessario, e estando n'este concerto chegou Cide Alle de Dio em seis atalayas, com cartas e presente pera o Visorey, que lhe mandaua Meliquiaz; e o mouro, achando que o Visorey era falecido e feito dom Anrique Gouernador, lhe deu as cartas, com presente de peças d'armas muyto riqas, nas cartas se offerecendo ao Visorey pera o seruir, e queria toda paz, com desculpas dos males passados em tempo de Diogo Lopes de Sequeira, que de tudo faria quantas emendas quigesse, e pagaria todas as perdas. O Gouernador, vista a carta, com boa graça disse ao Cide Alle: « Meliquiaz he de tão boa con- »
« dição que quer pagar os males, que faz, com seu muyto dinheiro. Eu »
« lhe mandarey a reposta de seu muyto saber; e o presente lhe torna »
« a leuar, pois nom vinha pera mym, nem me serue de nada, porque »
« são armas de mouros, que nós nom tomâmos senão nas guerras que »
« com elles temos. » O mouro ficou descontente da reposta, e nom pedio mais reposta ao Gouernador, mas partindo de Goa o foy acompanhando até Baticalá, que huma noite se fez em outra volta e se tornou a Dio, e contou a Meliquiaz a reposta que lhe o Gouernador dera; de que elle nom ficou contente.

O Gouernador deu pressa á su'armada, porque tinha sabido que os paraos que estauão nos rios erão saydos fóra, porque os que os garda-

uão, sabendo da morte do Visorey, se forão a Cochym: de que o Gouernador muyto se queixou.

O Gouernador partio de Goa e se pôs na barra esperando 'armada que acabasse de sayr do rio, que erão treze velas grossas, em que entrauão duas galés, e tres galeotas, e vinte fustas e catures, com limpa gente. Estando assy na barra lhe chegou hum catur de Chaul com cartas pera o Visorey, de Christouão de Sousa, em que lhe dizia que em Dio carregauão duas naos de madeira que Meliquiaz mandaua aos rumes * de * ajuda. O que sabido do Gouernador logo despedio João Pereira de Lacerda e Manuel de Moura em dous nauios em que hião, que fossem a Chaul e d'ahy fosse com elles Manuel de Macedo por Capitão mór, e Fernão de Resende em huma carauella em que andaua, e Manuel de Macedo em hum galeão, que fossem em busca das naos da madeira, e as agardassem no mar que nom fossem vistos, e que as topando arrecadassem bem os mouros, e as naos leuassem a Goa por amor da madeira; e que se as naos pelejassem as queimassem, se as nom podessem render. No que os capitães se derão a vagar, e por o vento lhe ser contrairo quando lá chegarão as naos erão partidas.

O Gouernador hia embarcado em huma galeota esquipada de canarís grandes remeiros, e 'armada grossa afastada ao mar, e elle com 'armada miuda e galés ao longo da terra, e diante mêa legoa hião catures de vigia ao longo da costa, que derão com huns pageres de Cananor, que lhe disserão que ao outro dia d'antes virão muytos paraos com calma pelejarem com hum nauio nosso, que nom tomarão; e que os paraos hião a Baticalá tomar carga que tinhão feita, e o nauio com que pelejarão era hum galeão em que dom Jorge de Meneses hia pera Goa. Dada esta noua ao Gouernador, tornou logo a mandar os catures que corressem ao longo da terra e topando os paraos lhe tornassem com recado, e elle foy assy correndo ao longo da terra, e amanhecendo o Gouernador era junto do ilheo de Baticalá. 'Armada do mar ouve vista dos paraos, que hião á vela de longo da terra com o terrenho, ao que logo fizerão sinal com bombardadas. Os paraos, vendo 'armada do mar, parecendolhe que nom era mais, porque nom vião 'armada do Gouernador, todos a remo e á vela se meterão na terra quanto puderão. O Gouernador, vendo que os paraos se chegauão a terra, mandou as fustas que lhe tomassem a terra; o que os nossos assy fizerão, que tinhão o vento mais lar-

go, e nas fustas e galeotas hião homens fidalgos que se n'ellas embarcarão em Goa, vendo o Gouernador embarcar na galeota, porque se topassem com os paraos com os nauios grandes em que hião nom poderião chegar a pelejar, e por ysso se meterão nas embarcações pequenas. Pois os nossos catures e fustas tomando a terra ficarão ao balrauento dos paraos, que erão passante de corenta, em que vinha hum armador nouo, que era hum irmão de hum regedor de Cananor, chamado Mamale, que se fez parceiro com o Baleacem, que cada hum ally trazia vinte paraos muy armados e com muyta artelharia. Os mouros, vendose tomada a terra e 'armada polo mar, e as galés e galeotas em que virão a bandeyra do Gouernador, os mouros, vendo * se * assy cerquados, como quer que tinhão perdido o medo aos portugueses atreuerãose a pelejar com as nossas fustas, que sendo a balrauento vierão carregando sobre os mouros, em que a peleja se começou d'ambas as bandas de muytas bombardadas e espingardadas, que os mouros trazião tantas espingardas como os nossos, e d'auentagem muytas frechas, com que muyto ferião os nossos; mas como esta peleja os nossos fazião ante o Gouernador nouo pelejauão sobradamente, abalroando ás lançadas e cotiladas, a que os mouros nom podião resistir, * e * começarão a fogir por onde milhor podião, a se lançar na terra per detrás do ilheo de Baticalá, que está junto da terra. Per cyma de pedras se andarão espedaçando, onde ficarão doze * paraos *, e os mouros a nado fogirão pera terra, e os que erão mais pequenos, que passarão as pedras, forão fogindo pera Onor e Mergeu, que o Gouernador mandou os catures após elles, que os nom puderão alcançar, e per noite escaparão. Antre estes foy o irmão de Mamale, que como foy noite se fez na volta de Cananor, o qual chegando ao monte Dely achou huma fusta nossa que hia pera Goa, e estaua surta, e nom tinhão tão boa vigia, em modo que nom virão o parao, que a foy abalroar e entrar, matando e ferindo os nossos, que mal trouados acodirão ás lanças, onde pelejando o mouro diante dos seus cayo na bomba ao pé do masto, e os nossos pelejando fortemente tornarão a deitar os mouros fóra da fusta, e entrarão no parao, que estaua enxorado dos marinheiros, que se deitarão a nado, com duas panellas de poluora que os nossos marinheiros lhe deitarão; os quaes marinheiros, achando o capitão caydo na bomba o conhecerão e atarão de pés e mãos, e estiuerão em guarda d'elle até que os mouros todos forão enxorados ao mar; e porque dos nossos erão muy-

tos feridos tornarão a Cananor, onde o capitão, irmão de Mamale, falando com os marinheiros prometia cinco mil pardaos, que lhe dessem a vida, o que elles falarão com os portugueses, que quando souberão que elle era o irmão de Mamale com muyto prazer o leuarão e entregarão a dom Simão, capitão, a que [1] * logo o irmão de Mamale * mandou prometer vinte mil pardaos pola vida do irmão, e tudo quanto mais quigesse; mas dom Simão se escusou que nada auia de fazer, mas que chegando o Gouernador ajudaria o que pudesse. Polo que lhe derão boa peita, e assy a ElRey de Cananor, que o auia de pedir ao Gouernador.

Os outros paraos forão tão apertados dos nossos que ficarão tomados enteiros desoito e outros espedaçados, que [2] * per todos forão trinta e oito paraos *. Os outros escaparão á força de vela e remo, e escuridão da noite, porque a detença foy todo o dia, porque 'armada toda amainou, e o Gouernador andou correndo per todas partes, e ajuntando os paraos tomados, e tirando os que estauão encalhados. E * o * Gouernador sorgio defronte da barra de Baticalá, onde ElRey lhe mandou sua visitação com muytos barqos carregados d'arroz, açuquere, e refresco. Dos mouros catiuos se soube que o Baleacem ficára em Cananor, e que n'esta armada vinha por capitão o irmão de Mamale de Cananor, que era fogido, de que o Gouernador teue grande pesar; e que estes paraos tinhão já dadas duas cargas d'arroz a Calecut dos rios de Bacanor e Mangalor, e vinhão tomar outra aquy a Baticalá, que já tinhão feita. Polo que o Gouernador mandou a ElRey muytos agardecimentos do refresco, que mandou partir polos nauios grandes, onde mandou recolher todos os feridos, muyto encarregados aos capitães; e mandou dizer a ElRey de Baticalá que lhe mandasse logo trazer o arroz que os mouros tinhão comprado, e senão que o destroyria. 'O que ElRey com medo obedeceo, e lhe mandou quatro mil fardos d'arroz baixo, que se carregarão nos nauios; e o Gouernador mandou dizer a ElRey que lhe daua paz e boa amizade em quanto no seu porto nom entrassem paraos, porque se entrassem que o auia destroyr. Com que se partio e foy a Cananor, onde logo lhe veo visitação d'ElRey, e que compria que ao outro dia se vissem; ao que o Gouernador lhe respondeo que faria o que mandaua.

Dom Simão de Meneses, capitão de Cananor, que era parente do Go-

[1] * do irmão Mamale * Autogr. [2] * per todos trinta e oito pardaos * Id.

uernador, lhe disse que ElRey logo lhe auia de vir falar e pedir o irmão de Mamale, capitão dos paraos, que elle tinha prêso, que fôra tomado; e lhe contou o como fôra tomado, e que já lhe dauão vinte mil pardaos, e que o soltasse e darião quanto por elle pedisse, e que a ysso auia de vir ElRey ao pedir; polo que os mouros lhe tinhão dado grande peita. Com o que o Gouernador muyto folgou, dizendo: « Folgo auer cousa com » « que mostre a estes mouros que nom são homem que por dinheiro dei- » « xe de castigar aos roins. » E logo mandou enforcar o mouro, com as mãos cortadas, das amêas do muro pera fóra pendurado, que ao outro dia pola menhã, sendo visto dos mouros, fizerão grandes oniões, com que se forão a ElRey, que nom quis vir vêr o Gouernador, e lhe mandou dizer que lhe fizera muyto pesar na morte do mouro, que lhe ouvera de catar essa honra e o nom ouvera de justiçar, pois era seu natural e irmão do regedor de seu reyno.

O Gouernador lhe respondeo que lhe pesaua muyto, sendo elle tamanho amigo com ElRey de Portugal, os naturaes e principaes de seu Reyno andarem aleuantados com paraos armados, roubando e matando portugueses; que se elle no mar achasse o mór senhor da India feito ladrão a roubar, que assy lhe faria como fizera áquelle e auia de fazer a quantos achasse; que lhe falaua verdade, que elle nom era de boa condição como os Gouernadores passados; que por tanto auia de queimar quantos mouros achasse no mar. Com a qual reposta ElRey folgou que a ouverão os mouros, com que fiqou desobrigado do que lhe elles tinhão dado. Então o Gouernador deu a capitania de Cananor a Heytor da Silueira, e deu a dom Simão Capitão mór do mar, assy como o trazia dom Esteuão, filho do Visorey.

Partio o Gouernador e passou de noite por Calecut, que nom quis que o vissem. Chegado a Cochym nom quis que lhe fizessem recebimento, dizendo que o nom merecia, dizendo que era Gouernador emprestado. Afonso Mexia, e Lopo Vaz de Sampayo, lhe derão conta e rezão de tudo o que tinhão feito. Onde então ordenou concertar muyta armada e os paraos que tomára, pera destroyr toda a costa, e fez [1] * anadel *, e ajuntou muytos espingardeiros, a que acrescentou com seiscentos réis de mantimento.

[1] * anavel * Autogr.

Aquy a Cochym veo huma carta d'Heytor da Silueira ao Gouernador, dizendo que ElRey de Cananor lhe muyto pedia, que pois tinhamos guerra com os mouros de Calecut, fossemos queimar a pouoação de Marabia que era sua colheita, e ahy concertauão seus paraos, com [1] * que * se tinhão aleuantado os moradores de Marabia, que erão seus, e estauão aleuantados contra elle com o fauor de muytos mouros de Calecut que ally estauão. O que ouvido polo Gouernador, como tinha muyta vontade contra estes mouros, e tambem per satisfazer ElRey de Cananor da menencoria que tinha, mandou huma galeota e dez fustas com boa gente a Cananor a Heytor da Silueira, que leuasse mais gente da forteleza e fosse queimar o lugar. O que assy o fez Heytor da Silueira com cento e corenta homens bem concertados, que Heytor da Silueira mandou a terra, que elle de grande nom quis sayr fóra, sómente mandou hum seu parente, chamado João Fernandes da Silueira, que deu fogo no lugar por muytas partes; mas como os mouros erão muytos pelejauão fortemente; com que os nossos andauão muy apertados, e outros mouros andauão apagando o fogo; ao que acodio Diogo de Sousa, alferez d'Heytor da Silueira, que sayo com elle com vinte portugueses que inda estauão no mar, e chegou onde os nossos pelejauão, dando de nouo Santiago, com que todos tomarão muyto esforço, e cometerão os mouros com tanto esforço que os leuarão fóra do lugar, que todo foy feito cinza, e muytos mouros mortos, e queimando naos e zambuqos que estauão varados, e quatro paraos que se estauão corregendo. Aquy forão mortos muytos mouros, e catiuos muytos meninos e molheres, que trouxerão nas fustas e galeota carregados, que mandou Heytor da Silueira a ElRey, porque erão naturaes da terra; com que ElRey ouve muyto prazer, e Heytor da Silueira mandou logo toda' armada a Cochym ao Gouernador.

[1] * os * Autogr.

CAPITULO II.

DAS COUSAS QUE O GOUERNADOR FEZ NA COSTA DA INDIA DURANTE O VERÃO, ATÉ ENTRADA DO INUERNO, QUE O GOUERNADOR SE RECOLHEO E ENUERNOU.

Elrey Çamorym de Calecut era muy arrependido da guerra que começára, e o praticaua com os seus, dizendo que queria digistir d'ella e assentar com o Gouernador, que lhe parecia homem de concrusão, pois enforcára em Cananor o irmão do regedor, de que pudera auer muyto dinheiro que nom quigera, e se aprecebia d'armada pera entrar os rios e destroyr tudo; mas estes do conselho estauão tão peitados dos mouros que não tão sómente * nom * concederão o que ElRey queria da paz, mas o conuocarão que logo mandasse tomar a forteleza ou lhe fazer tanta guerra que dom João lhe pedisse a paz, com que então a faria mais á sua honra, pois era poderoso de tanta gente que podia cobrir a forteleza com arêa sómente. Do qual conselho 'o Rey lhe pareceo bem, querendo mostrar ao nouo Gouernador seus poderes; polo que mandou da serra, onde estaua, quinze mil naires pagos á custa dos mouros, e tres caimaes seus capitães, que em Calecut se auião d'ajuntar com o catual e gozil, onde os ajuntarão com elles mil espingardeiros mouros, muy ensinados e bons espingardeiros, e quatro mil mouros guerreiros.

E sendo todos juntos em Calecut, se ordenarão em capitanias, com que forão dar mostra á forteleza, que era tudo cuberto de gente, com seus tangeres e gritas que fazião tremer as carnes; e se vierão chegando, desparando sua espingardaria, tirando aos nossos que estauão polos muros. Dom João de Lima tinha já auiso d'esta vista que lhe auião de dar, e estaua prestes com toda a gente armada, e chegando assy os mouros mandou tanger as trombetas * e desparar * muyta espingardaria, que desparauão escrauos e molheres, e em tanto dom João sayo fóra com corenta homens de fays bem armados, com que cometeo a dianteira dos mouros com tanto esforço como se forão mil homens, que ajudauão dom Miguel de Crasto, Lionel de Lima, Fernão de Lima, Pero Estaço, Fernão de Mello, e outros, todos homens que elle escolheo; o que vendo os mouros cuidarão que era muyta gente e se emburilharão, com que os nos-

sos lhe fizerão muyto mal; e andando em grande peleja sayo dom João de Lima com outros corenta homens, que deu nos mouros pola outra banda, ajudado de Antonio de Sá, e João Rodrigues Pereira, e Ruy Dias da Silueira, e Artur de Mello, e outros. Dom Vasco de Lima era estreme caualleiro: deu nos mouros com [1] * grande * esforço, com os outros que esforçadamente ajudauão, onde hum Mem de Lima tirou huma lança d'arremesso a hum dos caimaes, que era sobrinho do senhor da Serra, com que o passou, e cayo morto; e porque todo o poder dos mouros acodio sobre os [2] * nossos, dom João * se retornou pera a porta da forteleza, e mandou tocar a trombeta a recolher: o que fez dom Vasco sempre pelejando com todo o poder dos mouros que acodirão sobre elle; e como foy antre o baluarte de madeira e a porta a gente sobio aos muros com a espingardaria; ao que dom João mandou tirar artelharia per cyma e per baixo, que deu pola gente, que fez grande matança, e derribados polo chão, fogindo todos per antre as casas, deixando as armas com grande medo d'artelharia, ficando no campo mais de mil, e dos nossos nenhum, sómente muytos feridos de frechas; os nossos lhe dando gritas e tangendo as trombetas.

Da qual cousa sabido por ElRey fiqou muy espantado estar na forteleza tantos homens, que se atreuerão a sayr a pelejar com tanta gente e lhe fazerem tanto mal, com que de todo assentou de cometer as pazes, e as assentar como o Gouernador lhas pedisse; polo * que * mandou a dom João de Lima pedir tregoas, em quanto elle mandaua a Cochym ao Gouernador seu recado pera assentar pazes; a qual tregoa lhe deu dom João de Lima porque n'ysso recebia descanso a sua gente. Com a qual tregoa tambem muyto folgou a gente pobre da terra, que vinhão vender junto da forteleza cousas de comer, com * que * os nossos muyto folgauão, mas ninguem hia á cidade. O que logo dom João escreueo ao Gouernador por huma almadia. Do que o Gouernador muyto folgou, porque sua tenção era destroyr toda a costa da India, e nom deixar mouro viuo, com que então bem sabia que Calecut amansaria; que seria grande bem escusar tamanho trabalho como auia de ser fazer a guerra a Calecut.

Ao que nom tardou muytos dias que chegou o recado do Çamorym, dizendo que elle seria contente que nom [3] * ouvesse * guerra e se assen-

[1] * tanto * Autogr. [2] * nossos com que dom João * Id. [3] * ouve * Id.

tasse boa paz. O Gouernador lhe respondeo que elle boa paz tinha, e a quebrára sem nenhuma rezão, como sempre tinhão costume os Reys de Calecut; e porque os mouros de Calecut, e de toda a India, elle auia de destroyr, antes queria com elle a guerra que a paz, que elle quebraua cada vez que queria; que elle mandaria a dom João o recado do concerto das pazes, e que se com elle as concertasse elle as aueria por boas. Com a qual reposta o messigeiro se tornou a Calecut, onde o Çamorym mandou recado a dom João de Lima, dizendo que fizesse o apontamento das pazes, e que as assentarião e mandarião assentar com o Gouernador; o qual tinha escrito a dom João sua tenção que tinha do que queria fazer; com o que dom João mandou dizer ao Çamorym que tinha recado do Gouernador pera o assento da paz, que auia de ser este:

Que elle Çamorym auia d'entregar Patemarcar, principal armador dos paraos, que estaua em suas terras aleuantado, * e * sendo natural de Cochym se aleuantára contra os nossos; e assy auia d'entregar todolos catiuos que estiuessem em suas terras, portugueses, e escrauos e escrauas; e assy auia d'entregar toda quanta artelharia nossa tiuesse; e em todo seu Reyno se nom auia de fazer nenhum parao, sómente naos e pageres, e os paraos que auia todos auia d'entregar. E assy auia de pagar as fazendas que os mouros tinhão roubado depois de elle quebrar as pazes.

Dos quaes apontamentos ElRey bem zombou, más dessimulou, e quis fazer modos dessimulados, fazendo que queria emendar; no que andauão muytos recados e detenças até passar algum tempo a vêr o que emtanto fazia o Gouernador. O que dom João bem entendia, e tambem dessimulaua, porque folgaua de estar assy em repouso. E os mouros tinhão tenção [1] * de * pairarem o verão, porque no inuerno terião poder de tomar a forteleza, porque então lhe nom podia vir secorro.

O Gouernador se concertou com armada de corenta fustas, e catures, e tres galés, e cinqo galeotas, e bargantys, e nauios grandes em que leuaua mantimentos, com muytos e honrados fidalgos, e caualleiros, e lascarys, e muytos espingardeiros, e 'armada muy artelhada e concertada de todo o necessario; e partindo de Cochym lhe foy dado auiso que de Cambaya vinhão oitenta paraos carregados de mantimentos, que forão lá carregados de pimenta e drogas. Ao que o Gouernador despedio Fer-

[1] * e * Autogr.

não Gomes de Lemos em hum galeão, e duas galeotas, e dez fustas, que fosse em busca d'elles, e se os achasse pelejasse com elles, que lhe auião de fogir; e fosse após elles ladrando, que elle hia polo caminho e os toparia. Do que lhe logo mandasse recado se os achasse; e se estiuessem em algum rio lhe tomasse a barra. Ao que Fernão Gomes foy, e em Cananor achou noua que auia oito dias que erão passados a Calecut. Com que Fernão Gomes se tornou ao Gouernador, que achou sobre o rio de Panane, que chegára ao outro dia, porque dentro auia alguns paraos, que erão d'estes que forão de Cambaya. Os mouros, vendo o poder do Gouernador, ouverão grande medo, e hum caimal, que hy estaua, mandou logo recado ao Gouernador, dizendo que elle viera ally a Panane com recado do Çamorym pera lhe entregar treze paraos que hy estauão; e que estaua agardando recado do Çamorym pera logo os entregar, que chegaria o recado e logo os entregaria. O Gouernador bem entendeo que o recado erão delongas, e dessimulou porque tambem quis mandar espiar o rio; e com 'almadia que trouxe o recado mandou o esquife com oito homens e barrís, dizendo aos d'almadia que mostrassem onde estaua boa agoa pera lhe trazerem. E assy forão, e entrando polo rio, 'almadia lhe mostrou da outra banda, dizendo que ally acharia boa agoa, e se foy; e os nossos hindo pera chegar a terra lhe tirarão frechadas, com que se tornarão; e virão na entrada do rio, da mão direita, huma forte estancia com muyta artelharia, e muyta gente, que parecia por todas partes. Com que se tornou ao Gouernador, que logo no caso tomou conselho, nom se daria, mas como entraria; o que foy assentado com os pilotos que de baixa mar com meia agoa chea entrassem, porque ficauão os tiros altos, e nom podião pescar os barqos pequenos. Então o Gouernador repartio as embarcações pera dous esquadrões; elle em hum, e dom Simão em outro. Com o Gouernador foy Pero Mascarenhas, Ayres da Silua, João de Mello da Silua, que fôra capitão em Coulão, e Antonio da Silueira, dom Jorge Mascarenhas, Ruy Dias da Silueira, dom Afonso de Meneses, Antão Nogueira, dom Pedro de Meneses, Ayres da Cunha, e outros bons fidalgos; e com dom Simão, Gomes Martins de Lemos, Jeronymo de Sousa, dom Jorge Tello, Jorge Cabral, Antonio da Silueira, Gomes de Soutomayor, Francisco de Vascogoncellos, dom Jorge de Meneses, Nuno Fernandes Freire, e outros muytos, que se nom podem tantos nomear. E foy ordenado que o Gouernador entrasse no rio e désse

na gente da banda d'alem, que podião fazer muyto mal aos que fossem dar na estancia; e dom Simão saysse na terra e fosse cometer polas costas da estancia. E porque auia muyta gente antes de chegar á estancia, dom Simão leuou quinhentos homens, de que erão duzentos espingardeiros, que com os negros que hião com seus senhores, que tambem ajudauão a pelejar, erão oitocentos homens. Com o Gouernador forão tresentos homens e muytos espingardeiros. Os nossos, em amanhecendo, que a maré estaua pera ysso, entrarão a remo, que com a corrente d'agoa prestesmente forão dentro. Tocando as trombetas, o Gouernador deu em hum corpo de gente, que estaua na outra banda na borda d'agoa, que erão mouros muy armados com muytas espingardas; em que a peleja foy muy grande, e alguns fidalgos feridos de frechas, que foy Gomes Martins de Lemos, Pero Mascarenhas, Ruy Dias Pereira, e outros; mas nom que deixassem de pelejar; e todauia os mouros largarão o campo. O que vendo da estancia, que os mouros erão fogidos e os nossos ficauão, lhe começarão a tirar; mas o Gouernador correo ao longo da terra, * e * onde os tiros nom varejauão, per detrás de huns penedos, se embarqou, e logo foy cometter a estancia, em que estauão muytos mouros que nom acodião a peleja de dom Simão, que pelejaua no campo com muytos mouros. Mas o Gouernador chegando á estancia com tão valentes caualleiros, cometerão os mouros tão fortemente que os entrarão, com alguns dos nossos mortos, e muytos feridos; os quaes mouros, fogindo da estancia, forão ajudar os outros que pelejauão com dom Simão; mas os nossos, como ouverão vencimento, forão seguindo após elles até onde andaua dom Simão, e o [1] * Gouernador com * sua bandeyra real, que chegando mandou tanger as trombetas e deu Santiago; o que ouvido, os de dom Simão, com grande esforço, derão nos mouros tão rijo que os arrancarão do campo, porém sempre pelejando, que erão mais de quatro mil; e todauia se colherão per antre as ruas do lugar, onde ficarão muy fortes, porque o Gouernador defendeo que nom pusessem fogo. Então mandou ajuntar todos os espingardeiros, que per antre as casas matarão tantos mouros que forçadamente deixarão o lugar, e se forão metendo per antre os palmares, e aruoredo, que auia muyto; onde o Gouernador nom consentio que os nossos entrassem. Então mandou roubar o lugar, em que

[1] * gouernador que com * Ms.

se achou bom fato, e muyta pimenta e drogas, com que ninguem se acupaua, porque era fazenda pera ElRey, que o Gouernador mandou aos mestres dos nauios grandes que com sua gente recolhessem as drogas; o que assy fizerão. Então o Gouernador mandou trazer muytos machados, que leuauão os nauios de remo, e polos remeiros mandou que fossem cortar aruores e palmeiras, que fizerão grande destroyção, e os nossos espingardeiros em guarda dos que cortauão, e Jorge Cabral com duzentos homens, que o Gouernador mandou que tambem andasse em guarda; e mandou dom Simão nos catures polo rio dentro, onde metidos per hum esteiro dentro achou dezeseis paraos, a que pôs o fogo, com peleja de bombardadas e espingardadas, que lhe tirauão de dentro do mato. No que se passou todo o dia; e sendo a maré chea, o Gouernador mandou recolher a gente e dar fogo no lugar, com que fiqou feita grande destroyção, e muytos mouros mortos, e dos nossos oito, e muytos feridos, que o Gouernador mandaua recolher nos nauios grandes, onde erão curados e bem repairados.

Com que o Gouernador se partio, e foy ao longo da terra, e os nauios grossos, que erão oito, polo mar; e andou, que sendo noite çarrada, que era escura, sorgio defronte de Calecut; e logo veo dom João de Lima a elle em hum catur que o foy buscar; com que o Gouernador falou, e soube de como estauão suas cousas; onde, na pratica, alguns fidalgos que com o Gouernador hião embarqados, que era João de Mello da Silua, Francisco Pereira Pestana, Antonio da Silueira, e dom Simão, que veo, e outros, azedarão o Gouernador que fosse a terra dar huma queima á cidade. Do que o Gouernador se muyto agastou, porque era homem de sua condição que todolas cousas que auia de fazer nom queria que outrem as adeuinhasse ou lhas dissesse; e se queixou com estes fidalgos que nunqua lhe dessem albitres do que fizesse, porque elle sabia o que lhe compria; que quando lhe pedisse conselho então lho dessem, e quando o vissem pelejar então o ajudassem, que pera ysto só os trazia em sua companhia; mas o mais lhe pedia por mercê que o deixassem fazer, pois elle era homem que nom dormia nem repousaua nas cousas do seruiço d'ElRey, como elles bem vião; que portanto ninguem lhe tomasse de sua honra nada, porque o albitre que fosse queimar as casas de palha de Calecut nom era cousa que elle auia d'emprender com tanto poder como ahy tinha, senão quando ouvesse de hir queimar as ca-

sas d'ElRey, e nom ficar lá como fizera o Marichal. Ao que lhe ninguem repetio com reposta, porque lhe conhecião a condição. E falou hum pouqo com dom João, que lhe disse que estaua auondado de tudo o que compria; com que o despedio com vinte espingardeiros que lhe deu o Gouernador, dizendo que lhos emprestaua até que mandasse por elles; e em segredo lhe disse que se fosse possiuel a seu saluo dar huma queima á cidade, que folgaria, porque vissem os mouros que elle só lhe fazia a guerra sem n'ysso entender o Gouernador: com que o despedio. E dom João *se ouve* com tanto cuidado que secretamente falou com hum christão casado, que tinha sua molher e filhos dentro na forteleza, e valente homem, com o qual concertou que lhe daria duzentos pardaos, que lhe logo deu, e que fosse dar fogo nas casas que estauão derrador da forteleza, que tudo erão casas de palha e muyto juntas. O qual christão, chamado Duarte Fernandes, se atreueu em seu saber; então se concertou com trapos velhos e atilhos, e se enfarinhou com cinza, como andão os jogues de que já tenho contado, e assy emboldreou os cabellos com azeites e cinza, e se tesfegurou tanto que parecia o proprio jogue, e atou debaixo de seus pannos huma soma de poluora d'espingarda e pedaços de murrões, e encomendandose a Deos, e todos o encomendarão, de noite se sayo da forteleza, andou toda a noite, e amanhecendo chegou a humas casinhas de macuas, que são pescadores, onde começou a pedir esmola com palauras de jogue, que são acrecentamentos de vida e saude, e vencimento d'imigos, e ás molheres bons partos, e saudes pera seus filhos, e outras glorias, com que lhe dão suas esmolas; e assy pedindo se foy meter pola cidade, deitandose a dormir de dia em casas que são como espritaes de peregrinos, que pera ysso tem em todolos lugares; e em como era de noite andaua per antre as casas bradando, pedindo esmola, que assy he costume dos jogues pedirem de noite, e dãolhe arroz cozido, e manteiga, e bredos, que elles nom comem outras cousas. O bom homem, assy estando, de dia fez seus atilhos da poluora que leuaua, em que metia hum pedacinho de murrão com a ponta fóra, de que fez seis ou sete atadilhos, e sendo noite, que muyto ventaua o noroeste, e escuro, Nosso Senhor o esforçou á sua obra, que leuaua huma braza em antre humas cascas d'ostra, com hum buraco per que lhe daua o vento, e acendia a ponta do murrão, e o punha detrás de huma casa. O que assy foy fazendo, que o pôs em quatro casas, que o primeyro que pôs tomou

fogo a poluora, que logo fez grande labareda, a que ajudou o vento, que leuaua a chama sobre as outras casas, que se foy apegando tamanho que ninguem podia chegar; e o fogo foy fazendo sua obra em tanta maneyra que queimou grão numero de casas até chegar ás casas que tinhão paredes. O qual fogo queimou homens, e molheres, e crianças, e fez a mór destroyção que se nunqua fez. O que se vendo da forteleza, tangendo as trombetas, foy ajudado com muytos tiros grossos que deitarão pedras perdidas pola cidade, que ajudarão a fazer muyto mal. Com que o pobre jogue na reuolta veo á forteleza, em que o recolherão, e o capitão o recebeo na porta com muytas honras, e abraços de todos; e o capitão lhe deu todo hum vestido de sua pessoa, e sempre d'ahy em diante comeo á sua mesa, e todos os homens lhe dauão peças pera elle e pera sua molher, cada hum como podia, e o capitão lhe mandou que d'ahy em diante se chamasse Duarte Fernandes de Lima, como sempre se chamou.

DA DESTROYÇÃO DOS PARAOS NO PORTO DE COULETE.

Coulete é principal lugar do Reyno de Calecut, em que primeyro era toda a força da cidade, que n'este porto esteue dom Vasco da Gama a primeyra vez quando descobrio a India, como já largamente tenho escrito em sua lenda do descobrimento.

Dom João * de * Lima disse * ao * Gouernador que em Coulete estauão cincoenta paraos que vierão de Cambaya, que forão carregados de drogas e tornarão carregados de mantimentos, e já estauão descarregados, e estauão pera partir a tornar a trazer outra carga d'arroz aos rios dè Mangalor e Bracelor, onde estauão outros que estauão carregando pera se virem todos juntos. De que o Gouernador fiqou menencorio com Fernão Gomes, que os fôra buscar e os nom achára; mas Fernão Gomes achou o recado certo que já erão passados e * em * dous dias descarregados, e se tornarão aos rios a carregar arroz. E estes de Coulete erão d'elles, e estauão já pera partir; que o Gouernador muyto cobiçou de os hir tomar, e mandou diante João de Mello da Silua em dez catures do arel de Porquá, que trazia a soldo, que erão grandes remeiros. E o Gouernador o mandou que fôsse vêr a desposição do porto, e os paraos como estauão: o qual foy, e olhou bem tudo antes que fosse visto dos mouros, porque chegou em hum só catur caladamente, remando com pou-

qos remos, e desemasteado. Chegando perto dos paraos, que foy conhecido, lhe tirarão com espingardas e berços; com que elle fogio com todos os remos, e se chegou aos outros catures; mas após elle sayrão oito paraos, que muyto remarão, hindolhe perto no alcanço até amanhecer, que virão 'armada do Gouernador ao mar; com que os paraos se tornarão a recolher e ajuntar com os outros, que por todos erão corenta e tres, que os outros já estauão concertados pera deitar ao mar, que os concertarão na terra. Os que estauão no mar estauão todos com as popas na terra e as proas pera o mar, muyto juntos, postos em ordem, que todos se corrião huns por outros, e no lugar em que estauão fazia grande ribanceira d'arêa, que ficaua mais alta que os paraos, per cyma da qual estaua huma forte tranqueira de páos e madeira de longo a longo, com entradas em que estaua assentada muyta artelharia que podia tirar por cyma dos paraos, que todos tinhão os mastos abatidos e no lugar dos mastos tudo atrauessado de arrombadas e entulhos por defensão dos tiros. E de cada parte estauão tres fustas com as popas nas ilhargas das outras, e com as proas de longo da terra, e que estauão assy fortes com atreuimento da defensão da terra, em que estaua infinidade de mouros, e nos paraos, que nom cabião.

O Gouernador sorgio mea legoa ao mar, e espalhou 'armada, que nom tiuessem os paraos por onde fugir se quigessem; e logo o Gouernador pôs bandeyra na quadra; ao que vierão os capitães e fidalgos que vinhão n'armada, os quaes sendo juntos lhe contou o aparato e ordem com que estauão os paraos, e nom lhe pedio conselho se pelejaria ou não, mas lhe dissessem o modo de como os cometerião. No que ouve muytas duvidas, dizendo que o perigo era grande por caso d'artelharia da terra, e que sayndo a terra pera a tomar era muy perigosa a desembarcação, porque arrebentaua muyto o mar na praya, e assy o seria ao embarqar; e sayndo a terra, indaque os mouros fossem desbaratados, á embarcação os mouros auião de tornar a carregar sobre os nossos, ficando os mouros altos na ribanceira; com que os nossos terião muyto trabalho, e depois d'embarcados, que virião cansados pera pelejar com os mouros dos paraos; e que tambem hindo pelejar com os paraos, e que os entrassem e tomassem, então 'artelharia da estancia da ribanceira faria grande mal aos nossos, estando dentro ou desembarcando dos paraos a terra. E n'estas duas duvidas ouve grandes debates. O Gouernador dizia seu feito auia

de ser ante menhã, porque os mouros nom vissem por onde tirassem, e sem calma os homens podião milhor pelejar; ao que lhe muytos contrariarão, dizendo que pola menhã ventaua o vento da terra, e traria o fumo sobre os nossos, que os cegaria. Disse: « Assy será bom; porque nom » « vendo os pilouros que vierem da terra nom lhe auerão medo. »

Outros homens antigos na India disserão que dos perigos que se entendião se escolhesse o somenos, que era chegar as galés e galeotas e fustas de tiros grossos, e ventando a viração, todos em ordem, com rageiras por popa, se chegassem aos paraos e ás bombardadas os espedaçassem, e meos desbaratados, os catures e nauios miudos com os espingardeiros chegassem 'abalroar e deitar fogo nos paraos, que lho pondo nos esporões o vento o leuaria per todos, que em breue espaço serião queimados. E sendo assy destroydos entenderião com os mouros da terra, se ouvesse desposição pera ysso. O que assy pareceo bem a muytos; mas o Gouernador, nom se contentando senão com tudo, disse que nos paraos e na terra auia de dar, e mandou que se fossem, e se fizessem prestes pera ante menhã, e se viessem pera elle, que os mandaria o que fizessem. Com que se tornarão a seus nauios, em que a noite gastarão cada hum concertando suas almas e testamentos, e se confessando, e concertando suas armas. O Gouernador de noite mandou chegar as * galés * de hum cabo e as galeotas [1] * do outro *, que toda a noite tirarão aos paraos; com que alguns pilouros que acertarão matarão muytos mouros, e quebrarão alguns d'elles. Tambem de terra tirauão muytos pilouros perdidos, que dauão per antre 'armada; em que tres derão em hum catur e fustas, que lhe fizerão mal.

O Gouernador comsigo mesmo ordenou que dom Simão saysse na terra com tresentos homens, e Pero Mascarenhas com Jorge Cabral tambem per outra banda sayssem na * terra * com outros tresentos homens, e elle com a mais gente, que serião outros tantos, cometer os paraos; porque vendose os mouros cometidos por tantas partes nom terião animo pera tanto registir. O Gouernador era tão confiado em sua cauallaria que ysto lhe parecia pouqo; e os nossos com folias, e dando gritas, o que assy fazião os mouros.

O Gouernador, huma hora ante menhã, que era escuro, mandou

[1] * da outra * Autogr.

tocar huma trombeta, a que logo acodirão os capitães em seus batés com sua gente armada, e os batés bem concertados pera remar, e as lanças baixas e a gente, o mais que podia, por nom tomarem vento, que ventaua da terra. E chegando ao Gouernador, que logo embarqou no seu batel com sua bandeyra real, mandou a dom Simão que desembarcasse na terra da mão direita, e a Pero Mascarenhas da mão esquerda, e lhes apartou a cada hum quatro batés e seis fustas, em que lhe pareceo que hiria o numero dos tresentos homens que podião leuar; e elle ficaua no meo pera hir aos paraos, e com elle João de Mello, Ruy Dias Pereira, dom Jorge de Meneses, Antonio de Lemos, e outros fidalgos que nom erão capitães. Dom Simão * leuaua * em sua companhia Fernão Gomes de Lemos, e seu irmão Gomes Martins de Lemos, Jeronymo de Sousa, Ayres da Silua, dom Afonso de Meneses e seu irmão dom Pedro, e Ayres da Cunha; e com Pero Mascarenhas hião Jorge Cabral, e Antonio da Silueira, Gomes de Soutomayor, Francisco de Vascogoncellos, dom Jorge de Noronha, Diogo da Silua, Simão de Miranda, todos estes capitães; e afóra estes forão outros muytos honrados fidalgos e caualleiros, e o resto seguirão com o Gouernador, que erão capitães de fustas e calures, de que falarey nos feitos que fizerão, que como á cousa era presente o Gouernador cada hum quis pelejar que elle os visse. O Gouernador mandou que todos os calures e fustas fossem desemasteados, como forão, e a gente baixa por amor dos tiros, e do vento, que era da terra. No que ouve detença, que abalando o Gouernador já rompia o dia, em que os tres esquadrões [1] * era * cousa fermosa de vêr. Mas os que hião com o Gouernador, querendo ganhar honra, hião diante remando quanto podião, bradando: « chega! chega! » porque os pilouros dos paraos e das estancias erão tantos que passauão polas orelhas zonindo, que nom auia senão çarrar os olhos, e chamar a Deos e a Nossa Senhora, e na boca Jesu! Jesu! credo! credo! esperando quando lhe daria hum pelouro de morte, que erão tantos que por melhor que os nossos chegassem forão alguns mortos, e feridos. Mas porque a saluação era chegar, remarão, com que chegarão ás proas dos paraos; e o primeyro que chegou em hum calur foy hum João Pousado, e Pero Jorge, e João Leitão, e Martim de Freitas, que hião em calures de Porquá, que erão baixos e os pa-

[1] * he * Autogr.

raos altos, que os nossos nom podião sobir. Os mouros de cyma os ferião fortemente com zagunchadas e frechadas; os nossos debaixo ás lançadas e espingardadas. João Pousado, por nom perder o ganhado, tanto trabalhou que sobio em hum parao com huma espada d'ambas as mãos, que era homem grande forçoso; com que afastou os mouros, com que os outros sobirão; em que forão em cyma vinte homens, que todos forão feridos polos muytos mouros que acodião dos outros paraos, que como disse todos estauão abordados huns com outros, e os mouros corrião por todos; mas chegando outras fustas e batés, que acharão lugar pera sobir, que entrarão até duzentos homens, forão os mouros tão apertados que se colherão detrás de seus entulhos de tranqueira, que tinhão no meo dos paraos, em que se muyto defendião e os nossos tiuerão muyto trabalho. Mas Pero Jorge, entrando com elles, cayo; sobre que acodirão muytos mouros; mas entrou após elle Gomes Freire, e João Pousado, que se meteo tanto antre os mouros que se liarão com elle tantos que o derrubarão, e lhe tomarão das mãos a espada. Acodio Pero Jorge, Ruy Gonçalues, capitão que foy da ordenança, e Pero Velho, e Antonio d'Azeuedo, e Nuno Fernandes Freire, que o saluarão, e entrarão com os mouros tão fortemente, e correndo por todos os paraos, porque já auião dos nossos passante de duzentos homens, que pelejarão tão fortemente que os mouros se começarão a deitar ao mar polas popas dos paraos pera terra.

Em quanto se fez esta obra, o Gouernador, vendo já entrados os nossos nos paraos e seu bom pelejar, mandou remar a terra. Como dos nauios virão os nossos na borda do mar começarão a tirar ás estancias da terra, em que os pilouros que acertauão matauão muytos mouros, que estauão elles muytos juntos. Os catures e fustas que ficauão no mar, dos que entrarão nos paraos, tirauão com berços aos mouros que decião das tranqueiras pola ribanceira; com que matauão e derrubauão muytos; mas elles erão tantos que nom temião nada. Polos paraos dos mouros, que já estauão enxorados, entrarão alguns marinheiros das fustas com lanças de fogo e panellas de poluora, com que sayrão a terra, que fizerão grande ajuda. Dom Simão com sua gente pelejaua com mais de mil mouros que acodirão ao desembarcar; que com o trabalho do arrebentar do mar ouve muyto trabalho, mas como os nossos tomarão terra, que o primeyro que n'ella saltou foy Gomes Martins de Lemos, e com elle Ayres da Silua, e Fernão Gomes de Lemos, Jeronymo de Sousa, fi-

zerão afastar os mouros da praya; com que dom Simão desembarqou com toda a gente; onde acodirão tantos mouros e com tanta força que os nossos pelejauão com os pés n'agoa. Ao que chegando o Gouernador, que desembarqou, e Pero de Meneses, alferez, armado d'armas branqas, pôs a bandeyra em terra, foy tão forte a peleja que os mouros se forão retraendo per' as estancias. O Gouernador, tocando as trombetas, e falando a todos lhe deu tal esforço que os mouros se meterão em sua tranqueira, de que fazião grande resistencia, e ouve muyta detença, mas chegarão huns marinheiros com as lanças de fogo e panellas de poluora, com que se começou tal obra que os mouros derão lugar que os nossos entrarão.

Em quanto ysto se passaua, Pero Mascaranhas com seu [1] * esquadrão chegára * a terra, e ao desembarquar recebeo muyto mal dos mouros, que lhe matarão onze homens e ferirão muytos, o que causou a má desembarcação, do mar que muyto arrebentaua, e os homens sayão molhados, mergulhados por debaixo d'agoa em que alguns se afogarão; e assy d'esta maneyra sayndo a terra, onde foy o primeyro Jorge Cabral, erão os mouros tantos sobre os nossos que ás mãos lhe tomauão as lanças, e sobre tudo enfinidade de frechas que da ribanceira tirauão outros mouros; mas sendo os nossos fóra até cincoenta logo fizerão afastar os mouros; com que todos acabarão de sayr; onde Pero Mascarenhas na dianteira, com Jorge Cabral, dom Jorge de Noronha, Antonio d'Azeuedo, Antão Nogueira, Diogo de Miranda e Simão de Miranda, seu irmão, e Pero da Silua, e outros bons caualleiros, vendo que já os nossos desembarcauão na terra, dos paraos que erão enxorados, e o Gouernador era já em terra, tangendo as trombetas, tomando grandes esforços cometerão os mouros fortemente; mas erão tantos que nom auia tantas forças que os registissem. Ao que acodirão alguns dos nossos que desembarcarão dos paraos, e alguns com panellas de poluora, com que escaldarão os mouros, que logo os forão leuando pola ribanceira acyma até os meterem dentro na tranqueira, em que já estaua pegada a gente do Gouernador; mas como a tranqueira era alta e de grossa madeira, e per dentro entulhada, e os mouros muytos, a peleja era muy grande d'ambas as bandas, e mortos e feridos. E porque [2] * a cada cabo * da tranqueira, com que

[1] * esquadrão que chegara * Autogr. [2] * a cado * Id.

ella estaua çarrada, auia naos e zambuqos que estauão varados, mandou o Gouernador dom Simão com duzentos homens que lhe fosse pôr o fogo. O que elle assy fez, mas nom póde, porque as naos estauão de dentro e na tranqueira auia muytos mouros que fortemente pelejauão; mas Nosso Senhor quis dar força a hum Duarte Dinis, que deitou huma roqua de fogo, que pegou em hum zambuquo velho que estaua cuberto com ola, onde apegou o fogo, e d'ahy se foy ateando em todas as naos, que foy muy grande, de que os mouros se afastarão da tranqueira, onde os nossos ficauão emparados da [1] * quentura * do fogo, que todauia era grande, porque o vento era da terra; com que os mouros carregarão á parte onde pelejaua o esquadrão de Pero Mascarenhas, onde o Gouernador acodio com toda a gente, onde foy muy forte peleja, porque os mouros muyto resistião. Onde alguns dos nossos fizerão finezas, e o Gouernador, que a todos falaua; onde hum Artur Ferreira, valente caualleiro, sobio na tranqueira, e após elle logo outros, e Antonio de Lemos, que ás lançadas afastarão os mouros; com que logo entrarão muytos, e a tranqueira foy desfeita, de grande parte derrubada: com que toda a gente entrou, e a bandeyra real, tangendo as trombetas, e os nossos, com muyto esforço e gritas, derão nos mouros tão fortemente que os puserão em desbarato fogindo, ficando muytos mortos, derribados, feridos; em que os nossos se muyto desmandauão, a que os mouros voltauão e fazião mal. Ao que o Gouernador toqou trombeta a recolher; o que a gente nom ouvindo seguião o alcanço aos mouros. De que o Gouernador muy agastado mandou dom Simão, e Pero Mascarenhas, e Francisco Pereira Pestana, e João de Mello, e Fernão Gomes, que fossem recolher a gente: o que elles nom podião fazer ás lançadas; onde dom Simão com a lança fazendo recolher Simão de Miranda o ferio com a lança, que esteue á morte; ao que acodio seu irmão Diogo de Miranda, e outros fidalgos seus amigos, que vierão ás brigas com dom Simão por assy ferir Simão de Miranda. No que dom Simão se achou tão culpado que disse que com desacordo, e por desastre, o fizera; o que o Gouernador apacifiqou, e mandou embarqar Simão de Miranda á sua galeota, que foy muyto bem curado, e deu a seu irmão hum catur em que o leuou a Cochym, com que se logo partio.

[1] * quytura * Autogr.

O Gouernador esteue na tranqueira deuagar fazendo caualleiros, e em tanto estauão os espingardeiros em guarda tirando aos mouros que parecião; ao que o Gouernador mandou concertar alguns tiros, que lhe tirauão, e mandou recolher tod'artelharia, que era de ferro, grossa e miuda, toda de camara, que passarão de cem peças, que as mais d'ellas o Gouernador mandou deitar no mar, porque nom seruião nos nossos nauios. E o Gouernador mandou tirar pera o mar trinta e quatro paraos que estauão sãos, e 'os outros mandou pôr o fogo. E mandou embarcar toda a gente e leuar aos nauios grandes os feridos, que erão mais de duzentos, huns pouqo outros muyto, e forão mortos passante de trinta, todos dos tiros d'artelharia ao desembarqar. E chegou toda a fustalha a terra com 'artelharia prestes; com que o Gouernador deceo da tranqueira a se embarqar com tresentos homens que com elle ficarão. Os mouros, que estauão prestes, como virão o Gouernador decer pera embarcar acodirão á ribanceira muytos, tirando frechadas e espingardadas; mas 'artelharia das fustas deu n'elles tal bataria com que todos fogirão, que nem ousauão parecer, deitando muytas frechas perdidas que cayão sobre os nossos, que inda lhe fazião mal; porque por caso do mar auia detença ao embarcar.

Recolhido assy o Gouernador se afastou pera o mar, onde se meteo em hum catur e foy visitar os feridos, e os fez todos embarqar nos nauios grandes. Então deixou dom Simão por Capitão mór da costa com as cinqo galeotas e trinta velas de remo, em que forão algumas fustas dos mouros, que erão muy boas, e com quatrocentos homens, e todos os mais espingardeiros; e lhe mandou que fosse correr a costa e todos rios, e onde achasse mouros e paraos lhe fizesse todo mal que pudesse. E porque d'aquy a Cananor era perto, mandou lá alguns homens muyto feridos, onde, sabida a noua do desbarato d'estes paraos, fizerão festas e prazeres com que os mouros forão muy tristes.

Dom Simão com su'armada passou por Cananor saluando com artelharia, e 'armada com bandeyras; onde ao mar lhe mandou Heytor da Silueira muyto refresco, porque elle nom quis hir a terra; e lhe mandou dizer que no rio de Bracelor estauão colhidos vinte paraos da companhia dos que vierão de Cambaya, que com medo d'armada ahy se colherão. Ao que lá foy dom Simão, e entrou no rio com tod'armada, que nom achou quem lho registisse, e achou os paraos alagados, metidos per

huns esteiros, cubertos de vaza; os quaes com muyto trabalho todos tirou fóra, e os queimou, porque nom tinhão mais que os cascos; e deu no lugar, em que queimou muytos zambuquos, e tomou muyto arroz e ferro, com que alastrou os seus nauios, com lhe queimar o lugar; e se sayo, e correo até Baticalá, e andou assy gastando o tempo, correndo todos os portos até maio, entrada do inuerno, com que se recolheo a Cochym.

Despedido dom Simão, querendo o Gouernador fazer vela pera Cochym lhe chegou huma almadia de Cananor com huma carta d'Heytor da Silueira, dizendo que faria grande bem ao seruiço d'ElRey de Portugal chegar a Cananor, pera quebrar os olhos aos mouros que, com sua grande magoa, [1] * dizião * que os nossos desbaratados, com muyta gente morta, fogirão, e se recolherão ao mar; e metião em cabeça a ElRey que toda nossa gente que ficára ferida, e que dom Simão nom [2] * leuaua * cem homens com que hia buscar arroz, e que tornando auia de recolher a gente da forteleza de Calecut e a leuar a Cochym, porque nom auia portugueses que defendessem a forteleza.

O Gouernador, vendo a carta, lhe veo a vontade e foy a Cananor, onde desembarqou com toda a gente e foy fazer oração; e toda' armada galante de bandeyras, o que Heytor da Silueira grangeou com salua de toda' artelharia e ramos e bandeyras per toda a forteleza; onde logo veo ao Gouernador visitação d'ElRey, dizendo que ouvera muyto prazer de sua boa vitoria, polo que ao outro dia pola menhã o auia de hir vêr, que muyto prazer aueria de o vêr. O Gouernador lhe respondeo fosse como mandasse.

Então o Gouernador mandou desembarquar vinte homens, os mais feridos que ouvesse, que nom quis que os mouros vissem quantos erão os feridos que meterão no espritał, que forão muyto repairados. Ao outro dia pola menhã vierão homens d'ElRey que junto da forteleza armarão huma casa com pannos de Cambaya pintados, em que fizerão estrado pera ElRey, que he hum bayleo de terra muyto bostado com bosta de vaqua, e assy toda a casa; onde logo veo o Rey com seu grande aparato de muyta gente, naires com suas armas e esgrimas, e gritas, com seus tangeres, e elle assentado em seu riqo andor, como já em muytas

[1] * dizem * Autogr. [2] * leua * Id.

partes tenho contado; e se meteo na casa, ao que logo o Gouernador sayo da forteleza com todos os fidalgos louçãos de vestidos, o qual ElRey sayo fóra da casa ao receber, a que o Gouernador fez suas grandes cortesias, que ElRey leuou pola mão, e o fez assentar junto de sy no estrado, contandolhe do grande prazer que ouvera de seu bom vencimento que ouvera em Coulete, e sempre aueria que ouvesse contra os ladrões que no mar andauão roubando a gente pobre e fazendo cousas contra o seruiço dos Gouernadores, que fazião as boas cousas do seruiço d'ElRey de Portugal seu irmão. Ao que todo o Gouernador lhe respondeo muy a ponto, e dizendo que sómente tinha pesar porque antre os mouros de Coulete sabia que estauão muytos de Cananor; o que elle, como bom irmão d'ElRey de Portugal, deuia de cauidar, e mandar queimar viuo o mouro de seu Reyno que andasse nas companhias dos ladrões; que lhe pedia por mercê que nom [1] * ouvesse * por bem estas cousas, e em todo seu Reyno nom ouvesse nenhum parao armado, e que todos mandasse queimar. ElRey disse que elle n'ysso proueria, e que se algum achassem no mar o queimassem com quanta gente dentro estiuesse; e com outros grandes comprimentos d'amizade, com que lhe mandou dar hum collar de pedraria, que valia cinco mil cruzados, com riqos pannos branqos, que o Gouernador nom queria tomar, e muyto se pôs n'ysso, dizendo que nom tinha a condição como os outros Gouernadores. O Rey o entendeo porque o dizia, e lhe respondeo que cada hum tinha sua condição; mas que ElRey tinha seu costume, que era aquelle folgar de dar cousa como amigo; que o Gouernador tomou, porque os fidalgos disserão que, se nom tomasse o que lhe daua, ElRey ficaria por ysso enjuriado, segundo seus costumes. Com que então o Gouernador o tomou, e se despedirão com muytos comprimentos de boas amizades; com que logo ao outro dia o Gouernador s'embarquou, e no mar esteue despachando algumas cousas, e se partio pera Cochym, onde foy recebido com festas e honras, que elle nom queria, dizendo que erão cousas emprestadas que ao outro dia acabauão. O que lhe os fidalgos reprendião, dizendo que as honras que lhe fazião comprião ao estado do cargo que seruia, e que todolas honras auia de tomar e consentir que lhe fizessem, porque compria ao estado d'ElRey de Portugal; mas comtudo o Gouer-

[1] * ouve * Autogr.

nador era homem que nom entendia senão o que era sua vontade, nom querendo que ninguem cuidasse que o ensinaua.

Dom Simão com su'armada foy correndo a costa, destroyndo quanto achaua, em que no mar tomou muyto arroz, porque os mouros, arreceando a fome do arroz que auião de ter no inuerno, porque nom se puderão prouer d'elle pola destroyção que os nossos fizerão, e porque já tinha alto preço, arriscauãose em pageres e almadias hir buscar arroz por onde podião. Dom Simão vindo de Baticalá assy, carregados os nauios d'arroz, ao monte Dely deu de supito com cincoenta paraos, que se ajuntarão per muytos rios, que hião buscar arroz; os quaes, dando assy de supito com os nossos, logo se puserão em fogida, atreuendose na vela e remo. O que os nossos vendo, seguirão após elles, e dom Simão na galé, e Antonio da Silua na galeota, e Antonio Fernandes em hum bargantym, e Antonio Pessoa em huma fusta, colhendose os paraos pera terra, buscando saluação ás vidas; onde os nossos os hindo alcançando, sete se virão tão apertados da muyta artelharia dos nossos que vararão em terra, e a gente fogio pola terra, deixando os paraos arrombados polos fundos, com que logo se encherão d'agoa; e outros forão alcançados dos tiros, e lhe derrubarão os mastos e vergas, que cayndo sobre os mouros e remeiros se lançarão ao mar. E vinte paraos [1] *se* forão colhendo pera o rio de Marabia, e outros se forão na volta do mar, após que os nossos seguirão; mas os paraos hião descarregados e leues da vela e remo, com que fogirão. Então dom Simão seguio caminho do rio, onde na barra os nauios grandes sorgirão, e os capitães com a gente nos batés, e as galeotas, e bargantys, e paraos correndo quanto podião; mas entrando polo rio acodirão muytos mouros da terra d'ambas as bandas, porque a entrada do rio era estreita, que com frechas, e espingardadas, e pedras, e tiros, fizerão muyto mal aos nossos, que tambem com artelharia lhe fazião quanto mal podião. Mas os paraos dentro polo rio per ambas as bandas hião varando na terra, defendendo os paraos com muytas frechadas, e pedradas, e espingardadas; mas os nossos chegando lhe deitauão panellas e roquas de fogo, com que logo se acendeo o fogo n'elles, que os mouros nom ousauão chegar ao apagar. Mas Domingos Fernandes, a que chamauão Rume, seguio após os paraos que se forão polo rio

[1] *que* Autogr.

dentro, tirandolhe com boa artelharia que leuaua, fazendo dar todos á costa. O que vendo dom Simão, auendo medo que lhe nom acontecesse algum desastre, porque hia só, mandou Gomes Martins de Lemos, que hia em hum esquife com oito homens, que fosse recolher Domingos Fernandes, e o fizesse tornar. E hindo assy o Gomes Martins, que nom podia tanto remar como o bargantym, porque vasaua a maré deu em seqo, que encalhou sobre huma pedra de que nom pôde sayr; onde os mouros d'ambas as partes acodirão tantos sobre elle que ás frechadas os matarão a todos primeyro que Domingos Fernandes tornasse. Quando tornou já erão mortos, e não pôde chegar onde o esquife estaua; já os mortos roubados das armas e quanto tinhão, e os corpos estauão nús. Onde com elle morreu dom Fernando de Lima, e Artur de Crasto, homens fidalgos. Do que dom Simão, e todos n'armada, ouverão muyto pesar por tamanho desastre, porque Gomes Martins de Lemos era bom caualleiro e muy nobre fidalgo, muy bem ensinado. E como ouve maré, Antonio Pessoa e Antonio Fernandes forão polo esquife, e amortalharão os mortos, e logo os leuarão a Cananor, onde chegando de noite, Heytor da Silueira com toda a gente os foy receber ao caez com os crelgos e muytas tochas, e a cêra da confraria, e os leuarão á igreija, e os enterrarão com suas honras.

Ao outro dia chegou dom Simão com toda 'armada, e se mandou queixar a ElRey do fauor e ajuda que os seus no rio de Marabia derão aos ladrões [1] * que pelejauão * contra os nossos. De que ElRey se mostrou pesaroso, e mandou a Marabia o seu gozil, que matou muytos da gente do pouo, e dos mayores lhe tomou as fazendas, e fez grande castigo segundo seu costume.

Heytor da Silueira falou com dom Simão que o mór seruiço que podia fazer era guardar a costa, e andar até o inuerno çarrado em guarda do arroz, de que auia muy grande falta em Calecut; que era o mór bem que podia ser terem os mouros em Calecut fome, com que nom ouvesse gente que se esperaua que auião de fazer * guerra * á forteleza. No que se determinou dom Simão, e então se partio, deitando fama que se hia pera Cochym, porque era já vinte dias de maio. E de dia se partio com toda 'armada, e se foy de longo da costa, e foy a Calecut, onde

[1] * e pelejam * Autogr.

meteo na forteleza muyto arroz, e manteiga, e pexe sequo, e quisera meter muyta gente na forteleza, porque os que n'ella estauão arreceauão muyto a guerra que sabião auia d'auer no inuerno; e porque a forteleza era pequena e abastauão cento e cincoenta homens que * a * podião defender [1] * dos * muros em roda, e cincoenta que ficassem de sobresalente, ouve n'ysso grande trabalho, porque os que estauão nom querião ficar, nem outros d'armada nom querião ficar em tal trabalho e perigo como se esperaua; e todauia, porque assy comprio, dom Simão forçadamente meteo na forteleza cento e vinte homens d'armada, gente baixa, e com os homens que dom João de Lima tinha, seus parentes e amigos, que passauão de setenta, com ysso fiqou, e com tanto mantimento quanto puderão recolher, porque a cada homem dauão quantos fardos d'arroz queria meter em suas casas. E ordenou dom João despejar a forteleza de molheres e meninos, que nom ficarão na forteleza mais que vinte molheres pera o seruiço dos doentes, e escrauos homens pera pelejar, que serião até setenta, e com muyto chumbo, e muyta poluora, e artelharia, e pilouros. Dom João quis * mandar logo esta gente *, mas dom Simão falou com dom João que [2] * elle * auia inda de fazer outra volta até Baticalá, que quando tornasse então leuaria a familia; e deixou pera entanto se embarquarem duas fustas grandes, e hum nauio pera sua guarda até elle tornar.

Então se partio caminho de Cochym, correndo a costa que o vissem da terra, e elle foy até o rio de Cranganor, que era cinquo legoas de Cochym, onde sorgio, e como foy noite se fez á vela na volta do mar largo porque nom o vissem da terra; e porque já auia muytas chuvas de treuoadas, que lhe dauão cada tarde, e os tempos mortos, nom póde tornar mais que até os ilheos de Santa Maria, onde tomou huns zambuqos velhos, que mouros dos rios carregauão d'arroz, com que se arriscauão hir a Calecut a vender polo muyto que valia, que era hum fardo d'arroz tres pardaos d'ouro, que depois no inuerno valeo a cinquo e seis; com que morreo á fome muyta gente miuda, que nom tinhão dinheiro pera o comprar.

Tomou dom Simão o arroz dos zambuqos, e pôslhe o fogo; e vindo assy, junto do monte Dely achou doze paraos com oito pageres de re-

[1] * os * Autogr. [2] * ella * Id.

mo, que hião buscar arroz seguros, cuidando que dom Simão já estaua em Cochym, e os topou huma ante menhã, que estauão surtos ao longo da terra com o vento contrairo. Os mouros vendo nossa armada ficarão espantados, e com muyta pressa cortarão as amarras, e á vela e remo forão fogindo, e os que pouqo andauão, que os nossos hião alcançando, hião varar á costa, onde se perdião. E dando assy esta caça, passou por diante de Cananor; de que os mouros se espantarão, que já lhes parecia que nossa armada era recolhida; e assy foy correndo após os paraos, que todos se forão acolhendo polos rios até Panane. Então dom Simão tornou a fazer volta pera a costa, que o vissem os mouros; com que nom ouve nenhum que se auenturasse a hir buscar arroz, e sendo noite com huma treuoada de muyto vento, dom Simão se fez na volta de Cochym, onde entrou com toda' armada, com muyto trabalho do tempo, que era já em vinte de maio.

Dom João de Lima nom agardou por dom Simão, mas mandou embarquar a familia das molheres e escrauos, com muyto fato, nas fustas e nauio, que na forteleza nom ficou fato mais que o necessario a cada homem para seu vestir, e todauia na forteleza ficarão perto de tresentas almas.

CAPITULO III.

QUE RECONTA ALGUMAS COUSAS QUE SE PASSARÃO EM MALACA, MALUCO, E OUTRAS PARTES, N'ESTE VERÃO D'ESTE ANNO DE 525.

A guerra de Antonio de Brito, capitão de Maluco, com o Rey de Tidore, sempre durou, e entrando o mez de janeiro d'este anno de 1525, Antonio de Brito despachou Martim Afonso de Mello Jusarte em hum galeão, que elle concertou á sua custa e o carregou de crauo; e com elle mandou Antonio de Brito quatro junqos d'ElRey e de partes, carregados de crauo pera Malaca. E partio de Maluco, e foy ter em Banda, onde a gente da terra, sabendo que elle era o que lhe fizera a guerra, se puserão contra elle e lhe defenderão a terra; onde assy estando, soube que em outra ilha de Banda estaua hum junqo de Patane, com que Malaca tinha guerra, e se foy lá no galeão com tenção de o roubar e queimar; e chegando onde o junqo estaua, que o junqo era mais alto que o galeão e tinha muyta gente, vio que o nom podia abalroar pera com a gente pe-

lejar. Então pôs nas gaueas do galeão saquités de panno podre cheos de poluora, e lanças com roquas de fogo, e panellas de poluora com seus murrões acessos, e vinte homens que leuaua com espingardas, e a gente guardada dos arremessos do junqo o foy abalroar sobre amarra, que em chegando das gaueas lhe deitarão a poluora e fogo, que logo pegou na vela que estaua em baixo, e muyta da gente escaldada dos fogos se lançarão ao mar. Martim Afonso mandou largar o traquete, que tinha aleuantado nos palanqos, com que se afastou do junqo, que ardeo todo; e Martim Afonso mandou gente no batel, que andarão matando os mouros [1] *que* se deitarão a nado, de que matarão muytos.

Já atrás contey como Jorge d'Alboquerque mandára pedir ao Gouernador dom Duarte a capitania de Maluco pera hum de seus cunhados; porque Antonio de Brito lhe escreuia que mandasse capitão, porque elle estaua doente e muyto cançado de seus trabalhos. Polo que o Gouernador, vendo as cartas d'Antonio de Brito, então mandou a Jorge d'Alboquerque carta de capitania de Maluco pera hum de seus cunhados; e porque dom Sancho já era morto a deu a dom Gracia Anriques, porque Malaca estaua pacifica pola guerra que Manuel de Sousa, capitão mór do mar, andaua fazendo. Jorge d'Alboquerque armou a dom Gracia dous nauios redondos, e hum junqo aparelhado á portuguesa, e huma fusta, em que em todos estes nauios forão setenta homens, e os nauios bem artelhados e concertados, com que fosse a Maluco, e se Antonio de Brito lhe quigesse largar a capitania a receberia pola patente que leuaua, e se lha nom entregasse então carregasse, se lhe désse carga, e senão que se fosse a Banda, e se carregasse, e fizesse emprego com que em Malaca faria seu proueito. E com esta ordém partio em janeiro de 525, e foy tomar em Banda, no porto em que estaua Martim Afonso pelejando com os da terra, a que nom fazia muyto mal porque nom tinha gente.

Onde assy chegando dom Gracia Anriques, Martim Afonso lhe muyto rogou e fez com elle que o ajudasse pera se vingar dos males que na terra lhe tinhão feitos. Do que aprouve a dom Gracia, e determinarão de hir á ilha de Lotir, e queimar a cidade, que he cabeça de todas as ilhas de Banda. Ao que forão, e sayrão em terra com toda a gente, que serião até cem portugueses bem concertados; onde logo em

[1] *e* Autogr.

terra puserão fogo a tres junqos que estauão varados, e humas casas de palha, e forão cometer a cidade, que era d'ahy hum tiro de bésta, que estaua forte com muytas tranqueiras e gente; e por nom terem artelharia tudo auia de ser á força de braço, com que tudo erão azegayas d'arremesso, e frechadas, e pedras de fundas, em tanto numero que fizerão retornar os nossos pera trás, muytos d'elles feridos, e assy dom Gracia, que foy ferido de huma frechada no pescoço. Com que se tornarão a embarqar depressa e nom tornarão mais a terra, e do mar lhe fazião o mal que podião, que era muy pouqo, que nom auia em que. Onde assy estiuerão até a monção de Malaca, pera onde se forão; e dom Gracia nom foy a Maluco, porque Martim Afonso lhe disse que Antonio de Brito nom largaria a capitania, porque já estaua são, rijo, valente, e estaua vitorioso na guerra, e estaua descançado dos trabalhos com que de primeyro queria largar a forteleza.

Partido de Malaca dom Gracia pera Banda o soube ElRey de Bintão, que lhe pareceo que nos nauios que leuaua leuaria gente com que nom ficasse tanta a Manoel de Sousa, Capitão mór do mar, que lhe tinha feita muyta guerra, e em Patane, e em Pão. Determinou a se vingar, e armou trinta lancharas grandes, com mil homens e muyta artelharia, e muy concertados, em que mandou Laquexemena, que lhe fez muytos juramentos que sobre vingança perderia a vida ou nom tornaria ante elle, e partio e chegou a Malaca supitamente, que d'elle nom ouve sintimento senão chegado, hum domingo pola menhã. E desembarqou na pouoação dos quelys com toda sua gente, roubando e matando, com grandes gritas, com que toda a pouoação se foy fogindo com grandes gritos. O que ouvido na ygreija, onde Jorge d'Alboquerque com Manuel de Sousa e toda a gente estauão á [1] * missa, sayrão * todos á pressa tomar as armas; e Jorge d'Alboquerque mandou Gracia Chaynho, feitor, que acodisse, como fez com muyta diligencia, com oitenta homens que o seguirão, em que foy em sua companhia Nicolao de Sá, Felippe d'Aguiar, Ruy Lobo, Francisco Bocarro, Simão Mendes, Gaspar Velho, homens caualleiros, que forão acodir aos quelys. O que vendo Laquexemena recolheo depressa sua gente, com que nom tiuerão tempo pera recolher o roubo, porque os quelys, vendo que os nossos acodião, com

[1] * missa que sayram * Autogr.

muyto coração cometerão os imigos, matando e ferindo alguns. Manoel de Sousa, em tanto que acodia Gracia Chaynho, elle se embarqou em tres fustas, que nom auia mais na forteleza, em que com elle se embarcarão Ayres Coelho, Francisco Leme, Manuel Falcão em outra fusta, Aluaro Botelho em outra, e Gracia Queimado, Duarte Rabello, Ruy Figueira, Gaspar Pereira, Antonio Carualho, João Serrão, e outros bons caualleiros, que por todos serião setenta homens.

Laquexemena, vendo que tinha boa prêsa nas tres fustas, fingio que fogia pera o mar, hindo diante de todos, e os nossos seguirão após elle, e alcançarão huma lanchara que nom remaua muyto, de que a gente se deitou ao mar. Os nossos a deixarão e passarão áuante, remando á pressa por alcançar outras que hião perto, com que se forão muyto pera o mar, e os nossos com gritas e apupadas seguindo os imigos. Dixe hum Francisco de Matos, homem de muytos annos na guerra de Malaca: « Se- » « nhor Manuel de Sousa, Laquexemena vos nom foge com medo de tres » « fustas que aquy himos, mas vainos leuando pera o mar, porque fa- » « ça o que lhe compre a sua vontade, que ha de ser voltar sobre nós » « com tamanha armada, e nos fará muyto mal. » Ysto tambem Manuel Falcão lho bradou da sua fusta, mas Manuel de Sousa nom quis ouvir nada, e seguio áuante após huma lanchara que fazia que nom podia remar; mas sendo os nossos afastados da terra casy huma legoa, Laquexemena fez volta com todas as lancharas, tirando muytas frechas e artelharia; 'o que os nossos, assy como hião auiados do remo, nom voltarão, mas [1] * despararão * sua artelharia nos imigos: em que se começou grande peleja, porque as nossas fustas ficarão cercadas das lancharas, que os mouros per todas partes ferirão e matauão os nossos, com suas gritas e tangeres, com que os nossos se derão todos por mortos, e se defendião como homens que acabauão as vidas. E durou a peleja d'horas de bespora até noite, pelejando os nossos com o nome de Christo e de Nossa Senhora nas bocas e corações, com que Nosso Senhor lhe daua forças pera se defenderem tão fortemente que nunqua forão entrados; e quis Nosso Senhor que hum pilouro perdido derrubou o masto a Laquexemena, que cayo dentro, e lhe deu a elle em hum braço, de que cayo como morto; o que assy cuidando as lancharas se forão afastando

[1] * desparam * Autogr.

e afrouxando, e se forão após seu capitão, e ficarão as nossas fustas por milagre de Deos, assy perdidas sem auer quem as remasse, e morto Manuel de Sousa com toda a gente, sómente até vinte homens em todas as fustas, e estes todos feridos. Esta foy huma das grandes perdas de gente que nunqua ouve em Malaca ha muytos tempos.

Manuel Falcão tinha oito marinheiros, com que chegou ás outras fustas e lhes deu cabos, e as leuou á toa, que chegando á praya de Malaca ouve grande tristeza em toda a gente; vendo tantos mortos, e espantados de os mouros os deixarem sem os acabarem de matar, porque nenhum dos nossos nom podia pelejar. E foy morto Manuel de Sousa, bom capitão, que fez muyto bem a Malaca, por ser valente caualleiro; e morrerão com elle Ayres Coelho, Aluaro Botelho, e Francisco Rabello, e João Borges, Pero de Torres, Ruy Figueira, e outros valentes homens, que todos fizerão façanhas em seu pelejar, porque dos mouros forão feridos e mortos mais de tresentos.

Laquexemena esteue no mar aquella noite. Ao outro dia tornou sobre Malaca com todas suas lancharas, com bandeyras e seus tangeres, e chegou perto da terra sómente quanto lhe nom chegassem os tiros da forteleza, e andou barlauenteando, e nom lhe sayo ninguem, nem Jorge d'Alboquerque nom quis mandar dous nauios redondos que tinha, que ouve medo que os perdesse, porque nom tinha gente pera hir n'elles tanta como compria. O que vendo Laquexemena se foy a huma pouoação de gentios, que se chamaua o Colascar, e sayo em terra com sua gente. Do que elles auendo grande medo se lhe entregarão todos por catiuos, e que se hirião com elle; do que foy contente, e todos com elle se embarcarão com molheres e filhos, com que se carregarão todas as lancharas com a gente, que nom puderão leuar fato. Jorge d'Alboquerque, auendo auiso que o Laquexemena hia ao Colascar, que estaua de paz com Malaca, os mandou secorrer por Garcia Chaynho, que leuou oitenta homens espingardeiros; que partio de noite da forteleza, que fazia bom luar, e foy amanhecer no lugar quando já todos se acabauão d'embarqar e as manchúas hião á vela caminho de Bintão. Chegando Gracia Chaynho, que achou hidos os gentios, mandou roubar o lugar, em que se achou muyto fato e algumas mercadarias, e muyto arroz, que os homens mais folgarão de leuar, porque em Malaca auia grande careza d'elle.

CAPITULO IV.

QUE CONTA O QUE O GOUERNADOR FEZ EM COCHYM EM TODO O INUERNO, E O QUE SE PASSOU NA GUERRA EM CALECUT, E SECORRO QUE LHE FEZ, E TODO O QUE SE PASSOU ATÉ CHEGAREM AS NAOS DO REYNO.

Sendo o Gouernador recolhido a Cochym, que era em tempo de monção das embarcações que auião de hir pera fóra, em que logo entendeo, despachou pera capitão de Malaca Pero Mascarenhas, que n'ella viera prouido por ElRey, e Jorge d'Alboquerque tinha acabado seu tempo; e lhe deu tres nauios em que fosse com duzentos homens. Pero Mascarenhas andandose auiando das cousas que auia de leuar, que erão roupas pera a feitoria e mantimentos, o védor da fazenda, Afonso Mexia, era tão grandioso e soberbo por assy gouernar as cousas por morte do Visorey, e era todo poderoso nas cousas da fazenda, que o Gouernador n'ellas nom queria entender polo que sabia que Afonso Mexia o muyto bem entendia, polo que lhe fazia muyto fauor nas cousas da fazenda, com que era muy isento; e mandando as cousas pera Malaca mandou ao mestre da nao em que hia Pero Mascarenhas que despejasse hum payol de popa, que Pero Mascarenhas já tinha cheo de fardos d'arroz seu, e o védor da fazenda mandaua ao mestre que o despejasse, e metesse n'elle fardos de roupa d'ElRey que hião pera' feitoria, porque nos outros nauios já tinha metido outros fardos de roupa. O que o mestre disse a Pero Mascarenhas que o védor da fazenda lhe mandaua tirar o arroz do payol e meter a roupa; ao que Pero Mascarenhas foy ao védor da fazenda, dizendo que lhe nom mandasse despejar o seu arroz, que leuaua pera dar de comer á gente com que auia de defender a forteleza d'ElRey; que era milhor o arroz que a roupa d'ElRey que mandaua embarqar, que era podre; que a mandasse deitar no monturo. O Afonso Mexia se açafrou, e dixe: «A» «roupa he d'ElRey, e, boa ou má, no payol em que eu mando ha de» «hir embarcada; e n'ysto nom ha que aprofiar, porque a nao he d'El-» «Rey e a fazenda sua.» Pero Mascarenhas disse: «Vá a roupa muyto» «embora, que lugar ha em que hirá embarcada; que o comer da gen-» «te he milhor que a roupa; e dai d'ysso rezão ao senhor Gouernador» «e façase o que elle mandar.» Afonso Mexia disse: «Pera ysto nom»

« he necessario Gouernador, que eu o são pera a fazenda d'ElRey. » Disse Pero Mascarenhas: « Ora seja como dizeys; mas em despejar o payol » « nom entendaes, porque nom ha de ser. » O Afonso Mexia, muyto agastado, disse: « Eu mandarey despejar o arroz e meter a roupa; e nom » « será mais. » E lhe virou as costas e se meteo pera dentro, que estaua na porta da feitoria, e Pero Mascarenhas estaua em huma faquinha; que se muyto afrontou, e virando as costas assy Afonso Mexia, lhe disse: « Não vos ha de ficar d'ahy senão a má vontadinha. » E virou com a faca, e se foy, dizendo que se a roupa mandasse á nao a auia de mandar pera terra ou a deitar ao mar, « e folgaria que vós fosseys despe- » « jar o payol, pera vos meter n'elle com os fardos. » O que todo ouvio Afonso Mexia, e tambem largou palauras agastadas, que Pero Mascarenhas nom ouvio, que hia já longe. O que todo eu Gaspar Correa via passar, que era presente, que seruia o cargo d'almoxarife do almazem da Ribeira. Das quaes rezões Afonso Mexia fiqou imigo mortal de Pero Mascarenhas, e d'elle escreueo a ElRey taes males que se ElRey pudera lhe tornára a tirar a capitania de Malaca; e lhe fez outros piores grandes males, que adiante contarey, porque a roupa nom foy embarcada.

Dom João de Lima em Calecut, vendo que dom Simão nom tornaua e que o inuerno entraua, carregou nos dous paraos que tinha muytas molheres e familia pera mandar a Cochym, e nom ousaua com medo que d'algum rio saysse algum parao que os tomasse, e assy estando chegou hum catur de Cochym, que o Gouernador mandou com mais polouora e chumbo, e n'elle Lionel de Lima, e dom [1] * irmão de dom João, Christouão de Lima, primos de dom João de Lima *, com doze homens fidalgos e seus parentes, que com licença do Gouernador se forão a Calecut pera ajudarem dom João na guerra; que o Gouernador muyto lhe agardeceo. E com a chegada d'estes parentes dom João e todos ouuerão muyto prazer, por serem homens de primor. E com este catur em guarda partirão os paraos das molheres * e * se forão a Cochym, que era já inuerno.

Os mouros, vendo o inuerno çarrado e que já nom auia tempo pera acodir secorro, fizerão seus ajuntamentos de muytos mouros espingardeiros, e muytos naires que tomarão a soldo, que fizerão elles bolsa

[1] Em *Andr. Chron. d'ElRey D. João III*, Parte I, Cap. LXXV, lê-se: dom Christovão de Lima, irmão de dom João, e Lionel de Lima seu primo.

antre sy pera o gasto d'esta guerra, em que ajuntarão mais de cem mil pardaos; metendo em cabeça a ElRey que tomando esta forteleza, e tomando 'artelharia que n'ella estaua, e catiuando os portugueses, que com ysto faria taes concertos de pazes que ficasse seu Reyno liure pera sempre, com seus mercadores que ficassem liberdados pera sempre, e nauegassem liuremente como d'antes fazião, e outras vaidades que lhe metião em cabeça, e elle cria como homem de pouqo entendimento, que nom entendia os modos das falsidades dos mouros.

Então dom João com todos assentou a guarda da forteleza e das capitanias, e fez dom Vasco de Lima capitão do campo; assentado que dom João nunqua mais saysse fóra da forteleza, nem aparecesse em lugar que pudesse perigar. O qual repartio capitães pera os cubelos, repartio a gente pera vigiar nos mouros, e com o condestabre repartio 'artelharia. Onde o vigairo da forteleza fez que todos se confessarão e commungarão, com amoestações que lhe fazia porque Deos os liurasse dos perigos; e todolos dias em amanhecendo todos ouvião missa, então almoçauão, e com suas armas e espingardas sayão fóra com dom Vasco de Lima, que era tão valente caualleiro que nom estimaua elle só cometer dez e doze mouros. E sayão com elle vinte e cinco até trinta homens, e estauão de fóra folgando, e se alguns mouros se chegauão a pelejar sayão elles, e ás lançadas, e de cyma dos muros e cubelos ás espingardadas, e ás vezes com alguns tiros resteiros, com que os mouros se tornauão fogindo pera' cidade, que dom Vasco seguia até os ençarrar: polo que o capitão com elle auia muytas vezes paixão, porque se muyto desmandaua após os mouros. Dom Vasco prometia de nom passar de certo lugar, mas como se emburilhaua com os mouros tudo lhe esquecia, até que os punha em fogida; com que ás vezes se via em muyto trabalho, polo que ás vezes o capitão o não deixaua sayr fóra.

E porque os pilouros do campo entrauão per antre as casas e fazião muyto mal, então os mouros fizerão de longo das casas huma grande caua larga e alta, de que a terra d'ella fizerão hum grosso vallado, com que os pilouros nom entrauão na cidade, e a caua tão alta que nom parecião os que andauão dentro. O que vendo os mouros que era bom enxercicio da caua, diante d'esta forão fazendo outras cauas assy altas, em voltas, porque andauão á sua vontade, ficando os vallados antre as cauas, em modo que 'artelharia lhe nom fazia nenhum mal. E nestas ca-

uas nos vallados assentauão alguns tiros com que tirauão ao muro ás amêas, e com muytas espingardas que tinhão, e erão grandes espingardeiros; com que os nossos tinhão bem que entender. Forão crecendo com as cauas e vallados per ambas as partes, que cengirão a forteleza em redondo de mar a mar, porque trazião n'ysto muyta gente de trabalho. E sempre, em quanto os mouros ysto fazião, dom Vasco de Lima, que muytas vezes lhe saya, daua n'elles * e * lhe fazia muyto mal, com panellas de poluora, aos que alcançaua dentro nas cauas; a que os mouros registião tirando muytas espingardadas e frechadas, porque nom podião chegar, por caso das muytas cauas que fazião. Nas quaes saydas postoque os nossos lhe fazião tanto mal, nem por ysso cessauão da obra, porque erão tantos que nom mingoauão; e como os mouros fizerão cauas muyto ao sopé da forteleza, os nossos de cyma com as espingardas, que antre os nossos auia muy esmerados [1] * espingardeiros, muyto * matauão os que trabalhauão, que nom ousauão trabalhar. O que vendo o mestre da obra, que era hum italiano arranegado que trouxerão os mouros de Meca, que fôra com o Turqo na tomada de Rodes, o qual fez defensa aos trabalhadores com coberturas sobre as cauas com vigas que atrauessauão em cyma, e per antre ellas tirauão com sua espingardaria, em tanta maneyra que muyto ferião os nossos, e os nossos a elles nom podião fazer nada; com que com estas coberturas trabalhauão por baixo, correndo com as cauas pera os muros da forteleza: do que os nossos ouverão muyto temor.

Então o capitão, vendose cerqado das cauas de mar a mar, e que nom ficaua por onde lhe vir secorro, se viesse, senão por diante da forteleza, então ordenou e fez huma coiraça, da porta da traição até o mar, de pipas em pé chêas d'arêa; e porque nom tinha tantas, ficauão por estêos, e de humas a outras traues, e páos, e estacadas, com grossas tauoas pregadas muy fortes. O que os imigos nom puderão tolher, porque por cada banda a forteleza tinha dous tiros que alimpauão o campo, e os mouros os nom podião cegar, porque ally nom podião fazer cauas, porque era arêa solta. Então os nossos cauarão a coiraça per dentro, e a fizerão alta, porque com arêa encherão as pipas, e ficauão vallados, porque 'arêa nom corria, que estaua molhada d'agoa das chuvas, que erão muy

[1] * espingardeiros com muyto * Autogr.

grandes; com que os imigos tinhão muyto trabalho a vasar agoa das cauas que a chuva enchia; com que os nossos tambem tinhão muyto trabalho vigiando de noite nos muros, que nom tinhão cuberturas pera a chuva, que por serem muy grandes em começo d'inuerno, entrada de junho, nom auia tanta apressão dos trabalhos dos imigos, nem os nossos lhe podião fazer [1] * mal com os feixes de leynha atados com roquas de fogo, com que o capitão ordenou que fossem * queimadas as vigas e mantas rasas que corrião sobre rodas, que cobrião as cauas. E os imigos tinhão muyto trabalho com 'agoa da chuva que dos vallados corria pera dentro per' as cauas.

O capitão, vendo que a obra da coiraça fôra boa, mandou deitar muyta pedra na borda d'agoa, que se cobrirão logo com muyta arêa que o rolo do mar trazia, com que fiqou huma borda alta, que fazia algum emparo ao rolo do mar pera' desembarcação; e per dentro da coiraça puserão os nossos de longo, por ambas as bandas, almadias cheas d'arêa, que * a * fazião mais forte; porque o capitão como se a guerra bolio tomou quantas almadias pôde, e as guardou junto dos muros antre a forteleza e o mar, que lhe forão muy boas, e assy muyta madeira, que mandou recolher das casas de fóra que se desfizerão.

A torre da menagem era de dous sobrados, e o de cyma ficaua com eirado muy forte; onde em cyma jogauão quatro falcões pedreiros, e como assy descobria toda a cidade tirauão ás ruas principaes porque a gente vinha pera as cauas; o que tambem fazião seis falcões que estauão nas duas torres da banda da cidade. Ao que os mouros fizerão muytos emparos, que nada lhe prestaua porque os tiros tudo desbaratauão, que sempre tirauão; porque os tiros de baixo nom fazião obra porque a gente nom parecia, porque andaua por dentro das cauas. Ao que o arranegado quis dar remedio, e ordenou armar hum trabuqo, com que deitasse dentro na forteleza tão grandes pedras que fondisse quanto estiuesse dentro; pera o que meteo a gente em fazer da banda de Cochym hum alto emparo pera detrás armar o trabuquo, que já tinha feito dentro na cidade, que se ajuntaua em peças; muy forte e muy grande, que podia deitar pedra de vinte quintaes; que armou e prouou, e estaua bem feito.

[1] Lê-se no original: * mal porque o capitam ordenou feixes de leynha atados com roquas de fogo com que fossem *

E com muyta gente cortarão pedras d'ahy a tres legoas, que trazião a rodo, que erão de grossura de huma braça em grosso, e compridas mea braça, de que trouxerão muytas.

D'esta cousa os nossos ouverão auiso por o Bastião Rodrigues Rachado, que andaua sempre com sua espingarda acompanhando o italiano, de que era grande amigo, e lhe gabaua muyto suas obras; que dizia aos mouros que merecia que lhe dessem muyto por seu bom saber; com que o italiano era seu grande amigo, e com elle falaua todo o que ordenaua. E aprouve a Nosso Senhor lhe dar animo que fosse amigo dos nossos, e * de * tudo daua auiso a dom João, de que era grande amigo, pola rezão que atrás já contey. E tambem dom João, na sua confiança, secretamente falou com Duarte Fernandes de Lima, malauar, christão natural de Calecut, que fôra queimar a cidade em trajos de jogue, como atrás contey, a que o Gouernador dera cad'anno cem pardaos de renda por seu bom seruiço; com o qual se concertou dom João de Lima, e o mandou pera Cochym na embarcação das molheres, pera de lá vir por terra em trajos de jogue, e andar no arrayal, e se falar com Bastião Rodrigues, e de noite lhe vir dar os auisos que comprisse. E primeyro lhe mostrou hum certo lugar ao pé do muro, em que acharia hum fio pendurado, em que poderia atar ola escrita; porque o capitão o mandára já ensinar a lêr e escreuer. E este albitre se dixe que lhe dera dom João da Cruz, o naire que fôra a Portugal, que por ser homem doentio se foy pera Cochym com as molheres.

Mas o bom do malauar teue bom cuidado, e veo andar em Calecut com muyta dessimulação, como jogue pedindo, e com muyta dessimulação se deu a conhecer com o Rachado, a que deu huma carta do Gouernador em que lhe fazia grandes promessas de mercês e honras, e que ajudasse os nossos com os auisos que pudesse, que por ysso Nosso Senhor lhe daria saluação. Com que o Rachado muyto folgou com a parçaria do jogue, e lhe daua olas escritas, que elle de noite se metia no rolo do mar e vinha ter na coiraça, e hia ao pé do muro, onde achaua o fio atado na ponta huma pedra porque o nom aleuantasse o vento, e lhe ataua a ola, e tiraua polo fio que o sentisse a vigia que o tinha na mão, que era hum collaço do capitão que em muyto segredo fazia esta vigia, em que se hia pôr como era noite e amanhecendo se recolhia com o fio. No que o capitão teue muyto auiso que de ninguem fosse sabido, porque nom queria

elle que ninguem soubesse os segredos de fóra senão elle; no que teue grande auiso, e assy que nenhum negro lhe fogisse da forteleza, que fosse ao arrayal dar nouas do que auia dentro na forteleza; polo que defendeo que de noite nenhum negro sobisse ao muro, porque nom fogisse com alguma corda. E porque foy achado hum que queria fogir, o capitão o mandou atar a hum páo e o mandou apedrejar, que os outros e as molheres o matarão ás pedradas. No que se tinha vigia, e o padre á noite os ajuntaua todos e com as molheres resauão a salua na ygreija, e na logia, que era sobradada; e fechada a porta da logia metião todos os negros de sospeita dentro; que outros auia, que trazião pontos d'honra de bons homens e caualleiros, que sayão fóra 'ajudar a pelejar com seus senhores, que muyto ajudauão.

E pois sendo dado auiso ao capitão do emparo que se fazia, que era pera detrás se assentar o trabuqo, teue a ysso grande arreceo, e sem o descobrir falou com dom Vasco, e com os fidalgos, que compria que sayssem a desfazer a tranqueira do emparo que os mouros fazião. Ao que se fizerão prestes cento e vinte homens de fayns e espingardas, e os falcões das torres, com que agardarão huma antemenhã que já esclarecia o dia, que os nossos muy caladamente sayrão polo postigo da trayção, e postos fóra derão Santiago nos mouros, que muytos dormião, e negros que leuauão panellas de poluora com que derão n'elles. Ao que ouve grande aluoroço e acodirão muytos imigos, com que ouve grande peleja em quanto os negros desfizerão a tranqueira derrubando o repairo; e porque os mouros muyto crecerão, o capitão mandou tanger huma trombeta do muro, e se recolherão sempre pelejando, até passar o canto da torre, que tinha dous tiros; com que os mouros se tornarão atrás, ficando muytos mortos e feridos, e dos nossos sómente cinqo feridos. Mas como os trabalhadores erão muytos, logo tornarão a fazer o repairo, a que os nossos sayrão outras duas vezes, que nada prestaua por os mouros serem muytos, e cada vez mais crecião, e derão muyta pressa no repairo, com que o fizerão.

Os mouros forão muyto rogar a ElRey, que estaua d'ahy seis legoas, que se fosse pera' cidade, porque estando elle presente toda a gente tomaria grande esforço pera logo tomarem a forteleza; porque o italiano assentou tres estancias d'artelharia contra a forteleza, huma diante, e as outras das ilhargas ao longo da praya, em que auia passante de cen-

to e cincoenta tiros, de que sómente auia sessenta peças que tirauão pilouros da grandura de bola, e mayores, que erão alguns tiros nossos; e fez pontaria com seus bombardeiros, apontando nas nossas peças per [1] *baixo* pera as cegarem, e á outra artelharia miuda per cyma polas amêas; e disse aos mouros que nom auia de dar a bataria sem primeyro vir ElRey, que visse como em huma hora derrubaua a forteleza no chão. O que os mouros assy o muyto certificarão a ElRey, que a ysso logo veo, trazendo em sua companhia dez mil naires; e no arrayal estauão naires e mouros que passauão de vinte mil, e nom ajuntauão mais gente pola falta que auia de mantimento.

D'esta cousa da bataria, e vinda d'ElRey, o jogue deu auiso a dom João de Lima, e que lhe tinhão tomado ponto com os tiros de fóra em toda sua artelharia, com que esperauão de lhe quebrar toda, e derrubar as paredes, e então os virem entrar. Do que dom João foy muy agastado, e falou sobre ysso com o condestabre, e com os bombardeiros, e com os fidalgos, em que ouverão acordo que as bombardeiras fossem atupidas com entulhos de maçames, que se podião fazer, que os tiros de fóra nom empecessem nada; o que logo se pôs em obra de muyto cairo e cordas que desfizerão, e se concertarão o milhor que puderão. Ao outro dia ElRey se pôs de longe d'onde podia vêr. Então veo toda' sua gente dar mostra, que tudo era cuberto de gente, que estauão além dos vallados, a que os falcões das torres fizerão alguns tiros, com que os fazião espalhar polo campo. E sendo as oito horas do dia derão do arrayal grandes gritas com seus tangeres, e logo derão fogo todas as estancias dos mouros, que foy cousa espantosa, com tantos pilouros que batião polos muros e torres como se forão malhos de treuas; e passaria mea hora em dar esta sorriada, esperando que esclarecesse o fumo pera verem a forteleza espedaçada como elles cuidauão; mas sendo o fumo apartado das estancias, logo da forteleza lhe foy feita cortesia com corenta peças grossas, que a forteleza tinha per baixo e nas torres, que derão polas estancias, que quebrarão e torcerão muyta artelharia dos mouros, e desenceparão, e matarão e ferirão muyta gente. Os mouros ficarão muy espantados vendo que sua artelharia nom fizera mal á nossa, e as paredes da forteleza sómente tinhão sinaes dos pilouros, que jazião caydos ao pé do muro, e

[1] *caixo* Autogr.

sómente algumas amêas derrubadas, e os nossos tiros lhe fazião tanto mal. Nem por ysso deixarão de todo o dia tirar quanto podião por todas partes; o que assy tambem fazião os nossos, que muyto mais mal lhe fazião: o que durou todo o dia até noite. D'esta bataria forão mortos no muro tres homens, e muytos feridos dos pedaços das pedras que quebrauão das amêas; mas todo o prazer dos nossos foy ficarem os tiros sãos.

Quando disserão a ElRey que a forteleza nom era derrubada fiqou muyto agastado, dizendo aos seus que tudo erão mentiras quanto lhe dizião, e assy auia de ser a tomada da forteleza. O italiano, sabendo ysto, foy falar a ElRey, dizendo que se agastaua sem rezão, porque huma forteleza nom se tomaua em hum dia, nem mezes, senão em muyto tempo, e com muytos trabalhos, e mortes de muyta gente; que por tanto nom se agastasse, que muyto tempo tinhão, e que tantos arteficios faria até que nom ficasse cousa viua dentro na forteleza; então a mandaria tomar polos seus escrauos. ElRey lhe mostrou fauor polo mais esforçar. O qual logo mandou correr as cauas até o muro, determinando minar a forteleza e a derrubar com minas de poluora; com que vierão com huma grande manta rasa polo chão, que corria sobre rodas resteiras, com que vierão abrindo caua até chegar ao pé. O que os nossos vendo, estauão já prestes com muytos feixes de leynha miuda, que fizerão, e dentro n'elles saquinhos de poluora, e tinhão panellas chêas de brazido, que deitando a leynha que cayo sobre a manta, e sobre ella os callões de brasas, se acendeo grande fogo, que per antre os buraqos da manta escaldou os que andauão debaixo, com que fogirão todos e a manta fiqou ardendo, que por ter muyta madeira fez muy grande fogo. Ao que os mouros acodirão, e vendo que o nom podião apagar acodirão com muyta leynha pera fazer grande fogo com que queimassem a parede da forteleza; ao que os nossos acodirão deitando tanta agoa, e chuva que sobreueo, com que o fogo foy morto. E n'esta enuolta os nossos do muro com as espingardas * tirauão * aos que vinhão com a leynha, que ficarão muytos mortos; ao que os nossos dauão apupadas, e fazião homens de palha que amostrauão antre as amêas, a que os mouros tirauão muytas espingardas, ao que os nossos estauão prestes com as espingardas, que os mouros se descobrindo, pera tirar aos homens de palha, os nossos lhe tirauão. Com o qual engano matauão muytos, até que os mouros entenderão a cousa do engano.

Então o italiano pôs em obra e assentou o trabuqo detrás do repairo, que era tão alto que os nossos o nom podião ver, senão o braço ou picota acabando de deitar a pedra, que era muy grande e medonha de a ver quando vinha polo ar, que trazia grande zonido. Com que no primeyro dia deitarão oito pedras dentro na forteleza, que tres acertarão na torre da menagem, que lhe derribarão tres amêas e grande parte da parede, e outra deu no terrado, que [1] *calou* abaixo, e foy grande milagre nom arrombar o sobrado; e outras cayrão nas casas, que tudo esmiuçauão. O que meteo muy grande espanto aos nossos, porque matarão cinqo pessoas, que com medo toda a gente se recolhia ás logias das torres, em que estauão muy apertados, que nom cabião. E forão postos em muyto trabalho em mudar a poluora da torre da menagem á logia de huma torre, porque 'agoa da chuva a nom molhasse; [2] *e* tinhão vigias que vendo desparar a pedra bradauão: guarda! guarda pedra! E de dia nom era tanto o mal como de noite, que o trabuqo tiraua e nom vião as pedras. O condestabre, chamado Fernão Peres, que era grande homem de seu officio, vendo toda a gente em tanta trouação e tão grande perigo, se foy ao terrado da torre da menagem, e deuotamente se encomendando a Nossa Senhora, como todos fazião, com os falcões fez tres tiros, apontando na picota quando ficaua aleuantada acabando de deitar a pedra; e aprouve a Nossa Senhora que com hum tiro acertou a picota, que a quebrou, e cayo sobre o repairo, que o quebrou todo até baixo, com que fiqou o trabuquo descuberto. Ao que deceo prestesmente, e deu fogo a huma mea espera que estaua na torre, e aprouve á misericordia de Nosso Senhor que acertou n'armação do trabuqo, que o espedaçou, e os pedaços e rachas da madeira matarão e ferirão mais de cento, porque estaua muyta gente que trabalhaua no trabuquo. Ao que os nossos derão grande apupada, e muytos louvores a Nosso Senhor polos liurar de tal perigo; e o capitão, com todos, se forão á ygreija dizer a salua com muyta deuação. E o capitão deu ao condestabre huma cadêa d'ouro de trinta cruzados, e os outros fidalgos lhe derão muytas peças de seus vestidos, com que andaua muyto fauorecido, e trabalhaua de dia e de noite fazendo muytos tiros ao arrayal, e de dia apontaua os tiros e de noite lhe daua fogo, com que mataua muyta gente.

Então os mouros fizerão duas mantas assy grandes, resteiras, sobre

[1] *cabou* Autogr. [2] *que* Id.

rodas, com que corrião por cyma das cauas, que fazião correr muyta gente que andaua de baixo. Das quaes mantas forrarão as vigas por cyma de pasta de ferro, por amor do fogo. Com as quaes chegarão aó pé do muro, que começarão a picar pera minar. Do que os nossos auendo grande medo, dom Vasco se fez prestes com setenta homens, corenta d'elles espingardeiros, e nos muros todos os nossos com espingardas, e leuou dom Vasco vinte negros, cada hum com dous atados de leynha, e dentro atados de poluora, e atados derrador dos negros baldes de coiro com panellas de poluora e murrões acesos; que ouve negros tão valentes e bons homens que se atreuerão a hir n'este risco.

E sayo dom Vasco depois de jantar, e leuando os negros emparados da banda da forteleza e os espingardeiros da outra banda, e elle diante, que os mouros bem conhecião polas armas; e correo ao longo das cauas até chegar ás mantas, onde as cauas estauão chêas de gente que trabalhauão, e muytos mouros de zagunchos e espingardas que fortemente tirauão; mas os nossos, que ficauão sobre elles, ás lançadas os fizerão fogir, e s'emparauão debaixo das mantas; ao que os negros acodirão com as panellas de poluora, com que todos fogirão. Então deitarão os feixes de leynha debaixo das mantas, que estauão em duas cauas huma junto da outra, e os nossos ficarão em meo, saluos de moltidão de mouros que acodirão, e * nom * podião chegar aos nossos porque as cauas erão largas; com * que * o fogo foy posto, a que os mouros nom poderão acodir, que forão ambas queimadas. Com que dom Vasco se tornou a recolher, leuando os negros emparados antre os homens; em que todo o feito foy espingardadas, de que ficarão mortos tres portugueses, e dentro na forteleza morrerão cinqo, e quatro negros, e feridos passante de vinte; porque ao recolher forão tantos os pilouros das espingardas, e frechadas, que casy dom Vasco, e todos, estiuerão tomados dos muytos mouros que acodirão, que postoque muytos cayão das nossas espingardas, nem por ysso mingoauão, mas crecião; mas chegando assy desmandados ao canto da torre, desparou hum camello que derrubou muytos, com que os outros se retiuerão, com que os nossos se recolherão. Aquy foy dom Vasco ferido de tres espingardadas, que huma lhe chegou ao hombro esquerdo, pouqua cousa; e dos mouros muytos mortos, feridos, que n'elles nom fazia mingoa, sómente terem algum medo ao pelejar, porque as nossas espingardas fazião grande obra.

N'este dia foy ferido o italiano de hum pilouro d'espingarda perdido, que o alcançou lá fóra dos vallados, que lhe deu em hum cotouello, que esteue muytos dias que se nom aleuantou, e o trazião em hum andor, que andaua dando auiamento aos carpinteiros, que fazião tres trabuqos. E foy grande bem que Nosso Senhor fez aos nossos por o italiano assy estar ferido, que deu grande desauiamento á sua obra.

Do que o jogue veo dar noua aos nossos, que ouverão muy grande prazer: onde o jogue leuou huma ola de dom João, em que lhe muyto encomendaua qne se fosse a Cochym ao Gouernador, a que contasse o ponto em que estaua a forteleza, e que se o trabuqo nom fôra quebrado a forteleza fôra confondida, e todos mortos; e se fazião tres trabuqos, que se os mouros os assentassem que em dous dias tudo seria acabado; que por tanto acodisse com o secorro que fosse possiuel; que qualquer que fosse de nauios que do mar tirassem ao arrayal lhe farião grande mal, porque os mouros nom tinhão nenhum emparo da banda do mar.

Sempre os mouros, de dia e de noite, nom cessauão de tirar á forteleza; com que já tinhão quebradas todas as amêas e muyta parte do peitoril, que os nossos já nom podião andar polo muro, e dos pilouros que entrauão na forteleza todolas casas erão quebradas, que causaua muyta lama, que era tudo como chiqueiro de porqos; e porque os sobrados das torres erão rotos dos pilouros, a chuva passaua abaixo, com que se perderão todos os arrozes, com que lh'entrou de nouo a fome, que nenhum repairo auia pera nenhum doente de nenhuma calidade. Com que dentro na forteleza já erão mortas mais de cincoenta pessoas, e os mais d'elles escrauos, que todos morrião ao desemparo de remedio, e entrando a fome o mal era dobrado.

Os mouros se meterão em acupação de atupir algumas cauas pera poderem acodir e pelejar com os nossos; ao que os nossos lhe fizerão muyto mal aos que carretauão a terra, e muyto mais lhe fizerão se nom ouvera regra no tirar, porque a poluora hia faltando, e auia muytas espingardas arrebentadas e outras sem coronhas, que se desaparelhauão porque nom auia homem d'espingarda que nom tirasse cada dia de cem tiros acyma; e porque estas faltas se hião mostrando o capitão foy pondo regra em tudo.

O Gouernador em Cochym bem sabia do grande cerquo que estaua

sobre a forteleza, porque ElRey de Cochym de tudo lhe daua noua, que lhe trazião homens seus que elle a ysso mandára andar em Calecut dessimuladamente, que lhe tudo contauão, e disserão do mal que fazia o trabuqo que quebrou; com que o Gouernador estaua muy agastado, e mórmente por nom saber o como estauão os portugueses. Ao qual tempo chegou o bom de Duarte Fernandes de Lima, assy em seu vestido de jogue, que deu ao Gouernador a ola de dom João, com que o Gouernador foy muy agastado, e lhe respondeo com grandes esforços, e prometimentos de secorro como o tempo désse algum jazigo, porque ysto era já em fim de junho, que era a força do inuerno; em què o Gouernador sempre trabalhou em concertar 'armada, e logo pôs no mar duas carauellas latinas, que concertou cada huma com seis peças grossas, e falcões e berços, e em cada huma meteo seis pipas de poluora de bombarda e huma pipa de espingarda, e chumbo, e repairos laurados pera 'artelharia, e as carregou de biscoito, açuquere, manteiga, e carnes, e pescados seqos, as quaes auiou, que em dezesete dias de julho sayrão fóra de Cochym, como adiante direy.

Heytor da Silueira, nobre fidalgo, capitão de Cananor, que secretamente mandaua saber de como os nossos estauão, porque os mouros de Cananor muyto se affirmauão que a forteleza seria tomada, porque ElRey estaua presente, e tinha sobre a forteleza sessenta mil homens, com muyta artelharia, o que bem sabia Heytor da Silueira o de fóra, mas nom sabia o de dentro da forteleza, que elle bem entendia como podião estar com tão grande cerquo; polo que mandou concertar duas grandes almadias, e lhe fazer os bordos altos, com arrombadas de gunes breados, por lhé nom entrar agoa, e em cada almadia doze pescadores, valentes remeiros, a que daua cada dia a cada hum huma tanga e comer, e a cada hum dous pardaos pera deixarem a suas molheres; e em cada almadia meteo hum homem português, em huma hum Diogo Coruo, e em outra Manuel Aluares, marinheiro, grande nadador, que lhe muyto bem pagou; e em cada almadia meteo grandes panellas cheas de galinhas de molho, e ouos, e açuquere, e carne, e pescado seqo, e jarras de coiro, de manteiga, e fardos de biscoito e arroz, encoirados por amor da chuua, e em cyma leuauão olas tecidas, que muyto defendião 'agoa da chuua; e arroz cozido em panellas pera os remeiros, e coqos, e auila, que he arroz molle pisado.

E quando os pescadores quiserão partirão, porque de Cananor a Calecut erão sómente doze legoas, que elles remauão em meo dia e huma noite: e *leuauão* seu masto, e vela que dauão quando lhe seruia o vento, e com a vela fazião tenda quando nom remauão e se cobrião da chuva; e partirão de Cananor pola menhã, que de noite chegarão a Calecut, que fazia grande escuro e chuva, que os do arrayal estauão cubertos e fóra de cuidar que auião de hir almadias em tal tempo. Os pescadores sabião muy bem a terra, e forão remando muyto passo, sem erguerem os remos d'agoa porque os nom vissem, e chegarão defronte da forteleza, onde hum pescador foy a nado, que sabia falar portuguès, e foy com elle o Manuel Aluares, que entrarão pola coiraça, e falarão passo aos do muro, que logo forão dizer ą dom João, que com dom Vasco e outro foy á porta, e os marinheiros a nado trouxerão tudo a terra, que recolherão dentro. Com que ouve muy grande prazer na forteleza, e dom João deu vinte pardaos aos pescadores, e pannos, e escreueo a Heytor da Silueira o ponto em que estaua, e com seu secorro dera tanto prazer e esforço á gente como se entrarão cem homens; e lhe mandou dizer que lhe acodisse com espingardas, e lhe mandou muytas pera fazer coronhas, e despedio as almadias assy de noite, que nom forão vistas, que ao outro dia chegarão a Cananor anoitecendo. De que Heytor da Silueira ouve muyto prazer porque assy bem arrecadarão, e logo as tornou a mandar assy carregadas, e com cinqoenta espingardas muyto bem concertadas, e quatro barrís de poluora d'ellas, e duzentos murrões, e chumbo, e todo o mais quanto mantimento puderão leuar; que assy forão a Calecut, e chegarão de noite. Mas os mouros do arrayal tinhão já auiso dos mouros de Cananor d'estas almadias que forão, e tinhão n'ellas grande vigia; com que d'esta vez forão sentidas, e acodirão muytos mouros, tirandolhe de longe muytos tiros assy perdidos 'acertar, e espingardadas; mas sendo sentido na forteleza, logo o capitão abrio o postigo, e pola coiraça recolherão tudo com muyto trabalho, porque os pescadores auião medo dos tiros; polo que logo se tornarão. E os nossos tomarão muy grande esforço com verem que lhe acodião, e Heytor da Silueira lhe escreuia que estaua já prestes pera acodir, como o tempo lhe désse lugar. Com estas visitações d'estas almadias Heytor da Silueira fez grande bem aos nossos, mórmente aos doentes, pera que mandaua mezinhas e conseruas; o que assy sempre fez, postoque depois n'ysto auia muyto tra-

balho, porque acodião muytos mouros a defender que as almadias nom chegassem.

O Gouernador, que estaua em Cochym, com grande pressa deu auiamento ás carauellas assy concertadas, como já disse, que sayrão pola barra fóra a dezesete de julho, que o tempo deu algum jazigo como sayrão, e n'ellas por capitães Christouão Jusarte, e Duarte da Fonseca, bons caualleiros, que cada hum leuou corenta homens; aos quaes o Gouernador mandou que fossem sorgir defronte da forteleza de Calecut, onde lhe milhor parecesse, d'onde pudessem tirar ao arrayal dos mouros, e que muyto trabalhassem por meter dentro na forteleza as monições e mantimentos que leuauão. Os quaes chegarão a Calecut já na fim de julho por caso dos roins tempos que fazião, que de Cochym a Calecut erão sómente vinte e oito legoas; onde chegados, os nossos ouverão muyto prazer, e sorgirão onde lhe bem pareceo, onde logo começarão a fazer obra com os tiros, com que fizerão muyto mal no arrayal e quebrarão um trabuquo nouo que então os mouros assentauão; porque vendo elles que se chegaua o verão, em que auia de hir o secorro, se puserão os mouros em grande trabalho de primeyro tomar a forteleza, que vendo o grande mal que fazia na forteleza o trabuqo que quebrarão, logo o italiano, assy ferido como andaua, ordenou e fez tres trabuqos, que começaua 'assentar quando as carauellas chegarão; que com o grande mal que lhe fazião do mar com 'artelharia meterão muyta gente em grande trabalho a fazer repairos e emparos da banda do mar, com altos vallados de terra, muy grossos, onde assentarão muytos tiros com que tirauão ás carauellas. Mas antes que os mouros ysto acabassem, tanto os capitães das carauellas trabalharão que de noite nos baleis, hindo elles em pessoa, deitando homens a nado souberão o muyto aperto em que a forteleza estaua, mórmente muytos homens doentes, que já muytos erão mortos depois que mingoou o mantimento, que nom auia na forteleza cento e cincoenta homens que pudessem pelejar; polo que, com muyto trabalho dos tiros e espingardas, e com muyto trabalho do mar, deitarão o que leuauão dentro na coiraça; ao que sayo dom Vasco de Lima ao recolher, em que lhe matarão dous homens e ferirão outros, e nos baleis forão mortos quatro [1] * remeiros * marinheiros da terra: com que se recolherão.

[1] * reyros * Autogr.

Christouão Jusarte, sabendo a pouqa gente que estaua na forteleza, que erão mortos e doentes, lhe pareceo seruiço de Deos e d'ElRey meterse dentro na forteleza, que seria grande fauor e esforço aos que estauão dentro. O que falou com Duarte da Fonseca, capitão da outra carauella, o qual, arreceando este tamanho trabalho e tão certo perigo, se escusou, dizendo que o Gouernador tal lhe nom mandára, sómente que do mar com 'artelharia guerreasse o arrayal; que por tanto elle nom auia de fazer outra cousa. Christouão Jusarte lhe dixe que o Gouernador nom sabia o aperto em que estaua a forteleza, que se o soubera mandára outra cousa, que era elles com sua gente se deitarem dentro na forteleza; e por ysso os mandára a elles, que pera tirar do mar ao arrayal bastaua mandar sómente bombardeiros; mas pois que estauão vendo com os olhos quanto compria ao seruiço d'ElRey deitaremse dentro na forteleza, elle o determinaua fazer com homens que tinha, os que por sua vontade o quigessem fazer; que por tanto elle fizesse o que lhe bem viesse: com o que se foy á sua carauella. Os homens que estauão com Duarte da Fonseca, auendo enueja a tão honrado feito como queria fazer Christouão Jusarte, aprofiarão com Duarte da Fonseca que tambem assy o deuia fazer; que olhasse em que abatimento ficaua sua honra em Christouão Jusarte sayr em terra e elle ficar no mar; que por tanto, se elle nom queria e arreceaua o perigo, a elles désse licença pera hirem com Christouão Jusarte. Sobre o que ouve taes debates que o Duarte da Fonseca determinou de tambem hir a terra, e se meteo no batel, e se foy falar com Christouão Jusarte que fossem ambos, que os seus soldados lho muyto requerião. Com que todos ouverão seu concerto que deixassem os mestres por capitães das carauellas, fazendo sua obra de sempre tirar ao arrayal; mas que era necessario o fazer saber a dom João de Lima, e sayrem assy como elle mandasse. O que assy a todos pareceo bem; o que lhe escreuerão per huma carta, que n'esta noite lhe mandarão per hum marinheiro a nado, e dom João lhe respondeo que n'ysso fazião hum muy assinado seruiço a Deos e a ElRey, pola muyta necessidade em que estaua aquella forteleza; e que o bom seria desembarqar á tarde, que o vento era do mar. Com a qual reposta os capitães se fizerão prestes com os homens que com elles quiserão hir, e armados e concertados, Christouão Jusarte no seu batel com sua gente se foy a bordo de Duarte da Fonseca, pera hirem ambos assy como estauão concertados.

Mas Duarte da Fonseca parece que tomou outro conselho, e chegando Christouão Jusarte lhe dixe que elle tinha bem cuidado em sua hida a terra, e que lhe parecia grande erro que elle o fizesse; porque elle o nom queria fazer, porque já podia ser que o Gouernador o aueria por mal hirem a terra sem sua licença. Christouão Jusarte era bom caualleiro, e lhe respondeo: «Esse erro nom hey eu de fazer a minha honra. E seja» «o que for, porque do Gouernador bem sey que não tão sómente nos-» «sas pessoas, mas estas carauellas assy como estão, se fôra possiuel,» «elle muyto folgára as metermos n'aquelle arrayal; e se al rapazes ju-» «deos o contrairo vos conselharem os nom deueys de ouvir n'esta cou-» «sa, que tanto toqa a vossa honra. E por tanto embarcaiuos, e vamos» «fazer tão bom seruiço a Deos e a ElRey, e nom percaes tamanha hon-» «ra; e se a nom quereys ganhar encomendainos a Deos.» E com ysto mandou remar pera terra, com trinta e oito homens que leuaua bem armados, com que foy falando, e os mandou abaixar, e as lanças baixas por amor dos tiros da terra, e se algum fosse contra sua vontade o dixesse, que o tornaria a pôr na carauella, que nom queria ser encargo a ninguem de sua vida: «porque, com ajuda da misericordia de Nosso» «Senhor, eu hey de entrar n'aquella forteleza ou sobre ysso hey de mor-» «rer; porque morrendo Nosso Senhor fará bem a minha alma, e se vi-» «uer cá faço bem a minha honra, e tambem a ganharão os que me aju-» «darem, nom temendo a morte, que tão certa está na guerra como na» «cama quando a Deos apraz. E nos ganharemos toda a honra que per-» «dem os que fiqão na carauella, que nom confiarão no grande poder» «de Nosso Senhor.»

Ao que lhe respondeo Anrique de Sequeira, valente mancebo, que n'este feito morreo, e lhe dixe: «Senhor, eu som o somenos dos que» «aquy himos, e se nom tiuerão todos a vontade que vós tendes nom» «nos embarcaramos; e por tanto nom se perqua o tempo. Vamos nos-» «so caminho pera o parayso, pois himos seruir a Deos e ajudar nos-» «sos proximos.» E mandarão remar rijo, *a* chegar a terra. Os mouros, vendo que o batel cometia hir a terra, acodirão per ambas partes mais de dous mil, que forão dar na [1] *coiraça e derribando as pipas chegarão* na borda d'agoa. Os tiros das torres, que guardauão a coi-

[1] *coiraça a derribando as pipas. E chegaram* Autogr.

raça, despararão, que matarão gente que fiqou o campo cuberto; o que nom fez mingoa nos que ficarão em pé, que tomarão toda a praya.

Dom João de Lima, que via todo o que fazia o batel, pôs os espingardeiros no muro, e mandou ter muyta vigia, e pôs tudo a bom recado, e foy ao postigo com dom Vasco, com todos os principaes fidalgos que tinha, dos que atrás nomeey, e todos forão até corenta homens. Os mouros apontarão e tirarão ao batel, que sendo perto hum * tiro * lhe acertou, que leuou dous homens em pedaços, e quebrou muytas lanças, que foy mór perda; e sobre o batel veo huma nuvem de frechas que o cobrio, e muytos pilouros da espingardaria dos mouros, que estauão prestes. Com que ouve cinquo feridos; e comtudo os nossos, ajudados do fauor que lhe Nosso Senhor daua, mandarão remar rijo com a vaga do mar, que os leuou a encalhar na praya. Ao que acodirão os mouros, que o tomarão ás mãos porque o nom tornasse a leuar a resaqua da onda; ao que os nossos, com as lanças á mão tenente, saltarão sobre os mouros, que com grande trabalho os fizerão largar do batel, com que pudessem abaixar as lanças; que os mouros erão tantos que nom podião recuar atrás. Os marinheiros portugueses, que erão seis que hião[1] * armados, largando * os remos sayrão com lanças e panellas de poluora acesas, que leuauão em baldes de coiro, com que queimarão muytos dos mouros porque nom podião fogir. Outros seis remeiros canarys, de dentro do batel, deitauão muytas panellas sobre os mouros, com que os desatinauão fogindo. No que assy estando, veo huma onda que chegou ao batel e o tornou a leuar pera o mar; ao que os canarys tanto trabalharão que se sayrão do rolo do mar, remando quanto podião, e se afastarão, estando olhando como os nossos pelejauão antre tantos mouros; que nom parecião, porque os mouros, que nom podião chegar a ferir, deitauão tanta arêa que os cegauão; e tão apertados huns com outros que se nom podião ferir, e hião tomados ás mãos; com que n'este aperto muyto se ajudarão de punhaes e adagas que todos leuauão, com que muyto ferião os mouros. Hum Nuno Castanho, marinheiro, que sayo com huma espada d'ambas as mãos, teue tanto poder que ficando antre os mouros queimados, ferindo n'elles, fez campo, com que jogou da espada, fazendo façanha, cortando nos mouros que lhe nom podião fogir; com que

[1] * armados que largando * Autogr.

alguns dos nossos poderão abaixar as lanças, com que ferião nos mouros á sua vontade; mas os mouros que nom podião chegar deitauão muytos zagunchos d'arremesso, com que ferião os nossos e os seus. Em quanto ysto era, os tiros da forteleza fazião nos mouros grande mortindade; mas por assy serem muytos, que acodião huns sobre outros, nom mingoauão. Tambem os mouros do arrayal por todas partes dauão bataria, que tambem a forteleza por todas partes lhe respondia.

Dom Vasco, vendo que os nossos erão desembarcados e andauão afogados antre os mouros, arremeteo com os mouros chamando Santiago, e com elle Jorge de Lima, Antonio de Mello, Fernão de Lima, Manuel de Mendoça, Antonio de Serpa, Antonio Rabelo, feitor, Duarte de Faria, Fernão de Mello, Diogo Pires d'Azeuedo, e outros valentes caualleiros, que com grande animo derão nos mouros tão fortemente que os fizerão afastar como em procissão; com que chegarão a Christouão Jusarte, que hia já com duas feridas, e Anrique de Sequeira com huma zagunchada de que cayo morto, Manuel Aluares, Christouão Antunes, Fernão Furtado, e outros, que se ajuntando dom Vasco, Fernão de Lima, João Rabelo, e todos, fazião façanhas, com que se forão chegando pera o postigo, em que os mouros muyto apertarão, em que * com * muyto perigo e grande trabalho, pelejando com o rostro pera os mouros e as costas pera o postigo, se recolherão da companhia de Christouão Jusarte sómente vinte e tres, e quinze ficarão mortos, e os recolhidos todos feridos, que depois alguns morrerão; e da companhia de dom Vasco morrerão cinqo. Assy que este dia custou vinte e seis portugueses, com os que depois das feridas morrerão, polo pouqo remedio de cura que tinhão.

Os que escaparão da carauella forão Christouão Jusarte, Manuel Aluares, que se chamaua o Escudeiro, Ruy Freire, Diogo das Vistas, Duarte Ferreira, Fernão Correa, Antonio Paçanha, Christouão Antunes, Francisco Soares, Fernão Furtado, Francisco Carualho, Artur de Crasto, Fernão de Barbuda, Pero Estaço, Christouão Figueira. Trabalhey por saber os nomes dos viuos por lembrança de tão famoso feito d'homens, que nom temerão as mortes tão manifestas a seus olhos, * e * cometer tamanha moltidão de mouros. Os enuejosos profaçarão d'este feito, julgando por erro este feito, dizendo que nom fôra cousa de caualleiro cometer cousa tão desarrezoada, e que merecia castigo; mas outros dizião que tal erro fizessem sempre seus filhos.

O Rey de Calecut disse que pois trinta portugueses nom tiuerão medo a tantos mouros, e por força, pelejando com todos, se meterão na forteleza, muyto pior seria quando viesse o Gouernador com tanta gente como tinha. Do que fiqou muyto espantado, e dizia que os portugueses lhe nom doyão as carnes senão quando cayão mortos.

Os negros do batel, que estiuerão olhando até que virão os nossos entrados na forteleza, se tornarão pera' carauella, e passando junto da carauella de Duarte da Fonseca forão muyto contentes, e apupauão aos da carauella, dizendo: «Nossa gente pelejar, vós outros estar olhar.» Ao que responderão alguns, que estauão magoados de nom hir seu capitão a terra, *e* por zombar d'elle falarão aos do batel, dizendo: «Andar pera perros. Aquelles são homens paruos, doudos; nós bons» «sesudos.»

Os mouros ficarão muy enuergonhados nom serem poderosos a defender a trinta portugueses que nom entrassem na forteleza, e ElRey que lho dizia, e estaua muy desconfiado d'elles pera quando fosse mais secorro, que o Gouernador auia de leuar. Os mouros dizião que os portugueses erão cafres bestiaes, que nom tinhão rezão d'homens, que com as tripas fóra pelejauão. Mas elles todos tinhão grande arreceo á vinda do Gouernador; ao que se muyto apercebião, e falando com o italiano que mandaua fazer os trabuqos, em tanto fez ajuntar infinidade de trabalhadores, e foy fazendo hum vallado de terra, detrás do qual os trabalhadores andauão cubertos dos nossos tiros, todos com cestos carretando terra, que deitauão por cyma da outra, com mestura de pedregulho, e rama, e páos; com que foy crecendo e fazendo altura como huma serra, que se foy aleuantando tanto como a forteleza. O que vendo dom João, bem entendeo que com aquella serra de terra se auião de vir chegando até chegar á forteleza; que este foy o modo que o Turquo teue na tomada de Rodes; e estauão todos com grande medo porque nom podião registir a tamanho mal, e chamauão pola misericordia de Nosso Senhor que lhe aprouesse lhe valer; que veo tanta chuva que entrou pola terra, que era assy leuadiça, que fez tamanha lama que atolauão os trabalhadores até a cinta; com que nom puderão mais trabalhar. O que vendo os mouros que se lhe passaua o seu tempo do que podião fazer, e se chegaua *o* dos nossos serem secorridos, muyto *se* secorrião ao italiano, a que dauão muyto dinheiro; o qual deixou 'acupação da terra,

e ordenou acabar dous trabucos que tinha começados, que prestesmente forão acabados, e os puserão ambos da banda da cidade, porque as pedras que passassem a forteleza fossem dar sobre a coiraça e na desembarcação, e as que acertassem no muro e torres serião tantas que tudo derrubarião por terra. E forão assentados os trabuqos no primeyro d'agosto, detrás de grandes bastiães que armarão sobre vallados de terra, em modo que da forteleza nom erão vistos senão as pontas das picotas quando deitauão as pedras, que erão muytas, mas nom tamanhas como o primeyro trabuqo, que onde acertauão tudo [1] *leuauão* abaixo, mas estas d'estes trabuqos, que erão mais pequenas, nom fazião tanto mal, mais que serem muytas, que na forteleza nom andauão senão com os olhos nas pedras; com que erão postos em muyta apressão.

Diogo Pires, condestabre, per conselho de hum mancebo framengo criado de Manuel Cirniche, que sayo com elle em terra e o sempre acompanhou até que morreo, *e* o mancebo entendia alguma cousa de arteficios de fogo, elle com o condestabre ordenarão humas bombas de materiaes, que punhão grossas astes que metião nas bocas dos camellos, que com pouqa poluora, porque fossem fraqos, os deitauão sobre as cauas, com que queimarão muytos mouros; e vendo que a obra era boa o capitão mandou fazer muytos, que todo hum dia dous camellos deitarão estas bombas com que tirarão aos bastiães, e per acerto cayrão sobre as armações da madeira de hum trabuqo, que se quebrarão e cayrão sobre huma casa d'alpendre d'ola, que ao pé do trabuqo tinhão, onde dormia a gente que trabalhaua com o trabuquo, e se colhião da chuva; onde dando o fogo na ola se acendeo de tal maneyra que ardeo a casa e trabuqo, sem lhe poderem valer, e a madeira do bastião, que era muyta, que fez grande fogo que durou casy toda a noite, que á claridade d'elle os nossos camellos tirauão aos mouros que parecião, a que fizerão grande mal. Polo que os mouros, com este medo, arredarão mais o outro trabuquo, e fizerão grande repairo, com que os nossos nunqua lho poderão pescar, mas nom fazião com elle muyto mal porque nom tirauão muyto certo; que sem duvida se os trabuqos ambos tirarão a forteleza corrèra muyto risco. E os nossos usauão muyto d'estas bombas de fogo, que deitauão nas cauas, e por detrás dos vallados, e onde querião; com que fazião muyto mal nos imigos.

[1] *leuam* Autogr.

Duarte da Fonseca, enuergonhado de nom fazer o que fizera Christouão Jusarte, falou com os seus que determinaua sayr em terra. Todos lhe disserão que farião o que elle fizesse, porque suas honras estauão gardadas em nom fazer mais que o que elle fizesse. Polo que, ao outro dia seguinte, fez prestes toda a gente pera sayr, o que vendo os da forteleza o disserão a dom João, o qual o nom consentio, e da forteleza lhe mandou capear com huma bandeyra que nom saysse. Do que ouve muyto pesar, porque ficaua com a falta de nom sayr com Christouão Jusarte. Dom João n'esta noite lhe mandou a nado huma carta, dizendo que a mandasse ao Gouernador na carauella de Christouão Jusarte; em que dizia ao Gouernador que compria que lhe mandasse corpo de gente que passasse de quinhentos homens, pera poder sayr a dar nos mouros, e hir queimar o trabuqo, que era mal sem outro remedio senão hilo queimar. Com a qual carta mandou partir a carauella de Christouão Jusarte, que elle nom ousou de hir do porto, porque nom tinha regimento pera o fazer. A qual carauella partindo ouve vista outra vela, e tornou a sorgir até chegar, que era Francisco de Vascoconcellos em huma galeota.

Porque tanto que o Gouernador despedio as carauellas logo mandou após ellas Francisco de Vascoconcellos, bom fidalgo, com boa gente, e lhe mandou que chegando a Calecut, se a forteleza estiuesse em necessidade de mais secorro, elle com Duarte da Fonseca se fossem a Cananor dizer a Heytor [1] * da Silueira * que secorresse a forteleza, porque de lá era perto * e * o podia bem fazer; a que o Gouernador escreueo sobre ysso.

Onde assy chegado Francisco de Vascoconcellos ouve conselho com Duarte da Fonseca, e assentarão que Duarte da Fonseca fosse ao Gouernador com a carta de dom João, e elle com a galeota, e carauella de Christouão Jusarte, se foy a Cananor pera Heytor da Silueira fazer o secorro á forteleza, como mandaua o Gouernador. Duarte da Fonseca chegou a Cochym em tres dias, deu a carta ao Gouernador e conta do que passaua. O Gouernador, como era homem de coração que nom estimaua nada, se mostrou menencorio contra Christouão Jusarte por quebrar seu regimento, * e * sayr em terra sem seu mandado, porque queria elle que ninguem lhe saysse do que elle mandasse; mas, por nom desfazer em

[1] * da forteleza * Autogr.

tão honrado feito, disse que o desmando de Christouão Jusarte lhe perdoaua, porque fôra causado de fineza de valente coração, vendo ante os olhos tão manifesto perigo, elle e os bons caualleiros que com elle forão, Nosso Senhor os esforçar a cometer sayrem em terra ante tanta moltidão de mouros, que nom temerão, esquecidos do perigo e lembrados de suas honras, nom estimando nada; que só o cometimento faria espanto aos mouros, quando vissem que tão pouqos homens lhe nom auião medo a sayr em terra; polo que erão dinos de toda' honra. O que assy * foy * falado de todolos fidalgos.

Mas nom foy tão falado como fôra se os que sayrão em terra forão fidalgos; e porque o nom forão, eu vi alguns d'estes, aleijados das feridas e corridos de pobreza, morrer nos espritaes; e os viuos riscados do soldo e mantimento; que assy he o regimento d'ElRey, que os homens aleijados que nom som pera seruir os risquem. E os seruiços dos pobres pequenos são os que ganhão o que os fidalgos comem. Ganhouse a India com o sangue dos pobres e homens pequenos, e os galardões e mercês faz ElRey aos fidalgos, por suas valias e aderencias. E já quero que assy seja; mas o triste soldado, que morre á fome porque lhe nom pagão, e quando morre, o que tem ganhado nos seruiços, que he seu soldo, fiqa ElRey seu herdeiro, pois nom paga o que lhes deue! Prazerá á misericordia de Nosso Senhor nom acoimar tamanho mal com algum seu açoute n'esta India? Que ella, que o causa, ella o pague, que Deos he direito juiz.

O Gouernador, com a chegada de Duarte da Fonseca, mandou partir na entrada d'agosto Francisco Pereira Pestana, que fôra capitão de Goa, que se offereceo ao Gouernador que n'ysso gastaria o que lhe ficára, que lhe o Visorey nom tomára, e deixaria de se hir pera Portugal. O que lhe o Gouernador agardeceo, porque afóra o seruiço que fazia inda emprestou ao Gouernador dez mil cruzados pera as despesas que fazia, que lhe o védor da fazenda pedio emprestados. E o Gouernador mandou embarcar gente na carauella de Duarte da Fonseca, e em hum nauio de Pero Velho, e huma barcaça de Gonçalo Paes, e Antonio da Silueira em huma galeota, e Francisco Pereira em outra, com cargo de Capitão mór do socorro até hida do Gouernador. E porque Francisco Pereira era largo no gasto todos s'embarcarão com elle, que nom cabião na galeota; que sayndo pola barra lhe quebrou o leme, e tornou pera den-

tro, e pedio ao Gouernador que lhe désse mór embarcação, em que pudesse leuar a gente e que lhe dar a comer, e nom quis hir na galeota. O Gouernador se agastou, porque queria que o secorro fosse prestesmente. Então mandou partir Antonio da Silueira com a carauella e os outros nauios, e lhe deu poder de Capitão mór até que fosse Francisco Pereira, que se fiqou apercebendo e embarcando em hum bom galeão muy armado, em que leuou passante de duzentos homens, caualleiros e fidalgos, com que fez grande gasto de mantimentos que comprou do seu dinheiro, de que carregou o galeão, e leuou huma fusta sua tambem com mantimentos, pera a tornar a mandar a Cochym e a Cananor buscar mantimentos, se lhe faltassem. E tambem foy após elle dom Afonso de Meneses na galeota, que logo concertou o leme, e Jeronymo de Sousa em outra barcaça, aos quaes o Gouernador mandou que no mar, o mais perto da terra que pudessem, tirassem ao arrayal e dessem toda' apressão que pudessem, porque nom entendessem tanto os mouros na forteleza; e ninguem saysse em terra sem seu mandado.

E partindo assy todos de Cochym, acharão os tempos mortos e com tantos contrastes de chuveiros que andarão gastando muyto tempo, e alguns tornarão a Cochym, sómente Francisco Pereira, que tudo agardaua sobre amarra, de que hia muy apercebido, e comtudo com muyta falta d'agoa, pola muyta gente que leuaua, que com muyto trabalho chegou a Calecut, onde a gente dos outros nauios, que depois chegarão, lhe hião pedir mantimento; polo que ouve muyta necessidade. Então mandaua a fusta a Cananor ao comprar, e com grandes almadias que lhe trazião o que auia mester. Polo que, em quanto durou este feito de Calecut, gastou muy grande dinheiro; o que lhe depois muyto aproueitou com ElRey, onde contra elle se fizerão grandes acusações de graues males de Goa. O que tudo lhe ElRey perdoou, e mandou queimar os autos das acusações; com que Francisco Pereira fiqou liure, e perdeo quem perdeo, que ficarão gemendo a Deos. Do que os capitães tomarão tambem exempro d'esta bondade d'ElRey, que crecerão em suas obras, que são taes como parecem, que depois forão em muyto melhoramento, como hoje em dia vedes em todolas forteleza da India.

Os mouros, vendo o pouqo que fazião com seus muytos trabalhos, pareceolhe o milhor tornar ao artificio da serra de terra que tinhão começada, porque estaua já sequa, e n'ella podião trabalhar; no que me-

terão muytos trabalhadores ao carretar da terra e deitar por diante outra, chegandose pera a forteleza, e a fazendo tão alta como os muros, que vindo assy cegando 'artelharia, e çarrando com o muro que os imigos entrassem por cyma, nom auia quem valesse aos nossos, senão a misericordia de Nosso Senhor; porque na forteleza já nom auia mais que cento e cincoenta homens que pudessem pelejar, porque todos os outros já erão mortos de feridas, de que nom tinhão o remedio de cura que auião mester, e outros doentes do muyto trabalho, e com fome, de máo comer, que sómente era arroz mal cosido, cosido á noite pera comer ao outro dia, porque de dia nom o podião cozer. E por assy serem os nossos pouqos, e fraqos, se derão por acabados se a obra fosse áuante; polo que, auendo seu acordo com todos, com grande temor de verem a morte sobre sy, logo dom João, com toda a gente, com grande trabalho toda a noite trabalharão, e sobre o muro, da banda d'albarrada, que esta serra assy feita chamauão elles albarrada, fizerão huma muy forte tranqueira de grossas vigas, atadas e pregadas, muy forte, muyto mais alta que a albarrada, que de cyma descobrião os trabalhadores, que foy entulhada, tão forte que em cyma podia tirar muyta artelharia. Ao outro dia que os mouros virão a tranqueira, derão muytas gritas de zombaria, e quiserão leuar acyma algũns tiros pera tirar á tranqueira, e nom puderão, porque a terra, que era solta, esborrondaua com elles. Mas os nossos, acabada * d' * entulhar a tranqueira, puserão em cyma seis falcões pedreiros, com que tirauão 'os trabalhadores, e com vinte espingardeiros, que com os tiros tanto fazião que os trabalhadores nom querião chegar á obra senão picados dos mouros com as lanças e frechas, que auia muytos frecheiros que por cyma da terra deitauão infinidade de frechas perdidas, com que algum mal fazião 'os nossos; o que nom estimauão, vendo que defendião 'os trabalhadores com que a obra nom hia auante, nom cessando os * mouros * de continuamente, de dia e de noite, tirar á forteleza por todas as partes quanto podião, com que os muros tinhão tantos buraqos de pilouros que os hião desfazendo pouqo e pouqo; ao que o trabuqo muyto ajudaua, com que os nossos se vião cerquados da morte por todas partes; mas chamando por Nosso Senhor com suas orações, cada hum com direita contrição, Nosso Senhor lhe daua forças pera seus grandes trabalhos. Os do arrayal tirauão com hum camello nosso á tranqueira, e tantos tiros perdidos tirou que hum acertou, que leuou hum

pedaço de huma viga, que fez em rachas, que ferio alguns dos nossos e matou hum, e dom João, e Fernão de Lima forão feridos nos rostros das rachas do páo. E os mouros, como nom puderão fazer chegar os trabalhadores, fizerão sobir acyma da terra muytos espingardeiros que muyto tirauão aos nossos; mas hum tiro que os acertaua mataua muytos, e outros que esborrondauão pola terra abaixo. Com que os nossos lhe fazião muyto mais mal, e tambem tirando sempre com as bombas de fogo, com que muyto mal fazião.

Heytor da Silueira, capitão de Cananor, bem sabia o aperto em que estaua Calecut, e nom acodia porque nom tinha embarcações grandes; mas chegando lá Francisco de Vascoconcellos com a galeota, e carauella, se embarqou n'ella, e com seis paraos que tinha carregados de biscoito, carne, pescado, farinha, cocos, arroz, açuquere, tudo em fardos pequenos que se pudessem leuar, e muytas galinhas em molho, e ouos em panellas, e poluora, e deixando a forteleza entregue ao alcaide mór e com cem homens, com toda a mais gente se embarqou, e foy a Calecut, e sorgio perto da terra. Ao que acodirão os mouros cuidando que querião desembarqar, mas elle nom bolio comsigo, porque, em sorgindo, da forteleza lhe capearão que nom saysse. Então da galeota e carauella fez grande bataria ao arrayal, e do arrayal assy lhe tirauão muytos tiros, e como foy noite muyto mais tirou sempre, por desatinar os imigos, que perdessem o tento da desembarcação; e tinha já feito sinal que tomassem da forteleza o mantimento que [1] * leuauão * os paraos, com bons marinheiros malauares de Cananor, que forão á coiraça e desembarcarão tudo, que dom Vasco com gente recolheo polo postigo, com muy perigo dos pilouros de todas as partes, que os mouros tirauão perdidos sobre a desembarcação, porque fazia muyto escuro. E todauia tudo foy metido na forteleza; com que ouve muyto prazer, e dom João mandou dizer a Heytor da Silueira que nom tinha necessidade de mais gente, que a que tinha, pera defender a forteleza até vir o Gouernador. Com que ao outro dia Heytor da Silueira se tornou a Cananor, ficando os mouros muyto valentes, cuidando que com medo seu nom ousára a desembarquar; mas dom João mandou tirar com cocos a huns negros que [2] * passauão * polo pé do muro, que elles apanharão e leuarão, contando nó arrayal que os

[1] * leuam * Autogr. [2] * passam * Id.

nossos lhe tirarão com elles. Do que os mouros ficarão agastados, vendo que os nossos estauão tão auondados de comer que tirauão com coqos.

Francisco Pereira, com muyto trabalho do tempo, que lhe nom seruia, passou grande estrelidade de sede, pola muyta gente que leuaua, e chegou a Calecut em setembro, onde achou Duarte da Fonseca e Francisco de Vascoconcellos na galeota e carauella, que lhe derão conta do que tinhão feito, e bom socorro de mantimentos que fizera Heytor da Silueira, com que a forteleza estaua bem prouida; mas Francisco Pereira, como era homem feito á sua vontade, carregou hum parao grande, que leuaua, de mantimento, e meteo n'elle cinco marinheiros portugueses e seis malauares, e os mandou que fossem a terra e metessem na coiraça; e elle do galeão, e os outros nauios, fizerão grande bataria ao arrayal; mas os mouros, vendo o parao hir pera terra o deixarão chegar, que começou a descarregar. Do que dom João ouve paixão, porque era escusado trabalho, pois estaua prouido de mantimento. Os mouros acodirão per ambas as partes, tirando com tiros que apontarão no parao, com que forão mortos dous portugueses, e os remeiros feridos, que vendo arremeter os mouros fogirão a nado, e deixarão o parao, que os mouros leuarão abaixo da forteleza assy carregado de mantimento. Dom João ouve d'ysto muyta paixão, e elle em pessoa acodio ao postigo. Dom Vasco sayo fóra com sessenta homens, e ás lançadas, em que pès á moltidão dos mouros, recolheo o mantimento que estaua em terra. E por • que • assy acodirão muytos mouros apertarão muyto dom Vasco polo entrar; ao que acodio dom João com vinte homens, que assy com muyto trabalho os recolheo. E porque os nossos assy andauão em tanto aperto, outros mouros se atreuerão a chegar ao baluarte de madeira, que estaua diante da porta da forteleza, e lhe deitarão fogo, que logo se acendeo muy grande; de que os nossos ouverão grande medo que lhe queimasse a porta; ao que acodirão com grande trabalho com os homens com cestos d'arêa. Deitarão tanta sobre o fogo, que quis Nosso Senhor que se apagasse; ao que os mouros nom puderão registir, porque dous tiros da forteleza, que estauão d'aquella parte, e 'artelharia do mar, fizerão tamanha mortindade nos mouros, que fogirão; mas da outra banda da parte de Cochym acodirão tantos mouros que os nossos forão casy perdidos, porque depois do cerquo nom ouve outra tal peleja; porque dos mouros ficarão mortos dos tiros mais de tresentos, e com elles hum caimal, que

era seu capitão, que foy o que fez este grande aperto, que fiqou morto de huma espingardada na cabeça, que jazia vestido em huma cabaya de veludo de Meca, e pannos de seda com que vinha encachado. Sobre que acodirão muytos mouros por leuar o corpo, e nom puderão, por caso dos tiros que n'este dia tirauão com roqas de pedra, que fez esta mortindade nos mouros; e os nossos tirauão com ellas porque os pilouros nom acertassem de fazer mal aos nauios do mar. Forão mortos tres portugueses, que ficarão no campo, e feridos mais de trinta, e dom João foy ferido em huma perna, de hum pilouro perdido de espingarda, em tanta maneyra que foy necessario jazer em cama; e dom Vasco seruia de capitão.

Os mouros parentes do caimal morto, vendo que nom podião tomar o corpo, com licença d'ElRey mandarão o italiano com o Bastião Rachado, que com bandeyrinha branca chegarão a falar, pedindo paz pera tirar os corpos mortos. Dom João, que entendeo que o fazião polo caimal, e que se ally apodrecessem o fedor lhes faria muyto mal, deu licença que primeyro tirassem todos os mortos e então o caimal; o que assy se fez em paz, com que tambem os nossos mortos forão enterrados na tranqueira. E dom João mandou tirar o tauoado do baluarte, e recolheo á forteleza, e ficarão sómente os estêos, em que se nom podia acender fogo tão ligeiramente. E fiqou a cousa assy em calma de sayr fóra, sómente a continua bataria que se fazia á forteleza e assy aos nauios do mar, e os nauios tambem quanto podião com resguardo das peças que nom arrebentassem. O que assy estaua fraquo porque os mouros já desesperauão de tomar a forteleza, porque já nom auia mais ardís pera a tomar, e o italiano já nom tinha que fazer senão concertar os trabuqos, que muytas vezes se desgornicião com o muyto tirar. Com que os nossos tinhão algum refregerio em quanto nom tirauão; porque mais mal fazião os trabuqos que 'artelharia. E por nom mostrarem que estauão fraqos, fizerão outras mantas de campo com huns engenhos d'escadas pera sobir aos muros; mas tudo os nossos lhe queimarão com as bombas de fogo, que foy este arteficio o mór bem que os nossos tiuerão.

Depois de partido de Cochym Francisco Pereira, e estar em Calecut, onde tambem chegou Antonio da Silueira com os nauios que já disse, o Gouernador despedio dom Simão, Capitão mór do mar, com dezeseis velas de remo, galés, galeotas, fustas, bargantys, com muyta gente,

e mantimentos, e monições pera o cerquo; e lhe deu regimento que visitasse Calecut, e passasse, e corresse a costa e todos os rios, e todo o que tomasse no mar tudo mandasse a Calecut, e fosse queimado no mar. O qual partio de Cochym em doze de setembro, e com elle mandou recado a Francisco de Sá, capitão de Goa, que ficando em Goa a gente que lhe comprisse toda a outra mandasse a Calecut, com todos os nauios que pudesse mandar carregados de mantimentos e monições; e que sempre de Goa mandasse a Calecut quantos mantimentos pudesse mandar, mórmente arroz, em zambuqos e naos da terra, pera gasto dos marinheiros e escrauos. O que Francisco de Sá muyto fez em auondança. E o Gouernador lhe mandou recado que se hy chegassem naos do Reyno nom consentisse que a gente desembarcasse; mas que logo se fossem a Calecut. O que assy se fez, como adiante direy.

E logo de Goa partio Pero de Faria, fidalgo honrado, com vinte fustas com muyta gente dos casados, e mantimentos. O qual auiso fiqou ao capitão de Goa, que chegando nauios d'Ormuz, que descarregauão os cauallos e fazendas, os mandaua e carregaua d'arroz, e os mandaua a Calecut; o que assy fez Antonio de Miranda chegando do Estreito. O que o Gouernador todo assy mandaua porque determinaua nom vir a Calecut sem primeyro ter sobre elle todo o poder da India, polo grande poder d'imigos que estauão em Calecut, e * por saber * que no arrayal auia dous mil espingardeiros, e mais de dez mil mouros de toda a costa da India, e que ElRey os ajudaua com dez mil naires, e quando fosse a peleja serião mais de vinte mil, porque ElRey estaua no presente, e determinado a gastar todo seu poder por tomar a forteleza; do que de todo ysto o Gouernador era auisado polo bom Duarte Fernandes, que andaua em trajos de jogue; e sobre tudo o grande contraste da desembarcação, por o mar arrebentar de leuadia na praya; que era grande perigo pera gente armada. E por o Gouernador assy estar determinado nom partia de Cochym sem primeyro fazer este ajuntamento.

CAPITULO V [1].

OUTRAS COUSAS QUE SE PASSARÃO EM COCHYM N'ESTE INUERNO, QUE FAZEM A BEM D'ESTA LENDA.

Recolhido o Gouernador a Cochym, entendeo logo no corregimento d'armada, e entendeo em outras cousas que lhe pareceo que comprião a seruiço d'ElRey e bem do pouo. Mostrauase grandioso no que mandaua, muy isento, nom fazendo tanta estima dos fidalgos como estaua em costume dos Gouernadores passados, e nom tinha com elles abylidades nem praticas, e se lhes mostraua sequo; o que elle fazia porque sabia que nom erão vertuosos, antes viciosos em males de que usauão como homens valerosos nos feitos da guerra; e porque o Gouernador lhes conhecia estas opiniões lhas queria abaixar, com mostrar que os nom auia mister, e se mostraua muyto amigo do pouo e soldados, e dizia que tanta força tinha hum soldado pera pelejar como hum fidalgo; mais trabalho soffria hum soldado que hum fidalgo, e que hum soldado temia mais a Deos e a justiça que hum fidalgo. O que todo assy falaua verdade; polo que o pouo estaua muyto bem com o Gouernador e os fidalgos descontentes.

O Gouernador com os seus de sua casa tinha suas praticas e conselhos, porque erão de seu conselho e criação, per que se regia, e com elles praticaua. Erão hum Fernão Gil de Magalhães, e Lopo Toscano vêdor de sua casa, e hum Pero Gomes, que fôra coiraceiro, porque era da sua terra; e com estes hum homem cafre, que fôra da criação d'Afonso d'Alboquerque, que o seruia de copeiro. Todos estes da sua porta a dentro muyto da sua priuança e segredo, e per elles se gouernaua; e postoque assy era nem por ysso lhes daua cargos nem mercês. O Antonio Fernandes, cafre, foy acusado do máo pecado com dous escrauos seus, que com elle todos tres mandou queimar. Tomou por grandeza nom querer que lhe falassem por senhoria, e se algum lho falaua, tinha hum seu page, chamado Antonio Ferrão, que depois foy honrado casado em Goa, o qual estaua á lerta, e como hum homem falaua ao Gouernador senho-

[1] Falta no Autogr.

ria lho reprendia, dizendo que nom falasse senão por mercê; e se tornaua a falar em senhoria lhe tomaua o barrete da mão: do que de todo os fidalgos erão muy descontentes.

Francisco Pereira Pestana, que fôra capitão de Goa, era homem assy isento no falar, e hum dia falando com o Gouernador sempre lhe falou por senhoria; ao que o Gouernador lhe foy á mão, dizendo que lhe nom falasse senão por mercê, pois a senhoria era cousa emprestada até vir outro; que nom queria agora ser senhoria e depois tornar á mercê. O Francisco Pereira lhe disse: « Senhor, eu falo o que deuo, e vos-» « sa senhoria nom acerta no que assy manda; porque a senhoria nace » « com a gouernança da India, e com o Gouernador anda até que [1] * elle * » « morre; que assy o ha ElRey nosso senhor por seu seruiço, que o » « nome de senhoria ande com a gouernança da India, porque o Gouer-» « nador he mandador dos fidalgos que n'ella andão, que no sangue nom » « som somenos do Gouernador; mas pola dinidade do cargo, que sobre » « todos vos dá poder de os mandar em pessoa d'ElRey, he forçado ter-» « des este sobrenome de senhoria. Polo que tal nom podeys nem deueys » « defender, nem fazer estremos que os Gouernadores passados nom fize-» « rão; porque n'este cargo taes seruiços podeys fazer que pera sempre » « vos fique muyta senhoria. E ysto, senhor, vos digo porque sey que » « assy compre ao seruiço d'ElRey nosso senhor, a este estado da India. » « E nom digo nada do que acertaes no estremo que fazeys com tantos » « e tão honrados fidalgos, e tantos homens pera muyto estimar, que são » « os estêos d'esta casa da India, que aueys de chamar e com elles vos » « aconselhar nos casos d'este vosso cargo, que Sua Alteza assy o man-» « da nos regimentos dos Gouernadores; e aueys de pedir os conselhos » « aos homens antigos e sabidos nas cousas que tratardes d'este estado da » « India, em que os homens se criarão e enuelhecerão; pois que nos » « aueys de mandar e nós obedecermos. O que, senhor, tudo fazeys ao » « contrairo, despresando a todos, sem d'elles querer conselho, nem * vos * » « acompanhardes pera que estêm derrador de vós ao receber dos em-» « baixadores. N'estas cousas vos nom seruís senão de vossos criados: » « o que he grande agrauo pera todos os que andamos n'este seruiço com » « taes estremos e nouidades; porque a gouernança da India nom vola »

[1] * ella * Autogr.

«dá ElRey a vosso só entendimento pera o que compre a este estado,»
«de que as cousas compre que sejão muy ingiminadas, e estiladas per»
«homens sabidos e esperimentados; e quer ElRey que as cousas sejão»
«comonicadas com os fidalgos e caualleiros que as hão de trabalhar, e»
«o errar e acertar quer que seja de todos e nom de hum só; e sendo»
«comonicado e assentado por todos fica ElRey contente, que nom foy»
«por falta de conselho. Ysto, senhor, me pareceo bom vos dizer, por»
«minha obrigação e vosso amigo e seruidor.»

O Gouernador, como era muyto desconfiado de sua propria condição, em estremo soffrio muyto agastamento em quanto lhe falou Francisco Pereira, e lhe respondeo como homem mais entendido, dobrando as falas com meo riso, como homem mancebo que zomba de velho, dizendo: «Bem me parece o que falastes. Assy quisera eu que vós obráres» «nos lugares que vós gouernastes, porque se vossas cousas fizeres pera» «vós com esses bons conselhos que apontaes pera mym, nom vos fize-» «ra o Visorey tantas execuções. Escusai de me falar semelhantes cou-» «sas senão quando volas pedir; porque d'outra maneyra me farés pe-» «sar, porque minha condição he auêssa de vosso parecer. E ysto abas-» «te pera vós e pera todos mo nom falarem.» Ao que Francisco Pereira lhe respondeo: «Senhor, mantenhauos Deos muytos annos pera fazer-» «des, e a mym dê vida pera vêr, as obras, que espero que sejão mi-» «lhores, como desejaes.» Com que se despedio. E todos os fidalgos o mal acompanhauão por assy andarem desgostosos; sómente o agardauão pera hir á missa, onde todos forçadamente auião de hir.

O Gouernador mandou ao ouvidor geral que fizesse audiencia na sua sala, onde elle estaua presente a vêr o que se fazia. Ao que o ouvidor geral lhe disse que nom podia estar presente, porque os homens com vergonha d'elle nom querião demandar suas diuidas e injurias, e perdião antes que virem demandar perante elle; mas o Gouernador, por nom fiqar com quebra de nom se fazer o que mandaua, nom quis senão que 'audiencia se fizesse na sua sala, a que elle nom vinha polo que lhe o ouvidor dissera. E comtudo a gente nom queria hir á sala; polo que a gente cramaua, e contra sua vontade deixou o ouvidor hir fazer a audiencia em sua casa.

Da ribeira passão á outra banda d'alem almadias com gente de passagem pera Vaipim, que he defronte da ribeira. Huma almadia d'esta

passagem, em que andão negros da terra, leuando tres naires estrangeiros, que passauão de noite, forão com 'almadia a bordo de huma carauella que estaua no rio, estando a gente dormindo, que era de noite, e fóra, por furtar hum berço de metal do bordo da carauella, que o metendo n'almadia forão sentidos. Os da carauella bradarão; os remeiros ladrões se lançarão ao mar e fogirão a nado; os naires ficarão assentados n'almadia, com suas espadas e adargas, como homens que nom fizerão mal; os quaes os marinheiros da carauella leuarão a terra ao ouvidor, que os perguntou sobre o caso, e elles disserão que nom fizerão nada; que passauão pera' outra banda, e os remeiros d'almadia, que fogirão, fizerão tudo. Mas comtudo o ouvidor os mandou meter no tronqo, e pola menhã o foy dizer ao Gouernador. Com que elle folgou tomar estes, porque furtauão muytos berços dos nauios que estauão no rio; e mandou dizer a ElRey de Cochym que tomára tres naires seus com hum berço que furtauão de noite em huma almadia; e pois que erão ladrões, ally na ribeira os mandasse enforcar na carauella em que furtarão, porque fosse castigo d'outros tal nom fazerem; porque se elle o nom mandasse fazer que elle logo os auia de mandar enforcar. ElRey mandou o seu regedor com reposta ao Gouernador; e antes de hir ao Gouernador foy falar com os naires, que estauão chorando, muy enjuriados de os prenderem por ladrões, nom tendo culpa. O que todo contarão ao regedor, que foy ao Gouernador, e lhe disse que os naires erão de hum caimal que auia pouqos dias que viera visitar ElRey, e que passauão o rio; que erão bestiaes; que os negros d'almadia, que fogirão, erão os ladrões que furtauão os berços; que ElRey lhe pedia que os mandasse soltar e entregar, que se tiuessem culpa que elle os castigaria segundo seu custume, que elle nom auia de tomar sua justiça; que elle podia castigar quantos portugueses fizessem mal em sua terra, o que elle nom fazia, sómente os mandaua prender e presos lhos mandaua entregar, e nom tinha mais conta com elles se os castigaua ou não; que por tanto lhe nom quebrasse sua honra, e lhe guardasse como fizerão os Gouernadores passados; que os naires, indaque forão [1] « ladrões », nom auião de ser enforcados, senão cortadas as cabeças; que elle lho mandaria fazer, se o merecessem; e outra cousa nom fizesse senão mandarlhos entregar. O Go-

[1] « la » Autogr.

uernador, como era assy forte no que mandaua, que nom auia de tornar atrás, respondeo ao regedor que os ladrões onde os tomaua ally auião de ser enforcados, e elle ally na ribeira os auia de mandar enforcar, se ElRey o nom mandasse; que elle nom lhe quebraua sua honra, pois lhe pedia que d'elles fizesse justiça. Sobre o que o regedor muyto aprefiou, dizendo que entregasse os naires e d'elles nom fizesse justiça, porque se o nom fizesse por ysto aueria muyto mal. A esta palaura se agastou o Gouernador, e disse: «Eu farey mal a todo o mundo, e a mym nin-» «guẽm o fará.» E mandou o regedor que se fosse. O Gouernador leuaua esta teima áuante per sua condição, e bem via que ElRey lhe pedia rezão, mas queria que ElRey lho fosse pedir.

Vendo ElRey a reposta do Gouernador, e o caimal senhor dos naires, que com elle estaua, que o muyto reprendia porque tal soffria ao Gouernador, dizendo que lhe désse licença que elle os hiria pedir ao Gouernador, e que se lhos nom désse que elle logo ally morreria com quantos tinha; ElRey amansou o caimal, dizendo que se nom agastasse, que elle lhe entregaria os seus naires. Então mandou o regedor que se fosse queixar ao capitão da forteleza e ao védor da fazenda, e aos fidalgos, do que o Gouernador fazia; que elles olhassem o que compria a ElRey de Portugal, porque elle nada auia de perder de sua honra. O que assy fez o regedor, que foy falar com Lopo Vaz, capitão, e com o védor da fazenda, e foy a casa de dom Simão, onde achou com elle Fernão Gomes de Lemos, Francisco Pereira, Bastião de Sousa, João de Mello da Silua, onde a todos da parte d'ElRey lhes deu recado, queixandose muyto do que lhe fazia o Gouernador e repostas que daua; que a todos rogaua que o falassem ao Gouernador, porque elles fossem testimunhas da semrezão que lhe o Gouernador fazia nom lhe querendo gardar sua honra. Do que elles se espantarão, que nom sabião nada, e todos auendo por grande erro o que o Gouernador fazia, e a rogo do regedor, que ElRey lho pedia, e por verem quanto ysto compria, todos se forão ao Gouernador, onde acharão o védor da fazenda e capitão em prefias com o Gouernador sobre o caso, dizendolhe o Gouernador que o nom auia d'emmendar ninguem nem aconselhar senão quem elle quigesse; no que os fidalgos ajudarão, dizendo ao Gouernador que olhasse o que compria á boa amizade d'ElRey de Cochym, e o nom quigesse anojar em tão pouqua cousa como pedia com tanta rezão, pois os naires erão seus e a jus-

tiça d'elles era sua; que nom deuia de ensistir n'ysso, e deuia de mandar soltar os naires, que elle lá os castigasse e fizesse o que quigesse. O Gouernador dizia que nom auia de consentir que ante seus olhos lhe furtassem 'artelharia sem castigar os ladrões. O ouvidor, que era presente e sabia o que passaua, lhe disse que os naires erão sem culpa; que os negros remeiros erão os que furtauão o berço. O Gouernador ouve menencoria do ouvidor, e lhe disse: «Ouvidor, nom saibaes vós mais que» «eu.»

Era presente hum frade dominiqo prégador, que era muyto da priuança do Gouernador e muyto do seu conselho, o qual n'esta pratica ajudaua o Gouernador, dizendo que fazia bem nom entregar os ladrões, senão que os mandasse enforcar, porque lhe ouvessem medo; porque se os entregasse a ElRey nom auia de fazer d'elles justiça, e por dous fanões os auia de soltar. Ao que Francisco Pereira, muy agastado, lhe respondeo: «Ó frade, este não he vosso officio, querer entender da justi-» «ça, de que depende a guerra da India. Hy falar com vossos liuros,» «e nom vos metaes n'estas cousas onde estão tão honrados fidalgos, que» «hão de falar ao senhor Gouernador a verdade do que compre ao es-» «tado da India, que vós nom entendeys, nem he vosso cargo. Senhor» «Gouernador, mandai soltar os naires, que por toda direita rezão com-» «pre que se soltem, e os mandai a ElRey, e se os soltar por dous fa-» «nões de peita, como diz o frade, solte muyto embora, porque por muy-» «to menos preço vendemos nós a justiça antre nós, que de graça se» «achão testimunhas falsas; e somos gentes que temos almas, que estes» «gentios nom tem. Nom tomeys, senhor, a ElRey de Cochym sua jur-» «dição, que ElRey nosso senhor lhe muyto manda gardar; que vossa» «senhoria nom tem poder na gente d'ElRey de Cochym per nenhuma» «via, e ElRey de Cochym tem poder pera fazer justiça do português» «que lá dentro nos seus palmares vai fazer mal; o que elle nom faz,» «e os manda presos entregar á justiça d'ElRey nosso senhor, que os cas-» «tigue. O que, senhor, he rezão e justiça que assy o façaes, e se ou-» «tra alguma pessoa ouver que o contrairo d'ysto diga, tirando este fra-» «de, eu lhe farey conhecer que he falso e trédor ao estado d'ElRey nos-» «so senhor.» O Gouernador se afrontou muyto com as palauras de Francisco Pereira, e lhe dixe: «Francisco Pereira, sempre fostes desman-» «dado em vossas cousas em mal obrar. Agora, quereys assy usar com»

«muyto falar; o que nom aueys de fazer ante mym. E nom me res-»
«pondaes.» O Francisco Pereira lhe fez sua cortesia, e sayo, dizendo:
«Mais trabalho he querer emmendar hum contumaz que pelejar com»
«cem mouros.»

Os fidalgos ficarão na prefia com o Gouernador, até que elle dixe que estarião os naires prêsos alguns dias e os mandaria soltar: com que se despedirão. Mas o frade, que era castelhano e muyto lingoaraz, era contra todos; o qual depois foy ao Reyno, e affirmaua que Maluco era do Emperador; polo que ElRey o mandou meter em Çofala pera nunqua de lá sahir, e ahy morreo. Os fidalgos mandarão a ElRey a reposta do Gouernador, que se queria vingar em estarem os naires prêsos alguns dias e os mandaria soltar. O que ElRey soffrio, sabendo as contumacias do Gouernador que tinha em suas cousas, e dixe ao caimal todo o que passaua, que passarião tres ou quatro dias e serião soltos. O que assy passando sete, oito dias, os naires prêsos se agastauão, que estauão sujos e fedorentos por se nom lauarem, e mandauão muytos recados ao caimal, o qual muyto emportunaua ElRey que fizesse soltar os naires, que estauão já fedorentos.

A ElRey parecendolhe assy bem chamou Manuel Botelho, feitor, e lhe dixe que leuasse o caimal comsigo, que elle em pessoa os queria hir pedir ao Gouernador, e com elle hiria o regedor, que o caimal por rogo d'ElRey disse que os hiria pedir ao Gouernador, dizendo que erão seus parentes. O que o feitor assy fez, que leuou o caimal e apresentou ao Gouernador sayndo da forteleza pera' missa, e o caimal lhe fazendo sua cortesia o regedor falou, dizendo ao Gouernador que o caimal vinha pedir os naires, que erão seus parentes. O Gouernador, como ouvio, andou, dizendo que os deixasse estar, que erão ladrões, que elle os mandaria soltar. Andando o Gouernador e caimal lhe fiqou detrás á mão direita junto do hombro, que lhe hia rogando, e o regedor falando, e tambem o caimal; de que o Gouernador se emportunou, e dixe: «Tirem» «lá esse malauar.» Dando com o braço pera trás, com huma cana de bengala que leuaua na mão, sem olhar pera trás, toqou com a ponta da cana no beiço de cyma do caimal; com que lhe tocarão os dentes e lhe cayo sangue nos pannos brancos que trazia. O qual se deixou ficar enxugando seu sangue, e se foy muy enjuriado. Ao que logo huns naires seus, que hião com elle, quiserão firir nos portugueses que andauão po-

las ruas; mas o regedor lho nom consentio, e o caimal, chegando perto das casas d'ElRey, sem entrar a falar com ElRey, [1] * mandou dar * suas gritas, a que chamão cucuyadas, a que em breue momento acodirão passante de dous mil naires com suas armas; a todos o caimal se queixando de sua tamanha enjuria que lhe fizera o Gouernador; contandolhe todo o caso: polo que compria todos morrerem por sua honra. Ao que todos se offerecerão, e seus parentes se raparão, que * he * o sinal de quererem morrer; determinados de ante menhã darem na pouoação e matarem quantos portugueses achassem.

ElRey de Cochym mandou chamar o caimal pera o amansar, mas elle nom quis vir; e todos se queixauão d'ElRey de Cochym e se forão chegando pera' pouoação pera darem n'ella como fosse tempo. O que sabido por ElRey mandou dar sua cucuyada, a que logo lhe acodio muyta gente, e mandou dizer ao caimal que nom bulisse comsigo, nem fosse áuante, porque elle em pessoa o hiria buscar, e primeyro auia de morrer no caminho porque elle queria hir a pelejar com os portugueses. Respondeo o caimal que huma só morte auia de morrer por sua honra; que tanto lhe montaua com elle como com os portugueses. O que ouvido por ElRey mandou á pressa chamar o feitor, que dormia na casa do peso com alguns portugueses que o seruião; os quaes forão onde ElRey estaua, e elle lhe dixe o trabalho em que estaua com o caimal; que o mandára chamar porque no peso lhe nom fossem fazer algum mal, e tambem porque elle nom mandasse algum recado ao Gouernador d'esta reuolta, com que o Gouernador faria algum aluoroço, e sayrão com a gente, do que aueria muyto mal. E com este arreceo, porque nom fosse algum o dizer ao Gouernador, tinha elle mandado tomar todos os caminhos com seus homens, porque elle em pessoa auia de hir fazer o caimal que se tornasse de seu proposito em que hia. O que assy pareceo muyto bem ao feitor, e se deitando aos pés d'ElRey * rogou * que assy o fizesse, e que lhe lembrasse quantos portugueses já morrerão por sua honra e guarda de seu Reyno.

ElRey, sabendo que o caimal com sua gente queria passar pola sua estrada pera hir dar na pouoação, sayo de suas casas com sua gente e elle diante, e mandou fiqar toda' sua gente, e chegou ao caimal por tirar

[1] * mandar * Autogr.

sua paixão, e lhe fez muytos rogos, os quaes elle nem os parentes nom querião ouvir, senão andar áuante. Então ElRey, muy indinado de lhe nom obedecerem, se pôs no meo da estrada, deitando no chão 'adarga, e com grandes brados fez seu juramento por seus pagodes, e pola barriga de sua mãy em que andára, e mamas que mamára, e cauallaria que tinha, que o primeyro que passasse além d'onde elle estaua, elle com sua propria espada que tinha na mão se mataria, e que seus vassallos vingassem sua morte, até todos morrerem por ysso; que elle era obrigado a defender os portugueses e por amor d'elles morrer, que assy o tinha jurado, e nom auia de viuer Rey falso se assy o nom fizesse; porque os portugueses, confiando em sua verdade, jazião dormindo. E dizendo ysto pôs o fio de sua espada em sua garganta, dizendo que olhassem todos que lhe erão trédores se querião que se matasse, que era seu Rey e senhor.

O que vendo o caimal e os outros se deitarão ante seus pés, e as mãos tapando os olhos, dizendo que antes querião morrer que tal vêr; que a todos os mandasse matar. Mas fazendo suas escramações que olhasse que tolhia a vingança de suas honras; elle o fazia como Rey catiuo dos portugueses, que sempre erão de cada vez piores. Com o que nenhum entrou na estrada, e se tornarão, e ElRey leuou o caimal comsigo; onde lhe deu tantas rezões que o amansou, e suas gentes se recolherão. E ElRey mandou o feitor que se fosse ao peso, e polo mar se fosse em hum tone, e contasse ao Gouernador o que se passára; que lhe muyto rogaua que com o caimal tiuesse algum comprimento, porque ficasse satisfeito alguma cousa de sua injuria, e os seus parentes contentes. Olhasse que elle se pusera na hora da morte, como bom amigo; e com algum comprimento ficarião satisfeitos, com que depois nom tiuessem paixão com os portugueses; porque o caimal tinha comsigo dentro em suas casas.

O feitor foy ao Gouernador e lhe contou o que era feito. Do que o Gouernador fiqou muy espantado, vendo o grande feito que lhe contauão, que sem duvida que se o caimal dera na pouoação, assy de supito, fizera grande mal antes que os homens tomarão as armas. Então mandou a Diogo Pereira, feitor, «que» foy a soltar os naires, e os leuou a sua casa, onde se lauarão, e lhe deu pannos de seda e barretes de grã. E o Gouernador os leuou comsigo a pé, com sua guarda, e todos os fi-

dalgos, *e* se foy a casa d'ElRey, que á porta sayo ao receber, onde o Gouernador com suas cortesias fez ao caimal grandes comprimentos de palaura, pedindolhe muytos perdões, que fôra desastre o tocar com sua cana; e tantos comprimentos lhe fez presente os seus, que todos ficarão contentes e satisfeitos. Do que ElRey mostrou muyto prazer, e ElRey tomando em sy grande contentamento de mostrar aos portugueses que por elles nom estimaua perder a vida. Com que o Gouernador se despedio, e tornou á forteleza muy agastado, falando com os fidalgos, dizendo que pera sua condição antes quizera ser morto que fazer tal comprimento. Ao que os fidalgos lho muyto estranharão com muy videntes rezões; mas elle, por sua forte condição, em nada queria conceder, dando muyta culpa aos Gouernadores passados nom fazer cerqua de muro a Cochym, com que estiuera seguro de taes aquecimentos. Ao que Francisco Pereira lhe respondeo: «Senhor, dai ó démo a terra que nom ha de estar segura se-» «não polas armas. Que milhor muro pudéra ter Cochym que a tão ver-» «dadeira boa amizade que nos tem ElRey de Cochym? Sejamos nós bons» «e façamos o que deuemos, que são milhores muros que de pedra, e» «portas fechadas.» Mas o Gouernador fiqou com muyta vontade que auia de cerquar Cochym; porque este comprimento que fez ouve por grande afronta sua, porque fôra por elle causado, que bem sabia que todos n'ysto forão contra elle.

E praticando com os seus, que lhe falauão á vontade, lhe gabarão que faria grande bem cerquar Cochym, e o praticou com Lopo Vaz, capitão da forteleza, e com o vèdor da fazenda, os quaes lhe disserão que seria muyto bom, mas que ElRey de Cochym o auia de receber por grande enjuria, e se muyto auia d'escandalizar; polo que primeyro se lhe deuia de falar e pedir licença, e sem aprazimento se nom deuia fazer. O Gouernador, nom o perguntando aos fidalgos, o mouia em pratica, dizendo se Cochym fosse cerquado de muro estaria seguro d'algum aquecimento supito, como este que se ordenaua; e tambem que sendo cerquado, e fechado, nom fogeria hum malfeitor; e os fidalgos cada hum dizia seu parecer, que nom era cousa que se fizesse senão quando o mandasse ElRey de Portugal, e se o mandasse, o Gouernador da India o nom deuia fazer senão muyto com aprazimento d'ElRey de Cochym; porque, se assy nom fosse, e n'ysso lhe fizessem escandolo, se podia seguir muyto mal e perda; e tanto com contentamento seu se auia de fazer que elle

mesmo mandasse trazer a pedra, como fez pera' forteleza quando se fez. Das quaes praticas o Gouernador nom era contente, porque nom era como elle tinha a vontade; e sem dar por nada mandou ao védor da fazenda ajuntar muyta pedra e cal na ribeira. Então hum dia foy ouvir *missa* á ygreija de Nossa Senhora d'Agoa de Lupe, e acabada a missa perguntou quem fizera aquella ygreija; porque estaua muyto bem concertada. Dixerãolhe que Bastião Luiz, escriuão da matricola, por sua deuação a fizera. Disse elle: « Esta ygreija fez Bastião Luiz das faltas dos soldos, » « que os homens achão menos em seus titolos, e cuida que paga aquy » « o que deue a todos; e por tanto milhor se póde chamar Nossa Senhora » « da matricola, milhor que Nossa Senhora d'Agoa de Lupe. »

Então mandou vir os alifantes, e d'ally da ygreija, atrauessando por fóra da pouoação dereito á cerqua do mosteiro de santo Antonio, mandou aos alifantes hir derrubando tapigos, destroyndo quintaes, derrubando casas de madeira, fazendo largura de meo jogo de bolla, cortando palmeiras e aruores, fazendo grande destroyção e perda. O que logo forão dizer a ElRey, que veo á pressa em cyma de seu alifante, e chegou onde estaua o Gouernador, que se aleuantou ao receber com sua cortezia. ElRey se pôs a olhar o que os alifantes fazião, com máo acatamento. O Gouernador lhe dixe: « Senhor, por aquy quero fazer huma parede até » « santo Antonio, com portas fechadas, porque algum roym nom venha » « de noite a fazer mal, como outro dia quisera fazer o caimal. »

ElRey se rio como em zombaria, e lhe disse: « Todos os outros » « Gouernadores forão paruos; tu só hes auisado. Quem te este conselho » « deu nom he meu amigo, nem d'ElRey meu irmão; porque os Reys » « de Cochym nunqua fizerão mal aos portugueses. Esta terra he minha, » « e tu fazes o que ElRey de Portugal nom fizera sem primeyro me pe- » « dir licença. Faze a parede por onde quiseres, e com o que ficar de » « fóra nom entendas, porque he meu; e o de dentro seja teu em quan- » « to eu quiser. » E virou com o alifante, e se foy agastado sem agardar reposta do Gouernador, que fiqou assy agastado, e dessimulou rindo, dizendo: « Vai menencorio porque lhe nom pedi licença. » Ao que lhe disse o védor da fazenda, que era presente: « Senhor, ElRey de Cochym por » « cousa d'este mundo nom deue ser agrauado, pois sempre foy bom e » « verdadeiro amigo, e o que fez com o caimal foy tão grande proua, » « que nenhum pay o fizera por filho; » que era grande agrauo, e se auia

muyto d'escandalizar, e com muyta rezão, porque mostrando agora tamanha desconfiança contra ElRey de Cochym, nom conjuntaua com a confiança d'ElRey de Portugal mandarlhe entregar as chaues da fortaleza quando o Gouernador se partia pera fóra da India; na qual honra de tamanha confiança ElRey nosso senhor tinha ganhado a verdadeira amizade dos Reys de Cochym, com que fazião finezas de verdadeiros amigos, com tantos esperimentos como tinhão mostrado.

Com as quaes rezões, e dos fidalgos, o Gouernador cayo no erro que fazia. Todauia, por nom mostrar que erraua e o deixaua de fazer por estes conselhos, respondeo que a cerqua auia de fazer, e fosse o que fosse; que como entrasse o verão a mandaria fazer. [1] * E como se fòra por mouimento * seu, começando a chouer [2] * assentou * empreitada com officiaes, e por se mudar d'este feito, sem mostrar que o deixaua de fazer por se achar errado, entendeo em mudar a cordoaria do lugar em que se fazia, e a meter na Ribeira, e mandou ao védor da fazenda que o fizesse; em que logo meteo os officiaes, e cerquou a Ribeira de longo pera a ponta que se chama do Caluete, e se fez cordoaria cuberta de telha, forte, e com casas grandes pera o recolhimento da obra feita, em que tudo se recolhia, e ficaua seguro do fogo e guardado da chuva; em que podião trabalhar todo o inuerno. O que foy muy bom seruiço de muyto proueito; onde o Gouernador se mostraua acupado, com que nom entendia na cerqua, sem quebra de sua opinião; e mais que logo sobreueo acupação da guerra de Calecut.

DE HUMA PENITENCIA QUE OS FRADES DERÃO A HUM FRADE.

N'este inuerno ouverão os frades á mão hum frade que andaua amontado na serra, que elles mandarão a comprar madeira e a fazer trazer per' as obras do seu mosteiro; onde assy andando o frade lhe veo a tentação com huma mulher malauar com que se deleitaua, e sendo a obra acabada, que já o nom tornauão a mandar á serra, apertoulhe o amorio da malauar, com que fogio e se foy andar na serra com ella. [3] Do que

[1] * porque este mouimento * Autogr. [2] * assentando * Id. [3] A' margem, em lettra um pouco mais moderna, se acha lançada a seguinte nota, escripta por frade, ou por algum grande devoto da fradaria, que julgaua, como os d'hoje ain-

os frades do mosteiro enjuriados, e enuergonhados, tanto trabalharão que o ouverão ás mãos com peitas que derão aos senhores da serra; o qual meterão em seu carcere, onde lhe fizerão grandes martyrios, com que o puserão em ponto de morte. E porque a gente da terra vissem que elles castigauão o mal que fizera o frade andando na serra, que todos sabião, e falando o caso com o Gouernador, consentio que elles meterão o frade no tronquo da cidade, com ferros nos pés e nas mãos. E do tronquo o tirarão pola menhã com as mãos atadas diante, e atada ás costas huma bésta com hum farpão posto n'ella, e cerquado de biliguis com lanças, e o meirinho detrás, e o leuarão á pubrica vergonha pola cidade, correndo após elle muyto pouo; com que o tornarão ao tronquo, e de noite o tornarão a leuar ao mosteiro, onde lhe tornarão a fazer desesperados males até que o embarcarão pera o Reyno. Foy ysto cousa tão fêa que os proprios senhores da terra dizião que o fizerão mal; cousa de tamanha vergonha, que seu mal e erro era sabido de pouqos, então o soube todo o pouo; cousa de tamanho descredito a seu abito, a que a gente da terra tinha tanto acatamento. O padre no Reyno, * se queixou tanto * que o maioral da ordem per os do concilio foy auido por grande erro seu peccado, e lho muyto estranharão, e procederão contra os frades de qua com grandes penitencias, dobrandolhe o rezar, e que mais nom celebrassem, e sempre comessem em pé depois dos outros, e vestissem abitos rotos, e nunqua mais sayssem fóra do mosteiro pola cidade, nem fossem pera outra parte, nem fallassem com pessoas de fóra, e alimpassem toda a sugidade do mosteiro, e fossem cosinheiros e lauandeiros das roupas sujas, e outras mais cousas; e esto sómente os ministros que tinhão o mando do mosteiro, que derão a sentença contra o frade, e fizerão a enxecução.

da julgam, os frades não menos respeitaveis que o catholicismo, e indispensaveis para com a santidade dos exemplos corrigirem os costumes dos povos. Eis a nota: « Faz muito pouco ao caso para a istoria da India tratar dos frades, parece-me » « este autor muito falador, e muito pouco catolico. »

CAPITULO VI.

QUE RECONTA AS COUSAS QUE SE PASSARÃO EM MALACA, MALUCO, E POR OUTRAS PARTES N'ESTE ANNO DE 525 [1].

Dom Simão de Meneses, que o Gouernador fizera Capitão mór do mar, trazia com o Gouernador compitencia sobre a jurdição e mando de sua capitania do mar; que lhe pedia que, andando no mar com armada, [2] *nas* fortelezas *a* que chegasse onde elle Gouernador nom estiuesse, mandasse na fazenda d'ElRey todo o que comprisse pera sua armada, e per seus mandados os feitores e almoxarifes dessem as cousas que ouvessem mester pera' armada; o que lhe pedia dizendo que assy o tinhão todos os Capitães móres do mar polo regimento d'ElRey, e que assy o trazia dom Esteuão no regimento do Visorey seu pay, e assy compria pera bom auiamento de su'armada, andando elle no mar. Ysto pedia dom Simão ao Gouernador isentamente polo regimento. O Gouernador andaua descontente de dom Simão, porque elle o nom agardaua nem acompanhaua; o que dom Simão nom fazia senão como os outros fidalgos, que por o Gouernador os desestimar o nom vião, assy como já atrás contey, que se ajuntauão em suas pousadas huns com outros a comer e folgar, e jogar, e hião passear ao campo alguns que tinhão sindeiros; em que o dom Simão tomou com Fernão Gomes de Lemos mais conuersação que com os outros, que sempre ambos comião e dormião, e o mais do tempo sós passeauão, que nunqua se apartauão. De que o Gouernador, que tudo sabia, tinha muyta paixão, que encobria em sy, sem o falar a dom Simão; e por esta causa nom queria dar a dom Simão o que lhe pedia, e lhe punha escusas, dizendo que se assy quigesse seruir *seruisse*, senão que daria o cargo a outrem que lho milhor agardecesse. Dom Simão lhe disse: «O homem a que o vossa senhoria der, e o tomar com me-» «nos do que eu peço, nom será homem da minha marqua; e pois El-» «Rey me dá o que eu peço nom mo deue vossa senhoria de tirar, porque» «o Capitão mór do mar faz ElRey no regimento tão poderoso no mar no»

[1] O numero e o resumo d'este capitulo faltavam n'este logar, mas foram para elle tirados do indice da Lenda do governador D. Henrique. [2] *as* Autogr.

«mando da fazenda como o Gouernador na terra; porque o Capitão mór»
«do mar nom tem menos do Gouernador que o só quilate do nome.» O Gouernador negaua que tal poder, como pedia, ElRey lho nom daua, nem o tinha em seu regimento; do que dom Simão se muyto queixaua, e repetia que estaua no regimento. No que o Gouernador tomou teima e sospeita que Fernão Gomes de Lemos acendia n'ysto dom Simão, por serem grandes amigos, e o aconselhaua; e mais porque o Fernão Gomes andaua agrauado do Gouernador porque contra elle entendeu em algumas cousas per justiça, e o Gouernador folgaua de lh'empecer, porque sabia que era solto da lingua; e com esta sospeita por ysso nom daua a dom Simão o que pedia; em que o dom Simão lhe muyto repetia.

E vindo hum domingo da missa, n'esta pratica, se assentou o Gouernador na ramada á porta da forteleza, onde se acendeo a profia, em que o Gouernador lhe disse tal nom tinha em seu regimento, que por ysso lho nom daua. Disse dom Simão: «Se no regimento nom está o»
«nom pedirey.» O Gouernador, parecendolhe que dom Simão o nom quereria ensequar, lhe disse: «Senhor dom Simão, se vos eu mostrar»
«meu regimento, e o nom achardes, que direys?» Dom Simão lhe dixe:
«Eu, senhor, nom quero vêr vosso regimento, porque sey que ás vin-»
«te e duas folhas d'elle está o que peço, e se hy nom estiuer o nom que-»
«ro.» O que lhe ouvindo o Gouernador se lembrou que ally estaua, e achandose atalhado da verdade, o Gouernador se muyto afrontou, e disse: «Se eu soubesse que o sacretario descobria o segredo de meu re-»
«gimento viuo o mandaria queimar.»

O sacretario estaua presente, que tambem andaua fóra da graça, porque o Gouernador nom fazia d'elle tanta estima como elle queria, * e * lhe respondeo: «Eu, senhor, siruo meu cargo tão perfeitamente que nin-»
«guem em toda a India faz mais verdade que eu; e ó que ElRey man-»
«da que estê em segredo o nom direy a meu confessor se mo pergun-»
«tar; mas esta cousa do senhor dom Simão, que he pera seruiço de»
«Sua Alteza, indaque lha eu dissera nom errára; porque ElRey o nom»
«manda ter em segredo; e me obrigo que ha na India muytos fidal-»
«gos que já virão os regimentos dos Gouernadores. E comtudo digo»
«que tal lhe nom dixe, nem elle mo perguntou; polo que vossa senho-»
«ria contra mym tal * nom * deuêra falar sem muyta certeza de ser cul-»
«pado, com que tiuera rezão de assy me enjuriar; porque os regimen-»

« tos dos Gouernadores em muytos socessos são abertos e vistos, e se tal »
« capitulo n'elle está, como o senhor dom Simão aponta, sabeloha elle »
« de quem o visse, pois aponta as folhas do regimento em que está. Nem »
« este cargo nom he nouo, pois na India ouve tantos Capitães móres do »
« mar. Eu só fiqo o mais enjuriado sem rezão, pois nom tenho culpa »
« em nada. »

O Gouernador soffreo ao sacretario que acabou de falar, por responder á sua vontade, e lhe respondeo: «Vós, secretario, nom me en- »
« tendestes o que eu disse, e falaes fóra de caminho; porque eu bem »
« sey quem vós sois, que se vós nom forês esse que dizês, eu fizera ou- »
« tro sacretario; mas eu o que dixe foy por outros sacretarios que ha, »
« que falão d'orelha e se prezão de mexedores. E nom faltará algum »
« d'estes, que metão na orelha a dom Simão cousas com que me em- »
« portune; que são cousas que muytas vezes nom aproueitão mais que »
« mostrar as más vontades contra quem falão; e hão ysto por vingança »
« de seus máos zelos. »

E falou com dom Simão, dizendo: « Senhor, nom ouçaes malsys »
« mexedores; pois são vosso parente e muyto amigo mais que ninguem, »
« com que tenho rezão de vos fazer todolas honras que puder, quanto »
« mais tiraruos as que vos ElRey der. E nom andey comuosqo n'estes »
« debates senão por saber o que tenho sabido. Vosso cargo seruireys »
« como o seruirão os outros Capitães móres do mar que forão. » Falando o Gouernador estas cousas, muytos olhauão pera Fernão Gomes de Lemos, entendendo que o Gouernador por elle o dizia, por assy andar sempre continuamente com dom Simão.

Fernão Gomes de Lemos era fidalgo, e muy esperimentado caualleiro em muytos feitos na India, e estaua muy afrontado, entendendo que o Gouernador o nom dizia por outrem senão por elle; e muy enfiado se aleuantou com o barrete na mão, e falou ao Gouernador, dizendo: « Se- »
« nhor, de quantos senhores aquy estão nenhum tem rezão de acodir e »
« responder ao que vossa senhoria diz, senão eu, porque todos sabem »
« que são eu muyto continu com o senhor dom Simão de dia e de noi- »
« te, e comemos ambos e dormimos em hua casa; o que assy he por- »
« que são grande seu amigo e seruidor. O que parece que será causa »
« de eu lhe ter dito o sobre que contende; que eu sey muyto bem que »
« he assy como elle diz, e eu com meus olhos o tenho visto no regi- »

« mento, não em vosso poder, mas d'outros bons Gouernadores passa- »
« dos, que derão este cargo a Capitães do mar. E os seus poderes, que »
« lhe ElRey dá, nom são tão secretos que o nom saibão os moços da »
« feitoria, que o dirão se lho perguntarem, e postoque ysto he muy en- »
« teira verdade, eu tal nom dixe ao senhor dom Simão, porque elle nun- »
« qua mo perguntou; mas algumas vezes que o ouvi queixar lhe dizia »
« que se nom agastasse, que como sua carta [1] *dixesse* que lhe daua »
« o cargo e o seruisse como os outros passados logo teria os poderes dos »
« outros. E elle he tal pessoa que dirá que [2] *he a verdade que eu fa- »
« lo*. E porque eu som Fernão Gomes, e com esta [3] *espada tenho* »
« ganhada a honra que n'estas partes está sabida, digo que de vossa se- »
« nhoria abaixo, em quanto fordes meu Gouernador, que representaes »
« a pessoa d'ElRey nosso senhor, a toda outra pessoa, onde quer que »
« for perguntado, lhe farey conhecer que digo verdade; porque se eu »
« descobrisse o segredo d'ElRey a mym mesmo erraua a fieldade que »
« deuo. E d'ysso darey rezão a toda' pessoa que mo perguntar, nom »
« sendo Gouernador da India: porque são seu sudito, e sofrirey todolas »
« enjurias, indaque sejão mayores que esta que me vossa senhoria sem »
« causa fez. E nom auerá rezão *de a* mym me culpar que errey em »
« o tomar por mym; pois esta cousa está bem entendida na verdade, e »
« me offereço ao fazer conhecer a quem mo contrariar. » O Gouernador, ouvindo, lhe vierão muytas côres ao rostro, e com muyto agastamento respondeo:

« Senhor Fernão Gomes, vós falastes cousas muy escusadas, pois »
« ninguem se de vós queixaua nem eu faley comuosquo. Nom vos ata- »
« lhey porque a mym nom he dado. Nom alterqueys comigo rezões, por- »
« que cada hum he quem he; que muytos fidalgos nom tem muytas »
« bondades. » Fernão Gomes respondeo: « Senhor, esta palaura abasta »
« pera calar todolas cousas do mundo. » O Gouernador nom respondeo, e se aleuantou e recolheo, despedindose de todos; e Fernão Gomes se foy falando largo, desabafando sua paixão, e porém nom desmandando suas palauras; mas o Gouernador nunqua mais fiqou seu amigo.

[1] *dixe* Autogr. [2] *he verdade que he a que eu falo* Id. [3] *espada com esta pessoa tenho* Id.

COUSAS DE MALACA.

E porque n'este proprio tempo em Malaca se passarão algumas cousas aquy as contarey, por nom tornar depois atrás pera as contar. Pero Mascarenhas, que partio de Cochym com su'armada pera Malaca, como atrás contey, hindo seu caminho tomou huma nao de Cambaya, que hia carregada de muyta fazenda; de que Pero Mascarenhas fez capitão e guarda até Malaca Diogo Chaynho, irmão de Gracia Chaynho, feitor de Malaca; onde na nao chegou primeyro que Pero Mascarenhas, e dado recado ao feitor que seu irmão era chegado na nao, se meteo em huma manchúa com homens seus amigos vestidos de festa muyto riqos; e porque erão muytos, e o mar picado, coçobrou a lanchara, em que morrerão todos os portugueses; com que as festas do irmão se tornarão em prantos. E assy acabou Gracia Chaynho, com muytos e bons seruiços feitos a Deos e a ElRey; de que fiqou muyta fazenda, que seu irmão herdou. Chegando logo Pero Mascarenhas logo Jorge d'Alboquerque com honrado recebimento lhe fez entrega da forteleza; o qual logo mandou prender Diogo Chaynho, por recolher a fazenda de seu irmão sem autoridade de justiça, nem fazer d'ella auentairo, como compria pera a conta d'ElRey, que tinha por dar da feitoria; e com toda socrestada com fiança o mandou prêso á India pera dar a conta, onde gastou tudo e morreo proue.

Depois de assy ser chegado Pero Mascarenhas, que o soube ElRey de Bintão, quis attentar o que achaua em Pero Mascarenhas. Fez gente prestes, e mandou por terra guerrear Malaca, e armada por mar, que fazião mal no que podião, e mórmente os imigos da terra, que muyto guerreauão de dia e de noite. Ao que muytas vezes saya Pero Mascarenhas, que sempre desbarataua os imigos, até hum dia na peleja catiuar hum dos capitães dos imigos e outro homem principal, que sendo assy tomados, hum d'elles tomou da cinta hum cris a hum negro que achou á mão, e remeteo a Pero Mascarenhas, e * o * matára se lhe chegára; polo que Pero Mascarenhas o mandou deitar da torre abaixo. E o outro, estando atado diante de huma bombarda pera o espedaçar, se soltou, e remeteo com hum bombardeiro que tinha o botafogo na mão, e o matou com huma faca que lhe tirou da cinta. Então o matarão ás pedradas.

E durando assy esta guerra, Pero Mascarenhas mandou Ayres da Cunha, Capitão mór do mar, em hum galeão com quatro fustas, que se foy deitar na barra de Bintão, com que lhe deu muyto trabalho, tolhendolhe os mantimentos e as mercadarias. Tambem n'este tempo chegou a Malaca Martim Afonso de Mello Juzarte, que enuernára na ilha de Banda, o qual logo Pero Mascarenhas apercebeo, e o mandou que fosse ó Rey de Patane, que estaua de guerra, como já atrás fiqua. O qual foy em hum galeão em que fòra Baltesar Rodrigues Raposo, que hia n'esta viagem em hum nauio de gauea, e Luiz Brandão em huma carauella, e quatro lancharas armadas, e com boa gente; com que foy a Patane, onde no porto tomou muytos junqos, em que matou e catiuou muyta gente da terra e d'outras partes, e tomou muytas fazendas, e na terra fez muyta destroyção com artelharia, e fez tanta guerra que o Rey lhe pedio pazes, offerecendose a pagar todas as perdas que tinhão recebido portugueses em seu porto, e mandaria a Malaca quantos mantimentos lhe pedissem. O que Martim Afonso assentou com seus juramentos, e lhe tornou os cascos dos junqos, de que alguns trouxe carregados com as mercadarias e muytos mantimentos, com que se tornou a Malaca e fiqou Patane de paz muyto segura.

Dom Gracia Anriques, que esteue em Banda com Martim Afonso, como já disse, partio no tempo da monção pera Maluco, de que hia prouido de capitão da forteleza polo Gouernador dom Duarte, e chegou á ilha de Ternate a tempo que Antonio de Brito mandaua gente sobre hum lugar do Rey de Tidore. Dom Gracia sorgio no porto de Talangane, duas legoas do porto da forteleza, onde mandou seu recado 'Antonio de Brito, fazendolhe a saber que hia prouido de capitão da forteleza; que por tanto lhe mandasse dizer o que faria, porque elle nom auia de desembarqar senão na forteleza. D'este recado assy seqo se agastou Antonio de Brito, e lhe mandou dizer que fosse ao porto, e lá se faria o que fosse seruiço d'ElRey. Dom Gracia tomou receo que, desembarcando, Antonio de Brito lhe nom despejaria a forteleza, e lhe tomaria 'armada e gente que leuaua. Do que Antonio de Brito o segurou, e elle desembarqou, e o recebeo com grande festa, e o leuou a jantar de banquete, com o feitor e alcaide mór, e outros homens fidalgos honrados. E acabando de jantar quisera dom Gracia amostrar seus papés e que lh'entregára a forteleza, ao que Antonio de Brito respondeo que repousarião e dormirião, e depois

virião todos os officiaes, e se faria o que se ouvesse de fazer, como se fez, que juntos todos os officiaes virão as prouisões, e disse Antonio de Brito que com quanto elle nom pudera entregar a forteleza, porque as prouisões nom hião tão liquidas como comprião, que logo apontou, que elle era contente de lhe entregar a forteleza, mas que nom o podia fazer senão em janeiro, que era monção pera logo se partir pera Malaca. E porque até janeiro auia d'esperar oito mezes, disse dom Gracia que nom queria esperar tal entrega, requerendo ao feitor e alcaide mór, e aos officiaes, que lhe fizessem entregar a forteleza, e lhe gardassem suas prouisões. O que elles nom querendo fazer, nem falar, dom Gracia fez seus requerimentos e protestos, e pedio seus estormentos, e se tornou a embarquar; onde estando embarcado ouve antre elles concerto, dizendo que tinha hum junqo começado, que acabaria em agosto; então lhe entregaria a forteleza; e que entanto se fosse estar na forteleza, onde estarião ambos, como era rezão. O que dom Gracia assy fez, e estiuerão ambos muyto amigos.

Tambem n'este anno de 1525 partio de Castella, do porto de São Lucar de Barrameda, hum frey Gracia de Loaisa, comendador da ordem de São João, com huma armada d'oito nauios armados polo Visorey da casa da Contratação de Seuilha, nauegando pera Maluco pola nauegação que fizera o Magalhães, de que tinhão seus regimentos e apontamentos, que leuarão a Castella os castelhanos que forão na nao que foy ter a Castella, como já atrás contey; e este Capitão mór com seu regimento de grandes defezas que nom entrassem nos mares e nauegações d'ElRey de Portugal. Os quaes nauegarão por muytas partes, apartandose huns dos outros, e se andarão perdendo por muytas ilhas, sem saberem por onde hião; onde todos mal acabarão, sem nenhum tornar a Castella nem passar a Maluco. E ysto se soube depois por outros castelhanos que com outra armada partirão de Castella caminho de Maluco, os quaes forão ter por algumas ilhas, onde acharão alguns d'estes castelhanos perdidos, que lhe contarão suas más venturas, como adiante contarey, em seu tempo, d'esta armada que achou a perdição dos outros.

N'estas cousas d'este anno e nos trabalhos de Cochym, que atrás ficão contados, [1] *se passou o inuerno*, em que o Gouernador fez seus

[1] *que se passaram no inuerno* Autogr.

percebimentos pera o secorro de Calecut, que começou a mandar, das carauellas, e armadas após ellas, como atrás tenho contado. E o Gouernador se deixaua estar agardando, esperando que todo o poder da India se ajuntasse sobre Calecut, mórmente as naos do Reyno, que farião grande fauor com gente e prouimentos que trazião. As quaes naos do Reyno chegarão a Goa primeyro que 'armada do Estreito, d'Antonio de Miranda; as quaes naos forão as seguintes.

ARMADA

DO

ANNO DE 1525.

CAPITULO VII.

DA ARMADA DO REYNO, QUE VEO O ANNO DE 525, EM QUE VEO POR CAPITÃO MÓR, FELIPE DE CRASTO; E COMO O GOUERNADOR FOY A CALECUT, E DESBARATOU OS MOUROS E DERRUBOU A FORTELEZA [1].

Em fim de setembro veo 'armada que este anno partio do Reyno, de capitães, a saber: Felippe de Crasto, Capitão mór; Diogo de Mello, dom Lopo d'Almeida, pera capitão de Çofala; pera o que logo fiqou em Moçambique, e na nao veo pera' India Diogo de Sepulueda, que sayra de capitão; e Antonio d'Abreu, e Vicente Gil. E por contrastes de tempos Antonio d'Abreu e o Capitão mór nom passarão, e as tres juntas chegarão a Goa, e o Capitão mór caminhou pera Ormuz, e foy varar no cabo de Roçalgate, onde a nao esteue enteira, e mandou o batel a Calayate, d'onde lhe trouxerão huma boa nao da terra por frete, em que embarqou muytá fazenda, que pouca se perdeo; e na nao se foy á India, e Antonio d'Abreu enuernou em Moçambique, porque chegou mais tarde. As tres esteuerão pouqos dias em Goa, e carregarão muyto biscoito, e se forão a Calecut, e em sua conserua fustas, nauios com gente e mo-

[1] Falta no original.

nições. E após elles logo chegou Antonio de Miranda do Estreito; que todos sorgirão sobre Calecut, de que logo foy recado ao Gouernador, que logo partio de Cochym com o resto de toda a gente e armada, e se foy a Calecut, onde chegou na entrada de nouembro, onde no porto se ajuntarão passante de cem velas, de que estaua Capitão mór Heytor da Silueira, que n'estes trabalhos fez grandes seruiços em todo o inuerno.

Chegando assy o Gouernador, que traria até vinte e cinco velas, toda' armada se fez galante de bandeyras e estendartes, que assy vinha o Gouernador, a que toda' armada fez salua com toda' artelharia, e o que assy juntamente com elles fez o Gouernador; e toda' artelharia com pilouros pera o arrayal, porque assy o mandára dizer o Gouernador per hum catur antes que chegasse. A qual salua d'artelharia foy fermosa cousa de vêr, porque começou em saluar, que era á tarde, e durou todo o dia em bataria ao arrayal; com que alcançou muyto mal aos imigos, que tambem muyto [1] * tirarão * pera o mar, mas nom auião que fazião bom emprego como na forteleza, a que toda a noite com o trabuqo e artelharia derão bataria muy apressadamente, vendo que estauão perto da concrusão que auia de ser; e por meterem espanto aos nossos derão vista da gente, que cobria toda a praya abaixo e acyma quanto podia alcançar a vista dos olhos, reluzindo suas adargas, espadas, disparando duas mil espingardas, dando gritas que era cousa muy espantosa de ouvir, porque passauão de corenta mil homens de peleja, mouros e naires, afora os trabalhadores, que erão mais vinte mil, que fazião corpo de gente. Os nauios que estauão perto fizerão pontaria na gente, com que a fizerão recolher de pressa, ficando pola praya bom pago d'elles.

Os portugueses do mar e da terra que se aquy ajuntarão, per roes que o Gouernador mandou fazer nas embarcações passarão de dous mil e quatrocentos, porque Chaul, Goa, Cananor, Cochym [2], ficarão * com * muy pouqa gente; e com esta gente passante de quatro mil escrauos de peleja, valentes homens que ajudauão a pelejar com seus senhores, e muytos d'elles bons espingardeiros. Auia mais mil canarys de Goa, homens de peleja, com suas armas, e oitocentos homens malauares, de Cochym, gentios e christãos, com suas armas, que o Gouernador tomou a soldo. Onde aquy em Calecut se ajuntou toda a fidalguia da India, de que nomea-

[1] * tiram * Autogr. [2] * que * Id.

rey os que pude saber, em que muyto me acupey polo saber, porque nenhum ficasse falto de sua honra achandose em tão honrado feito. De que os nomes som estes: Dom Simão de Meneses, dom João de Meneses, dom Jorge Telo de Meneses, dom Tristão de Noronha, dom Fernando de Monroyo, dom Afonso de Meneses, dom Diogo de Lima, dom Jorge de Crasto, Jorge Cabral, Heytor da Silueira, Antonio da Silueira, Ruy Vaz Pereira, Diogo de Mello, Diogo de Sepulueda, Francisco Pereira Pestana, Francisco de Vascoconcellos, João de Mello da Silua, Bastião de Sousa, Manuel de Macedo, Antonio de Miranda, Fernão Gomes de Lemos, Diniz Fernandes de Mello, Jeronymo de Sousa, Ayres da Silua, Simão d'Andrade, Nuno Fernandes Freire, Ruy Dias Pereira, João Pereira de Lacerda, Duarte da Fonseca, Antonio da Silua de Meneses.

Estes acyma nomeados forão os dos conselhos, por serem capitães e homens mais antigos na India, e os de fóra do conselho que n'este feito se acharão, homens de nome, que se possão escreuer, por nom perderem a honra de seu trabalho que n'este feito se acharão, afóra os que estauão dentro na forteleza, que já nomeey, são estes: Dom Pedro de Meneses, Antonio de Lemos, Gomes de Soutomaior, Antonio Pessoa, Anrique Ferreira, Ruy Gonsalues de Caminha, Galuão Viegas, João Viegas, Christouão de Figueiredo, Antão Nogueira, João Raposo, Antonio Raposo, Diogo da Silua, Antonio de Mello, Aluaro de Crasto, Fernão de Resende, Antonio de Sá, Artur de Brito, e outros muytos de que nom pude tanto saber.

O Gouernador, como se muyto prezaua de caualleiro, offerecendoselhe hum tão grande feito como este, sendo assy Gouernador nacido da vontade d'ElRey, cobiçoso de fazer seruiço conforme a mercê, com esperança de mais ganhar da gouernança da India, era muy desejoso de acrecentar * sua honra *, mostrando seu grande coração n'este feito.

E logo ao outro dia pôs bandeyra na quadra em huma galé bastarda em que hia, a milhor peça que nunqua se fez na India, onde todos os do conselho se apartarão, e os outros se afastarão, onde o Gouernador a todos fez o primeyro falamento, dizendo: « Senhores nobres fi- »
« dalgos, já vedes que aquy somos juntos com todo o poder que ElRey »
« nosso senhor tem na India, e somos aquy vindos a soccorro d'esta »
« sua forteleza, que bem vedes como está; e temos a contenda com o »
« mais poderoso Rey da India de poderio de gente, que tão soberbo está »

« senhor do campo, e muy seguro em seu pensamento que nom somos »
« poderosos contra seu grande poder; o qual, se d'esta sua opinião »
« nom ouvesse castigo e dos tantos males que tem feitos, pera sempre »
« ficára perdido o credito dos portuguezes, com que ficaremos taes que »
« por todolas terras os mininos apedrejarão os portugueses onde os vi- »
« rem. Mas com ajuda da santa paixão de Nosso Senhor Jesu Christo, »
« cujos fiés somos, ficando este máo Rey destroydo, pera sempre na In- »
« dia o nome dos portugueses ficará enxalçado, pera todos dormirem »
« em suas camas descansados, seguros, apagada esta grande labareda »
« d'imigos que quy estão juntos. E porque vossas mercês, com o esfor- »
« ço de seus corações e trabalhos de seus braços, hão de amansar esta »
« tromenta de tão danados imigos, todos cada hum diga o que lhe pare- »
« ce que no caso deuemos fazer. » Ao que todos começarão a falar, apontando os grandes inconuenientes e perigos que estauão tão manifestos; a saber a moltidão dos imigos, tão desigual á pouquidade dos nossos, inda * que * estiuessem todos em hum campo raso, estando elles assy tantos antre grandes cauas, vallados, tranqueiras, gornecidos de tanta artelharia; e sua mór defensão o rolo do mar, « que he o mór imigo que »
« temos, que se Nosso Senhor nos nom valer, que sayremos a terra mo- »
« lhados, meos desbaratados, com as armas perdidas, e muyto escala- »
« urados, porque sobre a praya acodirão os imigos com muyta artelha- »
« ria e espingardaria que tem, com que nos farão muyto mal antes que »
« nos ajuntemos com elles. Ao que todo se deue auer respeito, e ata- »
« lhar o milhor que ser possa, nom nos entregando a tão certos peri- »
« gos; sómente trabalhar por saluar a gente da forteleza, que muyto ha »
« de custar; e o demais se perqua pola tão forçada força que he assy »
« se perder; e por fóra tomar a vingança quanta se achar. » Esta pratica foy ajudada por muytos do conselho, cada hum ajudando o que lhe parecia, concordindo que nom se arriscasse mais perigo que saluar a gente da forteleza. E porque muytos ysto assy ajudarão o Gouernador se soffrio, e per derradeiro respondeo: « Senhores, nom me parece bem o »
« fim de vossa concrusão; pois vos parece bem que sómente furtemos »
« a gente da forteleza, e nos vamos assy folgazões, deixando perdida tan- »
« ta artelharia d'ElRey nosso senhor, que está na forteleza, com que de- »
« pois nos farão tanto mal; e deixando perdida nossa honra, e credito »
« dos portugueses, que tantas vidas tem custado de nossas gerações. »

« Polo que, se mais nom fizermos que ysso que vos parece, fôra bom »
« mandar eu fazer ysso, e nom vir eu em pessoa ao fazer. Polo que to- »
« dos vos hy a jantar e repousar, e cada hum cuidar no que tem dito, »
« pera á tarde vos tornardes aquy ; e será assentado o que a Nosso Senhor »
« aprouver, porque nossa detença dá grande trabalho á forteleza, como »
« ouvis, que lhe dão bataria de noite e de dia, e compre que lhe acu- »
« damos com tempo, antes que aqueça algum desastre. » Com que se todos despedirão, ficando o Gouernador muy agastado, vendo que no conselho todos apontauão e duvidauão, polos perigos que muyto arreceauão.

N'este dia á tarde se fez outro conselho, assy todos juntos, muyto se incrinando á concrusão do que tinhão dito, em que muyto debaterão. Ao que o Gouernador querendo responder, Francisco Pereira lhe tomou a mão, com o barrete na mão, * e * lhe pedio que o deixasse falar ; do que aprouve ao Gouernador.

Francisco Pereira, falando com todos, lhe disse : « Senhores, os pe- »
« rigos que apontaes n'este feito eu entendo que * se * os apontaes he »
« polo modo d'homens sesudos, mais que do arreceo nem medo que lhe »
« tenhaes. O que vedes e apontaes todos o vemos, e tanto o arreceamos »
« como vós, e tudo o que vemos em Cochym o sabiamos, e pera o tra- »
« balharmos, e a ysso nos arriscarmos, pera ysso partimos de Cochym, »
« e aquy estamos. Como verdadeiros christãos, crentes na piadade de »
« Nosso Senhor que nos ha d'ajudar, auemos de hir a terra, em que »
« pês a toda a mourama que ally está, e com elles auemos de pelejar, e »
« * os * desbaratar, e liurar aquella forteleza e os que n'ella estão. E sobre »
« ysso todos morreremos, se comprir ; e nom auemos de hir d'aquy com »
« tanta deshonra nossa como seria se ysto nom fizessemos. E qualquer »
« pessoa que lhe ysto nom parecer bem nom se deue chamar homem. »
« E por tanto ysto auemos de fazer nom o tardemos, e quy determine- »
« mos e ordenemos como ysto façamos, e nom haja homem que tenha »
« tão pouqua vergonha que fale o contrairo em modos de conselhos se- »
« sudos. »

E como n'estas cousas ninguem quer perder ponto d'honra, todos outorgarão com o que disse Francisco Pereira, vendo que o Gouernador estaua muyto contente do que falára Francisco Pereira, em que o Gouernador, com muyto prazer, moueo pratica o modo que teria na desembarcação ; em que foy acordado que primeyro que desembarcassem me-

tessem na forteleza quatrocentos homens, que se podião meter pouqos e pouquos, o que se podia bem fazer porque era grande escuro, que hirião em almadias, fazendo reboliços que cuidassem os mouros que erão almadias de mantimento; e como fossem dentro na forteleza logo desembarcasse toda gente em muytos paraos e almadias grandes que tinhão, com marinheiros de Cananor, que trouxera Heytor da Silueira nas esquipações, que sabião bem o modo da desembarcação por amor dos mares; e que desembarcassem por muytas partes espalhados, porque os mouros se espalhassem, onde sendo trauada a peleja, então sayria a gente da forteleza dar nas costas dos mouros, com que largarião a praya, com que a gente poderia milhor sayr. O que todo foy muyto praticado, e ordenado, e assentado como fosse feito.

Onde logo Heytor da Silueira se offereceo e pedio ao Gouernador que elle fosse entrar com a gente na forteleza, e fosse seu capitão sayndo da forteleza; o que lhe o Gouernador muyto agardeceo. Ao que logo se lhe offerecerão muytos homens fidalgos mancebos pera hirem còm elle, que escolheo os que quis. E per mandado do Gouernador n'esta noite mandou Heytor da Silueira huma carta a dom João, em que lhe daua conta de todo o que era assentado; e sendo escuro mandou huma almadia perto da terra, de que se auia de deitar a nado hum negro com a carta. Belchior de Brito, mancebo fidalgo, com licença d'Heytor da Silueira, se meteo n'almadia com outros tres companheiros, pera se deitarem em terra se pudessem, leuando suas armas atadas em huma trouxa. Os quaes, remando caladamente, chegarão perto de terra, que por acerto nom forão sentidos, e chegarão diante da coiraça, que acharão o mar brando, e caladamente se forão ao postigo, em que estaua Christouão Jusarte com dez homens que o vigiaua, porque de noite esperauão por recados: e os recebeo dom João com muyto prazer, sabendo o que estaua assentado; e 'almadia se tornou 'afastar, e correo polo mar, dando apupadas com que fez aluoroços no arrayal, acodindo os mouros á praya, e nom achando nada. Os quaes aluoroços lhe fizerão quatro almadias que mandou Heytor da Silueira que fossem fazer; que todas leuauão tres e quatro homens, que deitassem na terra se pudessem, como de feito n'esta noite deitarão cinquo, huma só almadia que pôde chegar.

Dom João mandou recado a Heytor da Silueira que estiuesse prestes pera' noite seguinte, que elle auia de sayr a dar hum rebate aos mou-

ros, e os meteria em aluoroço, com que as almadias pudessem chegar. Ao que Heytor da Silueira se apercebeo com muytos homens pera deitar em terra, com muytas outras almadias que auião d'aluoroçar a praya toda.

Dom João mandou sayr dom Vasco com cincoenta homens, em que foy Christouão Jusarte, Belchior de Brito, Fernão de Lima, dom Miguel de Lima, Antonio de Sá, Ruy de Mello, Ruy Freire, Duarte Ferreira, Duarte de Faria, Fernão Barbudo, e outros escolhidos per dom João, que tambem lhe sayo nas costas com outros cincoenta homens. E foy dom Vasco dar em huma estancia de supito, que nom foy sentido, dando grita de Santiago com tanto esforço, que os mouros, cuidando que era mais gente, fogirão; ao que Belchior de Brito o primeyro entrou na estancia, bradando, amores, amores de minha dama! e tomou huma bandeyra da estancia. Os outros tomarão tres berços de ferro, outros as camaras de huma roqueira. Os mouros, fazendo grande aluoroço, acodirão muytos, que cometerão os nossos muy fortemente, que se tornarão recuando pera' forteleza, fazendolhe muyta ajuda a espingardaria do muro; mas os mouros acudirão tantos que ás mãos querião tomar os nossos, que n'elles ferião e derrubauão, * mas era * o campo cheo, que n'elles nom fazia mingoa, tirando muytas espingardas e frechas. Dom João lhe sayo recolhendo a gente, que forão muy apertados, até ficar despejado hum tiro da torre, que tirou, e fez grande restolhada nos mouros; mas com tudo muy apertados até se meterem dentro da coiraça, onde a guerra foy mayor, de muytos mouros que vinhão ás lançadas com setenta homens que Heytor da Silueira deitou em terra em quanto se deu o rebate; mas todos se recolherão á forteleza. N'este feito foy ferido d'espingardada Christouão Jusarte, e dom Vasco, e Belchior de Brito de duas frechadas, e morto Lopo Dias, almoxarife, e outro homem, e dous escrauos que trazião hum dos berços; e na desembarcação foy morto outro homem.

O Gouernador ouve muyto prazer d'este feito, dizendo que pois os mouros desemparauão huma estancia com medo da gente da forteleza, que seria quando vissem desembarcar tão honrados fidalgos cubertos de reluzentes armas; e muyto encomendou a Heytor da Silueira o meter da gente na forteleza que fosse o mais escondida que pudesse ser. O que assy se fez, em que ouve alguma detença, porque primeyro as almadias do mar lhe fazião aluoroços falsos, a que os mouros acodião e se achauão sempre enganados; com que ás vezes nom querião acodir, com que

seguramente se meteo a gente na forteleza, e per derradeiro com elles Heytor da Silueira, que era a gente tanta que nom cabia dentro na forteleza; o que Heytor da Silueira o mandou dizer ao Gouernador que se assy estiuessem dous dias que morrerião; que por tanto logo desembarquasse, que pera dous dias leuarão os homens seu comer em fardés, o que acabado nom se podia fazer comer pera tanta gente, que na forteleza estauão passante de seiscentos homens que podião sayr fóra com elle. Do que o Gouernador ouve muyto prazer, porque a gente nom se mostraua que a vissem os mouros, que nom sabião que ally erão entrados.

Heytor da Silueira ouve muytos acordos com o capitão e fidalgos, e foy assentado que sómente o alcaide mór ficasse na forteleza com vinte homens pera fechar a porta, e que toda a gente saysse fóra, e algumas escrauas que auia se vestissem como homens, e com os escrauos aparecessem polo muro, e os bombardeiros com toda' artelharia prestes, e que dom João sayria pera a banda do sul com duzentos homens, e elle pera a banda do norte. E ordenou que Fernão de Moraes, valente caualleiro, com cincoenta homens e vinte negros, que leuassem lanças de fogo e panellas de poluora, fosse deitar fogo na estancia do trabuqo, e logo se tornasse a recolher a sua bandeyra; e mandou que todo' homem leuasse espingarda carregada, que tirando a largasse da mão se mais nom pudesse tirar, e ficasse com suas armas. O que assy todos se concertarão.

Heytor da Silueira leuaua os sinaes que o Gouernador auia de mandar fazer na gauea do galeão em que se passou, que se auião de fazer ao tempo que partisse do galeão, e os sinaes com que lhe auia de responder da forteleza; e foy ordenado que dom Simão com ametade da gente saysse a huma parte, e a outra Francisco Pereira, e o Gouernador em meo; ao que repartio os capitães e fidalgos, que a cada hum mandou que se fossem com quem lhe mais contentasse: o que assy fizerão, muyto contentes por se ajuntarem com seus amigos e parentes. Francisco Pereira, como homem velho e sabido na guerra, mandou fazer grande soma d'arroz cozido com caldo de duas vaqas que tinha, que mandou matar, e dez carneiros, e muytas galinhas, e muytos ouos cozidos, muytos [1] *queixos* em talhadas, e muytos tassalhos cozidos, e d'ysto tanto, que carregou tres paraos grandes.

[1] queijos?

E sendo domingo seis dias de nouembro, dia de são Lionardo, duas horas ante menhã, estauão derrador do galeão as embarcações que auião de hir a terra, em que estauão mil e quinhentos homens armados de riqas armas, cousa muy fermosa de vêr, repartidos em magotes de seus capitães, com seus guiões e trombetas, e tudo caladamente, porque o Gouernador tinha auiso que os mouros do arrayal tinhão dito a ElRey, e lho fizerão crêr, que o Gouernador mandára meter gente na forteleza crendo que ficaua segura, porque elle nom se atreuia sayr a terra a pelejar com elles, e se auia de tornar pera Cochym, e se ordenar pera hir ao Estreito com grande armada; polo que os mouros nom tinhão nenhum sentido de lhe parecer que o Gouernador auia de hir a terra pelejar com elles, mas tinhão muyta vigia no mar, e tinhão palaura d'ElRey que se o Gouernador fosse a terra elle em pessoa auia de ser presente a vêr pelejar, porque com seu fauor elles vencessem, que pelejarião com mais esforço.

E pois, sendo chegada a boa hora que o Gouernador auia de partir pera terra, mandou fazer o sinal da gauea com fogo, que da terra vigiaua Heytor da Silueira, que estaua prestes com toda a gente, e aberta a porta da forteleza, que estaua tapada com parede, sayo com toda a gente, e foy na dianteira Fernão de Moraes com cincoenta homens, cada hum * com * tres, quatro panellas de poluora, metidas em baldes de coiro atados na cinta, que forão com grande corrida, calados, e derão na estancia do trabuqo, e deitarão sobre as choupanas d'ola em que se recolhião da chuva os trabalhadores, onde se aleuantou grande fogo, que ardeo o trabuqo; e hindo assy a deitar as panellas acodirão os mouros com grandes aluoroços e gritas, e cometerão os nossos com grande esforço; ao que os nossos fizerão grande registencia com as panellas em quanto as gastarão, e ficarão ás lançadas e cotiladas; onde Jorge de Lima e Antonio de Sá, com espadas grandes d'ambas as mãos fazião grande defensão, mas nom aproueitaua pera a moltidão de mouros que acodirão, que os cercarão por todas partes. Sobre os quaes deu Heytor da Silueira, tangendo as trombetas do baluarte da porta; e deu nos mouros tão fortemente que os fez fogir; com * que * Fernão de Moraes com os seus se meterão todos juntos com os mouros em grande peleja, porque já esclarecia o dia. Onde Jorge de Lima, Antonio de Sá, Belchior de Brito, Pero do Porto, homem do mar, Pero de Vera, e outros, que erão

oito d'espâdas d'ambolas mãos, fazião fogir os mouros, se tinhão por onde; o que nom podião fazer porque erão muytos huns sobre outros, que erão muytos juntos que pelejauão sem medo.

Dom João de Lima, com sua gente, deu pola outra parte do arrayal sobre os mouros que acodião; onde na primeyra chegada com as panellas de poluora lhe fizerão muyto mal. Aqui carregou sobre dom João grão numero d'espingardaria, com que lhe derrubarão tres homens e ferirão muytos, e com grande peleja se defendião os nossos. Onde dom Vasco de Lima, Fernão de Lima, dom Miguel, Christouão Jusarte, Duarte de Faria, Anrique da Silua, Ruy Freire, André Paçanha, Fernão Furtado, Arthur de Crasto, pelejauão com tanto esforço que sostiuerão todo o pêso dos mouros; com que se forão chegando pera Heytor da Silueira, que andaua sua gente cercada de mouros que o metião em muyta afronta, porque usauão elles de manha de que muyto se ajudauão, que em os nossos os ferindo das lanças nas adargas lhas largauão, que ficando metidas nas lanças, em quanto as tirauão com os pés que punhão sobre ellas, os mouros em tanto ferião a seu saluo. Todolos mouros do arrayal acodirão sobre os nossos, nom cuidando que era mais que os rebates que lhe dom João costumaua a dar; polo que descuidarão de lhe parecer que o Gouernador auia de desembarcar; com que teue bom tempo pera o fazer, que nom teue mais trabalho que do rolo do mar, com que desembarqou defronte da nossa tranqueira da coiraça. Dom Simão e Francisco Pereira, cada hum por seu cabo, vendo pouqa gente na praya, que toda andaua acupada na peleja do arrayal, chegarão e desembarcarão com toda a gente, correndo a praya pera onde estaua o Gouernador, que foy entrando polo arrayal com todo o corpo da gente, já dia craro, com sua bandeyra real, tangendo as trombetas, chamando Santiago, e todos cometerão os mouros, que erão juntos mais de dez mil. Os batés grandes que leuarão a gente, se [1] * tornando * 'afastar, tirauão com os berços que tinhão, e assy tirauão os nauios do mar polas bandas do arrayal, esguardando a forteleza e as cauas em que os nossos auião de pelejar. E com este grande estrondo e gritas dos nossos e dos mouros, e o tirar d'artelharia da forteleza, tremia a terra e as carnes dos homens, que parecia que o mundo se fundia. Os mouros, sabendo que o Gouernador era des-

[1] * tornada * Autogr.

embarcado, e vendo as armas dos nossos, que reluzião como fogo, logo entrou n'elles grande desmaio nos corações; mas não que deixassem de pelejar muy fortemente, sem temor de verem o chão cuberto de mortos; porque, hindo o Gouernador entrando polo arrayal, Fernão Gomes de Lemos, porque o Gouernador visse quem elle era, pelejaua como hum brauo touro; ao que ajudauão todos; em que dom Jorge de Meneses, Tristão de Noronha, dom Diogo de Lima, Antonio d'Azeuedo, Dinis Fernandes de Mello, Ruy Dias Pereira, Francisco de Vascoconcellos, e outros, que erão mais de vinte d'espadas d'ambolas [1] * mãos, hião * diante fazendo campo, espedaçando mouros, e decepando pernas e braços, e cortando alguns polo meo. A outra gente com espingardas, e os outros fidalgos, Antonio da Silueira, Diogo de Mello, dom Simão, dom Jorge Tello, que n'este feito foy ferido que fiqou aleijado, Jorge Cabral, dom Fernando de Monroyo, dom Afonso de Meneses, dom Pedro seu irmão, Antonio de Lemos, Manuel de Macedo, Ruy Vaz Pereira, João Pereira de Lacerda, Antonio da Silua, e outros muytos que se nom podem tantos nomear, todos [2] * pelejauão * hum com enueja dos outros; e porque era á vista do Gouernador todos fazião façanhas, nom estimando as vidas nem auendo medo ás mortes. O mór trabalho que auia era a muyta espingardaria e frecheiros dos mouros, que tirauão de fóra de cyma dos vallados, com que muyto ferirão os nossos. Ao que o Gouernador se quis mostrar, e foy pera diante, mas nom pôde, que Francisco Pereira, e João de Mello da Silua lhe forão á mão; mas deu tanto fauor aos nossos, que com tantas forças cometerão os mouros, que os forão arrancando do arrayal, fogindo além dos vallados, onde logo os nossos entrarão com elles, que os fizerão fogir pera' cidade, que os nossos hião siguindo o alcanço. Ao que o Gouernador mandou Antonio da Silueira, e João de Mello, e Francisco Pereira, e Antonio de Miranda, que fossem fazer tornar a gente, que nom entrassem a cidade. O que elles nom podendo regestir 'o desmando que os nossos leuauão o Gouernador mandou toquar huma trombeta a recolher; com que se tornarão pera dentro dos vallados, sobre que logo tornarão os mouros frecheiros e espingardeiros, que fortemente tirauão aos nossos. Ao que o Gouernador encomendou * a * Heytor da Silueira per huma banda e dom Vasco de Lima pola outra, com todos os espingardeiros, que

[1] * maos que hiam * Autogr. [2] * pelejam * Id.

guardassem os vallos, em que elles mandarão assentar tiros miudos do arrayal, com que tirauão aos mouros, que nom ouzauão chegar. Mas ElRey, com grande magoa de tamanha sua deshonra, mandou o seu caimal e gozil, que era capitão do campo, com quatro mil naires de sua casa, que se concertarão pera todos morrerem. N'este tempo os mouros que estauão nas cauas corrião por ellas pera fogirem; mas na saynte d'ellas achauão os nossos, e andauão correndo por ellas, onde sobre elles os nossos acodirão com as lanças a mão tente, com que os forão matando e correndo até os[1] *cabos* em que se ajuntauão muytos, onde em cyma d'elles deitarão panellas de poluora com que os queimarão, e os escrauos e marinheiros da terra lhe deitarão em cyma pedras e terra, com que[2] *ficarão mortos* dentro nas cauas passante de mil; e porque as cauas assy erão muytas, que todo o arrayal estaua laurado, por onde os nossos nom podião andar, e auia mester grande trabalho pera as entupir, o Gouernador mandou a Dinis Fernandes de Mello que as atrauessasse com madeira e tauoado; polo que elle, ajuntando muytos[3] *marinheiros* das esquipações, tirou tauoado das estancias e páos com que fez pontes, com que todas atrauessou, e com mantas que os mouros tinhão feitas.

O Gouernador repousou nas costas da forteleza, onde dom João de Lima lhe veo falar com lagrimas de muyto prazer, e começando a falar, os quatro mil naires d'ElRey aparecerão dando grandes gritas, e após elles grão numero de mouros com gritas e tangeres, tirando muyta espingardaria, e frechas que cobrião o ar, o que causou nos nossos grande aluoroço a que todos acodirão, e o Gouernador foy até chegar sobre hum vallado, que vio a moltidão dos naires e mouros que cobrião o campo, que pareceo que deuia de vir ally ElRey em pessoa; o que fez grande espanto aos nossos. Ao que o Gouernador mandou dom João de Lima, e Francisco Pereira, e Bastião de Sousa, e João de Mello da Silua, que nom sayssem fóra do arrayal, dos vallados, e o guardassem com a gente que auia; e que o condestabre da forteleza com os bombardeiros, que os fossem trazer dos nauios, fizessem estancias d'artelharia. O que foy feito com muyta diligencia, que com os escrauos, e marinheiros, e o condestabre, e Dinis Fernandes de Mello, assentarão sobre hum vallado, pera a banda d'onde vinha a gente, oito roqueiras do arrayal e dous camellos

[1] *babos* Autogr. [2] *ficarão forão mortos* Id. [3] *marinhos* Id.

da forteleza, que inda fizerão tiro antes que a gente chegasse, porque os malauares vinhão polo campo com seus compassos e modos de seu pelejar, com que os pilouros dos tiros que derão n'elles, matando e derrubando muytos, [1] * os * desconcertarão ; e como homens denodados remeterão aos nossos, que lhe sayrão com tanta vontade como se nom tiuerão nada feito, tomando a dianteira dom Vasco de Lima, por se mostrar o pouqo medo que tinha aos mouros, e com elle Fernão Gomes de Lemos, Heytor da Silueira, Belchior de Brito, Simão d'Andrade, Ayres da Silua, que andaua ferido no rostro de huma frechada, Antonio de Miranda, Jorge Cabral, dom Jorge de Meneses, dom Simão, dom Afonso, dom Miguel, dom Jorge de Crasto e outros, que serião sessenta que se meterão antre os malauares, em que os das espadas d'ambolas mãos fazião grande destroyção. E acodirão os do arrayal até mil homens, onde a peleja foy muy braua, porque os naires pelejauão como homens que auião de morrer, mas [2] * os nossos no pelejar, que * era fauorecido com a vista do Gouernador, ante quem pelejauão e lhe tangião as trombetas, fazião todos estremidades por se auantejarem huns d'outros, com que o mór trabalho foy com os malauares, que vendo o máo caminho que leuauão se começarão a retraer e largar o campo, no que os nossos se ceuarão, que os apretarão tão rijo que os forão leuando polo campo hum grande pedaço ; ao que o Gouernador mandou toquar a trombeta a recolher, com que os nossos folgarão, que hião já muyto cansados, e se tornarão recolhendo com o rostro nos imigos, que vendo que se retrayão tornauão sobre elles, e os nossos os tornauão a picar, e os fazião afastar. Com que n'estes cometimentos forão mortos dos malauares * tantos * que estaua o campo cuberto. O condestabre se foy á forteleza, e tirou com huma espera da torre d'aquella banda, parecendolhe que áquella parte estaua ElRey, o que assy era ; e com hum pilouro, que acertou de hir caminho direito, passou por cyma d'onde estaua ElRey, que ouvindo o zenido do pilouro foy trespassado de morte ; com que se foy fogindo em cyma de hum alifante ; com que sua gente se foy após elle.

O que sabido dos mouros e naires, que pelejauão no campo, tambem deixarão a profia e voltarão fogindo, com que o campo fiqou despejado, que nenhum nom parecia ; com que os nossos ficarão em descan-

[1] * se * Autogr. [2] * mas o pelejar dos nossos que * Id.

ço e muyto cansados. Com que o Gouernador se tornou pera sua estancia, que estaua feita com velas; o que assy logo mandarão fazer cada capitão aos seus marinheiros; o qual trabalho durou até dez horas do dia, onde o Gouernador, * que se * recolheo em hum retrete da tenda, com os joelhos em terra deu a Nosso Senhor muytas graças de tamanha mercê como lhe n'aquelle dia fizera; e tornando fóra o cercarão todolos fidalgos, que a todos recebia e dizia palauras de grandes honras; onde dixe a dom Vasco de Lima em presença de todos: «Senhor dom Vasco,» «nom posso negar que vos nom hey grande enueja a tantas e tamanhas» «honras como aquy tendes ganhadas, com Nosso Senhor vos saluar de» «tantos perigos; que bem trocára eu agora a honra de meu cargo po-» «la vossa.» E assy falou a dom João de Lima, e a Christouão Juzarte, e aos outros fidalgos, todos louvandolhe seus assinados feitos; e falando com Fernão Gomes de Lemos lhe disse: «Senhor Fernão Gomes, nom» «ha que eu agora possa dizer que vós nom mereçaes muyto mais.» E assy esteue hum pedaço falando a todos; onde alguns lhe pedirão que os fizesse caualleiros; a que elle pedio por mercê que lhe perdoassem, e o faria depois de jantar; que cada hum mandasse trazer o que tiuesse. No qual tempo os batés e almadias caminhauão aos nauios e desembarcarão velas e tendas, e foy armada no meo do arrayal huma tenda do Gouernador, feita no Reyno, muy grande, em que lhe desembarqarão fato de seu seruiço, e assy aos capitães, que era já grande sol muy quente; em que a gente se recolheo e cada hum com seus capitães; onde ouve comer enfinitamente, e mórmente na estancia de Francisco Pereira, em que se recolherão a mór parte dos fidalgos que nom erão capitães. Em que as naos do Reyno fizerão boa venda de pipas de vinho, e queijos, sardinhas, azeitonas, e toda' cousa de comer, que foy em muyta auondança, porque todos os homens tinhão com que comprar, porque o Gouernador a toda a gente, partindo de Cochym pera este secorro, mandou pagar meo anno de seu vencimento.

E no arrayal auia tanta gente * que * todo estaua cheo como estaua dos mouros, porque d'armada se desembarcarão tauerneiros e mercadores de mantimentos, que trouxerão pera vender e ganhar, e todolas outras cousas de mester, que parecião as ruas como de huma cidade, com folias e prazeres, em que se passou o jantar e parte da calma. Então se acupou o Gouernador em fazer caualleiros; e porque nom podia tanto,

mandou a dom João de Lima que tambem os fizesse, e todolos outros fidalgos da mão de que os homens o quigessem receber; e que elle lhe assinaria os aluarás; o que muytos fizerão. Então o Gouernador repartio as capitanias em quartos e estancias em que [1] * vigiassem *; o que se fez com muyta ordem. E dentro na ygreija da forteleza forão recolhidos todolos feridos, e curados, e muyto bem repairados, [2] *que passauão de dozentos, de que o Governador deu cargo a Manuel* de Brito, *e a alguns fidalgos, e outros homens* que tinhão *seus escrauos ally nas* tendas, que os [3] * ajudassem *. *Dos portugueses* * forão * *este dia* * feridos * e mortos setenta, a*fóra alguns que* depois morrerão; do*s mouros morrerão auante* de tres mil, de que *o Gouernador deu cargo* a quatro nayques capitães *dos canarís* que forão de Goa, que com *a sua gente* e remeyros ajuntassem os *corpos* mortos [4], e os metessem em huma caua, e os atupissem. O que assy se fez; e os portugueses mortos mandou o Gouernador meter em grandes couas, que se fizerão debaixo do sobrado da ygreija, porque pera cada hum sua coua nom cabião. O que tudo foy feito e bem ordenado; com que passarão toda a noite nas vigias, foliando e tangendo trombetas, e com as espingardas prestes, porque toda a noite os mouros nom cessarão de tirar com frechas e espingardas.

AS PAZES QUE FORÃO ASSENTADAS, E COMO FOY DERRUBADA A FORTELEZA.

Sendo os mouros assy desbaratados, e os nossos apossados no arrayal, e posto a bom recado tudo, o Gouernador mandou de noite fazer grandes fogos de fóra dos vallados, onde estauão em vigias os espingardeiros, porque de noite os mouros nom chegassem a tirar; e mandou tirar toda a artelharia da forteleza, que mandou assentar em huma estan-

[1] * viagem * Autogr. [2] D'aqui até o fim do segundo volume das Lendas, estragou a humidade o alto das folhas do autographo juncto da margem de fóra, vedando a leitura em varios logares. Felizmente, a maior parte das passagens assim mutiladas acham-se, quasi pelas mesmas palavras, na *Chron. d'ElRei D. João III*, por *Francisco de Andrada*. Procurámos pois reparar estas perdas, enchendo as lacunas com o que nos conservou este chronista, mas escrevendo-o em caracteres italicos. [3] As palavras fechadas entre asteriscos, acrescentamo-las por conjectura. [4] V.ª *Andrada, Chron. de D. João III*, Part. I, Cap. LXXXX, fol. 107 v., da 1.ª ediç. Lisb. 1613; e ahi a troca de setenta por *sessenta*, e de naiques por *naires*.

cia, porque entrauão alguns pilouros que os mouros tirauão d'antre as casas, que muyto endereitauão á tenda do Gouernador. Mas elle nunqua *a* quis mandar mudar pera outra parte; que a outro dia seguinte os mouros meterão muytos pilouros; em que sobre a tarde o Gouernador tomou hum passeo com Fernão Gomes de Lemos, praticando em cousas desapegadas, em que muytas vezes os pilouros lhe passauão muyto perto. Ouve alguns fidalgos que disserão ao Gouernador que andaua perigoso; que se deuião passear em outra parte. O que o Gouernador nom quis fazer, esperando que Fernão Gomes lho dixesse; mas Fernão Gomes, que o entendeo, nada lhe falou, e se deixou andar na pratiga, sem nunqua abaixar cabeça e fazer de sy mouimento ao passar dos pilouros. O que muytos atentarão [1] . . . . entendeo . . . . andar . . . . e se re- . . . . se despedio de . . . . o qual quis heyci- . . . . e se tornou a andar . . . . elle só como homem . . . . sem nenhum temor dos . . . . ros. O que muytos entenderão que o fazia por atarraqar o Gouernador, o qual lhe mandou dizer que se recolhesse, que nom andaua ally bem. Elle lhe respondeo que lhe beijaua as mãos; que bem sabia que nom andaua bem, pois nom andaua com sua senhoria; em que andaua cuidando no que lhe falára, com que nom tinha sentido nos pilouros que passauão. N'ysto foy muyto falado no arrayal.

N'este dia tirarão os mouros, e de noite nada, nem ao outro dia; porque ElRey, arrependido do máo emprego que fizera, e que nom tendo seu Reyno nauegações de todo seria perdido, determinou pedir pazes ao Gouernador. Polo que n'este dia mandou pôr no campo bandeyra branca, e mandou o mouro Cojebequi, nosso amigo, de que já tenho feita muyta menção atrás; e por elle mandou dizer ao Gouernador que com elle queria tornar 'assentar paz; e pagaria toda' perda que tinha recebido ElRey de Portugal e os portugueses, e entregaria todos os catiuos e

[1] Passagem não incluida na Chronica de *Francisco de Andrada*.

'artelharia, e quantos paraos ouvesse em todo seu Reyno; nem agasalharia nenhum armador d'elles. O que tudo assy compriria, do que lhe mandaua sua ola, assinada por elle e todos seus regedores. O Gouernador fez muyta honra a Cojebequi, sabendo quão bom amigo nosso sempre fôra; e logo respondeo: «Cojebequi, o melhor esqueceo a ElRey de» «apontar; porque eu com elle nom hey de fazer nenhuma paz, senão» «deitando os mouros fóra de seu Reyno; porque em quanto tiuer mou-» «ros em seu Reyno, sempre o hão d'aconselhar que faça as traições e» «males que sempre fez seu antecessor, e elle sempre fará em quanto os» «tiuer em sua terra. E se com esta condição quiser então ouvirey seu» «concerto.»

O Cojebequi respondeo, dizendo: «Senhor Gouernador, nas outras» «cousas faze o que te bem vier, que quanto ao deitar os mouros do» «Reyno elle o nom ha de fazer; porque os mouros de Calecut, e suas» «riquezas e poderes que tinhão em Calecut ao tempo que se descobrio» «a India, nom são agora das dez partes huma; e elles, que são os des-» «troydos, são os que buscão os males. E estes de Calecut são ajuda-» «dos com dinheiro que lhe mandão todolos mouros que ha dentro do» «cabo da Boa Esperança pera dentro, e do cacyz de Meca com gran-» «des bulas a todos que ajudem com dinheiro estes mouros de Calecut,» «que guerreão por seu Mafamede; que ysto he tão grande cousa que» «n'esta guerra d'esta forteleza elles fizerão todo o gasto, afóra grandes» «dadiuas que derão a ElRey e aos regedores. Em tudo te falo verdade,» «que sempre falarey aos portugueses até que moira; e por tanto no de-» «mais me dá a reposta que quiseres, com que me tornarey.» O Gouernador lhe disse que aueria seu conselho, que ao outro dia tornasse pola reposta. O Coje pedio ao Gouernador tregoa de paz em quanto andasse nos concertos, porque ElRey da sua parte a outorgaua. Do que 'o Gouernador aprouve, e deu seu seguro; com o que se tornou o Coje, que sendo fóra do arrayal logo mandou apregoar as tregoas no campo e na cidade, que tudo fiqou em paz como se nunqua pelejarão; e logo na condição que nenhum mouro aparecesse ante o arrayal, porque *o* mandaria matar. O Gouernador ajuntou os fidalgos a conselho sobre o caso do assento das pazes, e se as fizesse com ally ter aquella forteleza ou não, porque ella nom fôra ally feita mais que pera hum só proueito d'El-Rey, que lhe ficára em muyta perda, porque o fazimento d'esta forteleza

custára pouquo, e o gasto que cad'anno fazia fôra * muyto * ; deitado a todo conta se era menos gasto que o que ElRey fazia nas guerras e armadas com que guerreaua Calecut. No que ouve cegueira d'entendimentos, que lhe pareceo que com a paz d'esta forteleza encurtaua ElRey grandes gastos. O que foy mal entendido, porque os gastos que se fazião com a guerra mais da metade se [1] * ganhauão * com as prezas das naos que se tomauão ; e com as nàuegações que os mouros nom fazião perdia El-Rey muyto grande dinheiro de suas rendas. « O que ysto está craro, » « porque se assy nom fôra elle nom pedira a paz tão afincadamente co- » « mo pedio, e ouve pera de todo se nom perder ; e alcançada, com esta » « forteleza feita, se soube bem aproueitar com as nauegações carregadas » « de pimenta, que mandaua passar a Meca, de que ouve tanta rique- » « za, que entrou nos mouros soberba de quererem forçosamente fazer » « suas carregações, pera o que se aleuantarão com tantas armações de » « paraos com que dauão saqua á pimenta ; polo que socedeo que, por » « lho defendermos, viemos a esta guerra, que tanto dinheiro tem custa- » « do a ElRey nosso senhor ; o que tal nunqua pudera custar estando » « sempre de guerra. Assy que foy muyta perda a ElRey nosso senhor » « ter aquy esta forteleza, e sempre terá em quanto a aquy tiuer, gas- » « tando tanto dinheiro e vidas d'homens. Polo que muyto compre ao » « seruiço de Deos e d'ElRey nosso senhor aquy nom ter forteleza ; polo » « que determino a derribar por terra, e ficar a costa de guerra, com » « que então se ouver assento de paz será milhor que com estar aquy es- » « ta forteleza ; porque com ella' quy estar forçadamente lhe farão as pa- » « zes que elles pedirem, que quebrarão cada vez que lhe bem vier. » N'este conselho ouve muytos debates e deferentes pareceres, porque a muytos pareceo bem a vontade do Gouernador, porque em todo dizia verdade ; outros não, que forão por outra via, dizendo que a forteleza fôra feita por mandado d'ElRey, polo que, sem seu mandado, se nom podia desfazer, senão sostela com guerra ou paz até auer recado d'El-Rey que se desfizesse ; porque desfazendose sem seu mandado era erro manifesto, e desfazendose agora era grande abatimento do estado da India nos olhos das gentes ; infamados os portugueses que desfizerão a forteleza com medo d'ElRey de Calecut que a tomasse, e nom se atreuião a

[1] * ganham * Autogr.

soster com guerra. O que seria grande menoscabo dos portugueses, ficando os mouros tão grandes que por todas partes se atreuerião a cerquar e guerrear nossas fortelezas, porque com a vitoria d'esta lhe farião [1] *sempre grandes aju*das os mouros das outras *partes*, * segundo * o dizia Cojebequi, que fala*va* * verdade *. E com estes dous contrastes de *co*mselho ouve muytas profias e muytos se quererem deitar fóra do conselho. O Gouernador lhe disse que por este caso ser de tanta importancia todos auião d'assinar seus pareceres, porque elle nom auia de fazer senão o que com todos assentasse. E que por tanto cada hum olhasse bem o que tanto compria, e nom saysse falha d'antre tantos e tão nobre fidalgos como ally estauão, tão entendidos nas cousas do estado da India.

Que dizia mais sobre o que tinha dito, e elles dizião, ácerqua de se dizer que desfazião a forteleza com medo d'ElRey de Calecut, * que * elle assentaria com ElRey as pazes as mais fauoraueis e obrigatorias que ser pudesse, per suas olas assinadas com o Principe e regedores, com todolas seguridades; que bem sabia que tudo lhe darião, polo muyto proueito que elles tinhão com este penhor de forteleza. O que todo assentado, que ElRey todo concedesse, então lhe engeitaria a paz e desfaria a forteleza, com que nom ficaria nas gentes opinião que a desfazia com medo, nem por a nom poder soster, e por escusar gastos a ElRey com a guerra das armadas do mar. Se ElRey de Calecut quigesse guardar a paz lha faria, e senão a guerra, porque erão senhores do campo os portugueses no mar, andando de guerra. N'esta reprica do Gouernador alguns duvidarão, mas os mais assentarão que assy se fizesse; de que o Gouernador tomou seus assinados como compria.

Mas o Gouernador, ficando só de noite maginando o que tinha assentado, que era dous tão grandes inconuenientes, a saber largar a paz enteira e perfeita pedida por ElRey e outorgada, e com ysto derrubar a forteleza que ElRey mandára fazer, que sem seu mandado elle nom deuia de desfazer; e tambem que no regimento lhe dizia que nas cousas duvidosas fizesse o que fosse mais seu seruiço; e porque ysto erão tamanhos estremos que lhe muyto compria muyto purificar, cayo que lhe conuinha estas sostancias tornar a praticar e apresentar no conselho, e retificar per todos. O que assy o fez, que ao outro dia, acabado d'ouvir

[1] V.ª *Andrada, Chron. de D. João III*, fol. 108 v.

missa em sua tenda, tornou a fazer conselho, em que propôs ante todos estes diferentes inconuenientes que erão de [1] ta*nto peso*, *e* lhes requeria da parte de *ElRey, e da sua* pedia por mercê, que elles vissem be*m* *estas* *so*stancias que lhe apresentaua, e todos assentassem o que elle fizesse, porque outra cousa nom auia de fazer; dandolhe por escrito estes inconuenientes que apontaua, sobre o que tinhão assentado; e lhes tornaua a dar seus assinados, que os rompessem, e dessem outros quaesquer que lhe milhor parecessem; que elle nom queria estar presente, porque nom tinha mais que dizer. E se sayo da tenda.

Então os fidalgos antre sy tiuerão debates, e concordarão fazendo outros apontamentos, de muy videntes causas e rezões, porque afirmarão e assentarão ser muyto seruiço d'ElRey fazer o que já tinhão assinado, que era assentar o Gouernador a paz como quigesse, e depois lha engeitar, se ElRey de Calecut ally quigesse ter forteleza; e que em todo caso fosse d'ally derribada por terra; e querendo ElRey guardar a paz sem forteleza lha gardassem enteiramente assy como fosse assentada. Do que se fez auto polo sacretario, em que todos tornarão 'assinar, que todo o Gouernador recolheo; sómente Antonio de Miranda que nom quis assinar, porque nom foy do parecer dos outros, dizendo que o Gouernador, nem o conselho de todos, era poderoso pera desfazer huma forteleza que ElRey mandára fazer com outros tantos conselhos. O que muyto trestornou ysto ao Gouernador; mas ouve que estaua seguro de todo, e determinou derribar a forteleza, como estaua per todos assentado.

N'este dia veo Cojebequi pola reposta; a que o Gouernador disse que assentaria com ElRey boa paz, se com verdade lha pedia; que por tanto com seu assinado, e do Principe e regedores, lhe mandasse dizer como a queria. Com a qual reposta foy o Cojebequi, e logo tornou com hum regedor d'ElRey, que o Gouernador mandou receber polos fidalgos e lhe fez muyto gazalhado, o qual tratou e assentou com o Gouernador todo o que lhe pedio, com recados que hião e tornauão com algumas detenças; que o Gouernador fez tirar da forteleza quanto tinha, e *foy* embarcando n'armada, e mórmente 'artelharia, em que ouve muyta detença e trabalho pola má embarcação; e mandou minar todas as paredes e torres da forteleza, e meter n'ellas muyta poluora, com vigias por onde auia

[1] *Andr.* Chron. cit. f. 109.

de correr o fogo a dar n'ellas; tudo muyto secreto, que ninguem entraua na forteleza em quanto se ysto fazia, porque já de todo estaua despejada, e toda a familia embarcada, e tudo deuagar e com muyta dessimulação. E sendo todo acabado como compria, e recolhido a fardagem do arrayal e muyta parte da gente, o Gouernador mandou polo Cojebequi huma carta a ElRey, per elle assinada, escrita em sua lingoa, em que lhe dizia que lhe agardecia muyto a boa paz que com elle assentára, a qual lhe prometia de sempre lhe guardar, em quanto a elle nom quebrasse; e lha gardaria em todos seus portos, e nauegações onde quer que fossem achadas; sem quebrar as condições da paz, leuando seus cartazes, e senão, que os nom leuando lhas mandaria queimar. E porque elle e os Reys passados, sem ally estar forteleza, e elle com forteleza feita por seus rogos, [1] *quando* os portugueses estauão em suas terras tratando verdade com boa paz, sempre a [2] *quebrarão e falsarão*, matando os portugueses, e lhe roubando as fazendas; polas quaes rezões elle nom auia por seruiço d'ElRey seu senhor que ally estiuesse forteleza; que elle lha [3] *largaua*, que fizesse d'ella o que quigesse; que lhe prometia e certificaua que em quanto elle quigesse guardar a paz que sempre elle a gardaria; que lhe muyto rogaua que a guardasse porque nom ouvesse trabalhos e males; e que elle se embarcaua; que sua reposta lhe mandasse ao mar, onde agardaria pola reposta. Dando o Gouernador esta carta, com que se foy Cojebequi, logo mandou embarqar toda a gente em todos os batés, que estauão prestes, e o Gouernador com os capitães per derradeyro, ficando posto fogo nas minas, per modo que em espaço de cinquo horas, que se acabauão tres horas depois de meo dia, sendo Cojebequi tornado a ElRey com a carta, que ElRey vio o que o Gouernador n'ella dizia, mandou a grã pressa vêr o que o Gouernador fazia, e lhe vierão dizer que era embarcado sem ficar nada em terra. Do que ElRey ouve muyta paixão, e muy irado contra Cojebequi lhe dixe que como trédor o enganára, nom lhe descobrindo a verdade; que sabia o que o Gouernador auia de fazer. Elle respondeo: «Senhor, se eu tal» «soubera nom estiuera aquy, que me fôra com elle.» ElRey disse: «E» «pois se os portugueses, de que sempre falauas tantos bens e tamanho» «seu amigo *eras*, te enganarão, rezão he que leues o pago.» E lhe

[1] *e os* Autogr. [2] *quebrastes e falsastes* Id. [3] *largasse* Id.

mandou cortar a cabeça, e tomar quanto tinha, e suas molheres e filhos; de que dous fogirão pera Cananor escondidos polos matos, onde o mayor amostrou huma patente d'ElRey de Portugal de vinte mil réis de tença cad'anno, que lhe ElRey mandaua pagar em qualquer sua feitoria onde os pedisse Cojebequi, pera elle e seus filhos e os que d'elles decendessem, e lhe fossem pagos sem mais outra prouisão de nenhum Gouernador nem védor da fazenda. Os quaes filhos depois estiuerão em Cananor viuendo muy pobremente, por lhe nom pagarem pera se manterem, em maneyra que pedião polo amor de Deos; porque nos pagamentos lhe roubauão ametade. Do que se queixando do feitor ao Gouernador Nuno da Cunha, aleuantoulhe que compraua armas e espingardas aos portugueses e as hia vender aos mouros, e lhe tomarão a tença, e morreo o mayor; e Nuno da Cunha mandou que pagassem ao mais pequeno, o que fazião leuandolhe o que querião. E assy morreo com pobreza e desemparo, e assy forão pagos os bons seruiços d'este bom amigo dos portugueses. E outras piores desauenturas se acharão per estas lendas, que se fizerão a outros bons homens, e Reys, e senhores, que confiarão [1]...... dos portugueses com....... fiarem que as cousas boas que...... fazião por amizade d'ElRey de Portugal, e seus Gouernadores que nom mentirião, lhe nom fossem mal agalardoadas, e por ysso auião [2] *de ser* grandes e aleuantados, e elles ficarão baixos, mortos, e destroydos, deshonrados.

E tornando a estoria, digo que vendo os mouros e gente de Calecut assy recolhidos e embarcados *os nossos*, nom sabendo o que passaua, acodirão a vêr o arrayal, e a forteleza, que nom estaua ninguem n'ella. Entrarão muytos, que andauão olhando polos muros e torres, e sentandose a olhar e praticar, muy espantados vendo tão estreito lugar em que os nossos se recolhião, tudo cheo de lama e fedores, com muytas pedras dos trabuqos e com as chuvas. E estauão assentados polos muros olhando pera o mar; no qual ponto o fogo deu nas minas da poluora, e arrebentarão com espantoso terramoto, voando polo ar pedras e os mouros que estauão em cyma e por derrador, que todo o campo fiqou cuberto de pedras; e por cyma da cidade, em que se aleuantou grande grita, fogindo; que tambem polo mar cayrão muytas pedras, e polo campo e derrador cayrão mortos e aleijados muytos mouros, que passarão de tresen-

[1] Passagem desprezada por *Andrada*. [2] *der* Autogr.

tos; e a forteleza fiqou desfeita toda, sómente hum pedaço de parede de huma mina que nom tomou fogo, mas todauia fiqou aberta pera cayr, e assy esteue muyto tempo até que ElRey a mandou derrubar. Do qual feito ElRey de Portugal o ouve por mal o derrubar d'esta forteleza.

O Gouernador esteue assy no porto todo o dia, e despedio Heytor da Silueira, que se foy pera Cananor com muytas honras; o qual na forteleza fez grande festa e salua com toda' artelharia; mas mouros erão tão endiabrados que tomarão muyto prazer, dizendo que o Çamorym Rey de Calecut era grande e poderoso sobre todolos Reys da India, que tiuera poder pera deitar os portugueses com sua forteleza. E alguns mou*ros* [1] *princip*aes de Cananor escreuerã*o cartas a* ElRey de Calecut de *grandes* honras e louvores de seu grande poder, pois deitára os portugueses e sua forteleza fóra de sua terra; que esta fama de sua grande honra saberião todolos Reys e senhores da India. Os mouros de Calecut assy lhe falauão grandes louvores, lhe dizendo que tamanho medo fizera aos portugueses, que aindaque lhe fazia pazes, como elles pedião, nom ouzarão d'estar em sua terra, e por ysso s'embarcarão fogidos, e derribarão a forteleza, por nom ficar ally por sua vergonha. Do que o Rey se mostraua muyto vanglorioso, dizendo que elle com as pazes quisera dessimular, por passar mais tempo em que pudesse fazer mal aos portugueses; e mandou que armassem muytos paraos e fossem fazer quanto mal pudessem no mar e na terra.

O Gouernador se fez á vela, caminhando pera Goa, e correr a costa fazendo guerra; mas os mestres lho nom consentirão, porque tinha elle huma chaga em huma perna, de muyto tempo infistulada, que n'este inuerno lhe muyto empiorou, com grandes dores de corrimentos, de que teue grandes dores, e tomou banhos e meyzinhas secretas, encobrindo suas dores, e nom consentio que os mestres lhe pusessem fogo na perna, como quiserão. E com ysso foy a Calecut, onde com o trabalho, e andar armado, se lhe danou tanto a perna que os mestres o fizerão hir a Cochym, e se meteo em cura. E despedio dom Simão com 'armada de remo e nauios pequenos, que corresse a costa e rios e destroysse tudo; e elle com os nauios grossos se foy a Cochym, entendendo nas cousas da carga, e tomou huns fumos, que lhe nom prestarão. Então lhe puserão fogo, com que esteue muyto mal tratado de grandes dores.

[1] *Andr. Chron. de D. João III*, Part. I, Cap. LXXXXI, fol. 110.

E fazendose as naos do Reyno prestes, muytos fidalgos que andauão desgostosos do Gouernador lhe pedirão licença pera o Reyno, dizendo que lhe désse licença, pois nom * os * auia mester, nem d'elles fazia a estima que era rezão. O Gouernador, como era assy por sua condição izento, muy leuemente a todos a daua, dizendo que nom auia mester em sua companhia senão os que folgassem de seruir ElRey; que estes bem sabia que lhe nom auião de pedir licença. E o Gouernador se mostraua assy forte porque sabia que erão fidalgos pobres, que nom tinhão com que se hir, e [1] * nas * licenças que lhe pedião cuidaua que lhe fazião repiquete, e se mostraua assy isento. Com que se embarcarão mais de trinta, casy os principaes da India, e de muytos seruiços na India, e muy necessarios pera os trabalhos assy na guerra como nos conselhos, por serem usados e esperimentados nas cousas.

O que foy dito ao Gouernador polos seus, que lhe forão á mão, que olhasse que ficaua na India só; que todolos milhores fidalgos s'embarcauão. E temendo que o mexiricarião com [2] * ElRey, por * seu conselho ou polos maltratar, e também * porque * ficaua culpado ante ElRey polos deixar hir, com esta força mandou o ouvidor, com o sacretario, que com elles falasse, e os amoestasse, e requeresse da parte d'ElRey que olhassem o que fazião em se hirem, e deixarem desemparado o seruiço d'ElRey; do que o Gouernador se d'elles queixaria a ElRey, e lá com elle terião seus trabalhos. E ysto lhes falaua o sacretario como de sy, mas nom que dixessem que o Gouernador lho mandaua. O que alguns lho perguntarão se o Gouernador o mandára que lho falasse: elle dizia que não, mas que elle de seu officio o fazia, porque de tudo auia de dar rezão e conta a ElRey em suas cartas com suas repostas. Elles dizião: « O Gouernador nos dá licença que abasta pera com ElRey satisfazermos. » Sobre o que o sacretario, e ouvidor, com todos tiuerão debates, tirando estormentos pera ElRey. Elles nom se defendião senão que o Gouernador os nom auia mester, pola pouqua estima que fazia d'elles, e por ysso tão leuemente lhes daua licença. Com que então o sacretario fez requerimento ao escriuão da matriqola que aos fidalgos nom passasse as arrecadações de seus soldos. Os fidalgos, que o entendião, o dizião ao sacretario: «Vós o que fazeys he por mandado do Gouernador; o que elle nos nom»

[1] * as * Autogr. [2] * ElRey ouve por * Id.

«quer falar, porque sabe quantos desprezos nos sempre fez, que nom»
«he pera nenhum homem fidalgo folgar de seruir com elle; e quando»
«o ElRey souber nom nos porá culpa hirmos pera o Reyno.» O Gouernador, sabendo estas cousas que se passauão, mandou noteficar aos capitães das naos do Reyno que olhassem que os fidalgos, arrufados d'elle, sem rezão se embarquauão, e deixauão o seruiço d'ElRey, em que elle ficaua; que olhassem que elles tinhão culpa de os leuar. Jorge d'Alboquerque, que era hum dos capitães que então viera de Malaca, e dom Diogo de Lima, que fôra capitão de Cochym, e João de Mello da Silua, que fôra capitão de Coulão, e Diogo de Sepulueda, que viera de Çofala, forão ao Gouernador sobre o que lhe dissera o sacretario, dizendo que os fidalgos dizião e requerião que os leuassem, mostrando as licenças que lhe tinha dado; que nom se ouvesse tão mal com elles, que os deixasse hir, que ElRey os castigaria de seus erros, ou que os mandasse chamar e lhes falasse, que com lhe falar folgarião de ficar. O Gouernador estaua agastado, e lhe respondeo: «Nom hey de rogar ninguem pera o ser-»
«uiço d'ElRey, d'onde elles esperão mercê. Abaste elles se hirem con-»
«tra minha vontade. E assy volo notefiqo: vós e elles fazey o que qui-»
«serdes.» Os capitães atribuirão esta reposta a paixão de sua doença, e se forão. Então muytos dos fidalgos requererão ao sacretario e ouvidor que lhe dessem estormentos, pera leuar a ElRey, do que dizião, que era que nom ficarião na India, indaque soubessem perder com ElRey toda sua medrança, a qual nom esperauão de perder; do que darião sua rezão a ElRey. Que por tanto os mandasse prender em ferros, que d'outra maneyra nom ficarião, e que d'ysto escreuesse a ElRey quanto quigesse, que elles leuarião as cartas; que abastaua elles pedirem licença ao Gouernador, e elle lhas dar a todos com boa vontade, mostrando que os nom auia mester, cuidando que porque erão pobres se nom hirião; e que agora, por lhes dar perda, lhes queria estoruar que se nom fossem; que como Gouernador poderoso podia fazer o que quigesse. O Gouernador, seguindo sua paixão, nom quis sobre ysto fazer nenhuns com de bem com . . . .
o erro que f . . . . so
nom consenti . . . . tomou muyta paixão, com que o . . . l de sua doença se dobrou.

CAPITULO VIII.

FALA DE COUSAS DE MALACA, * E * MALUCO, QUE NO TEMPO ATRÁS SE PASSARÃO N'ESTE ANNO DE 1525.

JORGE d'Alboquerque na monção partio de Malaca em hum junqo seu, com corenta homens portugueses seus amigos e criados; o junquo armado á portuguesa. Nom quis tomar nauio português, porque vio que auião mester * em * Malaca outros mais, e veo seu caminho. Junto de Cochym lhe sayo o arel de Porquá com tones com frecheiros e com berços, cuidando que vinha d'outra maneyra; mas chegando a tiro o junquo os fez fogir a todos, e chegado a Cochym deu nouas do que era passado em Malaca * e * Maluco, que he o seguinte.

Já atrás fiqua contado da amisade em que assentarão Antonio de Brito e dom Gracia Anriques; o que assy passando o tempo, Antonio de Brito concertou huma fusta muyto bem, e com vinte e cinco portugueses mandou por capitão d'ella o almoxerife, com roupas pera resgatar na ilha dos Celebes, onde lhe dizião que auia ouro, que era quinze legoas de Ternate. Onde chegados a huma ilha d'ellas, em que os moradores lhe fizerão bom recebimento e gasalhado, e sabendo que hião buscar resgate d'ouro, ouverão medo que fazendo resgate depois os nossos lhe hirião fazer roubos e males; e auido seu conselho ordenarão tomar a fusta e matar a todos, que d'elles nom tornasse noua a Ternate. E jazendo de noite os nossos dormindo dentro da fusta, muy descansados, os da terra * vierão * armados; outros forão a nado e cortarão 'amarra á fusta, e 'alarão pera terra, que tocando os nossos o sentirão, e tomando as armas ferirão e matarão, com que a todos fizerão fogir. E d'ahy se forão correndo outras ilhas, em que os nom quiserão consentir; com que então voltarão pera Maluco, e por os ventos lhe serem contrairos forão per outro caminho, em que correrão grandes tromentas, e forão ter em huma ilha em que a gente os bem recebeo; homens e molheres de bons corpos, baços, que vestião panos compridos, da cinta pera baixo [1] *sómente, e com outros se cubrião*, muyto *bons, feitos de palha de junqos*; terra

[1] V.ª *Andr. Chron. d'ElRey D. João III*, Cap. LXXXXII, fol. 110 v.

muyto *viçosa de aruor*edos e rios d'agoa, e gal*inhas*, cabras, figos, coquos; a terra muyto sadia, porque homens nossos que vinhão doentes logo forão sãos. Onde estiuerão quatro meses, até que tiuerão monção com que tornar a Maluco, onde os tinhão por perdidos, e suas fazendas vendidas, e máos baratos feitos d'ellas, como se costuma.

Antonio de Brito e dom Gracia ficarão concertados que em agosto Antonio de Brito lhe despejaria a forteleza e lhe entregaria a forteleza, e se hiria estar em outro lugar duas legoas da forteleza, até acabar seu junquo e se hir pera Malaca. Os homens que tinhão seruido com Antonio de Brito, que erão muytos, todos ajuntauão crauo, e porque ouverão medo que dom Gracia lhes tolheria suas vindas, e nom lhe mandaria passar suas certidões dos soldos que lhes deuião, fizerão com Antonio de Brito que primeyro que largasse o cargo, secretamente, que o nom soubesse dom Gracia, lhe mandou tirar as certidões; e mandou leuar huma forja do almazem, e ferro e chumbo, e pilouros e poluora, e outras cousas, polas depois nom pedir a dom Gracia. O que tudo lhe dauão os officiaes d'El-Rey, porque erão muyto amigos d'Antonio de Brito.

Mas vindo agosto, Antonio de Brito fez entregar a dom Gracia da capitania e da forteleza, em que inda auia algumas obras por fazer, das amêas do muro, e da torre da menagem o sobrado de cyma, e as casas da feitoria [1], * que erão * feitas de canas forradas d'esteiras, e assy o almazem, que em tres annos se nom acabarão estas obras com os trabalhos da guerra. E assy recebeo dom Gracia sua forteleza, e Antonio de Brito se foy ao lugar onde tinha seu junqo, que era duas legoas da forteleza, e se forão com Antonio de Brito todos aquelles que esperauão que se auião de hir com elle pera Malaca; e forão com elle como que o hião acompanhar porque fôra capitão; mas como lá forão, e já lá tinhão seu fato, que leuarão dessimuladamente, nom quiserão tornar mais á forteleza; o que dom Gracia nom atentou huns dias, mas atentando n'ysso, ou que lho disserão, sobre ysso escreueo 'Antonio de Brito que lhe mandasse a gente que auia mester. Antonio de Brito, dissimulando, lhe respondeo que logo todos mandaria; que os auia mester pera deitar o junquo, que agardaua por agoas viuas. O que dom Gracia entendeo que erão escusas por lhos nom mandar, * e * lhe tornou a mandar sobre ysso

[1] * de * Autogr.

outro recado de comprimentos e cortesias, lhe pedindo que lhe mandasse os homens, e nom fizesse fundamento cuidando de os leuar, pois que sabia quanto mal faria se lhe leuasse a gente, qne tanto compria a seruiço d'ElRey pera guarda d'aquella forteleza. Sobre o que lhe mandou muytos recados, e vendo que lhe nom prestauão falou com o feitor e alcayde mór, escriuães da feitoria e outros officiaes, e ouvidor, sobre o que dom Gracia lhe mandou requerimentos per escrito e protestos; ao que lhe respondia com delongas. No porto da forteleza estaua o nauio santa Ofemea, em que Antonio de Brito se auia d'embarqar; ao qual dom Gracia mandou tomar as velas e leme; que assy foy per conselho de todos, e mórmente duas bombas, que nom podia fazer outras, que nom tinha tempo.

O que sabido d'Antonio de Brito, demouido em ira polos máos conselhos dos que com elle auião d'embarqar, que tinhão seu crauo que auião de carregar, os quaes se offerecerão com suas armas e espingardas a hir tomar o nauio, e bombas, e velas, dentro na forteleza em que estauão, e sobre ysso prenderem dom Gracia e matarem quantos o defendessem, porque todos estauão danados, porque dom Gracia no requerimento todos pedia, nomeados por seus nomes; e concertados com suas armas com Antonio de Brito, esquecidos de tamanho erro como fazião em assy virem de guerra contra hum capitão e forteleza d'ElRey, e sem nenhum acatamento nem temor, forão perante a porta da forteleza, e se meterão no nauio, dizendo brasfemias e pesares, dizendo: «Vejamos quem» «nos defenderá que nom leuemos este nauio.» O que vendo dom Gracia, olhando com bom siso o mal que se aparelhaua, mandou á nao o ouvidor com hum taballião fazer requerimento 'Antonio de Brito, e a todos os que com elle estauão, da parte d'ElRey, que lhe obedecessem, que era capitão d'aquella forteleza em pessoa d'ElRey; e logo se sayssem da nao, e rendessem as armas, e fossem obedecer, sô pena de trédores alcuantados. O que ouvido por todos, derão apupada de zombaria, dizendo que Antonio de Brito era capitão até seu tempo ser acabado, e nom o dom Gracia. Com a qual reposta tornado o ouvidor, o capitão foy aconselhado de todolos officiaes que de fóra lhe mandasse bradar com outro requerimento, e protesto que se sayssem logo da nao; e se o nom fizessem mandasse espedaçar a nao com 'artelharia da forteleza, a qual pera ysso mandára ao condestabre concertar.

Sabida esta cousa por Cachil Daroes, que era grande amigo d'Antonio de Brito, foy falar com dom Gracia, muyto lhe estranhando tal cousa, sendo todos vassallos d'ElRey de Portugal, que começauão 'assentar vida em terra alhea tão alongada da sua; e outras rezões, a que dom Gracia deu muytas rezões de desculpas e comprimentos que tiuera com Antonio de Brito, e os requirimentos que lhe mandára fazer. O que visto por Cachil Daroes, como quer que era assy muyto amigo d'Antonio de Brito, e era bom pera elle nom ficar muyta gente na forteleza, pera * que * dom Gracia nas afrontas e necessidades tiuesse d'elle mais necessidade, com que seria mais valído, com esta incrinação se meteo por terceiro antre elles, e fez com que Antonio de Brito leuou a nao pera onde estaua o junqo, prometendo de logo mandar a gente; o que nom comprio e antre elles ouve emburilhadas de mexedores, com que os que estauão na forteleza fogião pera Antonio de Brito, e os d'Antonio de Brito fogião pera dom Gracia; os quaes tanto enduzirão estes homens que prouocarão Antonio de Brito que matasse dom Gracia. No que se ordenou Antonio de Brito a hir falar com dom Gracia com alguma dessimulação, e com os que leuasse o matasse. Do que foy dado auiso a dom Gracia secretamente; o que elle teue em muyto segredo, guardandose muyto; e sendolhe dado recado d'Antonio de Brito que se queria vêr com elle e apaceficar suas cousas, dom Gracia lhe mandou dizer que nom curasse de máos modos; que olhasse quem era. E logo mandou ao ouvidor tirar deuassa da trayção que Antonio de Brito lhe ordenaua. Da qual deuassa Antonio de Brito ouve medo que lhe faria muyto dano, e armou hum ardil, que mandou hum Mem de Lima, homem muyto seu amigo, de que confiou, que fengio que ouve paixão com Antonio de Brito em pubriquo, e como homem enjuriado se foy pera dom Gracia, fazendose muyto iroso contra Antonio de Brito; dizendo a dom Gracia que pola enjuria que lhe fizera, e porque era trédor contra elle e o estado d'ElRey, o mataria; pera o que se offereceo. Mas dom Gracia, como homem auisado, disse ao Mem de Lima: «Senhor Mem de Lima, eu são muyto amigo» «do senhor Antonio de Brito, e se algumas paixões ouve antre nós fo-» «rão sobre cousas do seruiço d'ElRey nosso senhor, sobre que elle e» «eu fizemos o que compria a nossas obrigações. E ysso passado ficare-»

[1] *Andr.* Chron. cit. Cap. LXXXXIII, fol. 111 v.

«mos grandes amigos; e por tanto pesame de vossas paixões. Sois ami-» «gos; ysso passará.» Com que o despedio, ficando desfeito seu ardil. E dom Gracia escreueo huma carta a Antonio de Brito, em que lhe descobrio que tudo sabia, que quanto lhe aconselhauão os mesmos lho vinhão descobrir. A qual carta primeyro mostrou a Martim Correa, alcayde mór, e ao feitor, e ouvidor, e escriuães da feitoria. E ouve outras cizanias [1] *que durarão até* a monção, com *que Antonio de B*rito se partio, deixando a *fortel*eza muy desbaratada de [2] *todas* cousas necessarias. Polo que conueo a dom Gracia mandar, como mandou, a Martim Correa em hum nauio a Bandá buscar roupas com crauo, e leuar os junqos de Bandá, que leuauão as roupas, porque em Malaca nom auia d'ysso nenhuma lembrança.

CAPITULO IX.

QUE CONTA O QUE FEZ O GOUERNADOR, DEPOIS QUE DESFEZ A FORTELEZA DE CALECUT ATÉ QUE FALECEO.

SENDO partidas as naos do Reyno, o Gouernador se foy achando mal; polo que os mestres lhe dixerão que se fosse a Cananor, que era milhor pera sua saude que Cochym. Dandolhe d'ysso rezão, elle muyto defendeo aos mestres que nom dixessem o muyto que seu mal crecia. Então ordenou sua partida, dizendo que hia a Chaul, dizendo que tinha sospeita de guerra; e se embarquou em hum galeão, com quatro nauios e quatro fustas, dizendo que leuaria 'armada de dom Simão. Proueo o Cochym e se partio, dizendo que auia de tornar a enuernar em Cochym; e sendo defronte de Tanor sorgio, que acalmou a viração, onde assy estando, de noite passauão huns paraos de Calecut de longo da terra, os quaes virão as fustas que estauão mais á terra, que fizerão aluoroço, e se leuarão e forão após elles, e alcançarão hum, que muyto pelejou com panellas de poluora, que por ser escuro fazião grande resplandor. Ao que tambem no galeão se aluoroçou a gente. O que ouvido do Gouernador se aleuantou apressadamente, que dormia, e mandou a gente entrar no batel e esquife, e andando assy de hum cabo pera outro, deu huma topada que toquou na chaga da perna, que lhe deo grande dor, e sayo muy-

[1] *Andr*. Chron. cit., fol. 111 v. [2] *as* Autogr.

to sangue, e logo se achou muyto mal. Os paraos se forão, fogindo, seu caminho, e o Gouernador se fez á vela, e chegou a Cananor com a perna inchada e com acidentes mortaes, de que logo teue conhecimento de sua morte. E disse a Heytor da Silueira que mandasse chamar dom Simão e o védor da fazenda, e que em tanto elle mandasse tudo o que comprisse como Gouernador, e que nunqua mais ninguem lhe falasse em nada d'este mundo, porque queria auer conselho com su'alma. Logo se confessou, e tomou o santo sacramento, e fez huma cedola em que pedia a Deos perdão de seus peccados, e a ElRey, porque lhe nom fizera os seruiços a que lhe era obrigado polas tantas mercês como lhe tinha feitas; e aos homens da India a que metêra em trabalhos no seruiço d'ElRey, porque lhe * nom * pagára o que por ysso lhe deuia. Conheceo sua morte, e como bom christão, com lagrimas pedindo a Nosso Senhor misericordia, deu su'alma a Deos em dous dias de feuereiro do anno de 1526, dia da Purificação de Nossa Senhora. Foy enterrado com suas deuidas honras na ygreija mayor, junto do altar mór á parte do auangelho.

Homem de corenta e cinqo annos, de bom corpo, bem desposto, e muy fremoso rostro; homem de boas condições, e muy cortês, e muyto amigauel com os bons caualleiros, de que fazia muyta estima. Nunqua mandou nada na fazenda d'ElRey, sómente mandar ao védor da fazenda que pagasse ás gentes. Era muy liberal do seu, que nada tinha, e todo seu fato que lhe fiqou nom valeo cem pardaos; e lhe nom acharão dinheiro mais que dez pardaos em tangas, de que gastaua. Teue todolas boas partes de perfeito bom homem, tirada sua grande tacha de condição desconfiada, em tanta maneyra que se dous homens falassem á puridade, e elle os via, nom tinha paciencia, cuidando que falauão d'elle. Com a qual erronia qualquer cousa que mandasse nunqua jámais a desmandaua, indaque conhecidamente fosse errada; desconfiando que por ysso [1] * ficaua * em quebra de sua honra. Em todo o mais foy perfeito homem, esquecido de toda cobiça nem deleites do mundo; a que Nosso Senhor por sua grande piadade * dê * o seu santo Reyno, e a nós, tristes peccadores, quando lá formos, amen, amen.

[1] * fica * Autogr.

CAPITULO X [1].

DE COMO SE ABRIO A SEGUNDA SOCESSÃO DA GOUERNANÇA DA INDIA.

Sendo o Gouernador assy falecido, ao outro dia chegou Afonso Mexia, védor da fazenda, que era mandado chamar. Com que logo se ordenou abrirse a segunda socessão; pera o que agardarão até outro dia, que chegou dom Simão com 'armada, que se vinha [2] * a chamado * do Gouernador pera hir em sua companhia, e com elle vinhão muytos fidalgos, que todos tiuerão muyto pesar pola morte do Gouernador. Partido o védor da fazenda de Cochym, tambem Lopo Vaz de Sampayo partio em hum catur á pressa, que tambem chegou com dom Simão. Polo que, sendo assy todos juntos dentro na sala da forteleza, o védor da fazenda apresentou a carta da segunda socessão, que se auia d'abrir depois de falecido dom Anrique; á qual carta forão feitos todolos yzames que em Cochym forão feitos na morte do Visorey dom Vasco, com todas as cyrymonias e autos pubricos, de que o secretario recolheo os estormentos. Com que todo feito, se abrio esta segunda socessão, na qual se achou nomeado por Gouernador da India Pero Mascarenhas, que estaua por capitão de Malaca; de que o secretario fez auto pubrico, em que o védor da fazenda, e Lopo Vaz, dom Simão, Heytor da Silueira, e outros vinte principaes fidalgos assinarão, com juramentos e menages dadas com toda' perfeição que compria, ficando per todos obedecido por Gouernador Pero Mascarenhas. Do que Afonso Mexia ouve muy grande pezar dentro no seu coração, por ser * seu * imigo capital, por caso [3] *das differenças* * com Pero * Mascarenhas *quando* * Pero Mascarenhas * s'embarqou *pera Malaca*, como atrás em seu lugar fiqua escrito; o qual odio tanto creceo em Afonso Mexia que logo n'aquellas naos que forão pera o Reyno escreueo a ElRey grandes males de Pero Mascarenhas, porque ElRey lhe tirasse a capitania da forteleza que hia seruir; o que assy muyto escreueo por grandes capitulos de males. E vendo que era feito Gouernador da India pola socessão, ouve muyto temor que sendo Gouernador, por-

[1] Falta no original. [2] * achando * Autogr. [3] *Andr. Chron. d'ElRey D. João III*, Part. II, Cap. I, fol. 1 v.

que o conhecia por homem assomado, que se soubesse os males que d'elle tinha assy escrito estaua certo que o mandaria matar; porque de força do Reyno lhe escreuerião seus parentes d'estas cousas que tinha escritas de males d'elle. Com que Afonso Mexia foy metido em muy atribulados pensamentos, porque estaua confiado que lhe auia ElRey de mandar tirar a capitania de Malaca polos males que d'elle tinha escrito, e que vindo tal prouisão, sendo Pero Mascarenhas Gouernador, estaua certo que o mandaria matar. Afonso Mexia era da criação e feitura do conde de Portalegre, que era mordomo mór d'ElRey, a que Afonso Mexia escreuia todas suas cousas, e elle as apresentaua a ElRey; e lhe escreuêra muyto d'estas cousas de Pero Mascarenhas, o qual as falou a ElRey per tal modo, que o danou tanto, que ElRey nom lhe tirou a capitania de Malaca porque nom auia causa que com direita justiça lha pudesse tirar, e se lha tirasse lhe ficaua obrigado a satisfação. E com as taes enformações ElRey nom ouve por bem que elle fosse Gouernador da India, que podia ser que o fosse, porque o tinha nomeado nas socessões dos Gouernadores que estauão na India, que mandára com o Visorey dom Vasco. Polo que ElRey mandou fazer outras cartas de nouas socessões, que mandou, e n'ellas nomeados outros homens de sua vontade; e as mandou ao vêdor da fazenda Afonso Mexia, e lhe mandou, per huma prouisão, que auia por bem que se nom usasse das socessões que estauão na India, e lhas mandassem çarradas como as mandára, e sómente se fizesse obra e usasse das socessões nouas que mandaua. As quaes socessões e aluará vierão nas naos do anno de 1526: o que causou muy grandes males na India, como adiante direy.

Sendo pois [1] feito Gouernador *Pero Mascarenhas, que* estaua em Malaca, e nom * viria * *pera'* India senão na *monção*, que era em abril d'este anno de 1526, e a India nom podia estar sem Gouernador tanto tempo, logo no ajuntamento dos fidalgos se moueo pratica sobre o caso do que se deuia fazer, e acordarão que por vozes se fizesse enleição de Gouernador. Ao que logo se mouerão muytas duvidas de diuersos pareceres sobre as pessoas que nomeauão, querendo cada hum o que lhe bem vinha; polo * que * em nenhum se tomou concrusão, antes se aleuantauão debates e deferenças. Porque dom Simão, Heytor da Silueira, e ou-

[1] *Chron.* cit. Part. II, Cap. I, fol. 2.

tros, cada hum tinhão seus bandos, e tinhão elles pera sy que podião estar nas socessões que estauão pera abrir, * e * forão contra a enleição per vozes, dizendo que se tal se fizesse nom se escusaua ficar escandolos antre muytos; que por tanto, por se escusar este inconuiniente, que estaua certo, era melhor e compria que se abrisse a terceira prouisão da socessão, e que a pessoa que n'ella estiuesse nomeado era da vontade d'ElRey pera gouernar a India, este fosse sabido pola socessão e feito Gouernador em ausencia do Gouernador Pero Mascarenhas até sua vinda, que lh'entregaria sua gouernança. E ysto seria feito com todolos resguardos e perfeições que comprisse, como depois nom ouvesse duvidas. O que Afonso Mexia muyto apretou que assy fosse feito, com alguma esperança que em sy tomou, que qualquer que fosse o Gouernador da socessão com elle teria alguns modos pera se saluar de Pero Mascarenhas, se lhe quigesse fazer mal ou alguns auexamentos, que estaua certo que lhe quereria fazer polas paixões passadas. Outros fidalgos, que erão confiados que tinhão muytos merecimentos e amigos, confiados que fazendose por vozes a elles enlegerião, erão muyto contra se abrir a socessão, dizendo que nom era bem que se abrisse, e tal se nom deuia de fazer, porque todos errauão, e fazião o que lhe ElRey defendia, que tal socessão se nom abrisse senão per falecimento do Gouernador que gouernasse. O que ElRey aueria por grande mal, e a todos teria por homens pera pouqo, pois sendo ally presentes tantos e tão honrados fidalgos, nom [1] * tinhão * abylidade pera antre sy enlegerem hum homem que os gouernasse e mandasse até vir o Gouernador que já estaua feito; que por ventura, sendo feito por socessão, lhe creceria a vontade a nom largar a posse, e se leuantarião males, em que ouvesse duvidas de que se podião soceder grandes males; de que merecerião muyto castigo todos os que fossem ocasião de tal causar com fazer outro Gouernador por socessão, estando já feito outro na verdade e perfeição que ElRey mandaua; e todos ficarião em muyto descredito ante ElRey, e desconfiaria serem pera tão pouqo, se algum tempo se aquecesse que se perdessem as socessões. E mais que abrindose a socessão, a pessoa que n'ella estiuesse se fosse tambem ausente ou morta que então forçadamente se auia de fazer Gouernador enleito por vozes; que por os tão videntes enconuinientes em nenhuma maneyra se abrisse a terceira

[1] * terem * Autogr.

socessão, por nom ficarem em tanto descredito com ElRey; e ficaria muy duvidoso do estado da India, vendo que nom tinha n'ella homens que soubessem fazer antre sy hum bom Gouernador de tantos bons fidalgos que na India lhe comião tantos ordenados. Polo que muyto compria a suas honras n'ysto se ordenassem como homens de bom conselho, e logo se fizesse o que tanto compria. Ao que ouve grandes altercações e debates, em que assentarão que se fossem a Cochym, onde com ElRey, e com a cidade tambem, que n'ysto entenderia, lá se faria o que se ouvesse de fazer, com parecer de muytos homens honrados que lá estauão. O que assy assentado, todos se forão a Cochym, onde abrindose a terceira prouisão foy feito Gouernador da India Lopo Vaz de Sampayo, que se achou nomeado n'ella. O que se fez polo modo que em sua lenda he largamente recontado.

FIM DO TOMO SEGUNDO.

TABOADA

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO SEGUNDO VOLUME.

AFONSO D'ALBOQUERQUE, SEGUNDO GOUERNADOR.

PAG.

ARMADA DE GONÇALO DE SEQUEIRA. ANNO DE 1510.

ARMADA DE DOM GRACIA DE NORONHA. ANNO DE 1511.

ARMADA DE JORGE DE MELLO.

ARMADA DE JOÃO DE SOUSA DE LIMA. ANNO DE 1513.

ARMADA DE CHRISTOUÃO DE BRITO. ANNO DE 1514.

LENDA DE LOPO SOARES, QUE VEO DO REYNO POR GOUERNADOR DA INDIA NA SOCESSÃO DE AFONSO D'ALBOQUERQUE. ANNO DE 1515.

ARMADA DE JOÃO DA SILUEIRA, QUE PARTIO DO REYNO O ANNO DE 1516.

ARMADA DE ANTONIO DE SALDANHA. ANNO DE 1517.

LENDA DO QUARTO GOUERNADOR DA INDIA, DIOGO LOPES DE SEQUEIRA, QUE DO REYNO PARTIO O ANNO DE 518.

ARMADA DE CAPITÃES, QUE DO REYNO PARTIRÃO, ANNO DE 1519.

ARMADA DO ANNO DE 1520.

LENDA DO QUINTO GOUERNADOR D'ESTAS PARTES DA INDIA, DOM DUARTE DE MENESES, FILHO DO CONDE PRIOL MORDOMO MÓR d'ELREY, QUE DO REYNO PARTIO O ANNO DE 1518.

ARMADA QUE PARTIO DO REYNO O ANNO DE 1522, EM QUE VEO NOUA DA MORTE D'ELREY DOM MANUEL.

ARMADA DE DIOGO DA SILUEIRA, QUE VEO O ANNO DE 1523. N'ESTA ARMADA VEO DOM MARTINHO, BISPO D'ANNEL.

DOM VASCO DA GAMA, CONDE ALMIRANTE, SEGUNDO VISOREY DA INDIA, QUE PASSOU ESTE ANNO DE 1524.

LENDA DE DOM ANRIQUE DE MENESES, SETIMO GOUERNADOR DA INDIA, O PRIMEYRO FEITO POR SOCESSÃO. ANNO DE 1525.

ARMADA DO ANNO DE 1525.

FIM DA TABOADA DAS MATERIAS CONTIDAS NO SEGUNDO VOLUME.

ERRATAS.

PAG.	LIN.	ERROS.	EMENDAS.
9	25	Paes d'Andrade	Peres d'Andrade
64	6	nellas	nelles
78	4	dizia, que	dizia que
93	6	dom Jeronymo o adail	dom Jeronymo, o adail,
106	4	fallaua, [2] - como	fallaua [2] - como
178	10	nem ElRey	nem d'ElRey
184	20	O Melrao fez honra ó Rey	Ó Melrão fez honra o Rey
296	28	pareceo, bem,	pareceo bem,
422	7	CESTOS NA PONTA	CESTOS, NA PONTA,
491	32	Roux	Raix
508	33	Que,	Que!
582	9	a nao	á nao
641	27	bandeyras,	bandeyras;
693	5	a ilha	á ilha
698	31	por [2] - auexados, quando - se	por auexados, e quando se
»	35		*elimine-se a nota* [2]
712	14	cartar	cartas
732	28	cores que	cores, que
829	21	a praya	á praya
838	35	Duarte, nom	Duarte nom
906	23	nos	nós
968	13	que estaução	que [1] estaução
978	10	Araujo, feitor	Araujo feitor.

Com os erros typographicos corrigiram-se aqui alguns outros, propriamente do texto, por se não tornar a fallar n'elles para o diante.

COLLOCAÇÃO DAS LITHOGRAPHIAS DO SEGUNDO VOLUME DAS LENDAS DE GASPAR CORREA

I	Retrato d'Affonso d'Albuquerque	olhando para pag.	
II	Rio Malaca		1
III	Calecut	»	250
IV	Adem	»	330
V	Coulão	»	342
VI	Ormuz	»	394
VII	Judá	»	439
VIII	Ceylão	»	494
IX	Diogo Lopes de Sequeira	»	541
X	D. Vasco da Gama	»	555
		»	815

Não se encontrou a vista da casa de s. Thomé em Meliapor mencionada a pag. 789 do texto, e que devia ahi ser collocada, se houvesse d'onde a copiar.